



O PODER É A DROGA MAIS VICIANTE.

A  
**RAINHA**  
D-O  
**SUL**

ARTURO PÉREZ-REVERTE

LIVRO QUE DEU ORIGEM À SÉRIE NO CANAL  **SPACE.**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



# **A RAINHA DO SUL**

*Arturo Pérez-Reverte*

*Título original: "LA REINA DEL SUR"*

**Tradução de Helena Pitta**

**Círculo de Leitores  
2003**

Digitalização e Arranjo: Gilberto Buchmann  
Agostinho Costa

Teresa Mendoza, uma mulher só, cria um império a partir do nada num mundo de homens duros, o mundo do narcotráfico. Apelidada pelos jornalistas de Rainha do Sul e de Mexicana pelas autoridades dos três continentes, Teresa narra a sua história no México há mais de doze anos, quando era namorada de um piloto ao serviço dos barões da droga. Não sabia ler nem escrever mas depois de o namorado ser assassinado começa a criar um império clandestino que vai crescendo à medida que aumentam as suas transacções com as máfias de Espanha, França, Itália e Rússia e que converte Gibraltar na grande porta de entrada da cocaína para o Sul da Europa.

**A Élmer Mendoza, Júlio Bernal e César Batman Gilemes.  
Pela amizade. Pelo corrido.**

Tocou o telefone e soube que iam matá-la. Soube-o com tanta certeza que ficou imóvel, com a lâmina de barbear levantada, o cabelo colado à cara entre o vapor da água quente que pingava nos azulejos. Bip-bip. Ficou muito quieta, contendo a respiração como se a imobilidade ou o silêncio pudessem mudar o curso do que já tinha acontecido. Bip-bip. Estava na banheira, depilando a perna direita, com a água cheia de sabão pela cintura, e a sua pele nua arrepiou-se como se a torneira da água fria tivesse acabado de rebentar. Bip-bip. Na aparelhagem do quarto de dormir, os Tigres del Norte cantavam histórias de Camélia La Tejana. A traição e o contrabando, diziam, são coisas incompatíveis.

Sempre receou que estas canções fossem presságios e, de repente, eram realidade sombria e ameaça. O Gúero(1) rira-se disso, mas aquele som dava-lhe razão a ela e tirava-a ao Gúero. Tirava-lhe a razão e outras coisas mais. Bip-bip.

Largou a lâmina de barbear, saiu da banheira devagar e foi deixando um rasto de água até ao quarto. O telefone estava em cima da colcha, pequeno, preto e sinistro. Olhou-o sem o tocar. Bip-bip. Aterrorizada. Bip-bip. O seu zumbido misturava-se com as palavras da canção, como se fizesse parte dela. Porque os contrabandistas, continuavam a dizer os Tigres, esses não perdoam nada.

O Gúero tinha utilizado as mesmas palavras, rindo-se como costumava fazê-lo, enquanto lhe acariciava a nuca e lhe atirava o telefone para cima da saia.

*\*(1) Nome dado no México às pessoas de cabelo louro. (N. da T.)*

Se alguma vez tocar, é porque morri. Nessa altura, foge. O mais que puderes, pretinha. Foge e não pares, porque já não estarei aqui para te ajudar. E se chegares viva onde quer que seja, bebe uma tequila em minha memória. Pelos bons momentos, minha linda. Pelos bons momentos. Assim, irresponsável e valente, era o Gúero Dávila. O virtuoso do Cessna. O rei da pista pequena, como os amigos e também don Epifanio Vargas o chamavam. Capaz de descolar avionetas em trezentos metros, com os seus pacotes de gulosa(2) e de erva(3), e voar rasando a água em noites negras, fronteira acima e fronteira abaixo, esquivando-se aos radares da Federal e aos abutres da DEA(4). Capaz também de viver no fio da navalha, jogando as suas próprias cartas nas costas dos chefes. E capaz de perder.

A água que lhe caía do corpo formava-lhe um charco aos pés. O telefone continuava a tocar e soube que não era necessário atender a chamada para confirmar que a sorte do Gúero acabara. Aquilo bastava para seguir as suas instruções e sair a correr; mas não é fácil aceitar que um simples bip-bip altere de chofre o rumo de uma vida. De modo que acabou por agarrar no telefone e carregou no botão, ouvindo: - Apagaram o Gúero, Teresa.

Não reconheceu a voz. O Gúero tinha amigos e alguns eram fiéis, obrigados pelo código dos tempos em que passavam verdosa e pacotes de neve em jantes de automóveis por El Paso, a caminho da União Americana. Podia ser qualquer um deles: talvez o Neto Rosas ou Ramiro Vásquez. Não reconheceu quem telefonava nem puta falta lhe fazia, porque a mensagem era clara. Apagaram o Gúero, repetiu a voz. Limparam-lhe o sebo e ao primo dele também. Agora faltas tu e a família do primo. De modo que corre o mais que puderes. Corre e não pares de correr.

Depois desligaram e ela olhou para os pés húmidos pousados no chão e deu-se conta de que tremia de frio e de medo, e pensou que, quem quer que fosse o informador, tinha repetido as mesmas palavras do Gúero. Imaginou-o concordando atento entre o fumo dos cigarros e os copos de um bar, com o Gúero em frente fumando um charro, pernas cruzadas debaixo da mesa como as costumava pôr, botas de cowboy de pele de serpente acabadas em ponta, lenço no colarinho da camisa, blusão de piloto nas costas da cadeira, cabelo louro muito curto, sorriso mordaz e seguro. Fazes isso por mim, meu, se me rebentarem os cornos. Dizes-lhe que corra e não pare de correr, porque vão querer arrefecê-la também.

*\*(2) Coca, cocaína (também chamada "dona-branca", "falupa", "júlia",*

"neve", "quiza" e "túlia"). (N. da T.)

(3) *Marijuana*. Ou, por influência do Brasil ou dos países africanos de língua portuguesa, também conhecida por "liamba", "maconha", "soruma" ou "verdosa". (N. da T.)

(4) *Drug Enforcement Administration* (agência antidroga dos EUA). (N. da T.)

O pânico chegou de improviso, muito diferente do terror frio que tinha sentido anteriormente. Agora foi uma explosão de perplexidade e de loucura que a fez gritar, breve, seca, levando as mãos à cabeça. As pernas eram incapazes de sustê-la, de modo que se deixou cair sentada na cama. Olhou em volta: as guarnições brancas e douradas da cabeceira, os quadros das paredes com lindas paisagens e casais que passeavam ao pôr-do-sol, os bibelots que fora colecionando, alinhados na prateleira, querendo que a sua fosse uma casa bonita e confortável. Soube que já não era um lar e que, dentro de alguns minutos, seria uma armadilha. Viu-se no grande espelho do armário: nua, molhada, com o cabelo escuro colado à cara e, entre as madeixas, os olhos negros muito abertos, esbugalhados de horror. Corre e não pares, tinha dito o Gúero e a voz que repetia as palavras do Gúero. Então começou a correr.

## 1. CAÍDA NUVEM EM QUE ANDAVA

Sempre pensei que os narcocorridos (1) mexicanos fossem apenas canções, e que O Conde de Montecristo fosse apenas um romance. Comentei-o com Teresa Mendoza no último dia, quando concordou receber-me rodeada de guarda-costas e de polícias na casa onde se hospedava no bairro Chapultepec, Culiacán, estado de Sinaloa. Mencionei Edmundo Dantes, perguntando-lhe se tinha lido o livro e ela lançou-me um olhar silencioso, tão longo que receei que a nossa conversa acabasse ali. Depois voltou-se para a chuva que batia nos vidros e não sei se foi a sombra da luz cinzenta de fora ou um sorriso absorto que lhe desenhou na boca um traço estranho e cruel.

- Não leio livros - disse.

Soube que mentia, como sem dúvida o fizera uma infinidade de vezes nos últimos doze anos. Mas não quis parecer inoportuno, de forma que mudei de assunto.

O seu longo caminho de ida e volta continha episódios que me interessavam muito mais do que as leituras da mulher que tinha finalmente à minha frente,

depois de ter seguido o seu rasto por três continentes durante os últimos oito meses.

Dizer que estava decepcionado seria incorrecto. A realidade costuma ficar aquém das lendas; mas no meu ofício a palavra decepção é sempre relativa: realidade e lenda são simples material de trabalho.

*\*(1) Corrido cuja temática é a vida, e morte, dos narcotraficantes ou narcos. (N. da T.)*

O problema reside na impossibilidade de viver durante semanas e meses tecnicamente obcecado por alguém, sem fazer uma ideia própria, definida e evidentemente inexacta, do sujeito em questão. Uma ideia que se instala na nossa cabeça com tanta força e verosimilhança que depois se torna difícil, e até desnecessário, alterá-la no essencial. Além disso, os escritores têm o privilégio de que os leitores assumam, com uma facilidade surpreendente, o seu ponto de vista. Por isso, naquela manhã de chuva em Culiacán, eu sabia que a mulher que estava à minha frente nunca mais seria a verdadeira Teresa Mendoza, mas outra que a suplantava, em parte criada por mim: aquela cuja história tinha reconstruído depois de a recuperar peça por peça, incompleta e contraditória, junto daqueles que a conheceram, odiaram ou amaram.

- Por que está aqui? - perguntou.

- Falta-me um episódio da sua vida. O mais importante.

- Não me diga... Um episódio.

- Isso mesmo.

Tinha pegado num maço de Faros da mesa e encostava a um cigarro a chama de um isqueiro de plástico, barato, depois de fazer um gesto para conter o homem sentado na outra extremidade da sala, que se levantara solícito com a mão esquerda no bolso do casaco: um tipo maduro, corpulento, ou melhor, gordo, de cabelo muito preto e frondoso bigode mexicano.

- O mais importante?

Pousou os cigarros e o isqueiro na mesa, em perfeita simetria, sem me oferecer.

O que me era indiferente, porque não fumo. Estavam ali mais dois maços, um cinzeiro e uma pistola.

- Deve sê-lo de facto - acrescentou - para se atrever a vir cá hoje.

Olhei para a pistola. Uma Sig Sauer. Suíça. Quinze balas de 9mm parabellum por carregador, bifilar. E três carregadores cheios. As pontas douradas dos projecteis eram grossas como bolotas.

- Sim - respondi com suavidade. - Há doze anos. Sinaloa. Novamente a

olhadela silenciosa. Ouvira falar de mim, pois no seu mundo isso podia conseguir-se com dinheiro. E, além disso, fizera-lhe chegar há três semanas uma cópia do meu texto inacabado. Era o isco. A carta de apresentação para rematar tudo.

- E por que haveria de contá-lo?

- Porque você me deu muito trabalho.

Pôs-se a olhar para mim entre o fumo do cigarro, com os olhos semicerrados, como as máscaras índias do Templo Mayor. Depois levantou-se e foi até ao bar, voltando com uma garrafa de Herradura Reposado e dois copos pequenos e estreitos, desses que os mexicanos chamam caballitos. Vestia umas calças cómodas de linho escuro, blusa preta e sandálias, e verifiquei que não usava jóias, nem colar, nem relógio; só umas escravas de prata no pulso direito.

Há dois anos - os recortes da imprensa estavam no meu quarto do Hotel San Marcos - a revista Hola! incluía-a entre as vinte mulheres mais elegantes de Espanha, na mesma época em que El Mundo falava da última investigação judicial aos seus negócios na Costa del Sol e das suas ligações ao narcotráfico. Na fotografia publicada na primeira página, entrevistamo-la atrás do vidro de um automóvel, protegida dos repórteres por vários guarda-costas de óculos escuros. Um deles era o gordo bigodudo que estava sentado agora na outra extremidade da sala, olhando-me de longe como se não me olhasse.

- Muito trabalho - repetiu pensativa, deitando tequila nos copos.

- Com efeito.

Bebeu um golinho, de pé, sem deixar de me observar. Era mais baixa do que parecia nas fotografias ou na televisão, mas os seus movimentos continuavam a ser tranquilos e seguros, como se cada gesto estivesse encadeado no seguinte de forma natural, excluía qualquer improvisação ou hesitação. Talvez tenha deixado de hesitar, pensei de repente. Confirmei que aos trinta e cinco anos era vagamente atraente. Menos, talvez, que nas fotografias recentes e nas que eu tinha visto aqui e ali, conservadas por quem a conheceu no outro lado do Atlântico. Isso incluía a face e o perfil a preto e branco numa antiga ficha policial do comissariado de Algeciras. Incluía também vídeos, imagens imprecisas que acabavam sempre com gorilas rudes ocupando o enquadramento para afastar com violência a objectiva. E em todas, ela, com a sua elegante aparência actual, quase sempre vestida de escuro e com óculos de sol, entrava ou saía de automóveis caros, aparecia, desfocada pelo grão da teleobjectiva, numa varanda de Marbella, ou apanhava sol na coberta de um iate grande e branco como a neve: a Rainha do Sul e a sua lenda.

A que aparecia simultaneamente nas páginas sociais e nas páginas de ocorrências. Mas havia uma outra fotografia sua cuja existência eu ignorava e,



antes de eu sair daquela casa, duas horas mais tarde, Teresa Mendoza decidiu mostrar-me inesperadamente: uma fotografia muito gasta e colada por trás com fita-cola, que acabou colocando em cima da mesa, entre o cinzeiro repleto, a garrafa de tequila de que, sozinha, esvaziara dois terços e a Sig Sauer com três carregadores que estava ali como um presságio - de facto era uma aceitação fatalista - do que ia acontecer nessa mesma noite. Quanto à última fotografia, na realidade tratava-se da mais antiga e era só meia fotografia, porque faltava todo o lado esquerdo: apenas podia ver-se o braço de um homem, metido na manga de um blusão de piloto, sobre os ombros de uma jovem morena, magra, de abundante cabelo preto e olhos grandes. A jovem devia ter vinte e poucos anos, vestia umas calças muito justas e um feio blusão de ganga com gola de pele de borrego, e olhava para a objectiva com uma careta indecisa, a meio caminho de um sorriso ou, quem sabe, regressando dele. Verifiquei que, apesar da maquilhagem vulgar, excessiva, as pupilas escuras tinham um olhar inocente, ou vulnerável, e isso acentuava a juventude do rosto ovalado, com os olhos ligeiramente amendoados, a boca bem delineada, as antigas e diminutas gotas de sangue indígena manifestando-se no nariz, no tom trigueiro da pele, na arrogância do queixo levantado. Aquela jovem não era bonita mas era singular, pensei. Possuía uma beleza incompleta ou longínqua, como se esta se tivesse vindo a diluir durante gerações até deixar apenas rastos isolados de um antigo esplendor. E uma fragilidade talvez serena, ou confiante. Se não estivesse familiarizado com a personagem, aquela fragilidade ter-me-ia enternecido. Suponho.

- Quase não a reconheço.

Era verdade e disse-o. Ela não pareceu incomodada com o comentário. Limitava-se a olhar para a fotografia sobre a mesa, e esteve assim, um bom bocado.

- Eu também não - concluiu.

Depois tornou a guardá-la dentro da carteira que estava em cima do sofá, num porta-moedas de pele com as suas iniciais, e indicou-me a porta.

- Creio que é suficiente - disse.

Parecia muito cansada. A conversa prolongada, o tabaco, a garrafa de tequila.

Tinha círculos escuros debaixo dos olhos que já não eram como os da velha fotografia. Pus-me de pé, abotoei o casaco, estendi-lhe a mão - ela roçou-a apenas - e olhei novamente para a pistola. O gordo do canto da sala estava ao meu lado, indiferente, pronto para me acompanhar. Olhei com interesse para as suas botas magníficas de pele de iguana, para a barriga que transbordava do cinto bordado a fibra de agave, para o volume ameaçador sob o blusão. Quando abriu a porta, comprovei que a sua gordura era enganadora e que fazia tudo com

a mão esquerda. Era óbvio que reservava a direita como ferramenta de trabalho.

- Espero que tudo corra bem - comentei.

Ela seguiu o meu olhar até à pistola. Concordava, abanando a cabeça lentamente, mas não com as minhas palavras. Ocupavam-na os seus próprios pensamentos.

- Claro - murmurou.

Então saí dali. Os federais, com coletes antibala e espingardas de assalto, que à chegada me tinham revistado minuciosamente, continuavam de guarda no vestíbulo e no jardim, e uma furgoneta militar e duas Harley Davidson da polícia estavam junto à fonte circular da entrada. Havia cinco ou seis jornalistas e uma câmara de televisão debaixo de um guarda-chuva, no outro lado dos muros altos, na rua, mantidos à distância pelos soldados em uniforme de combate que cercavam a propriedade. Virei à direita e encaminhei-me sob a chuva para o táxi que me esperava a um quarteirão dali, na esquina da calle General Anaya.

Agora sabia o que precisava de saber, os recantos na sombra tinham ficado iluminados e cada pedaço da história de Teresa Mendoza, real ou imaginada, encaixava no seu devido lugar: desde aquela primeira fotografia, ou meia fotografia, até à mulher que me tinha recebido com uma automática em cima da mesa. Faltava o desenlace. Mas isso também o saberia nas próximas horas. Tal como ela, tinha apenas de sentar-me e esperar.

Tinham passado doze anos desde a tarde em que Teresa Mendoza desatou a correr na cidade de Culiacán. Naquele dia, início de tão longa viagem de ida e volta, o mundo equilibrado que julgava construído à sombra do Gúero Dávila caiu à sua volta - conseguiu ouvir o estrondo dos pedaços a desmoronar-se - e, de repente, viu-se perdida e em perigo. Largou o telefone e andou de um lado para outro abrindo gavetas à doida, cega de pânico, procurando qualquer saco onde pudesse meter o imprescindível antes de fugir dali. Queria chorar pelo seu homem, ou gritar até dilacerar a garganta; mas o terror que a assaltava em ondas como pancadas entorpecia-lhe os gestos e os sentimentos. Era como se tivesse comido um cogumelo de Huautla ou fumado uma erva densa, dolorosa, que a pusesse dentro de um corpo distante sobre o qual não tivesse qualquer controlo. E assim, depois de vestir a toda a pressa, desajeitadamente, umas calças de ganga, uma camisola de manga curta e uns sapatos, desceu cambaleante as escadas, ainda molhada sob a roupa, com o cabelo húmido, um pequeno saco de viagem com as poucas coisas que se tinha lembrado de meter lá dentro, enrugadas e de qualquer maneira: mais camisolas, um blusão de ganga, cuecas, meias, a sua carteira com duzentos pesos e a documentação. Irão imediatamente lá a casa, avisara-a o Gúero. Vão ver o que conseguem encontrar. E mais vale não te encontrarem.

Parou para espreitar a rua, indecisa, com a precaução instintiva da presa que fareja a proximidade do caçador e dos cães. Diante dela estendia-se a complexa topografia urbana de um território hostil. Bairro Las Quintas: avenidas amplas, casas discretas e confortáveis com buganvílias e bons carros estacionados à porta. Um longo caminho desde os arredores miseráveis de Las Siete Gotas, pensou. E, de repente, a senhora da farmácia da frente, o empregado da mercearia da esquina onde fez as compras nos últimos dois anos, o vigilante do banco com a sua farda azul e a sua pistola automática de calibre 12 a tiracolo - o mesmo que costumava galanteá-la com um sorriso cada vez que passava diante dele -, pareciam-lhe perigosos e à espreita. Deixarás de ter amigos, tinha concluído o Gúero com aquele riso indolente que às vezes ela adorava e outras odiava com todas as forças. No dia em que o telefone tocar e começares a correr estarás só, pretinha. E eu não poderei ajudar-te.

Apertou o saco como se quisesse proteger o ventre e caminhou pelo passeio com a cabeça baixa, agora sem olhar para nada nem ninguém, tentando, de princípio, não acelerar muito o passo. O sol começava a descer ao longe, sobre o Pacífico que ficava quarenta quilómetros a poente, na direcção de Altata, e as palmeiras, pinguicas<sup>2</sup> e mangueiras da avenida recortavam-se contra um céu que depressa se tingiria com o alaranjado próprio do entardecer de Culiacán. Sentia pancadas nos tímpanos, um pulsar surdo, monótono, sobreposto ao ruído do trânsito e ao barulho dos tacões dos sapatos. Se alguém a tivesse chamado nesse momento, não teria sido capaz de ouvir o seu nome nem, talvez, o som de um tiro. Do seu tiro. De tanto o esperar, tensos os músculos e agachada a cabeça, doíam-lhe as costas e os rins. A Situação. Tinha ouvido repetir demasiadas vezes a teoria do desastre entre troças, verdades, copos e fumo de cigarros, e trazia-a gravada a fogo no pensamento, como o ferro de uma rês. Neste negócio, tinha dito o Gúero, é preciso saber reconhecer A Situação. Quer dizer que alguém pode aparecer e dar-te os bons-dias. Talvez o conheças e ele sorria para ti. Suavemente. Meloso. Mas notarás alguma coisa estranha, uma sensação indefinida, como se alguma coisa não estivesse onde devia. E um instante depois estarás morto - o Gúero olhava para Teresa ao falar, apontando para ela o dedo a fingir de revólver, entre os risos dos amigos.

- Ou morta. Embora isso seja sempre preferível a levarem-te viva para o deserto e, com um maçarico de acetileno e muita paciência, fazerem-te perguntas. Porque o pior das perguntas não é saberes as respostas - nesse caso o alívio chega depressa -, mas não as saberes. Aí está o pormenor, como dizia Cantinflas.

O problema. Custa muito convencer o do maçarico de que não sabemos coisas que ele supõe que sabemos e que também gostaria de saber.

Porra. Desejou que o Gúero tivesse morrido rapidamente. Que o tivessem quilhado com o Cessna e tudo, pasto de tubarões, em vez de o levarem até ao deserto para lhe fazerem perguntas. Com a Federal ou com a DEA, as perguntas costumavam acabar na cadeia de Almoloya ou na de Tucson. Podia-se negociar, chegar a acordo. Tornar-se testemunha protegida, ou preso com privilégios caso se soubesse jogar bem os trunfos. Mas as negociatas do Gúero nunca andaram por aí. Não era um cagarola nem um chibo. Traíra apenas um bocadinho, menos por dinheiro que por gosto de viver no fio da navalha.

*\*(2) Arctostaphylos polifolia ou Comarostaphylis polifolia. (N. da T.)*

Nós, os de San António, armava-se, gostamos de rifar o coiro. Enganar aqueles tipos era divertido, segundo ele; e troçava no seu íntimo quando lhe diziam suba aqui e desça ali, jovem, não se atrase, tomando-o por um vulgar sicário dos de mil pesos ao atirarem para cima da mesa, com muito pouco respeito, maços de notas estaladiças no regresso de cada voo onde os cabecilhas enfardavam uma pipa de massa e ele arriscava a liberdade e a vida. O problema era que ao Gúero não lhe bastava fazer certas coisas, tinha necessidade de as contar.

Era dos linguarudos. De que serve dares uma trancada a uma gaja linda, dizia, se não pudeses contá-lo à maralha? E se a coisa der para o torto, os Tigres ou os Tucanes de Tijuana que te metam depois em narcocorridos e os cantem nos bares e nos rádios dos carros. Bolas! Lenda pura, compadre. E muitas vezes, aninhada no seu ombro, bebendo num bar, numa festa, entre duas danças no salão Morocco, ele com uma Pacífico na mão e ela com o nariz salpicadinho de dona-branca, estremecera ouvindo-o confiar aos amigos coisas que qualquer homem sensato calaria bem caladas. Teresa não tinha estudos nem outra coisa para além do Gúero; mas sabia que os amigos só provavam sê-lo se nos fossem visitar ao hospital, à cadeia ou ao cemitério. O que queria dizer que os amigos eram amigos até deixarem de o ser.

Percorreu três quarteirões sem olhar para trás. Que remédio. Os tacões que levava eram demasiado altos e compreendeu que ia torcer um tornozelo se de repente se pusesse a correr. Tirou-os, guardando-os no saco e, descalça, virou à direita na esquina seguinte, até chegar à calle Juárez. Parou aí diante de um snack para verificar se a seguiam. Não viu nada que revelasse perigo de modo que, para dar a si própria algum tempo de reflexão e acalmar os batimentos do pulso, empurrou a porta e foi sentar-se na mesa mais afastada, com as costas na parede e os olhos na rua. Como teria dito, trocista, o Gúero, estudando A Situação. Ou tentando fazê-lo. O cabelo húmido escorregava-lhe para a cara.

Afastou-o só uma vez, porque decidiu depois que era melhor assim, escondendo-a um pouco. Trouxeram sumo de nopal e ela ficou imóvel durante algum tempo, incapaz de alinhar dois pensamentos seguidos, até ter sentido vontade de fumar e se aperceber de que, na correria, se tinha esquecido do tabaco. Pediu um cigarro à empregada de mesa, aceitou o lume do seu isqueiro, ignorando o olhar de estranheza que esta lhe lançava aos pés descalços, e permaneceu muito quieta, fumando e tentando ordenar as ideias. Agora sim. Agora o fumo nos pulmões devolveu-lhe alguma serenidade, a suficiente para analisar A Situação com algum espírito prático. Tinha de chegar à outra casa, à segura, antes que os coiotes a encontrassem e ela própria acabasse por ser uma personagem secundária e forçada daqueles narcocorridos dos Tigres ou dos Tucanes em que o Gúero sonhava entrar.

Aí estava o dinheiro e os documentos; e, sem isso, por muito que corresse, nunca chegaria a lado nenhum. Estava lá também a agenda do Gúero: telefones, direcções, notas, contactos, pistas clandestinas na Baixa Califórnia, Sonora, Chihuahua e Co-hahuila, amigos e inimigos - não era fácil distinguir uns dos outros - na Colômbia, na Guatemala, nas Honduras e de um e de outro lado da margem do rio Bravo: El Paso, Juárez, San António. Essa, ou a queimas ou a escondes, dissera-lhe. Para teu bem, nem olhes para ela, pretinha. Nem olhes para ela. E só se te vires muito aflita e muito perdida, a trocas com don Epifanio Vargas pela tua pele. Percebeste? Jura-me que não abrirás a agenda por nada do mundo. Jura-o por Deus e pela Virgem. Vem aqui. Jura-o por isto que tens entre as mãos.

Não dispunha de muito tempo. Também se tinha esquecido do relógio, mas viu que a tarde continuava a cair. A rua parecia tranquila: tráfego regular, transeuntes de passagem, ninguém parado nas proximidades. Calçou os sapatos.

Deixou dez pesos na mesa e levantou-se devagar, segurando no saco. Não se atreveu a olhar para a sua cara no espelho quando saiu para a rua. Na esquina, um miúdo vendia refrescos, cigarros e jornais colocados sobre um cartão de embalagem onde se lia a palavra Samsung. Comprou um maço de Faros e uma caixa de fósforos, olhando de soslaio para trás, e continuou a andar com uma lentidão deliberada. A Situação. Um carro estacionado, um polícia, um homem que varria o passeio sobressaltaram-na. Voltavam a doer-lhe os músculos das costas e sentia um sabor acre na boca. Os tacões incomodavam-na novamente. Se a visse assim, pensou, o Gúero ter-se-ia rido dela. E amaldiçoou-o por isso, no seu íntimo. Onde andarão os teus risos agora, meu grande estupor, depois de te fazerem a folha. A tua arrogância de machão e o teu sangue na guelra. Sentiu cheiro a carne queimada ao passar diante de um quiosque de tacos e o gosto acre na boca acentuou-se imediatamente.

Teve de parar e entrar a toda a pressa num portal para vomitar um jorro de sumo de nopal.

Eu conhecia Culiacán. Antes da entrevista a Teresa Mendoza já tinha lá estado, mesmo no início, quando começava a investigar a sua história e ela não era mais do que um vago desafio pessoal na forma de algumas fotografias e recortes de imprensa. Também regresssei mais tarde, quando tudo acabou e fiquei, finalmente, na posse de tudo o que precisava: factos, nomes, lugares. Assim, posso ordená-lo agora sem outras lacunas além das inevitáveis, ou das convenientes. Direi também que tudo se forjou há algum tempo, durante um almoço com René Delgado, director do diário Reforma, no Distrito Federal. Mantenho com René uma velha amizade desde os tempos em que, jovens repórteres, partilhávamos o quarto no Hotel Intercontinental de Manágua durante a guerra contra Somoza. Agora vemo-nos quando vou ao México, para contarmos um ao outro as nostalgias, as rugas e os cabelos brancos. E, dessa vez, comendo escamotes (3) e tacos de frango no San Angel Inn, propôs-me o assunto.

- És espanhol, tens lá bons contactos. Escreve-nos uma grande reportagem sobre ela.

Recusei enquanto tentava evitar que o conteúdo de um taco me escorresse pelo queixo.

- Já não sou repórter. Agora invento tudo e não desço abaixo das quatrocentas páginas.

- Pois então fá-lo à tua maneira - insistiu René. - Uma reles reportagem literária.

Liquidei o taco e discutimos os prós e os contras. Hesitei até ao café e ao Don Julián número 1, justamente quando René me ameaçou com os mariachis. Mas o tiro saiu-lhe pela culatra. A reportagem para o Reforma acabou convertendo-se num projecto literário privado, embora o meu amigo não se tenha aborrecido com isso. Pelo contrário.

*\*(3) Ovos de um certo tipo de formigas que se comem guisados em algumas regiões do México. (N. da T.)*

No dia seguinte pôs à minha disposição os seus melhores contactos na costa do Pacífico e na Polícia Federal para que eu pudesse completar os anos obscuros.

A etapa na vida de Teresa Mendoza que era desconhecida em Espanha, e nem sequer ventilada no próprio México.

- Pelo menos far-te-emos a resenha - disse. - Cabrão.

Até essa altura só era do conhecimento público ela ter vivido em Las Siete

Gotas, um bairro bastante humilde de Culiacán, e ser filha de pai espanhol e mãe mexicana. Também que abandonara os estudos na primária e que, empregada numa loja de chapéus no mercadinho Buelna e mais tarde cambista de dólares na calle Juárez, numa tarde do Dia de Defuntos - irónico augúrio - a vida a colocara no caminho de Raimundo Dávila Parra, piloto a soldo do cartel de Juárez, conhecido no meio como Gúero Dávila devido ao seu cabelo louro, olhos azuis e ar de gringo. Tudo isto se sabia mais pela lenda criada em volta de Teresa Mendoza que por dados precisos; de modo que, para iluminar aquela parte da sua biografia, viajei até à capital do estado de Sinaloa, na costa ocidental e diante da entrada do Golfo da Califórnia, e andei pelas suas ruas e bares.

Fiz até o percurso exacto, ou quase, que ela fez nessa última tarde - ou primeira, consoante se olhe - depois de receber a chamada telefónica e de abandonar a casa que tinha partilhado com Gúero Dávila. Assim, estive diante do ninho onde ambos moraram durante dois anos: uma casinha confortável e discreta de dois pisos, com pátio traseiro, pitangueiras e buganvílias à entrada, situada na parte sudeste de Las Quintas, um bairro frequentado por narcos de classe média; por aqueles a quem as coisas corriam bem, mas nem tanto que desse para comprar uma mansão no exclusivo bairro Chapultepec. Depois andei sob as palmeiras reais e as mangueiras até à calle Juárez e, diante do mercadinho, parei a observar as jovens que, de telemóvel numa mão e calculadora na outra, cambiavam moeda em plena rua; ou, dito de outra forma, branqueavam em pesos mexicanos o dinheiro dos automobilistas que paravam junto delas com os seus maços de dólares aromatizados de bom chamon ou de pó branco. Naquela cidade onde, com frequência, a ilegalidade é convenção social e modo de vida - é herança de família, diz um corrido famoso, trabalhar contra a lei -, Teresa Mendoza foi durante algum tempo uma dessas jovens, até que uma certa pickup Ford Bronco preta parou ao seu lado e Raimundo Dávila Parra baixou o vidro fumado da janela e ficou a olhar para ela do assento do condutor.

Nessa altura, a sua vida mudou para sempre.

Agora ela percorria o mesmo passeio, do qual conhecia cada pedra, com a boca seca e o medo nos olhos. Esquivava-se das raparigas que conversavam em grupos ou passeavam à espera de clientes diante da frutaria El Canário, e fazia-o olhando desconfiada para a estação de camiões e camionetas da serra e para os quiosques de tacos do mercadinho, apinhados de mulheres carregadas com cestas e homens bigodudos com bonés e chapéus de palha. Da loja de música grupera(4) " situada atrás da joalheria da esquina chegou-lhe a melodia e as palavras de Pacas de a kilo (5) cantada pelos Dinâmicos ou talvez pelos Tigres.

Àquela distância não conseguia distinguir, mas conhecia a canção. Bolas!

Conhecia-a demasiado bem, porque era a favorita do Gúero; e o grande filho

da mãe costumava cantá-la enquanto se barbeava, com a janela aberta para escandalizar os vizinhos, ou dizê-la a ela baixinho, ao ouvido, quando o divertia pô-la furiosa: Los amigos de mi padre me admiran y me respetan y en dos y trescientos metros levanto las avionetas. De diferentes calibres, manejo las metralletas...

Reles Gúero cabrão, pensou novamente, quase o dizendo em voz alta para controlar o soluço que lhe subia à boca. Depois olhou para a direita e para a esquerda. Continuava a perscrutar um rosto, uma presença que significasse ameaça. Mandariam, sem dúvida, alguém que a conhecesse, pensava. Que pudesse identificá-la. Por isso a sua esperança era reconhecê-lo antes a ele. Ou a eles. Porque costumavam ir dois a dois para se apoiarem um ao outro.

*\*(4) Música originária do norte do México e do Texas. (N. da T.) (5) Pacotes de quilo. (N. da T.)*

E também para se vigiarem, num negócio onde ninguém confiava nem na sua própria sombra. Reconhecê-lo com tempo suficiente, apercebendo-se do perigo no seu olhar. Ou no seu sorriso. Alguém te sorrirá, lembrou-se. E um instante depois estarás morta. Com sorte, acrescentou no seu íntimo. Com muita sorte estarei morta. Em Sinaloa, disse para consigo, imaginando o deserto e o maçarico mencionados pelo Gúero, ter sorte ou não era apenas uma questão de rapidez, de somas e subtracções. Quando mais tardamos a morrer, menos sorte temos.

Na Juaréz o tráfego vinha-lhe pelas costas. Deu conta disso ao deixar para trás o cemitério San Juan, de modo que virou à esquerda, procurando a calle General Escobedo. O Gúero tinha-lhe explicado que, se alguma vez a seguissem, procurasse ir por ruas onde o trânsito viesse de frente, para ver aproximar-se os carros com tempo. Caminhou por aquela rua, voltando-se de vez em quando para olhar para trás. Dessa forma chegou ao centro da cidade, passou junto do edifício branco do palácio municipal e meteu-se entre a multidão que enchia as paragens de autocarros e as imediações do mercado Garmendia. Só aí se sentiu um pouco mais segura. O céu em pleno entardecer era de um laranja intenso sobre os edifícios a poente, e as montras começavam a iluminar os passeios. Quase nunca matam em lugares como este, pensou. Nem sequestram. Havia dois polícias de trânsito com as suas fardas castanhas postados numa esquina. O rosto de um deles era-lhe vagamente familiar, de modo que virou o seu e mudou de direcção. Muitos agentes locais estavam a soldo do narcotráfico, tal como os da Judicial do Estado e os federais e tantos outros, com a sua dose de dona-branca na carteira e o seu copo grátis nos bares, e faziam trabalhos de protecção para os



principais cabecilhas da máfia ou exerciam o princípio salutar de vive, cobra a tua gorja e deixa viver se não quiseres deixar de viver. Três meses antes, um chefe da polícia recém-chegado de fora quis mudar as regras do jogo. Tinham-lhe dado setenta tiros certos de corno de bode - o nome que ali se dava à AK-47 - à porta da sua casa e dentro do seu próprio carro. Ratatatatá. Nas lojas já se vendiam canções sobre o tema. Setenta plomos de a siete (6), era o título da mais famosa.

*\*(6) Setenta chumbos de sete, porque a AK-47 utiliza cartuchos de calibre 7,62x39mm (n. da T.)*

Mataram o chefe Ordóñez - especificava a letra - às seis da manhã. Que foram muitos balázios p'ra uma hora tão madrugadora. Sinaloa pura. Cantores populares como o As de la Sierra tiravam fotografias para os cartazes discográficos com uma avioneta atrás e um revólver automático calibre 45 na mão, e Chalino Sánchez, ídolo local da canção, que foi pistoleiro das máfias antes de se tornar compositor e intérprete, tinham-no rebentado a tiro por causa de uma mulher ou vá-se lá saber porquê. Se de alguma coisa não necessitavam os narcocorridos, era de imaginação.

Na esquina da geladaria La Michoacana, Teresa deixou para trás o mercado, as sapatarias e as lojas de roupa e meteu-se rua abaixo. O andar de segurança do Gúero, o seu refúgio para um caso de emergência, ficava a poucos metros, no segundo andar de um discreto prédio de apartamentos, com a entrada diante de um carrinho que vendia mariscos durante o dia e tacos de carne assada à noite. Em princípio, ninguém excepto eles os dois conhecia a existência daquele sítio: Teresa tinha lá estado apenas uma vez, e o próprio Gúero ia lá pouco, para não o queimar. Subiu as escadas tentando não fazer barulho, meteu a chave na fechadura e fê-la rodar com cuidado. Sabia que ali não podia estar ninguém mas, mesmo assim, revistou inquieta o apartamento, verificando se alguma coisa não estava bem. Nem sequer essa casa era totalmente segura, tinha dito o Gúero.

Talvez alguém me tenha visto, ou saiba alguma coisa, vá-se lá saber, neste Culiacán onde todo o bicho careta se conhece. E mesmo que isso não aconteça, se me agarrarem, no caso de cair vivo, só conseguirei calar-me por um bocado, antes de me obrigarem a despejar o saco à porrada e a cantar-lhes rancheras e toda essa chatice. De modo que tenta não te deitar a dormir, minha linda.

Espero aguentar o tempo necessário para agarrares no cacau e desapareceres, antes que eles apareçam por aí. Mas não te prometo nada, pretinha - continuava a sorrir ao dizer isto, o cabrão. - Não te prometo nada.

O pequeno apartamento tinha as paredes nuas, sem outra decoração além de

uma mesa, quatro cadeiras, um sofá e uma cama de casal no quarto com uma mesinha de cabeceira e um telefone. A janela do quarto dava para as traseiras, para um logradouro com árvores e arbustos que se utilizava como estacionamento, na extremidade do qual se avistavam as cúpulas amarelas da igreja do Santuário.

Um armário embutido tinha fundo duplo e, ao desmontá-lo, Teresa encontrou dois pacotes grossos com maços de cem dólares. Uns vinte mil, calculou a sua antiga experiência de cambista da calle Juárez. Também lá estava a agenda do Gúero: um caderno grande com capas de cabedal castanho - nem o abras, recordou -, uma beca de neve de cerca de trezentas gramas e uma enorme Colt Double Eagle de metal cromado e placas da coroa de madrepérola. O Gúero não gostava de armas e nunca andava com automáticas ou revólveres - estou-me nas tintas, dizia, quando procuram alguém, encontram-no -, mas guardava aquela como precaução para emergências. P'ra que é que te vou mentir, se é verdade? A Teresa também não lhe agradavam mas, como quase todo o homem, mulher ou criança sinaloense, sabia usá-las. E pondo-se a imaginar emergências, o caso era exactamente esse. De modo que comprovou que a Double Eagle tinha o carregador cheio, puxou para trás o cão e, ao soltá-lo, uma bala de calibre 45 entrou na câmara com um estalido sonoro e sinistro. As mãos tremiam-lhe de ansiedade quando meteu tudo no saco que trouxera consigo. A meio da operação, sobressaltou-a o tubo de escape de um carro que se ouviu em baixo, na rua.

Ficou muito quieta durante algum tempo, ouvindo, antes de continuar.

Juntamente com os dólares estavam dois passaportes: o seu e o do Gúero. Os dois tinham vistos norte-americanos em vigor. Observou por um instante a fotografia do Gúero: o cabelo muito curto, os olhos de gringo olhando serenos para o fotógrafo, o esboço do eterno sorriso a um canto da boca. Após hesitar um pouco, meteu na bolsa apenas o seu e, ao inclinar o rosto e sentir as lágrimas que, do queixo, lhe pingavam nas mãos, apercebeu-se de que estava a chorar há muito tempo.

Olhou em volta com os olhos embaciados, tentando pensar se não se esquecia de nada. O coração batia-lhe com tanta força que parecia prestes a sair-lhe pela boca. Foi à janela, olhou para a rua que já escurecia com as sombras do anoitecer, com o quiosque de tacos iluminado por uma lâmpada e pelas brasas do fogão. Depois acendeu um cigarro e deu alguns passos indecisos pelo apartamento, respirando nervosamente. Tinha de sair dali, mas não sabia para onde. A única coisa clara é que tinha de sair dali. Estava na porta do quarto quando reparou no telefone e um pensamento lhe passou pela cabeça: don Epifanio Vargas. Era um bom tipo, don Epifanio.

Tinha trabalhado com Amado Carrillo nos anos dourados das pontes aéreas

entre a Colômbia, Sinaloa e a União Americana, e foi sempre um bom padrinho para o Gúero, muito sério e cumpridor, até se ter dedicado a outros negócios e entrar na política, deixando de precisar de avionetas e o piloto ter mudado de padrões.

Oferecera-se para ficar com ele, mas o Gúero gostava de voar, ainda que fosse para outros. Lá em cima somos alguém, dizia, e cá em baixo simples passadores.

Don Epifanio não levou a mal e emprestou-lhe mesmo alguma massa para o novo Cessna, depois de o outro ter ficado arruinado devido a uma aterragem violenta numa pista da serra, com trezentos quilos de dona-branca lá dentro, bem empacotados com o seu masking-tape, e, lá fora, dois aviões federais esvoaçando, as estradas esverdeadas de magalas e as R-15 cuspidas entre sirenes e sonoplastia, um cagaçal que nunca mais acabava. Dessa o Gúero tinha escapado por uma unha negra com um braço partido, primeiro da lei e depois dos donos da carga, a quem teve de provar com recortes de jornais que fora toda confiscada pelo Governo, que três dos oito bacanos da equipa de recepção tinham morrido defendendo a pista, e que a dica tinha sido dada por um gajo de Badiraguato que chibava para os federais. O cantor tinha acabado com as mãos amarradas atrás das costas e asfixiado com um saco de plástico na cabeça, tal como o seu pai, a sua mãe e a sua irmã - a máfia costumava aviar por igual -, e o Gúero, isento de suspeitas, pôde comprar um novo Cessna graças ao empréstimo de don Epifanio Vargas.

Apagou o cigarro, deixou o saco aberto no chão, junto à cabeceira da cama, e tirou a agenda. Observou-a durante um bocado em cima da colcha. Nem olhes para ela, recordava. Ali estava a estuporada agenda do cabrão do bacano que a essa hora dançava com a da foice, e ela obediente e sem abri-la, vejam lá a parva. Nem pense nisso, dizia a consciência como uma voz. Só uma espreitadela, incentivava-a outra. Se isto vale a tua vida, averigua o que vale. Para ganhar coragem tirou o pacote de pó, espetou uma unha no plástico e levou um cheiro ao nariz, inspirando profundamente. Instantes depois, com uma outra lucidez e os sentidos apurados, olhou novamente para a agenda e, finalmente, abriu-a.

O nome de don Epifanio estava ali, com outros que lhe provocaram calafrios só de lhes dar uma olhadela superficial: o Chapo Guzmán, César Batman Gúemes, Héctor Palma... Havia telefones, locais de contacto, intermediários, cifras e códigos cujo sentido lhe escapava. Continuou a ler e, pouco a pouco, a sua pulsação tornou-se mais lenta até a deixar gelada. Nem olhes para ela, recordou-se estremecendo. Fosca-se! Agora compreendia porquê. Era tudo bastante pior do que julgara.

Nessa altura ouviu a porta abrir-se.

- Olha quem temos aqui, Pote. Que coisa!

O sorriso do Gato Fierros brilhava como a lâmina de uma faca molhada, porque era um sorriso húmido e perigoso, próprio de facínoras de filme americano, desses onde os narcos são sempre morenos, latinos e malvados, estilo Pedro Navaja e Juanito Alimana. O Gato Fierros era moreno, latino e malvado como se acabasse de sair de uma canção de Rubén Blades ou Willy Colón; e só não era evidente se cultivava deliberadamente o estereótipo, ou se Rubén Blades, Willy Colón e os filmes americanos costumavam inspirar-se em gente como ele.

- A chavalita do Gúero.

O pistoleiro estava de pé, apoiado no alizar da porta, com as mãos nos bolsos.

Os olhos felinos, aos quais devia a sua alcunha, não se desviavam de Teresa enquanto conversava com o seu colega entortando a boca para o lado, com uma bazófia maligna.

- Eu não sei nada - disse Teresa.

Estava tão aterrorizada que mal reconheceu a sua própria voz. O Gato Fierros, compreensivo, abanou a cabeça, duas vezes.

- Claro - disse.

O sorriso dele alargava-se. Tinha perdido a conta dos homens e mulheres que garantiram não saber nada antes de os matar rapidamente ou devagar, de acordo com as circunstâncias, numa terra onde morrer com violência era morrer de morte natural - vinte mil pesos um morto comum, cem mil um polícia ou um juiz, grátis caso se tratasse de ajudar um amigo. E Teresa estava ao corrente dos pormenores: conhecia o Gato Fierros e também o seu colega Potemkin Galvéz, a quem chamavam Pote Galvéz, ou o Pinto. Os dois vestiam blusões, camisas Versace de seda, calças de ganga e botas de iguana quase iguais, como se comprassem na mesma loja.

Eram sicários de César Batman Gúemes e tinham convivido bastante com o Gúero Dávila: colegas de trabalho, escoltas de carregamentos aerotransportados para a serra, e também de copos e festas, das que começavam no Don Quijote a meio da tarde, com dinheiro fresco que cheirava ao que se sabia, e continuavam até às tantas, nos téibol-dance da cidade, o Lord Black e o Osiris, com mulheres dançando nuas a cem pesos cada cinco minutos, duzentos e trinta se a coisa decorria nos reservados, antes de amanhecer com whisky Buchanan's e música nortenha, curando a ressaca à força de snifes de coca, enquanto os Huracanes, os Pumas, os Broncos ou qualquer outro grupo, pagos com notas de cem dólares, os acompanhavam cantando corridos - Narices de a gramo, Elpunado de polvo, La muerte de un federal - sobre homens mortos ou sobre homens que iam morrer.

- Onde está? - perguntou Teresa.

O Gato Fierros deu uma gargalhada maligna, desprezível.

- Estás a ouvi-la, Pote?... Pergunta pelo Gúero. Que cena! Continuava apoiado à porta. O outro sicário abanou a cabeça.

Era largo, corpulento, de aspecto sólido, com um espesso bigode preto e marcas escuras na pele, como os cavalos malhados ou pintos. Não parecia tão desembaraçado como o colega e fez o gesto de olhar para o relógio, impaciente.

Ou talvez pouco à vontade. Ao mover o braço, revelou a culatra de um revólver na cintura, sob o casaco de linho.

- O Gúero - repetiu o Gato Fierros, pensativo.

Tinha tirado as mãos dos bolsos e aproximava-se devagarinho de Teresa, que continuava imóvel junto à cabeceira da cama. Ao chegar junto dela, parou novamente, olhando-a.

- Estás a ver, coisa fofa - acabou por dizer. - O teu homem armou-se em esperto.

Teresa sentia o medo enroscado nas entranhas, como uma serpente cascavel. A Situação. Um medo branco, frio, semelhante à superfície de uma lápide.

- Onde está? - insistiu.

Não era ela quem falava, mas uma desconhecida cujas palavras imprevisíveis a sobressaltaram. Uma desconhecida imprudente que ignorava a urgência do silêncio. O Gato Fierros deve ter pressentido alguma coisa do género, porque a olhou admirado por ela conseguir fazer perguntas, em vez de ficar paralisada ou gritar de terror.

- Já não está. Morreu.

A desconhecida continuava agindo por conta própria e Teresa sobressaltou-se quando a ouviu dizer: filhos de uma grande puta. Foi isso que disse, ou o que se ouviu dizer: filhos de uma grande puta, já bem arrependida ainda a última sílaba não lhe saíra dos lábios. O Gato Fierros observava-a com bastante curiosidade e muita atenção. Mas olha como me saiu arisca, disse pensativo.

Que até nos insulta a máuser.

- Essa boquinha... - concluiu, suave.

Depois deu-lhe uma bofetada que a atirou para trás, ao comprido em cima da cama, e ficou a observá-la mais um bocado como se apreciasse a paisagem. Com o sangue a latejar-lhe nas fontes e a cara a arder, atordoada pela pancada, Teresa viu-o fixar o olhar no pacote de pó que estava em cima da mesa-de-cabeceira, agarrar num bocadinho e levá-lo ao nariz. Não está má, disse o sicário. Tem um corte mas é boa como tudo. Depois, enquanto se esfregava com o polegar e o indicador, ofereceu ao colega; mas o outro abanou a cabeça, recusando, e tornou a olhar para o relógio. Não há pressa, mano, comentou o Gato Fierros. Pressa nenhuma, e estou-me cagando para as horas. Olhava novamente para Teresa.

- É uma pessegona, esta cabrita - precisou. - E, além do mais, viuvinha.

Da porta, Pote Gálvez pronunciou o nome do seu companheiro. Gato, disse muito sério. Acabemos. O aludido ergueu uma mão pedindo calma, e sentou-se na borda da cama. Não me lixes, insistiu o outro. As instruções são tal e tal.

Disseram-nos para apagá-la, não para papá-la. De modo que larga o osso e não sejas sacana. Mas o Gato Fierros abanava a cabeça como se não fosse nada com ele.

- Que cena - disse. - Sempre tive vontade de comer esta franga.

Teresa já tinha sido violada outras vezes antes de ser mulher do Gúero Dávila: aos quinze anos, entre vários chavalos de Las Siete Gotas e, mais tarde, pelo homem que a pôs a trabalhar como cambista na calle Juárez. De modo que soube o que a esperava quando o pistoleiro humedeceu mais o sorriso de navalha e lhe desabotoou o botão das calças de ganga. De repente deixou de ter medo. Porque não está a acontecer, pensou precipitadamente. Estou a dormir e é só um pesadelo como tantos outros, que além do mais já vivi antes. Uma coisa que acontece a outra mulher que imagino em sonhos e que se parece comigo mas não sou eu. Posso acordar quando quiser, sentir a respiração do meu homem na almofada, abraçar-me a ele, afundar o meu rosto no seu peito e descobrir que nada disto aconteceu. Também posso morrer enquanto sonho, de um enfarte, de uma paragem cardíaca, do que for. Posso morrer de repente e nem o sonho nem a vida terão importância. Dormir longamente sem imagens nem pesadelos.

Descansar para sempre do que nunca aconteceu.

- Gato - insistiu o outro.

Mexera-se, finalmente, dando alguns passos pelo quarto. O quê?, perguntou.

O Gúero era dos nossos. Bué fixe. Lembra-te: a serra, El Paso, a raia do Bravo.

Os copos. E esta era a garina dele. Enquanto ia dizendo tudo isto, tirava um revólver Python do cinto e apontava-o à testa de Teresa. Afasta-te para não te salpicar, mano, e acabemos. Mas o Gato Fierros tinha outra ideia encasquetada e opunha-se, perigoso e bravo, com um olho posto em Teresa e outro no compadre.

- Vai morrer na mesma - disse - e seria um desperdício. Afastou o Python com uma palmada e Pote Gálvez ficou a olhar alternadamente para Teresa e para ele, indeciso, gordo, com os olhos escuros de receio índio e gatilho nortenho, gotas de suor entre os pêlos do bigode espesso, o dedo afastado do revólver e o cano para cima como se fosse coçar a cabeça com ele. E nessa altura foi o Gato Fierros quem puxou da sua automática, uma Beretta grande e prateada, e a pôs à frente do outro, apontando-a para a cara e dizendo-lhe a rir que ou ele comia também a chavala para ficarem iguais, ou, se era dos que preferiam soprar a

palheta, então que saísse do meio, cabrão, porque, caso contrário, ali mesmo se punham aos tiros como galos de briga. Dessa forma, Pote Gálvez olhou para Teresa com resignação e vergonha; ficou assim um momento e abriu a boca para dizer alguma coisa; mas não disse nada e, em vez disso, colocou devagar o Python à cintura, afastou-se devagar da cama e devagar se dirigiu para a porta, sem se voltar, enquanto o outro sicário continuava a apontar-lhe, trocista, a sua pistola e lhe dizia depois pago-te um Buchanan's, meu velho, para te compensar de agora seres roto. E, ao desaparecer no outro quarto, Teresa ouviu o estrépito de uma pancada, de alguma coisa que se partia, que se quebrava em estilhaços, talvez a porta do armário quando Pote Gálvez a perfurava com um murro simultaneamente poderoso e impotente, que por alguma estranha razão ela agradeceu no seu íntimo. Mas não teve tempo de pensar mais nisso, porque o Gato Fierros já lhe tirava os jeans, ou melhor, os arrancava aos puxões e, levantando-lhe a camisola, lhe acariciava os peitos com violência e lhe metia o cano da pistola entre as coxas como se fosse estoirá-la com ele, e ela deixava-o fazer tudo isto sem um grito ou um gemido, com os olhos muito abertos, olhando para o tecto branco do quarto, rogando a Deus que tudo acontecesse rapidamente e que depois o Gato Fierros a matasse depressa, antes que tudo aquilo deixasse de parecer um pesadelo a meio do sono para se converter no horror sórdido da porca vida.

Era a velha história, a do costume. Acabar assim. Não podia ser de outra forma, apesar de Teresa Mendoza nunca ter imaginado que A Situação cheirasse a suor, a macho no cio, aos copos que o Gato Fierros tinha tomado antes de subir em busca da sua presa. Oxalá acabe, pensava nos momentos de lucidez. Oxalá acabe de uma vez e eu possa descansar. Pensava nisso um instante e depois mergulhava de novo no seu vazio desprovido de sentimentos e de medo. Era demasiado tarde para o medo, porque este sente-se antes das coisas acontecerem e o consolo quando estas chegam é saber que tudo tem um fim. O único verdadeiro medo é que o fim demore demasiado. Mas com o Gato Fierros não ia ser o caso. Arremetia violento, com urgência de acabar e de se vir. Silencioso. Breve. Arremetia cruel, sem contemplações, empurrando-a pouco a pouco para a beira da cama.

Resignada, com os olhos fixos na brancura do tecto, só com relâmpagos de lucidez, vazia a mente enquanto suportava as arremetidas, Teresa deixou cair um braço e tocou no saco aberto no outro lado, no chão.

A Situação pode ter duas direcções, descobriu de súbito. Pode ser Nossa ou De Outros. Foi tal a sua surpresa ao considerar aquilo que, tendo-lhe permitido o homem que a submetia, ter-se-ia sentado na cama, com um dedo levantado, séria e pensativa, para se assegurar.

Vejamos. Consideremos esta variante do assunto. Mas não se podia sentar porque a única coisa livre que tinha era o braço e a mão que, acidentalmente, ao cair dentro do saco, roçava agora o metal frio da Colt Double Eagle que estava lá dentro, entre os maços de notas e a roupa.

Isto não me está a acontecer a mim, pensou. Ou talvez não tenha chegado a pensar nada e se tenha limitado a observar, passiva, essa outra Teresa Mendoza que pensava em seu lugar. O caso é que, quando se deu conta, ela ou a outra mulher a quem espiava tinha fechado os dedos em volta da coronha da pistola. A alça de segurança estava à esquerda, ao pé do gatilho e do botão para ejectar o carregador. Tocou nela com o polegar e sentiu que escorregava para baixo, na vertical, libertando o percussor. Há uma bala na câmara, quis lembrar-se. Há uma bala preparada porque eu a pus aí, na câmara - lembrava-se de um clic-clac metálico - ou talvez julgue apenas tê-lo feito, e não o fiz, e a bala não está lá. Avaliou tudo isto com um calculismo desapaixonado: alça de segurança, gatilho, percussor. Bala. Esta era a sequência apropriada dos acontecimentos, se aquele clic-clac tivesse sido real e não produto da sua imaginação. Caso contrário, o percussor ia bater no vazio e o Gato Fierros teria tempo suficiente para o levar a mal. De qualquer forma, também não piorava nada. Talvez um pouco mais de violência, ou assanhamento, nos últimos instantes. Nada que não estivesse acabado meia hora mais tarde: para ela, para aquela mulher que a observava, ou para as duas ao mesmo tempo. Nada que não deixasse de doer passado pouco tempo. Nesses pensamentos andava quando deixou de olhar para o tecto branco e se deu conta de que o Gato Fierros tinha deixado de se mover e olhava para ela. Então Teresa levantou a pistola e deu-lhe um tiro na cara.

Havia um cheiro acre, a fumo de pólvora, e a detonação ainda retumbava nas paredes do quarto de dormir quando Teresa apertou o gatilho pela segunda vez; mas a Double Eagle tinha saltado para cima ao primeiro tiro, escoiceando tanto com o disparo que o novo chumbo arrancou um palmo de estuque da parede. Por essa altura o Gato Fierros estava estendido contra a mesa-de-cabeceira como se asfixiasse, tapando a boca com as mãos, enquanto, por entre os dedos, lhe saltavam jorros de sangue que também salpicavam os seus olhos esbugalhados de espanto, atarantados pelo clarão que lhe chamuscara o cabelo, as sobrancelhas e as pestanas. Teresa não conseguia saber se ele gritava ou não, porque o estrondo do tiro tão próximo tinha percutido nos tímpanos, ensurdecendo-a. Sentou-se de joelhos sobre a cama, com a camisola arregaçada até ao peito, nua da cintura para baixo, juntando a mão esquerda à direita na coronha da pistola para apontar melhor o terceiro balázio, quando viu aparecer à porta Pote Gálvez, desfigurado e estupefacto. Voltou-se para o olhar como que a meio de um sonho lento e o outro, que levava o revólver metido na cintura, pôs as duas mãos à



frente como se quisesse proteger-se, olhando assustado para a Double Eagle que Teresa apontava agora para ele e, sob o bigode preto, a boca abriu-se-lhe para pronunciar um "não" silencioso, semelhante a uma súplica; embora talvez o que tenha acontecido foi que Pote Gálvez disse de facto "não" em voz alta, e ela não conseguiu ouvi-lo porque continuava surda pelo retumbar dos tiros. Acabou por concluir que devia ser isso, porque o outro continuava movendo os lábios rapidamente, com as mãos estendidas à frente, conciliador, pronunciando palavras cujo som ela também não conseguiu ouvir.

E Teresa ia apertar o gatilho quando se lembrou do ruído do murro no armário, do Python apontado para a sua testa, de o Gúero era dos nossos, Gato, não sejas sacana. E esta era a garina dele.

Não disparou. Aquele ruído dos estilhaços manteve o seu indicador imóvel sobre o gatilho. Sentia frio na barriga e nas pernas nuas quando, sem deixar de apontar para Pote Gálvez, retrocedeu em cima da cama e, com a mão esquerda atirou a roupa, a agenda e a coca para dentro do saco. Ao fazê-lo, olhou de soslaio para o Gato Fierros, que continuava a agitar-se no chão, com as mãos ensanguentadas cobrindo-lhe a cara. Por um instante pensou em voltar para ele a pistola e acabá-lo com um tiro; mas o outro sicário continuava na porta, com as mãos estendidas e o revólver à cintura, e soube com toda a certeza que, se deixasse de lhe apontar a pistola, o tiro recebê-lo-ia ela. De modo que agarrou no saco e, com a Double Eagle bem firme na mão direita, levantou-se afastando-se da cama. Primeiro o Pinto, decidiu-se finalmente, e depois o Gato Fierros. Essa era a ordem correcta, e o ruído dos estilhaços - ela agradecia-o deveras - não bastava para mudar as coisas.

Nesse momento viu que os olhos do homem que tinha à frente liam os seus e que a boca sob o bigode se imobilizou a meio de outra frase - agora era um rumor confuso o que chegava aos ouvidos de Teresa - e, quando ela disparou pela terceira vez, há um segundo que Potemkin Gálvez, com uma agilidade surpreendente para um tipo gordo como ele, se tinha atirado na direcção da porta da rua e das escadas enquanto deitava a mão ao revólver. E ela disparou uma quarta e uma quinta bala antes de compreender que era inútil e que podia ficar sem munições, e também não foi atrás dele porque soube que o sicário não podia ir embora daquela maneira; que ia regressar daí a nada e que a sua própria e escassa vantagem era simples casualidade e acabava de caducar. Dois andares, pensou. E continua sem ser pior do que aquilo que já conheço. De modo que abriu a janela do quarto de dormir, espreitou para o pátio traseiro e avistou árvores baixas e arbustos, lá em baixo, na escuridão. Esqueci-me de aviar aquele cabrão do Gato, pensou, tarde demais, enquanto saltava para o vazio. Depois os ramos e os arbustos arranharam-lhe as pernas, coxas e cara ao cair a meio deles,

e doeram-lhe os tornozelos ao baterem no chão, como se os ossos tivessem partido. Levantou-se a coxear, surpreendida por estar viva, e correu descalça e nua da cintura para baixo, por entre os carros estacionados e as sombras do terreno. Acabou por parar já longe, esbaforida, e acocorou-se até ficar escondida junto de uma cobertura de tijolo meio em ruínas. Além do ardor, dos arranhões e das feridas que tinha feito nos pés ao correr, sentia um ardor incómodo nas coxas e no sexo: a lembrança recente fazia-a, finalmente, estremecer, pois a outra Teresa Mendoza acabava de abandoná-la e restava apenas ela própria sem ninguém a quem espiar de longe. Sem ninguém a quem atribuir sensações e sentimentos. Sentiu um desejo violento de urinar, e pôs-se a fazê-lo tal como estava, agachada e imóvel na escuridão, tremendo como se tivesse febre. Os faróis de um automóvel iluminaram-na por uns instantes: aferrava-se ao saco com uma mão e à pistola com a outra.

## **2. DIZEM QUE O VIU A LEI, MAS QUE SENTIRAM FRIO**

Já disse que andei por Culiacán, Sinaloa, no início da minha investigação, antes de conhecer pessoalmente Teresa Mendoza. Aí, onde há muito tempo o narcotráfico deixou de ser clandestino para se converter num facto social objectivo (1), alguns dólares bem distribuídos deram-me cobertura em ambientes especializados, nesses onde um forasteiro curioso e desprovido de aval pode terminar, da noite para o dia, flutuando no Humaya ou no Tamazula com uma bala na cabeça. Também fiz alguns bons amigos: Júlio Bernal, responsável cultural do município, e o escritor sinaloense Élmér Mendoza, cujos magníficos romances, *Un asesino solitário* e *El amante de Janis Joplin*, tinha lido para me pôr a par. Foram Élmér e Júlio quem melhor me orientou pelos escolhos locais: nenhum deles tinha convivido pessoalmente com Teresa Mendoza no início desta história - nessa altura ela não era ninguém - mas conheceram o Gúero Dávila e outras personagens que, de uma forma ou de outra, moveram os fios desta trama.

*\*(1) Alusão à letra de um corrido. As forças da lei vêem e sabem, mas o medo (o frio) faz com que não se atrevam a agir. (N. da T.)*

Assim averigui uma boa parte do que agora sei. Em Sinaloa é tudo uma

questão de confiança. Num mundo duro e complexo como aquele, as regras são simples e não há lugar para equívocos. Somos apresentados a alguém por um amigo em quem esse alguém confia, e esse alguém passa a confiar em nós porque confia em quem nos avaliza. Depois, se alguma coisa corre mal, o avalista responde com a sua vida, e nós com a nossa. Bang, bang. Os cemitérios do noroeste mexicano estão cheios de lápides com nomes de pessoas em quem alguém confiou uma vez.

Numa noite de música e fumo de cigarros no Don Quijote, bebendo cerveja e tequila depois de ouvir as anedotas porcas do cómico Pedro Valdez - precediam-no o ventríloquo Enrique e Chechito, o seu boneco agarrado à coca -, Élmer Mendoza inclinou-se sobre a mesa e apontou para um tipo corpulento, moreno, de óculos, que bebia rodeado por um grupo numeroso, desses que mantêm os casacos e os blusões vestidos como se tivessem frio em todo o lado: botas de serpente ou avestruz, cintos bordados de mil dólares, chapéus de palma, bonés de basebol com o emblema dos Tomateros de Culiacán e muita corrente de ouro ao pescoço e nos pulsos. Tínhamo-los visto sair de dois Ram Cbarger e entrar como quem entra na sua casa, sem que o porteiro, que os cumprimentou subserviente, lhes exigisse a formalidade habitual de se deixarem revistar como o resto dos clientes.

- É César Batman Gúemes - disse Élmer em voz baixa. - Um narco famoso.

- Tem corridos?

- Alguns... - o meu amigo ria-se, a meio da bebida. - Ele matou o Gúero Dávila.

Fiquei boquiaberto, olhando para o grupo: caras morenas e traços duros, muito bigode e perigo notório. Eram oito, estavam ali há quinze minutos e tinham dado cabo de vinte e quatro latas de cerveja. Agora acabavam de pedir duas garrafas de Buchanan's e outras duas de Remy Martin, e as bailarinas, coisa insólita no Don Quijote, vinham juntar-se-lhes ao saírem da pista. Um grupo de homossexuais de cabelo pintado de louro - o local florescia de gays ao fim da noite, e ambas as clientelas se misturavam sem problemas - dirigia olhares insinuantes da mesa contígua. O tal Gúemes sorria-lhes trocista, armado em macho, e depois chamava o empregado para lhes pagar as bebidas. Coexistência pacífica pura.

- Como sabes?

- Ora, Culiacán inteiro sabe-o.

Quatro dias depois, graças a uma amiga de Júlio Bernal que tinha um sobrinho relacionado com o negócio, César Batman Gúemes e eu tivemos uma conversa estranha e interessante.

Tinham-me convidado para um churrasco numa casa das colinas de San

Miguel, na parte alta da cidade. Aí, os narcos júnior - a segunda geração -, menos ostentosos do que os pais que tinham vindo da serra, primeiro para o bairro de Tierra Blanca e depois tomando de assalto as mansões espetaculares do bairro Chapultepec, começavam a investir em casas de aspecto discreto, cujo luxo se reservava para a família e para os amigos, portas adentro. O sobrinho da amiga do Júlio, filho de um narco histórico de San José de los Hornos, daqueles que, na sua juventude, andaram aos tiros com polícias e bandos rivais - cumpria agora uma cómoda condenação na prisão de Puente Grande, Jalisco -, tinha vinte e oito anos e chamava-se Ernesto Samuelson. Cinco dos seus primos e um irmão mais velho tinham sido mortos a tiro por outros narcos, ou pelos federais, ou pelos soldados, e ele aprendeu depressa a lição: estudos de Direito nos Estados Unidos, negócios no estrangeiro e nunca em território nacional, dinheiro branqueado numa respeitável companhia mexicana de reboques e em viveiros panamenses de camarão. Vivia numa casa de aparência discreta com a mulher e os dois filhos, conduzia um sóbrio Audi europeu, e passava três meses por ano num desprezioso apartamento de Miami, com um Golf na garagem.

Desta forma vive-se mais tempo, costumava dizer. Neste ofício, o que mata é a inveja.

Foi Ernesto Samuelson quem me apresentou César Batman Gúemes sob a cobertura de folhas de palmeira e cana do seu jardim, com uma cerveja numa mão e um prato com carne demasiado bem passada na outra. Escreve romances e filmes, disse, e deixou-nos sós. Batman Gúemes falava baixinho e suavemente, com longas pausas que utilizava para nos observar de cima a baixo. Nunca lera um único livro em toda a sua vida, mas adorava cinema. Falámos de Al Pacino - Scarface, que no México se chamou Cara Cortada, era o seu filme preferido -, de Robert de Niro - Tudo Bons Rapazes e Casino - e de como os realizadores e guionistas de Hollywood, esses filhos da puta, nunca mostravam um narco gringo e louro; em vez disso eram todos Sánchez, nascidos a sul do Rio Bravo. Aquilo do narco louro facilitou-me a vida, de modo que deixei cair o nome do Gúero Dávila.

E, enquanto o outro me olhava, através das lentes dos seus óculos, com muita atenção e muito silêncio, rematei acrescentando o de Teresa Mendoza. Estou a escrever a história dela, concluí, consciente de que em certos lugares e com um certo tipo de homens, as mentiras explodem-nos sempre na mão. E o Batman Gúemes era tão perigoso, tinham-me avisado, que, quando subia à serra, os coiotes acendiam fogueiras para que ele não se aproximasse.

- Já passou um ror de tempo - disse.

Calculei-lhe menos de cinquenta anos. Tinha a pele muito morena e um rosto imperscrutável de marcados traços nortenhos. Mais tarde soube que não era

sinaloense mas de Álamos, Sonora, conterrâneo de Maria Félix, e que tinha começado como pollero (2) e passador, levando emigrantes, erva e pó do cartel de Juárez num camião de que era proprietário, antes de ascender na hierarquia: primeiro como homem de mão do Senhor dos Céus, e depois como proprietário de uma companhia de reboques e de outra de avionetas privadas que fez contrabando entre a sierra Nevada e a Califórnia, até os norte-americanos fortalecerem o espaço aéreo e fecharem quase todos os buracos do seu sistema de radar. Agora vivia mais tranquilo, das poupanças investidas em negócios seguros e do controlo de algumas aldeias camponesas de produção de coca, serra adentro, quase na fronteira de Durango. Tinha um bom rancho para os lados de El Salado, com quatro mil cabeças: do Brasil, Angus, Bravo. Também criava cavalos de raça para as corridas e galos de luta que lhe davam uma pipa de massa em Outubro ou Novembro, nas arenas da feira do gado.

- Teresa Mendoza - murmurou, passado um bocado.

Abanava a cabeça ao dizê-lo, como se a evocação fosse divertida. Depois bebeu um gole enorme de cerveja, mastigou um bocado de carne e tornou a beber.

*\*(2) Pessoa que introduz emigrantes ilegais nos Estados Unidos. (N. da T.)*

Continuava a olhar-me fixamente atrás dos óculos, um pouco trocista, dando a entender que não via inconveniente em comentar uma coisa tão antiga, e que o risco de fazer perguntas em Sinaloa era exclusivamente meu. Falar dos mortos não acarretava problemas - os narcocorridos estavam cheios de nomes e de histórias reais -; perigoso era apontar o dedo aos vivos, com o risco de alguém nos confundir com um linguarudo ou com um chibo. E eu, aceitando as regras do jogo, olhei para a âncora de ouro - pouco mais pequena que a do Titanic - suspensa da grossa corrente que brilhava sob o colarinho aberto da sua camisa aos quadrados, e fiz sem mais rodeios a pergunta que me queimava a boca desde que Élder Mendoza me tinha falado nele há quatro dias, no Don Quijote. Disse o que tinha de dizer, depois ergui os olhos, e o tipo continuava a observar-me na mesma. Ou simpatiza comigo, pensei, ou vou ter problemas. Passados alguns segundos bebeu outro gole de cerveja sem deixar de me olhar. Deve ter simpatizado comigo porque acabou por sorrir um pouco, apenas o imprescindível. É para um filme ou para um romance? - perguntou.

Respondi que ainda não sabia. Que talvez para os dois. Nessa altura ofereceu-me uma cerveja, foi buscar outra para ele, e começou a contar a traição do Gúero Dávila.

Não era mau tipo, o Gúero. Corajoso, cumpridor, bem-parecido. Com um ar

à Luis Miguel, mas mais magro e mais duro. E muito borguista. Muito simpático.

Raimundo Dávila Parra gastava o dinheiro que ganhava, ou quase, e era generoso com os amigos. César Batman Gúemes e ele tinham amanhecido muitas vezes ao som de música, álcool e mulheres, festejando operações de sucesso. Chegaram a ser íntimos por uns tempos, bem broders ou manos, como diziam os sinaloenses.

O Gúero era chicano (3), tinha nascido em San António, Texas. E começou muito jovem, transportando erva escondida em automóveis para a União Americana.

Tinham feito juntos mais de uma viagem por Tijuana, Mexicali ou Nogales, até os camones lhe aplicarem uma pena numa cadeia lá de cima. Depois o Gúero encasquetou que queria voar: tinha estudos e pagou as aulas de aviação civil na antiga escola do bulevar Zapata. Como piloto era bom - o melhor, reconheceu Batman Gúemes abanando a cabeça com convicção -, dos que têm tomates, homem adequado para aterragens e descolagens clandestinas nas pequenas pistas ocultas da serra, ou para voos a baixa altitude evitando os radares do Sistema Hemisférico que controlava as rotas aéreas entre a Colômbia e os Estados Unidos.

*\*(3) Norte-americano de origem mexicana. (N. da T.)*

A verdade é que o Cessna parecia um prolongamento das mãos dele e da sua têmpera: aterrava em qualquer sítio e a qualquer hora, e isso trouxe-lhe fama, massa e respeito. A malta culicbi (4) chamava-o, justamente, o rei da pista curta.

Até Chalino Sánchez, que também foi seu amigo, lhe prometeu dedicar um corrido com esse nome: O Rei da Pista Curta. Mas a Chalino limpavam-lhe o sebo antes do tempo - consoante os ambientes, Sinaloa era bastante insalubre - e o Gúero ficou sem canção. De qualquer forma, com corrido ou sem ele, nunca lhe faltou trabalho. O padrinho dele era don Epifanio Vargas, um dealer veterano da serra, com boas cunhas, duro e justo, que controlava a Nortena de Aviación, uma companhia privada de Cessnas, Piper Comanche e Navajo. Com a cobertura da Nortena, o Gúero Dávi-la esteve a fazer voos clandestinos de duzentos ou trezentos quilos antes de participar nos grandes negócios da era dourada, quando Amado Carrillo ganhou a alcunha de Senhor dos Céus organizando a maior ponte aérea da história do narcotráfico entre a Colômbia, Baixa Califórnia, Sinaloa, Sonora, Chihuahua e Jalisco. Muitas das missões que o Gúero levou a cabo nessa época foram de diversão, actuando como chamariz nos ecrãs de radar terrestre e no dos aviões Orion a abarrotar de tecnologia e com tripulações

mistas, gringas e mexicanas. E isso da diversão não era apenas um termo técnico, porque o gajo adorava. Ganhou uma pipa arriscando a pele em voos limite, de noite e de dia: manobras estranhas, aterragens e descolagens em dois palmos de terra e em lugares inverosímeis, desviando a atenção para longe dos grandes Boeing, Caravelles e DC8 que, comprados em regime de cooperativa pelos traficantes, transportavam numa só viagem de oito a doze toneladas com a cumplicidade da polícia, do Ministério da Defesa e da própria presidência do Governo mexicano. Eram os tempos felizes de Carlos Salinas de Gortari, com os narcos traficando à sombra de Los Pinos; tempos muito felizes também para o Gúero Dávila: avionetas vazias, sem carga pela qual fosse responsável, brincando ao gato e ao rato com adversários que nem sempre era possível comprar totalmente.

*\*(4) De Culiacán. (N. da T.)*

Voos onde rifava a vida em cara ou coroa, ou numa longa condenação se o agarrassem do lado gringo.

Naquele tempo, César Batman Gúemes, que tinha literalmente os pés na terra, começava a prosperar na máfia sinaloense. Os grupos mexicanos emancipavam-se dos fornecedores de Medellín e de Cali, subindo as taxas, fazendo-se pagar cada vez com maiores quantidades de coca, e comercializando eles a droga colombiana que antes transportavam. Isso facilitou a ascensão de Batman na hierarquia local; e após alguns sangrentos ajustes de contas para estabilizar mercado e concorrência - alguns dias amanheceram com doze ou quinze mortos próprios ou alheios - e a colocação na lista de pagamentos do maior número possível de polícias, militares e políticos, incluindo alfandegários e da emigração americana, os pacotes com a sua marca - um morcego pequenino - começaram a atravessar em reboques o rio Bravo. Tanto se encarregava de chamon como de coca ou de marijuana. Vivo de três animais - dizia a letra de um corrido que, contavam, mandou fazer para si a um grupo nortenho da calle Francisco Villa -, miperico, migallo y mi chiva (5). Quase na mesma época, don Epifanio Vargas, que até essa altura tinha sido patrão do Gúero Dávila, começava a especializar-se em drogas com futuro, como o crack e o ecstasy: laboratórios próprios em Sinaloa e Sonora, e também do outro lado da raia gringa. Que se lá os camones querem montar, eu mesmo lhes forneço o cavalo. Em poucos anos, quase sem tiros e com muito pouco recurso ao cemitério, quase de luva branca, Vargas conseguiu transformar-se no primeiro magnata mexicano de precursores para drogas sintéticas como a efedrina, que importava sem problemas da Índia, China e Tailândia, e num dos principais produtores de

raetanfetaminas de um lado e de outro da fronteira. Também começou a meter-se em política. Com os negócios legais à vista e os ilegais camuflados sob a capa de uma sociedade farmacêutica com apoio estatal, a coca e a Nortena de Aviación estavam a mais.

*\*(5) Vivo de três animais, o meu periquito, o meu galo e a minha cabra; que, no calão da droga mexicano, significa cocaína, marijuana e heroína. Referência a um corrido famoso de Los Tucanes de Tijuana "Mis três animales". (N. da T.)*

De modo que vendeu a companhia aérea a Batman Gúemes e, com ela, mudou de dealer o Gúero Dávila que, mais ainda que ganhar dinheiro, queria era continuar a voar. Nessa altura já o Gúero tinha comprado uma casa de dois andares no bairro de Las Quintas, em vez da velha Bronco preta conduzia outra com placa do ano, e vivia com Teresa Mendoza.

Aí as coisas começaram a descambar. Raimundo Dávila Parra não era um tipo discreto. Viver muito não fazia o seu género, de maneira que preferia lixar tudo bem depressa. Estava-se a cagar para tudo, como diziam os da serra; e, entre outras coisas, foi a boca que o perdeu; boca que, ao fim e ao cabo, até os tubarões leva à desgraça. Armava-se em mete nojo alardeando o feito e o por fazer. É melhor, costumava dizer, cinco anos como rei que cinquenta como boi. Dessa forma, passo a passo, começaram a chegar rumores aos ouvidos de Batman Gúemes. O Gúero encafuava carga própria entre a alheia, aproveitando as viagens para negócios pessoais. A mercadoria era fornecida por um ex-polícia chamado Guadalupe Parra, também conhecido por Lupe el Chino, ou Chino Parra, que era seu primo direito e tinha contactos. Regra geral tratava-se de coca confiscada pela judiciária que agarrava vinte e declarava cinco, dando vazão ao resto. Isso era péssimo - não o da judiciária, mas o Gúero fazer negócio privado - , porque já cobrava uma pipa pelo seu trabalho, regras são regras, e ter esquemas privados, em Sinaloa e nas costas dos patrões, era a forma mais eficaz de arranjar problemas.

- Quando se vive torto - pontificou o Batman Gúemes naquela tarde, com a cerveja numa mão e o prato de carne grelhada na outra - é preciso trabalhar direito.

Resumindo: o Gúero cantava demasiado e o gandulo do primo não era nenhuma luminária. Chunga, grunho, estúpido, o Chino Parra era dessas abéculas a quem se encomenda um camião de coca e trazem um camião de Pepsi. Tinha dívidas, precisava de uma snifada de meia em meia hora, adorava carros grandes e tinha a mulher e os três catraios instalados numa casa de muito luxo na parte mais ostentosa de Las Quintas. Aquilo era juntar-se a fome com a



vontade de comer: as milenas desapareciam assim que chegavam. De modo que os primos decidiram montar uma operação própria, à grande: o transporte de certa carga que a judiciária tinha escondida em El Salto, Durango, e que tinha arranjado compradores em Obregón. Como de costume, o Gúero voou sozinho.

Aproveitando uma viagem a Mexicali com catorze latas de banha de porco cheias, cada uma delas, com vinte quilos de cavalo, fez um desvio para ir buscar cinquenta da fina, toda bem empacotadinha nos seus plásticos. Mas alguém o denunciou, e outro alguém decidiu cortar as vasas ao Gúero.

- Que alguém?

- Não me lixe. Alguém.

A esparrela, continuou a contar o Batman Gúemes, foi montada na própria pista de aterragem, às seis da tarde - a exactidão da hora teria ficado bem naquele corrido que o Gúero desejava e que o defunto Chalino Sánchez nunca compôs -, perto de um lugar da serra conhecido como El Espinazo del Diablo. A pista tinha apenas trezentos e doze metros e o Gúero, que a sobrevoou sem ver nada suspeito, acabava de deixar cair o seu Cessna 172R com full flaps, fazendo soar a buzina de perda, quase tão vertical como se descesse em pára-quedas, e fazia o primeiro trecho a uma velocidade de quarenta nós, quando viu dois camiões e gente que não devia estar ali, camuflada sob as árvores. De modo que em vez de usar os travões deu-lhe gás, acelerando, e puxou a alavanca. Talvez tivesse conseguido, e alguém disse mais tarde que, quando começaram a disparar sobre ele carregadores inteiros de R-15 e cornos de bode, já tinha conseguido levantar as rodas do chão. Mas todo aquele chumbo era lastro a mais, e o Cessna foi embater a coisa de cem passos para lá da pista. Quando lá chegaram, embora a respiração fosse fraca, o Gúero ainda estava vivo entre os restos retorcidos da cabina: tinha a cara ensanguentada, a mandíbula desfeita por um tiro e os ossos estilhaçados espreitavam para fora das extremidades. Já não ia durar muito, mas as instruções eram para o matar devagar. De modo que tiraram a droga da avioneta e depois, como nos filmes, atiraram-lhe um isqueiro aceso para a gasolina de 100 octanas que jorrava do depósito roto. Fluoossss. A verdade é que o Gúero já quase não deu conta de nada.

Quando se vive torto, repetiu César Batman Gúemes, não há outra forma senão trabalhar direito. Desta vez disse-o em jeito de conclusão, num tom pensativo, deixando o prato vazio sobre a mesa. Depois estalou a língua, acabou o resto da cerveja e olhou para a etiqueta amarela onde se lia Cervecería del Pacífico S.A. Tinha estado a falar durante todo esse tempo como se a história que acabava de me contar não tivesse nada a ver com ele e fosse alguma coisa ouvida aqui e ali. Uma coisa do domínio público. E calculei que o fosse.

- O que se passa com Teresa Mendoza? - aventurei. Olhou-me receoso atrás

dos óculos, interrogando sem palavras o que se passa acerca de quê. Perguntei sem rodeios se ela estava implicada nas manobras do Gúero e negou sem hesitar. Nem pensar, disse. Naquele tempo era uma entre muitas: novinha, calada. A garina de um narco. Com a diferença de que não pintava o cabelo de louro nem era dessas peruas que gostam de se armar. Quanto ao resto, acrescentou, aqui as mulheres costumam ocupar-se dos seus assuntos: cabeleireiro, telenovelas, Juan Gabriel e música nortenha, compras de três mil dólares no Sercha's e no Coppel, onde a sua reputação vale mais que o dinheiro. Já sabe... O repouso do guerreiro. Tinha ouvido coisas, claro. Mas não tinha nada a ver com os esquemas do seu homem.

- Nesse caso, para quê ir atrás dela?

- E eu sei lá.

De repente estava sério, e mais uma vez receei que a conversa tivesse acabado.

Mas, passado pouco tempo, encolheu os ombros. Aqui há regras, comentou. Uma pessoa não as escolhe, já as encontra feitas quando entra. É tudo uma questão de reputação e de respeito. É como os tubarões. Se fraquejamos ou sangramos, os outros caem-nos em cima. Isto é fazer um pacto com a morte e com a vida: xis anos como um senhor. Digam o que disserem, o dinheiro sujo mata a fome tal como o limpo. Além disso, proporciona luxo, música, vinho e mulheres.

Depois morre-se depressa, e acabou-se. Poucos narcos se reformam e a saída natural é a prisão ou o cemitério; excepto os que têm muita sorte ou os que são muito espertos e sabem desmontar a tempo, como Epifanio Vargas, por exemplo, que chegou onde queria comprando meia Sinaloa e matando a outra meia, depois armou-se em farmacêutico e agora anda na política. Mas isso é raro.

Aqui a maralha desconfia de quem, estando há muito tempo no negócio, continua no activo.

- No activo ?

- Vivo.

Deixou-me meditar nisto uns três segundos. Dizem, acrescentou depois, os que sabem e dão o litro - sublinhava muito o dizem e o os -, que mesmo quem é bom e recto no seu trabalho, muito sério e cumpridor, acaba mal. A maralha chega, entra facilmente, prefere-te a outros, sobes sem querer e nessa altura os adversários vão atrás de ti. Por isso qualquer passo em falso se paga caro.

E ainda por cima, quanto mais pessoas amares ou tiveres, mais vulnerável ficas.

Aí está o caso de outro lourinho famoso, com corridos, Héctor Palma, a quem um antigo sócio, por discordâncias, sequestrou e torturou a família,

contam, e no dia do seu aniversário enviou-lhe por correio uma caixa com a cabeça da mulher. Rapibirdi tu-yú. Quando se vive no fio da navalha ninguém se pode permitir esquecer-se das regras. Foram as regras que condenaram o Gúero Dávila.

E era um bom tipo, dou-lhe a minha palavra. Um tipo fino. Um amigalhaço, o compadre. Valente, dos que arriscam a alma e morrem em qualquer lugar. Um pouco linguarudo e ambicioso, como viu, mas em nada diferente do melhor que por aqui há. Não sei se me compreende. Quanto a Teresa Mendoza, era a mulher dele.

Inocente ou não, as regras também a incluíam.

Santa Virgenzinha. Santo Padroeiro. A pequena capela de Malverde estava às escuras. Apenas uma lanterninha brilhava sobre o pórtico, aberto a qualquer hora do dia ou da noite e, pelas janelas, filtrava-se a luz avermelhada de algumas velas acesas diante do altar. Teresa estava há muito tempo imóvel na escuridão, escondida junto do tapume que separava a deserta calle Insurgentes da linha de caminho-de-ferro e do canal. Tentava rezar e não conseguia; outras coisas lhe ocupavam a cabeça. Tinha demorado muito a decidir fazer o telefonema. Avaliando as possibilidades. Depois foi andando até ali, observando com muita cautela os arredores, e agora esperava, com a brasa de um cigarro escondida na concavidade da mão. Meia hora, tinha dito don Epifanio Vargas. Teresa não levava relógio e era-lhe impossível calcular o tempo decorrido. Sentiu um vazio no estômago e tentou apagar o cigarro a toda a pressa quando um carro da polícia passou lentamente, na direcção do bulevar Zapata: silhuetas escuras de dois guardas nos bancos da frente, o rosto da direita mal iluminado, visto e não visto, pela luzinha da capela.

Teresa retrocedeu procurando a escuridão. Não era apenas estar fora da lei.

Em Sinaloa, como no resto do México, desde o guarda à procura da gorja - blusão fechado para não vermos o número da placa - até ao superior que todos os meses recebe um maço de dólares do narcotráfico, conviver com a lei era às vezes meter-se na boca do lobo.

Aquela oração inútil que nunca mais acabava. Santa Virgenzinha. Santo Padroeiro. Começara-a seis ou sete vezes, sem nunca a acabar. A capela do bandido Malverde trazia-lhe demasiadas lembranças relacionadas com o Gúero Dávila. Talvez por isso, quando don Epifanio Vargas acedeu por telefone ao encontro, ela tenha mencionado aquele sítio, quase sem pensar. Inicialmente, don Epifanio propôs-lhe que fosse até ao bairro Chapultepec, perto da sua casa; mas isso significava atravessar a cidade e uma ponte sobre o Tamazula.

Demasiado arriscado. E embora não tenha referido nenhum pormenor do que acontecera, apenas que andava fugida e que o Gúero lhe dissera que se pusesse

em contacto com don Epifanio, este compreendeu que as coisas estavam más, ou pior. Quis tranquilizá-la: não te preocupes, Teresita, já nos encontramos, não te aflijas e não saias daí. Esconde-te e diz-me onde. Chamava-a sempre Teresita quando a encontrava com o Gúero na marginal, nos restaurantes de praia em Altata, numa festa ou comendo callos de hacha, ceviche de camarão e jaiba recheada aos domingos, em Los Arcos. Chamava-a Teresita, dava-lhe um beijo e até a tinha apresentado uma vez à mulher e aos filhos. E embora don Epifanio fosse um homem inteligente e de poder, com mais massa do que o Gúero conseguiria juntar em toda a sua vida, era sempre amável com ele e continuava a chamá-lo afilhado, como nos velhos tempos; uma vez, pelo Natal, o primeiro Natal de Teresa como namorada, don Epifanio chegara a mandar-lhe flores, uma pequena esmeralda colombiana muito bonita com um fio de ouro, e um maço de dez mil dólares para oferecer alguma coisa ao seu homem, uma surpresa, e com o resto comprar para ela o que quisesse. Por isso Teresa lhe tinha telefonado esta noite e guardava para ele aquela agenda do Gúero que a queimava, e esperava quieta na escuridão a alguns passos da capela de Malverde. Santa Virgenzinha, Santo Padroeiro. Porque só te podes fiar em don Epi, garantia-lhe o Gúero.

É um homem justo e um cavalheiro, foi um bom chefe e, além disso, é meu padrinho. Gúero de merda. Tinha dito isso antes que tudo fosse para a puta que o pariu e tocasse aquele telefone que nunca devia ter tocado, e ela se visse no estado em que se via. E oxalá, murmurou, ardas no inferno. Cabrão. Por me pões na fogueira como me puseste. Agora sabia que não podia fiar-se em ninguém; nem sequer em don Epifanio. Por isso marcara o encontro ali, quase sem pensar, embora lá no fundo pensando. A capela era um sítio tranquilo, aonde podia chegar escondida entre as linhas do comboio que seguiam a margem do canal, e vigiar a rua de um lado e de outro, não se desse o caso de o homem que a chamava Teresita e que lhe ofereceu dez mil dólares e uma esmeralda no Natal não vir sozinho, ou de o Gúero ter falhado nos seus cálculos, ou de a sua coragem desaparecer e - no melhor dos casos, se conseguisse - desatar novamente a correr.

Lutou com a tentação de acender outro cigarro. Santa Virgenzinha. Santo Padroeiro. Através das janelas podia ver as velas que iluminavam o interior da capela. O santo Malverde tinha sido em vida mortal Jesus Malverde, o bom bandido que roubava aos ricos, diziam, para ajudar os pobres. Os padres e a autoridade nunca o reconheceram santo; mas os padres e a autoridade não percebiam nada dessas coisas, e o povo canonizou-o por conta própria. Após a sua execução, o Governo tinha ordenado que não se desse sepultura ao corpo, para servir de exemplo; mas as pessoas que passavam naquele sítio iam colocando pedras, só uma de cada vez para não desobedecer, até que, dessa

forma, lhe foi dada sepultura cristã, e mais tarde se fez a capela e o resto. Entre os gajos da pesada de Culiacán e de Sinaloa no geral, Malverde era mais popular e milagroso que o próprio Deus ou que a Virgem de Guadalupe. A capela estava cheia de placas e ex-votos agradecendo os milagres: cabelo de bebê por um parto feliz, camarões em álcool por uma boa pesca, fotografias, imagens. Mas o santo Malverde era sobretudo o padroeiro dos narcos sinaloenses, que acorriam a pedir o seu amparo e a agradecer, com donativos e placas gravadas ou escritas à mão depois de cada regresso feliz e de cada negócio lucrativo. Obrigado padroeirinho por me tirares da cadeia, podia ler-se, colado à parede, junto da imagem do santo - moreno, bigodudo, vestido de branco e com um elegante lenço preto de seda ao pescoço -, ou Obrigado por aquilo que tu sabes.

Os tipos mais duros, os piores criminosos da planície e da serra, andavam com a fotografia dele nos cintos, em escapulários, bonés de basebol e carros, benziam-se ao falar dele, e muitas mães iam rezar à capela quando os seus filhos faziam a primeira viagem, estavam na cadeia ou metidos nalgum sarilho. Havia pistoleiros que colavam a imagem de Malverde nas coronhas da pistola ou na culatra das automáticas. E até o Gúero Dávila, que dizia não acreditar nessas coisas, tinha no painel de comandos da avioneta uma fotografia do santo com moldura de cabedal e com a oração Deus avencoe o meu caminho e permita o meu regresso: tal e qual, com erro de ortografia incluído. Teresa comprara-a ao encarregado da capela depois de, no início e durante algum tempo, acorrer às escondidas para acender velas quando o Gúero passava dias sem voltar para casa.

Fez isto até ele ter descoberto, proibindo-a de voltar a fazê-lo. Superstições idiotas, pretinha. Que coisa! Não gosto que a minha mulher faça figuras ridículas. Mas no dia em que ela lhe levou a fotografia com a oração, não disse nada, nem sequer troçou, e colocou-a no painel do Cessna.

Quando os faróis se apagaram depois de iluminarem a capela com dois lampejos longos, Teresa já apontava a Double Eagle para o carro. Tinha medo, mas isso não a impedia de pesar os prós e os contras, avaliando as aparências sob as quais o perigo podia apresentar-se. A sua cabeça, tinham descoberto em tempos aqueles que a empregaram como cambista diante do mercadinho Buelna, era bastante dotada para o cálculo:  $A + B$  igual a  $X$ , mais  $Z$  probabilidades para a frente e para trás, multiplicações, divisões, adições e subtracções. E isso colocava-a novamente diante da Situação. Tinha decorrido pelo menos cinco horas desde que o telefone tocara na casa de Las Quintas, e umas duas desde o primeiro disparo na cara do Gato Fierros. Paga a quota de horror, de perplexidade, agora todos os recursos do seu instinto e da sua inteligência estavam concentrados em mantê-la viva. Por isso a mão não lhe tremia. Por isso

queria rezar, sem o conseguir, e em vez disso recordava com absoluta precisão que tinha gasto cinco balas, que lhe restava uma na câmara e dez no carregador, que o coice da Double Eagle era muito forte para ela, e que da próxima vez devia apontar um pouco abaixo do alvo se não quisesse falhar o tiro; com a mão esquerda, não sob a coronha como nos filmes, mas em cima do pulso direito, pressionando-o em cada tiro. Aquela era a última oportunidade e ela sabia-o. O seu coração a bater devagar, o sangue a circular calmamente e os sentidos alerta, marcaria a diferença entre estar viva ou estar estendida no chão daí a uma hora. Por isso dera duas snifadas rápidas do pacote que trazia na bolsa. E por isso, quando apareceu a Suburban branca, tinha afastado instintivamente os olhos para a luz não a ofuscar; e agora olhava novamente por cima da arma, com um dedo no gatilho, a respiração suspensa, atenta ao primeiro indício de que alguma coisa estivesse mal parada. Pronta para disparar contra quem quer que fosse.

As portas bateram. Susteve a respiração. Uma, duas, três. Fosca-se. Três silhuetas masculinas de pé junto ao carro, iluminadas em contraluz pelos candeeiros da rua. Optar. Tinha julgado estar a salvo disso, à margem, enquanto alguém o fazia por ela. Tem calma, pretinha - aquilo era ao princípio. - Limita-te a amar-me que eu me ocupo do resto. Era doce e cómodo. Era enganosamente seguro acordar de noite e ouvir a respiração tranquila do Homem.

Nessa altura, nem sequer o medo existia; porque o medo é filho da imaginação, e ali só havia horas felizes que passavam como um bolero bonito ou a água mansa.

E era fácil a cilada: o riso dele quando a abraçava, os lábios que lhe percorriam a pele, a boca sussurrando palavras ternas ou atrevidas bem lá em baixo, entre as suas coxas, muito perto e bem lá dentro, como se fosse ficar ali para sempre - se vivesse o bastante para esquecer, aquela boca seria a última coisa que ela esqueceria. Mas ninguém fica para sempre. Ninguém está a salvo e toda a segurança é perigosa. De repente acordamos com a evidência de que é impossível furtar-se à própria vida; de que a existência é caminho, e que caminhar implica opções contínuas. Ou isto ou aquilo. Com quem vivemos, quem amamos, quem matamos. Quem nos mata. Querendo ou sem querer, cada um percorre os seus próprios passos. A Situação. No fim de contas, optar. Após um momento de hesitação, apontou a pistola para a maior e mais corpulenta das três silhuetas masculinas. Era um alvo melhor e, além disso, era o chefe.

- Teresita - disse don Epifanio Vargas.

Aquela voz conhecida, tão familiar, revolveu alguma coisa dentro dela.

Sentiu que as lágrimas - era demasiado jovem e julgava-as já impossíveis - lhe toldavam a vista. Inesperadamente tornou-se frágil; quis compreender porquê e nesse empenho também se lhe fez tarde para o evitar. Cadela de um

raio, disse para consigo. Maldita cabra estúpida. Se alguma coisa correr mal, lixaste-te. As luzes longínquas da rua despedaçavam-se-lhe diante dos olhos e tudo se tornou confusão de reflexos líquidos e de sombras. De súbito deixou de ter à sua frente alguma coisa para onde apontar. De modo que baixou a pistola.

Por uma lágrima, pensou, resignada. Agora podem matar-me por uma reles lágrima.

- São tempos difíceis.

Don Epifanio Vargas aspirou longamente o charuto cubano e ficou a olhar para a brasa, pensativo. Na penumbra da capela, as velas e lamparinas acesas iluminavam o seu perfil mestiço, com o cabelo muito preto, espesso e penteado para trás, o bigode nortenho corroborando um físico que, a Teresa, lhe fazia lembrar sempre o de Emilio Fernández ou Pedro Armendáriz nos velhos filmes mexicanos que passavam na televisão. Devia andar pelos cinquenta e era grande e entroncado, com umas mãos enormes. Com a esquerda segurava o havano, com a direita a agenda do Gúero.

- Antes, pelo menos, respeitávamos as crianças e as mulheres. Abanava a cabeça, evocador e triste. Teresa sabia que esse antes remontava ao tempo em que, sendo um jovem camponês de Santiago de los Caballeros e farto de passar fome, Epifanio Vargas trocou a junta de bois e os campos de milho e feijão pelas matas de marijuana, debulhou sementes para limpar a liamba, arriscou a vida vendendo e tirou-a a todos os que pôde, e no fim passou da serra à planície, instalando-se em Tierra Blanca quando as redes de contrabandistas sinaloenses começavam a encaminhar para o norte, juntamente com as suas placas de maconha, os primeiros pozinhos brancos que chegavam de barco e de avião da Colômbia. Para os homens da geração de don Epifanio que, depois de atravessar o Bravo a nado com fardos às costas, viviam agora em herdades luxuosas do bairro Chapultepec e tinham filhos betinhos que frequentavam colégios de luxo conduzindo os seus próprios automóveis ou estudavam em universidades norte-americanas, aquele foi o tempo longínquo das grandes aventuras, dos grandes riscos e das grandes riquezas feitas da noite para o dia: uma operação com sorte, uma boa colheita, um carregamento afortunado. Anos de perigo e de dinheiro marcando uma vida que, na serra, nunca passaria de uma existência miserável. Vida intensa e, com frequência, curta; porque só os mais duros desses homens conseguiram sobreviver, estabelecer-se e delimitar o território dos grandes cartéis da droga. Anos em que estava tudo por definir.

Quando ninguém ocupava um lugar sem empurrar outros e em que o erro ou o fracasso se pagavam de imediato. Mas pagava-se com a própria vida. Nem mais nem menos.

- Também foram a casa do Chino Parra - comentou don Epifanio. - Disseram

no noticiário há pouco. Mulher e três filhos... - a brasa do havano voltou a brilhar quando lhe deu outra chupada. - Encontraram o Chino à porta, na mala do seu Silverado.

Estava sentado ao pé de Teresa no banquinho situado à direita do pequeno altar.

Quando movia a cabeça, as velas punham reflexos de verniz no seu cabelo muito penteado e abundante. Os anos decorridos desde que desceu da serra tinham refinado o seu aspecto e maneiras; mas, sob os fatos à medida, as gravatas que mandava buscar a Itália e a seda das suas camisas de quinhentos dólares, continuava a pulsar o camponês da serra sinaloense. E não só pelo resquício de ostentação nortenha - botas bicudas, cinto bordado com fivela de prata, centenário (6) de ouro no chaveiro -, mas também, e sobretudo, pelo olhar às vezes impassível, às vezes desconfiado ou paciente, do homem a quem durante séculos e gerações uma geada ou uma seca tinham obrigado inúmeras vezes a começar do zero.

- Pelos vistos, ao Chino agarraram-no de manhã e passaram o dia com ele, na conversa... Segundo a rádio, levaram o seu tempo.

Teresa conseguiu imaginá-lo sem esforço: mãos amarradas com arame, cigarros, lâminas de barbear. Os gritos do Chino Parra abafados dentro de um saco de plástico ou sob um palmo de masking-tape, nalguma cave ou armazém, antes de acabarem com ele e irem tratar-lhe da família. Talvez o próprio Chino tenha acabado por denunciar o Gúero Dávila. Ou a sua própria carne.

*\*(6) Moeda de ouro comemorativa do centenário da guerra de independência mexicana que os narcos costumam trazer ao pescoço. (n. da T.)*

Ela conhecia bem o Chino, a mulher, Brenda, e os três miúdos. Dois rapazes e uma rapariga. Lembrou-se deles brincando alvoroçados na praia de Altata, no Verão passado: os seus corpinhos morenos e quentes sob o sol, cobertos pelas toalhas, dormindo no regresso, no banco traseiro da mesma Silverado onde agora apareciam os despojos do pai. Brenda era uma garina miúda, bastante conversadora, com uns bonitos olhos castanhos, e que usava no tornozelo direito uma corrente de ouro com as iniciais do seu homem. Tinham ido muitas vezes às compras a Culiacán, calças de cabedal muito justas, unhas decoradas, tacões bem altos, Guess Jeans, Calvin Klein, Carolina Herrera... Perguntou a si própria se lhe teriam mandado o Gato Fierros e o Potemkin Gálvez, ou outros pistoleiros. Se teria acontecido antes ou ao mesmo tempo que a ela. Se mataram Brenda antes ou depois dos miúdos. Se o fizeram rapidamente, ou se também tentaram demorar o seu tempo. Homens porcos do caraças. Susteve a respiração e foi



expirando pouco a pouco, para que don Epifanio não a visse soluçar. Depois amaldiçoou em silêncio o Chino Parra, antes de amaldiçoar ainda mais o Gúero.

O Chino era valente como tantos outros que matavam ou traficavam: por pura ignorância, porque não pensava. A sua fraca cabeça metia-o em alhadas sem perceber que punha em perigo não apenas a ele próprio mas toda a sua família.

O Gúero era diferente do primo: ele sim, era inteligente, de olho. Conhecia todos os riscos e sempre soube o que lhe aconteceria a ela se o agarrassem, mas estava-se nas tintas. Aquela agenda do caraças. Nem a leias, tinha dito.

Leva-a e nem a leias. O maldito, murmurou uma vez mais. O maldito cabrão do Gúero.

- O que aconteceu? - perguntou.

Don Epifanio Vargas encolheu os ombros.

- Aconteceu o que tinha de acontecer - disse.

Olhava para o guarda-costas que estava à porta, com o corno de bode na mão, silencioso como uma sombra ou como um fantasma. Trocar a droga pela farmácia e pela política não excluía as precauções do costume. O outro gorila estava lá fora, também armado. Tinham dado duzentos pesos ao zelador nocturno da capela para desaparecer dali. Don Epifanio olhou para o saco que Teresa tinha no chão, entre os pés, e depois para a Double Eagle apoiada no regaço.

- O teu homem há muito que se arriscava. Era uma questão de tempo.

- A sério que morreu?

- Pois claro que morreu. Agarraram-no lá em cima na serra... Não eram magalas nem federais nem nada. Eram a sua própria gente.

- Quem?

- É indiferente quem. Tu sabes em que esquemas andava o Gúero. Metia cartas próprias em baralhos alheios. E no fim alguém apitou.

A brasa do havano reavivou-se. Don Epifanio abriu a agenda. Aproximava-a da luz das velas, passando as páginas ao acaso.

- Leste o que aqui está?

- Só a trouxe a si, como ele disse. Eu não sei nada dessas coisas. Don Epifanio assentiu, pensativo. Parecia pouco à vontade.

- O pobre Gúero teve o que andava a pedir - concluiu.

Ela olhava agora para a frente, na direcção das sombras da capela onde pendiam os ex-votos e as flores secas.

- Pobre o raio que o parta! O grande porco não pensou em mim.

Tinha conseguido que a voz não lhe tremesse. Sem se voltar, sentiu que o outro se punha de lado para a observar.

- Tu tens sorte - ouviu-o dizer. - De momento continuas viva.

Ficou assim mais um pouco. Estudando-a. O aroma do havano misturava-se com o cheiro das velas e de um incensário que ardia junto ao busto do bandido santo.

- O que pensas fazer? - acabou por perguntar.

- Não sei - agora era a vez de Teresa encolher os ombros. - O Gúero disse que o senhor me ajudaria. Entrega-a e pede-lhe que te ajude. Foi isso que me disse.

- O Gúero sempre foi um optimista.

O vazio que ela sentia no estômago tornou-se maior. Sufoco do fumo das velas, crepitar das chamas diante de Malverde. Calor húmido. De repente sentia uma angústia insuportável. Reprimiu o impulso de se levantar, apagar as velas com uma palmada, ir à procura de ar fresco. Correr outra vez, se ainda a deixassem.

Mas quando olhou novamente para a frente, viu que a outra Teresa Mendoza estava sentada em frente, observando-a. Ou talvez fosse ela própria quem estava ali, silenciosa, olhando para aquela mulher assustada que se inclinava para a frente no seu banco ao pé de don Epifanio, com uma pistola inútil no regaço.

- Ele gostava muito do senhor - ouviu-se a dizer.

O outro remexeu-se no banco. Um homem decente, dizia sempre o Gúero. Um chefe bom e justo, leal. O melhor patrão que tive alguma vez.

- E eu gostava dele - don Epifanio falava muito baixinho, como se receasse que o guarda da porta o ouvisse falar de sentimentos. - E de ti também... Mas com as suas burrices colocou-te em má situação.

- Preciso de ajuda.

- Eu não posso envolver-me nisto.

- O senhor tem muito poder.

Ouviu-o estalar a língua com desânimo e impaciência. Naquele negócio, explicou don Epifanio sempre em voz baixa e dirigindo olhares furtivos ao guarda-costas, o poder era uma coisa relativa, efémera, sujeita a regras complicadas. E ele conservava-o, especificou, porque não andava a meter o nariz onde não devia.

O Gúero já não trabalhava para ele; era um assunto dos seus chefes de agora. E essa gente arreava por igual.

- Não têm nada pessoal contra ti, Teresita. Já os conheces. Mas é a sua maneira de fazer as coisas... Têm de dar o exemplo.

- O senhor podia falar com eles. Dizer-lhes que não sei nada.

- Sabem de sobra que não sabes nada. Não é esse o problema... E eu não posso comprometer-me. Nesta terra, quem hoje pede favores, tem de os pagar

amanhã.

Olhava agora para a Double Eagle que ela mantinha no colo, com uma mão apoiada descuidadamente na coronha. Sabia que o Gúero a ensinara a atirar há algum tempo, até conseguir que acertasse em seis latas vazias de cerveja Pacífico, uma atrás da outra, a dez passos. O Gúero gostara sempre da Pacífico e das mulheres meio selvagens, apesar de Teresa não suportar cerveja e se assustar com cada estampido da pistola.

- Além disso - prosseguiu don Epifanio -, o que me contaste piora as coisas.

Não podem permitir que aviem um dos seus homens, muito menos que o faça uma mulher... Seriam motivo de riso de Sinaloa inteira.

Teresa olhou para aqueles olhos escuros e impassíveis. Olhos duros de índio nortenho. De sobrevivente.

- Não posso comprometer-me - ouviu-o repetir.

E don Epifanio levantou-se. Já se está a cagar, pensou ela. Aqui acaba tudo.

O vazio no estômago aumentava até abarcar a noite que espreitava lá fora, inexorável. Rendeu-se, mas a mulher que a observava na sombra não quis fazê-lo.

- O Gúero disse que me ajudaria - insistiu teimosa, como se falasse consigo própria. - Leva-lhe a agenda, disse, e troca-a pela tua vida.

- O teu homem gostava demasiado do risco.

- Eu isso já não sei. Mas sei o que me disse.

Tinha soado mais a queixa que a súplica. Uma queixa sincera e muito amarga.

Ou uma censura. Depois ficou calada alguns instantes e, finalmente, ergueu o rosto, tal como um réu cansado que aguarda o veredicto. Don Epifanio estava de pé diante dela, e parecia maior e mais corpulento que nunca. Batia com os dedos na agenda do Gúero.

- Teresita...

- Diga...

Continuava tamborilando com os dedos na agenda. Viu-o olhar para a efígie do santo, novamente para o gorila da porta, e voltar a olhar para ela. Depois deteve-se outra vez na pistola.

- A sério que não leste nada?

- Juro. Diga-me lá o que havia de ler...

Um silêncio. Longo, pensou ela, como uma agonia. Ouvia crepitar os pavios das velas no altar.

- Só tens uma possibilidade - acabou por dizer o outro.

Teresa aferrou-se a estas palavras, o espírito subitamente desperto como se acabasse de dar duas snifadas de dona-branca. A outra mulher tinha desaparecido

na sombra. E era ela novamente. Ou ao contrário.

- Basta-me uma - disse.

- Tens passaporte?

- Sim. Com visto americano.

- E dinheiro?

- Vinte mil dólares e alguns pesos - abria o saco que tinha aos pés para o mostrar, esperançada. - Também um saco de pó de dez ou doze onças.

- O pó, deixa-o. É perigoso andar com isso por aí... Sabes conduzir?

- Não - pusera-se de pé e olhava-o de perto, atenta. Disposta a continuar viva.

- Nem sequer tenho carta.

- Duvido que consigas chegar ao outro lado. Vão-te pisar os calcanhares na fronteira, e nem entre os gringos ias ficar segura... O melhor era saíres esta mesma noite. Posso emprestar-te o carro com um motorista de confiança... Posso fazer isso e que te leve ao D.F. (7) Directamente ao aeroporto, e aí apanhas o primeiro avião.

- Para onde?

- Estou-me a cagar para onde. Mas se quiseres ir para Espanha, tenho lá amigos.

Gente que me deve favores... Se amanhã me telefonares antes de entrares no avião, poderei dar-te um nome e um número de telefone. Depois é um problema teu.

- Não há outra?

- Nem pensar. Com esta, ou te sujeitas ou te enforcas. Teresa olhou em volta, procurando nas sombras da capela.

Estava absolutamente sozinha. Ninguém decidia por ela, agora. Mas continuava viva.

- Tenho de me ir embora - impacientava-se don Epifanio. - Decide-te.

- Já decidi. Farei o que o senhor mandar.

- Bem... - Don Epifanio viu como ela colocava a alça de segurança da pistola e a metia atrás na cintura, entre as calças de ganga e a pele, antes de vestir o blusão. - E lembra-te de uma coisa: nem sequer aí estarás a salvo.

Compreendes?... Se eu tenho amigos, eles também os têm. De modo que tenta enterrar-te o mais fundo que puderes para que não te encontrem.

Teresa concordou novamente. Tinha tirado o pacote de coca do saco e colocava-o no altar, sob a efígie de Malverde. Em troca acendeu outra vela. Santa Virgenzinha, rezou um instante em silêncio. Santo Padroeiro. Deus avênçoe o meu caminho e permita o meu regresso. Benzeu-se quase furtivamente.

*\*(7) Distrito Federal, cidade do México. (N. da T.)*

- Sinto muito o que aconteceu ao Gúero - disse don Epifanio atrás de si. - Era um bom tipo.

Teresa voltara-se ao ouvir isto. Agora estava tão lúcida e serena que sentia a garganta seca e o sangue a circular muito devagar, batimento a batimento.

Colocou o saco ao ombro, sorrindo pela primeira vez em todo o dia: um sorriso que lhe marcou a boca como um impulso nervoso, inesperado. E aquele sorriso, ou o que quer que fosse, devia ser estranho, porque don Epifanio olhou para ela um pouco surpreendido e com o pensamento à vista, por uma vez reflectido na cara. Teresita Mendoza. Poça. A garina do Gúero. A mulher de um narco. Uma chavala como tantas outras, mais calada, nem demasiado esperta nem demasiado bonita. E no entanto observou-a dessa forma reflexiva e cautelosa, com muita atenção, como se de repente se visse diante de uma desconhecida.

- Não - disse ela. - O Gúero não era um bom tipo. Era um estupor de um filho da mãe.

### 3. QUANDO PASSAREM OS ANOS

Ela não era ninguém - disse Manolo Céspedes. - Explica-me isso.

- Acabei de o fazer - o meu interlocutor apontava para mim com dois dedos que seguravam num cigarro. - Ninguém significa ninguém. Uma pária. Chegou com o que trazia vestido, como quem procura enfiar-se num buraco... Foi tudo um acaso.

- E mais alguma coisa. Era uma rapariga esperta.

- E depois?... Conheço muitas raparigas espertas que acabaram numa esquina.

Olhou para um lado e para o outro da rua, como se procurasse algum exemplo para mostrar. Estávamos sentados sob o toldo da esplanada do Café Califórnia, em Melilla. Um sol africano, zenital, amarelecia as fachadas modernistas da avenida Juan Carlos I. Eram horas do aperitivo e os passeios e esplanadas transbordavam de passeantes, ociosos, vendedores de lotaria e engraxadores.

A indumentária europeia misturava-se com yihabs e djelabas mouriscas, acentuando o ambiente de terra fronteiriça, situada entre dois continentes e várias culturas. Ao fundo, na plaza de Espana e junto do monumento aos mortos da guerra colonial de 1921 - um jovem soldado de bronze com o rosto voltado para Marrocos -, as copas das palmeiras anunciavam a proximidade do Mediterrâneo.

- Eu não a conheci nessa altura - prosseguiu Céspedes. - Na realidade nem me lembro dela. Uma cara atrás do balcão do Yamila, quando muito. Ou nem isso. Só muito mais tarde, ouvindo coisas aqui e ali, acabei por associá-la à outra Teresa Mendoza... Já to disse. Naquela época não era ninguém.

Ex-comissário da polícia, ex-chefe de segurança de La Mon-cloa, ex-delegado do Governo em Melilla: o acaso e a vida tinham feito de Manolo Céspedes tudo isto; mas também podia ter sido toureiro valente e sábio, cigano trocista, pirata berbere ou astuto diplomata do Rife. Era uma velha raposa, moreno, seco como um legionário charrado, com muita experiência e muita habilidade em situações complicadas. Tínhamo-nos conhecido há duas décadas, durante uma época de violentos incidentes entre as comunidades europeia e muçulmana, que puseram Melilla em primeiro plano nos jornais quando eu ganhava o meu salário escrevendo para eles. E naquela altura, natural de Melilla e máxima autoridade civil no enclave norte-africano, Céspedes já conhecia toda a gente: ia beber ao bar de oficiais do Tercio, controlava uma rede eficaz de

informadores em ambos os lados da fronteira, jantava com o governador de Nador e tanto tinha na lista de pagamentos mendigos de rua como membros da Gendarmaria Real marroquina. A nossa amizade datava dessa altura: longas conversas, cordeiro com especiarias mouriscas, genebras com água tônica até altas horas da madrugada. Hoje por ti, amanhã por mim. Agora, reformado do seu cargo oficial, Céspedes envelhecia, chateado e pacífico, dedicado à política local, à mulher, aos filhos e ao aperitivo do meio-dia. A minha visita alterava de forma feliz a sua rotina diária.

- Digo-te que foi tudo uma casualidade - insistiu. - E no caso dela, a casualidade chamava-se Santiago Fisterra.

Fiquei com o copo a meio caminho, sustendo a respiração.

- Santiago López Fisterra?

- Claro - Céspedes chupava o cigarro, avaliando o meu interesse. - O galego.

Expirei devagar, bebi um pouco e reclinei-me na cadeira, contente como quem recupera um rasto perdido, enquanto Céspedes sorria, calculando em que situação esse facto colocava o balanço da nossa velha parceria de favores mútuos. Aquele nome levava-me até ali, em busca de um período obscuro na biografia de Teresa Mendoza. Até esse dia na esplanada do Califórnia, eu contava apenas com testemunhos duvidosos e conjecturas. Pode ter ocorrido isto. Dizem ter acontecido aquilo. Tinham contado a alguém, ou alguém julgava saber.

Rumores. Quanto ao resto, ao concreto, nos arquivos da imigração do Ministério do Interior só havia uma ficha de entrada - via aérea, Ibéria, aeroporto de Barajas, Madrid - com o nome verdadeiro de Teresa Mendoza Chávez. Depois o rasto oficial parecia perder-se durante dois anos, até a ficha policial 8653690FA/42, que incluía impressões digitais, uma fotografia de frente e outra de perfil, encerrar essa etapa da vida que eu tentava reconstruir, e permitia seguir-lhe melhor os passos a partir dessa altura. A ficha era das antigas, que se faziam em cartolina branca, até a polícia espanhola ter informatizado os seus documentos. Tivera-a diante dos olhos há uma semana, no comissariado de Algeciras, graças ao esforço de outro velho amigo: o comissário-chefe de Torremolinos, Pepe Cabrera. Entre a concisa informação registada no dorso figuravam dois nomes: o de um indivíduo e o de uma cidade.

O indivíduo chamava-se Santiago López Fisterra. A cidade era Melilla.

Naquela tarde fizemos duas visitas. Uma foi curta, triste e pouco útil, embora tivesse servido para acrescentar um nome e um rosto às personagens desta história. Diante do clube naval, ao pé das muralhas medievais da cidade velha, Céspedes apontou para um indivíduo esquelético, de cabelo grisalho e escasso, que vigiava os carros a troco de algumas moedas. Estava sentado no chão junto

de um cabeço de amarração, olhando para a água suja sob o molhe. De longe tomei-o por alguém mais velho, maltratado pelo tempo e pela vida; mas quando nos aproximámos verifiquei que não devia ter sequer quarenta anos. Vestia umas calças remendadas e velhas, uma camisola de manga curta branca insolitamente limpa e umas sapatilhas desportivas imundas. O sol e a intempérie não bastavam para esconder o tom acinzentado, sem brilho, da sua pele envelhecida, coberta de manchas e profundamente escavada nas fontes. Faltavam-lhe metade dos dentes e pensei que se parecia com aqueles despojos que a ressaca do mar atira para as praias e para os portos.

- Chama-se Veiga - disseme Céspedes ao aproximarmo-nos. - E conheceu Teresa Mendoza.

Sem se deter para observar a minha reacção disse olá, Veiga, como estás, e depois deu-lhe um cigarro e lume.

Não houve apresentações nem quaisquer comentários, e estivemos ali um pedaço, calados, olhando para a água, para os pesqueiros amarrados, para o antigo cais de minério no outro lado da doca e para as pavorosas torres gémeas construídas para comemorar o quinto centenário da conquista espanhola da cidade. Vi crostas e marcas nos braços e nas mãos do homem. Levantara-se para acender o cigarro, trôpego, balbuciando palavras confusas de agradecimento. Cheirava a vinho barato e a miséria rançosa. Coxeava.

- Pergunta-lhe, se quiseres - acabou Céspedes por dizer. Hesitei um pouco e depois pronunciei o nome de Teresa Mendoza. Mas não detectei no seu rosto nem reconhecimento nem memória. Também não tive mais sorte ao mencionar Santiago Fisterra. O tal Veiga, ou o que restava dele, voltara-se de novo para a água gordurosa do molhe. Lembra-te, homem, disselhe Céspedes. Este meu amigo veio para falar contigo. Não me digas que não te lembras de Teresa e do teu sócio.

Não me faças essa desfeita, está bem?... Mas o outro continuava sem responder; e quando Céspedes insistiu outra vez, a única coisa que conseguiu foi que coçasse os braços antes de olhar para nós entre desconcertado e indiferente.

E esse olhar turvo, distante, com umas pupilas tão dilatadas que ocupavam a totalidade da íris, parecia deslizar pelas pessoas e pelas coisas, de um lugar sem retorno.

- Era o outro galego - disse Céspedes quando nos afastámos. - O marinheiro de Santiago Fisterra... Nove anos numa prisão marroquina deixaram-no assim.

Anoitecia quando fizemos a segunda visita. Céspedes apresentou-o como Dris Larbi - o meu amigo Dris, disse, dando-lhe uma palmada nas costas -, e vi-me diante de um natural do Rife de nacionalidade espanhola que falava um castelhano perfeito. Encontrámo-lo no bairro do Hipódromo diante do Yamila,



um dos três locais nocturnos que dirigia na cidade - mais tarde soube disso e de mais algumas coisas -, quando saía de um luxuoso Mercedes de dois lugares: estatura mediana, cabelo muito frisado e preto, barba aparada com esmero. Mãos que apertam a nossa com precaução para comprovar o que levamos nela. O meu amigo Dris, repetiu Céspedes; e, pela forma como o outro o olhava, simultaneamente cautelosa e deferente, interroguei-me que pormenores biográficos do rifense justificariam aquele respeito prudente para com o ex-delegado governativo.

O meu amigo Fulano - era a minha vez. - Investiga a vida de Teresa Mendoza.

Céspedes disse-o assim, à queima-roupa, quando o outro me estendia a mão direita e tinha a esquerda com as chaves electrónicas apontadas para o carro, e os intermitentes deste, iú, iú, iú, cintilavam ao ligar-se o alarme. Então o tal Dris Larbi observou-me silenciosamente com muita atenção, ao ponto de Céspedes desatar a rir. - Calma - disse. - Não é um polícia.

O barulho de vidro partido fez Teresa Mendoza franzir o sobrolho. Era o segundo copo que os da mesa quatro partiam naquela noite. Trocou um olhar com Ahmed, o empregado de mesa, e este encaminhou-se para lá com uma pá e uma vassoura, taciturno como sempre, com o laço preto bailando-lhe folgado sob a maçã-de-adão. As luzes que giravam sobre a pequena pista vazia faziam-lhe deslizar losangos luminosos pelo casaco riscado. Teresa verificou a conta de um cliente que estava na extremidade do balcão, bastante animado com duas das raparigas. O indivíduo estava ali há algumas horas e o montante era respeitável: cinco White Label com gelo e água para ele, oito garrafas pequenas de champanhe para as raparigas - apesar de Ahmed ter feito desaparecer a maior parte das garrafas com o pretexto de trocar as taças. Faltavam vinte minutos para fechar e Teresa ouvia, sem querer, o diálogo habitual. Espero-as lá fora.

A uma ou às duas. É melhor às duas. *Etc.* Dris Larbi, o chefe, era inflexível a respeito da moral oficial do assunto. Aquilo era um bar onde se bebia e ponto final. Fora das horas de serviço, as raparigas eram livres. Ou eram-no em princípio, pois o controlo era estrito: cinquenta por cento para a empresa, cinquenta por cento para a interessada. Viagens e festas organizadas à parte, onde as normas eram modificadas de acordo com quem, como e onde. Eu sou um empresário, costumava dizer Dris. Não um simples chulo de putas.

Terça-feira de Maio, quase no fim do mês. Não estava uma noite animada. Na pista vazia, Júlio Iglesias cantava para ninguém em particular. Caballero de fina estampa, dizia a letra. Teresa mexia os lábios em silêncio, seguindo a canção, atenta ao papel e à esferográfica, à luz do candeeiro que iluminava a caixa. Uma noite fraquita, comprovou. Quase má. Muito diferente das sextas e

sábados, quando era preciso trazer raparigas de outros locais porque o Yamila enchia: funcionários, comerciantes, marroquinos endinheirados do lado de lá da fronteira, militares da guarnição. Nível médio razoável, poucos tipos da pesada excepto os inevitáveis. Miúdas limpas e jovens, com bom aspecto, renovadas de seis em seis meses, recrutadas por Dris em Marrocos, nos bairros marginais de Melilla, alguma europeia da Península. Pagamento pontual - a delicadeza do pormenor - a leis e autoridades competentes para que vivessem e deixassem viver. Bebidas gratuitas para o subcomissário da polícia e inspectores à paisana. Local exemplar, licenças em ordem. Poucos problemas. Nada que Teresa não conhecesse de sobra, multiplicado até ao infinito, na sua ainda recente memória mexicana.

A diferença era que aqui as pessoas, embora de maneiras mais rudes e menos cortesias, não se punham aos tiros e faziam tudo com muita ronha. Havia mesmo - a isso demorou a habituar-se - gente que não se deixava subornar de maneira nenhuma. Você está enganada, menina. Ou em versão áspera, tão espanhola: faça-me o favor de meter isso no cu. A verdade é que aquilo tornava, às vezes, a vida difícil. Mas, frequentemente, facilitava-a. Era bastante tranquilizador não ter medo de um polícia. Ou não ter medo todo o tempo.

Ahmed voltou com a sua pá e com a sua vassoura, passou para este lado do balcão e pôs-se a conversar com as três raparigas que estavam livres. Cling. Na mesa dos copos partidos ouviam-se risos e brindes, entrecocar de copos. Ahmed tranquilizou Teresa com uma piscadela. Tudo em ordem por ali. Aquela conta ia ser pesada, comprovou dando uma vista de olhos às notas que tinha junto da caixa registadora. Homens de negócios espanhóis e marroquinos, festejando algum acordo: casacos nas costas das cadeiras, colarinhos abertos, gravatas nos bolsos. Quatro homens maduros e quatro raparigas. O pretenso Moët Chandon desaparecia rapidamente dos baldes de gelo: cinco garrafas e caíria mais uma antes de fecharem. As raparigas - duas mouras, uma judia e uma espanhola -

eram jovens e profissionais. Dris nunca dormia com as empregadas - onde tens a gaita não metas a gaita -, mas às vezes mandava amigos fazerem a vez de inspectores laborais. De primeira qualidade, gabava-se depois. Nos meus locais, só de primeira qualidade. Se o relatório era negativo, nunca as maltratava.

Limitava-se a mandá-las embora e ponto final. Rescisão. Não faltavam raparigas em Melilla, com a imigração ilegal, a crise, e tudo isso. Algumas sonhavam ir para a Península, serem modelos e triunfar na televisão; mas a maior parte conformava-se com uma licença de trabalho e uma residência legal.

Tinham decorrido pouco mais de seis meses desde a conversa que Teresa Mendoza mantivera com don Epifanio Vargas na capela do santo Malverde, em

Culiacán, Sinaloa, no dia em que tocou o telefone e ela desatou a correr, e não deixou de o fazer até chegar a uma cidade estranha cujo nome nunca ouvira anteriormente. Mas só se dava conta disso quando olhava para o calendário.

Ao olhar para trás, a maior parte do tempo que passara em Melilla parecia estagnado. Tanto podia tratar-se de seis meses ou de seis anos. Aquele foi o seu destino, como poderia ter sido qualquer outro, quando, recém-chegada a Madrid, hospedada numa pensão da plaza de Atocha apenas com um saco de mão como bagagem, se encontrou com o contacto que don Epifanio Vargas lhe facilitara. Para sua decepção, não podiam oferecer-lhe nada ali. Se queria um lugar discreto, longe de encontros desagradáveis e também um trabalho para justificar a residência até conseguir os papéis da dupla nacionalidade - o pai espanhol que mal conheceu ia servir-lhe pela primeira vez para alguma coisa -, Teresa tinha de viajar de novo. O contacto, um homem novo, apressado e de poucas palavras, com quem se encontrou no café Nebraska da Gran Via, propunha-lhe apenas duas opções: Galiza ou o sul de Espanha. Cara ou coroa, queres ou não. Teresa perguntou se na Galiza chovia muito e o outro sorriu um pouco, apenas o imprescindível - foi a primeira vez que o fez durante toda a conversa - e respondeu que sim. Chove p'ra caralho, disse. Então Teresa decidiu que ia para sul; e o homem agarrou num telemóvel e foi para outra mesa falar durante um bocado. Pouco tempo depois estava de volta para apontar num guardanapo de papel um nome, um número de telefone e uma cidade. Tens voos directos de Madrid, explicou, entregando-lhe o papel. Ou de Málaga. Até aí, comboios e autocarros. De Málaga e Almeria também saem barcos. E ao aperceber-se de que ela o olhava perplexa com aquilo dos barcos e dos aviões, sorriu pela segunda e última vez antes de lhe explicar que o sítio para onde ia pertencia a Espanha mas ficava no norte de África, a sessenta ou setenta quilómetros do litoral andaluz, perto do Estreito de Gibraltar. Ceuta e Melilla, explicou, são cidades espanholas na costa marroquina. Depois, deixou-lhe em cima da mesa um sobrescrito com dinheiro, pagou a conta, levantou-se e desejou-lhe boa sorte. Disse: boa sorte, e já se ia embora quando Teresa quis, agradecida, dizer-lhe como se chamava, e o homem interrompeu-a dizendo-lhe que não queria saber como se chamava, nem isso lhe importava nada. Que ele se limitava a agradar a amigos mexicanos ao facilitar-lhe aquilo. Que aproveitasse bem o dinheiro que acabava de lhe dar.

E que, quando este se acabasse e precisasse de mais, acrescentou num tom de voz objectivo e sem intenção aparente de ofender, podia sempre utilizar a cona.

Essa, disse em jeito de despedida - como se lamentasse não dispor, ele próprio, de uma -, é a vantagem que as mulheres têm.

- Não era nada de especial - disse Dris Larbi. - Nem bonita nem feia. Nem muito esperta nem muito tonta. Mas era boa para os números... Dei-me conta

imediatamente, assim que a pus a gerir a caixa... - lembrou-se de uma pergunta que eu tinha formulado antes e fez um movimento negativo com a cabeça antes de prosseguir. - E não, a verdade é que nunca foi puta. Pelo menos comigo não foi. Vinha recomendada por amigos, de modo que lhe dei a escolher. De um lado ou de outro do balcão, tu é que escolhes, disse... Escolheu ficar atrás, como empregada, ao princípio. Ganhava menos, claro. Mas sentia-se bem assim.

Passeávamos pela fronteira entre os bairros Hipódromo e Real, junto às casas de traçado colonial, em ruas rectas que davam para o mar. A noite estava amena e cheiravam bem os vasos nas janelas.

- Só uma vez ou outra, se calhar. Duas, pouco mais. Não sei - Dris Larbi encolheu os ombros. - Isso era ela quem decidia. Entendem?... Foi uma vez ou outra com quem queria ir, mas não por dinheiro.

- E as festas? - perguntou Céspedes.

O rifense afastou o olhar, desconfiado. Depois voltou-se para mim antes de olhar novamente para Céspedes, como quem lamenta uma inconveniência diante de estranhos. Mas o outro estava-se nas tintas.

- As festas - insistiu.

Dris Larbi voltou a olhar para mim, coçando a barba.

- Isso era diferente - admitiu, depois de pensar um pouco.

- Às vezes eu organizava reuniões no outro lado da fronteira...

Agora Céspedes ria-se com sarcasmo.

- As tuas famosas festas - disse.

- Sim... bom, você sabe... - o rifense observava-o como se tentasse recordar o que sabia realmente, desviando depois o olhar, incomodado. - Gente dali.

- Ali é Marrocos - especificou Céspedes em atenção a mim.

- Refere-se a gente importante: políticos ou chefes de polícia - acentuou o sorriso velhaco. - O meu amigo Dris sempre teve bons parceiros.

O rifense sorriu sem vontade enquanto acendia um cigarro com baixo teor de nicotina. E eu interroguei-me quantas coisas sobre ele e os seus parceiros teriam figurado nos arquivos secretos de Céspedes. Suficientes, calculei, para que nos concedesse agora o privilégio da sua conversa.

- Ela ia a essas reuniões? - perguntei. Larbi fez um gesto ambíguo.

- Não sei. Se calhar esteve em alguma. E, bom... Ela deve saber - pareceu reflectir um pouco, observando Céspedes de esguelha, e acabou por admitir contrafeito. - A verdade é que no fim foi algumas vezes. Eu aí não me metia, porque aquilo não era para ganhar dinheiro com as fulanas, mas para outro tipo de negócios. As raparigas vinham como complemento. Um bónus. Mas nunca disse a Teresa que lá fosse... Fê-lo porque quis. Pediu-o.

- Porquê?

- Não faço ideia. Já lhe disse que ela deve saber.

- E saía nessa altura com o galego? - perguntou Céspedes.

- Sim.

- Dizem que ela tratou de alguns assuntos para ele.

Dris Larbi olhou-o. Olhou-me. Voltou a ele. Por que me faz isto, perguntavam os seus olhos.

- Não sei do que me está a falar, don Manuel.

O ex-delegado do governo ria-se malévolo, com as sobrancelhas arqueadas. Com ar de estar a passar um bom bocado.

- Abdelkader Chaid - especificou. - Coronel. Gendarmaria Real... Faz-te lembrar alguma coisa?

- Juro-lhe que agora não pesco.

- Não pescas?... Não me lixes, Dris. Já te disse que aqui o senhor é um amigo.

Demos alguns passos em silêncio enquanto eu passava a limpo tudo aquilo. O rifense fumava calado, como se não estivesse satisfeito com a forma como contara as coisas.

- Enquanto estive comigo não se meteu em nada - disse de súbito. - E também não tive nada com ela. Quero dizer que não a comi.

Depois apontou para Céspedes com o queixo, dando-o como testemunha. Era público que nunca se envolvia com as suas empregadas. E já tinha dito anteriormente que Teresa era perfeita para as contas. As outras respeitavam-na. Mexicana, chamavam-na. Mexicana isto, Mexicana aquilo. Tinha bom feitio e, embora não tivesse estudos, o sotaque fazia-a parecer mais educada, com aquele vocabulário abundante que têm os hispano-americanos, tão cheio de vocês e de por favores, que os faz parecer a todos académicos da língua. Muito reservada para as suas coisas. Dris Larbi sabia que tinha tido problemas lá na terra, mas nunca lhe perguntara. Para quê? Teresa também não falava do México; quando alguém puxava o assunto, dizia qualquer coisa e mudava de conversa. Era séria no trabalho, vivia só e nunca dava pé a que os clientes confundissem os papéis.

Também não tinha amigas. Vivia na sua.

- Tudo correu bem durante, não sei... Seis ou oito meses. Até à noite em que os galegos apareceram por aqui - voltou-se para Céspedes, apontando para mim.

- Já viu o Veiga?... Bom, esse não teve muita sorte. Mas menos sorte teve o outro.

- Santiago Fisterra - disse.

- O próprio. Parece que o estou a ver: um tipo moreno, com uma grande tatuagem aqui - abanava a cabeça, com desaprovação. - Um pouco atravessado, como todos os galegos. Desses que nunca se sabe por onde vão aparecer... Iam e

vinham pelo Estreito com uma Phantom, o senhor Céspedes sabe do que estou a falar, não é verdade?... Winston de Gibraltar e chocolate (1) marroquino... Nessa altura ainda não se trabalhava com a falupa (2), embora estivesse iminente...

*\*(1) Haxixe em placas. (N. da T.) (2) Cocaína. (N. da T.)*

Bom... - coçou novamente a barba e cuspiu directamente para o chão, com rancor.

- O caso é que uma noite aqueles dois entraram no Yamila e eu comecei a ficar sem a Mexicana.

Dois novos clientes. Teresa olhou para o relógio que estava ao pé da caixa.

Faltava menos de um quarto de hora para fechar. Soube que Ahmed olhava para ela inquisitivo e, sem levantar a cabeça, concordou com um gesto. Um copo rápido antes de acender as luzes e de os pôr a todos na rua. Continuou com os seus números, acabando o balanço da noite. Não acreditava que os recém-chegados fossem alterar muito as contas. Uns whiskys, pensou, avaliando o seu aspecto.

Um asneiradas com as miúdas, que já disfarçavam pequenos bocejos, e talvez um encontro lá fora, um pouco mais tarde. Pensão Agadir, a meio quarteirão dali. Ou talvez, se tivessem carro, uma visita relâmpago ao pinhal, junto ao tapume do quartel do Tercio. De qualquer forma, não tinha nada com isso. Ahmed mantinha o controlo dos encontros num caderno.

Instalaram-se ao balcão, junto das alavancas de cerveja, e Fátima e Sheila, duas das raparigas que estavam à conversa com Ahmed, foram juntar-se a eles enquanto o empregado servia dois supostos Chivas de doze anos com muito gelo e sem água. Elas pediram champanhe, sem que houvesse objecções por parte dos clientes. Ao fundo, os dos copos partidos continuavam com os seus brindes e com os seus risos, depois de terem pago a conta sem pestanejar. Por outro lado, o tipo na extremidade do balcão não chegava a um acordo com as suas acompanhantes. Ouviam-no discutir em voz baixa, entre o som da música. Agora era Abigail quem cantava para ninguém na pista deserta, animada apenas pela monótona luz giratória do tecto. Quero lambar as tuas feridas, dizia a letra.

Quero ouvir os teus silêncios. Teresa esperou pelo fim da última estrofe - sabia de cor todas as canções da reserva musical do Yamila - e olhou de novo para o relógio da caixa. Mais um dia às costas. Igual à segunda-feira de ontem e à quarta-feira de amanhã. - São horas de fechar - disse.

Quando ergueu o rosto encontrou à frente um sorriso tranquilo. Também uns olhos claros - verdes ou azuis, calculou após uns instantes - que a olhavam divertidos.

- Tão cedo? - perguntou o homem.

- Fechamos - repetiu.

Voltou às suas contas. Nunca era simpática com os clientes, muito menos na altura de fechar. Em seis meses tinha aprendido que era um bom método para manter as coisas no lugar e evitar equívocos. Ahmed acendeu as luzes e o escasso encanto que a penumbra dava ao local desapareceu de chofre: veludo falso e gasto nas cadeiras, manchas nas paredes, queimaduras de cigarros no chão. Até o cheiro a fechado pareceu mais intenso. Os dois copos partidos agarraram nos casacos que estavam nas costas das cadeiras e, depois de chegarem a um acordo rápido com as suas acompanhantes, saíram para as esperarem lá fora. O outro cliente já tinha saído, sozinho, recusando o preço que lhe exigiam por um duplex. Prefiro bater uma pívica, resmungava à saída. As raparigas retiravam-se. Fátima e Sheila, sem tocar no champanhe, demoravam-se junto dos recém-chegados; mas estes não pareciam interessados em estreitar as relações.

Um olhar de Teresa mandou-as reunir-se com as outras. Pôs a conta em cima do balcão, diante do moreno. Este vestia uma camisa caqui, de trabalho, com as mangas arregaçadas até aos cotovelos; e quando estendeu o braço para pagar, ela viu que tinha uma tatuagem que lhe cobria todo o antebraço direito: um Cristo crucificado entre motivos marítimos. O amigo era louro e mais magro, de pele clara. Quase um miúdo. Vinte e poucos anos, talvez. Uns trinta e tal, o moreno.

- Podemos acabar o copo?

Teresa voltou a encarar os olhos do homem. À luz, viu que eram verdes. Bonitos como o caraças. Observou que além de parecerem tranquilos também sorriam, mesmo quando a boca deixava de o fazer. Os braços eram fortes, uma barba escura começava a ver-se no queixo e tinha o cabelo despenteado. Quase bonito, verificou. Ou sem o quase. Também pensou que cheirava a suor limpo e a sal, embora estivesse muito longe para o saber. Pensou-o, apenas.

- Claro - disse.

Olhos verdes, uma tatuagem no braço direito, um amigo magro e louro. Acasos de balcão de bar. Teresa Mendoza longe de Sinaloa. Só com S de Solidão. Dias iguais a outros até que deixam de o ser.

O inesperado que chega de repente, não com estrondo, nem com sinais importantes que o anunciem, mas deslizando de forma imperceptível, mansa, tal como podia nunca chegar. Como um sorriso ou um olhar. Como a própria vida, e a própria - essa chega sempre - morte. Talvez por isso, na noite seguinte, ela esperou voltar a vê-lo; mas o homem não voltou. Cada vez que entrava um cliente, levantava a cabeça na esperança de que fosse ele. Mas não era.

Saiu depois de fechar e andou pela praia próxima, onde acendeu um cigarro

- às vezes entremeava-os com grãosinhos esfarelados de haxixe - olhando para as luzes do espigão e do porto marroquino de Nador no outro lado da mancha escura da água. Fazia sempre isso com bom tempo, para seguir depois o passeio marítimo até encontrar um táxi que a levasse à sua casa do Polígono: um pequeno apartamento com quarto de dormir, salinha, cozinha e casa de banho que lhe alugava o próprio Dris Larbi, descontando-lhe do salário. E Dris não era má pessoa, pensou. Tratava as raparigas de uma forma razoável, tentava dar-se bem com toda a gente e só era violento quando as circunstâncias não lhe deixavam outro caminho. Eu não sou puta, tinha-lhe dito ela no primeiro dia, sem rodeios, quando ele a recebeu no Yamila para lhe explicar o tipo de oferta laboral possível no seu negócio. Alegro-me com isso, limitara-se a dizer o rifense.

Ao princípio acolheu-a como uma inevitabilidade, nem prejudicial nem vantajosa. Uma formalidade a que o obrigavam compromissos pessoais - o amigo do amigo de um amigo -, que nada tinham a ver com ela. Uma certa deferência, devida a afales que Teresa ignorava, numa cadeia que unia Dris Larbi com don Epifanio Vargas através do homem do café Nebraska, fez com que o rifense a deixasse ficar no lado de dentro do balcão, primeiro com Ahmed, como empregada, e mais tarde como encarregada, a partir do dia em que houve um erro nas contas e ela se apercebeu, refez as operações em meio minuto e Dris quis saber se tinha estudos. Teresa respondeu que poucochinhas e só primários, e o outro ficou a olhar para ela pensativo e disse tens números na cabeça, Mexicana, parece que nasceste para as somas e as subtracções. Esgalhei numa coisa do género lá na minha terra, respondeu ela. Quando era mais miúda. Então Dris disselhe que a partir do dia seguinte passaria a receber como encarregada, Teresa passou a tomar conta do local e não se falou mais no assunto.

Esteve na praia durante algum tempo, até acabar o cigarro, absorta com as luzes longínquas que pareciam espalhadas sobre a água quieta e negra. Por fim, olhou em volta, estremecendo, como se o frio da madrugada acabasse de penetrar no casaco que trazia, com o colarinho subido e abotoado até cima. Gaita. Lá, em Culiacán, o Gúero Dávila dissera muitas vezes que ela não servia para viver sozinha. Nem penses, negava. Não és desse tipo de miúda. Do que tu gostas é de um homem que leve as rédeas e decida por ti. E tu, assim como és: docinha e terna. Linda de morrer. Suave. A ti, ou te temos como a uma rainha, ou não te temos. Nem enchiladas fazes! E para quê, havendo restaurantes? Além do mais, tu gostas disto, minha vida. Gostas disto que te faço e de como to faço, e depois me dirás - ria-se ao sussurrá-lo, reles Gúero maldito, com os lábios roçando-lhe o ventre - que má onda, quando me derem uma prensa e me mandarem para o galheiro sem bilhete de volta. Bang. Por isso vem aqui,



pretinha. Vem aqui, desce até à minha boca, agarra-te a mim e não me deixes escapar. Abraça-me com força porque um dia estarei morto e ninguém me abraçará. Que pena de ti então, minha linda. Tão sozinha. Quero dizer quando eu já não estiver e te lembrares de mim e sentires saudades disto, e souberes que nunca mais ninguém te voltará a fazer isto como eu te fiz.

Tão sozinha. Que estranha e ao mesmo tempo que familiar parecia agora essa palavra: solidão. Cada vez que Teresa a ouvia na boca de outros ou a pronunciava no seu íntimo, a imagem que lhe vinha à cabeça não era a sua mas a do Gúero, num local castiço onde o tinha espiado uma vez. Ou talvez a imagem fosse a dela própria: a própria Teresa observando-o a ele. Porque também houve épocas obscuras, portas negras que o Gúero fechava atrás de si, a quilómetros de distância, como se nunca mais descesse lá de cima. Às vezes voltava de uma missão ou de um trabalho desses de que nunca lhe falava, mas dos que Sinaloa inteira parecia estar ao corrente, e ficava mudo, sem as gabarolices habituais, evitando as suas perguntas a cinco mil pés de altura, evasivo, mais egoísta que nunca, como se andasse muito ocupado. E ela, atordoada, sem saber o que dizer ou o que fazer, rondava-o como um animal desajeitado, à espera do gesto ou da palavra que lho devolvesse de novo. Assustada.

Nessas alturas ele saía de casa, para o centro da cidade.

Durante algum tempo Teresa suspeitou que tivesse outra amante - tinha-as, sem dúvida, como todos, mas ela receava que houvesse uma em particular. Isso enlouquecia-a de vergonha e ciúme; de modo que uma manhã seguiu-o até às proximidades do mercado Garmendia, escondida entre as pessoas, até o ver meter-se no bar La Ballena: Proibida a entrada a vendedores, pedintes e menores de idade. O cartaz da porta não mencionava as mulheres, mas toda a gente sabia que essa era uma das normas tácitas do sítio: só cerveja e só homens. De modo que ficou parada na rua durante muito tempo, mais de meia hora ao pé da montra de uma sapataria, sem fazer mais nada além de vigiar as portas de batente e esperar que ele saísse. Mas não saía, de modo que acabou por atravessar a rua até ao restaurantezinho que havia ao lado, cuja sala comunicava com o bar.

Pedi um refresco, dirigiu-se até à porta do fundo, espreitou e viu uma sala grande cheia de mesas, e ao fundo uma juke-box onde os Dos Reales cantavam Caminos de la vida. E o insólito do local, àquelas horas, era que em cada mesa estava um homem só com uma garrafa de cerveja. Tal e qual. Um por mesa. Eram, quase todos, homens feitos ou velhos, com os chapéus de palma e os bonés de basebol na cabeça, caras morenas, bigodaças pretas ou grisalhas, cada qual bebendo em silêncio, ensimesmados e sem falar com ninguém, em jeito de estranhos filósofos pensativos; e algumas garrafas de cerveja ainda tinham o guardanapo de papel com que eram servidas metido até meio no gargalo, como

se nas mesas houvesse cravinhos brancos que serviam com as bejecas. Estavam todos calados, bebendo e ouvindo a música que, de vez em quando, um deles se levantava para pôr, colocando moedas na juke-box, e numa das mesas estava o Gúero Dávila com o seu blusão de piloto sobre os ombros, com a cabeça loura imóvel, completamente só, olhando para o vazio; assim, minuto após minuto, quebrando a sua quietude apenas para tirar o cravinho de papel da meia Pacífico de sete pesos e levá-la aos lábios. Calaram-se os Dos Reales substituídos por José Alfredo cantando Cuando los anos pasen. Então Teresa afastou-se devagarinho da porta, saiu para a rua e, no caminho de volta a casa, esteve a chorar muito tempo sem conseguir parar. Chorava e chorava, incapaz de controlar as lágrimas, sem saber bem porquê. Se calhar pelo Gúero e por si própria. Por quando passassem os anos.

Fizera-o. Só duas vezes, no tempo em que vivia em Melilla. E o Gúero tinha razão. Ela também não tinha esperado grande coisa. A primeira vez foi por curiosidade: queria saber como se sentia depois de tanto tempo, com a lembrança remota do seu homem e a mais recente e dolorosa do Gato Fierros, do seu sorriso cruel, da sua violência, ainda fortes na carne e na memória. Tinha escolhido com algum cuidado não isento de casualidade, sem problemas nem consequências.

Era um soldado jovem, um militar que a abordou à saída do cinema Nacional, onde ela tinha estado a ver, no seu dia livre, um filme de Robert de Niro.

Um de guerra e de amigos com um final bem parvo, jogando à roleta russa como ela viu uma vez o Gúero e o primo fazerem, bem emborcados de tequila e armados em idiotas com um revólver até que ela desatou a gritar-lhes e lhes tirou a arma e os mandou dormir, enquanto eles se riam, os bêbados desgraçados e irresponsáveis. Aquilo da roleta russa entristeceu-a, fazendo-a recordar; e talvez por isso, à saída, quando o militar se aproximou - camisa de quadrados como os de Sinaloa, alto, amável, cabelo clarinho e curto como o Gúero -, ela aceitou o convite para um refresco no Anthony's e ouviu a conversa superficial do outro, e acabou com ele na muralha da cidade velha, nua da cintura para baixo, com as costas contra a parede e um gato em cima de um tapume olhando-os interessado, com olhos que a lua fazia brilhar. Quase não sentiu nada porque estava demasiado atenta observando-se a si própria, comparando sensações e lembranças, como se de novo se tivesse desdobrado em duas pessoas e a outra fosse o gato que estava em frente olhando, desapaixonado e silencioso como uma sombra. O maçarico quis voltar a vê-la e ela disse claro, meu querido, outro dia; mas sabia que não ia voltar a vê-lo nunca mais e, mesmo que um dia se cruzasse com ele em qualquer sítio - Melilla era uma cidade pequena -, mal o

conheceria, ou poria cara de não o reconhecer. Nem sequer reteve o nome dele.

A segunda vez foi um assunto prático e um polícia. A solicitação dos seus documentos provisórios de residência andava devagar e Dris Larbi aconselhou-a a apressar as formalidades. O tipo chamava-se Souco. Era um inspector de meia-idade e aspecto razoável, que cobrava favores a emigrantes.

Tinha ido algumas vezes ao Yamila - Teresa tinha instruções para não cobrar o que bebesse - e conheciam-se vagamente. Foi vê-lo e o outro colocou-lhe a questão sem rodeios. Como no México, disse, sem que ela fosse capaz de determinar o que é que aquele filho da mãe entendia por costumes mexicanos.

As opções eram dinheiro ou aquilo. A respeito de dinheiro, Teresa poupava até ao último centavo, de modo que se inclinou por aquilo. Por um curioso prurido machista que quase a fez rir, o tal Souco tentou esmerar-se durante o encontro, no quarto 106 do Hotel Avenida - Teresa tinha definido claramente que seria só um encontro -, e até exigiu um veredicto à hora do cigarro e do fastio, atento à sua auto-estima e ainda com o preservativo posto. Vim-me, respondeu ela vestindo-se devagar, com o corpo banhado em suor. Vim-me é molhei-me? -

perguntou ele. Claro, respondeu ela. Depois, de volta a casa, ficou sentada na casa de banho, lavando-se pensativa e devagar, muito tempo, antes de fumar um cigarro à frente do espelho, observando com apreensão cada um dos traços dos seus vinte e três anos de vida como se tivesse medo de os ver alterar-se numa mutação estranha. Medo de ver, um dia, a sua própria imagem sozinha na mesa, como os homens daquele bar de Culiacán; e de não chorar, e de não se reconhecer.

Mas o Gúero Dávila, tão preciso nas suas previsões como nas suas impreviões, enganou-se num ponto do prognóstico. A partir de certas coisas, sabia ela agora, a solidão não era difícil de assumir. Nem sequer os pequenos acidentes e concessões a alteravam. Alguma coisa morrera com o Gúero, embora essa alguma coisa tivesse menos a ver com ele que com ela própria. Talvez uma certa inocência, ou uma injustificada segurança. Teresa saiu muito jovem do frio, deixando atrás a rua áspera, a miséria e os aspectos aparentemente mais duros da vida. Julgou afastar-se de tudo aquilo para sempre, ignorando que o frio continuava ali, espreitando atrás da porta fechada e equívoca, à espera do momento de se esgueirar pelas fendas e abalar de novo a sua existência. De repente pensamos que o horror está longe, bem à distância, e este mete-se-nos por dentro. Nessa altura, ela ainda não estava preparada. Era uma miúda: a garina de um narco bem instalada em casa, colecionando vídeos e porcelanas e gravuras com paisagens para dependurar na parede.

Uma como tantas. Sempre pronta para o seu homem, que lhe retribuía como manda o figurino. Bem bom. Com o Gúero tudo era riso e cama. Mais tarde ela

vira os primeiros sinais ao longe, sem prestar atenção. Sinais nefastos. Avisos que o Gúerolevava a brincar ou que, para sermos mais exactos, lhe importavam a ponta de um corno. Estava-se nas tintas, porque ele era bem esperto, apesar do que os outros diziam. Bastante vivo e muito finório. Simplesmente decidiu pular a cerca e não esperar. Nem sequer por ela tinha esperado, o cabrão. E

como resultado, um dia e de repente, bip-bip: Teresa vendo-se de novo na rua, à intempérie, correndo desconcertada com um saco e uma pistola na mão. E depois o hálito do Gato Fierros e o seu membro endurecido metendo-se nela, o clarão dos tiros, a cara de surpresa de Potemkin Gálvez, a capela de Malverde e o cheiro do charuto cubano de don Epifanio Vargas. O medo que se lhe colava à pele como a fuligem das velas acesas, engrossando-lhe o suor e as palavras.

E no fim, entre o alívio do que ficava para trás e a incerteza do futuro, um avião com ela dentro, ou com a outra mulher que às vezes se lhe parecia, olhando-se - olhando-a - no reflexo nocturno da janela, a três mil metros sobre o Atlântico. Madrid. Um comboio para o sul. Um barco deslocando-se pelo mar e pela noite. Melilla. E agora, deste lado da longa viagem, Teresa nunca mais conseguiria esquecer-se do sopro sinistro que rondava lá fora. Nem que tivesse outra vez a pele e o ventre disponíveis para alguém que já não fosse o Gúero.

Mesmo que - a ideia fazia-a sempre sorrir de um modo estranho - amasse de novo, ou julgasse fazê-lo. Mas talvez a sequência correcta, pensava ao rever o seu caso, fosse primeiro amar, depois julgar amar, e por fim deixar de amar ou amar uma lembrança. Agora sabia - isso assustava-a e, paradoxalmente, tranquilizava-a ao mesmo tempo - que era possível, fácil até, instalar-se na solidão como numa cidade desconhecida, num apartamento com um velho televisor e uma cama cujo estrado rangia quando se remexia, insone. Levantar-se para urinar e ficar ali quieta, com um cigarro entre os dedos. Meter-se debaixo do duche e acariciar o sexo com a mão humedecida de água e sabão, com os olhos fechados, recordando a boca de um homem. E saber que isso poderia durar toda a vida e que, estranhamente, ela poderia habituar-se a que assim fosse.

Resignar-se a envelhecer amarga e só, estagnada naquela cidade como em qualquer outro recanto perdido do mundo, enquanto esse mundo continuava a girar como sempre o fez, embora antes não se desse conta: impassível, cruel, indiferente.

Voltou a vê-lo uma semana mais tarde, junto ao mercadinho da ladeira Montes Tirado. Ela tinha ido comprar especiarias à mercearia de Kif-Kif - na falta de pimentão mexicano, o seu gosto pelo picante tinha acabado por se adaptar aos fortes condimentos mouriscos - e subia a ladeira com um saco em cada mão, procurando as fachadas com mais sombra para evitar o calor da manhã, que ali não era húmido como em Culiacán, mas seco e duro: calor norte-

africano de barranco sem água, figueira-da-índia, monte baixo e pedra nua. Viu-o sair de uma loja de acessórios eléctricos com uma caixa debaixo do braço e reconheceu-o no mesmo instante: Yamila, há alguns dias, o homem a quem tinha deixado que acabasse a bebida enquanto Ahmed limpava o chão e as raparigas se despediam até ao dia seguinte. Também ele a reconheceu pois, quando passou ao seu lado, afastando-se um pouco para não a estorvar com a caixa que levava, sorriu tal como o fizera quando tinha o whisky em cima do balcão e pedia licença para o acabar, mais com os olhos que com a boca, e disse olá. Ela também disse olá e continuou o seu caminho enquanto ele metia a caixa no porta-bagagem de uma furgoneta estacionada junto do passeio. E, sem se voltar, soube que ele continuava a olhá-la, até que, por fim, perto da esquina, sentiu os seus passos atrás, ou julgou senti-los. Então Teresa fez uma coisa estranha, que ela própria era incapaz de explicar: em vez de continuar directamente para casa, cortou à direita para entrar no mercado. Andou ao acaso, como se procurasse protecção entre as pessoas, embora não tivesse sabido responder, no caso de lhe perguntarem, de que se protegia. A verdade é que andou sem rumo entre as animadas bancas de fruta e verduras, com as vozes dos vendedores e dos clientes ecoando sob a nave envidraçada, e depois de deambular pelo recinto da peixaria saiu pela porta que dava para o pequeno café da calle Comisario Valero. Dessa forma, sem olhar para trás uma única vez durante o longo desvio, chegou a casa.

O portal ficava no fim de umas escadas caiadas, numa ruela que subia Polígono acima entre gradeamentos com vasos de sardinheiras e persianas verdes - era um bom exercício subir e descer duas ou três vezes por dia - e, da escada, viam-se os telhados da cidade, o minarete vermelho e branco da mesquita central e, ao longe, em Marrocos, a sombra escura do monte Gurugú. Por fim, voltou-se para olhar para trás enquanto procurava as chaves no bolso das calças de ganga.

Nessa altura pôde vê-lo na esquina da ruela, quieto e tranquilo, como se não se tivesse mexido daquele sítio durante toda a manhã. O sol reflectia-se nas paredes caiadas e na camisa dele, dourando-lhe os braços e o pescoço, projectando no chão uma sombra nítida e definida. Um só gesto, uma palavra, um sorriso inoportuno, tê-la-iam feito rodar sobre os calcanhares e abrir a porta fechando-a atrás de si, deixando o homem para trás, lá fora, longe da sua casa e da sua vida. Mas quando os seus olhares se cruzaram ele limitou-se a ficar como estava, imóvel na esquina entre toda aquela luz das paredes e da sua camisa branca. E os olhos verdes pareciam sorrir ao longe, como quando ela disse é hora de fechar no balcão do Yamila, e também pareciam ver coisas que Teresa ignorava. Coisas sobre o seu presente e o seu futuro. Talvez por isso, em vez de abrir a porta e de a fechar atrás de si, pousou os sacos no chão, sentou-se num

degrau da escada e tirou o maço de cigarros. Tirou-o muito devagar e, sem levantar os olhos, permaneceu assim enquanto o homem caminhava escadas acima até chegar ao nível dela. Por um momento a sua sombra escondeu a luz do sol. Depois sentou-se ao lado, no mesmo degrau; e ainda com os olhos baixos ela viu umas calças de algodão azuis, muito lavadas. Uns ténis cinzentos. As dobras da camisa arregaçada nos braços queimados pelo sol, magros e fortes. Um relógio Seiko de mergulho com correia preta no pulso esquerdo.

A tatuagem do Cristo crucificado no antebraço direito.

Teresa acendeu o cigarro, inclinando o rosto, e o cabelo solto caiu-lhe sobre a cara. Ao fazê-lo aproximou-se um pouco do homem, sem querer; e este pôs-se de lado tal como fizera na rua quando levava a caixa, como se não quisesse estorvar-lhe os movimentos. Não olhou para ele e soube que ele também não a olhava. Fumou em silêncio, analisando com imparcialidade cada um dos sentimentos e sensações físicas que lhe percorriam o corpo. A conclusão era surpreendentemente simples: é melhor perto que longe. De repente ele moveu-se um pouco e ela viu-se a si própria com medo de que ele se fosse embora. Vou dizer-te que não p'ra quê, pensou. Se sim.

Ergueu o rosto, afastando o cabelo para o observar. Tinha um perfil agradável, ossudo o queixo, bronzeada a cara, o sobrolho um pouco franzido devido à luminosidade que o fazia semicerrar os olhos. Tudo bem bonito. Olhava para longe, na direcção do Gurugú e de Marrocos.

- Onde estiveste? - perguntou ela.

- De viagem - a voz dele tinha um ligeiro sotaque que não notara da primeira vez, uma modulação agradável e suave, um pouco cerrada, diferente do espanhol que se falava por ali. - Regressei esta manhã.

Aconteceu assim, como se reatassem um diálogo interrompido. Dois velhos conhecidos que se encontram, sem se surpreenderem um com o outro. Dois amigos.

Talvez dois amantes.

- Chamo-me Santiago.

Finalmente voltara-se. Ou és muito esperto, pensou ela, ou és um encanto. De qualquer forma, dava na mesma. Os olhos verdes sorriam de novo, seguros e tranquilos, estudando-a.

- Eu sou Teresa.

Repetiu o nome dela em voz baixa. Teresa, disse num tom de voz reflexivo como se, por alguma razão que ambos ainda ignoravam, devesse habituar-se a pronunciá-lo. Continuou a observá-la enquanto ela aspirava o fumo do cigarro antes de o expelir de chofre, em jeito de uma decisão; e quando deixou cair a beata no chão e se pôs em pé, ele permaneceu sem se mexer, sentado no degrau.

Soube que ele ficaria ali sem forçar as coisas, se não lhe facilitasse o passo seguinte. Não por insegurança ou timidez, claro. Era evidente que não era desses. A sua calma parecia determinar que aquilo era um assunto a cinquenta por cento e que cada qual devia percorrer o seu troço do caminho.

- Vem - disse ela.

Era diferente, comprovou. Menos imaginativo e divertido que o Gúero. Não havia, como no outro caso - o maçarico e o polícia nada tinham a ver com isso -, brincadeiras, nem risos, nem ousadias, nem impudências ditas em jeito de prólogo ou de adereço. Na realidade, nessa primeira vez quase não houve palavras: aquele homem ficava em silêncio quase todo o tempo enquanto se movia muito sério e muito lentamente.

Tão minucioso. Os seus olhos, que mesmo nessa altura eram tranquilos, não a perdiam um instante. Nunca se desviavam nem semicerravam. E quando uma réstia de luz entrava pelas varetas das persianas, fazendo brilhar minúsculas gotas de suor na pele de Teresa, os reflexos verdes pareciam iluminar-se mais, fixos e sempre alerta, tão serenos como o resto do corpo magro e forte que não arremetia impaciente, como ela tinha esperado, mas que a penetrava com firmeza e segurança. Sem pressas. Tão atento às sensações que o rosto da mulher revelava e aos tremores da sua carne como ao seu próprio controlo, prolongando até ao limite cada beijo, cada carícia, cada situação. Repetidos uma e outra vez os mesmos gestos, as mesmas vibrações e respostas, todo aquele complexo encadeamento: cheiro a sexo nu e húmido, tenso. Saliva. Ardor. Suavidade.

Pressão. Paz. Causas e efeitos que se convertiam em novas causas, sequências idênticas de aparência interminável. E quando ela tinha vertigens de lucidez, como se fosse cair de algum lugar onde jazia ou flutuava abandonada e, julgando acordar, correspondia de algum modo, acelerando o ritmo ou levando-o lá aonde sabia - julgava saber - que qualquer homem deseja ser levado, ele abanava um pouco a cabeça, negando, acentuava-se o sorriso sereno nos seus olhos, pronunciava em voz baixa palavras inaudíveis e uma vez até levantou um dedo para a admoestar docemente, espera, sussurrou, quieta, nem pestanejes; e depois de retroceder imobilizando-se por um instante, rígidos os músculos da cara, concentrado para recuperar o controlo - sentia-o entre as coxas, bem duro e molhado dela -, de repente afundou-se de novo, com suavidade, ainda mais lenta e profundamente, até bem ao fundo. E Teresa afogou um gemido e voltou a começar tudo de novo enquanto o sol nas frinças da persiana a ofuscava com clarões de luz curtos e tépidos como navalhadas. E assim, com a respiração entrecortada, olhando-o com os olhos muito abertos de tão perto que parecia ter o rosto e os lábios e os olhos dele também dentro de si, prisioneira entre aquele corpo e os lençóis revoltos e húmidos nas suas costas, apertou-o mais

intensamente com os braços e com as mãos e com as pernas e com a boca enquanto pensava de repente: Meu Deus, Virgenzinha, Santa Mãe de Cristo, não estamos a usar preservativo.

## **4. VAMOS PARA ONDE NINGUÉM NOS JULGUE**

Dris Larbi não gostava de se meter na vida privada das suas raparigas. Pelo menos foi o que me disse. Era um homem tranquilo, atento ao negócio, partidário de que cada um se governasse como entendesse, desde que não lhe endossassem a factura. Era tão pacato, contou, que até deixara crescer a barba para satisfazer o cunhado, um integrista chato que vivia em Nador com a irmã e quatro sobrinhos. Possuía o BI espanhol e a nequa marroquina, votava nas eleições, matava o seu cordeiro no dia de Aid el Adha e pagava impostos sobre os lucros declarados dos seus negócios oficiais: não era uma biografia má para alguém que tinha atravessado a fronteira aos dez anos com uma caixa de engraxador debaixo do braço e menos papéis que um coelho bravo. Justamente esse ponto, o dos negócios, tinha obrigado Dris Larbi a apreciar repetidamente a situação de Teresa Mendoza. Porque a Mexicana acabou convertendo-se em alguém especial.

Organizava a contabilidade do Yamila e conhecia alguns segredos da empresa.

Além disso, tinha cabeça para os números e isso era bastante útil noutra tipo de coisas. No fim de contas, os três clubes de alterne que o rifense tinha na cidade faziam parte de negócios mais complexos, que incluíam facilitar o tráfico ilegal de imigrantes - ele chamava-o trânsito privado - para Melilla e para a Península. Isso incluía passagens pela vala fronteira, apartamentos de segurança na Canada de la Muerte ou em casas velhas do Real, subornos aos polícias de guarda nos postos de controlo, ou expedições mais complexas, vinte ou trinta pessoas por viagem, com desembarques clandestinos nas praias andaluzas e recurso a pesqueiros, lanchas ou pateras (1) que saíam da costa marroquina. Tinham proposto mais de uma vez a Dris Larbi que aproveitasse a infra-estrutura para transportar coisas mais rentáveis; mas ele, além de cidadão exemplar e bom muçulmano, era prudente. A droga convinha e era dinheiro rápido; mas trabalhar nessa área, quando se era conhecido e se tinha alguma posição neste lado da fronteira, implicava passar, mais cedo ou mais tarde, por



um tribunal. E uma coisa era untar as mãos de alguns polícias espanhóis para que não exigissem muitos papéis às raparigas ou aos imigrantes, e outra, muito diferente, era comprar um juiz. Prostituição e imigração ilegal causavam menos perdas que cinquenta quilos de haxixe nos procedimentos judiciais. Menos alhadas. O dinheiro pingava mais devagar, mas gozava-se de liberdade para o gastar e não desaparecia em advogados e outras sanguessugas. Nem pensar.

Seguira-a algumas vezes, sem se esconder demasiado. Fingindo encontros casuais. Também fizera averiguações sobre aquele indivíduo: galego, visitas a Melilla de oito em oito ou de dez em dez dias, uma lancha rápida Phantom pintada de preto. Não era preciso ser enólogo, ou etnólogo, ou como quer que se chamasse, para deduzir que, líquido e em tetrabrik, só podia ser vinho.

Algumas averiguações nos locais adequados permitiram confirmar que o fulano vivia em Algeciras, que a lancha voadora estava registada em Gibraltar, e que se chamava, ou o chamavam - nesse ambiente era difícil saber - Santiago Fisterra. Sem antecedentes penais, contou confidencialmente um cabo da Polícia Nacional bastante empenhado, a propósito, em que as raparigas de Dris Larbi o chupassem nas horas de serviço dentro do carro-patrolha. Tudo isso permitiu que o chefe de Teresa Mendoza ficasse com uma ideia aproximada da personagem, considerando-o sob dois aspectos: inofensivo como cliente do Yamila, incómodo como íntimo da Mexicana. Incómodo para ele, claro.

*\*(1) Pequenos barcos de madeira, de fundo plano, para águas de pouca profundidade, utilizados no Estreito de Gibraltar. (N. da T.)*

Pensava em tudo isso enquanto observava o casal. Vira-os casualmente do seu automóvel, passeando perto do porto, no Mantelete, junto das muralhas da cidade velha; e, depois de continuar em frente mais alguns metros, manobrou para voltar atrás, estacionar e ir beber uma garrafinha à esquina do Hogar del Pescador.

Na praceta, sob um arco antiquíssimo da fortaleza, Teresa e o galego comiam espetadas na brasa sentados ao pé de uma das três mesas desconjuntadas de uma barraquinha de comes e bebes. Até Dris Larbi chegava o aroma da carne temperada sobre as brasas e teve de se controlar - não tinha almoçado - para não ir até lá e encomendar alguma coisa. O seu lado marroquino enlouquecia com as espetadinhas.

No fundo são todas iguais, disse para consigo. Não importa a serenidade que aparentam; quando uma boa ferramenta se lhes atravessa pela frente, perdem as estribeiras e não ouvem ninguém. Esteve um bocado a olhá-la de longe, com a Mão na mão, tentando relacionar a jovem que ele conhecia, a mexicaninha

eficiente e discreta atrás do balcão, com esta outra de calças de ganga, sapatos de tacão muito alto e um blusão de cabedal, com o cabelo muito liso e esticado para trás, com risco ao meio, preso na nuca à maneira da sua terra, que conversava com o homem sentado junto dela à sombra da muralha. Mais uma vez pensou que não era especialmente bonita, era normalíssima; mas que quando se arranjava, ou consoante o momento, podia sê-lo. Os olhos grandes, o cabelo tão preto, o corpo jovem no qual ficavam bem as calças justas, os dentes brancos e, sobretudo, a maneira doce de falar e a forma como ouvia quando lhe dizíamos alguma coisa, calada e séria como se pensasse, de maneira a sentirmo-nos escutados e quase importantes. Sobre o passado de Teresa, Dris Larbi sabia o imprescindível e não desejava mais: que teve problemas sérios na sua terra e que alguém com influência lhe arranjou um sítio onde esconder-se. Tinha-a visto desembarcar do ferry de Málaga com o seu saco de viagem e um ar atordoado, desterrada num mundo estranho cujos códigos ignorava. A esta pombinha vão comê-la em dois dias, chegou a pensar. Mas a Mexicana tinha demonstrado uma singular capacidade de adaptação ao terreno; como aqueles soldados jovens de origem camponesa, habituados a sofrer sob o sol e o frio e que depois, na guerra, resistem a qualquer coisa e são capazes de suportar fadigas e privações, encarando cada situação como se tivessem passado a vida nela.

Por isso o surpreendia a relação dela com o galego. Não era das que se envolviam com um cliente ou com qualquer um; era das ressabiadas. Das que pensavam nas coisas. E no entanto ali estava, comendo espetadinhas sem afastar os olhos do tal Fisterra; que talvez tivesse futuro pela frente - o próprio Dris Larbi era uma prova de que se podia vencer na vida -, mas que, de momento, não tinha onde cair morto e o mais provável eram dez anos em qualquer prisão espanhola ou marroquina, ou uma navalhada numa esquina. Mais: tinha a certeza de que o galego tinha relação com as recentes e insólitas petições de Teresa para assistir a algumas das festas privadas que Dris Larbi organizava de um e de outro lado da fronteira. Quero ir, propôs ela sem dar explicações; e ele, surpreendido, não pôde nem quis recusar. Está bem, de acordo, por que não?

O caso é que tinha lá estado, com efeito, ver para crer, a mesma que no Yamila parecia acanhada e séria atrás do balcão, bastante arranjada agora, com muita maquilhagem e bem bonita, com aquele mesmo penteado com risco ao meio muito esticado para trás e um vestido preto curto e decotado, desses que se colam a um corpo que não parecia nada mau, e sobre os tacões altos umas pernas - nunca Dris Larbi a vira assim - na realidade bastante comestíveis. Vestida para matar, pensou o rifense na primeira vez, quando a foi buscar com alguns carros e quatro raparigas europeias para as levar ao outro lado da fronteira, para lá de Mar Chica, a uma moradia de luxo junto à praia de Kariat Arkeman.

Depois, já na farra - alguns coronéis, três funcionários superiores, dois políticos e um rico comerciante de Nador -, Dris Larbi não tirara os olhos de Teresa, curioso para saber o que trazia entre mãos. Enquanto as quatro europeias, reforçadas com três marroquinas muito jovens, entretinham os convidados da forma convencional naquele tipo de situações, Teresa entabulou conversa um pouco com toda a gente, em espanhol e também num inglês elementar que até ao momento Dris Larbi ignorava que ela controlava, e que ele desconhecia por completo salvo as palavras *goodmorning*, *goodbye*, *fuck* e *money*. Teresa esteve toda a noite, observou perplexo, tolerante e até simpática de um lado para outro, como se tacteasse com calculismo o terreno; e, depois de esquivar o avanço de um dos políticos locais que a essa hora já estava bastante atochado de tudo o que era consumível em estado sólido, líquido e gasoso, acabou decidindo-se por um coronel da Gendarmaria Real chamado Chaib. E Dris Larbi, que tal como aqueles eficientes maitres de hotel ou de restaurantes se mantêm num discreto à parte, um toque aqui e outro ali, uma indicação de cabeça ou um sorriso, procurando fazer com que tudo decorresse a gosto dos seus convidados - tinha uma conta bancária, três puticlubes a manter e dúzias de emigrantes ilegais esperando luz verde para serem transportados para Espanha -, não pôde deixar de apreciar, como especialista em relações públicas, a desenvoltura com que a Mexicana se atirava ao gendarme. Que não era, e apercebeu-se disso preocupado, um militar qualquer. Porque qualquer traficante que pretendesse transportar haxixe entre Nador e Alhucemas tinha de pagar um imposto adicional, em dólares, ao coronel Abdelkader Chaib.

Teresa ainda assistiu a outra festa, um mês mais tarde, onde se encontrou de novo com o coronel marroquino. E enquanto os observava conversar à parte e em voz baixa num sofá junto ao terraço - desta vez tratava-se de um luxuoso último andar num dos melhores edifícios de Nador -, Dris Larbi começou a assustar-se e decidiu que não haveria uma terceira vez. Chegou mesmo a pensar despedi-la do Yamila; mas via-se preso por certos compromissos. Naquela complexa cadeia de amigos de amigos, o rifense não controlava as causas finais nem os escalões intermédios; e, nesses casos, mais valia ser cauteloso e não incomodar ninguém. Também não podia negar uma certa simpatia pessoal pela Mexicana: simpatizava com ela. Mas isso não incluía facilitar as pretensões ao galego nem facilitar-lhe a ela as quecas com os seus contactos marroquinos.

Sem contar com o facto de que Dris Larbi procurava manter-se longe da planta de cannabis em qualquer uma das suas formas e transformações. De modo que nunca mais, disse para consigo. Se ela queria bater uma ceguinha a Abdelkader Chaib ou a qualquer outro por conta de Santiago Fisterra, não seria ele a fornecer-lhes a cama.

Preveniu-a como fazia habitualmente essas coisas, sem se meter muito. Deixando cair. Numa ocasião em que saíam juntos do Yamila e foram a andar até à praia, conversando sobre uma entrega de garrafas de genebra que devia ser feita de manhã, ao chegar à esquina do passeio marítimo Dris Larbi viu o galego que esperava sentado num banco; e, sem transição, a meio de um comentário sobre as caixas de garrafas e o pagamento ao fornecedor, disse: esse é dos que não ficam. Nada mais. Depois calou-se durante uns segundos antes de continuar a falar das caixas de genebra e também antes de se aperceber de que Teresa olhava para ele muito séria; não como se não entendesse, mas desafiando-o a continuar, a ponto de o rifense se ver obrigado a encolher os ombros e a acrescentar alguma coisa: ou vão-se embora ou matam-nos.

- O que saberás tu disso! - respondera ela.

E disse-o com um tom de superioridade e com um certo desdém que fizeram Dris Larbi sentir-se um pouco ofendido. O que terá julgado esta apache estúpida, chegou a pensar. Abriu a boca para dizer uma grosseria, ou talvez - ainda não tinha decidido - para elucidar a mexicaninha de que ele sobre homens e mulheres sabia umas quantas coisas depois de passar um terço da sua vida a traficar seres humanos e ratas; e de que, se não estivesse contente, estava a tempo de procurar outro trabalho. Mas ficou calado porque julgou compreender que ela não se referia a isso, aos homens e às mulheres e aos que fodem e desaparecem, mas a uma coisa mais complicada de que ele não estava ao corrente e que, por vezes, sendo capaz de observar esse tipo de coisas, transparecia na maneira de olhar e nos silêncios daquela mulher. E nessa noite, junto à praia onde o galego esperava, Dris Larbi pressentiu que o comentário de Teresa tinha menos a ver com os homens que se vão que com os homens a quem matam.

Porque, no mundo de onde ela vinha, ser morto era uma forma de partir tão natural como outra qualquer.

Teresa tinha uma fotografia na bolsa. Trazia-a na carteira há muito tempo: desde que o Chino Parra a tirara a ela e ao Gúero Dávila num dia em que comemoravam o seu aniversário. Estavam os dois sozinhos na fotografia, ele tinha vestido o blusão de piloto e passava-lhe o braço pelos ombros. Estava um pedaço de mau caminho rindo-se diante da máquina fotográfica, com a sua fronha de gringo magro e alto, com o polegar da outra mão enfiado na fivela do cinto. A sua expressão risonha contrastava com a de Teresa, que insinuava apenas um sorriso entre inocente e desconcertado. Nessa altura tinha apenas vinte anos e, além de muito miúda, parecia frágil, com os olhos muito abertos diante do flash da máquina e, na boca, aquele trejeito um pouco forçado, que não chegava a ser contagiado pela alegria do homem que a abraçava.

Talvez, como acontece na maior parte das fotografias, a expressão fosse

casual: um instante qualquer, o acaso fixado no filme. Mas como não se aventurar agora, com a lição sabida, a interpretar? Com frequência, as imagens, as situações e as fotografias não o são totalmente até surgirem os acontecimentos posteriores; como se ficassem em suspenso, provisórias, para serem confirmadas ou desmentidas mais tarde. Tiramos fotografias, não com o objectivo de recordar, mas para as completarmos depois com o resto das nossas vidas. Por isso há fotografias que acertam e outras que não. Imagens que o tempo coloca no lugar certo, atribuindo a umas o seu verdadeiro significado e recusando outras que desaparecem sozinhas, como se as cores se apagassem com o tempo.

Aquela fotografia que guardava na carteira era das que se tiram para depois adquirirem sentido, embora ninguém saiba quando é que isso acontecerá. E, no fim de contas, o passado mais recente de Teresa dava a esse velho instantâneo um futuro inexorável, finalmente consumado. Já era fácil, desta margem de sombras, ler, ou interpretar. Tudo parecia óbvio na atitude do Gúero, na expressão de Teresa, no sorriso confuso motivado pela presença da máquina fotográfica. Ela sorria para agradar ao seu homem, apenas o imprescindível - vem aqui, pretinha, olha para a objectiva e pensa no muito que me amas, minha linda -, enquanto se lhe refugiava nos olhos o presságio obscuro. O pressentimento.

Agora, sentada junto de outro homem ao pé da Melilla antiga, Teresa pensava nessa fotografia. Pensava nela porque assim que chegaram ali, enquanto o seu acompanhante encomendava as espetadinhas ao mouro do fogareiro a carvão, um fotógrafo de rua com uma velha Yashica pendurada ao pescoço aproximara-se deles e, enquanto lhe diziam que não, obrigado, ela perguntava a si própria que futuro poderiam ler um dia na fotografia que não iam tirar, se a contemplassem daí a uns anos. Que sinais iam interpretar, quando tudo se tivesse cumprido, daquela cena junto à muralha, com o ruído do mar a poucos metros, as ondas batendo nas rochas atrás do arco do muro medieval que deixava ver um pedaço de céu azul intenso, o cheiro a algas e a pedra centenária e a lixo da praia misturando-se com o aroma das espetadinhas com especiarias que douravam sobre as brasas.

- Vou-me embora esta noite - disse Santiago.

Era a sexta desde que se conheciam. Teresa contou alguns segundos antes de olhar para ele e, ao fazê-lo, abanou afirmativamente a cabeça.

- Para onde?

- Dá na mesma, para onde - olhava-a com gravidade, dando por assente que eram más notícias para ela. - Há trabalho.

Teresa sabia qual era esse trabalho. Estava tudo preparado no outro lado da fronteira, porque ela própria se tinha encarregado de que o estivesse. Tinham a

palavra de Abdelkader Chaib - a conta secreta do coronel em Gibraltar acabara de aumentar um pouco - de que não haveria problemas no embarque. Santiago estava há oito dias pendente de um aviso no seu quarto do Hotel Ânfora, com Lalo Veiga vigiando a lancha numa enseada da costa marroquina, perto de Punta Bermeja.

À espera de uma carga. E agora o aviso tinha chegado.

- Quando voltas?

- Não sei. Uma semana, no máximo.

Teresa abanou um pouco a cabeça concordando novamente, como se uma semana fosse o tempo adequado. Teria feito o mesmo gesto se tivesse ouvido um dia, ou um mês.

- Vem aí a noite - comentou ele.

Talvez por isso esteja aqui sentada contigo, pensava ela. Vem a lua nova e tens trabalho e é como se eu estivesse condenada a repetir a mesma música.

A questão é se quero ou não quero repeti-la. Se me convém ou não me convém.

- Sê-me fiel - disse ele, ou o seu sorriso.

Observou-o como se regressasse de muito longe. De tão longe que fez um esforço para compreender a que diacho se referia.

- Tentarei - acabou por dizer, quando compreendeu.

- Teresa.

- O quê?

- Não é preciso continuares aqui.

Olhava-a de frente, quase leal. Todos eles olhavam de frente, quase leais.

Mesmo a mentir, ou a prometer coisas que nunca cumpririam, embora não o soubessem.

- Não me lixes. Já falámos disso.

Tinha aberto a carteira e procurava o maço de cigarros e o isqueiro. Bisonte.

Uns cigarros fortes, sem filtro, aos quais se habituara por acaso. Não havia Faros em Melilla. Acendeu um e Santiago continuava a olhar para ela da mesma forma.

- Não gosto do teu trabalho - disse ele, passado um bocado.

- Eu adoro o teu.

Soou como a censura que era e incluía demasiadas coisas em apenas quatro palavras. Ele desviou o olhar.

- Queria dizer que não precisas desse mouro.

- Mas tu cá precisas de outros mouros... E precisas de mim. Recordou sem desejar fazê-lo. O coronel Abdelkader Chaib andava pelos cinquenta e não era mau tipo. Só ambicioso e egoísta como qualquer homem e tão razoável como

qualquer homem inteligente. Também podia ser, quando a isso se propunha, educado e amável. Tratara Teresa com cortesia, sem nunca exigir mais do que ela planeava dar-lhe e sem a confundir com a mulher que não era. Atento ao negócio e respeitando a cobertura. Respeitando-a até certo ponto.

- Nunca mais.

- Claro.

- Juro-te. Pensei muito nisso. Nunca mais.

Continuava carrancudo, e ela rodou um pouco o corpo. Dris Larbi estava no outro lado da praceta, na esquina do Hogar del Pescador, com uma bejeca na mão, observando a rua. Ou observando-os a ambos. Viu que levantava a garrafa, num cumprimento, e ela respondeu inclinando um pouco a cabeça.

- Dris é um bom homem - disse, voltada de novo para Santiago. - Respeita-me e paga-me.

- É um chulo de putas e um mouro cabrão.

- E eu sou uma índia puta e cabrona.

Ficou calado e ela fumou em silêncio, mal-humorada, ouvindo o rumor do mar atrás do arco do muro. Santiago pôs-se a entrecruzar distraidamente os espetos de metal no prato de plástico. Tinha mãos ásperas, fortes e morenas, que ela conhecia bem. Usava o mesmo relógio de mergulho barato e fiável, nada de pulseiras ou de anéis. Os reflexos da luz nos muros caiados da praia douravam-lhe a penugem sobre a tatuagem do braço. Também clareavam os seus olhos.

- Podes vir comigo - acabou por dizer. - Em Algeciras vive-se bem...

Ver-nos-íamos todos os dias. Longe disto.

- Não sei se te quero ver todos os dias.

- És uma tipa estranha. Estranha como o caraças. Não sabia que as mexicanas eram assim.

- Não sei como são as mexicanas. Sei como sou eu - pensou um instante. - Nalguns dias penso que o sei.

Atirou o cigarro para o chão, apagando-o com a sola do sapato. Depois voltou-se para verificar se Dris Larbi continuava no bar em frente. Já não estava. Pôs-se de pé e disse que lhe apetecia dar um passeio. Ainda sentado, enquanto procurava o dinheiro no bolso traseiro das calças, Santiago continuava a olhar para ela e a sua expressão era diferente. Sorria. Sabia sempre como sorrir para que a ela se lhe desvanecessem as nuvens negras. Para que fizesse isto ou aquilo.

Abdelkader Chaib incluído.

- Foda-se, Teresa!

- O quê?

- Às vezes pareces uma fedelha, e agrada-me - levantou-se, deixando algumas moedas em cima da mesa. - Quero dizer, quando te vejo andar e tudo

isso. Andas baloiçando o rabo, voltas-te, e comê-lo-ia todo como se fosses fruta fresca...

E essas mamas...

- O que se passa com elas?

Santiago inclinava a cabeça, procurando uma definição adequada.

- São bonitas - concluiu, sério. - As melhores mamas de Melilla.

- Bolas! Esse é um piropo espanhol?

- Não sei - esperou que ela acabasse de se rir. - É o que me passa pela cabeça.

- Só isso?

- Não. Também gosto da tua forma de falar. Ou de te calares. Põe-me, não sei...

De muitas maneiras. E para uma dessas maneiras, a melhor palavra é terno.

- Bem. Agrada-me que às vezes esqueças as minhas mamocas e te ponhas meiguinho.

- Não preciso de me esquecer de nada. As tuas mamas e eu terno somos compatíveis.

Ela tirou os sapatos e puseram-se a andar pela areia suja e depois pelas rochas da beira-mar, sob os muros de pedra ocre por cujas ameias espreitavam canhões oxidados. Ao longe, desenhava-se a silhueta azulada do cabo Três Forcas. Às vezes a espuma salpicava-lhes os pés. Santiago andava com as mãos nos bolsos, parando de vez em quando para ver se Teresa não corria o risco de escorregar no lodo das pedras húmidas.

- Outras vezes - acrescentou de súbito, como se nunca tivesse deixado de pensar nisso - ponho-me a olhar para ti e, de repente, pareces-me muito mais velha...

Como esta manhã.

- O que aconteceu esta manhã?

- Quando acordei estavas na casa de banho, levantei-me para te ver e vi-te diante do espelho, deitando água para a cara e olhando para ti própria como se te custasse reconhecer-te. Com cara de velha.

- Feia?

- Feiíssima. Por isso quis tornar-te bonita e te peguei ao colo e te levei para a cama e estivemos a dar uma trepa uma longa hora.

- Não me lembro.

- Do que fizemos na cama?

- De estar feia.

Recordava-se muito bem, evidentemente. Tinha acordado cedo, com a primeira claridade cinzenta. Canto de galos ao amanhecer. Voz do muezim no minarete da mesquita. Tic-tac do relógio na mesa-de-cabeceira. E ela incapaz de



voltar a adormecer, vendo como a luz clareava pouco a pouco o tecto do quarto de dormir, com Santiago dormindo de barriga para baixo, com o cabelo despenteado, metade da cara afundada na almofada e a barba áspera que lhe despontava no queixo roçando-a no ombro. A sua respiração pesada e a sua imobilidade quase contínua, idêntica à morte. E a angústia repentina que a fez saltar da cama, ir à casa de banho, abrir a torneira da água e molhar a cara repetidamente, enquanto a mulher que a observava do espelho se parecia com a mulher que a tinha olhado com o cabelo húmido no dia em que o telefone tocou em Culiacán. E depois Santiago reflectido atrás, com os olhos inchados do sono, nu como ela, abraçando-a antes de a levar novamente para a cama para fazerem amor entre os lençóis enrugados que cheiravam aos dois, a sémen e ao calor de corpos abraçados.

E depois os fantasmas desvanecendo-se até nova ordem, uma vez mais, com a penumbra do amanhecer sujo - não havia nada tão sujo no mundo como aquela indecisa penumbra cinzenta do amanhecer - relegada de novo para os infernos pela luz do dia, que se espalhava já em caudal entre as persianas.

- Contigo acontece-me, de vez em quando, ficar um pouco de fora, entendes?...

- Santiago olhava o mar azul, ondulante com a marulhada que ia e vinha entre as rochas; um olhar familiar e quase técnico. - Tenho-te bem controlada e, de repente, zás... desapareces.

- Para Marrocos.

- Não sejas tonta. Por favor. Já te disse que isso acabou. Outra vez o sorriso que apagava tudo. Bonito até mais não, pensou ela novamente. O estuporado contrabandista filho da mãe.

- Tu às vezes também desapareces - disse. - Para muito longe.

- No meu caso é diferente. Tenho coisas que me preocupam... Quero dizer, coisas do momento. Mas no teu caso é diferente.

Calou-se durante algum tempo. Parecia procurar uma ideia difícil de concretizar. Ou de expressar.

- No teu caso - acabou por dizer - são coisas que já estavam aí antes de te conhecer.

Deram mais alguns passos antes de voltar sob o arco da muralha. O velho das espetadas limpava a mesa. Teresa e o mouro trocaram um sorriso.

- Nunca me contas nada do México - disse Santiago. Ela apoiava-se nele para calçar os sapatos.

- Não há muita coisa para contar... - respondeu. - Lá as pessoas lixam-se umas às outras por causa do narco ou por alguns pesos, ou lixam outro porque dizem que é comunista, ou vem um furacão e lixa-os a todos da mesma forma.

- Referia-me a ti.

- Eu sou sinaloense. Com o meu orgulho um bocadinho ferido, ultimamente. Mas cabeça-dura como o caraças.

- E que mais?

- Não há mais. Também não te interrogo sobre a tua vida. Nem sequer se és casado.

- Não sou - movia os dedos diante dos olhos dela. - E chateia-me não o teres perguntado até hoje.

- Não pergunto. Digo apenas que não o sei. O pacto foi esse.

- Que pacto? Não me lembro de nenhum pacto.

- Nada de perguntas parvas. Tu vens, eu estou. Tu vais, eu fico.

- E o futuro?

- Do futuro falaremos quando chegar.

- Por que vais para a cama comigo?

- E com quem mais?

- Comigo.

Parou à frente dele, com as mãos nas ancas como se fosse cantar-lhe uma ranchera.

- Porque és um gajo bem-parecido - disse, olhando-o de cima a baixo, muito lenta e apreciativamente. - Porque tens olhos verdes, um rabo lindo de morrer, uns braços fortes... Porque és um filho da mãe sem ser totalmente egoísta.

Porque podes ser duro e doce ao mesmo tempo... Isto basta-te?... - sem querer, sentiu tensos os traços do rosto. - Também porque te pareces com alguém que conheci.

Santiago olhava-a. Rude, naturalmente. A expressão lisonjeada esfumara-se de uma penada e ela adivinhou-lhe as palavras antes de ele as pronunciar.

- Não me agrada isso de te recordar outro.

Galego do diacho, aquele. Diacho de homens de merda. Tão fáceis todos e tão imbecis. De repente sentiu necessidade de acabar com aquela conversa.

- Bolas. Eu não disse que me lembras outro. Disse que te pareces com alguém.

- E não queres saber por que me deito eu contigo?

- Além da minha utilidade nas festas de Dris Larbi?

- Além disso.

- Porque deliras com a minha xoxotinha. E porque às vezes te sentes só.

Viu-o passar uma mão pelo cabelo, confuso. Depois agarrou-a pelo braço.

- E se me deitasse com outras? Importavas-te?

Libertou o braço sem violência; foi-o afastando apenas com suavidade até o sentir livre novamente.

- Tenho a certeza de que também te deitas com outras.
- Em Melilla?
- Não. Isso já o sei. Aqui, não.
- Diz que me amas.
- Ora... Amo-te.
- Isso não é verdade.
- O que é que isso interessa. Amo-te.

Não me foi difícil conhecer a vida de Santiago Fisterra. Antes de ir para Melilla completei o relatório da polícia de Algeciras com outro bastante pormenorizado da Vigilância Aduaneira que continha datas e locais, incluindo o do seu nascimento em O Grove, uma povoação de pescadores da ria de Arosa.

Por isso sabia que, quando conheceu Teresa, Fisterra tinha acabado de fazer trinta e dois anos. O seu currículo era clássico. Tinha estado embarcado em pesqueiros desde os catorze e, depois do serviço militar na Armada, trabalhou para os amos do fume, os patrões do tabaco, chefes das redes contrabandistas que actuavam nas rias galegas: Charlines, Sito Minanco, os irmãos Pernas. Três anos antes do seu encontro com Teresa, o relatório da Aduana situava-o em Villagarcía como arrais de uma lancha voadora do clã dos Pedrusquifios, conhecida família de contrabandistas de tabaco que, por essa época, ampliava as suas actividades ao tráfico de haxixe marroquino. Naquele tempo Fisterra era um assalariado a tanto por viagem, cujo trabalho consistia em pilotar lanchas rápidas que transportavam tabaco e droga de navios-mãe e pesqueiros situados fora das águas espanholas, aproveitando a complicada geografia do litoral galego. Isso dava lugar a perigosos duelos com os serviços de vigilância costeira, Aduana e Guarda Civil. E, numa dessas incursões nocturnas, quando tentava evitar a perseguição de uma lancha com ziguezagues cerrados entre as bateiras de pesca do mexilhão da ilha de Cortegada, Fisterra e o seu co-piloto - um jovem de Ferrol chamado Lalo Veiga - acenderam um fogo para ofuscar os perseguidores a meio de uma manobra e os polícias chocaram contra uma bateira. Resultado: um morto. A história era referida apenas em traços largos nos relatórios policiais; de modo que marquei infrutiferamente alguns números de telefone até que o escritor Manuel Rivas, galego, meu amigo e vizinho da zona - tinha uma casa junto à Costa de la Muerte - efectuou algumas diligências e confirmou o episódio. Segundo o que Rivas me contou, ninguém pôde provar a intervenção de Fisterra no incidente; mas a polícia aduaneira local, tão dura como os próprios contrabandistas - tinham-se criado nas mesmas aldeias e navegado nos mesmos barcos -, jurara metê-lo ao fundo na primeira oportunidade. Olho por olho. Isso bastou para que Fisterra e Veiga abandonassem as Rias Bajas à procura de ares menos insalubres: Algeciras, à sombra do Rochedo de Gibraltar, sol

mediterrânico e águas azuis. E aí, beneficiando da permissiva legislação britânica, os dois galegos registaram através de terceiros uma potente lancha voadora de sete metros de eslora e um motor Yamaha PRO de seis cilindros e 225 cavalos, transformado ilegalmente em 250, com a qual se deslocavam entre a colónia, Marrocos e a costa espanhola.

- Nesse tempo - explicou-me Manolo Céspedes em Melilla, depois de nos encontrarmos com Dris Larbi - a cocaína ainda era para os ricos, ricos. O grosso do contrabando consistia em tabaco de Gibraltar e haxixe marroquino: duas colheitas e duas mil e quinhentas toneladas de cannabis exportadas clandestinamente para a Europa todos os anos... Tudo isso passava por aqui, claro. E continua a passar.

Aviávamos um jantar à maneira sentados numa mesa de La Amistad: um bar-restaurante mais conhecido pelos melillenses como Casa Manolo, diante do quartel da Guarda Civil que o próprio Céspedes mandara construir nos tempos da sua jurisdição. Na realidade, o dono do local não se chamava Manolo mas Mohamed, embora também fosse conhecido por irmão do Juanito, que era, por sua vez, proprietário do restaurante Casa Juanito, e que também não se chamava Juanito mas Hassán; labirintos patronímicos, todos eles muito próprios de uma cidade com múltiplas identidades como Melilla. Quanto a La Amistad, era um sítio popular, com cadeiras e mesas de plástico e um balcão para os petiscos, frequentado por europeus e muçulmanos, onde as pessoas almoçavam ou jantavam frequentemente de pé. A qualidade da sua cozinha era memorável, à base de peixe e marisco fresco vindo de Marrocos, que o próprio Manolo - Mohamed - comprava todas as manhãs no mercado central. Nessa noite, Céspedes e eu comíamos conquilhas, lagostins de Mar Chica, pedacinhos de mero, badejo grelhado com molho quente de azeite, limão e alho e uma garrafa de Barbadillo frio. Aproveitando, claro.

Com os bancos de pesca espanhóis arrasados pelos pescadores, era cada vez mais difícil encontrar disto nas águas da Península.

- Quando Santiago Fisterra chegou - continuou Céspedes -, quase todo o tráfico importante era feito em lanchas de alta velocidade. Veio porque essa era a sua especialidade e porque muitos galegos tentavam instalar-se em Ceuta, Melilla e na costa andaluza... Os contactos faziam-se aqui ou em Marrocos.

A zona mais transitada era a que abarcava os catorze quilómetros entre Punta Carnero e Punta Cires, em pleno Estreito: pequenos traficantes nos ferrys de Ceuta, grande contrabando em iates e pesqueiros, lanchas voadoras... O tráfico era tão intenso que chamavam a essa zona o Bulevar do Haxixe.

- E Gibraltar?

- Aí estava, no centro de tudo... - Céspedes apontou para o maço de Winston

que tinha ao pé, em cima da toalha, e descreveu com o garfo um círculo à sua volta. - Como uma aranha na sua teia. Naquela época era a principal base contrabandista do Mediterrâneo ocidental... Os ingleses e os llanitos, a população local da colónia, davam mãos livres às máfias. Invista aqui, cavalheiro, confie-nos a sua massa, facilidades financeiras e portuárias...

O contrabando de tabaco fazia-se directamente dos armazéns do porto para as praias de La Línea, a mil metros de distância... Bem, na realidade isso ainda acontece - apontou novamente para o maço. - Este é de lá. Livre de impostos.

- E não tens vergonha?... Um ex-delegado governamental enganando a Tabacalera S.A.

- Não me chateies. Agora sou um reformado. Tu sabes o que eu fumo por dia?

- E sobre Santiago Fisterra?

Céspedes mastigou um pouco de mero, saboreando-o sem pressa. Depois bebeu um gole de Barbadillo e olhou para mim.

- Esse não sei se fumava ou não; mas contrabando de tabaco, nada. Uma viagem com um carregamento de haxixe equivalia a cem de Winston ou Marlboro. O haxixe era mais rentável.

- E mais perigoso, imagino.

- Muito mais - depois de chupá-las minuciosamente, Céspedes alinhava as cabeças dos lagostins na beira do prato, como se fossem passar revista. - Se não untassem bem as mãos aos marroquinos, estavam feitos. Olha para o pobre Veiga... Mas com os ingleses não havia problema: esses agiam com a sua duplicidade habitual. Desde que as drogas não pisassem solo britânico, eles lavavam as mãos... De modo que os traficantes iam e vinham com o seu contrabando, conhecidos de toda a gente. E quando eram surpreendidos pela Guarda Civil ou pela polícia aduaneira espanhola, iam a correr refugiar-se em Gibraltar. A única condição era que atirassem antes a carga pela borda.

- Assim, tão facilmente?

- Assim. A papo-seco - apontou novamente para o maço de cigarros com o garfo, dando-lhe desta vez uma pancadinha em cima. - Às vezes, os das lanchas colocavam cúmplices no alto do rochedo, com visores nocturnos e transmissores de rádio, monos, chamavam-lhes, para ficarem a par dos movimentos da polícia aduaneira... Gibraltar era o eixo de toda uma indústria e movimentavam-se milhões. Mehanis (2) marroquinos, polícias llanitos e espanhóis... Ali todo o bicho-careta tinha o rabo entalado. Até a mim quiseram comprar... - ria-se entre dentes ao recordá-lo, com o copo de vinho branco na mão. - Mas não tiveram sorte. Nessa época era eu que comprava outros.

Depois disso, Céspedes suspirou. Agora - disse, enquanto arrumava o último

lagostim - é diferente. Em Gibraltar movimenta-se o dinheiro de outra maneira.

Dá uma volta por Main Street olhando para as caixas de correio e conta o número de sociedades fantasma que lá há. Partes a moca. Descobriram que um paraíso fiscal é mais rentável que um ninho de piratas, embora no fundo seja a mesma coisa. Quanto a clientes, calcula: a Costa del Sol é uma mina de ouro e as máfias estrangeiras instalam-se de todas as formas imagináveis. Além disso, de Almería a Cádiz as águas espanholas estão agora muito vigiadas devido à imigração ilegal. E embora o tráfico de haxixe prossiga em plena forma, também a coca está em força e os métodos são diferentes...

*\*(2) Polícias. (N. da T.)*

Digamos que se acabaram os tempos artesanais ou heróicos: as gravatas e os colarinhos brancos substituem os velhos lobos-do-mar. Tudo se descentraliza.

As lanchas contrabandistas mudaram de mãos, de táticas e de bases de retaguarda. Os pastos são outros.

Dito isto, Céspedes reclinou-se na cadeira, pediu um café a Manolo-Mohamed e acendeu um cigarro livre de impostos. A sua cara de velho batoteiro sorria nostálgica, arqueando as sobrancelhas. O que me diverti já ninguém mo tira, parecia dizer. E compreendi que, além dos velhos tempos, o antigo delegado governamental tinha saudades de um certo tipo de homens.

- O caso - concluiu - é que quando Santiago Fisterra apareceu em Melilla, o Estreito estava no seu melhor. Idade golden age, como diriam os llanitos.

Olaré. Viagens directas de ida e volta, sem apelo nem agravo. Com tomates.

Todas as noites era um jogo do gato e do rato entre traficantes, por um lado, e aduaneiros, polícias e Guarda Civil por outro... Às vezes ganhava-se e às vezes perdia-se - deu uma longa passa no cigarro e os seus olhos velhacos semicerraram-se, recordando. - E foi aí, fugindo da frigideira para cair nas brasas, que se veio meter Teresa Mendoza.

Dizem que foi Dris Larbi quem denunciou Santiago Fisterra; e que o fez apesar do coronel Abdelkader Chaib, ou talvez mesmo com o conhecimento deste. Isso era fácil em Marrocos, onde o elo mais fraco era o contrabandista que não actuava sob a protecção do dinheiro ou da política: um nome dito aqui ou ali, algumas notas mudando de mãos. E à polícia calhava-lhe que nem ginjas para as estatísticas. De qualquer forma, nunca ninguém conseguiu provar a intervenção do rifense. Quando lhe coloquei o assunto - reservara-o para o nosso último encontro -, este fechou-se como uma ostra e não houve maneira de lhe arrancar mais uma palavra. Foi um prazer. Fim das confidências, adeus e até nunca. Mas Manolo Céspedes, que quando aconteceram os factos ainda era

delegado governamental em Melilla, defende que foi Dris Larbi quem, com a intenção de afastar o galego de Teresa, passou a incumbência aos seus contactos do outro lado. Regra geral, a palavra de ordem era paga e trafica à tua vontade.

Iallah bismillah. Com Deus. Isso incluía uma vasta rede de corrupção que ia das montanhas onde se colhia a cannabis até à fronteira ou à costa marroquina.

Os pagamentos repartiam-se na proporção adequada: polícias, militares, políticos, altos funcionários e membros do Governo. Para se justificarem perante a opinião pública - afinal de contas, o ministro do Interior marroquino assistia como observador às reuniões antidroga da União Europeia -, gendarmes e militares efectuavam apreensões periódicas; mas sempre em pequena escala, detendo aqueles que não pertenciam às grandes máfias oficiais e cuja eliminação não incomodava ninguém. Gente que muitas vezes era denunciada ou presa pelos mesmos contactos que lhes forneciam o haxixe.

O comandante Benamú, do serviço de guardas costeiros da Gendarmaria Real de Marrocos, não viu qualquer inconveniente em contar-me a sua participação no episódio da Cala Tramontana. Fê-lo na esplanada do Café Hafa, em Tânger, depois de um amigo comum, o inspector da polícia José Bedmar - veterano da Brigada Central e ex-agente do serviço de informações dos tempos de Céspedes -, se encarregar de o localizar e de marcar um encontro, depois de me recomendar muito por fax e por telefone. Benamú era um homem simpático, elegante, com um bigodinho aparado que lhe dava um aspecto de galã latino dos anos cinquenta.

Vestia à paisana, com casaco e camisa branca sem gravata, e esteve a falar comigo meia hora em francês, sem pestanejar, até que, já com mais confiança, passou para um espanhol quase perfeito. Contava bem as coisas, com um certo sentido de humor negro e, de vez em quando, apontava para o mar que se estendia aos nossos olhos sob a escarpa como se tudo tivesse acontecido ali mesmo, diante da esplanada onde ele bebia o seu café e eu o meu chá com hortelã. Quando ocorreram os factos era capitão, especificou. Patrulha de rotina com lancha armada - aquilo da rotina, disse-o olhando para um ponto indefinido do horizonte -, contacto radar a poente de Três Forcas, procedimento habitual.

Por puro acaso estava outra patrulha em terra, ligada via rádio - continuava a olhar para o horizonte quando pronunciou a palavra acaso -; e entre uma e outra, dentro da Cala Tramontana e tal como um passarinho no seu ninho, uma lancha voadora, intrusa em águas marroquinas, colada à costa, metendo a bordo uma carga de haxixe com uma bateira acostada. Voz de alto, foco, foguete de iluminação com pára-quadras revelando as pedras da ilha Charranes sobre a água leitosa, gritos regulamentares e alguns tiros dissuasores para o ar. Pelos vistos, a lancha - baixa, comprida, fina como uma agulha, pintada de preto, com motor

fora de borda - tinha problemas de arranque, porque demorou a pôr-se em movimento.

À luz do foco e do foguete, Benamú viu duas silhuetas a bordo: uma no sítio do piloto e outra correndo até à popa para soltar o cabo da bateira, onde estavam outros dois homens que, nesse momento, atiravam pela borda os fardos de droga que a lancha não tinha embarcado. O motor falhava sem chegar a pôr-se em marcha; e Benamú - limitando-se a seguir o regulamento, foi a justificação entre dois goles de café - ordenou ao seu marinheiro de proa que disparasse uma rajada com a 12.7, atirando a matar. Soou como costumam soar estas coisas, tacatacatá.

Ruidosamente, claro. Segundo Benamú, impressionava. Outro foguete. Os da bateira levantaram as mãos e, nesse momento, a lancha encabritou-se, levantando espuma com a hélice, e o homem que estava de pé à popa caiu à água.

A metralhadora do barco-patrolha continuava a disparar, taça, taça, taça, e os gendarmes em terra secundaram-na timidamente ao princípio, pan, pan, e depois com mais entusiasmo. Parecia a guerra. O último foguete e o foco iluminaram os ricochetes e choques das balas na água e, de súbito, a lancha soltou um rugido mais forte e saiu disparada em linha recta; de maneira que, quando olharam para norte, já tinha desaparecido na escuridão. Aproximaram-se então da bateira, prenderam os ocupantes - dois marroquinos - e pescaram da água três fardos de haxixe e um espanhol que tinha uma bala 12.7 numa coxa - Benamú apontou para a circunferência da sua chávena de café. - Uma brecha assim. Interrogado enquanto lhe prestavam a devida atenção médica, o espanhol disse chamar-se Veiga e ser marinheiro de uma lancha voadora utilizada no contrabando cujo patrão era um tal Santiago Fisterra; e que era esse Fisterra quem se lhes escapara por entre os dedos na Cala Tramontana. Deixando-me para trás, recordava-se Benamú de ouvir o preso lamentar-se. O comandante também julgava recordar que o tal Veiga, julgado dois anos mais tarde em Alhucemas, incorreu em quinze anos na prisão de Kenitra - ao mencioná-la, olhou para mim como que recomendando nunca incluir esse sítio entre as minhas residências de Verão - e que cumpriu metade. Denúncia?

Benamú repetiu aquela palavra algumas vezes, como se lhe fosse totalmente estranha; e, olhando de novo para a extensão azul-cobalto que nos separava das costas espanholas, abanou a cabeça. Não se lembrava de nada a esse respeito.

Também nunca tinha ouvido falar de nenhum Dris Larbi. A Gendarmaria Real tinha um serviço de informações próprio e competente e a sua vigilância costeira era altamente eficaz. Como a vossa Guarda Civil, especificou. Ou mais. Aquilo da Cala Tramontana tinha sido uma actuação rotineira, um serviço



brilhante, como tantos outros. A luta contra o crime e tudo isso.

Demorou quase um mês a regressar e a verdade é que ela não esperava voltar a vê-lo. O seu fatalismo sinaloense chegou a julgá-lo ausente para sempre -

é dos que não ficam, tinha dito Dris Larbi -, e ela aceitou essa ausência da mesma forma que aceitava agora o seu reaparecimento. Nos últimos tempos, Teresa compreendia que o mundo girava de acordo com regras próprias e impenetráveis; regras feitas de trocadilhos maliciosos e acasos que incluíam aparecimentos e desaparecimentos, presenças e ausências, vidas e mortes. E a única coisa que ela podia fazer era aceitar essas regras como suas, flutuar sentindo-se parte de uma descomunal piada cósmica enquanto era arrastada pela corrente, esbracejando para continuar à tona, em vez de se cansar pretendendo ir contra a corrente ou entendê-la. Dessa forma tinha adquirido a convicção de que era inútil desesperar ou lutar por algo que não fosse o momento concreto, o acto de inspirar e expirar, os sessenta e cinco batimentos por minuto - o ritmo do seu coração sempre fora lento e regular - que a mantinham viva. Era absurdo gastar energias disparando contra as sombras, cuspiendo para o ar, incomodando um Deus ocupado em tarefas mais importantes. Quanto às suas crenças religiosas - as que tinha trazido consigo da sua terra e que sobreviviam à rotina daquela nova vida -, Teresa continuava a ir à missa aos domingos, rezava mecanicamente as suas orações antes de dormir, Pai-Nosso, Ave-Maria, e às vezes surpreendia-se a si mesma pedindo a Cristo ou à Virgenzinha - algumas vezes invocou também o santo Malverde - uma coisa ou outra. Por exemplo, que o Gúero Dávila esteja na sua glória, ámen. Embora soubesse muito bem que, apesar dos seus desejos, era improvável que o Gúero estivesse no diacho da glória. Com certeza ardia nos infernos, o cachorro, tal como nas canções de Paquita la del Barrio - estás ardendo, inútil? - Tal como com as suas restantes orações, encarava aquela sem convicção, mais por formalidade que por outra coisa. Por hábito. Embora talvez no referente ao Gúero a palavra fosse lealdade. De qualquer forma, fazia-o à maneira de quem eleva um pedido a um ministro poderoso, com poucas esperanças de ver cumprida a sua súplica.

Não rezava por Santiago Fisterra. Nem uma vez. Nem pelo seu bem-estar nem pelo seu regresso. Mantinha-o à margem deliberadamente, recusando-se a vinculá-lo de uma forma oficial à essência do problema. Nada de repetições ou dependências, jurara a si própria. Nunca mais. E, no entanto, na noite em que voltou para casa e o encontrou sentado nos degraus como se se tivessem despedido umas horas antes, sentiu um alívio enorme, uma enorme alegria que a agitou entre as coxas, no ventre e nos olhos, e a necessidade de abrir a boca para respirar bem fundo. Foi só um instantinho porque logo a seguir se viu calculando os dias exactos que tinham decorrido desde a última vez, fazendo a conta do

tempo que se gastava em ir de cá para lá e vice-versa, quilómetros e horas de viagem, horários adequados para chamadas telefónicas, tempo que demora uma carta ou um postal a ir do ponto A ao ponto B. Pensava em tudo isto, embora não tenha feito qualquer censura, enquanto ele a beijava, entravam em casa sem dizer uma palavra e iam para o quarto. E continuava a pensar na mesma coisa quando ele se aquietou, calmo finalmente, aliviado, de bruços em cima dela, e a sua respiração entrecortada se foi apaziguando de encontro ao seu pescoço.

- Deitaram a unha ao Lalo - acabou por dizer.

Teresa ficou ainda mais quieta. A luz do corredor recortava o ombro masculino diante da sua boca. Beijou-o.

- Quase ma deitaram a mim - acrescentou Santiago. Continuava imóvel, com o rosto afundado na concavidade do pescoço dela. Falava muito baixo e os lábios roçavam-lhe a pele a cada palavra.

Lentamente, ela rodeou-lhe as costas com os braços.

- Conta-me, se quiseres.

Recusou, abanando um pouco a cabeça, e Teresa não quis insistir porque sabia que era inútil. Ia fazê-lo quando se sentisse mais tranquilo, se ela mantivesse a mesma atitude e o mesmo silêncio.

E assim foi. Passado pouco tempo, ele começou a contar. Não à maneira de um relato, mas em traços curtos semelhantes a imagens, ou a lembranças. Na realidade, recordava em voz alta, compreendeu. Talvez, em todo aquele tempo, fosse a primeira vez que falava disso.

E soube-o dessa forma e dessa forma pôde imaginar. E sobretudo entendeu que a vida prega partidas violentas às pessoas, e que essas partidas se encadeiam de forma misteriosa com outras que sucedem a pessoas diferentes, e que ela própria podia dar consigo no centro do emaranhado absurdo como uma mosca numa teia de aranha. Dessa forma ouviu uma história que já lhe era conhecida antes de a conhecer, onde só mudavam lugares e personagens, ou quase nem mudavam; e concluiu que Sinaloa não estava tão longe como ela tinha julgado. Também viu o foco do barco-patrolha marroquino rompendo a noite como um arrepio, o foguete branco no ar, a cara de Lalo Veiga com a boca aberta pelo espanto e pelo medo ao gritar: a bófia, a bófia. E entre o inútil ronronar do motor de arranque, a silhueta de Lalo na claridade do reflector enquanto corria até à popa para soltar o cabo da bateira, os primeiros disparos, clarões junto do foco, salpicos na água, zumbidos de balas, ziaaang, ziaaang, e outros clarões de tiros vindos de terra. E de repente o motor rugindo com toda a potência, a proa da lancha levantando-se até às estrelas, e mais balázios, e o grito de Lalo caindo pela borda: o grito e os gritos, espera, Santiago, espera, não me deixes, Santiago, Santiago, Santiago. E depois o troar do motor a toda a potência e o último olhar

sobre o ombro para ver Lalo ficando para trás na água, enquadrado no cone de luz do barco-patrolha, com um braço no ar para se segurar inutilmente à lancha que corre, salta, se afasta batendo com o fundo do casco na marejada em sombras.

Teresa ouvia tudo isto enquanto o homem nu e imóvel em cima dela continuava a roçar-lhe a pele do pescoço cada vez que movia os lábios, sem erguer o rosto e sem olhar para ela. Ou sem deixar que ela olhasse para ele.

Os galos. O canto do muezim. Novamente a hora suja e cinzenta, indecisa entre noite e dia. Desta vez Santiago também não dormia; pela sua respiração, soube que continuava acordado. Toda a noite o sentira remexendo-se ao seu lado, estremeando quando caía num sono breve, tão inquieto que acordava logo a seguir. Teresa permanecia de barriga para cima, reprimindo o desejo de se levantar ou de fumar, com os olhos abertos, olhando primeiro para a escuridão do tecto e depois para a mancha cinzenta que rastejava do exterior como uma lesma maligna.

- Quero que venhas comigo - murmurou ele, de súbito.

Ela estava absorta com os batimentos do seu próprio coração: cada amanhecer lhe parecia mais lento do que nunca, semelhante àqueles animais que dormem durante o Inverno. Um dia hei-de morrer a esta mesma hora, pensou. Matar-me-á essa luz suja que nunca falta ao encontro.

- Sim - disse.

Naquele mesmo dia, Teresa procurou no seu saco a fotografia que conservava de Sinaloa: ela sob o braço protector do Gúero Dávila, olhando assombrada para o mundo sem adivinhar o que se escondia nele. Esteve assim um bom bocado e, por fim, foi à casa de banho e observou-se ao espelho com a fotografia na mão.

Comparando-se. Depois, com cuidado e muito devagar, rasgou-a em duas, guardou o pedaço em que ela estava e acendeu um cigarro. Com o mesmo fósforo, encostou a chama a uma ponta da outra metade e ficou imóvel, com o cigarro entre os dedos, vendo-a faiscar e consumir-se. O sorriso do Gúero foi a última coisa a desaparecer e pensou para consigo que isso era típico dele: trocar de tudo até ao fim, borrifando-se. Tanto entre as chamas do Cessna como entre as chamas do caraças da fotografia.

## **5. O QUE SEMEEI LÁ NA SERRA**

A espera. O mar escuro e milhares de estrelas enchendo o céu. A extensão

sombria, imensa em direcção ao norte, limitada a sul pela silhueta negra da costa. Tudo em volta tão quieto que parecia azeite. E uma leve brisa de terra, quase imperceptível, intermitente, que roçava a água com minúsculas cintilações de estranha fosforescência.

Sinistra beleza, concluiu por fim. Eram essas as palavras.

Não era muito boa a expressar aquele tipo de coisas. Custara-lhe quarenta minutos. De qualquer forma, era assim a paisagem, bela e sinistra; e Teresa Mendoza contemplava-a em silêncio. Estava imóvel desde o primeiro daqueles quarenta minutos, sem abrir os lábios, sentindo como o relento penetrava pouco a pouco na sua camisola e nas pernas das suas calças de ganga. Atenta aos sons de terra e do mar. Ao rumor amortecido do rádio aceso, canal 44, com o volume no mínimo.

- Dá uma vista de olhos - sugeriu Santiago.

Disse-o num sussurro quase inaudível. O mar, explicara-lhe nas primeiras vezes, transmite os ruídos e as vozes de maneira diferente. Consoante o momento, podemos ouvir coisas que se dizem a uma milha de distância. O mesmo acontece com as luzes; por isso a Phantom estava às escuras, camuflada na noite e no mar com a pintura preta e mate que lhe cobria o casco de fibra de vidro e a carcaça do motor. E por isso estavam ambos calados e ela não fumava, quase nem se moviam. Esperando.

Teresa colou a cara ao cone de borracha que escondia o ecrã do radar Furuno de 8 milhas. A cada volta da antena, o traço escuro da costa marroquina persistia com perfeita nitidez na parte inferior do visor, mostrando a enseada arqueada para baixo entre as pontas de Cruces e Al Marsa. O resto estava limpo: nem um sinal na superfície do mar. Carregou duas vezes na tecla de alcance, ampliando o raio de vigilância de uma para quatro milhas. À passagem seguinte, a costa apareceu mais pequena e prolongada, incluindo na direcção de levante a mancha imprecisa, mar adentro, da ilha Perejil. Também ali estava limpo.

Nenhum barco. Nem sequer o falso eco de uma onda na água. Nada.

- Aqueles cabrões... - ouviu Santiago dizer.

Esperar. Isso fazia parte do seu trabalho; mas no tempo que saíam juntos para o mar, Teresa tinha aprendido que má não era a espera, mas as coisas que imaginamos enquanto esperamos. Nem o som da água nas rochas, nem o rumor do vento que podia confundir-se com um barco-patrolha marroquino - a mora, na gíria do Estreito - ou com o helicóptero da Aduana espanhola, eram tão inquietantes como aquela prévia e longa calmaria onde os pensamentos se convertiam no pior inimigo. Até a ameaça concreta, o eco hostil que aparecia de repente no ecrã do radar, o rugido do motor lutando pela velocidade, pela liberdade e pela vida, a fuga a cinquenta nós com um patrulheiro colado à popa,

os choques do casco na água, as violentas descargas alternadas de adrenalina e medo em plena acção, significavam para ela situações preferíveis à incerteza da calma, à imaginação serena. Como era má a lucidez. E que perversas as possibilidades aterradoras, friamente avaliadas, que o desconhecido escondia.

Aquela espera interminável à coca de um sinal de terra, de um contacto pela rádio, era semelhante ao amanhecer cinzento que continuava a encontrá-la acordada na cama todas as madrugadas, e que agora também aparecia no mar, com a noite indecisa clareando a levante, e o frio, a humidade que tornava a coberta escorregadia e lhe molhava as roupas, as mãos e a cara. Bolas! Nenhum medo é insuportável, concluiu, a menos que sobre o tempo para pensar nele.

Cinco meses, já. Às vezes, a outra Teresa Mendoza a quem surpreendia para lá de um espelho, em qualquer esquina, na luz suja do amanhecer, continuava a espiá-la com atenção, expectante devido às mudanças que, pouco a pouco, pareciam produzir-se nela.

Essas mudanças não eram ainda grande coisa. E estavam mais relacionadas com atitudes e situações exteriores que com os verdadeiros acontecimentos que se produzem no íntimo e modificam, realmente, as perspectivas e a vida. Mas, de alguma forma, também essas as sentia chegar, sem data nem prazo fixo, iminentes e a reboque das outras, tal como quando sentia, durante três ou quatro dias seguidos, que estava prestes a ter uma dor de cabeça ou aquele período - para ela sempre irregular e doloroso - dos dias incómodos e inevitáveis. Por isso era interessante, quase educativo, entrar e sair de si mesma daquela forma; poder olhar-se do interior tal como de fora. Agora Teresa sabia que tudo, o medo, a incerteza, a paixão, o prazer, as recordações, o seu próprio rosto que parecia maior do que há alguns meses, podia ser contemplado a partir desse duplo ponto de vista. Com uma lucidez matemática que não era própria dela, mas da outra mulher que pulsava nela. E essa aptidão para tão singular desdobramento, descoberta, ou antes pressentida, na mesma tarde - há apenas um ano - em que tocou o telefone em Culiacán, era o que lhe permitia observar-se friamente, a bordo daquela lancha imóvel na escuridão de um mar que agora começava a conhecer, diante da costa ameaçadora de um país acerca do qual, há muito pouco tempo, quase ignorava a existência, junto à sombra silenciosa de um homem que não amava ou que talvez julgasse não amar, correndo o risco de apodrecer o resto da sua vida numa prisão; ideia que - o fantasma de Lalo Veiga era o terceiro tripulante em cada viagem - a fazia estremecer de pânico quando, tal como agora, dispunha de tempo para pensar nisso.

Mas era melhor que Melilla, e melhor que tudo o que tinha esperado. Mais pessoal e mais limpo. Por vezes chegava a pensar que até melhor que Sinaloa; mas, nessa altura, a imagem do Gúero Dávila vinha ao seu encontro como uma

censura e ela arrependia-se, no seu íntimo, de trair daquela maneira a lembrança. Nada era melhor que o Gúero e isso era verdade em mais de um sentido. Culiacán, a bonita casa de Las Quintas, os restaurantes da marginal, a música dos chirrines (1) e das bandas, os bailes, os passeios de carro a Mazatlán, as praias de Altata, tudo o que ela julgara ser o mundo real que a deixava contente com a vida, se baseava num erro. Ela não vivia realmente nesse mundo, mas no do Gúero. Não era a sua vida, mas outra onde se instalara satisfeita e feliz até ser expulsa de repente por uma chamada telefónica, pelo terror cego da fuga, pelo sorriso de navalha do Gato Fierros e pelas explosões da Doble Eagle nas suas próprias mãos. Agora, no entanto, existia algo novo. Inexplicável e não propriamente mau na escuridão da noite e no medo tranquilo, resignado, que sentia quando olhava em volta, apesar da sombra próxima de um homem que - isso tinha aprendido a partir de Culiacán - nunca mais a levaria a enganar-se novamente a si própria, julgando-se protegida do horror, da dor e da morte. E, coisa estranha, aquela sensação, longe de a intimidar, estimulava-a. Obrigava-a a analisar-se com mais intensidade; com uma curiosidade reflexiva, não isenta de respeito. Por isso às vezes ficava olhando para a fotografia onde tinham estado ela e o Gúero, dando ao mesmo tempo olhadelas ao espelho, interrogando-se sobre a distância, cada vez maior, entre aquelas três mulheres: a jovem de olhos assombrados do papel fotográfico, a Teresa que agora vivia deste lado da vida e da passagem do tempo, e a desconhecida que observava ambas do seu - cada vez mais inexacto - reflexo.

*\*(1) Grupos de música sinaloense que tocam na rua. (N. da T.)*

Poça, como estava longe de Culiacán. Entre dois continentes, com a costa marroquina a quinze quilómetros da espanhola: as águas do Estreito de Gibraltar e a fronteira sul de uma Europa para onde nunca tinha sonhado viajar na vida.

Ali, Santiago Fisterra era um transportador por conta doutrem. Tinha uma casinha alugada numa praia da baía de Algeciras, na parte espanhola, e a lancha amarrada em Marina Sheppard, protegida pela bandeira inglesa do Rochedo: uma Phantom de sete metros de eslora com autonomia de cento e sessenta milhas e motor de 250 cavalos - cabezones, chamavam-nos na gíria local, que Teresa começava a combinar com o seu mexicanismo sinaloense -, capaz de acelerar de zero a cinquenta e cinco nós em vinte segundos. Santiago era um mercenário do mar. Ao contrário de Gúero Dávila em Sinaloa, ele não tinha chefes nem trabalhava em exclusivo para nenhum cartel. Os seus empregadores eram traficantes espanhóis, ingleses, franceses e italianos instalados na Costa del Sol.

Quanto ao resto, tratava-se mais ou menos da mesma coisa: levar cargas de um sítio para outro. Santiago cobrava tanto por entrega e respondia por perdas ou fracassos com a sua própria vida. Mas isso era apenas em casos extremos.

Aquele contrabando - quase sempre haxixe, algumas vezes tabaco dos armazéns gibraltarinos - não tinha nada a ver com o que Teresa Mendoza conhecera anteriormente. O destas águas era um mundo duro, de gente da pesada, mas menos hostil que o mexicano. Menos violência, menos mortes. As pessoas não se andavam a passar pelas armas por um copo a mais, nem andavam com cornos de bode como em Sinaloa. Das duas margens, a do norte era mais tranquilizadora, mesmo se caíssem nas garras da lei. Havia advogados, juízes, normas que se aplicavam igualmente aos delinquentes e às vítimas. Mas o lado marroquino era diferente: aí o pesadelo rondava todo o tempo. Corrupção a todos os níveis, direitos humanos pouco valorizados, prisões onde se apodrecia em condições terríveis.

Com a agravante de ser mulher e com o que significava cair na engrenagem inexorável de uma sociedade muçulmana como aquela. Ao princípio, Santiago negara-se a que ela ocupasse o posto de Lalo Veiga. Demasiado perigoso, disse, dando o assunto por encerrado. Ou julgando fazê-lo. Todo muito sério e armado em macho latino, o galego, com aquele sotaque estranho que lhe saía às vezes, menos brusco que os restantes espanhóis quando falam, tão cortantes e rudes todos eles. Mas depois de uma noite que passou com os olhos abertos, olhando primeiro para a escuridão do tecto e depois para a familiar claridade cinzenta, dando voltas à cabeça, Teresa acordou Santiago para lhe dizer que tinha tomado uma decisão. Sem apelo nem agravo. Nunca mais voltaria a esperar por ninguém vendo telenovelas em casa nenhuma de nenhuma cidade do mundo, e ele podia escolher: ou a aceitava na lancha, ou deixava-o nesse instante, imediatamente, para sempre e vemo-nos por aí. Então ele, com a cara por barbear, olhos avermelhados de sono, coçou o cabelo despenteado e perguntou-lhe se estava louca ou se ficara estúpida ou quê. Até que ela se levantou nua da cama e, tal como estava, tirou a sua mala do armário e começou a meter coisas lá dentro, tentando não se ver ao espelho nem vê-lo a ele, nem pensar no que estava a fazer. Santiago deixou-a continuar, observando-a minuto e meio sem abrir a boca. Por fim, julgando que se ia embora deveras - Teresa continuava a meter roupa na mala sem saber se se ia embora ou não -, disse bom, 'tá bem, de acordo. Prò caralho com tudo. Não é a mim que os mouros vão partir a crica se te agarrarem. De modo que tenta não cair à água como o Lalo.

- Aí estão.

Um clic-clac sem palavras, repetido três vezes no volume mais baixo do rádio.

Uma sombra pequena, deixando um rasto de minúsculas fosforescências na superfície negra e quieta. Nem sequer um motor, só o chapinhar apagado de uns remos. Santiago observava com os Baigish 6 UM de visão nocturna, intensificadores de luz. Russos. Os russos tinham atulhado Gibraltar de coisas daquelas em plena liquidação soviética. Qualquer barco, submarino ou pesqueiro que tocava o porto, vendia tudo o que conseguisse desparafusar a bordo.

- Estes grandes filhos da puta chegam com uma hora de atraso. Teresa ouvia os sussurros com a cara novamente colada ao cone de borracha do radar. Tudo limpo lá fora, disse também baixinho. Nem vestígios da mora. A embarcação balançou quando Santiago se pôs de pé, indo até à popa com um cabo.

- Saíam Aleikum.

A carga vinha bem empacotada, em invólucros herméticos de plástico com pegas para poderem ser manejados com facilidade. Pastilhas de óleo de haxixe, sete vezes mais concentrado e valioso que a resina convencional. Vinte quilos por pacote, calculou Teresa à medida que Santiago lhos ia passando e ela os arrumava, repartindo a carga pelos lados. Santiago ensinara-a a encaixar um fardo noutro para que não se deslocassem em alto mar, sublinhando a importância que tinha uma boa estiva na velocidade da Phantom; tanta como o andamento da hélice ou a altura da coluna do motor. Um pacote bem ou mal colocado podia significar uns nós a mais ou a menos. E, naquele trabalho, duas milhas era uma distância nada desprezível. Com frequência significava a distância entre a prisão e a liberdade.

- O que diz o radar?

- Tudo limpo.

Teresa conseguia distinguir duas silhuetas escuras no barquinho a remos. Às vezes chegava até si um comentário em árabe, feito em voz baixa, ou uma expressão impaciente de Santiago, que continuava a meter fardos a bordo. Olhou para a linha sombria da costa, à procura de alguma luz. Estava tudo às escuras excepto alguns pontos distantes na mole negra do monte Musa e no perfil escarpado que, intervaladamente, se recortava em direcção a poente, sob a claridade do farol de Punta Cires, onde chegavam a ver-se, iluminadas, algumas casinhas de pescadores e de contrabandistas. Verificou de novo o ecrã, passando da escala de quatro milhas para a de dois e ampliando-a depois para a de oito.

Havia um eco quase no limite. Observou com os binóculos de 7x50 sem ver nada, de modo que recorreu aos binóculos russos: uma luz muito distante, deslocando-se devagar para oeste, com certeza um barco grande a caminho do Atlântico. Sem deixar de olhar pelos binóculos, voltou-se na direcção da costa.

Agora, qualquer ponto luminoso apreciava-se nitidamente na visão verde da paisagem, definindo as pedras e os arbustos e até as pequeninas ondulações da



água. Focou para perto, para ver os dois marroquinos da bateira: um jovem, com blusão de cabedal, e outro mais velho, com gorro de lã e casacão escuro.

Santiago estava de joelhos junto da grande carcaça do motor, estivando na popa os últimos fardos: calças de ganga, sapatilhas, camisola de manga curta preta, o perfil obstinado voltado de vez em quando para um lado e para o outro para dar uma olhadela cautelosa em redor. Através do dispositivo de visão nocturna, Teresa conseguia distinguir os seus braços fortes, os músculos tensos ao subir a carga. Até nisso o cabrão estava bom.

O problema de trabalhar como transportador independente, fora das grandes máfias organizadas, era que alguém podia chatear-se e deixar cair palavras perigosas em ouvidos inoportunos. Como no próprio México. Talvez isso explicasse a captura de Lalo Veiga - Teresa tinha uma teoria a esse respeito, à qual Dris Larbi não era alheio -, embora depois Santiago tentasse limitar imprevistos, com mais dinheiro oportunamente repartido em Marrocos através de um intermediário de Ceuta. Isso reduzia os lucros mas assegurava, em princípio, mais garantias naquelas águas. De qualquer forma, veterano nessa labuta, escaldado pelo sucedido na Cala Tramontana e galego receoso como era, Santiago não se fiava totalmente. E fazia bem. Os seus modestos meios não bastavam para comprar toda a gente.

Além disso, podia sempre haver um patrão da mora, um mehani ou um gendarme descontentes com a sua parte; um concorrente que pagasse mais do que Santiago pagava e chibasse; um advogado influente necessitado de clientes a quem esfolar. Ou podia dar-se o caso de as autoridades marroquinas organizarem uma apanha de peixe miúdo para se justificar, nas vésperas de qualquer conferência internacional antinarcos. De qualquer forma, Teresa tinha adquirido experiência suficiente para saber que o verdadeiro perigo, o mais concreto, se manifestaria mais tarde, ao entrar em águas espanholas, onde o Serviço de Vigilância Aduaneira e as Heineken da Guarda Civil - chamavam-nas assim porque as suas cores faziam lembrar aquelas latas de cerveja - patrulhavam noite e dia à caça de contrabandistas. A vantagem era que os espanhóis, ao contrário dos marroquinos, nunca atiravam a matar porque, nesse caso, lhes caíam em cima os juízes e os tribunais - na Europa leva-se algumas coisas mais a sério do que no México ou na União Americana. Isso dava oportunidade de fugir forçando os motores, embora não fosse fácil safar-se das potentes lanchas H-J com motores turbo da Polícia Aduaneira e do helicóptero - o pássaro, chamava-o Santiago - dotado de potentes sistemas de detecção, com chefes veteranos e pilotos capazes de voar a poucos palmos da água, forçando-os a levar o motor ao limite em perigosas manobras evasivas, com risco de avarias e de serem capturados antes de atingir os faróis de Gibraltar. Nesse caso, os fardos eram

atirados pela borda: adeus para sempre à carga, e olá a outro género de problemas piores que os policiais; porque quem fretava o haxixe nem sempre eram mafiosos compreensivos e havia o risco de, depois do ajuste de contas, sobrarem chapéus. Tudo isso, sem contar com a possibilidade de uma pancada mal dada com o casco na marejada, de um rombo, de um choque com as lanchas perseguidoras, de encaharem na praia, de uma pedra submersa que destruísse a lancha e os seus tripulantes.

- Já está. Vamos embora.

O último fardo estava estivado. Trezentos quilos certos. Os do barco remavam já para terra; e Santiago, depois de aduchar o cabo, saltou para o poço e instalou-se no assento do piloto, junto à banda de estibordo. Teresa afastou-se para lhe dar lugar enquanto vestia, tal como ele, um casaco impermeável. Deu depois outra vista de olhos ao ecrã do radar: tudo limpo à proa, rumo ao norte e ao mar aberto. Fim das precauções imediatas. Santiago ligou a ignição e a luzinha vermelha dos instrumentos iluminou o painel de comando: bússola, taquímetro, conta-rotações, pressão do óleo. Pedal sob o volante e trimer de coluna à direita do piloto. Rrrrr.

Roar. Os ponteiros saltaram como se tivessem acordado de repente. Roaaaaar.

A hélice levantou um aguaceiro de espuma à popa, e os sete metros de eslora da Phantom puseram-se em movimento, cada vez mais depressa, cortando a água oleosa com a limpeza de uma faca bem afiada: duas mil e quinhentas rotações, vinte nós. A trepidação do motor transmitia-se ao casco e Teresa sentia toda a força que os empurrava à popa estremecer a estrutura de fibra de vidro que, de repente, parecia tornar-se leve como uma pena. Três mil e quinhentas rotações: trinta nós e planando. A sensação de potência, de liberdade, era quase física e, ao reencontrá-la, o coração começou a latejar-lhe como se estivesse à beira de uma suave embriaguez. Nada se parecia com isto, pensou uma vez mais. Ou quase nada. Santiago, atento à condução, ligeiramente inclinado sobre o volante do leme, com a cara avermelhada iluminada de baixo pelo painel de instrumentos, pisou um pouco mais no pedal do gás: quatro mil rotações e quarenta nós. O deflector já não bastava para os proteger do vento, que soprava húmido e cortante. Teresa fechou até ao pescoço o fecho do casaco impermeável e pôs um gorro de lã, prendendo o cabelo que lhe fustigava a cara.

Depois, deu mais uma vista de olhos ao radar e varreu os canais com o indicador de leds do rádio Kenwood aparafusado à consola - os guardas alfandegários e a Guarda Civil falavam em código através de codificadores digitais de voz; mas, embora não se entendessem as suas conversas, a intensidade do sinal captado permitia verificar se estavam perto. De vez em

quando erguia o rosto para o céu, à procura da sombra ameaçadora do helicóptero entre as luzes frias das estrelas. O firmamento e o círculo escuro do mar que os rodeava pareciam correr com eles, como se a lancha estivesse no centro de uma esfera que se deslocava velozmente através da noite. Agora, em mar aberto, a marejada crescente provocava leves pancadas do casco durante o andamento e, ao longe, começavam a distinguir-se as luzes da costa de Espanha.

Que iguais e que diferentes eram, pensava. Como se pareciam nalgumas coisas - ela pressentiu-o desde a noite do Yamila -, e que distintos na forma de encarar a vida e o futuro. Tal como o Gúero, Santiago era esperto, decidido e muito frio no trabalho, dos que nunca perdem a cabeça mesmo que estejam à brocha.

Também a fazia gozar na cama, onde era generoso e atento, controlando-se sempre com muita calma e pendente dos seus desejos. Menos divertido, talvez, mas mais terno que o outro. Mais doce, às vezes. E aí acabavam as semelhanças. Santiago era calado, pouco gastador, tinha poucos amigos e desconfiava de toda a gente.

Sou celta de Finisterra, dizia - em galego, Fisterra significa fim, extremidade longínqua da terra. Quero chegar a velho e jogar dominó num bar de O Grove, e ter uma casa grande com uma varanda de PVC envidraçada de onde se veja o mar, com um telescópio potente para ver entrar e sair os barcos, e uma escuna própria com sessenta pés ancorada na ria. Mas se gastar o dinheiro, tiver demasiados amigos ou confiar em muita gente, nunca chegarei a velho nem terei nada disso. Quanto maior é o número de anéis, menos podemos fiar-nos na cadeia.

Santiago também não fumava, nem tabaco, nem haxixe, nem nada e só bebia um copo de vez em quando. Ao acordar, corria meia hora pela praia, com a água pelos joelhos e depois fortalecia os músculos fazendo flexões que - Teresa contara-as, incrédula - chegavam às cinquenta de cada vez. Tinha um corpo magro e duro, claro de pele mas muito bronzeado nos braços e na cara, com a sua tatuagem do Cristo crucificado no antebraço direito-o Cristo do meu apelido, comentou uma vez - e outra pequena marca no ombro esquerdo, um círculo com uma cruz celta e umas iniciais, I. A., cujo significado, que ela suspeitava ser um nome de mulher, nunca quis contar-lhe. Também tinha uma cicatriz antiga, na diagonal e de cerca de meio palmo, nas costas, à altura dos rins. Uma navalha, foi o que disse quando Teresa perguntou. Há muito tempo. Quando vendia tabaco americano de contrabando pelos bares e os outros rapazes recearam que lhes tirasse a clientela. E enquanto dizia aquilo sorria um pouco, melancólico, como se sentisse saudades do tempo dessa navalhada.

Quase que teria podido amá-lo, reflectia Teresa às vezes, se não tivesse

acontecido tudo no lugar errado, na parte errada da vida.

As coisas aconteciam sempre demasiado cedo ou demasiado tarde. No entanto sentia-se bem com ele, tão bem que dava gosto, vendo televisão encostada ao ombro dele, vendo revistas cor-de-rosa, bronzeando-se ao sol com um Bisonte recheadinho de haxixe nos dedos - sabia que Santiago não aprovava que fumasse aquilo, mas nunca lhe ouviu uma palavra de censura -, ou vendo-o trabalhar sob o alpendre, com o tronco nu e o mar ao fundo, nos bocadinhos que dedicava aos seus barquinhos de madeira. Gostava muito de o ver construir barcos porque era bastante paciente e minucioso, muito habilidoso a reproduzir pesqueiros como os verdadeiros, pintados de vermelho, azul e branco, e veleiros com cada vela e cada cabo no seu devido lugar. E era curioso aquilo dos barcos e da lancha também porque, para sua surpresa, tinha descoberto que Santiago não sabia nadar. Nem sequer esbracejar como ela - o Gúero ensinara-a em Altata -, com muito pouco estilo, mas nadando, apesar de tudo. Confessou-lhe uma vez na sequência de outro assunto. Nunca consegui manter-me à tona, disse. Sinto-me estranho. E quando Teresa lhe perguntou por que se arriscava nesse caso numa lancha, ele limitou-se a encolher os ombros, fatalista, com aquele sorriso que parecia sair-lhe depois de muitas voltas e reviravoltas no seu íntimo.

Metade dos galegos não sabem nadar, acabou por dizer. Afogamo-nos resignados e pronto. E ao princípio ela não soube se ele falava a brincar ou a sério.

Uma tarde, petiscando na Kuki - Casa Bernal, uma tasca de Campamento - Santiago apresentou-a a um conhecido, um repórter do Diário de Cádiz chamado Oscar Lobato. Conversador, moreno, quarentão, com um rosto cheio de marcas e de cicatrizes que lhe dava o aspecto de um tipo carrancudo que na realidade não era, Lobato mexia-se como peixe na água tanto entre contrabandistas como entre guardas alfandegários e civis. Lia livros e sabia um pouco de tudo, de motores a geografia ou música. Também conhecia toda a gente, não revelava as suas fontes nem com uma 45 encostada à cabeça e frequentava o meio há já algum tempo, com a agenda telefónica repleta de contactos. Dava sempre uma mãozinha quando podia, sem se importar em que lado da lei militava cada um, em parte por relações públicas e em parte porque, apesar dos maus costumes do seu ofício, diziam, não era má pessoa. Além disso, gostava do seu trabalho. Naqueles dias rondava a Atunara, o antigo bairro piscatório de La Línea, onde o desemprego convertera os pescadores em contrabandistas. As lanchas de Gibraltar desembarcavam contrabando na praia em plena luz do dia, descarregadas por mulheres e crianças que pintavam as suas próprias passagens de peões na estrada para atravessarem comodamente com os fardos às costas. À beira-mar, os miúdos brincavam aos traficantes e guardas civis, perseguindo-se

uns aos outros com caixas vazias de Winston em cima da cabeça; só os mais pequenos queriam fazer o papel de guardas. E cada intervenção policial acabava com gás lacrimogéneo e balas de borracha, em autênticas batalhas campais entre os habitantes e a polícia antimotim.

- Imaginem a cena - contava Lobato -, praia de Puente Mayorga, de noite, uma lancha gibraltarina com dois indivíduos descarregando tabaco. Uma parelha da Guarda Civil: um cabo velho e um guarda jovem. Alto, quem está aí, *etc.* Os de terra que desatam a fugir. O motor que não arranca, o guarda jovem que se mete na água e sobe para a lancha. O motor que, finalmente, arranca, e lá vai a lancha para Gibraltar, com um traficante ao leme e o outro à porrada com opicoletos... Imaginem agora essa lancha parando a meio da baía. A conversa com o guarda. Olha, chavaló, dizem-lhe... Se continuarmos contigo até Gibraltar vai ser a nossa ruína, e a ti fazem-te a folha por nos teres perseguido em território inglês. De modo que vamos acalmar, 'tá?... Desfecho: essa lancha regressa à margem, esse guarda desce. Adeus, adeus. Boa-noite. E seja o que Deus quiser.

Na sua dupla condição de galego e de traficante, Santiago desconfiava dos jornalistas; mas Teresa sabia que ele considerava Lobato uma exceção: era objectivo, discreto, não acreditava em bons ou maus, sabia fazer-se tolerar, pagava as bebidas e nunca tirava apontamentos em público. Sabia também boas histórias, piadas ainda melhores e nunca falava mal. Tinha chegado ao Bernal com Toby Parrondi, um piloto de lanchas gibraltarina, e com alguns colegas deste. Eram todos jovens, os llanitos. Cabelos compridos, pele bronzeada, brincos nas orelhas, tatuagens, maços de cigarro com isqueiros de ouro em cima da mesa, carros de grande cilindrada e vidros fumados que circulavam com a música de Los Chunguitos, ou de Javivi, ou de Los Chichos, no volume máximo.

Canções que, a Teresa, recordavam um pouco os narcocorridos mexicanos.

De noite não durmo, de dia não vivo, dizia uma das letras. Entre estas paredes, maldito presídio. Canções que faziam parte do folclore local, como as de Sinaloa, com títulos igualmente castiços: *La mora y el legionário*, *Soy un perro callejero*, *Punos de acero*, *A mis colegas* (2). Os contrabandistas llanitos só se diferenciavam dos espanhóis por serem tipos mais claros de cabelo e de pele e por misturarem palavras inglesas com o seu sotaque andaluz. No resto, eram talhados pelo mesmo molde: correntes de ouro ao pescoço com crucifixos, medalhas da Virgem ou a inevitável efígie de Camarón. Camisolas de algodão heavy metal, blusões caros, ténis Adidas e Nike, calças de ganga bastante desbotadas e de boas marcas, com maços de notas num dos bolsos traseiros e o volume da navalha no outro. Pessoal da pesada, tão perigoso às vezes como o sinaloense. Nada a perder e muito a ganhar. Com aquelas bacanas, suas namoradas, metidas em calças estreitas e camisolinhas curtas, mostrando as

ancas tatuadas e os piercings dos umbigos, muita maquilhagem e perfume, e todo aquele ouro em cima. Faziam lembrar a Teresa as garinas dos narcos de Culiacán.

De certa forma, ela própria. E dar-se conta disso fê-la pensar que tinha decorrido muito tempo e muitas coisas. Naquele grupo havia alguns espanhóis de Atunara, mas a maior parte eram llanitos; britânicos com apelidos espanhóis, ingleses, malteses e de todos os recantos do Mediterrâneo. Como disse Lobato piscando um olho e incluindo Santiago no gesto, o melhor de cada casa.

- Com que então mexicana...

- Ora bem.

- Pois vieste para bem longe.

- Coisas da vida.

O sorriso do repórter estava manchado de espuma de cerveja.

- Isso parece uma canção de José Alfredo.

- Conheces José Alfredo?

- Um pouco.

*\*(2) A Moura e o Legionário; Sou um Cão Vadio; Punhos de Aço; Aos meus Colegas. (N. da T.)*

E Lobato pôs-se a cantarolar Llegó borracho el borracho, convidando para outra rodada. A mesma coisa para os meus amigos para mim, disse. Incluindo os cavalheiros daquela mesa e as suas senhoras.

... Pidiendo cinco tequilas, Y le dijo el cantinero: se acabaron las bebidas.

Teresa arranhou com ele algumas estrofes e acabaram a rir-se. Era simpático, pensou. E não se armava em esperto. Armar-se em esperto com Santiago e com aquela gente era mau para a saúde. Lobato olhava para ela com olhos atentos, apreciativo. Olhos de quem sabe em que é que param as modas.

- Uma mexicana e um galego. Ver para crer.

Está bem. Não fazer perguntas mas dar pé a que outros contem, se vier a calhar.

Deixando cair como quem não quer a coisa.

- O meu pai era espanhol.

- De onde?

- Nunca soube.

Lobato não perguntou se era verdade que nunca o soubera, ou se estava fugindo com o rabo à seringa. Dando por terminado o tema familiar, bebeu um gole de cerveja e apontou para Santiago.

- Dizem que o acompanhas no negócio até à moirama.

- Quem o diz?

- Diz-se por aí. Aqui não há segredos. Quinze quilómetros de largura são pouca água.

- Fim da entrevista - disse Santiago tirando a cerveja de Lobato da mão, a meio beber, e trocando-a por outra da nova rodada que acabavam de pedir os louros da outra mesa.

O repórter encolheu os ombros.

- É bonita, a tua miúda. E com esse sotaque...

- Eu gosto.

Teresa deixava-se embalar apertada pelos braços de Santiago, sentindo-se como uma gatinha. Kuki, o dono do Bernal, pôs alguns petiscos em cima do balcão: gambás ai ajillo, entremeada, almôndegas, tomates com azeite. Teresa adorava almoçar ou jantar daquela forma tão espanhola, à base de petiscos, de pé e de balcão em balcão, quer enchidos quer pratos confeccionados. Petiscando.

Acabou a entremeada, molhando o pão no molho.

Tinha larica e engordar não a preocupava. Era das magras e durante alguns anos podia permitir-se alguns excessos. Como diziam em Culiacán, encher a mula.

Kuki tinha nas prateleiras uma garrafa de Cuervo, de modo que pediu uma tequila.

Em Espanha não usavam os copinhos compridos e estreitos frequentes no México, e ela bebia sempre em canecas pequenas, porque era o mais parecido. O problema era duplicar a dose em cada gole.

Entraram mais clientes. Santiago e Lobato, apoiados no balcão, conversavam sobre as vantagens das lanchas de borracha tipo Zodiac para deslocar-se a grande velocidade com mar mau; e Kuki intervinha na conversa. Os cascos rígidos sofriam muito nas perseguições e há muito tempo que Santiago sonhava com uma semi-rígida com dois ou três motores, suficientemente grande para aguentar o mar, chegando até às costas orientais andaluzas e ao cabo de Gata. O problema era não dispor de meios: demasiado investimento e demasiado risco. E partindo do princípio que mais tarde, na água, aquelas ideias fossem confirmadas pelos factos.

De repente a conversa parou. Os gibraltarinós da mesa também tinham emudecido e olhavam para o grupo que acabava de se instalar na extremidade do balcão, junto do antigo cartaz taurino da última corrida de touros antes da guerra civil - Feria de La Línea, 19, 20 e 21 de Julho de 1936. Eram quatro homens jovens, com bom aspecto. Um lourinho de óculos e dois altos, atléticos, com pólos desportivos e o cabelo curto. O quarto homem era atraente, vestido com uma camisa azul impecavelmente engomada e umas calças de ganga tão limpas

que pareciam novas.

- Eis-me aqui, mais uma vez - suspirou Lobato, trocista -, entre gregos e troianos.

Desculpou-se por um momento, piscou um olho aos gibraltarinos da mesa e foi cumprimentar os recém-chegados, demorando-se um pouco mais com o da camisa azul. À volta ria-se entre dentes.

- Os quatro são da Vigilância Aduaneira.

Santiago olhava para eles com interesse profissional. Ao ver-se observado, um dos altos inclinou um pouco a cabeça em jeito de cumprimento e Santiago ergueu o seu copo de cerveja alguns centímetros. Podia ser uma resposta ou podia não ser. Os códigos e as regras do jogo que todos jogavam: caçadores e presas em território neutro.

Kuki servia vinho branco e petiscos sem se alterar. Aqueles encontros aconteciam diariamente.

- O bonitão - continuava Lobato a explicar - é o piloto do pássaro.

O pássaro era o BO-105 da Aduana, equipado para a busca e caça no mar. Teresa vira-o voar acoçando as lanchas contrabandistas. Voava bem, muito baixinho.

Arriscando-se. Observou o tipo: cerca de trinta e poucos anos, cabelo preto, pele bronzeada. Teria podido passar por mexicano. Parecia correcto, giraço.

Um pouco tímido.

- Disse-me que ontem à noite lhe atiraram um foguete que lhe acertou numa pá - Lobato olhava para Santiago. - Não terias sido tu, não é verdade?

- Não saí ontem à noite.

- Deve ter sido algum destes.

- Pode ser.

Lobato olhou para os gibraltarinos, que agora falavam exageradamente alto, rindo-se. Amanhã vou-lhes passar oitenta quilos, gabava-se alguém. Diante do nariz. Um deles, Parrondi, disse a Kuki que servisse uma rodada aos senhores guardas aduaneiros. Que é o meu aniversário e tenho, dizia com evidente velhacaria, muito gosto em convidá-los. Da extremidade do balcão, os outros recusaram a proposta, embora um deles tenha levantado os dedos fazendo o "V"

da vitória e desejando-lhe felicidades. O louro de óculos, informou Lobato, era o patrão de uma lancha H-J. Também galego, a propósito. De La Coraria.

- Quanto ao ar, já sabes - acrescentou Lobato para Santiago. - Reparação e uma semana de céu livre, sem abutres à coca. De modo que já sabes...

- Não tenho nada estes dias.

- Nem sequer tabaco?

- Também não.



- Que pena.

Teresa continuava a observar o piloto. Parecia tão cortês e mosquinha morta...

Com a sua camisa impecável, o cabelo brilhante e penteadinho, era difícil relacioná-lo com o helicóptero, pesadelo dos contrabandistas. Se calhar, disse para consigo, acontecia como num filme que vira com Santiago comendo pevides no cinema de Verão de La Línea: o doutor Jeckyll e mister Hyde.

Lobato, que se apercebera do seu olhar, acentuou um pouco o sorriso.

- É um bom rapaz. De Cáceres. E atiram-lhe as coisas mais estranhas que possas imaginar. Uma vez jogaram-lhe um remo, partindo-lhe uma pá, e quase se matou.

E quando aterra na praia, os fedelhos recebem-no à pedrada... Às vezes a Atunara parece o Vietname. Claro que no mar é diferente.

- Sim - confirmou Santiago entre goles de cerveja. - Aí são estes filhos da puta que têm vantagem.

Assim ocupavam o tempo livre. Outras vezes iam às compras, resolver alguns assuntos ao banco de Gibraltar ou passeavam pela praia nos magníficos fins de tarde do prolongado Verão andaluz, com o Rochedo acendendo as suas luzes pouco a pouco, ao fundo, e a baía cheia de barcos com diferentes bandeiras - Teresa já identificava as principais - que acendiam as luzes enquanto o sol se punha a poente. Viviam numa casinha situada a dez metros da água, na foz do rio Palmones, onde se erguiam algumas casas de pescadores, precisamente a meio da baía entre Algeciras e Gibraltar. Gostava daquela zona que lhe lembrava um pouco Altata, em Sinaloa, com praias de areia e bateiras azuis e vermelhas varadas junto à água mansa do rio. Costumavam tomar café com leite e torradas com azeite ao pequeno-almoço no El Espigón ou no Estrella de Mar e, aos domingos, comer omeletas de camarão na casa Willy. Às vezes, entre viagem e viagem levando cargas pelo Estreito, pegavam no Cherokee de Santiago e iam até Sevilha pela Ruta del Toro, almoçar na casa Becerra ou parando para petiscar presunto ibérico e salpicão nas tascas da estrada. Outras vezes percorriam a Costa del Sol até Málaga ou iam na direcção contrária, por Tarifa e Cádiz até Sanlúcar de Barrameda e à foz do Guadalquivir: vinho Barbadillo, lagostins, discotecas, esplanadas de cafés, restaurantes, bares e karaokes, até Santiago abrir a carteira, fazer as contas e dizer já chega, já chegou à reserva, voltemos para ganhar mais, que ninguém nos oferece nada. Passavam frequentemente dias inteiros no Rochedo, sujos de óleo e lubrificante, esturricados sob o sol e comidos pelas moscas no varadouro de Marina Sheppard, desmontando e tornando a montar o motor da Phantom - palavras antes misteriosas, como pistões americanos, cabeças ovaladas, caixas de rolamentos, já não tinham

segredos para Teresa -, e depois experimentavam a lancha, planando velozmente pela baía, observados de perto pelo helicóptero, pelas H-Js e pelas Heineken, que talvez nessa mesma noite voltassem a empenhar-se com eles no jogo do gato e do rato a sul de Punta Europa. E todas as tardes, nos dias tranquilos de porto e varadouro, ao acabar o trabalho iam ao Olde Rock beber alguma coisa sentados na mesa do costume, sob um pequeno quadro que mostrava a morte de um almirante inglês chamado Nelson.

Desta forma, durante aquele tempo quase feliz - pela primeira vez na sua vida estava consciente de o ser -, Teresa fez-se ao ofício. A mexicaninha que há pouco mais de um ano tinha desatado a correr em Culiacán era agora uma mulher batida em travessias nocturnas e sobressaltos, em questões marinheiras, em mecânica naval, em ventos e correntes. Conhecia o rumo e a actividade dos barcos pelo número, cor e posição das suas luzes. Estudou as cartas náuticas espanholas e inglesas do Estreito comparando-as com as suas próprias observações, até saber de cor pedras submersas, perfis da costa, referências que mais tarde, de noite, marcariam a diferença entre o êxito e o fracasso.

Carregou tabaco nos armazéns gibraltarios, descarregando-os uma milha adiante, na Atunara, e haxixe na costa marroquina para o desembarcar em enseadas e praias de Tarifa a Estepona. Verificou, de chave inglesa e chave de parafusos na mão, bombas de refrigeração e cilindros, trocou ânodos, óleo, desmontou velas e aprendeu coisas que nunca tinha imaginado que fossem úteis, como, por exemplo, que o consumo por hora de um motor alterado, como o de qualquer motor de dois tempos, se calcula multiplicando por 0,4 a potência máxima: regra muito útil quando se queima o combustível a jorros a meio do mar, onde não há postos de gasolina. Habitou-se também a orientar Santiago com pancadas nos ombros em fugas bastante apressadas, para que a proximidade das lanchas de alta velocidade ou do helicóptero não o distraíssem quando pilotava a velocidades perigosas; e até a conduzir ela própria uma lancha acima dos trinta nós, aumentar a potência ou reduzi-la com mar mau para que o casco sofresse apenas o imprescindível, elevar a coluna do motor com marejada ou regulá-la intermédia para planar, camuflar-se perto da costa aproveitando as noites sem lua, colar-se a um pesqueiro ou a um barco grande para dissimular o seu próprio sinal de radar.

E também as práticas evasivas: utilizar o pequeno raio de rotação da Phantom para evitar a abordagem das lanchas mais potentes mas menos manobráveis, procurar a popa das que os caçavam, dobrar-lhe a proa ou atravessar o seu rasto aproveitando as vantagens da gasolina face ao lento gasóleo do adversário.

E assim passou do medo à euforia, da vitória ao fracasso; e soube,

novamente, o que já sabia: que umas vezes se perde, outras se ganha, e outras se deixa de ganhar. Atirou fardos ao mar, iluminada em plena noite pelo foco dos perseguidores, ou transferiu-os para pesqueiros e para sombras negras que se aproximavam vindas de praias desertas entre o rumor da ressaca, metidas na água até à cintura. Uma vez - a única até essa altura, no decurso de uma operação com gente pouco fiável - chegou a fazê-lo enquanto Santiago vigiava sentado à popa, na escuridão, com uma Uzi escondida debaixo da roupa; não como precaução perante a possibilidade de aparecerem aduaneiros ou guardas civis - isso ia contra as regras do jogo - mas para se precaverem das pessoas a quem faziam a entrega: uns franceses de má morte e maneiras ainda piores. E depois, nessa mesma madrugada, livre já da carga e navegando rumo ao Rochedo, a própria Teresa tinha atirado, bastante aliviada, a Uzi ao mar.

Agora estava longe de sentir esse alívio, apesar de navegarem com a lancha vazia e de volta a Gibraltar. Eram 4.40 da madrugada e só tinham decorrido duas horas desde que embarcaram os trezentos quilos de resina de haxixe na costa marroquina, tempo suficiente para atravessar as nove milhas que separavam Al Marsa de Cala Arenas e desembarcar ali sem problemas a carga da outra margem. Mas - diz o ditado - até ao lavar dos cestos é vindima. E para o confirmar, um pouco antes de Punta Carnero, acabados de entrar no sector vermelho do farol e vendo-se já a mole iluminada do Rochedo no outro lado da baía de Algeciras, Santiago tinha blasfemado, pondo-se de repente a olhar para o céu. E, um instante depois, sobrepondo-se ao som do motor, Teresa ouviu um ronronar diferente que se aproximava por um dos lados e depois se situava à popa, segundos antes de um foco visar a lancha, iluminando-os de muito perto. O pássaro, resmungava agora Santiago. O estupor do pássaro.

As pás do helicóptero revolviam um turbilhão de ar sobre a Phantom, levantando água e espuma à sua volta, quando Santiago mexeu no trimer da coluna, carregou no acelerador, a agulha saltou de 2500 para 4000 rotações, e a lancha começou a correr batendo no mar, planando com pancadas rápidas do casco. Não havia hipóteses. O foco seguia-os, oscilando de um lado para o outro e destes para a popa, iluminando como uma cortina branca a água revolta por duzentos e cinquenta cavalos de potência. Entre as pancadas e a espuma, bem agarrada para não cair borda fora, Teresa fez o que tinha de fazer: esquecer-se da ameaça relativa do helicóptero - voava, calculou, a uns quatro metros da água e, tal como eles, a uma velocidade de quase quarenta nós - e ocupar-se da outra ameaça que sem dúvida rondava perto, mais perigosa pois iam demasiado próximos de terra: a H-J da Vigilância Aduaneira que, guiada pelo radar e pelo foco do helicóptero, devia estar nesse momento dirigindo-se para eles a toda a velocidade, para lhes impedir a passagem e empurrar a lancha contra a costa.

Na direcção das pedras da restinga de La Cabrita, que estavam algures lá para a frente e um pouco a bombordo.

Encostou a cara ao cone de borracha do Furuno, esfolando a testa e o nariz com as pancadas do casco, e carregou nas teclas para reduzir o alcance a meia milha. Meu Deus. Se nesta labuta não estás a bem com Deus, nem te metas, pensou.

O percurso da antena no ecrã parecia-lhe incrivelmente longo, uma eternidade que aguardou contendo a respiração. Livra-nos também desta, meu rico Jesus.

Até do santo Malverde se lembrava, naquela noite negra do seu mal. Iam sem carga que os levasse à prisão; mas os aduaneiros eram gente da pesada, mesmo que nas tascas de Campamento te desejassem um feliz aniversário. Àquelas horas e naquelas paragens, podiam recorrer a qualquer pretexto para se apropriarem da lancha ou para a abalroarem simulando um acidente e metê-la a pique. A luz ofuscante do foco batia-lhe no ecrã, dificultando-lhe a visão. Apercebeu-se de que Santiago aumentava as rotações do motor, apesar de, com o mar que o vento levantava de poente, já irem no limite.

O galego não se acagaçava e também não era homem amigo de facilitar as coisas à lei. Nessa altura a lancha voadora deu um salto mais prolongado que os anteriores - que o motor não gripe, pensou, imaginando a hélice a girar no vazio - e quando o casco bateu novamente na superfície da água, Teresa, agarrada o melhor que podia, batendo vezes sem conta com a cara no rebordo de borracha do radar, viu finalmente no ecrã, entre os inúmeros pequenos ecos da marejada, outra mancha preta, diferente: um sinal alongado e sinistro que se aproximava rapidamente deles pela alheta de estibordo, a menos de quinhentos metros.

- Às cinco!... - gritou, sacudindo o ombro direito de Santiago. - Três amarras!

Disse-o colando-lhe a boca à orelha para se fazer ouvir por cima do rugido do motor. Nessa altura Santiago deu uma olhadela inútil nessa direcção, com os olhos semicerrados sob a claridade do foco do helicóptero que continuava colado a eles, e depois arrancou com uma palmada a borracha do radar para ele próprio ver o ecrã. A sinuosa linha negra da costa desenhava-se de forma inquietante perto de cada volta da antena, a uns trezentos metros do costado de bombordo. Teresa olhou para a proa. O farol de Punta Carnero continuava a emitir os seus clarões vermelhos. Com este rumo, quando passassem para o sector da luz branca já não haveria maneira de evitar a restinga de La Cabrita.

Santiago deve ter pensado a mesma coisa porque nesse momento reduziu a velocidade e rodou o leme para a direita, voltou a acelerar e manobrou várias vezes em ziguezague da mesma forma, mar adentro, olhando alternadamente para o ecrã do radar e para o foco do helicóptero, que a cada mudança de

direcção se adiantava, perdendo-os de vista por um momento, antes de se colar novamente, para os manter enquadrados com a sua luz. Quer fosse o da camisa azul ou qualquer outro, pensou Teresa com admiração, aquele tipo lá de cima era dos marados.

Vou dizer o contrário, p'ra quê? E dominava o seu ofício. Voar de noite com um helicóptero rasando a água não era para qualquer um. O piloto devia ser tão bom como o Gúero, nos seus tempos e na sua área. Ou mais. Apeteceu-lhe atirar-lhe uma merda de um foguete, se tivessem foguetes a bordo. Vê-lo cair em chamas na água. Chap.

Agora o sinal da H-J estava mais perto no radar, aproximando-se implacavelmente. Lançada na potência máxima e em mar chão, a lancha era inatingível; mas com agitação sofria demasiado e a vantagem passava a ser dos perseguidores. Teresa olhou para trás para o costado de estibordo fazendo viseira com a mão sob a luz, esperando vê-la aparecer de um momento para outro. Agarrada o melhor que podia, agachando a cabeça cada vez que uma chuva de espuma saltava sobre a proa, sentia os rins doridos devido às constantes pancadas do casco na água. De vez em quando observava o perfil obstinado de Santiago, os seus traços tensos pingando água salgada, os olhos ofuscados atentos à noite. As mãos crispadas no leme da Phantom, dirigindo-a com pequenas e hábeis sacudidelas, tirando o máximo partido das quinhentas rotações extra do motor modificado, do grau de inclinação da traseira, e da quilha plana que nalguns saltos prolongados parecia voar, como se a hélice só tocasse na água de vez em quando, batendo outras vezes com estrondo e rangendo de tal forma que o casco parecia prestes a desmantelar-se em pedaços.

- Aí está!

E aí estava. Uma sombra fantasmagórica, por momentos cinzenta, por momentos azul e branca, que se ia introduzindo no campo luminoso do projector do helicóptero, com grandes rajadas de água e o casco perigosamente próximo.

Entrava e saía da luz como uma parede enorme ou um cetáceo monstruoso que corresse sobre o mar, e o foco que agora da lancha também os iluminava, coroado por um clarão azul intermitente, parecia um olho maligno. Surda devido ao ruído dos motores, agarrada onde podia, empapada pelos borrifos, sem se atrever a esfregar os olhos que lhe ardiavam do sal, com medo de ser atirada borda fora, Teresa viu que Santiago abria a boca para gritar alguma coisa que não lhe chegou aos ouvidos, e depois viu-o levar a mão direita à alavanca do trimer da coluna, levantar o pé do acelerador para reduzir a potência bruscamente enquanto metia o leme a bombordo, e pisar de novo, com a proa na direcção do farol de Punta Carnero. A manobra permitiu-lhes esquivar o foco do helicóptero e a proximidade da H-J; mas o alívio de Teresa durou o brevíssimo instante que

demorou a dar-se conta de que fugiam directamente para terra quase no limite entre os sectores vermelho e branco do farol, rumo aos quatrocentos metros de pedras e recifes de La Cabrita. Não me lixes, murmurou. O foco da lancha perseguia-os agora por trás, pela popa, ajudado pelo helicóptero que voava novamente junto deles. E nessa altura, quando Teresa, com as mãos crispadas nas pegas, ainda tentava calcular os prós e os contras, viu o farol em frente e em cima, demasiado perto, passar do vermelho ao branco. Não precisava do radar para saber que estavam a menos de cem metros das pedras e que a sonda diminuía rapidamente. Tudo muito bera.

Ou trava ou esmagamo-nos, disse para consigo. E a esta velocidade do caraças nem sequer posso atirar-me ao mar. Ao olhar para trás viu o foco da H-J abrir-se pouco a pouco, cada vez mais longe, à medida que os seus tripulantes se protegiam para evitar a restinga. Santiago manteve o rumo um pouco mais, deu uma vista de olhos por cima do ombro para a H-J, olhou para a sonda e depois para a frente, onde a claridade longínqua de Gibraltar desenhava a preto a silhueta de La Cabrita. Espero que não, pensou Teresa, assustada. Espero que não se lembre de meter-se a meio do canal que existe entre as pedras. Já o fez uma vez, mas era de dia e não íamos a esta velocidade. Nesse momento, Santiago reduziu novamente a potência, meteu o leme a estibordo e, passando sob a pança do helicóptero, cujo piloto o fez subir bruscamente para evitar a antena de radar da Phantom, atravessou, não pelo canal, mas sobre a ponta exterior da restinga, com a massa negra de La Cabrita tão perto que Teresa conseguiu sentir o cheiro das algas e ouvir o eco do motor nas paredes rochosas da escarpa. E de repente, ainda com a boca aberta e com os olhos esbugalhados, deu consigo no outro lado de Punta Carnero, com o mar muito mais tranquilo que lá fora e a H-J outra vez a algumas amarras por causa do arco que descrevera para se afastar do rumo. O helicóptero voltava a colar-se-lhes à popa, mas já não passava de uma companhia incómoda, sem consequências, enquanto Santiago punha o motor no máximo, 6300 rotações, e a Phantom atravessava a baía de Algeciras a cinquenta e cinco nós, planando sobre o mar chão na direcção da entrada do porto de Gibraltar. Porreiríssimo. Quatro milhas em cinco minutos, com uma ligeira manobra para evitar um petroleiro fundeado a meio caminho.

E quando a H-J abandonou a perseguição e o helicóptero começou a distanciar-se e a ganhar altitude, Teresa levantou-se um pouco na lancha e, ainda iluminada pelo foco, fez ao piloto um eloquente manguito. Adeus, cabrãããããã. Três vezes te enganei, vemo-nos por aí, abutre. Na tasca do Kuki.

## 6. ESTOU ARRISCANDO A VIDA, ESTOU ARRISCANDO A SORTE

Localizei Oscar Lobato com uma chamada telefónica para o Diário de Cddiz.

Teresa Mendoza, disse. Estou a escrever um livro. Combinámos almoçar no dia seguinte na Venta del Chato, um antigo restaurante ao pé da praia de Cortadura.

Acabava de estacionar à porta, em frente ao mar, com a cidade ao longe, soalheira e branca na extremidade da sua península de areia, quando Lobato saiu de um maltratado Ford cheio de jornais velhos e com o dístico de Imprensa escondido atrás do pára-brisas. Antes de vir ao meu encontro esteve a conversar com o arrumador e deu-lhe uma palmada nas costas, que o outro agradeceu como se de uma gorjeta se tratasse. Lobato era simpático, falador, inesgotável em histórias e informações. Quinze minutos mais tarde já éramos íntimos e eu tinha ampliado os meus conhecimentos sobre a estalagem - uma verdadeira estalagem de contrabandistas, com dois séculos de história -, sobre a composição do molho que nos serviram com o veado, sobre o nome e a utilidade de cada um dos utensílios centenários que decoravam as paredes do restaurante, e sobre o garum, o molho de peixe preferido pelos romanos quando aquela cidade se chamava Gades e os turistas viajavam em trirreme. Antes do segundo prato soube também que estávamos perto do Observatório Marítimo de San Fernando, por onde passa o meridiano de Cádiz, e que em 1812 as tropas de Napoleão que cercavam a cidade - não chegaram à porta de Tierra, especificou Lobato - tinham ali um dos seus acampamentos.

- Viste o filme Lola la Piconera?

Já nos tratávamos por tu há um bocado. Disselhe que não, que não o tinha visto; e ele então contou-mo de uma ponta à outra. Juanita Reina, Virgílio Teixeira e Manuel Luna. Realizado por Luis Lúcia em 1951. E segundo a lenda, falsa evidentemente, a Piconera foi fuzilada pelos franciús exactamente aqui.

Heroína nacional, *etc.* E essa copla. Que viva a alegria e que morra a tristeza, Lola, Lolita la Piconera. Ficou a olhar para mim enquanto eu punha uma cara de estar interessadíssimo em tudo aquilo, piscou um olho, provou o seu copo de Yllera - acabávamos de abrir a segunda garrafa - e pôs-se a falar de Teresa Mendoza sem qualquer transição. De bom grado.

- Aquele mexicana. Aquele galego. Aquele haxixe para cima e para baixo, com todo o bicho-careta a jogar aos quatro-cantinhos... Tempos épicos - suspirou, com a sua gotinha de nostalgia em minha honra. - Corriam os seus

riscos, claro.

Gente dura. Mas não havia a sacanice que há agora.

Continuava a ser repórter, frisou. Tal como nessa altura. Um miserável repórter de infantaria, permita-se a expressão. E com muita honra. Ao fim e ao cabo, não sabia fazer outra coisa. Gostava da sua profissão, embora continuassem a pagar a mesma merda de há dez anos. Afinal de contas, a sua mulher levava um segundo salário para casa. Sem filhos que dissessem temos fome, papá.

- Isso - concluiu - dá-te mais liberté, égalité efraternité. Fez uma pausa para retribuir o cumprimento de uns políticos locais vestidos de escuro que ocuparam uma mesa próxima - um vereador da cultura e outro de urbanismo, sussurrou em voz baixa. Nem o secundário têm -, e depois continuou com Teresa Mendoza e com o galego. Encontrava-os de vez em quando por La Línea e por Algeciras, ela com a sua cara de índia bonitinha, muito morena e com aqueles olhos enormes, de vingança, que tinha na cara. Não era grande coisa, mais para o miudinho, mas quando se arranjava ficava vistosa. Com umas bonitas mamas, a propósito. Não muito grandes, mas assim - Lobato aproximava as mãos e punha os indicadores para fora, como os chifres de um touro. - Um pouco pirosa na indumentária, ao estilo das chavalas dos tipos do haxixe e do tabaco, embora menos aparatosa: calças bastante justas, camisolas de manga curta, saltos altos e tudo isso. Arranjada mas informal.

Não se misturava muito com as outras. Tinha lá dentro o seu bocadinho de classe, embora não se conseguisse precisar exactamente em que é que isso transparecia.

Talvez no falar, porque o fazia suavemente, com o seu sotaque tão carinhoso e educado. Com aqueles bonitos arcaísmos que os mexicanos utilizam. Às vezes, quando apanhava o cabelo, com o risco ao meio e o cabelo muito esticado para trás, isso da classe notava-se mais. Como Sara Montiel em Veracruz. Vinte e poucos, devia ter. Anos. A Lobato chamava-lhe a atenção que nunca usasse ouro, mas prata. Brincos, pulseiras. Tudo prata, e pouca. Algumas vezes punha sete argolas juntas num dos pulsos, escravas parece que se chamam. Cling, cling.

Lembrava-se por causa do tilintar.

- No meio começaram a respeitá-la pouco a pouco. Primeiro, porque o galego tinha boa reputação. E segundo, porque era a única mulher que se arriscava aí fora. Ao princípio as pessoas não levavam a sério, esta anda armada em quê e tudo isso. Até os da Vigilância Aduaneira e a bófia arreganhavam a tacha.

Mas quando correu a boca de que tinha os mesmos tomates que um gajo, a coisa mudou.



Perguntei-lhe por que tinha Santiago Fisterra boa reputação e Lobato juntou o polegar e o indicador num círculo de aprovação. Era boa praça, disse. Calado, cumpridor. Muito galego, no bom sentido. Refiro-me a que não era um desses cabrões calejados e perigosos, e também não era desses inconvenientes ou presumidos que abundam no bisnes do haxixe. Este era discreto, nada seca.

Íntegro. Nada cagão, se é que me entendes. Fazia a sua vida como quem vai ao escritório. Os outros, os llanitos, podiam dizer amanhã às três, e a essa hora estavam a dar uma queca à senhora ou nos copos num bar, e a gente encostado a um candeeiro com teias de aranha nas costas, olhando para o relógio. Mas se o galego dissesse amanhã saio, não era preciso dizer mais nada. Saía, com eles no sítio, mesmo que estivessem ondas de quatro metros. Um tipo de palavra.

Um profissional. O que nem sempre era bom, porque fazia sombra a muitos. A sua aspiração era reunir cacau suficiente para se dedicar a outra coisa. E se calhar por isso se davam tão bem, Teresa e ele. Pareciam estar apaixonados, evidentemente. De mão dada, abracinhos, sabes... O normal. O que acontece é que ela tinha qualquer coisa que nunca conseguias controlar totalmente.

Não sei se me faço entender. Qualquer coisa que nos obrigava a perguntar se era sincera. Cuidado, não me refiro a hipocrisia nem nada disso. Poria a mão no fogo em como era uma boa repariga... Refiro-me a outra coisa. Eu diria que Santiago a amava mais do que ela a ele. Capisci?... Porque Teresa estava sempre um pouco ausente. Sorria, era discreta e boa repariga, e tenho a certeza de que na cama as coisas corriam sobre rodas. Mas esse pontinho, sabes?... Algumas vezes, se reparasses - e reparar é o meu ofício, compadre -, havia alguma coisa na forma como olhava para todos, até para Santiago, que dava a entender não estar totalmente convencida. É como se tivesse nalgum lado uma sandes embrulhada em papel de alumínio e um saco com alguma roupa e um bilhete de comboio. Víamo-la rir-se, beber a sua tequila - adorava tequila, claro -, beijar o seu homem e, de repente, surpreendias nos olhos dela uma expressão estranha. Como se estivesse pensando: isto não pode durar.

Isto não pode durar, pensou. Tinham feito amor como uns desaustitados, quase toda a tarde, e agora passavam debaixo do arco medieval da muralha de Tarifa.

Conquistada aos mouros - leu Teresa num azulejo colocado no dintel - reinando Sancho IV, o Bravo, a 21 de Setembro de 1292. Um encontro de trabalho, disse Santiago. Meia hora de carro. Podemos aproveitar para tomar um copo, dar um passeio. E mais tarde jantar costeletas de porco no Juan Luis. E ali estavam, com o entardecer acinzentado pelo levante que fazia carneirinhos de espuma branca no mar, diante da praia de Los Lances e da costa virada para o Atlântico, com o Mediterrâneo do outro lado e África escondida na neblina que a

tarde escurecia a partir do este, sem pressas, tal como eles andando abraçados pela cintura, metendo-se pelas ruas estreitas e caiadas da pequena cidade onde o vento soprava sempre, em qualquer direcção e quase todos os trezentos e sessenta e cinco dias do ano. Naquele entardecer soprava bastante forte e, antes de entrarem na cidade, tinham ido ver como o mar rebentava no molhe do estacionamento sob a muralha, junto à Caleta, onde a água pulverizada salpicava o pára-brisas do Cherokee. E estando ali bastante cómodos, ouvindo música do rádio e com ela reclinada no ombro de Santiago, Teresa viu passar mar adentro, lá longe, um veleiro grande com três mastros como os dos filmes antigos, que se dirigia devagarinho para o Atlântico afundando a proa sob a pressão das rajadas mais fortes, esbatido entre a cortina cinzenta do vento e da espuma como se se tratasse de um barco fantasma saído de outros tempos que, por muitos anos e muitos séculos, nunca tivesse deixado de navegar. Depois tinham saído do carro e, pelas ruas mais abrigadas, foram até ao centro da cidade vendo montras.

Já estavam fora da temporada estival; mas a esplanada sob o toldo e o interior do Café Central continuavam cheios de homens e mulheres bronzeados, de aspecto atlético, estrangeiro. Muito lourinho, muito brinco na orelha, muita t-shirt estampada. Praticantes de windsurf, tinha referido Santiago na primeira vez que estiveram ali. Já é preciso ter vontade. Na vida há gente para tudo.

- A ver se um dia te enganas e dizes que me amas. Voltou-se para o ver quando ouviu as suas palavras. Ele não estava aborrecido nem mal-humorado. Nem sequer se tratava de uma censura.

- Amo-te, tonto.

- Claro.

Troçava sempre dela por causa disso. À sua maneira suave, observando-a, incitando-a a falar com pequenas provocações. Nem que te custasse dinheiro, dizia. Tão desenxabida. Ando com o ego, ou lá como se chama, numa merda. E então Teresa abraçava-o e beijava-lhe os olhos, e dizia-lhe amo-te, amo-te, amo-te, muitas vezes. Estuporado galego tão parvinho. E ela brincava como se não se importasse, como se se tratasse de um simples pretexto para a conversa, um motivo de troça, e devesse ser ela a censurá-lo. 'Tá quieta, 'tá quieta.

'Tá quieta. E no fim paravam de rir e ficavam de frente um para o outro e Teresa sentia a impotência de tudo o que não era possível, enquanto os olhos masculinos a olhavam fixamente, resignados como se chorassem um pouco por dentro, silenciosamente, tal como um miúdo que corre atrás dos amigos mais velhos quando estes o deixam para trás. Uma mágoa seca, calada, que a enternecia; e então ficava com a certeza de que, se calhar, amava, sim, aquele homem. E cada vez que isto acontecia, Teresa reprimia o impulso de erguer uma mão e de acariciar o rosto de Santiago de alguma maneira difícil de saber, de

explicar e de sentir, como se lhe devesse alguma coisa e nunca conseguisse pagá-lo.

- Em que pensas?

- Em nada.

Oxalá nunca acabasse, desejava. Oxalá esta existência intermédia entre a vida e a morte, suspensa no alto de um estranho abismo, pudesse prolongar-se até que um dia eu pronuncie palavras que sejam de novo verdade. Oxalá a sua pele e as suas mãos e os seus olhos e a sua boca me apagassem a memória, e eu nascesse de novo, ou morresse de uma vez, para dizer como se fossem novas palavras velhas que não me soem a traição ou a mentira. Oxalá tenha - oxalá tivesse, tivéssemos - tempo suficiente para isso.

Nunca falavam do Gúero Dávila. Santiago não era daqueles a quem se pode falar de outros homens, nem ela era das que o fazem. Às vezes, quando ele ficava respirando na escuridão, muito perto, Teresa quase conseguia ouvir as perguntas. Isso ainda acontecia, mas há algum tempo que essas perguntas eram apenas hábito, rotineiro rumor de silêncios. Ao princípio, durante esses primeiros dias em que os homens, mesmo os que estão de passagem, pretendem impor obscuros - inexoráveis - direitos que ultrapassam a simples entrega física, Santiago fez algumas dessas perguntas em voz alta. À sua maneira, naturalmente. Pouco explícitas, ou nada, absolutamente. E rondava como um coioote, atraído pelo fogo mas sem se atrever a entrar. Tinha ouvido coisas.

Amigos de amigos que tinham amigos. E, que remédio... Tive um homem, resumiu ela uma vez, farta de o ver farejar à volta do mesmo quando as perguntas sem resposta deixavam silêncios insuportáveis. Tive um homem bonito, valente e estúpido, disse. De olhão. Um cabrão do caraças como tu - como todos -, mas esse agarrou-me em miúda, sem mundo, e no fim lixou-me bem lixada, e dei comigo a fugir por causa dele e olha que corri para tão longe que cheguei até aqui, onde me encontrei. Mas tu devias marimbar-te para o facto de eu ter tido um homem ou não, porque esse de quem te falo está morto e bem morto. Limparam-lhe o sebo e morreu, pronto, como morremos todos, mas antes. E o que esse homem possa ter sido na minha vida é coisa minha, não tua. E depois de tudo isso, uma noite em que estavam a dar uma queca bem dada, fortemente agarrados um ao outro e Teresa tinha a mente deliciosamente em branco, desprovida de memória ou de futuro, só presente denso, espesso, de uma intensidade cálida à qual se entregava sem remorsos, abriu os olhos e viu que Santiago tinha parado e a olhava de muito perto na penumbra, e viu também que mexia os lábios, e quando finalmente regressou ali, aonde estavam e prestou atenção ao que ele dizia, pensou primeiro galego tanso, estúpido como todos, tolo, tolo, tolo, com aquelas perguntas no momento mais inoportuno: ele e eu,

melhor ele, melhor eu, amas-me, amava-lo. Como se tudo pudesse resumir-se a isso e a vida fosse a preto e branco, bom e mau, melhor ou pior um que o outro. E de repente sentiu uma secura na boca e na alma e, entre as coxas, uma cólera nova a explodir-lhe lá dentro, não por ele ter estado novamente a fazer perguntas e escolhido mal o momento para as fazer, mas porque era básico, e tosco, e procurava confirmação para coisas que nada tinham a ver com ele; e nem sequer eram ciúmes, mas orgulho, costume, absurda masculinidade do macho que afasta a fêmea da manada e lhe nega outra vida além daquela que ele lhe crava nas entranhas. Por isso quis ofender, e magoar, e afastou-o com violência cuspidando que sim, a verdade, claro que sim, o que é que ele pensava, o galego idiota. Por acaso achava que a vida começava com ele e com a merda da sua verga. Estou contigo porque não tenho sítio melhor para onde ir, ou porque aprendi que não sei viver só, sem um homem que se pareça com outro, e já me estou a borrifar por que me escolheu ou escolhi o primeiro.

E sentando-se, nua, ainda presa a ele, deu-lhe uma bofetada forte, uma pancada que fez a cara de Santiago ficar de lado. E quis dar-lhe outra mas nessa altura foi ele quem o fez, ajoelhado por cima, devolvendo-lhe o bofetão com uma violência tranquila e seca, sem fúria, com surpresa talvez; e depois ficou a olhar para ela assim como estava, de joelhos, sem se mexer, enquanto ela chorava e chorava lágrimas que não saíam dos olhos mas do peito e da garganta, quieta de barriga para cima, insultando-o entre dentes, galego de merda, cabrão do caraças, estúpido, filho da puta, filho de uma cabra, cabrão, cabrão, cabrão. Depois ele deixou-se cair ao lado dela e ficou ali um bocado sem dizer nada e sem tocá-la, envergonhado e confuso, enquanto ela continuava de barriga para cima sem se mexer, e ia acalmando aos poucos, à medida que sentia as lágrimas a secar-lhe na cara. E isso foi tudo, e aquela foi a única vez. Não tornaram a levantar a mão um ao outro. Também nunca mais houve perguntas.

- Quatrocentos quilos... - disse Canabota em voz baixa - óleo de primeira, sete vezes mais puro que o chamon normal. A flor da canela.

Tinha um gin tónico numa mão e um cigarro inglês com filtro dourado na outra, e alternava as passas com pequenos golinhos. Era baixo e rechonchudo, com a cabeça rapada, e suave todo o tempo a ponto de as suas camisas estarem sempre molhadas nas axilas e no pescoço, onde ostentava a inevitável corrente de ouro.

Talvez, decidiu Teresa, fosse o trabalho dele que o fazia suar. Porque Cafiabota - ignorava se o nome correspondia a um apelido ou a uma alcunha -

era o que na gíria do ofício se chamava o homem de confiança: um agente local, ligação ou intermediário entre os traficantes de um e de outro lado. Um especialista em logística clandestina, encarregado de organizar a saída do haxixe

de Marrocos e garantir a sua recepção. Isso incluía contratar transportadores como Santiago e também a cumplicidade de certas autoridades locais. O sargento da Guarda Civil - magro, cinquentão, vestido à paisana - que o acompanhava naquela tarde era uma das muitas teclas que era preciso tocar para obter música. Teresa conhecia-o de outras ocasiões e sabia que estava colocado perto de Estepona. Havia uma quinta pessoa no grupo: um advogado gibraltarinho chamado Eddie Álvarez, pequeno, de cabelo ralo e frisado, óculos de lentes muito grossas e mãos nervosas. Tinha um escritório discreto situado junto ao porto da colónia britânica, com dez ou quinze sociedades fantasmas sedeadas aí. Ele encarregava-se de controlar o dinheiro que, em Gibraltar, pagavam a Santiago depois de cada viagem.

- Desta vez convinha levar notários - acrescentou Canabota.

- Não - Santiago abanava a cabeça, com muita calma. - Muita gente a bordo.

O meu barco é uma Phantom, não um ferry de passageiros.

Os notários eram testemunhas que os traficantes metiam nas lanchas voadoras para se certificarem de que tudo corria conforme o previsto: um pelos fornecedores, que só podia ser marroquino, e outro pelos compradores. Canabota não pareceu gostar daquela novidade.

- Ela - apontou para Teresa - podia ficar em terra.

Santiago abanou novamente a cabeça, não afastando os olhos do homem de confiança.

- Não vejo porquê. É o meu tripulante.

Canabota e o guarda civil voltaram-se para Eddie Álvarez, com ar reprovador, como se o responsabilizassem por aquela negativa. Mas o advogado encolheu os ombros. É inútil, dizia o gesto. Conheço a história e, além disso, só estou aqui a ver. Quero lá saber.

Teresa passou o dedo pelo vapor que embaciava o seu refresco. Nunca quisera assistir a estas reuniões, mas Santiago fartava-se de insistir. Arriskas-te como eu, dizia. Tens direito de saber o que se passa e como se passa. Não fales se não quiseres, mas não perdes nada ficando a par. E se eles se incomodarem com a tua presença, que se fodam. Todos. No fim de contas, as mulheres deles estão em casa coçando o grelo e não se arriscam nesta vida quatro ou cinco noites por mês.

- O pagamento, como sempre? - perguntou Eddie Álvarez, atento à sua parte.

O pagamento far-se-ia no dia seguinte à entrega, confirmou Canabota. Um terço directamente para uma conta do BBV em Gibraltar - os bancos espanhóis da colónia não dependiam de Madrid mas das sucursais em Londres, e isso proporcionava deliciosas opacidades fiscais -, dois terços em mão. Os dois terços em dinheiro B, naturalmente. Embora algumas facturinhas chungas dessem

jeito, para o banco. A papelada de sempre.

- Combinem tudo com ela - disse Santiago. E olhou para Teresa.

Canabota e o guarda civil entreolharam-se desconfortáveis. Não faltava mais nada, dizia aquele silêncio. Meter uma tipa neste jardim. Nos últimos tempos era Teresa quem se ocupava cada vez mais do aspecto contabilístico do negócio.

Isso incluía controlo de gastos, fazer contas, chamadas telefónicas em código e visitas periódicas a Eddie Álvarez. Também uma sociedade sediada no escritório do advogado, a conta bancária de Gibraltar e o dinheiro justificado colocado em investimentos de baixo risco: uma coisa sem grandes complicações, porque Santiago também não estava habituado a complicar a vida com os bancos.

Aquilo era o que o advogado gibraltarino denominava uma infra-estrutura mínima. Uma carteira conservadora, matizava, quando colocava a gravata e se armava em técnico. Até há pouco tempo, e apesar da sua natureza desconfiada, Santiago tinha dependido quase de olhos fechados de Eddie Álvarez, que lhe cobrava comissão até pelos simples depósitos a prazo quando colocava dinheiro legal. Teresa tinha alterado aquilo, sugerindo que fosse todo aplicado em investimentos mais rentáveis e seguros e, até, que o advogado associasse Santiago a um bar de Main Street para branquear parte das entradas. Ela não percebia nada de bancos ou de finanças, mas a sua experiência como cambista na calle Juárez de Culiacán dera-lhe algumas ideias claras. De modo que pouco a pouco meteu mãos ao trabalho, organizando papéis, informando-se do que podia fazer-se com o dinheiro em vez de o imobilizar num esconderijo ou numa conta-corrente. Céptico de início, Santiago teve de se render à evidência: ela tinha boa cabeça para os números e era capaz de prever possibilidades que a ele nem lhe passavam pela cabeça. Tinha, sobretudo, um enorme bom senso. Ao contrário dele - o filho do pescador galego era dos que guardavam o dinheiro em sacos de plástico no fundo de um armário -, para Teresa existia sempre a possibilidade de dois e dois serem cinco. De modo que, face às reticências iniciais de Eddie Álvarez, Santiago colocou as coisas com clareza: ela teria voz e voto em matéria de dinheiro. Esta soube usar a pentelheira para te fazer um cabresto, foi o diagnóstico do advogado quando pôde trocar impressões a sós com ele. De modo que espero que não acabes tornando-a também co-proprietária de toda a tua massa: A Galegoazteca de Transportes S.A., ou uma palermice desse tipo. Já vi coisas mais estranhas.

Porque, com as mulheres, já se sabe... E com as mosquinhas mortas, ainda mais.

Começas por fodê-las, depois passam a assinar papéis, depois colocas tudo em nome delas e, no fim, piram-se, deixando-te sem um tostão. Esse, respondeu

Santiago, é um problema meu. Lê os meus lábios, anda. M-e-u. E ainda me cago na puta da tua mãe. E dissera-o olhando para o advogado com uma cara que este quase meteu os óculos no copo, bebeu caladinho o licor de whisky com gelo - nesse dia estavam no terraço do Hotel Rock, com toda a baía de Algeciras em baixo - e não voltou a colocar quaisquer reservas a esse assunto. Oxalá te agarrem, parvalhão. Ou essa cabrita te ponha os cornos. Era o que devia estar pensando Eddie Álvarez, mas não o disse.

Agora Canabota e o sargento da Guarda Civil observavam Teresa com um arrancado e era evidente que os mesmos pensamentos lhes ocupavam a cabeça.

As tipas ficam em casa vendo televisão, dizia o seu silêncio. Vamos lá ver o que faz esta aqui. Ela afastou os olhos, incomodada. Tecidos Trujillo, leu nos azulejos da casa da frente. Novidades. Não era agradável ser examinada daquela maneira. Mas depois pensou que, com essa forma de olharem para ela, estavam também a menosprezar Santiago e então voltou o rosto, com um bocadinho de cólera, suportando o olhar deles sem pestanejar. Que fossem montar a mãe.

- Ao fim e ao cabo - comentou o advogado, que não perdia pitada -, ela está por dentro.

- Os notários servem para o que servem - disse Canabota, olhando ainda para Teresa. - E os dois lados querem garantias.

- Eu sou a garantia - objectou Santiago. - Conhecem-me de sobra.

- Esta carga é importante.

- Para mim todas são, desde que as paguem. E não estou habituado a que me digam como tenho de trabalhar.

- Normas são normas.

- Não me enrabem com as normas. Este é um mercado livre e eu tenho as minhas próprias normas.

Eddie Álvarez abanava a cabeça com desalento. É inútil discutir, dizia o gesto, havendo saias pelo meio. Estão a perder tempo.

- Os llanitos não colocam tantos entraves - insistiu Canabota. - Parrondi, Victorio... Esses embarcam notários e o que for preciso.

Santiago bebeu um gole de cerveja, olhando fixamente para Canabota. Este tipo está há dez anos no negócio, comentara Teresa uma vez. Nunca esteve na cadeia.

Isso faz-me desconfiar dele.

- Mas vocês não se fiam tanto nos llanitos como em mim.

- Isso é o que tu dizes.

- Pois então façam-no com eles e não me venham apalpar os tomates.

O guarda civil continuava pendente de Teresa, com um sorriso desagradável na boca. Estava mal barbeado e viam-se-lhe alguns pêlos brancos no queixo e

sob o nariz. Vestia a roupa da forma indefinida das pessoas habituadas à farda, cuja indumentária civil acaba por nunca lhes ficar bem. Oh, se te conheço, pensou Teresa. Vi-te cem vezes em Sinaloa, em Melilla, em toda a parte. És sempre o mesmo. Dê-me os seus documentos, *etc.* E diga-me, então, como resolvemos o problema. O cinismo do ofício. A desculpa de não te aguentares até ao fim do mês com o teu salário e com os teus gastos. Carregamentos de droga apreendidos dos quais só declaras metade, multas que cobras mas nunca pões nos relatórios, bebidas grátis, putas, compadres. E essas investigações oficiais que nunca vão ao fundo de nada, toda a gente encobrindo toda a gente, vive e deixa viver, porque cada qual guarda um coche de alguma coisa no armário ou um morto debaixo do chão. Lá como cá, só que lá a culpa disso não a têm os espanhóis, porque saíram do México há dois séculos, e não há hipótese. Menos descarado aqui, claro. Europa e tudo isso. Teresa olhou para o outro lado da rua. Isso de menos descarado era algumas vezes. O ordenado de um sargento da Guarda Civil, de um polícia ou de um aduaneiro espanhol não dava para comprar um Mercedes do ano como o que aquele fulano tinha estacionado sem disfarces à porta do Café Central. E com certeza ia trabalhar com esse mesmo carro para a merda do seu quartel e ninguém se admirava, e todos, chefes incluídos, fingiam não ver nada. Sim. Vive e deixa viver.

Continuava a discussão em voz baixa, enquanto a empregada ia e vinha trazendo mais cervejas e gin tónico. Apesar da firmeza de Santiago no assunto dos notários, Canabota não se dava por vencido. E se te apanham e atiras a carga, repisava. Vamos ver como justificas isso sem testemunhas. X quilos pela borda e tu de volta, todo ufano. Além do mais, desta vez são italianos, e esses têm muito mau feitio, digo-te eu que me dou com eles. Mafiosi cabroni. No fim de contas, um notário é uma garantia para eles e para ti. Para todos. De modo que, por uma vez, deixa a senhora em terra e não teimes. Não me lixes, não teimes e não te lixes.

- Se me apanham e atiro os fardos - respondia Santiago - toda a gente sabe que é por ter sido obrigado a atirá-los... É a minha palavra. E isso entende-o quem me contrata.

- E tu a dares-lhe! Não te vou convencer?

- Não.

Canabota olhou para Eddie Álvarez e passou a mão pelo crânio rapado, declarando-se vencido. Depois acendeu outro daqueles cigarros com filtro estranho. Cá para mim é roto, pensou Teresa. Este engole espadas. A camisa do homem de confiança estava encharcada e um regueiro de suor corria-lhe por um lado do nariz, até ao lábio superior. Teresa continuava calada, com os olhos fixos na sua própria mão esquerda pousada na mesa. Unhas compridas pintadas de



vermelho, sete aros de prata mexicana, um isqueiro estreitinho de prata, oferta de Santiago no seu aniversário. Desejava de todo o coração que a conversa acabasse. Sair dali, beijar o seu homem, lambe-lhe a boca, cravar-lhe as unhas vermelhas nos rins.

Esquecer-se por algum tempo de tudo aquilo. De todos eles.

- Um dia vais ter um desgosto - insinuou o guarda civil.

Eram as primeiras palavras que pronunciava e disseas directamente para Santiago. Olhava-o com uma fixação deliberada, como se estivesse a gravar os seus traços na memória. Um olhar que prometia outras conversas em privado, na intimidade de um calabouço, onde ninguém se admirasse com alguns gritos.

- Pois tenta não seres tu a dar-mo.

Ainda se observaram mais um pouco, sem palavras; e agora era a expressão de Santiago que revelava coisas. Por exemplo, que existiam calabouços onde podiam espancar um homem até à morte, mas também ruelas escuras e estacionamentos onde um guarda civil corrupto podia ver-se com um palmo de navalha na virilha, zás, zás, lá onde pulsa a femoral. E que, por aí, cinco litros de sangue se esvaíam num ai Jesus. E se empurras alguém quando sobes uma escada, podes tropeçar nele quando desces. Mais ainda se for galego que, por mais que olhes, nunca sabes se está a subir ou a descer (1).

- Está bem, de acordo - Canabota batia suavemente as palmas das mãos, conciliador. - São o raio das tuas normas, como dizes. Vamos ver se não nos picamos... Estamos todos nisto, não é verdade?

- Todos - ajudou Eddie Álvarez, que limpava as lentes com um kleenex.

Canabota inclinou-se um pouco na direcção de Santiago. Levasse notários ou não, negócio é negócio. O bisnes.

*\*(1) Alusão ao que os Castelhanos consideram ser a proverbial cautela e indefinição dos Galegos que, para evitar arriscar-se ou comprometer-se, tendem a deixar em aberto todas as possibilidades. (N. da T.)*

- Quatrocentos quilos de óleo em vinte maços de vinte - especificou, fazendo números e desenhos imaginários com um dedo em cima da mesa. - Para desembarcar terça à noite, com o escuro... O sítio já conheces: Punta Castor, na praia pequenina que fica perto da rotunda, onde acaba a circunvalação de Estepona e começa a estrada de Málaga. Esperam por ti à uma em ponto.

Santiago pensou por um momento. Olhava para a mesa como se Canabota tivesse de facto desenhado a rota aí.

- Acho um pouco longe, se tenho de descer para ir buscar a carga a Al Marsa ou a Punta Cires e depois descarregar tão cedo... Da moirama a Estepona são

quarenta milhas em linha recta. Terei de carregar ainda com luz e o caminho de volta é longo.

- Não há problema - Canabota olhava para os outros, incitando-os a confirmar as suas palavras. - Colocamos um mono em cima do Rochedo, com uns binóculos e um hoquitoqui para controlar as H-J e o pássaro. Há um tenente inglês lá em cima que nos vem comer à mão e além disso papa uma cabrita nossa num puticlube de La Línea... Quanto aos maços, não há espiga. Desta vez passam-tos de um pesqueiro, cinco milhas a levante do farol de Ceuta justamente quando deixas de ver a luz. Chama-se Júlio Verdú e é de Barbate. Canal 44 de banda marítima: dizes Mário duas vezes e eles vão-te guiando. Às onze acostas o pesqueiro e carregas, depois pões rumo norte aproximando-te da costa sem pressas e descarregas à uma. Às duas, maços entregues e tu na caminha.

- Tão fácil quanto isto - disse Eddie Álvarez.

- Sim - Canabota olhava para Santiago e o suor voltava a escorrer-lhe junto ao nariz. - Tão fácil quanto isto.

Acordou antes do amanhecer e Santiago não estava. Esperou algum tempo entre os lençóis enrugados. Setembro agonizava, mas a temperatura continuava a ser a mesma das noites de Verão que deixavam para trás. Um calor húmido como o de Culiacán, diluído ao amanhecer na brisa suave que entrava pelas janelas abertas: o terral que vinha pelo curso do rio, deslizando em direcção ao mar durante as últimas horas da noite. Levantou-se, nua - dormia sempre nua com Santiago, tal como fizera com o Gúero Dávila - e, pondo-se diante da janela, sentiu o alívio da brisa.

A baía era um semicírculo negro pontilhado de luzes: os barcos fundeados em frente a Gibraltar, Algeciras de um lado e o Rochedo do outro e, mais perto, na extremidade da praia onde se situava a casinha, o paredão e as torres da refinaria reflectidos na água imóvel da margem. Tudo era belo e tranquilo e o amanhecer ainda estava longe; de modo que procurou o maço de Bisonte na mesa-de-cabeceira e acendeu um, apoiada no parapeito da janela. Esteve assim um bocado sem fazer nada, fumando apenas e olhando para a baía enquanto a brisa de terra lhe refrescava a pele e as lembranças. O tempo decorrido desde Melilla.

As festas de Dris Larbi. O sorriso do coronel Abdelkader Chaib quando ela lhe expunha as coisas. Um amigo gostaria de fazer acordos, *etc.* Já sabe. E você está incluída no acordo, tinha perguntado - ou afirmado - o marroquino da primeira vez, com amabilidade. Eu faço os meus próprios acordos, respondeu ela, e o sorriso do outro intensificou-se. Um tipo inteligente, o coronel.

Bem apessoado e correcto. Não se tinha passado nada, ou quase nada, em relação às margens e limites pessoais estabelecidos por Teresa. Mas isso não

tinha nada a ver. Santiago não lhe tinha pedido que fosse e também não a proibiu de ir. Era, como todos, previsível nas suas intenções, nas suas inércias, nos seus sonhos. Também ia levá-la à Galiza, dizia. Quando tudo acabasse, iriam juntos a O Grove. O frio não é tanto como pensas e as pessoas são caladas.

Como tu. Como eu. Haverá uma casa de onde se veja o mar e um telhado onde se oiça o bater da chuva e o silvar do vento, e uma escuna amarrada na margem, vais ver. Com o teu nome no painel de popa. E os nossos filhos brincarão com lanchas de brinquedo telecomandadas entre as bateiras de mexilhões.

Quando acabou o cigarro, Santiago ainda não tinha voltado. Não estava na casa de banho, de modo que Teresa tirou os lençóis - vieram-lhe a porcaria das regras durante a noite - vestiu uma camisola de manga curta e atravessou a salinha às escuras, em direcção à porta corrediça que dava para a praia. Viu luz aí e, ainda dentro de casa, parou para ver. Incrível! Santiago estava sentado debaixo do alpendre, de calções, tronco nu, trabalhando numa das suas miniaturas de barcos. O candeeiro flexível que tinha em cima da mesa iluminava as mãos hábeis que lixavam e ajustavam as peças de madeira antes de as colar.

Estava a construir um veleiro antigo que Teresa achava adorável, com o casco formado por ripas de diversas cores que o verniz enobrecia, todas muito bem curvadas - molhava-as para depois lhes dar forma com um ferro de soldar - e com os seus pregos de latão, a coberta como as verdadeiras e a roda do leme que tinha construído em miniatura, pauzinho a pauzinho, e que agora ficava tão bem perto da popa, junto de uma pequena escotilha de gaiuta com a sua porta e tudo. Cada vez que Santiago via a fotografia ou o desenho de um barco antigo numa revista recortava-o com cuidado e guardava-o numa pasta grossa que tinha, de onde tirava as ideias para fazer os seus modelos, tendo em atenção os mais ínfimos pormenores. Da salinha, sem revelar a sua presença, ela continuou a olhá-lo durante algum tempo, para o seu perfil iluminado à medida que se inclinava sobre as peças, para a forma como as levantava e examinava de perto, à procura de imperfeições, antes de, minuciosamente, as cobrir de cola e as colocar no lugar. Tudo bem fixe. Parecia impossível que aquelas mãos que Teresa conhecia tão bem, duras, ásperas, com unhas sempre manchadas de óleo, possuíssem aquela habilidade espantosa. Trabalhar com as mãos, ouvira-o dizer uma vez, torna o homem melhor. Devolve-nos coisas que perdemos ou que estamos prestes a perder. Santiago não era muito falador nem de muitas frases, e a sua cultura não era mais vasta que a dela. Mas tinha bom senso e, como quase sempre estava calado, olhava e aprendia e dispunha de tempo para remoer certas ideias.

Sentiu uma ternura profunda, observando-o da escuridão. Parecia ao mesmo

tempo um miúdo entretido com um brinquedo que absorve a sua atenção, e um homem adulto e fiel a um certo e misterioso tipo de sonhos. Alguma coisa havia naquelas miniaturas de madeira que Teresa não conseguia compreender totalmente, mas que pressentia estar próximo do profundo, das chaves ocultas dos silêncios e da forma de vida do homem de quem era companheira. Às vezes via Santiago ficar imóvel, sem abrir a boca, olhando para um daqueles modelos nos quais investia semanas e até meses de trabalho, e que estavam por toda a parte - oito em casa, e com o que construía agora, nove -, na salinha, no corredor, no quarto de dormir. Examinando-os de uma forma estranha.

Era como se trabalhar tanto tempo neles equivalesse a ter navegado a bordo em tempos e mares imaginários e agora encontrasse nos seus pequenos cascos pintados e envernizados, sob as suas velas e enxárcias, ecos de temporais, abordagens, ilhas desertas, longas travessias feitas com a mente à medida que aqueles barquinhos iam ganhando forma. Todos os seres humanos sonhavam, concluiu Teresa. Mas não da mesma forma. Uns iam arriscar a vida no mar, numa Phantom, ou no céu, num Cessna. Outros construía miniaturas como consolo.

Outros limitavam-se a sonhar. E alguns construía miniaturas, arriscavam a vida e sonhavam. Tudo ao mesmo tempo.

Quando ia sair para o alpendre ouviu cantar os galos nos quintais das casas de Palmones e de repente sentiu frio. Desde Melilla que o canto dos galos se associava, na sua memória, com as palavras amanhecer e solidão. Uma franja de claridade sobressaía a levante, destacando os contornos das torres e das chaminés da refinaria e, naquele local, a paisagem passava do negro ao cinzento, transmitindo a mesma cor à água da margem. Depressa haveria mais luz, disse para consigo. E o cinzento das minhas sujas alvoradas iluminar-se-á primeiro com tons dourados e avermelhados, e depois o sol e o azul começarão a espalhar-se pela praia e pela baía, e eu estarei de novo a salvo até ao próximo amanhecer. Andava nesses pensamentos quando viu Santiago erguer a cabeça na direcção do céu que clareava, como um cão de caça que fareja o ar, e ficar assim absorto, com o trabalho suspenso, um bocado. Depois levantou-se, esticando os braços para se espreguiçar, apagou o candeeiro flexível, tirou os calções, alongou mais uma vez os músculos dos ombros e dos braços como se fosse abarcar a baía, e caminhou até à margem, metendo-se na água que a brisa alta mal roçava; uma água tão calma que os círculos concêntricos que se geravam ao entrar nela podiam ver-se a grande distância na superfície escura. Deixou-se cair de frente e chapinhou devagar, até ao limite onde tinha pé, antes de se voltar e ver Teresa, que tinha atravessado o alpendre tirando a camisola e entrava no mar, porque sentia muito mais frio lá atrás, sozinha em casa e na areia que o amanhecer

tornava cinzenta. E dessa forma se encontraram com a água pelo peito e a pele nua e arrepiada dela aqueceu em contacto com a do homem; e quando sentiu o seu membro endurecido apertar-se primeiro contra as suas coxas e depois contra o seu ventre, abriu as pernas prendendo-o entre elas e beijando-lhe a boca e a língua com sabor a sal, e manteve-se suspensa em volta das suas ancas enquanto ele a penetrava profundamente e ejaculava lenta e demoradamente, sem pressas, enquanto Teresa lhe acariciava o cabelo molhado e a baía clareava em redor dos dois, e as casas caiadas da margem se iam dourando com a luz nascente, e umas gaivotas voavam em círculos lá em cima, entre grasnidos, indo e vindo das marismas. E pensou então que às vezes a vida era tão bela que não se parecia à vida.

Foi Oscar Lobato quem me apresentou ao piloto do helicóptero. Encontrámo-nos os três na esplanada do Hotel Guadacorte, muito perto do local onde tinham vivido Teresa Mendoza e Santiago Fisterra. Nas salas celebrava-se a primeira comunhão de algumas crianças e a relva estava cheia de miúdos alvoroçados que se perseguiram sob os sobreiros e os pinheiros. Javier Collado, disse o jornalista. Piloto do helicóptero da Vigilância Aduaneira. Caçador nato. De Cáceres. Não lhe ofereças cigarros ou álcool porque só bebe sumos e não fuma.

Anda nisto há quinze anos e conhece o Estreito como a palma da sua mão. Sério, mas boa pessoa. E quando está lá em cima, frio como a puta que o pariu.

- Faz com o helicóptero coisas que nunca vi ninguém fazer em toda a minha vida.

O outro ria-se, ouvindo-o. Não lhe dê ouvidos, dizia. Exagera. Depois pediu um granizado (2) de limão. Era moreno, bem-parecido, de quarenta e poucos anos, magro mas espadaúdo, com ar introvertido. Exagera como o caraças, repetiu.

Parecia incomodado com os elogios de Lobato. Ao princípio recusara-se a falar comigo, quando fiz um pedido oficial através da direcção da Vigilância Aduaneira em Madrid. Não falo do meu trabalho, foi a sua resposta. Mas o repórter veterano era seu amigo - perguntei a mim próprio quem diacho Lobato não conheceria na província de Cádiz - e este ofereceu-se como mediano no assunto. Trago-to sem problemas, disse. E ali estávamos. Quanto ao piloto, eu informara-me a fundo e sabia que Javier Collado era uma lenda no seu meio.

*\*(2) Copo de gelo picado com sumo de frutas, bastante comum em Espanha.  
(N. da T.)*

Era desses que entravam num bar de contrabandistas e estes exclamavam foda-se e acotovelavam-se, olha quem está aí, com uma mistura de rancor e respeito.

A forma de operar dos traficantes estava a mudar nos últimos tempos, mas ele continuava a sair seis noites por semana, para caçar haxixe lá de cima. Um profissional - aquela palavra fez-me pensar que às vezes tudo depende de que lado do fosso, ou da lei, o acaso nos coloca. - Onze mil horas de voo no Estreito, especificou Lobato. Perseguido os maus.

- Incluindo, claro, a tua Teresa e o seu galego. In illo tempore. E disso falávamos. Ou, para ser mais preciso, da noite em que Argos, o BO-105 da Vigilância Aduaneira, voava numa altitude de busca sobre um mar razoavelmente chão, varrendo o Estreito com o seu radar. Cento e dez nós de velocidade.

Piloto, co-piloto, observador. Rotina. Tinham descolado de Algeciras uma hora antes e, depois de patrulharem diante do sector da costa marroquina conhecido na gíria aduaneira como o economato - as praias situadas entre Ceuta e Punta Cires -, iam agora sem luzes em direcção nordeste, seguindo de longe a costa espanhola. Havia guerreiros, comentou Collado: manobras navais da OTAN a oeste do Estreito. De modo que a patrulha daquela noite se centrou na zona de levante, à procura de um alvo para a H-J que navegava, também às escuras, mil e quinhentos pés mais abaixo. Uma noite de caça como qualquer outra.

- Estávamos cinco milhas a sul de Marbella quando o radar captou dois ecos situados mais abaixo, sem luzes - especificou Collado. - Um imóvel e outro regressando a terra... De modo que transmitimos a posição à H-J e começámos a descer na direcção do que se movia.

- Para onde ia? - perguntei.

- Rumava para Punta Castor, perto de Estepona - Collado pôs-se a olhar em direcção a este, para lá das árvores que escondiam Gibraltar, como se pudesse ver-se dali. - Um bom sítio para descarregar, porque a estrada de Málaga fica perto. Não há pedras e pode-se meter a proa da lancha na areia... Com gente preparada em terra, descarregar não demora mais de três minutos.

- E eram dois os ecos no radar?

- Sim. O outro estava parado mais longe, separado umas oito amarras... Coisa de mil e quinhentos metros. Como se estivesse à espera. Mas o que se deslocava estava quase na praia, de modo que decidimos persegui-lo primeiro. O visor térmico revelava-nos uma esteira larga a cada pancada do casco - ao observar a minha expressão confusa, Collado pôs a palma da mão em cima da mesa, subindo-a e baixando-a apoiada no pulso para imitar o movimento de uma

lança voadora. - Uma esteira larga indica que a lanca vai carregada. As que navegam vazias deixam um sulco mais estreito, porque só metem a coluna do motor na água... O caso é que fomos atrás dela.

Vi que mostrava os dentes numa careta, à maneira de um predador mostrando os caninos ao pensar numa presa. Este tipo, verifiquei, entusiasmava-se relembrando a caçada. Transformava-se. E deixa-o por minha conta, tinha dito Lobato. É um tipo porreiro; e se lhe deres confiança, descontrai-se. Punta Castor, prosseguia Collado, era um lugar de descarga habitual. Naquele tempo os contrabandistas não usavam ainda GPS para se localizarem, e navegavam a olho, valendo-se da experiência. Era fácil chegar àquele sítio, porque saíam de Ceuta com rumo sessenta ou noventa e, ao perder de vista a luz do farol, bastava rumar a nor-noroeste, guiando-se pela claridade de La Línea, que ficava pelo través. À frente viam-se logo as luzes de Estepona e de Marbella, mas era impossível confundir-se porque o farol de Estepona se via antes.

Acelerando, numa hora estavam na praia.

- O ideal é filar essa gente em flagrante, com os cúmplices que esperam em terra... Quero dizer, quando estão na própria praia. Antes, atiram os fardos à água e, depois, fogem que se pelam.

- Fogem tanto que te borras - realçou Lobato, que fora como passageiro em várias daquelas perseguições.

- É isso. E é tão perigoso para eles como para nós... - agora Collado sorria um bocadinho, acentuando o ar de caçador, como se isso condimentasse o assunto.

- Era assim nesse tempo e continua igual.

Adora, decidi. Este cabrão adora o seu trabalho. Por isso anda há quinze anos fazendo batidas nocturnas e tem às costas essas onze mil horas de que falava Lobato. A diferença entre caçadores e presas não é tão grande. Ninguém se mete numa Phantom só por dinheiro. Ninguém a persegue só por sentido do dever.

Naquela noite, prosseguiu Collado, o helicóptero da Vigilância Aduaneira desceu devagar, na direcção do eco mais próximo da costa.

A H-J - Chema Beceiro, o patrão, era um tipo eficiente - estava a aproximar-se a cinquenta nós de velocidade e apareceria ali dentro de cinco minutos. De modo que desceu até aos quinhentos pés. Preparava-se para manobrar em cima da praia, fazendo saltar para terra, se fosse necessário, o co-piloto e o observador, quando de repente se acenderam luzes lá em baixo. Havia veículos iluminando a areia, e a Phantom pôde ver-se por um instante junto à margem, negra como uma sombra, antes de inflectir para bombordo e sair a toda a velocidade entre uma nuvem de espuma branca. Então Collado meteu o helicóptero atrás, acendeu o foco e pôs-se a persegui-la a um metro da água.

- Trouxeste a fotografia? - perguntou-lhe Oscar Lobato.

- Que fotografia? - perguntei.

Lobato não respondeu; olhava para Collado com ar velhaco. O piloto rodava o seu copo de limonada como se ainda não tivesse tomado uma decisão.

- No fim de contas - insistiu Lobato - passaram quase dez anos.

Collado ainda hesitou um instante. Depois colocou um sobrescrito castanho em cima da mesa.

- Às vezes - explicou, apontando para o sobrescrito - fotografamos as pessoas das lanchas durante as perseguições, para os identificar... Não é para a polícia nem para a imprensa, mas para os nossos arquivos. E nem sempre é fácil, com o foco oscilando, a aguagem e tudo isso. Algumas vezes resulta e outras não.

- Esta resultou - Lobato ria-se. - Mostra-a de uma vez. Collado tirou a fotografia do sobrescrito, pô-la na mesa e, ao vê-la, fiquei com a boca seca. 18x24 a preto e branco, e a qualidade não era perfeita: demasiado grão e ligeiramente desfocada. Mas a cena estava reflectida com razoável nitidez, uma vez que essa fotografia tinha sido tirada voando a cinquenta nós de velocidade e a um metro da água, entre a nuvem de espuma que a lancha levantava, lançada a toda a potência: um trem de aterragem em primeiro plano, escuridão em volta, salpicos brancos que multiplicavam o clarão do flash da máquina. E a meio de tudo isso podia ver-se a parte central da Phantom pelo costado de bombordo e, nela, a figura de um homem moreno, com o rosto empapado de água, que olhava para a escuridão à frente da proa, inclinado sobre a roda do leme. Atrás dele, ajoelhada no chão da lancha, com as mãos nos ombros dele como se lhe fosse indicando os movimentos do helicóptero que os acossava, estava uma mulher jovem, vestida com um casaco impermeável escuro e reluzente pingando água, com o cabelo molhado pelos borrifos e preso atrás num rabo-de-cavalo, com os olhos muito abertos e a luz reflectida neles, a boca apertada e firme.

A máquina fotográfica apanhara-a meia voltada a olhar para um dos lados e para cima na direcção do helicóptero, a cara pálida pela proximidade do flash, a expressão crispada pela surpresa do clarão. Teresa Mendoza com vinte e quatro anos.

Tinha corrido mal desde o princípio. Primeiro a neblina, assim que deixaram para trás o farol de Ceuta. Depois, o atraso na chegada do pesqueiro que os fez esperar no mar alto, entre a escuridão brumosa desprovida de referências, com o ecrã do Furuno saturado de ecos de navios mercantes e de ferrys, alguns perigosamente perto. Santiago estava inquieto e, embora Teresa não conseguisse ver dele mais do que uma mancha escura, notava-o pela forma como se movimentava de um lado para o outro da Phantom, verificando se estava tudo



em ordem. A neblina escondia-os o suficiente para que ela se atrevesse a acender um cigarro, e fê-lo agachando-se sob o tablier da lancha, ocultando a chama e mantendo depois a brasa protegida na concha da mão. E teve tempo de fumar mais três. Por fim, o Júlio Verdú, uma sombra alongada onde se moviam silhuetas negras como fantasmas, materializou-se na escuridão ao mesmo tempo que uma brisa de poente afastava a névoa aos farrapos. Mas a carga também não foi satisfatória. À medida que lhes passavam do pesqueiro os vinte fardos envoltos em plástico e Teresa os estava nos lados da lancha, Santiago manifestou a sua estranheza por serem maiores do que esperava. Têm o mesmo peso mas tamanho maior, comentou. E isso significa que não são pacotes de óleo mas dos outros: chocolate corrente, do mau, em vez de óleo de haxixe, mais puro, mais concentrado e mais caro. E em Tarifa, Canabota tinha falado de óleo.

Depois, tudo correu normalmente até à costa. Iam atrasados e o Estreito estava como um prato de sopa, de modo que Santiago subiu o trimer da coluna do motor e pôs a Phantom a correr para norte.

Teresa sentia-o pouco à vontade, forçando o motor com brusquidão e com pressa, como se nessa noite desejasse especialmente acabar de uma vez. Não é nada, respondeu evasivo quando ela lhe perguntou se alguma coisa não estava bem.

Não é nada de nada. Estava longe de ser um tipo falador, mas Teresa pressentiu que o seu silêncio era mais preocupado que outras vezes. As luzes de La Línea clareavam a poente, pelo costado de bombordo, quando os dois clarões gémeos de Estepona e Marbella apareceram à proa, mais visíveis entre cada pancada do casco, a luz do farol da primeira bem clara à esquerda: um clarão seguido de outros dois, cada quinze segundos. Teresa aproximou a cara do cone de borracha do radar para ver se podia calcular a distância a terra e, então, sobressaltada, viu um eco no ecrã, imóvel, uma milha a levante. Apontou os binóculos nessa direcção; e não vendo luzes vermelhas nem verdes recebeu que se tratasse de uma H-J apagada e à espreita. Mas o eco desapareceu à segunda ou terceira varredura do ecrã, e isso fê-la sentir-se mais tranquila. Talvez a crista de uma onda, concluiu. Ou talvez outra lancha que esperava o momento certo de se aproximar da costa.

Quinze minutos mais tarde, na praia, a viagem passou de mal a pior. Focos por toda a parte, cegando-os; gritos, alto, da Guarda Civil, alto, alto, diziam, e luzes azuis que cintilavam na rotunda da estrada, e os homens que descarregavam, com a água pela cintura, imóveis com os fardos ao alto, deixando-os cair ou correndo e chapinhando inutilmente. Santiago bem iluminado à contraluz, agachando-se sem dizer uma palavra, nem uma queixa, nem uma blasfémia, nada em absoluto, resignado e profissional, para conseguir

que a Phantom fizesse marcha-atrás e depois, assim que o casco deixou de roçar a areia, voltar todo o volante a bombordo e pisar o pedal a fundo, roooaaar, acelerando ao longo da margem em apenas três palmos de água, a lancha primeiro encabritada como se fosse levantar a proa até ao céu e depois dando curtas pancadas do casco cada vez que planava na água mansa, zuaaaas, zuaaaas, afastando-se da praia e das luzes na diagonal, à procura da escuridão protectora do mar e da claridade longínqua de Gibraltar, vinte milhas a sudoeste, enquanto Teresa agarrava pelas pegas, um após outro, os quatro fardos de vinte quilos que tinham ficado a bordo, levantando-os para os jogar borda fora, com o rugido do motor afogando cada mergulho enquanto se afundavam na esteira.

Foi nessa altura que o pássaro caiu em cima deles. Ouviu o rumor das suas pás por cima e por trás, ergueu os olhos e teve de os fechar e afastar a cara porque, nesse momento, um foco vindo de cima a ofuscou e a extremidade de um trem de aterragem, iluminado por aquela luz, oscilou de um lado para outro muito perto da sua cabeça, obrigando-a a agachar-se apoiando as mãos nos ombros de Santiago; sentiu sob a roupa deste os seus músculos tensos, encurvado como estava sobre o volante e viu o seu rosto iluminado por lampejos do foco de cima, toda a espuma que saltava em borrifos molhando-lhe a cara e o cabelo, mais bonito do que nunca; nem quando faziam amor, e ela o olhava de perto com vontade de o comer inteirinho depois de o lambar e morder e arrancar a pele às tiras, estava tão bonito como nesse momento, tão obstinado e seguro, atento ao volante, ao mar e à potência da Phantom, fazendo o que melhor sabia fazer no mundo, lutando à sua maneira contra a vida e contra o destino e contra aquela luz criminosa que os perseguia como o olho de um gigante malvado. Os homens dividem-se em dois grupos, pensou ela de súbito. Os que lutam e os que não.

Os que aceitam a vida como ela lhes aparece e dizem bolas, que remédio, e quando se acendem os holofotes levantam os braços na praia, e os outros. Os que conseguem que às vezes, a meio de um mar escuro, uma mulher olhe para eles tal como eu olho agora.

E quanto às mulheres, pensou. As mulheres dividem-se, começou a dizer para consigo, e acabou por não dizer nada porque deixou de pensar quando o trem de aterragem da merda do pássaro, a menos de um metro sobre as suas cabeças, se pôs a oscilar cada vez mais perto. Teresa bateu no ombro esquerdo de Santiago para o avisar, e este limitou-se a assentir uma vez, concentrado na direcção da lancha. Sabia que, por muito que o helicóptero se aproximasse, nunca chegaria a tocá-los, a não ser por acidente. O piloto era demasiado habilidoso para permitir que isso acontecesse; porque, nesse caso, perseguidores e perseguidos iriam juntos para o fundo. Aquela era uma manobra de acosso,

para os transtornar e fazer mudar o rumo, ou cometer erros, ou acelerar até que o motor, levado ao limite, fosse para o galheiro. Já tinha acontecido outras vezes. Santiago sabia - e Teresa também, embora esse trem de aterragem, tão próximo, a assustasse - que o helicóptero não podia fazer muito mais e que o objectivo da sua manobra era obrigá-los a colar-se à costa, para que a linha recta que a lancha devia seguir até Punta Europa e Gibraltar se convertesse numa longa curva que prolongasse a caça, enervando-os e fazendo-os varar numa praia, ou dando tempo a que a H-J da Vigilância Aduaneira chegasse para tentar abordá-los.

A H-J. Santiago apontou para o radar com um gesto e Teresa deslocou-se de joelhos pelo fundo do poço, sentindo as pancadas da água sob o casco, para colar a cara ao cone de borracha do Furuno. Agarrada ao lado e ao assento de Santiago, com a vibração intensa que o motor transmitia ao casco entorpecendo-lhe as mãos, observou a linha escura que cada varredura desenhava a estibordo, pertíssimo, e a extensão clara do outro lado. Em meia milha estava tudo limpo; mas ao duplicar o alcance no ecrã encontrou a esperada mancha preta movendo-se com rapidez a oito amarras, decidida a cortar-lhes o caminho. Colou a boca à orelha de Santiago para lhe gritar a informação por cima do rugido do motor e viu-o assentir novamente, com os olhos fixos no rumo e sem dizer uma palavra. O pássaro desceu mais um pouco, com o trem de aterragem quase a tocar o costado de bombordo, e voltou a elevar-se sem conseguir que Santiago se desviasse um grau da rota, inclinado sobre o volante, concentrado na escuridão à proa, enquanto as luzes da costa corriam ao longo do costado de estibordo: primeiro Estepona com a iluminação da sua longa avenida e com o farol na extremidade, depois Manilva e o porto da Duquesa, com a lancha a quarenta e cinco nós ganhando pouco a pouco mar aberto. E foi nessa altura, ao verificar o radar pela segunda vez, que Teresa viu o eco negro da H-J

demasiado perto, mais rápido do que pensava e prestes a entrar-lhes pela esquerda; e ao olhar nessa direcção distinguiu entre a névoa da aguagem, apesar da claridade branca do holofote do helicóptero, a cintilação azul do seu sinal luminoso apertando-os cada vez mais. Isso colocava a alternativa do costume: varar na praia ou tentar a sorte enquanto o flanco ameaçador que se ia perfilando na noite se aproximava aos solavancos, batendo-lhes com a amura para tentar partir-lhes o casco, fazer parar o motor ou atirá-los à água. O radar já não era necessário, de modo que, deslocando-se de joelhos - sentia as pancadas violentas do casco da lancha nos rins -, Teresa colocou-se outra vez atrás de Santiago, com as mãos nos ombros dele para o avisar dos movimentos do helicóptero e da H-J, direita e esquerda, perto e longe; e quando lhe sacudiu quatro vezes o ombro esquerdo porque a porra da H-J era já um muro sinistro que se atirava sobre eles, Santiago levantou o pé do pedal para reduzir de chofre quatrocentas voltas ao

motor, baixou o power trim com a mão direita, meteu todo o volante para bombordo e a Phantom, entre a nuvem da sua própria aguagem, descreveu uma curva fechada, porreiríssima, que cortou a esteira da lancha rápida da Aduana, deixando-a um pouco para trás na manobra.

Teresa sentiu vontade de rir. Dá-lhe. Todos apostavam até ao limite naquelas estranhas caçadas que faziam o coração bater a cento e vinte pulsações por minuto, conscientes de que a vantagem sobre o adversário estava na escassa margem que definia esse limite. O helicóptero voava baixo, ameaçava com o trem de aterragem, marcava a posição da H-J; mas a maior parte do tempo fazia bluff, porque não podia estabelecer contacto real. Por outro lado, a H-J atravessava-se continuamente diante da lancha para a fazer saltar na sua esteira e para o motor gripar quando a hélice girasse no vazio; ou acossava-a, pronta para bater, sabendo o patrão que só podia fazê-lo com a amura, porque atingir a proa significava matar acto contínuo os ocupantes da Phantom, num país onde seria preciso explicar muito bem aos juizes esse tipo de coisas.

Santiago, galego esperto e lixado como era, também sabia tudo isso e arriscava ao máximo: desvio para o bordo contrário, procurar a esteira da H-J até fazê-la parar ou meter marcha-atrás, atravessar a sua proa para a travar. Abrandar mesmo de repente, com muito sangue-frio, confiando nos reflexos do outro para travar a lancha da Aduana e não lhes passar por cima e, cinco segundos depois, acelerar, ganhando uma distância preciosa, com Gibraltar cada vez mais perto.

Tudo no fio da navalha. E um erro de cálculo bastaria para que esse equilíbrio precário entre caçadores e caçados fosse para o galheiro.

- Lixaram-nos - gritou Santiago de súbito.

Teresa olhou à volta, surpreendida. Agora a H-J estava novamente à esquerda, pela parte de fora, apertando-os inexoravelmente para terra, com a Phantom a cinquenta nós em menos de cinco metros de sonda e o pássaro colado em cima, com o feixe branco do seu foco fixo neles. A situação não parecia pior que minutos antes, e disse isso a Santiago, aproximando-se de novo do seu ouvido. Não estamos tão mal, gritou. Mas Santiago abanava a cabeça como se não a ouvisse, absorto na condução da lancha ou nos seus pensamentos. Esse carregamento..., ouviu-o dizer. E depois, antes de se calar, acrescentou mais alguma coisa da qual Teresa só conseguiu entender uma palavra: chamariz. Se calhar está a dizer que nos passaram uma rasteira, pensou ela. Nessa altura a H-J meteu-lhes a amura, e a aguagem das duas lanchas abalroadas à velocidade máxima tornou-se nuvem de espuma pulverizada que os ensopou, cegando-os, e Santiago viu-se obrigado a ceder pouco a pouco, a conduzir a Phantom cada vez mais perto da praia, de maneira que já estavam a andar pelo refluxo, entre a rebentação e a própria praia, com a H-J a bombordo e um pouco mais aberta, o

helicóptero por cima, e as luzes de terra passando velozes a poucos metros do outro costado. Em três palmos de água.

Poça, que não há sonda, reflectiu Teresa precipitadamente. Santiago levava a lancha o mais perto da margem que podia, para manter à distância a outra lancha, cujo patrão, no entanto, aproveitava todas as oportunidades para lhes encostar o costado. Mesmo assim, calculou ela, as probabilidades da H-J tocar no fundo ou aspirar uma pedra que lhes lixasse bem lixadas as pás da turbina, eram muito menores que as da Phantom tocar na areia com a coluna do motor, a meio de uma pancada do casco, e depois enterrar a proa, mandando-os aos dois para os peixinhos até à ressurreição da carne. Meu Menino Jesus. Teresa apertou os dentes e fincou as mãos nos ombros de Santiago quando a lancha se aproximou de novo por entre a nuvem de espuma, acelerando um pouco até cegá-los outra vez com a sua aguagem e dando depois uma leve guinada para estibordo de modo a empurrá-los ainda mais para a praia. Aquele patrão também era bravo, pensou.

Dos que levavam a sério o seu trabalho. Porque nenhuma lei exigia tanto. Ou sim, quando as coisas se tornavam pessoais entre machões armados em galos de briga que, de qualquer confusão, arranjam porrada. Da proximidade a que estava, o costado da H-J parecia tão escuro e enorme que a excitação que a corrida provocava em Teresa começou a ser substituída pelo medo. Nunca tinham andado àquela velocidade por dentro da rebentação, tão perto da margem e em tão pouca água e, de vez em quando, o foco do helicóptero deixava ver as ondulações, as pedras e as pequenas algas do fundo. Só dá para a hélice, calculou. Vamos arando a praia. De repente sentiu-se ali ridiculamente vulnerável, ensopada de água, cega pela luz, sacudida pelas pancadas do casco na água. Estou feita com a lei e com o resto, disse para consigo. Estão só a fazer um braço-de-ferro.

Vai ao chão aquele que se acagaçar. A ver quem aguenta mais, e eu a meio. Que coisa triste morrer-se por isto.

Foi nessa altura que se lembrou da pedra de León. A pedra era uma rocha não muito alta que sobressaía a poucos metros da praia, a meio caminho entre La Duquesa e Sotogrande. Chamavam-lhe assim porque um guarda aduaneiro chamado León tinha despedaçado nela o casco da H-j de que era patrão, raaas, em plena perseguição a uma lancha voadora, tendo-se visto obrigado a varar na praia com água aberta. E aquela pedra, Teresa acabava de se lembrar, encontrava-se justamente na rota que seguiam agora. Este pensamento provocou-lhe uma sensação de pânico. Esquecendo-se da proximidade dos perseguidores, olhou para a direita à procura de referências para se situar pelas luzes de terra que passavam pelo costado da Phantom. Tinha de estar, calculou,

estuporadamente perto.

- A pedra!... - gritou para Santiago, inclinando-se por cima do seu ombro.

- Estamos perto da pedra!

A luz do foco perseguidor viu-o afirmar com a cabeça, sem desviar a sua atenção do volante e da rota, deitando olhadelas à lancha e à margem para calcular a distância e a profundidade a que planavam. Nesse momento, a H-j afastou-se um pouco, o helicóptero aproximou-se mais e, ao olhar para cima fazendo viseira com a mão, Teresa entreviu uma silhueta escura com um capacete branco que descia até ao trem de aterragem que o piloto tentava colocar junto do motor da Phantom.

Ficou fascinada por aquela imagem insólita: o homem suspenso entre céu e água, agarrando com uma mão a porta do helicóptero e empunhando com a outra um objecto que ela tardou a reconhecer como uma pistola. Não irá disparar sobre nós..., pensou aturdida. Não podem fazê-lo. Isto é a Europa, caraças, e não têm o direito de nos tratar assim, à lei da bala. A Phantom deu um salto maior, ela caiu de costas e, ao levantar-se, desengonçada, prestes a gritar a Santiago vão-nos limpar o sebo, cabrão, abranda, trava, pára antes que nos apaguem à bala, viu que o homem do capacete branco aproximava a pistola da carcaça do motor e esvaziava aí o carregador, um tiro atrás do outro, clarões alaranjados na luminosidade do foco entre os milhares de partículas de água pulverizada, com os estrondos, pam, pam, pam, pam, quase apagados pelo rugido do motor da lancha, pelas pás do pássaro, pelo rumor do mar e pela estridência das pancadas do casco da Phantom na água exígua da margem. E de repente o homem do capacete branco desapareceu de novo dentro do helicóptero, este ganhou um pouco de altura sem deixar de os manter iluminados, e a H-j voltou a aproximar-se perigosamente enquanto Teresa olhava estupefacta para os buracos negros na carcaça do motor vendo que este continuava a funcionar como se não fosse nada, na maior e sem um rasto de fumo sequer, assim como Santiago mantinha impávido o rumo da lancha voadora, sem se ter voltado uma única vez para ver o que estava acontecendo ou para perguntar a Teresa se continuava ileso, ou outra coisa que não fosse continuar aquela corrida que parecia disposto a prolongar até ao fim do mundo, ou da sua vida, ou das suas vidas.

A pedra, lembrou-se outra vez. A pedra de León tinha de estar ali mesmo, a poucos metros da proa. Levantou-se por trás de Santiago para perscrutar a dianteira, tentando atravessar a cortina de salpicos iluminada pela luz branca do helicóptero e avistar a rocha na escuridão da margem que serpenteava diante deles. Espero que ele a veja a tempo, disse para consigo. Espero que o faça com margem suficiente para manobrar e esquivar-se dela e que a H-j nos permita fazê-lo. Estava desejando tudo isto quando viu a pedra à frente, negra e

ameaçadora; e sem necessidade de olhar para a esquerda verificou que a lancha da Vigilância Aduaneira abria para a esquivar ao mesmo tempo que Santiago, com a cara a pingar água e os olhos semicerrados sob a luz ofuscante que não os perdia um instante, tocava na alavanca do trimpower e rodava de chofre o volante da Phantom, entre uma descarga de aguagem que os envolveu na sua nuvem luminosa e branca, evitando o perigo antes de acelerar e retornar ao rumo anterior, cinquenta nós, mar chão, novamente por dentro da rebentação e com sonda mínima. Nesse momento Teresa olhou para trás e viu que a pedra não era a merda da pedra; que se tratava de um bote fundeado que na escuridão se lhe assemelhava, e que a pedra de León ainda estava pela frente, esperando-os.

De modo que abriu a boca para gritar a Santiago que a de trás não era, cuidado, ainda a temos pela proa, quando viu que o helicóptero apagava o foco e subia bruscamente, e que a H-j se afastava com uma guinada violenta mar adentro.

Também se viu a si mesma de fora, muito quieta e muito só naquela lancha, como se estivessem todos prestes a abandoná-la num lugar húmido e escuro. Sentiu um medo intenso, familiar, porque tinha reconhecido A Situação. E o mundo estilhaçou-se em bocados.

## **7. MARCARAM-ME COM O SETE (1)**

ao mesmo tempo, Dantes sentiu-se atirado para o vazio, atravessando o ar como um pássaro ferido, caindo sempre com um terror que lhe gelava o coração...

Teresa Mendoza leu de novo aquelas linhas e ficou suspensa por instantes, com o livro aberto sobre os joelhos, olhando para o pátio da prisão. Ainda era Inverno e o rectângulo de luz que se deslocava na direcção oposta ao sol aquecia os seus ossos ainda a soldarem sob o gesso do braço direito e a grossa camisola de lã que Patrícia OTarrell lhe tinha emprestado. Estava-se bem ali no fim da manhã, antes de tocar a campainha que anunciava o almoço. À sua volta, meia centena de mulheres conversavam em grupos, sentadas como ela ao sol, fumavam deitadas de costas, aproveitando para se bronzear um pouco, ou passeavam em pequenos grupos de um lado para outro do pátio, com a forma de andar característica das reclusas obrigadas a mover-se nos limites do recinto: duzentos e trinta passos para um lado e torna a começar, um, dois, três, quatro e todos os restantes, meia-volta ao chegar ao muro coroadado por uma guarita e arame farpado que as separava do módulo destinado aos homens, duzentos e

vinte e oito, duzentos e vinte e nove, duzentos e trinta passos precisos até ao campo de basquetebol, outros duzentos e trinta de regresso ao muro, e assim oito ou dez vezes, ou vinte vezes por dia.

*\*(1) Título de um corrido famoso em que é atribuído o número sete a um preso. (N. da T.)*

Depois de dois meses em El Puerto de Santa Maria, Teresa tinha-se familiarizado com esses passeios quotidianos, chegando ela também, quase sem se dar conta, a adoptar aquela forma de andar com um ligeiro balanceio elástico e rápido, próprio das reclusas veteranas, tão apressado e directo como se de facto se dirigissem para algum lado. Foi Patricia OTarrell quem lhe chamou a atenção, passadas algumas semanas. Deverias ver-te, disselhe, já tens andar de presa.

Teresa estava convencida de que Patricia, que estava agora deitada perto dela com as mãos sob a nuca, o cabelo muito curto e dourado brilhando ao sol, nunca andaria dessa forma nem que passasse mais vinte anos na prisão. No seu sangue irlandês e jeresiano, pensou, havia demasiada classe, demasiados bons costumes, demasiada inteligência.

- Dá-me um piau (2) - disse Patrícia.

Era preguiçosa e de caprichos, consoante os dias. Fumava tabaco americano com boquilha; mas, para não ter de se levantar, fumaria um dos Bisontes sem filtro da sua companheira, frequentemente desfeitos e enrolados novamente com uns grãosinhos de haxixe. Piaus, sem. Charros ou brocas, com. Tabiros e carrujos, em sinaloense. Teresa escolheu um da cigarreira que tinha no chão, metade normais e metade preparados, acendeu-o e, inclinando-se sobre o rosto de Patricia, colocou-o nos lábios. Viu-a sorrir antes de agradecer e de aspirar o fumo, sem tirar as mãos da nuca, com o cigarro pendurado na boca, os olhos fechados sob o sol que lhe fazia brilhar o cabelo e também a levíssima penugem da face, ao pé das pequenas rugas que lhe rodeavam os olhos. Trinta e quatro anos, tinha dito sem que ninguém lhe perguntasse, no primeiro dia, na cela que ambas partilhavam. Trinta e quatro no BI e nove de pena na apelação, dos quais já cumpri dois. Com redução da pena pelo trabalho, dia por dia, bom comportamento, um terço da pena e toda essa parafernália, restam-me mais um ou dois, quanto muito. Então Teresa começou a dizer-lhe quem era ela, chamo-me assim e fiz assado, mas a outra tinha-a interrompido, sei quem és, linda, aqui sabemos tudo acerca de todas muito rapidamente; sobre algumas até antes de chegarem. E já te conto. Há três tipos básicos: a chata, a fufa e o capacho.

*\*(2) Cigarro na gíria da malandragem. (n. da T.)*



Por nacionalidades, além das espanholas, temos árabes, romenas, portuguesas, nigerianas com sida incluída - dessas nem te aproximes - que andam feitas num oito, as desgraçadas, um grupo de colombianas que faz o que lhe apetece, uma ou outra francesa e algumas ucranianas que eram putas e despacharam o chulo porque este não lhes devolvia os passaportes. Quanto às ciganas, não te metas com elas: as jovens com calças de cano justo, cabelo solto e tatuagens arranjam as pastilhas, o chocolate e o resto e são as mais duras; as mais velhas, as Rosários mamalhudas e gordas de carrapito e saias compridas que pagam sem piar pelos crimes dos seus homens - que devem continuar na rua para manter a família e as vêm buscar de Mercedes quando saem - essas são pacíficas; mas protegem-se umas às outras. Exceptuando as ciganas entre elas, as presas são por natureza pouco solidárias, e as que se juntam em grupos fazem-no por interesse ou por sobrevivência, com as fracas procurando o amparo das fortes. Se queres um conselho, não te relaciones muito.

Procura bons trabalhos: servir os morfes, cozinhas, economato, que além disso te reduzem a pena; e não te esqueças de usar chinelas nos duches e evitar encostar a chocha nas retretes comuns do pátio, porque podes apanhar de tudo.

Em voz alta, nunca digas mal de Camarón, de Joaquín Sabina, de Los Chunguitos ou de Miguel Bosé; nem peças para mudarem de canal durante as telenovelas; nem aceites drogas sem averiguares primeiro o que te pedirão por elas. O teu caso, se não deres problemas e fizeres as coisas como deve ser, é de um ano aqui matando a cabeça, como todas, pensando na família, em refazer a vida, no golpe ou na queca que vais dar quando saíres: cada uma é como cada qual.

Ano e meio, quando muito, com a papelada e os relatórios dos Serviços Prisionais e dos psicólogos e de todos esses filhos da puta que nos abrem ou nos fecham as portas, dependendo do pé com que se levantaram da cama nesse dia, de lhes cairmos no goto ou não e do que foderam. De modo que encara as coisas com calma, mantém essa cara de boazinha que tens, responde a toda a gente sim senhor e sim senhora, não me apalpes os tomates e com certeza nos daremos bem. Mexicana.

Espero que não te importe que te chamem Mexicana. Aqui todas têm alcunhas; umas gostam, outras não. Eu sou a Tenente OTarrell. E agrada-me. Se calhar um dia deixo que me chames Pati. - Pati.

- O quê?

- Este livro 'tá bué de fixe.

- Já te tinha dito.

Continuava de olhos fechados, com o cigarro fumegante na boca, e o sol

acentuava as pequenas manchinhas que, como sardas, tinha na cana do nariz. Tinha sido atraente e, de certa forma, ainda o era. Talvez mais agradável que verdadeiramente atraente, com o cabelo louro, o seu metro e setenta e oito, os olhos vivos que, quando olhavam, pareciam estar sempre a rir-se por dentro.

Uma mãe Miss Espanha Cinquenta e Tal, casada com o O'Tarrell do vinho branco e dos cavalos de Jerez, que aparecia às vezes nas fotografias das revistas: um velho enrugado e elegante com tonéis de vinho e cabeças de touros atrás, numa casa com tapeçarias, quadros e móveis cheios de cerâmicas e de livros.

Tinham mais filhos, mas Patricia era a ovelha negra. Um assunto de drogas na Costa del Sol, com máfias russas e com mortos. A um namorado com três ou quatro apelidos limpavam o sebo à bala e ela escapou por uma unha negra, com dois tiros que a puseram um mês na UCI. Teresa tinha visto as cicatrizes nos duches e quando Patrícia se despia na cela: duas estrelinhas de pele enrugada nas costas, junto à omoplata esquerda, a um palmo de distância uma da outra. A marca de saída de uma delas era outra cicatriz um pouco maior, pela frente e sob a clavícula. A segunda bala tinham-na tirado na sala de operações, esmagada contra o osso. Munição blindada, foi o comentário de Patrícia a primeira vez que Teresa ficou a olhar para ela. Se tivesse sido uma bala dum-dum (3), nem te conto. E depois deu a conversa por terminada com uma careta silenciosa e divertida. Nos dias húmidos ressentia-se daquela segunda ferida, tal como a Teresa lhe doía a fractura recente do braço engessado.

- O que achas de Edmundo Dantes?

Edmundo Dantes sou eu, respondeu Teresa quase a sério, vendo como as rugas em redor dos olhos de Patrícia se acentuavam e como um sorriso lhe fazia tremer o cigarro. E eu, disse a outra. E todas estas, acrescentou apontando para o pátio sem abrir os olhos.

*\*(3) Munições que explodem depois de penetrarem no corpo de uma pessoa.  
(N. da T.)*

Inocentes e virgens e sonhando com um tesouro que nos espera ao sairmos daqui.

- Morreu o abade Faria - comentou Teresa, olhando para as páginas abertas do livro. - Pobre velhinho.

- Estás a ver. Às vezes alguns têm de morrer para que outros vivam.

Junto delas passaram algumas reclusas fazendo os duzentos e trinta passos em direcção ao muro. Eram raça da pesada, a meia dúzia do grupo de Trini Sánchez, também conhecida por Makoki III: morena e pequena, masculina, agressiva, tatuada, raça da pesada habituada a levar com a micha (4), catorze

anos devido a uma troca de punhaladas com uma namorada por causa de meia grama de cavalo.

Essas gostam de bater pratos, avisou Patrícia da primeira vez que se cruzaram com elas no corredor do pavilhão, quando Trini disse alguma coisa que Teresa não conseguiu ouvir e as outras se riram em coro, partilhando códigos. Mas não te preocupes, Mexicaninha. Só te comerão a cona se o deixares. Teresa não deixara e, após alguns avanços táticos nos duches, nas casas de banho e no pátio, incluindo uma tentativa de aproximação social à base de sorrisos, cigarros e leite condensado numa mesa da cantina, cada macaco regressou ao seu galho. Agora Makoki III e as suas raparigas olhavam para Teresa de longe, sem lhe dificultar a vida. No fim de contas, a sua companheira de cela era a Tenente OTarrell. E com isso, dizia-se, a Mexicana estava servida.

- Adeus, Tenente.

- Adeus, cadelas.

*\*(4) Ser fechado à chave na cela. (N. da T.)*

Patrícia nem tinha aberto os olhos. Continuava com as mãos cruzadas atrás da nuca. As outras riram-se com alarido e com algumas grosserias bem-humoradas e continuaram a percorrer o pátio. Teresa viu-as afastar-se e observou depois a sua companheira. Tinha demorado pouco tempo a verificar que Patrícia OTarrell gozava de privilégios entre as reclusas: dispunha de dinheiro que superava a quantidade legal do pecúlio disponível, recebia coisas de fora e isso, ali, permitia manter as pessoas a seu favor. Até as guardilhas, as guardas prisionais, a tratavam com mais consideração que às restantes. Mas havia nela, além disso, uma certa autoridade que nada tinha a ver com isso. Por um lado era uma garina com cultura, o que marcava uma diferença importante num lugar onde muito poucas tinham mais do que a escola primária. Expressava-se bem, lia livros, conhecia gente de um certo nível e não era raro as reclusas recorrerem a ela à procura de ajuda para redigir pedidos de licenças, reavaliações, recursos e outros documentos oficiais próprios dos advogados que nem tinham - os oficiosos esfumavam-se quando a condenação era incomutável e alguns até antes - nem podiam pagar. Também arranjava droga, desde pastilhas de todas as cores a gulosa e a chocolate, e nunca lhe faltavam mortalhas ou papel de prata para que as colegas fizessem uma china em condições. Além disso, com ela ninguém passava das marcas. Contavam que, acabada de chegar a El Puerto, uma presa veterana tinha tentado molestá-la e que a OTarrell suportara a provocação sem abrir a boca mas que, na manhã seguinte, nuas nos duches, se antecipou àquela gaja colocando-lhe no rabo um agulhão feito com o junquilha do aro de uma

mangueira de incêndios. Nunca mais, querida, foram as suas palavras, olhando-a de muito perto, com a água do duche caindo-lhes em cima e as outras reclusas fazendo uma roda como se estivessem a ver televisão, embora mais tarde todas jurassem pelos seus espichadinhos, ou seja, pelos seus mortos mais recentes, não terem visto nada. E a provocadora, uma tal Kie com fama de má a quem alcunhavam de Valenciana, esteve completamente de acordo a esse respeito.

A Tenente OTarrell. Teresa verificou que Patricia tinha aberto os olhos e olhava para ela, e afastou devagar os olhos para que a outra não penetrasse nos seus pensamentos. Com frequência, as mais jovens e indefesas compravam a protecção de uma Kie respeitada ou perigosa - o que vinha a dar no mesmo - em troca de favores que naquela clausura sem homens incluíam os óbvios.

Patricia nunca lhe disse nada a esse respeito; mas às vezes Teresa surpreendia-a a observá-la com aquela fixação um pouco reflexiva, como se na realidade a olhasse a ela mas estivesse pensando noutra coisa. Tinha-se sentido observada assim ao chegar a El Puerto, ruído de ferrolhos e barrotes e portas, clang, clang, eco de passos e a voz impessoal das guardilhas, e aquele cheiro a mulheres encerradas, roupa suja a dar com um pau, colchões mal arejados, comida rançosa, suor e lixívia, enquanto se despia nas primeiras noites ou ao sentar-se no balde para fazer as suas necessidades, bem violento ao princípio por aquela falta de intimidade até que se habituou, as cuecas e os jeans descidos até aos tornozelos, e Patricia olhando-a do seu catre sem dizer nada, sobre o estômago o livro que estava a ler virado para baixo - tinha uma estante cheia -, estudando-a todo o tempo dos pés à cabeça durante dias, e semanas, e ainda continuava assim de vez em quando, tal como agora que tinha aberto os olhos e a olhava depois de terem passado lá perto as raparigas de Trini Sánchez, aliás Makoki III.

Voltou ao livro. Acabavam de atirar Edmundo Dantes de uma escarpa, dentro de um saco e com uma bala de canhão como lastro, julgando tratar-se do corpo defunto do abade velho. O cemitério do castelo de If era o mar... leu, avidamente. Espero que se safe desta, disse para consigo, passando rapidamente para a página seguinte e para o capítulo seguinte: Dantes, aterrorizado, quase sufocado, teve contudo a serenidade suficiente para conter a respiração...

Chiça! Oxalá consiga vir ao de cima e regressar a Marselha para recuperar o seu barco e se vingar dos três filhos da cadela, parentes seus diziam ser os malfadados, que o venderam assim de uma forma tão reles. Teresa nunca tinha imaginado que um livro absorvesse a atenção ao ponto de desejar que a deixassem em paz para continuar justamente onde o acabara de ler, com uma marquinha para não perder a página. Patricia arranjou-lhe aquele depois de falar muito disso; Teresa admirada por vê-la tanto tempo imóvel a olhar para as

páginas dos seus livros; por meter tudo aquilo na cabeça e por preferi-los às telenovelas - ela adorava as séries mexicanas, que lhe traziam o sotaque da sua terra - e aos filmes e concursos que as outras reclusas se acotovelvavam para ver na sala da televisão. Os livros são portas que te levam para a rua, dizia Patricia.

Com eles aprendes, educas-te, viajas, sonhas, imaginas, vives outras vidas e multiplicas a tua por mil. Quem te oferece mais por menos, Mexicaninha? E também servem para manter à distância muitas coisas negativas: fantasmas, saudades e merdas assim. Às vezes interrogo-me como conseguem superar as coisas, aquelas que não lêem. Mas nunca disse deverias ler algum, ou vê este ou aquele ali; esperou que Teresa se decidisse sozinha, depois de a surpreender várias vezes a meter o nariz entre os vinte ou trinta livros que renovava de vez em quando, exemplares da biblioteca da prisão e outros que lhe enviava algum familiar ou amigo de fora ou que encomendava a colegas que cumpriam a pena em liberdade.

Finalmente, um dia, Teresa disse gostava de ler um porque nunca o fiz. Tinha nas mãos um intitulado Terna é a Noite ou uma coisa do género, que lhe chamara a atenção porque parecia assim tão, mas tão romântico, e além disso trazia na capa uma bonita imagem de uma chavala elegante e magra com chapéu, muito do tipo betinha estilo anos vinte. Mas Patricia abanou a cabeça, tirou-lho das mãos e disse espera, cada coisa a seu tempo, antes deves ler outro de que gostarás mais. De modo que no dia seguinte foram à biblioteca da prisão e pediram à Marcela Conejo, a encarregada - Conejo era a sua alcunha: tinha colocado lixívia dessa marca na garrafa de vinho da sogra -, o livro que Teresa tinha agora nas mãos. Fala de um preso como nós, explicou Patricia quando a viu preocupada por ter de ler uma coisa tão grossa. E repara: colecção Sepan Cuántos, Editora Porrúa, México. Veio de lá, tal como tu. Estão predestinados um ao outro.

Havia uma pequena rixa na extremidade do pátio. Árabes e ciganas jovens arrancando os cabelos, engalfinhando-se à vontade. Dali podia ver-se uma janela gradeada do pavilhão dos homens, onde os reclusos varões costumavam trocar mensagens aos gritos e sinais com as suas amigas ou companheiras. Mais de um idílio carcerário se cozinhou naquele canto - um preso que efectuava trabalhos de alvenaria conseguiu engravidar uma reclusa nos três minutos que os funcionários demoraram a descobri-los - e o sítio era frequentado pelas mulheres com interesses masculinos no outro lado do muro e do arame farpado.

Agora três ou quatro presas discutiam e chegavam a vias de facto, bem agressivas, por ciúmes ou por disputarem o melhor lugar no improvisado observatório, enquanto o guarda civil da guarita de cima se inclinava sobre o muro para dar uma vista de olhos. Teresa tinha verificado que, na prisão, as tipas

tinham mais estofo que alguns homens. Pintavam-se, arranjavam-se com as colegas que eram cabeleireiras e gostavam de ostentar as suas jóias, sobretudo as que iam à missa de domingo - Teresa, sem ter pensado acerca disso, deixou de o fazer depois da morte de Santiago Fisterra - e as que tinham trabalhos nas cozinhas ou em zonas onde era possível algum contacto com homens.

Isso também dava lugar a ciúmes, gamanços e ajustes de contas. Tinha visto mulheres darem sovas incríveis a outras mulheres por causa de uma discussão, de um cigarro, de uma sandes de ovo - os ovos não estavam incluídos no menu e podiam dar-se punhaladas por um -, de uma palavra inadequada ou de um o que aconteceu, com socos a sério e pontapés que deixavam a vítima a sangrar pelo nariz e pelos ouvidos. Os roubos de droga ou de comida também eram motivo de briga: latas de conserva, dona-branca ou pastilhas subtraídas das celas à hora do pequeno-almoço, quando as celas ficavam abertas. A quebra dos códigos não escritos que regiam a vida ali. Há um mês que uma chiba que limpava a guarita das funcionárias, e aproveitava para dar pequenos assopros sobre as companheiras, tinha levado uma surra de morte na retrete do pátio quando foi mijar, assim que levantou a saia: quatro reclusas tratando do assunto e as outras tapando a porta, e depois todas surdas, cegas e mudas, e a cachorra ainda estava no hospital da prisão, com a mandíbula segura por arames e várias costelas partidas.

A briga continuava na extremidade do pátio. Atrás das grades, os gajos do pavilhão dos homens animavam as adversárias; e a chefe de serviço e outras duas guardilhas atravessavam o pátio a correr para resolver o assunto. Depois de dar uma olhadela distraída, Teresa voltou para junto de Edmundo Dantes, por quem estava apaixonada até à alma. E enquanto passava as páginas - o fugitivo acabava de ser resgatado do mar por uns pescadores - sentia fixos nela os olhos de Patricia Otarell, olhando da mesma forma que aquela outra mulher que tantas vezes surpreendera espreitando-a das sombras e dos espelhos.

Acordou-a a chuva na janela e abriu os olhos aterrada na alvorada cinzenta, porque julgava estar de volta ao mar, junto à pedra de León, centro de uma esfera negra, caindo para as profundezas tal como Edmundo Dantes na mortalha do abade Faria. Depois da pedra, do impacto e da noite, dos dias seguintes ao seu acordar no hospital com um braço em talas até ao ombro e o corpo cheio de contusões e arranhões, fora reconstruindo pouco a pouco - comentários de médicos e enfermeiras, a visita de dois polícias e de uma assistente social, o flash de uma fotografia, os dedos manchados de tinta para as impressões digitais - os pormenores do que acontecera. No entanto, cada vez que alguém pronunciava o nome de Santiago Fisterra punha a mente em branco. Durante todo aquele tempo, os sedativos e o seu próprio estado de espírito mantiveram-

na num estado de sonolência que rejeitava qualquer reflexão. Durante os primeiros quatro ou cinco dias nem por um momento quis pensar em Santiago; e quando as lembranças lhe acudiam ao espírito, afastava-as mergulhando naquele torpor que tinha muito de voluntário. Ainda não, murmurava no seu íntimo. É melhor ainda não. Até que uma manhã, ao abrir os olhos, viu lá sentado Oscar Lobato, o jornalista do Diário de Cádiz que era amigo de Santiago. E, ao pé da porta, de pé e apoiado à parede, outro homem cujo rosto lhe parecia vagamente conhecido. Foi nessa altura, enquanto este ouvia sem dizer uma palavra - ao princípio tomou-o por um polícia -, que ela aceitou da boca de Lobato o que de qualquer maneira já sabia ou adivinhava: que naquela noite a Phantom embatera a cinquenta nós contra a pedra, espatifando-se, e que Santiago morrera ali mesmo enquanto Teresa era projectada entre os fragmentos da lancha, partindo o braço direito ao bater contra a superfície da água e afundando-se a cinco metros de profundidade.

Como saí, quis saber ela. E a sua voz soava diferente, como se tivesse deixado de ser sua. Lobato sorria de uma forma que lhe dulcificava bastante os traços endurecidos, as marcas da cara e a expressão viva dos olhos ao voltá-los na direcção do homem que estava apoiado à parede sem abrir a boca, olhando para Teresa com curiosidade e quase com timidez, como se não se atrevesse a aproximar.

- Tirou-te ele.

Então Lobato contou-lhe o que acontecera depois de ela ficar inconsciente.

Que após o impacto flutuou um momento antes de afundar, iluminada pelo foco que o helicóptero tinha tornado a acender. Que o piloto passou os comandos ao colega para se atirar ao mar a três metros de altura e, na água, tirou o capacete e o colete auto-insuflável para mergulhar até ao fundo onde ela se estava a afogar. Depois trouxe-a até à superfície, por entre a espuma que levantavam as pás do rotor, e daí até à praia, ao mesmo tempo que a H-j procurava o que restava de Santiago Fisterra - os bocados maiores da Phantom não chegavam aos quatro palmos - e as luzes de uma ambulância se aproximavam pela estrada. E enquanto Lobato se referia a tudo isto, Teresa olhava para o rosto do homem apoiado na parede, que continuava sem pronunciar uma palavra nem concordar nem nada, como se o que o jornalista contava tivesse acontecido a outra pessoa. E finalmente reconheceu-o como um dos aduaneiros que tinha visto na tasca do Kuki, naquela noite em que os contrabandistas llanitos celebravam uma festa de anos. Quis acompanhar-me para te ver a cara, explicou Lobato. E ela também olhava para a cara do outro, do piloto do helicóptero da Vigilância Aduaneira que tinha matado Santiago e a tinha salvo a ela. Pensando: tenho de me lembrar desse homem mais tarde quando decidir se, ao encontrá-lo de novo, devo tentar

matá-lo, se puder, ou dizer estamos quites, cabrão, encolher os ombros e vemo-nos por aí. Perguntou finalmente por Santiago, pelo paradeiro do seu corpo; e o da parede afastou o olhar e Lobato fez uma careta de tristeza ao dizer que o féretro ia a caminho de O Grove, a sua terra galega. Um bom rapaz, acrescentou com cara de circunstância; e Teresa pensou que talvez fosse sincero, que se tinha relacionado e bebido com ele e que talvez o apreciasse realmente. Foi nessa altura que começou a chorar mansa e silenciosamente, porque agora já pensava em Santiago morto, e via o seu rosto imóvel com os olhos fechados, como quando dormia com a cara encostada ao seu ombro. E pensou: o que vou fazer agora com o raio do barquinho à vela que está em cima da mesa na casa de Palmones, meio construído, e que já ninguém acabará? E soube que estava só pela segunda vez e que, de certa forma, era para sempre.

- Foi O Tarrel quem, na realidade, lhe mudou a vida - repetiu Maria Tejada.

Tinha passado os últimos quarenta e cinco minutos contando-me como e porquê.

No fim, foi à cozinha, voltou com dois copos de uma infusão de ervas e bebeu um, enquanto eu revia as notas e digería a história. A antiga assistente social da prisão de El Puerto de Santa Maria era uma mulher rechonchuda, vivaça, com o cabelo comprido e cheio de brancas que não pintava, olhar bondoso e boca firme. Usava óculos redondos de aros metálicos e anéis de ouro em vários dedos das mãos: contei pelo menos dez.

Também lhe calculei uns sessenta anos. Durante trinta e cinco tinha trabalhado para Instituições Penitenciárias nas províncias de Cádiz e Málaga. Não foi fácil dar com ela, pois estava reformada há pouco tempo, mas Oscar Lobato averiguou o seu paradeiro. Lembro-me bem das duas, disse ela quando lhe coloquei o assunto pelo telefone. Venha a Granada e falaremos. Recebeu-me em fato de treino e sapatilhas na varanda do seu apartamento da parte baixa do Albaicín, com toda a cidade e a várzea do Darro de um lado e a Alhambra do outro, empoleirada entre as árvores, dourada e ocre sob o sol da manhã. Uma casa com muita luz e gatos por todo o lado: em cima do sofá, no corredor, na varanda. Pelo menos meia dúzia de gatos vivos - tresandava, apesar das janelas abertas - e mais uma vintena em quadros, estatuetas de porcelana, esculturas de madeira. Havia até tapetes e almofadões bordados com gatos e, entre a roupa posta a secar na varanda, via-se uma toalha com o gato Silvestre. E enquanto eu relia as notas e saboreava a infusão, um gatinho tigrado observava-me do cima de uma cómoda, como se já me conhecesse e outro, gordo e cinzento, aproximava-se sobre o tapete com modos de caçador, como se os atacadores dos meus sapatos fossem uma presa legítima. Os restantes estavam espalhados pela casa em diversas posturas e atitudes. Detesto aqueles bichos demasiado



silenciosos e demasiado inteligentes para o meu gosto - não há nada como a lealdade disparatada de um cão estúpido -; mas fiz das tripas coração. Trabalho é trabalho.

- OTarrell fê-la descobrir coisas sobre si própria - dizia a minha anfitriã - que ela nem imaginava existirem. E começou até a educá-la um bocadinho, não é verdade?... À sua maneira.

Tinha em cima da mesa de centro um monte de cadernos onde fora apontando durante anos os episódios do seu trabalho. Revi-os antes de você chegar, disse. Para refrescar a memória. Depois mostrou-me algumas páginas escritas com caligrafia redonda e apertada: fichas individuais, datas, visitas, entrevistas. Alguns parágrafos estavam sublinhados. Seguimento, explicou. O meu trabalho era avaliar o grau de integração de cada uma delas, ajudá-las a procurar alguma coisa para mais tarde. Lá dentro há mulheres que passam o dia sem fazer nada e outras que preferem ocupar-se. Eu facilitava os meios. Teresa Mendoza Chávez e Patrícia OTarrell Meca.

Classificadas como FISE: Ficheiro de Internas de Seguimento Especial. A determinada altura, aquelas duas deram muito que falar.

- Foram amantes ?

Fechou os cadernos deitando-me um olhar longo, apreciativo. Sem dúvida avaliava se aquela pergunta era fruto de uma curiosidade doentia ou de um interesse profissional.

- Não sei - acabou por responder. - Falava-se disso entre as raparigas, claro.

Mas dessas coisas fala-se sempre. OTarrell era bissexual. No mínimo... E a verdade é que tinha mantido relações com algumas reclusas antes da chegada de Mendoza; mas a respeito das duas, não posso afirmar-lhe nada com segurança.

Depois de morder os atacadores dos meus sapatos, o gato gordo e cinzento esfregava-se contra as minhas calças, enchendo-as de pelos felinos. Mordi a ponta da esferográfica, estóico.

- Quanto tempo passaram juntas ?

- Um ano como companheiras de cela, saindo depois com uma diferença de poucos meses... Tive oportunidade de conviver com as duas: calada e quase tímida a Mendoza, bastante observadora, muito prudente, com aquele sotaque mexicano que a fazia parecer mansa e correcta... Mais tarde, quem o haveria de dizer, não é verdade?... OTarrell era o pólo oposto: amoral, desinibida, sempre com uma atitude entre superior e frívola. Muito desenvolta. Uma aristocrata libertina que condescendia em falar com o povo. Sabia utilizar o dinheiro, que na cadeia tinha muito peso. Comportamento irrepreensível o dela. Nem uma sanção nos três anos e meio em que estive dentro, veja bem, apesar de adquirir e consumir estupefacientes... Digo-lhe já que era demasiado esperta para arranjar

problemas. Parecia considerar a sua estadia na prisão como umas férias inevitáveis e esperava que terminassem sem criar inimizades.

O gato que se esfregava contra as minhas calças ferrou as unhas numa das minhas peúgas, de modo que o afastei com um pontapé discreto que me valeu um silêncio breve e condenatório da minha interlocutora. De qualquer forma - prosseguiu após aquela pausa incômoda, convidando o gato a sentar-se ao seu colo, vem aqui, Anubis, riqueza -, OTarrell era uma mulher feita, com personalidade; e a recém-chegada acabou por ser muito influenciada por ela: boas famílias, dinheiro, apelido, uma cultura... Graças à sua companheira de cela, Mendoza descobriu a utilidade da instrução.

Essa foi a parte positiva da influência; incutiu-lhe desejos de se superar, de mudar. Leu, estudou. Descobriu que não é preciso depender de um homem. Tinha facilidade para a matemática e para o cálculo e teve oportunidade de a desenvolver nos programas de educação para reclusas, que nessa altura permitiam reduzir a pena. Num ano apenas terminou o curso de matemática elementar, noutra o de língua e ortografia, e melhorou muito em inglês.

Transformou-se numa leitora voraz e, no fim, tanto a encontrávamos com um romance de Agatha Christie como com um livro de viagens ou de divulgação científica. E foi OTarrell quem a entusiasmou para tudo isso. O advogado de Mendoza era um gibraltarino que a deixou pendurada pouco tempo depois de ingressar na prisão; e pelos vistos também ficou com o dinheiro, que não sei se era muito ou pouco. Em El Puerto de Santa Maria não teve nenhum encontro íntimo - algumas reclusas conseguiam falsos certificados de convivência para serem visitadas por homens -, nem ninguém foi vê-la. Estava completamente só.

De modo que OTarrell lhe tratou de todos os recursos e papeladas para que obtivesse a condicional e o cumprimento da pena restante em liberdade.

Tratando-se de outra pessoa, talvez tudo isso tivesse facilitado uma reinserção. Ao sair em liberdade, Mendoza podia ter encontrado um trabalho decente: aprendia depressa, tinha instinto, a cabeça no lugar e um coeficiente de inteligência elevado - a assistente social tinha voltado a consultar os seus cadernos -, que ultrapassava sobejamente os 130. Lamentavelmente, a sua amiga OTarrell estava demasiado corrompida. Certos gostos, certas amizades.

Já sabe... - e olhava-me como se duvidasse que eu soubesse. - Certos vícios...

Entre mulheres, prosseguiu, determinadas influências ou relações são mais fortes que entre os homens. E depois havia aquilo de que se falou: a história da cocaína perdida e todo o resto. Embora na cadeia - o tal Anubis ronronava enquanto a dona lhe passava a mão pelo lombo - se oiçam sempre centenas de histórias como essa. De modo que ninguém acreditou que fosse verdade.

Absolutamente ninguém, insistiu depois de um silêncio pensativo, sem

deixar de acariciar o gato. Mesmo agora, decorridos nove anos e apesar de tudo o que se publicou a esse respeito, a assistente social continuava convencida de que o assunto da cocaína não passava de uma lenda.

- Mas já vê como são as coisas; Primeiro foi OTarrell quem mudou a Mexicana; e mais tarde, segundo dizem, esta apoderou-se por completo da vida da outra.

Vê?... Não nos podemos fiar nas mosquinhas mortas.

Quanto a mim, terei sempre presente o jovem soldado de tez pálida e olhos brilhantes, e quando o anjo da morte descer, tenho a certeza de nele reconhecer Selim...

No dia em que completou vinte e cinco anos - tinham-lhe tirado o último gesso do braço há uma semana -, Teresa pôs uma marca na página 579 daquele livro que a mantinha fascinada; nunca antes tinha pensado que uma pessoa conseguisse projectar-se com uma tal intensidade no que lia, de modo a que leitor e protagonista fossem um só. E Pati OTarrell tinha razão: mais que o cinema ou a televisão, os romances permitiam viver coisas para as quais uma vida só não bastava. Era essa a estranha magia que a mantinha amarrada àquele volume cujas páginas começavam a descoser-se de tão velhas, e que Pati mandou arranjar durante cinco dias de impaciente espera por parte de Teresa, com a leitura interrompida no capítulo XXVII - As catacumbas de São Sebastião - porque, segundo disse Pati, não se trata só de ler livros, Mexicana, mas do prazer físico e do consolo interior que dá tê-los nas mãos. De modo que para intensificar esse prazer e esse consolo, Pati levou o livro à oficina de encadernação para internas, e pediu que descosessem os caderninhos de papel para voltar a cosê-los com cuidado, e depois encaderná-lo de novo com cartão, grude e papel estampado para as guardas interiores e uma linda encadernação de pele castanha com letras douradas na lombada onde podia ler-se: Alexandre Dumas; e por baixo: O Conde de Montecristo. E por baixo de tudo, em letrinhas também douradas e mais pequenas, as iniciais T. M. C. do nome e apelidos de Teresa.

- É o meu presente de aniversário.

Isso disse Pati OTarrell devolvendo-o à hora do pequeno-almoço, depois da primeira contagem do dia. O livro vinha muito bem embrulhado e Teresa sentiu esse prazer especial de que a sua companheira tinha falado quando voltou a tê-lo consigo, pesado e suave com as capas novas e aquelas letras douradas.

E Pati olhava para ela com os cotovelos em cima da mesa, a chávena de chicória numa mão e o cigarro na outra, observando a sua alegria. E repetiu feliz aniversário e as outras companheiras também felicitaram Teresa, o próximo na rua, disse uma, com um bom garanhão cantando-te os parabéns a você enquanto

acordas, e eu a ver. E depois, à noite, após a quinta contagem, em vez de irem à cantina jantar - o asqueroso linguado-gigante panado e a fruta demasiado madura do costume -, Pati arranjou as coisas com as guardilhas para uma pequena festa privada na cela, e puseram cassetes com canções de Vicente Fernández, Chavela Vargas e Paquita la del Barrio, todas daquela onda e muita naices, e depois de encostar a porta Pati tirou uma garrafa de tequila que tinha conseguido sabe-se lá como, uma autêntica Don Júlio que alguma funcionária tinha metido pela porta do cavalo, com entrega prévia da massa quintuplicada do seu custo, e emborcaram-na às escondidas, apreciando a pomada que era, na companhia de algumas colegas que se juntaram à desbunda sentadas nos bailiques (5) e na cadeira e até no balde, como Carmela, uma cigana grandona e mais velha, unhante (6) de profissão, que fazia trabalhos de limpeza a Pati e lhe lavava os lençóis - e também a roupa de Teresa, enquanto esta teve o braço engessado - a troco de a Tenente OTarrell contribuir com pequenas quantidades mensais para o seu pecúlio. Acompanhavam-nas Conejo, a bibliotecária envenenadora; a batedora (7) Charito, que estava ali por trabalho de baios (8) na feira de Rocio, na de Abril e na que fosse preciso; e Pepa Trueno, aliás, Patanegra, que arrefeceu o marido com a faca de cortar presunto do bar que ambos geriam na N-IV, e contava bastante orgulhosa que a ela o divórcio lhe custara vinte anos e um dia, mas nem um tostão. Teresa colocou as escravas de prata no braço direito, para estrear pulso novo, e os aros tilintavam alegres a cada gole que dava. A pândega durou até à contagem das onze. Houve ludo, jogo da prisa por excelência, latas de conservas, e drunfos para animar o grelo - como muito graficamente dizia Carmela entre risos de doméstica faraónica -, e brocas de um chamon bastante grosso transformado em fumo, piadas e risos, enquanto Teresa pensava vejam lá na Espanha e na Europa da merda, com os seus regulamentos e as suas histórias, olhando sempre para os corruptos dos mexicanos por cima do ombro, impossível conseguir aqui umas bejecas, e é o que se vê. De pastilhas e chocolate e de uma garrafa de vez em quando, disso não se privam algumas desde que se dêem com a guardilha certa e tenham com que pagar.

*\*(5) Cama da prisão. (N. da T.)*

*(6) Aquele que deita a unha, que rouba; ladrão. (N. da T.)*

*(7) Carteirista. (N. da T.)*

*(8) "Pinça" formada pelos dedos indicador e médio no roubo de carteiras. (n. da T.)*

E Pati OTarrell tinha-o. Presidia à festa em honra de Teresa um pouco à

parte, observando-a todo o tempo por entre o fumo, com um sorriso na boca e nos olhos, o ar libertino, distante como se não fosse nada com ela, tal como uma mãezinha que levasse a miúda a uma festa de aniversário com hambúrgueres, amiguinhos e palhaços, enquanto Vicente Fernández cantava acerca de mulheres e traições, a voz quebrada de Chavela espalhava álcool entre balázios no chão de tabernas, e Paquita la del Barrio gritava aquilo de como um cão *sem uma censura* sempre atirada aos teus pés / de dia e de noite. Teresa sentia-se embalada pela nostalgia da música e pelos sotaques da sua terra, e só faltavam chirrines e umas Pacífico para que a festa fosse completa, aturdida pelo haxixe que lhe ardia entre os dedos, passa-o lá p'ra ficarmos iguais, miúda, piores já eu os fumei, que de ir até à moirama buscar disto percebo alguma coisa. Pelos teus vinte e cinco anos, chinorrilla (9) brindava a cigana Carmela. E quando, na cassete, Paquita começou aquilo das três vezes te enganei, e chegou ao estribilho, cantaram todas em coro, já bastante bebidas, isso da primeira por coragem, a segunda por capricho, a terceira por prazer - três vezes te enganei, filho da puta, realçava aos gritos Pepa Trueno, sem dúvida em honra do seu defunto. Continuaram assim até que uma das guardilhas veio, mal-humorada, dizer-lhes que acabassem com a festa; mas a festa continuou na mesma senda mais tarde, já trancadas portas e grades, sozinhas as duas e quase às escuras na cela, com o candeeiro colocado no chão junto ao lavatório, as imagens entre sombras dos recortes de revistas - actores de cinema, cantores, paisagens, um mapa turístico do México - decorando a parede pintada de verde e a janelinha com cortinas que

*\*(9) Miúda, no calão dos ciganos espanhóis. (N. da T.)*

Charito, a batedora, que tinha mãos habilidosas, lhes tinha costurado, quando Pati tirou uma segunda garrafa de tequila e um saquinho debaixo do catre e disse estas são para nós, Mexicana, que quem reparte fica com a melhor parte. E com Vicente Fernández cantando bem à charro (10) e pela enésima vez Mujeres divinas, e com Chavela com uma narsa avisando não me ameaces, foram emborcando directamente da garrafa e fizeram riscos de branquinha sobre a capa de um livro que se chamava O

Leopardo; e depois Teresa, com o nariz sujo de pó da última snifada, disse está de matar e obrigada por esta festa de anos, meu Tenente, nunca na minha vida, etc. Pati contestou, desvalorizando o caso e como se estivesse pensando noutra coisa disse agora vou masturbar-me um pouco se não te importas, Mexicaninha, e deitou-se de barriga para cima no catre, tirando os ténis e a saia que tinha vestida, uma saia larga e escura muito bonita que lhe ficava bem,

deixando só a blusa. E Teresa ficou um pouco encavacada com a garrafa de Don Júlio na mão, sem saber o que fazer nem para onde olhar, até que a outra disse podias ajudar-me, miúda, que estas coisas funcionam melhor entre duas.

Então Teresa abanou suavemente a cabeça. Ora... Sabes que estas coisas não me agradam, murmurou. E embora Pati não tenha insistido, ela levantou-se devagar passado um bocadinho, sem largar a garrafa, e foi sentar-se na beira do catre da sua companheira, que tinha as coxas abertas e uma mão a meio delas, movendo-a de forma lenta e suave, e fazia tudo isto sem deixar de a olhar nos olhos na penumbra esverdeada da cela. Teresa passou-lhe a garrafa, e a outra bebeu com a mão livre e devolveu-lhe a tequila observando-a durante todo o tempo. Depois Teresa sorriu e disse novamente obrigada pelo aniversário, Pati, e pelo livro, e pela festa. E Pati não afastava os olhos dela enquanto movia os dedos hábeis entre as coxas nuas. Então Teresa inclinou-se na direcção da sua amiga, repetiu "obrigada" muito baixinho e beijou-a suavemente nos lábios, só isso e mais nada, apenas alguns segundos. E sentiu Pati sustar a respiração estremecendo várias vezes sob a sua boca com um gemido, com os olhos subitamente muito abertos, e depois ficar imóvel, sem deixar de a olhar.

*\*(10) Cavaleiro mexicano cuja imagem simboliza a típica estética mexicana. (N. da T.)*

Acordou-a a voz dela antes do amanhecer. - Está morto, Mexicana.

Quase não tinham falado dele. Deles. Teresa não era das que fazia muitas confidências. Apenas alguns comentários aqui e ali, casuais. Uma vez isto, a determinada altura aquilo. Na realidade evitava falar de Santiago ou do Gúero Dávila. Evitava até pensar muito num ou noutro. Nem sequer tinha fotografias - as poucas com o galego ficaram sabe Deus onde -, excepto a dela e do Gúero rasgada a meio: a garina do narco, que parecia ter ido para muito longe há séculos. Às vezes os dois homens fundiam-se-lhe num só no pensamento, e isso não lhe agradava. Era como ser infiel aos dois ao mesmo tempo.

- Não se trata disso - respondeu.

Estavam às escuras, e o amanhecer ainda não começara a tornar tudo cinzento lá fora. Faltavam duas ou três horas para que as chaves da guardilha de serviço batessem nas portas, acordando as reclusas para a primeira contagem e para que se lavassem antes de lavar a roupa interior, as cuecas, as camisolas interiores e as meias, para pôr tudo a secar nos paus de vassoura que tinham encaixados na parede a fazer de cabides. Teresa ouviu a sua companheira remexer-se no catre. Passado algum tempo, também ela mudou de posição, tentando dormir. Ao longe, atrás da porta metálica e no longo corredor do

pavilhão, ressoou uma voz de mulher. Amo-te, Manolo, gritava. Digo-te que te amo. Outra respondeu mais perto, com uma grosseria. Eu também o amo, juntou-se, trocista, uma terceira voz. Depois ouviram-se os passos de uma funcionária e novamente o silêncio. Teresa estava de barriga para cima, em camisa de noite, com os olhos abertos na escuridão, esperando o medo que chegaria inexorável, pontual ao seu encontro, quando a claridade começasse a despontar atrás da janelinha da cela e das cortinas costuradas por Charito, a batedora.

- Há uma coisa que gostava de te contar - disse Pati.

Depois emudeceu como se isso fosse tudo, ou como se não tivesse a certeza de que devia contar, ou talvez esperasse algum comentário por parte de Teresa.

Mas esta não disse nada; nem conta-me, nem não. Permanecia imóvel, olhando a noite.

- Tenho um tesouro escondido, lá fora - acabou por acrescentar Pati.

Teresa ouviu o seu próprio riso antes de pensar que se estava a rir.

- Caramba! - exclamou. - Como o abade Faria.

- Isso mesmo - agora Pati também se ria. - Mas eu não faço tenção de morrer aqui... A verdade é que não faço tenção de morrer em lado nenhum.

- Que tipo de tesouro? - quis saber Teresa.

- Uma coisa que se perdeu, que todos procuraram e ninguém encontrou porque aqueles que o esconderam estão mortos... Parece um filme, não é verdade?

- Não acho que se pareça com um filme. Parece-se com a vida. As duas ficaram caladas mais um bocado. Não tenho a certeza, pensava Teresa. Não estou totalmente convencida de querer as tuas confidências, Tenente. Talvez por seres superior a mim em conhecimentos e em inteligência e em anos e em tudo, e te surpreenda olhando-me sempre da maneira como me olhas; ou se calhar porque não me tranquiliza que te venhas quando te beijo. Se estamos cansadas, há coisas que é melhor ignorar. E esta noite estou muito cansada, talvez porque bebi e fumei e snifei demasiado, e agora não adormeço. Este ano estou muito cansada, também. E desta vida, a mesma coisa.

Por agora, a palavra amanhã não existe. O meu advogado só veio ver-me uma vez.

Desde essa altura, só recebi dele uma carta onde diz que investiu a massa em quadros de artistas que desvalorizaram muito e que não sobra nem para pagar-me um caixão, se eu esticar. Mas a verdade é que não me importo. A única coisa boa de estar aqui é que não há mais nada além disto e isso evita que pensemos no que deixámos lá fora. Ou no que nos espera lá fora.

- Esses tesouros são perigosos - comentou.

- Claro que são - Pati falava como se pesasse cada palavra, devagar, em voz muito baixa. - Eu própria paguei um preço alto... deram-me uns tiros, como sabes. Pum, pum. E aqui me tens.

- E o que se passa com o diacho desse tesouro, Tenente Pati OTarrell?

Riram-se outra vez na escuridão. Depois houve um clarão na cabeceira do catre de Pati, que acabara de acender um cigarro.

- Vou procurá-lo na mesma - disse - quando sair daqui.

- Mas tu não precisas disso. Tens papel.

- Não o suficiente. O que gasto aqui não é meu, é da minha família... - o seu tom de voz tornara-se irónico ao pronunciar a palavra família. - E esse tesouro de que falo é dinheiro a sério. Muito. Daquele que, por sua vez, produz ainda mais, e mais, e muito mais, como no bolero.

- A sério que sabes onde está?

- Evidentemente.

- E tem dono?... Quero dizer, outro dono além de ti. A brasa do cigarro brilhou por instantes. Silêncio.

- Essa é uma boa pergunta - disse Pati.

- Bolas. Essa é a pergunta.

Ficaram novamente caladas. Porque tu podes saber muito mais coisas do que eu, pensava Teresa. Tens educação, classe, um advogado que te vem ver de vez em quando e uma pipa de massa no banco mesmo que seja da tua família. Mas do que me estás a falar já eu sei e é até possível que, por uma vez, saiba um pouco mais do que tu. Embora ostentes duas cicatrizes como estrelinhas e um namorado no cemitério e um tesouro esperando-te à saída, viste tudo de cima. Eu, pelo contrário, olhava de baixo. Por isso conheço coisas que tu nunca viste. Estavam mais longe de ti que o caraças, com o teu cabelo louro e a tua pele tão branca e as tuas maneiras queques de bairro Chapultepec. Vi a lama nos meus pés descalços quando era uma miudinha, em Las Siete Gotas, onde os bêbados batiam à porta da minha mãe de madrugada e eu a ouvia abri-la. Também vi o sorriso do Gato Fierros. E a pedra de León. Atirei tesouros ao mar a cinquenta nós, com as H-j coladas ao rabo. De modo que não me lixes.

- Essa pergunta é difícil de responder - acabou Pati por comentar. - Há gente que esteve procurando, claro. Julgavam ter certos direitos... Mas isso foi há muito tempo. Agora ninguém sabe que eu estou ao corrente.

- E a que propósito mo contas?

A brasa do cigarro intensificou algumas vezes o seu brilho avermelhado antes de a resposta chegar.

- Não sei. Ou talvez o saiba.

- Não te julgava tão fala-barato. Podia armar-me em chiba e andar por aí a



dar ao badalo.

- Não. Estamos juntas há algum tempo e eu observo-te. Não és dessas.

Outro silêncio. Desta vez foi mais longo que os anteriores.

- És calada e leal.

- Tu também - disse Teresa.

- Não. Eu sou outras coisas.

Teresa viu apagar-se a brasa do cigarro. Sentia curiosidade, mas também vontade de que aquela conversa acabasse. Se calhar já acabou e deixa de falar nisso, pensou. Não quero que amanhã lamente ter dito coisas que não devia. Coisas que me são distantes, até onde não posso segui-la. Se adormecer agora, pelo contrário, poderemos sempre esquecer-nos disto, deitando as culpas às snifadelas, à pândega e à tequila.

- Pode ser que um dia te proponha recuperarmos esse tesouro - concluiu Pati de súbito. - Tu e eu, juntas.

Teresa conteve a respiração. Não havia hipótese, disse para consigo. Já não podemos considerar esta conversa como não havida. O que dizemos prende-nos muito mais do que aquilo que fazemos ou calamos. A pior desgraça do ser humano foi ter inventado a palavra. Basta ver os cães. São tão leais porque não falam.

- E eu porquê?

Não podia calar-se. Não podia dizer sim ou não. Era necessária uma resposta, e aquela pergunta era a única resposta possível. Ouviu Pati voltar-se no catre em direcção à parede antes de responder.

- Dir-te-ei quando chegar o momento. Se é que chega.

## 8. PACOTES DE QUILO

Há pessoas cuja boa sorte se constrói com base em infortúnios - concluiu Eddie Álvarez. - E esse foi o caso de Teresa Mendoza.

As lentes dos óculos diminuía-lhe os olhos cautelosos. Foi preciso bastante tempo e um ou outro intermediário para conseguir tê-lo sentado à minha frente; mas ali estava, metendo e tirando a todo o instante as mãos dos bolsos do casaco, depois de me cumprimentar apenas com a ponta dos dedos. Conversávamos no terraço do Hotel Rock de Gibraltar, com o sol filtrando-se por entre a hera, as palmeiras e os fetos do jardim suspenso na colina do Rochedo. Lá em baixo, no outro lado da balaustrada branca, ficava a baía de Algeciras, luminosa e imprecisa na névoa azul da tarde: ferrys brancos na extremidade de esteiras rectas, a costa de África insinuando-se para lá do Estreito, os barcos fundeados apontando as suas proas na direcção do levante.

- Pois julguei perceber que no princípio a ajudou nisso - disse. - Refiro-me a facilitar-lhe infortúnios.

O advogado pestanejou duas vezes, rodou o copo sobre a mesa e voltou novamente a olhar-me.

- Não fale do que não sabe - soava a censura, a conselho. - Eu estava a fazer o meu trabalho. Vivo disto. E, naquela época, ela não era ninguém. Impossível imaginar...

Esboçava algumas caretas para si próprio, sem vontade, como se alguém lhe tivesse contado uma má anedota, dessas que demoramos a perceber.

- Era impossível - repetiu.

- Talvez tenha sido você quem se enganou.

- Muitos se enganam - parecia consolar-se com o plural. - Embora nessa cadeia de erros eu fosse quem menos importava.

Passou uma mão pelo cabelo frisado, escasso, que usava demasiado comprido e que lhe dava mau aspecto. Depois tocou de novo no copo largo que tinha em cima da mesa: licor de whisky cujo aspecto achocolatado não era nada apetitoso.

- Nesta vida tudo se paga - disse depois de pensar uns instantes. - O que acontece é que alguns pagam antes, outros durante e outros depois... No caso da Mexicana, ela tinha pago antes... Não tinha nada a perder e tinha tudo a ganhar. Foi isso que fez.

- Dizem que você a abandonou na cadeia. Sem um cêntimo.

Parecia deveras ofendido. Embora num fulano com os seus antecedentes - eu

tinha tratado de averiguá-los - isso não significasse absolutamente nada.

- Não sei o que lhe terão contado, mas é falso. Eu posso ser tão prático como qualquer pessoa, entende?... É normal no meu trabalho. Mas não se trata disso.

Não a abandonei.

Estabelecido aquilo, expôs uma série de justificações mais ou menos razoáveis.

Teresa Mendoza e Santiago Fisterra tinham-lhe, efectivamente, confiado algum dinheiro. Nada de extraordinário: alguns fundos que ele tentava lavar discretamente. O problema foi ter investido quase tudo em quadros: paisagens, marinhas e coisas assim. Alguns retratos de boa qualidade. Sim. Por acaso fê-lo logo depois da morte do galego. E os pintores não eram muito conhecidos. De facto, nem o pai deles os conheciam, por isso investiu neles. A valorização, você sabe... Mas veio a crise. Foi preciso vender ao desbarato até à última tela e também uma pequena participação num bar de Main Street e mais algumas coisas. De tudo isto ele deduziu os seus honorários - havia atrasos e coisas pendentes - e o dinheiro restante destinou-o à defesa de Teresa. Isso acarretou muitos gastos, claro. Couro e cabelo. Afinal de contas, ela só passou um ano na prisão.

- Dizem - insinuei - que foi graças a Patrícia OTarrell, cujos advogados lhe trataram da papelada.

Vi que iniciava o gesto de levar uma mão ao coração, novamente ofendido.

Interrompeu o gesto a meio.

- Diz-se o que se quer. A verdade é que houve um momento em que, bom... - olhava-me como uma testemunha de Jeová tocando à campainha. - Eu tinha outras ocupações. O assunto da Mexicana estava em ponto morto.

- Quer dizer que o dinheiro tinha acabado.

- O pouco que teve, sim. Acabou.

- E então deixou de se ocupar dela.

- Oiça - mostrava-me as palmas das mãos, levantando-as um pouco, como se aquele gesto o avalizasse. - Eu vivo disto. Não podia perder tempo. Para alguma coisa servem os advogados officiosos. Além disso, repito-lhe que era impossível saber...

- Compreendo. Ela não lhe pediu contas mais tarde? Abstraiu-se na contemplação do seu copo pousado no vidro da mesa. Aquela pergunta não parecia trazer-lhe boas lembranças. Por fim, encolheu os ombros em jeito de resposta e ficou a olhar para mim.

- Mas depois - insisti - voltou a trabalhar para ela.

Meteu e tirou outra vez as mãos dos bolsos do casaco. Um gole no copo e novamente o tique das mãos. Talvez o tenha feito, acabou por admitir. Por um

curto período de tempo e há séculos. Depois recusei-me a continuar. Estou limpo.

As minhas informações eram outras, mas não o disse. Tinham-me contado que, ao sair da cadeia, a Mexicana o agarrara pelos tomates. Espremeu-o e pô-lo a mexer quando deixou de ser útil. Eram palavras do comissário chefe de Torremolinos, Pepe Cabrera. A esse filho da puta a Mexicana fê-lo cagar fininho. Até ao fim. E aquela frase assentava a Eddie Álvarez como uma luva.

Imaginávamo-lo perfeitamente cagando fininho. Diz-lhe que vais da minha parte, foi a recomendação de Cabrera enquanto almoçávamos no porto desportivo de Benalmádena. Esse merdas deve-me muitas e não poderá recusar. Aquele assunto do contentor de Londres e do inglês do roubo de Heathrow, por exemplo. Diz-lhe só isso e ele vem comer-te à mão. O que lhe conseguires arrancar já é problema teu.

- Não era rancorosa, nesse caso - concluí.

Olhou-me com precaução profissional. Por que diz isso, perguntou.

- Punta Castor.

Calculei que imaginasse até que ponto eu conhecia o sucedido. Não quis defraudá-lo.

- A famosa armadilha - disse.

A palavra pareceu provocar-lhe o efeito de um laxante.

- Não me aborreça - remexia-se inquieto na cadeira de bambu e vime, fazendo-a ranger. - O que sabe você de armadilhas?... Essa palavra é excessiva.

- Para isso estou aqui. Para que mo conte.

- Agora é indiferente - respondeu, agarrando no copo. - Nesse assunto de Punta Castor, Teresa sabia que eu não tive nada a ver com o que tramavam Canabota e aquele sargento da Guarda Civil. Mais tarde ela dedicou tempo e esforço a averiguar tudo. E quando chegou a minha vez... Bom. Demonstrei que só estava de passagem. Prova de que a convenci é que continuo vivo.

Ficou pensativo, fazendo tilintar o gelo no copo. Bebeu.

- Apesar do dinheiro dos quadros, de Punta Castor e de tudo o resto - insistiu, e parecia surpreendido -, continuo vivo.

Bebeu novamente. Duas vezes. Pelos vistos, recordar dava-lhe sede. Na realidade, nunca ninguém foi, expressamente, atrás de Santiago Fisterra.

Ninguém. Canabota e aqueles para quem trabalhava só queriam um chamariz, alguém para distrair a atenção, enquanto a verdadeira carga era desembarcada noutra sítio. Essa era uma prática habitual. Calhou ao galego como podia ter calhado a outro. Uma questão de azar. Não era dos que falavam se o filassem. Além disso, era de fora, fazia o que queria e não tinha amigos nem simpatias na zona...

Aquele guarda civil, sobretudo, tinha-o tomado de ponta. De forma que lhe impingiram a ele.

- E a ela.

Fez ranger novamente o assento olhando para as escadas da esplanada como se Teresa Mendoza estivesse prestes a aparecer ali. Um silêncio. Outro toque no copo. Depois endireitou os óculos e disse: lamentavelmente. Calou-se de novo.

Outro gole. Lamentavelmente, ninguém podia imaginar que a Mexicana chegaria até onde chegou.

- Mas insisto em que nada tive a ver com isso. A prova é... foda-se. Já lho disse.

- Que continua vivo.

- Sim - olhava-me desafiante. - Isso prova a minha boa-fé.

- E o que lhes aconteceu, depois?... A Canabota e ao sargento Velasco?

O desafio durou três segundos. Retrocedeu. Sabes tão bem como eu, diziam os olhos dele, desconfiados. Sabe-o qualquer um que tenha lido os jornais. Mas se julgas que sou eu quem to vai explicar, estás feito.

- Sobre isso não sei nada.

Fez o gesto de quem tem um fecho nos lábios, adoptando uma expressão malévola e satisfeita: a de quem se aguenta na vertical mais tempo do que outros que conheceu. Pedi café para mim e outra bebida achocolatada para ele. Da cidade e do porto chegavam-nos os ruídos atenuados pela distância. Um automóvel subiu pela estrada que passava sob a esplanada, com um grande ruído do tubo de escape, na direcção do cimo do Rochedo. Pareceu-me ver uma mulher loura ao volante e um homem com um casaco de marinheiro.

- De qualquer maneira - prosseguiu Eddie Álvarez depois de pensar um bocado -, tudo isso aconteceu depois, quando as coisas mudaram e ela pôde passar a factura... E oiça, tenho a certeza de que quando ela saiu de El Puerto de Santa Maria, o que tinha na cabeça era desaparecer do mundo. Julgo que nunca foi ambiciosa, nem sonhadora... Aposto que nem sequer era vingativa. Limitava-se a continuar viva e mais nada. O que acontece é que às vezes a sorte, depois de nos tratar tão mal, acaba montando-nos casa.

Um grupo de gibraltarinhas ocupou uma mesa vizinha. Eddie Álvarez conhecia-os e foi cumprimentá-los. Isso deu-me oportunidade de o observar de longe: a sua forma servil de sorrir, de apertar a mão, de ouvir como quem espera dicas sobre o que há-de dizer, ou de se comportar. Um sobrevivente, confirmei. A espécie de filho da puta que sobrevive, como o descrevera outro Eddie, neste caso de apelido Campello, também gibraltarinha, velho amigo meu e editor do semanário local Vox. O amigalhaço nem tomates para trair tinha, disse Campello quando o interroguei sobre a relação do advogado com Teresa Mendoza.

O assunto de Punta Castor foi de Canabota e do guarda. Álvarez limitou-se a ficar com o dinheiro do galego. Mas aquela mulher estava-se nas tintas para o dinheiro. A prova é que depois resgatou esse tipo e fê-lo trabalhar outra vez para ela.

- E repare - Eddie Álvarez já estava de regresso à nossa mesa. - Eu diria que a Mexicana continua a não ser vingativa. A onda dela é mais... não sei... se calhar uma questão prática, compreende? No mundo dela não se deixam pontas soltas.

Nessa altura contou-me uma coisa curiosa. Quando a meteram em El Puerto, disse, fui até à casa que ela e o galego tinham em Palmones, para liquidar tudo e fechá-la. E sabe que mais? Ela tinha ido para o mar como tantas outras vezes, ignorando que se tratava da última. No entanto, tinha tudo ordenado nas gavetas, cada coisa no seu lugar. Até dentro dos armários as coisas estavam para passar revista.

- Mais do que calculismo impiedoso, ambição ou espírito de vingança - Eddie Álvarez abanava a cabeça, olhando-me como se as gavetas e os armários explicassem tudo -, eu julgo que a questão de Teresa Mendoza foi sempre o espírito de simetria.

Acabou de varrer a passadeira de madeira, encheu meio copo com tequila e o outro meio com sumo de laranja e foi fumar um cigarro sentada na ponta, descalça, com os pés meio enterrados na areia morna. O sol ainda estava baixo e os seus raios diagonais enchiam a praia de sombras em cada pegada, assemelhando-a a uma paisagem lunar. Entre o quiosque e a beira-mar estava tudo limpo e ordenado, esperando os banhistas que começariam a chegar a meio da manhã: duas espreguiçadeiras sob cada guarda-sol, cuidadosamente alinhadas por Teresa, com os seus colchões às riscas azuis e brancas bem sacudidos e colocados no lugar. Havia calma, o mar estava tranquilo, silenciosa a água junto à areia e o sol levante resplandecia com um brilho alaranjado e metálico entre as silhuetas em contraluz dos escassos passeantes: reformados na sua caminhada matinal, um casal jovem com um cão, um homem solitário que olhava para o mar ao pé de uma imperial enterrada na areia. E no fim da praia e da claridade, Marbella atrás dos pinheiros, das palmeiras e das magnólias, com os telhados das suas moradias e com as suas torres de cimento e vidro alongando-se na névoa dourada, em direcção a este.

Apreciou o cigarro, desfeito e tornado a enrolar, como de costume, com um pouco de haxixe. Tony, o encarregado do quiosque, não gostava que ela fumasse outra coisa além de tabaco quando ele andava por ali; mas àquelas horas Tony ainda não tinha chegado e os banhistas ainda demorariam um pouco a encher a praia - eram os primeiros dias da temporada -, de modo que podia fumar

tranquilamente.

E aquela tequila acompanhando o sumo de laranja, ou vice-versa, caía que nem ginjas. Estava desde as oito da manhã - café simples sem açúcar, pão com azeite, um donut - arrumando espreguiçadeiras, varrendo o quiosque, colocando cadeiras e mesas, e tinha pela frente um dia de trabalho idêntico ao anterior e ao seguinte: copos sujos atrás do balcão e, no balcão e nas mesas, limonada granizada, orchata, café com gelo, cuba-livre, água mineral, com a cabeça em água e a camisola ensopada em suor, sob o tecto de palma por onde se filtravam os raios de sol: uma asfixia húmida que lhe fazia lembrar Altata no Verão, mas com mais gente e com mais cheiro a bronzeador. Atenta, além disso, à impertinência dos clientes: pedi-o sem gelo, oiça, ouve, pedi-o com limão e com gelo, não me digas que não tens Fanta, você trouxemo com gás e eu pedi-lhe sem gás. Porra! Aquela espanholada ou gringada veraneante, com os seus calções floridos e as suas peles avermelhadas e oleosas, os seus óculos de sol, as suas crianças guinchonas e as suas carnes transbordando dos fatos de banho, t-shirts e páreos, eram piores, mais egoístas e tinham ainda menos consideração do que aqueles que frequentavam os puticlubes de Dris Larbi. E Teresa passava entre eles doze horas por dia, de cá para lá, sem tempo para se sentar dez minutos, a velha fractura do braço ressentindo-se do peso da bandeja com as bebidas, o cabelo em duas tranças e um lenço em redor da testa para que as gotas de suor não lhe escorressem para os olhos. Sempre com o olhar desconfiado de Tony cravado na nuca.

Mas não se estava mal de todo, ali. Aquele bocadinho de manhã, quando acabava de ordenar as espreguiçadeiras e ficava tranquila na praia diante do mar, esperando em paz. Ou quando à noite passeava pela beira-mar, a caminho da sua modesta pensão na parte velha de Marbella, como fazia noutros tempos - há séculos - em Melilla, ao fechar o Yamila. Ao que mais lhe custara habituar-se quando saiu de El Puerto de Santa Maria fora à agitação da vida cá fora, aos ruídos, ao tráfego, às pessoas acotoveladas nas praias, à música ensurdecidora de bares e discotecas, à multidão que enchia a costa de Torremolinos a Sotogrande. Depois de um ano e meio de rotina e ordem estritas, Teresa adquirira hábitos que, ao fim de três meses de liberdade, ainda a faziam sentir-se mais incómoda ali do que atrás das grades. Na cadeia contavam-se histórias sobre presos com longas penas que, ao sair, tentavam regressar àquilo que para eles era já a única casa possível. Teresa nunca acreditou nisso até que um dia, fumando sentada no mesmo sítio onde estava agora, sentiu de súbito a nostalgia da ordem, da rotina e do silêncio que havia atrás das grades. A cadeia não é lugar senão para os desgraçados, tinha dito Pati uma vez. Para os que carecem de sonhos. O abade Faria - Teresa tinha acabado O Conde de Montecristo e também

muitos outros livros, e continuava comprando romances que se amontoavam no seu quarto da pensão - não era dos que consideravam a cadeia um lar. Pelo contrário: o velho prisioneiro ansiava sair para recuperar a vida que lhe tinham roubado. Tal como Edmundo Dantes, mas demasiado tarde. Depois de pensar muito nisso, Teresa tinha chegado à conclusão de que o tesouro daqueles dois era apenas um pretexto para se manterem vivos, para sonhar com a fuga, para se sentirem livres apesar dos ferrolhos e dos muros do castelo de If. E no caso da Tenente OTarrell, a história da coca perdida era também, à sua maneira, uma forma de manter-se livre. Talvez por isso Teresa nunca tenha acreditado muito nela. Quanto à cadeia como lar de desgraçados, talvez fosse verdade. Daí que sentisse as suas nostalgias carcerárias, quando elas lhe surgiam, demasiado vinculadas ao remorso; como pecados desses que, segundo os padres, vinham quando se dava muitas voltas a certas coisas na cabeça. E, no entanto, em El Puerto, tudo era fácil, porque as palavras liberdade e amanhã eram apenas coisas abstractas que esperavam no fim do calendário. Agora, pelo contrário, vivia finalmente entre aquelas folhas com datas longínquas que há meses não significavam mais do que números na parede e que, de improviso, se convertiam em dias de vinte e quatro horas e em madrugadas cinzentas que continuavam a encontrá-la acordada.

E agora?, perguntara a si própria ao ver a rua à sua frente, fora dos muros da prisão. A resposta forneceu-a Pati OTarrell, recomendando-a a uns amigos que tinham quiosques nas praias de Marbella. Não te farão perguntas nem te explorarão demasiado, disse. Também não te comerão, se não quiseres. Aquele trabalho permitia-lhe continuar em liberdade condicional - restava-lhe mais de um ano para saldar a sua dívida com a Justiça - com a única limitação de permanecer localizável e de se apresentar um dia por semana no comissariado local. Também lhe proporcionava o suficiente para pagar o quarto na pensão da calle San Lázaro, os livros, a comida, alguma roupa, o tabaco e as doses de haxe marroquino - oferecer a si própria uns snifes de coca estava agora fora do seu alcance - para animar os Bisonte que fumava nos momentos de calma, às vezes com um copo na mão, na solidão do seu quarto ou na praia, como agora.

Uma gaivota desceu planando até à beira-mar, atenta, roçou a água e afastou-se mar adentro sem conseguir nenhuma presa. Lixaste-te, pensou Teresa aspirando o fumo e vendo-a ir embora. Cabrona com asas da puta que te pariu. Antes gostava das gaivotas; achava-as românticas, até começar a conhecê-las viajando para cima e para baixo com a Phantom pelo Estreito, sobretudo num dia, ao princípio, quando tiveram uma avaria a meio do mar enquanto testavam o motor, Santiago ficou a arranjá-lo durante muito tempo, ela deitou-se a descansar vendo-as esvoaçar lá perto e ele aconselhou-a a cobrir a cara, porque eram



capazes, disse, de bicá-la se adormecesse. A lembrança chegou-lhe com imagens bem precisas: a água imóvel, as gaivotas flutuando sentadas em redor da lancha ou andando às voltas lá em cima, e Santiago na popa, a carcaça negra do motor no poço e ele cheio de óleo até aos cotovelos, com o tronco nu e a tatuagem do Cristo do seu apelido num braço e, no outro ombro, aquelas iniciais que ela nunca chegou a saber de quem eram.

Aspirou mais umas baforadas, deixando que o haxixe lhe diluísse indiferença ao longo das veias, rumo ao coração e ao cérebro. Tentava não pensar muito em Santiago, tal como tentava que uma dor de cabeça - ultimamente doía-lhe com frequência - nunca chegasse a instalar-se completamente e, quando tinha os primeiros sintomas, tomava duas aspirinas antes que fosse tarde demais e a dor ficasse ali durante horas, envolvendo-a numa nuvem de mal-estar e irreabilidade que a deixava exausta. Regra geral tentava não pensar demasiado, nem em Santiago, nem em ninguém, nem em nada; tinha descoberto demasiadas incertezas e horrores à espreita em cada pensamento que fosse para além das coisas imediatas, práticas.

Às vezes, sobretudo quando estava deitada sem conseguir conciliar o sono, recordava sem poder evitá-lo. Mas se não vinha acompanhado de reflexões, esse olhar retrospectivo já não lhe causava satisfação ou dor; só uma sensação de movimento em direcção a lugar nenhum, lenta como um barco à deriva, deixando para trás pessoas, objectos, momentos.

Por isso agora fumava haxixe. Não pelo antigo prazer (também por isso), mas porque o fumo nos pulmões - talvez este tenha viajado comigo em fardos de vinte quilos desde a moirama, pensava às vezes, divertida com o paradoxo, quando contava os tostões para pagar uma beca de chamon - acentuava aquele distanciamento que também não trazia consolo nem indiferença, mas uma suave dormência, pois nem sempre tinha a certeza de ser ela própria quem se olhava, ou se recordava; como se fossem várias as Teresas acoitadas na sua memória e nenhuma delas tivesse relação directa com a actual. Se calhar, o que acontece é que isto é a vida, dizia para consigo desconcertada, e o passar dos anos, a velhice, quando chegar, não é mais do que olhar para trás e ver as muitas pessoas estranhas que fomos e nas quais não nos reconhecemos. Com essa ideia na cabeça ia buscar às vezes a fotografia rasgada, ela com a sua carinha de chavala com os jeans e o blusão, e o braço do Gúero Dávila em cima dos ombros, aquele braço amputado e nada mais, enquanto os traços do homem que já não estava na meia fotografia se misturavam na sua lembrança com os de Santiago Fisterra, como se os dois tivessem sido um, num processo oposto ao da miúda de olhos negros e grandes, partida em tantas mulheres diferentes que era impossível reconstituí-la numa só. Assim matutava Teresa de vez em quando, até se

aperceber de que essa era, ou podia ser, precisamente, a armadilha. Então solicitava em seu auxílio a mente em branco, o fumo que lhe percorria lentamente o sangue e a tequila que a acalmava com o seu sabor familiar e com o torpor que acabava por acompanhar cada excesso. E aquelas mulheres que se lhe assemelhavam, e a outra sem idade que, de fora, as olhava a todas, iam ficando para trás, flutuando como folhas mortas na água.

Por isso, agora, também lia tanto. Ler, tinha aprendido na cadeia, sobretudo romances, permitia-lhe habitar a sua cabeça de uma forma diferente; como se ao esfumar-se a fronteira entre realidade e ficção pudesse assistir à sua própria vida como quem presencia coisas que acontecem aos outros. Além de se aprender coisas, ler ajudava a pensar de outra maneira, ou melhor, porque nas páginas outros o faziam por ela. Era mais intenso que no cinema ou nas séries de televisão; estas eram versões concretas, com caras e vozes de atrizes e actores, enquanto nos romances podíamos aplicar o nosso ponto de vista a cada situação ou personagem. Até a voz de quem contava a história: umas vezes narrador conhecido ou anónimo e outras a própria pessoa. Porque ao passar cada folha - descobriu isso com prazer e surpresa - o que se faz é escrevê-la de novo. Ao sair de El Puerto, Teresa tinha continuado a ler guiada por intuições, títulos, primeiras linhas, ilustrações das capas. E agora, além do seu velho Montecristo encadernado a couro, tinha livros próprios que ia comprando pouco a pouco, edições baratas que arranjava nas feiras de rua ou em lojas de livros usados, ou volumes de bolso que adquiria depois de dar voltas e mais voltas àqueles expositores giratórios que algumas lojas tinham. Dessa forma, leu romances escritos há muito tempo por cavalheiros e senhoras que às vezes eram retratados nas badanas ou na contracapa, e também romances modernos que tinham a ver com o amor, com aventuras, com viagens. De todos eles, os seus favoritos eram Gabriela, Cravo e Canela, escrito por um brasileiro chamado Jorge Amado, Ana Karenina, que era a vida de uma aristocrata russa escrita por outro russo, e História de Duas Cidades, que a fez chorar no fim, quando o valente inglês - Sidney Carton chamava-se - consolava a jovem assustada pegando-lhe na mão a caminho da guilhotina. Também leu aquele livro sobre um médico casado com uma milionária que, no princípio, Pati lhe aconselhara a deixar para mais tarde; e outro bem estranho, difícil de compreender, mas que a subjugara porque reconheceu desde o primeiro instante a terra, a linguagem e a alma das personagens que transitavam pelas suas páginas. Chamava-se Pedro Páramo, e embora Teresa nunca chegasse a desvendar o seu mistério, voltava constantemente a esse livro, abrindo-o ao acaso para reler páginas e páginas. A forma como ali fluíam as palavras fascinava-a como se se debruçasse sobre um lugar desconhecido, tenebroso, mágico, relacionado com alguma coisa que ela

própria possuía - disse tinha a certeza - nalgum lugar obscuro do seu sangue e da sua memória: Vim a Comala porque me disseram que aqui vivia o meu pai, um tal Pedro Páramo...

E dessa forma, após as suas muitas leituras em El Puerto de Santa Maria, Teresa continuava acumulando livros, um atrás do outro, no dia livre de cada semana, nas noites em que resistia ao sono. De vez em quando até conseguia manter à distância o medo familiar da luz cinzenta ao amanhecer, naquelas vezes em que se tornava insuportável, abrindo o livro que estava sobre a mesa-de-cabeceira.

E assim Teresa verificou que aquilo que não era mais do que um objecto inerte de papel e tinta ganhava vida quando alguém passava as suas folhas e percorria as suas linhas, projectando aí a sua existência, as suas inclinações, os seus gostos, as suas virtudes ou os seus vícios. E agora tinha a certeza de uma coisa vislumbrada ao princípio, quando comentava com Pati Otarell as andanças do infeliz e mais tarde feliz Edmundo Dantes: que não há dois livros iguais porque nunca houve dois leitores iguais. E que cada livro lido é, como cada ser humano, um livro singular, uma história única e um mundo à parte.

Tony chegou. Jovem ainda, barbudo, com um brinco numa orelha, pele bronzeada por muitos Verões em Marbella. Uma t-shirt estampada com o touro da Osborne.

Um profissional da costa, dedicado a viver dos turistas, sem complexos. Sem sentimentos aparentes. Enquanto lá esteve, Teresa nunca o tinha visto chateado nem de bom-humor, iludido com alguma coisa ou decepcionado com nada. Dirigia o quiosque da praia com uma eficácia desapaixonada, ganhava bom dinheiro, era educado com os clientes e inflexível com os importunos e arruaceiros. Guardava sob o balcão um bastão de basebol para as emergências e servia gratuitamente bicas com cheirinho, de manhã, e gin tónicos, fora das horas de serviço, aos guardas municipais que patrulhavam as praias. Quando Teresa foi procurá-lo, acabada de sair de El Puerto, Tony olhou-a e voltou a olhá-la e depois disse que uns amigos de uma amiga tinham pedido que lhe desse trabalho, e que por isso o dava. Nada de drogas aqui, nada de álcool diante dos clientes, nada de engates com eles, nada de meter a mão na caixa ou ponho-te no olho da rua; e, tratando-se da caixa, além disso parto-te a cara. O dia de trabalho é de doze horas, mais o tempo que demores a arrumar quando fecharmos, e começa às oito da manhã. Aceitas ou não. Teresa aceitara. Precisava de um trabalho legal para manter vigente a liberdade condicional, para comer, para dormir sob um tecto. E Tony e o seu quiosque eram tão bons ou tão maus como qualquer outra coisa.

Acabou a gánzá com a brasa queimando-lhe as unhas e emborcou de um gole

o resto da tequila com sumo de laranja. Os primeiros banhistas começavam a chegar com as suas toalhas e os seus cremes bronzeadores. O pescador da cana continuava à beira-mar e o Sol estava cada vez mais alto no céu, aquecendo a areia. Um homem com bom aspecto fazia exercício para lá das espreguiçadeiras, brilhando de suor como um cavalo depois de uma longa corrida. Quase podia cheirar-se a pele. Teresa esteve a olhar para ele um bocado, para o ventre plano, os músculos das costas tensos a cada flexão e a cada volta do tronco. De vez em quando parava para recuperar o fôlego, com as mãos nas ancas e a cabeça baixa, olhando para o chão como se pensasse, e ela observava-o com as suas próprias coisas rondando-lhe a cabeça. Ventres planos, músculos dorsais. Homens com peles curtidas cheirando a suor, no cio sob as calças. Bolas! Era tão fácil engatá-los e, no entanto, tão difícil, apesar de tudo e de serem tão previsíveis. E que simples podia chegar a ser uma chavala quando pensava com a xoxotinha, ou simplesmente quando pensava tanto que no fim acabava na mesma, pensando com aquilo mesmo, atarantada com tanta esperteza. Desde que estava em liberdade, Teresa tinha tido um único contacto sexual: empregado jovem de quiosque na outra ponta da praia, num sábado à noite em que, em vez de ir para a pensão, ficou por ali, bebendo uns copos e fumando um pouco sentada na areia, olhando para as luzes dos pesqueiros ao longe e desafiando-se a si própria a não recordar. O empregado aproximou-se dela no momento certo, giraço e simpático ao ponto de a fazer rir, e acabaram algumas horas mais tarde no carro dele, num terreno abandonado perto da praça de touros. Foi um encontro improvisado, ao qual Teresa assistiu com mais curiosidade que desejo real, atenta a si própria, absorta nas suas próprias reacções e sentimentos. O primeiro homem em ano e meio, coisa pela qual muitas colegas de prisa teriam dado meses de liberdade.

Mas escolheu mal o momento e a companhia, tão inadequada como o seu estado de espírito. Aquelas luzes no mar negro, concluiu mais tarde, foram as culpadas. O empregado, um chavalo parecido com o que fazia exercício na praia junto às espreguiçadeiras - só aí é que lhe veio a lembrança - acabou por ser egoísta e desajeitado; e o carro, e o preservativo que ela o obrigou a colocar depois de procurarem durante um tempão uma farmácia de serviço, não melhoraram as coisas. Foi um encontro decepcionante; incómodo até para ela conseguir abrir o fecho dos jeans num espaço tão reduzido. Quando acabaram, o outro tinha uma vontade visível de ir dormir e Teresa estava insatisfeita, furiosa consigo própria, e mais ainda com a mulher calada que olhava para ela atrás do reflexo da brasa do cigarro no vidro: um pontinho luminoso igual ao daqueles pesqueiros que se afadigavam na noite e nas suas recordações. De modo que vestiu outra vez as calças, saiu do carro, os dois disseram vemo-nos por aí e, ao

separar-se, nenhum deles tinha chegado a saber sequer o nome do outro, e que fosse prò raio que o parta aquele a quem importasse. Nessa mesma noite, ao chegar à pensão, Teresa tomou um duche longo e quente e depois embebedou-se nua na cama, de barriga para baixo, até vomitar durante muito tempo entre arrancos de bÍlis, adormecendo finalmente com uma mão entre as coxas e os dedos dentro do sexo.

Ouvia rumores de Cessnas e motores de lanchas, e também a voz de Luis Miguel cantando na cassette em cima da mesa-de-cabeceira, si nos dejan / si nos dejan / nos vamos a querer toda la vida (1).

Acordou nessa mesma noite, trémula na escuridão, porque acabava finalmente de descobrir, em sonhos, o que acontecia no romance mexicano de Juan Rulfo que ela nunca conseguia compreender totalmente por mais que este a prendesse.

Vim a Comala porque me disseram que aqui vivia o meu pai. Poça! As personagens daquela história estavam todas mortas e não sabiam.

*\*(1) Se nos deixarem se nos deixarem toda a vida nos amaremos. (N. da T.)*

- Tens um telefonema - disse Tony.

Teresa deixou os copos sujos no lava-loiça, pousou a bandeja no balcão e percorreu-o até à extremidade. Agonizava um dia duro, calor, tipos sedentos e gajas com óculos escuros e mamocas ao sol - algumas nem vergonha tinham -, todo o tempo a pedir cervejas e refrescos; e a ela ardiam-lhe a cabeça e os pés de andar como entre labaredas na direcção das espreguiçadeiras, de atender mesa após mesa e de suar em bica naquele microondas de areia ofuscante. Estavam a meio da tarde e alguns banhistas começavam a ir embora, mas ainda tinha pela frente algumas horas de trabalho. Secando as mãos no avental, agarrou no telefone. A pausa momentânea e a sombra não a aliviaram grande coisa. Ninguém lhe telefonara desde a sua saída de El Puerto, nem para ali nem para parte nenhuma, e também não conseguia imaginar motivos para que alguém o fizesse agora. Tony devia pensar a mesma coisa, porque a olhava de soslaio, limpando copos que alinhava em cima do balcão. Aquilo, concluiu Teresa, não podia ser notícia boa. - Sim - disse, desconfiada.

Reconheceu-lhe a voz à primeira palavra, sem necessidade de a outra dizer sou eu. Ano e meio ouvindo-a dia e noite era tempo de sobra. Por isso sorriu e depois riu-se em voz alta, com verdadeira alegria. Olha o meu Tenente! Que fixe ouvir-te outra vez, miúda. Como tens passado, etc. Ria-se deveras feliz ao reencontrar do outro lado da linha a voz segura, objectiva, de quem sabia encarar as coisas como sempre foram. De quem se conhecia a si própria e aos outros

porque sabia observá-los, e porque o fora adquirindo nos livros e na educação e na vida, e mais até nos silêncios que nas palavras das pessoas.

E ao mesmo tempo pensava num recanto da sua cabeça, poça, não me lixes, oxalá eu pudesse falar assim tão lindo à primeira, marcar um número de telefone depois de todo este tempo e dizer com tanta naturalidade como vais, Mexicana, grande vadia, espero que tenhas sentido a minha falta enquanto empernavas com meia Marbella agora que ninguém te vigia. Vemo-nos, ou não queres saber de mim?

Então Teresa tinha perguntado se de facto estava cá fora e Pati OTarrell respondeu entre gargalhadas claro que estou cá fora, parva, cá fora há três dias e dando cambalhota atrás de cambalhota para recuperar o tempo perdido, cambalhotas por cima e por baixo e por todas as partes que possas imaginar, que nem durmo nem me deixam dormir, esta é que é a verdade, e não me estou a queixar. E entre uma coisa e outra, cada vez que recupero o fôlego ou a consciência ponho-me a tentar descobrir o teu telefone e finalmente encontro-te, que já era tempo, para te contar que aquelas porcas das guardilhas funcionárias de merda não puderam com o velho abade, que o castelo de If pode ir levando onde tu sabes, e que já vão sendo horas de Edmundo Dantes e do seu amigo Faria terem uma conversa longa e civilizada, nalgum sítio onde o sol não entre através de uma grade como se fôssemos receptores desse basebol gringo que vocês jogam no diacho do teu México. De modo que pensei que podias apanhar um autocarro, ou um táxi se tiveres dinheiro, ou o que quiseses, e vir até Jerez porque amanhã, precisamente, fazem-me uma festinha e - um ruim com outro se quer - reconheço que sem ti as festas me parecem estranhas. Já vês, passarinha. Hábitos da prisa. É o que faz o costume.

Era uma festa a sério. Uma festa num monte jeresiano, desses onde decorre uma eternidade entre o arco da entrada e a casa que fica ao fundo, no fim de um longo caminho de terra e brita, com automóveis caros estacionados à porta e paredes caiadas de ocre com janelas gradeadas que a Teresa faziam lembrar -

aí estava o raio do parentesco, compreendeu - as antigas fazendas mexicanas.

A casa era das que fotografavam para as revistas: móveis rústicos que a antiguidade enobrecia, quadros escuros nas paredes, chão de tijoleira avermelhada e vigas nos tectos. Uma centena de convidados bebia e conversava nas duas grandes salas e no quintal coberto por uma latada que se estendia pela parte de trás, delimitado por um alpendre com bar, uma enorme churrasqueira a lenha com forno e uma piscina. O sol já se punha, e a luz ocre e poeirenta dava uma consistência quase material ao ar quente, no horizonte de ondulações suaves salpicadas de cepas verdes.

- Gosto da tua casa - disse Teresa.

- Oxalá fosse minha.
- Mas pertence à tua família.
- De mim à minha família vai um caminho muito longo.

Estavam sentadas sob a parreira da latada, em cadeirões de madeira com almofadas de linho, com um copo na mão a olhar para as pessoas que andavam por ali. Tudo a condizer com o lugar e com os carros que estavam parados à porta, achou Teresa. Ao princípio ficara preocupada com os seus jeans, os seus sapatos de salto e a sua blusa simples, sobretudo quando ao chegar alguns a olharam de forma estranha; mas Pati OTarrell - com um vestido de algodão malva, lindas sandálias de cabedal bordado, o cabelo louro tão curto como era habitual - tranquilizou-a. Aqui cada um se veste como lhe apetece, disse. E estás muito bem assim. Além disso, esse cabelo apanhado e tão esticado, com o risco ao meio, faz-te bonita. Muito arraçada. Nunca te penteaste assim na prisa.

- Na prisa não estava para festas.
- Mas fizemos algumas.

Riram-se, recordando. Havia tequila, verificou, bebidas de todo o tipo e empregadas fardadas com bandejas de canapés que iam e vinham entre as pessoas.

Tudo como manda o figurino. Dois guitarristas de flamenco tocavam a meio de um grupo de convidados. A música, alegre e melancólica ao mesmo tempo, como que em rajadas, adequava-se ao lugar e à paisagem. Às vezes desafiavam-se com palmas, algumas mulheres jovens iniciavam passos de dança, sevillhanas ou flamenco, meio a brincar, e conversavam com os seus acompanhantes enquanto Teresa invejava a desenvoltura que lhes permitia andar de um lado para outro, cumprimentar-se, conversar, fumar de uma forma elegante como a própria Pati o fazia, com um braço cruzado no regaço, a mão segurando um cotovelo e o braço na vertical, com o cigarro fumegante entre os dedos indicador e médio. Talvez não fosse a mais alta sociedade, concluiu; mas era fascinante observá-los, tão diferentes das pessoas que conhecera com o Gúero Dávila em Culiacán, e a milhares de anos e de quilómetros do seu passado mais próximo e do que ela era ou chegaria a ser algum dia. Até Pati lhe parecia uma ligação irreal entre esses mundos tão díspares. E Teresa, como se olhasse de fora para uma montra brilhante, não perdia pitada do calçado daquelas mulheres, da maquilhagem, dos penteados, das jóias, do aroma dos seus perfumes, da forma de segurar num copo ou de acender um cigarro, de deitar a cabeça para trás quando se riam, apoiando uma mão no braço do homem com quem conversavam. Assim é que se faz, decretou, e oxalá conseguisse aprendê-lo. É assim que se está, que se fala, que se ri ou que se cala; como tinha imaginado nos romances e não como o fingem o cinema ou a televisão. E que bom era poder olhar sendo tão pouca

coisa que ninguém se preocupava connosco; observar com atenção para se aperceber de que a maior parte dos convidados masculinos eram tipos acima dos quarenta, com toques informais na indumentária, camisas abertas sem gravata, casacos escuros, bons sapatos e relógios, peles bronzeadas e não precisamente de trabalhar no campo. Quanto a elas, viam-se dois tipos distintos: mulheres com bom aspecto e longas pernas, algumas um pouco ostentosas na roupa, jóias e bijutaria, e outras mais bem vestidas, mais sóbrias, com menos adornos e maquilhagem, em quem a cirurgia plástica e o dinheiro - uma era consequência do outro - pareciam naturais. As irmãs de Pati, que esta lhe apresentou ao chegar, pertenciam a este último grupo: narizes operados, peles esticadas em salas de operações, cabelo louro com madeixas, forte sotaque andaluz de bom berço, mãos elegantes que nunca lavaram um prato, vestidos de boas marcas.

Na casa dos cinquenta, a mais velha; quarenta e poucos, a mais nova. Parecidas com Pati na testa, no oval da cara, numa certa forma de inclinar a boca quando conversavam ou sorriam. Tinham olhado para Teresa de cima a baixo com a mesma expressão nas sobrancelhas arqueadas, duplos acentos circunflexos daqueles que avaliam e descartam em segundos, antes de voltarem para as suas ocupações sociais e para os seus convidados. Duas porcas, comentou Pati assim que voltaram as costas, justamente quando Teresa estava pensando: bolas que posso ser mesmo parva com a minha pinta de candongueira, talvez devesse ter vestido outra roupa, as pulseiras de prata e uma saia em vez dos jeans, dos sapatos de salto e desta blusa velha que olharam como se fosse um farrapo. A mais velha, comentou Pati, está casada com um vadio imbecil, aquele careca barrigudo que se está a rir naquele grupo além e a outra chula o meu pai como lhe apetece.

Embora na realidade o chulem as duas.

- O teu pai está aqui?

- Pelo amor de Deus! Claro que não! - Pati franzia o nariz com elegância, o copo de whisky com gelo e sem água a meio caminho. - O velho cabrão vive entrincheirado no seu apartamento em Jerez... O campo provoca-lhe alergias - riu-se, maldosa. - O pólen e tudo isso.

- Por que me convidaste?

Sem olhar para ela, Pati acabou de levar o copo aos lábios.

- Pensei - disse, com a boca húmida - que gostarias de beber um copo.

- Há bares para tomar uns copos. E este não é o meu ambiente.

Pati colocou o copo na mesa e acendeu um cigarro. O anterior continuava aceso, consumindo-se no cinzeiro.

- Também não é o meu. Ou, pelo menos, não totalmente - deu uma olhadela em volta, depreciativa. - As minhas irmãs são completamente idiotas: organizar



uma festa é o que entendem por reinserção social. Em vez de me esconderem, mostram-me, entendes? Assim demonstram que não se sentem envergonhadas com a ovelha transviada... Esta noite irão dormir com a crica fria e a consciência tranquila, como é costume.

- Se calhar estás a ser injusta com elas. Talvez estejam realmente felizes.

- Injusta?... Aqui? - mordeu o lábio inferior com um sorriso desagradável.

- Consegues acreditar que ainda ninguém me perguntou como passei na prisa?...

Tema tabu. Só olá, linda. Chuac, chuac. Estás estupenda. Como se tivesse ido de férias para as Caraíbas.

O seu tom de voz era mais superficial que em El Puerto, pensou Teresa. Mais frívolo e loquaz. Diz as mesmas coisas e da mesma maneira, mas há qualquer coisa diferente, como se aqui se sentisse obrigada a dar-me explicações que na nossa vida anterior eram desnecessárias. Observava-a desde o início, quando se afastou de uns amigos para a receber e depois a deixou sozinha algumas vezes, indo e vindo entre os convidados. Demorou algum tempo a reconhecê-la. A atribuir-lhe realmente aqueles sorrisos que espiava de longe, aqueles gestos de cumplicidade com gente que lhe era estranha, os cigarros que aceitava inclinando a cabeça para que lhe dessem lume, deitando de vez em quando uma olhadela a Teresa, que continuava deslocada, sem se aproximar de ninguém porque não sabia o que dizer e sem que ninguém lhe dirigisse a palavra. Finalmente Pati voltou para junto dela e foram sentar-se nos cadeirões do alpendre.

Nessa altura, e pouco a pouco, começou a reconhecê-la. E era verdade que agora explicava demasiado as coisas, justificando-as como se não tivesse a certeza de que Teresa as entendia, ou de que - ocorreu-lhe de repente - as aprovava.

Semelhante possibilidade deu-lhe que pensar. Talvez aconteça, aventurou depois de lhe dar muitas voltas, que os mitos pessoais que funcionam atrás das grades não sirvam cá fora e que, uma vez em liberdade, seja preciso construir novamente cada personagem. Revalidá-la à luz da rua. Por esse caminho, pensou, pode ser que a Tenente O'Tarrell aqui não seja ninguém, ou não seja o que realmente quer ou lhe interessa ser. E pode acontecer, também, que receie comprovar que me dou conta. Quanto a mim, a vantagem é que nunca soube o que fui quando estava dentro, e, talvez por isso, o que sou cá fora não me preocupe. Não tenho de explicar nada a ninguém. Nada sobre o que convencer. Nada que demonstrar.

- Continuas sem me dizer o que faço aqui - disse.

Pati encolheu os ombros. O sol baixava mais no horizonte, incendiando o ar

com uma luz avermelhada. O seu cabelo curto e louro parecia contaminado por aquela luz.

- Cada coisa a seu tempo - semicerrava os olhos, olhando para longe. - Limita-te a aproveitar e depois contas-me o que achaste.

Se calhar era uma coisa muito simples, pensava Teresa. A autoridade, talvez.

Uma tenente sem tropa sob o seu comando, um general reformado cujo prestígio todos desconhecem. Talvez me tenha feito vir por precisar de mim, determinou.

Porque eu a respeito e conheço o último ano e meio da sua vida, e estes não.

Para eles era só uma betinha degradada; uma ovelha negra que se tolera porque é da mesma casta, e há bandos e famílias que nunca renegam os seus em público, mesmo que os odeiem ou desprezem. É por isso, se calhar, que necessita de uma companhia. De uma testemunha. Alguém que saiba e olhe, embora cale. No fundo, a vida é tão simples... Divide-se entre pessoas com quem somos obrigados a falar enquanto bebemos um copo, e pessoas com quem podemos beber durante horas em silêncio, como fazia o Gúero Dávila naquele bar de Culiacán. Gente que sabe, ou que pressente o suficiente para não serem necessárias palavras e que está connosco sem o estar completamente. Só aí, simplesmente. E se calhar é este o caso, embora ignore aonde isto nos leva. A que nova variante da palavra solidão.

- À tua saúde, Tenente.

- À tua, Mexicana.

Chocaram os copos. Teresa olhou em volta, apreciando o aroma da tequila. Num dos grupos que conversavam ao pé da piscina viu um homem jovem, tão alto que sobressaía entre aqueles que o rodeavam. Era esbelto, com o cabelo muito escuro penteado para trás com gel, longo e encaracolado na nuca. Vestia um fato escuro, camisa branca sem gravata, sapatos pretos e brilhantes. O maxilar pronunciado e o nariz grande, curvo, davam-lhe um perfil interessante de águia magra. Um tipo com classe, pensou. Como aquela espanholada de antigamente, que imaginávamos aristocratas, fidalgos e afins - no fim de contas, com alguma coisa se terá embasbacado a Malinche - e que, com certeza, não existiu quase nunca.

- Há gente simpática - disse.

Pati voltou-se para seguir a direcção do seu olhar.

- Ora - grunhiu, céptica. - A mim parecem-me todos um monte de lixo.

- São teus amigos.

- Eu não tenho amigos, colega.

A voz endurecera-lhe por um momento, como nos velhos tempos. Agora parecia-se mais com aquela que Teresa recordava de El Puerto. A Tenente

OTarrell.

- Poça! - retorquiu Teresa na defensiva, entre séria e trocista. - Pensei que tu e eu o éramos.

Pati olhou-a calada e bebeu outro gole. Os seus olhos pareciam rir-se por dentro, com dezenas de pequenas rugas em volta. Mas acabou de beber, pousou o copo na mesa e levou o cigarro aos lábios sem dizer nada.

- De qualquer forma - acrescentou Teresa passado um instante - a música é bonita e a casa é linda. Mereceram a viagem.

Olhava distraída para o tipo alto com cara de águia, e Pati seguiu outra vez a direcção dos seus olhos.

- Sim?... Pois espero que não te conformes com tão pouco. Porque isto é ridículo comparado com o que se pode ter.

Cantavam centenas de grilos na escuridão. Uma lua bonita subia iluminando as vides, prateando cada folha, e a vereda prolongava-se, branca e ondulada, diante dos seus passos. Ao longe brilhavam as luzes do monte. Há muito tempo que estava tudo recolhido e silencioso no enorme casarão. Os últimos convidados deram as boas-noites e as irmãs e o cunhado de Pati estavam de regresso a Jerez depois de uma conversa de circunstância no jardim, com toda a gente a sentir-se desconfortável, a desejar acabar com aquilo, e sem que ninguém mencionasse - a Tenente teve razão até ao fim -, nem de passagem, os três anos em El Puerto de Santa Maria. Teresa, a quem Pati convidou para dormir, perguntava a si própria que diacho teria na cabeça a sua antiga colega de prisa naquela noite.

Ambas tinham bebido muito, mas não o suficiente. E por fim foram dar uma volta para lá do alpendre e do terraço, pela vereda que serpenteava em direcção aos campos do monte. Antes de sair, enquanto algumas criadas silenciosas limpavam as sobras da festa, Pati desapareceu por instantes, voltando depois, surpresa, surpresa, com um grama de pó branco que as deixou bastante desanuviadas, rapidamente convertido em riscos sobre o vidro da mesa. Estava bom até dizer chega e Teresa soube apreciá-lo devidamente, snif, snif, tendo em conta que era o seu primeiro bico (2) desde que a soltaram de El Puerto. Poça, miúda, suspirava. Esta está bué. Depois, desanuviadas e despertas como se o dia acabasse de começar, puseram-se a andar em direcção aos campos escuros do monte, sem pressas. Sem se dirigirem a nenhum lugar determinado. Quero que estejas bem lúcida para o que te vou dizer, insinuou uma Pati a quem era possível reconhecer de novo. Estou mais do que lúcida, disse Teresa. Dispôs-se a ouvir.

*\*(2) Snife de cocaína. (N. da T.)*

Tinha esvaziado outro copo de tequila que já não trazia na mão, porque o deixara cair pelo caminho. E aquilo, pensava sem saber que motivos tinha para pensar assim, parecia-se muito com estar bem novamente. Com sentir-se bem na sua pele, inesperadamente. Sem reflexões nem lembranças. Apenas a noite imensa que se diria eterna e a voz familiar que pronunciava palavras em tom de confiança, como se alguém pudesse espiá-las escondido entre aquela luz estranha que prateava os vinhedos imensos. E também ouvia o canto dos grilos, o ruído dos passos da sua amiga e dos seus próprios pés descalços - tinha deixado os sapatos de salto no alpendre - sobre a terra da vereda.

- Esta é a história - concluiu Pati.

Pois não tenho qualquer intenção de pensar agora na tua história, disse Teresa para consigo. Não penso fazê-lo, nem considerar nem analisar nada esta noite enquanto a escuridão durar e houver estrelas lá em cima, e o efeito da tequila e da dona-branca me mantiver assim pedrada pela primeira vez depois de tanto tempo. Também não sei por que esperaste até hoje para me confiares tudo isso, nem o que pretendes. Ouvi-te como quem ouve uma história. E prefiro assim, porque encarar as tuas palavras de outra maneira obrigar-me-ia a aceitar que existe a palavra amanhã e que existe a palavra futuro; e esta noite, andando por este camininho, a meio destes campos, teus, da tua família ou de quem diacho sejam, mas que devem valer uma pipa, não peço nada de especial à vida.

Digamos que me contaste um lindo relato, ou melhor, acabaste de me contar o que me insinuavas parcialmente quando partilhávamos a cela. Depois vou dormir e amanhã, com a luz na cara, será outro dia.

E no entanto, admitiu, era uma boa história. O namorado crivado de balas, a meia tonelada de coca que nunca ninguém descobriu. Agora, depois da festa, Teresa conseguia imaginar o namorado, um tipo como os que vira ali, de casaco escuro e camisa sem gravata, todo elegante, com verdadeira classe, ao estilo da segunda ou terceira geração do bairro Chapultepec mas em versão melhorada, mimado desde miúdo como aqueles betinhos de Culiacán, que iam para o colégio ao volante dos seus Suzukis 4x4 escoltados por guarda-costas. Um namorado acanalhado e vadio: um bom nariz de grama que fodia com outras e deixava que ela fodesse com outros e com outras, e que se pôs a brincar com o fogo até queimar as mãos, metendo-se em meios onde os erros, as frivolidades e as maneiras de peralvilho mimado se pagam com o coiro. Mataram-no a ele e a outros dois sócios, tinha dito Pati; e Teresa sabia melhor que muitos de que cachorrada estava a falar a sua amiga. Mataram-no por ter enganado e não ter cumprido; e teve uma sorte madrasta porque justamente no dia seguinte, os da Brigada de Estupefacientes, que já seguiam de perto o rasto da outra meia

tonelada de coca e tinham sob escuta até o copo que ele usava para gargarejar quando lavava os dentes, iam deitar-lhe a luva. Limparem-lhe o sebo foi coisa das máfias russas, que eram bem mais drásticas, descontente algum Boris com as explicações sobre a perda suspeita de meia carga chegada num contentor ao porto de Málaga. E aqueles comunistas reciclados em gangsters costumavam limpar o sarampo por igual: após muitas insistências infrutíferas, e esgotada a paciência, um sócio do namorado tinha aparecido morto na sua casa vendo televisão, outro na auto-estrada Cádiz-Sevilha, o namorado de Pati saindo de um restaurante chinês de Fuengirola, bang, bang, bang, baleado quando abria a porta do carro, três na cabeça do namorado e por azar duas nela, atrás de quem não andavam porque todos julgavam, até os sócios falecidos, que fora deixada à margem. Estava à margem... à margem uma merda. Primeiro, porque se atravessou na linha de tiro ao entrar no carro; e depois porque o namorado era do tipo cantador que deixa cair as coisas antes e depois de se vir, ou com o nariz empoadado. Entre umas coisas e outras, acabara contando a Pati que a coca, a meia carga que todos julgavam perdida e arejada no mercado negro, continuava empacotadinha, intacta, numa gruta da costa perto do cabo Trafalgar, esperando que alguém lhe dissesse afinal estás aí. E depois do desaparecimento do namorado e dos outros, a única que conhecia o sítio era Pati. De forma que, quando saiu do hospital e os dos Estupefacientes estavam à espera dela, à hora de lhe perguntarem pela famosa meia tonelada ela tinha arqueado muito as sobancelhas. What. Não sei de que porra estão a falar, disse, olhando-os nos olhos, um a um. E depois de muito dizer tu, direi eu, acabaram por acreditar nela.

- O que pensas, Mexicana?

- Não penso.

Parara e Pati olhava para ela. Em contraluz, a lua destacava-lhe os ombros e o contorno da cabeça, enchendo-lhe de cãs o cabelo curto.

- Faz um esforço.

- Não quero fazê-lo. Não esta noite.

Um clarão. Um fósforo e um cigarro iluminando o queixo e os olhos da Tenente OTarrell. Ela novamente, pensou Teresa. A de sempre.

- A sério que não queres saber por que te contei tudo isso?

- Sei por que o fizeste. Queres recuperar essa quiza (3). E queres que te ajude.

A brasa brilhou duas vezes em silêncio. Estavam novamente a andar.

- Tu já fizeste coisas dessas - insinuou Pati, simplesmente.

- Coisas incríveis. Conheces os sítios. Sabes como ir e voltar.

-E tu?

- Eu tenho contactos. Sei o que fazer depois.

Teresa continuava recusando-se a pensar. É importante, disse para consigo.

Receava ver diante dela novamente, se pensasse demasiado, o mar escuro, o farol cintilando à distância. Ou, se calhar, o que receava era ver de novo a pedra negra onde Santiago se matou e que a ela lhe custara ano e meio de vida e liberdade. Por isso precisava de esperar que amanhecesse e de analisar tudo isso à luz cinzenta do amanhecer, quando tivesse medo. Naquela noite tudo parecia enganosamente fácil.

- É perigoso lá ir - dizê-lo foi inesperado para ela própria.

- Além disso, se os donos ficam a saber...

- Já não há donos. Passou muito tempo. Já ninguém se lembra.

- Dessas coisas lembram-se sempre.

- Bom - Pati deu uns passos em silêncio. - Nesse caso negociaremos com quem for preciso.

Coisas incríveis, dissera anteriormente. Era a primeira vez que a ouvia dizer uma coisa que soasse tanto a respeito, ou a elogio, em relação a ela. Calada e leal, sim; mas nunca uma coisa como aquela. Coisas incríveis. Dizê-lo tão de igual para igual. A delas era uma amizade feita de subentendidos que raras vezes chegava a esse tipo de comentários. Não me está a dar banho, aventurou.

Palpita-me que é sincera. Seria capaz de manipular-me, mas este não é o caso.

Conhece-me e eu conheço-a. Ambas sabemos que a outra sabe.

- E o que ganho eu?

- Metade. A não ser que prefiras continuar como uma pária no quiosque da praia.

*\*(3) Cocaína. (N. da T.)*

Reviveu de uma dolorosa assentada o calor, a t-shirt ensopada, o olhar desconfiado de Tony no outro lado do balcão, a sua própria fadiga animal. As vozes dos banhistas, o cheiro a corpos besuntados de óleos e cremes. Tudo isso estava a quatro horas de autocarro daquele passeio sob as estrelas. Interrompeu as suas reflexões um rumor entre uns ramos próximos. Um esvoaçar que a sobressaltou. É um mocho, disse Pati. Há muitos mochos por aqui. Caçam de noite.

- Se calhar a coca já lá não está - disse Teresa.

E apesar de tudo, acabara por pensar. Apesar de tudo.

## 9. AS MULHERES TAMBÉM PODEM

Tinha chovido toda a manhã. Bátégas densas que crivavam de salpicos a marejada, com as rajadas mais fortes esbatendo intervaladamente a silhueta cinzenta do cabo Trafalgar, enquanto elas fumavam na praia, dentro do Land Rover, com o barco pneumático e o motor fora de borda no atrelado, ouvindo música, vendo a água deslizar pelo pára-brisas e as horas a passar no relógio do painel de instrumentos: Patrícia OTarrell no lugar do condutor, Teresa no outro, com sandes, um termo de café, garrafas de água, maços de cigarros, cadernos com croquis e uma carta náutica da zona, a mais pormenorizada que Teresa conseguira encontrar. Agora o céu continuava sujo - resquícios de uma Primavera que resistia ao Verão - e as nuvens baixas continuavam a deslocar-se para levante; mas o mar, uma superfície ondulante e plúmbea, estava mais tranquilo e só se abria em rasgões brancos ao longo da costa.

- Já podemos ir - disse Teresa.

Saíram, estirando os músculos intumescidos enquanto caminhavam sobre a areia molhada, abrindo depois a porta traseira do Land Rover para tirarem os fatos de mergulho. Persistia uma chuvinha leve, intermitente, e a Teresa arrepiou-se-lhe a pele ao despir-se. Estava, pensou, um frio do caraças. Vestiu as calças justas de neopreno por cima do fato de banho e puxou depois o fecho do casaco sem colocar o capuz e com o cabelo preso por um elástico num rabo-de-cavalo. Duas tipas fazendo pesca submarina com este tempo, disse para consigo. Não me lixes. Espero que se algum papalvo andar chapinhando por aqui, engula a história toda.

- Estás pronta?

Viu que a amiga respondia afirmativamente sem perder de vista a enorme extensão cinzenta que ondulava diante delas. Pati não estava habituada a este tipo de situações, mas encaixava tudo com uma serenidade razoável: nem conversa supérflua, nem nervos. Parecia apenas preocupada, embora Teresa não tivesse a certeza se seria pelo que traziam entre mãos - coisa que inquietaria qualquer pessoa - ou pela novidade de se aventurar naquele mar de aspecto pouco tranquilizador. Reparava-se nisso pelos muitos cigarros fumados durante a espera, um atrás do outro - tinha um na boca, humedecido pelos chuviscos, que a fazia semicerrar os olhos enquanto metia as pernas nas calças de mergulho -, e pela snifada justamente antes de sair do carro, ritual preciso, nota nova enrolada e dois riscos de branquinha sobre a pasta plástica da documentação do veículo. Mas Teresa não quis acompanhá-la dessa vez. Era de outro tipo de lucidez que precisava, pensou acabando de equipar-se, revendo mentalmente a carta náutica

que, de tanto olhar, tinha impressa na cabeça: a linha da costa, a curva para sul em direcção a Barbate, a extremidade escarpada e rochosa no final da praia limpa. E ali, não indicadas pela carta mas assinaladas com precisão por Pati, as duas grandes grutas e a gruta pequena escondida entre ambas, inacessível por terra e quase invisível do mar: as grutas dos Marrajos.

- Vamos - disse. - Restam quatro horas de luz.

Puseram as mochilas e os arpões de pesca submarina no barco pneumático, para manter as aparências e, depois de o desprenderem do atrelado, arrastaram-no até à margem. Era um Zodiac de borracha cinzenta, com nove pés de eslora. O depósito do motor, um Mercury de 15 cavalos, estava cheio de gasolina e pronto, revisto por Teresa no dia anterior, como nos velhos tempos. Encaixaram-no no espelho de popa apertando bem as porcas de orelhas. Tudo em ordem, a coluna da hélice para cima. Depois, uma de cada lado, puxando pelos cabos salva-vidas, levaram a lancha até ao mar.

Mergulhada na água fria até à cintura, enquanto empurrava o barco pneumático para fora da rebentação da margem, Teresa esforçava-se por não pensar.

Queria que as suas lembranças fossem experiência útil e não lastro de um passado acerca do qual só precisava de reter os conhecimentos técnicos imprescindíveis. O resto, imagens, sentimentos, ausências, era uma coisa a que não podia permitir-se nesse momento. Um luxo excessivo. Quem sabe se mortal.

Pati ajudou-a a subir para bordo, chapinhando para trepar o costado de borracha. O mar empurrava o barco pneumático na direcção da praia. Teresa ligou o motor à primeira, com um puxão seco e rápido do cabo do dispositivo de arranque. O ruído dos quinze cavalos alegrou-lhe o coração. Outra vez aqui, pensou. Para o melhor e para o pior. Disse à sua amiga que se pusesse à proa para equilibrar o peso e ela instalou-se ao pé do motor, conduzindo a lancha longe da margem e depois em direcção às rochas negras, na extremidade da areia que brilhava sob a luz cinzenta. A Zodiac portava-se bem. Conduziu tal como Santiago lhe tinha ensinado, evitando as cristas, amura ao mar e deslizando depois de banda pelo outro lado, no centro da marejada. Desfrutando. Bolas, que mesmo assim o mar continuava a ser belo, apesar de ser tão retorcido e cachorro. Inspirou com deleite o ar húmido que trazia espuma de sal, finais de tarde arroxeados, estrelas, caçadas nocturnas, luzes no horizonte, o perfil impassível de Santiago iluminado à contraluz pelo foco do helicóptero, o olho azul cintilante da H-j, as pancadas do casco que repercutiam nos rins sobre a água negra. Sim... Que triste era tudo aquilo e, ao mesmo tempo, que belo.

Agora continuava a choviscar fininho e os salpicos do mar vinham às rajadas.



Observou Pati, vestida com o fato de neopreno azul que lhe moldava o corpo, o cabelo curto sob o capuz dando-lhe um aspecto masculino: olhava para o mar e para as rochas negras sem esconder totalmente a sua apreensão. Se tu soubesses, minha filha..., pensou Teresa. Se tivesses visto por estes rumos as coisas que eu vi... Mas a loirinha comportava-se. Talvez naquele momento tivesse dificuldades, como qualquer um teria - recuperar a carga era a parte fácil do negócio -, em imaginar as consequências, se alguma coisa desse para o torto. Tinham conversado cem vezes sobre essas consequências, incluindo a possibilidade de a meia tonelada já não estar ali. Mas a Tenente OTarrell tinha obsessões e sangue na guelra. Talvez - era a sua faceta menos tranquilizadora - demasiado sangue na guelra e demasiadas obsessões. E isso, pensou Teresa, nem sempre se harmonizava com o sangue-frio exigido por semelhantes esquemas.

Na praia, enquanto esperavam no interior do Land Rover, descobriu uma coisa: Pati era uma amiga mas não uma solução. Havia em tudo aquilo, acabasse como acabasse, um longo caminho que Teresa teria de percorrer sozinha. Ninguém lhe iria facilitar a vida. E, pouco a pouco, sem que ela mesmo conseguisse definir como, a dependência que tinha sentido até essa altura, de tudo e de todos, ou melhor, a sua crença tenaz nessa dependência - era cómoda de suportar e do outro lado só imaginava encontrar o nada -, ia-se transformando numa certeza que era ao mesmo tempo de orfandade madura e de consolo. Primeiro no interior da cadeia, nos últimos meses, e talvez não fossem alheios a isso os livros lidos, as horas acordada esperando o amanhecer, as reflexões que a paz daquele período lhe colocou na cabeça. Depois saiu para o exterior, novamente para o mundo e para a vida; e o tempo decorrido no que acabou por ser apenas outra espera não fez mais do que confirmar esse processo. Mas não teve consciência de nada até à noite em que reencontrou Pati OTarrell. Enquanto passeavam às escuras pelos campos da herdade de Jerez e a ouvia pronunciar a palavra futuro, Teresa vislumbrou como um relâmpago que talvez Pati não fosse a mais forte das duas; como também não o tinham sido, séculos atrás e noutras vidas, o Gúero Dávila e Santiago Fisterra. Poderia acontecer, concluiu, que a ambição, os projectos, os sonhos, mesmo a coragem ou a fé - até a fé em Deus, determinou com um arrepio -, em vez de nos darem forças, as tirassem. Porque a esperança, até o simples desejo de sobreviver, tornam-nos vulneráveis, presos à dor e à derrota possíveis. Talvez aí residisse a diferença entre uns seres humanos e outros, e esse era então o seu caso. Talvez Edmundo Dantes estivesse enganado e a única solução fosse não confiar e não esperar.

A gruta estava escondida atrás de umas rochas que se tinham soltado da escarpa.

Tinham feito um reconhecimento por terra há quatro dias: dez metros acima,

debruçada na falésia, Teresa estudou e anotou cada pedra aproveitando o dia estar claro, a água estar limpa e calma para examinar o fundo, as suas irregularidades e a melhor forma de se aproximarem por mar sem que uma rocha afiada rompesse a borracha da lancha pneumática.

E agora estavam ali, baloiçando na ondulação enquanto Teresa, com leves toques à potência do motor e movimentos em ziguezague da alavanca do leme, tentava manter-se longe das pedras e procurava a passagem mais segura. Por fim compreendeu que a Zodiac só conseguiria meter-se na gruta com mar chão, de modo que rumou à grande abertura da esquerda. E aí, sob a abóbada, num local onde o fluxo e o refluxo não as empurrava contra a parede escarpada, disse a Pati que deixasse cair a fateixa desdobrável amarrada à ponta de um cabo de dez metros. Depois deitaram-se as duas à água escorregando pelos costados da embarcação, e foram com outro cabo até às pedras que a marejada revelava a cada movimento. Levavam às costas mochilas com sacos herméticos, facas, cordas e duas lanternas à prova de água, e flutuavam sem dificuldade graças aos seus fatos de mergulho. Ao chegar, Teresa amarrou o cabo numa pedra, disse a Pati que tivesse cuidado com os espinhos dos ouriços e dessa forma avançaram devagar pela margem rochosa, com a água entre o peito e a cintura, da gruta grande até à gruta pequena. Às vezes um escolho obrigava-as a agarrar-se para não perder o pé, e nessa altura feriam-se nas mãos com as arestas ou sentiam rasgar-se o neopreno nos cotovelos e nos joelhos. Fora Teresa quem, depois de dar uma vista de olhos de cima, insistira em levar aqueles equipamentos.

Protegem-nos do frio, disse, e sem eles a agitação das ondas perto das rochas retalha-nos em postas.

- É aqui - indicou Pati. - Tal como Jimmy dizia... O arco em cima, as três pedras grandes e a pequena. Estás a ver?... É preciso nadar um pouco e depois já temos pé.

A voz dela ecoava no vazio. Ali o cheiro era muito forte, a algas podres, a pedra marinha que as marés e a marejada cobriam e descobriam continuamente.

Deixaram para trás a luz e entraram na penumbra. Lá dentro a água estava mais tranquila. O fundo ainda se via bem quando deixaram de ter pé e nadaram um pouco. Quase no fim encontraram um pouco de areia, pedras e farripas de algas mortas. Atrás estava escuro.

- Preciso da merda de um cigarro - murmurou Pati. Saíram da água e procuraram tabaco nos sacos impermeáveis das mochilas. Depois puseram-se a fumar olhando uma para a outra.

O arco de claridade da entrada reflectia-se na água de permeio e iluminava-as na penumbra cinzenta: molhadas, com o cabelo húmido e a fadiga na cara. E agora?, pareciam interrogar-se em silêncio.

- Espero que continue aqui - murmurou Pati.

Ficaram um bocado como estavam, acabando os cigarros. Se a meia tonelada de cocaína estivesse de facto a alguns passos, nada nas suas vidas voltaria a ser igual assim que percorressem essa distância. Ambas o sabiam.

- Vá... ainda estamos a tempo, miúda.

- A tempo de quê?

Teresa sorriu, convertendo o seu pensamento numa piada.

- Sei lá. Se calhar de não olhar.

Pati sorriu também, distante. Com o pensamento alguns passos mais à frente.

- Não digas tontices.

Teresa olhou para a mochila que tinha aos pés e agachou-se, remexendo dentro dela. O rabo-de-cavalo tinha-se soltado e as pontas do cabelo pingavam lá para dentro. Tirou a lanterna.

- Sabes de uma coisa? - perguntou, verificando a luz.

- Não. Diz lá.

- Acho que há sonhos que matam... - iluminava as paredes de pedra negra em seu redor, com pequenas estalactites em cima. - Mais ainda do que as pessoas, a doença ou o tempo.

-E...?

- E nada. Pensava, é tudo. Pensava nisso agora mesmo.

A outra olhou-a. Quase sem prestar atenção. Tinha empunhado também uma lanterna e voltava-se para as rochas do fundo, ocupada com as suas próprias reflexões.

- De que diacho estás a falar?

Uma pergunta distraída, que não esperava resposta. Teresa não respondeu.

Limitou-se a olhar para a amiga com atenção, porque a voz dela, mesmo tendo em conta o efeito do eco sob a rocha, parecia estranha. Espero que não vá assassinar-me pelas costas na gruta do tesouro como os piratas dos livros, pensou, apenas um pouco divertida. Apesar de a ideia ser absurda, surpreendeu-se olhando para o cabo tranquilizador da faca de mergulho que saía da sua mochila aberta. Bom, repreendeu-se, não te armes em parva. Esteve a censurar-se no seu íntimo enquanto recolhiam o equipamento, colocavam as mochilas nas costas e se punham a andar com precaução, iluminando-se com as lanternas entre as pedras e as algas. O terreno subia numa inclinação suave. Dois feixes de luz iluminaram um canto. Atrás havia mais pedras e algas secas, em farripas muito espessas amontoadas diante de um buraco na parede.

- Deveria estar aí - disse Pati.

Poça, reparou Teresa, caindo em si. Acontece que à Tenente Otarell lhe treme a voz.

- A verdade - disse Nino Juárez - é que tiveram tomates. Nada no antigo comissário chefe do DOCS - grupo contra a Delinquência Organizada da Costa del Sol - denunciava o polícia. Ou o ex-polícia. Era pequeno e quase frágil, com uma barbinha loura; vestia um fato cinzento, sem dúvida muito caro, gravata e lenço de seda a condizer que lhe saía do bolso do casaco e um Patek Philippe brilhava-lhe no pulso esquerdo sob o punho da camisa às riscas cor-de-rosa e brancas, com botões de punho chamativos e de design. Parecia saído das páginas de uma revista de moda masculina, embora na realidade viesse do seu escritório na Gran Via de Madrid. Saturnino G. Juárez, lia-se no cartão que eu trazia na carteira. Director de segurança interna. E, a um canto, o logotipo de uma cadeia de lojas de moda, daquelas que facturam centenas de milhões todos os anos. Vejam lá como são as coisas, pensei. Depois do escândalo que, há uns anos atrás, quando era mais conhecido por Nino Juárez ou comissário Juárez, lhe custou a carreira, aqui estava o homem: refeito, impecável, triunfador.

Com esse Gê ponto intercalado, que lhe dava um toque de respeitabilidade, e aspecto de estar a nadar em dinheiro, além de renovadas influências e mandando mais do que antes. A este tipo de indivíduos nunca os encontrávamos nas bichas do desemprego; sabiam demasiado sobre as pessoas e, às vezes, mais do que estas sabiam sobre si próprias. Os artigos aparecidos na imprensa, o relatório dos Assuntos Internos, o despacho da Direcção Geral da Polícia afastando-o do serviço, os cinco meses na cadeia de Alcalá-Meco, eram águas passadas. Que sorte contar com amigos, concluí. Antigos companheiros que devolvem favores, e também ter dinheiro ou boas relações para os comprar.

Não há melhor seguro contra o desemprego que ter o rol dos esqueletos que cada um esconde no armário. Sobretudo se ele próprio os ajudou a escondê-los.

- Por onde começamos? - perguntou, petiscando presunto do prato.

- Pelo princípio.

- Então vamos ter uma longa refeição.

Estávamos na Casa Lúcio, na Cava Baja, e a verdade é que, além do convite para o almoço - ovos com batatas, bife na pedra, Vina Pedrosa de 96, eu pagava a conta -, de certa forma também tinha comprado a sua presença ali. Fi-lo à minha maneira, recorrendo às velhas tácticas. Após a sua segunda negativa para falar sobre Teresa Mendoza e antes que desse ordem à sua secretária para não lhe transferir mais chamadas minhas, pus-lhe sem rodeios a criança nos braços.

Com a sua ajuda ou sem ela, disse, a história vai para a frente. De modo que pode escolher entre aparecer em todo o tipo de posturas, incluindo fotografia de primeira comunhão, ou ficar de fora limpando o suor da testa com bastante alívio. E que mais, perguntou ele. Nem um cêntimo, respondi. Mas pago-lhe um almoço com muito gosto e todos os que forem precisos. Você ganha um amigo,

ou quase, e eu fico a dever-lhe uma. Nunca se sabe. E agora diga-me o que acha.

Acabou por ser suficientemente esperto para ver as coisas de imediato, de modo que combinámos os termos: nada comprometedor na sua boca, poucas datas e pormenores relacionados com ele. E ali estávamos. É sempre fácil entendermo-nos com um patife. Difícil é fazê-lo com os outros; mas estes são em menos quantidade.

- Isso da meia tonelada é verdade - confirmou Juárez. - Neve de boa qualidade, com muito pouco corte. Transportada pela máfia russa que por essa época começava a instalar-se na Costa del Sol e a estabelecer os seus primeiros contactos com os narcos da América do Sul. Aquela tinha sido a primeira operação de importância e o seu fracasso bloqueou a conexão colombiana com a Rússia durante algum tempo... Todos davam por perdida a meia tonelada, e os sudacas (1) fartavam-se de gozar com os ruskis por estes terem despachado o noivo da OTarrell e os dois sócios sem primeiro os fazerem falar.

*\*(1) Nome depreciativo pelo qual são conhecidos os latino-americanos em Espanha. (N. da t.)*

Não faço mais negócios com amadores, contam que disse Pablo Escobar quando ficou a par dos pormenores. E acontece que, de repente, a Mexicana e a outra tiram os quinhentos quilos da manga.

- Como conseguiram a cocaína?

- Isso não sei. Ninguém o soube realmente. A verdade é que apareceu no mercado russo, ou melhor, começou a aparecer. E foi Oleg Yasikov quem a levou para lá.

Eu tinha aquele nome entre as minhas anotações: Oleg Yasikov, nascido em Solntsevo, um bairro bastante mafioso de Moscovo. Serviço militar no ainda exército soviético no Afeganistão. Discotecas, hotéis e restaurantes na Costa del Sol. E Nino Juárez completou-me o quadro. Yasikov tinha atracado na costa de Málaga nos finais dos anos oitenta, trintão, poliglota, vivo, acabado de sair de um voo da Aeroflot e com trinta e cinco milhões de dólares para gastar.

Começou por comprar uma discoteca em Marbella a que chamou Jadranka e que depressa ficou na moda. Alguns anos mais tarde já dirigia uma sólida infraestrutura de branqueamento de dinheiro, baseada na hotelaria e nos negócios imobiliários, terrenos perto da costa e apartamentos. Uma segunda linha de negócios, criada a partir da discoteca, consistia em fortes investimentos na indústria nocturna de Marbella, com bares, restaurantes e locais para a prostituição de luxo tendo como base mulheres eslavas trazidas directamente da Europa Oriental. Tudo limpo, ou quase: branqueamento discreto e evitar chamar

a atenção. Mas o DOCS tinha confirmado os seus vínculos com a Babushka, uma poderosa organização de Solntsevo formada por antigos polícias e veteranos do Afeganistão, especializados em extorsão, tráfico de veículos roubados, contrabando e tráfico de mulheres brancas, bastante interessados também em ampliar as suas actividades ao narcotráfico. O grupo tinha já uma ligação com o norte da Europa: uma rota marítima que ligava Buenaventura com São Petersburgo, via Gotemburgo, na Suécia, e Kutka, na Finlândia. E

encarregaram Yasikov, entre outras coisas, de explorar uma rota alternativa no Mediterrâneo oriental, uma ligação independente das máfias francesas e italianas, que os russos tinham utilizado até essa altura como intermediários.

Era esse o contexto.

Os primeiros contactos com os narcos colombianos - cartel de Medellín - consistiram em trocas simples de cocaína por armas, com pouco dinheiro pelo meio: remessas de Kalashnikov e de lança-granadas RPG procedentes dos depósitos militares russos. Mas a coisa não agradava. A droga perdida era um dos vários empecilhos que incomodavam Yasikov e os seus sócios moscovitas.

E, de repente, quando já nem sequer pensavam nela, aqueles quinhentos quilos caíram do céu.

- Contaram-me que a Mexicana e a outra foram negociar com Yasikov - explicou Juárez. - Pessoalmente, com um saquinho de amostra... Inicialmente, pelos vistos, o russo achou que era tanga e depois aceitou a coisa muito mal. Nessa altura a OTarrell levou o assunto a peito, dizendo-lhe que ela já tinha pago, com os dois tiros que lhe deram quando puseram ao namorado o contador a zero.

Que jogavam limpo e queriam uma compensação.

- Por que não distribuíram elas a droga a retalho?

- Era demasiado, para principiantes. E Yasikov não ia gostar nada.

- Era assim tão fácil identificar a procedência?

- Claro - com movimentos experientes de faca e garfo, o ex-polícia acabava de cozinhar as suas peças de lombo no prato de barro. - Era voxpopuli de quem OTarrel tinha sido namorada.

- Fale-me do namorado.

O namorado, contou Juárez sorrindo depreciativamente enquanto cortava, mastigava e tornava a cortar, chamava-se Jaime Arenas, Jimmy para os amigos.

Sevilhano de boas famílias. Merda pura, se me dá licença. Muito conhecido em Marbella e com negócios familiares na América do Sul. Era ambicioso e julgava-se também muito esperto. Quando teve aquela cocaína à mão, lembrou-se de passar a perna ao tovarich. Com Pablo Escobar não se teria atrevido, mas os russos não tinham a fama que têm agora. Pareciam tontos ou coisa assim.

De modo que ele escondeu a neve para negociar um aumento da sua comissão, apesar de Yasikov já ter pago a pronto, desta vez com mais dinheiro que armas, a parte dos colombianos. Jimmy começou a empatar, até ao tovarich se lhe acabar a paciência. E acabou-se-lhe de tal forma que o levou a ele e a dois sócios pela frente.

- Nunca foram muito finos, os ruskis - Juárez estalava a língua, crítico. -

E continuam a não ser.

- Como se relacionaram esses dois?

O meu interlocutor levantou o garfo, apontando-me com ele, como se aprovasse eu ter feito essa pergunta. Naquela época, explicou, os gangsters russos tinham um problema grave. Como agora, mas pior. E que só lhes faltavam as sirenes, distinguíam-se de longe: grandes, rudes, louros, com aquelas manápulas, aqueles carros e aquelas putas aparatosas que levam sempre com eles. Ainda por cima costumavam ser uma desgraça nas línguas. Assim que punham um pé em Miami ou em qualquer aeroporto americano, a DEA e todas as polícias colavam-se-lhes como lapas. Por isso precisavam de intermediários. Jimmy Arenas fez um bom papel ao princípio. Tinha começado por arranjar-lhes xerez de contrabando para o Norte da Europa. Também tinha bons contactos entre os sudacas e era passador das discotecas da moda de Marbella, Fuengirola e Torremolinos. Mas os russos queriam as suas próprias redes: import-export.

A Babushka, os amigos moscovitas de Yasikov, já arranjava neve a retalho utilizando os percursos da Aeroflot de Montevideu, Lima e Baía, menos vigiados que os do Rio ou de Havana. Ao aeroporto de Cheremetieva chegavam nessa altura quantidades não superiores a meio quilo em correios individuais; mas o funil era muito estreito. O muro de Berlim acabava de cair, a União Soviética desmoronava-se e a coca estava na moda na nova Rússia de dinheiro fácil e golpadas às escâncaras.

- Já vê que não se enganaram nas previsões... - concluiu Juárez. - Para fazer uma ideia, um grama posto numa discoteca de São Petersburgo ou de Moscovo vale agora trinta ou quarenta por cento mais que nos Estados Unidos.

O ex-polícia mastigou o último bocado de carne, ajudado por um longo gole de vinho. Imagine, prosseguiu, o camarada Yasikov espremendo a cabeça à procura de voltar a entrar na dança em grande. E nisto aparece meia tonelada que não exige a montagem de toda uma operação a partir da Colômbia, mas que está ali mesmo, sem riscos, em ponto de caramelo.

- Quanto à Mexicana e à OTarrell, já lhe disse que também não conseguiam fazê-lo sozinhas... Não tinham meios para despachar quinhentos quilos e, ao primeiro grama colocado em circulação, ter-lhes-íamos caído todos em cima: ruskis, a Guarda Civil, a minha própria gente...

Foram suficientemente espertas para se aperceber disso. Qualquer idiota teria começado a passar um pouco aqui, um pouco ali; e antes que a Guarda ou os meus lhes deitássemos a luva, acabariam no porta-malas de algum carro. R.I.P.

- E como sabiam que não ia acontecer isso mesmo?... Que o russo cumpriria a sua parte do acordo?

Não podiam sabê-lo, esclareceu o ex-polícia. De modo que decidiram arriscar.

E a Yasikov caíram-lhe no goto. Sobretudo Teresa Mendoza, que soube aproveitar o contacto para propor variantes do negócio. Teria eu conhecimento daquele galego que fora seu namorado?... Sim?... Pois então. A Mexicana tinha experiência. E acabou por ter também o que é preciso ter.

- Uns tomates - Juárez abarcava com as mãos a circunferência do prato - deste tamanho. E oiça. Assim como há tipas que têm uma calculadora entre as pernas, clic, clic, e tiram partido disso, ela tinha essa calculadora aqui - e batia com um indicador na testa. - Na cabeça. É que, no que diz respeito às mulheres, às vezes ouve-se canto de sereia e sai-nos loba-marinha.

O próprio Saturnino G. Juárez devia sabê-lo melhor do que ninguém. Lembrei-me em silêncio da sua conta bancária em Gibraltar, ventilada na imprensa durante o julgamento. Naquela época Juárez tinha um pouco mais de cabelo e limitava-se a usar bigode; ostentava-o na minha fotografia preferida, onde posava entre dois colegas fardados à porta de um tribunal de Madrid. E eilo aqui agora, ao preço módico de cinco meses de cadeia e expulsão do Corpo Nacional de Polícia, pedindo um conhaque e um havano ao empregado de mesa para fazer a digestão. Poucas provas, má instrução judicial, advogados eficazes. Perguntei a mim próprio quantos lhe deveriam favores, incluindo Teresa Mendoza.

- Enfim... - concluiu Juárez. - Yasikov fez o acordo. Além disso, estavam na Costa del Sol para investir e a Mexicana pareceu-lhe um investimento interessante. De forma que cumpriu o acordo como um cavalheiro... E esse foi o início de uma bela amizade.

Oleg Yasikov olhava para o pacote que tinha em cima da mesa: pó branco num duplo invólucro de plástico transparente e fechado com fita-cola larga e grossa, com a cinta intacta.

Mil gramas exactos, embalados no vácuo, tal como foram acondicionados nos laboratórios clandestinos da selva amazónica do Yari.

- Admito - disse - que vocês têm muito sangue-frio. Sim.

Falava bem espanhol, pensou Teresa. Devagar, com muitas pausas, como se colocasse cuidadosamente uma palavra atrás da outra. O sotaque era muito ligeiro e em nada se parecia aos russos malvados, terroristas e traficantes que



apareciam nos filmes balbuciando ieu matiar iniemigo amiericano. Também não tinha aspecto de mafioso, nem de gangster: tinha a pele clara, os olhos grandes, também claros e infantis, com uma curiosa mistura de azul e de amarelo na íris, e usava o cabelo cor de palha bem curto, à soldado. Vestia umas calças de algodão caqui e uma camisa azul-marinho, com os punhos arregaçados sobre uns antebraços fortes, louros e peludos, com um Rolex de mergulhador no pulso esquerdo. As mãos, com uma aliança de casamento de ouro grosso, descansavam de cada lado do pacote, sem o tocarem, e eram tão grandes como o resto do corpo.

Parecia são, forte e limpo. Pati Otarell tinha dito que era também, e sobretudo, perigoso.

- Deixem-me ver se compreendo. Propõem devolver-me um carregamento que me pertence. Vocês. Se volto a pagar novamente. Como se diz em espanhol?... - refletiu um pouco à procura da palavra, quase divertido. - Extorsão?... Abuso?

- Isso - respondeu Pati - é levar as coisas longe demais. Teresa e ela tinham-no discutido durante horas, do direito e do avesso, desde as grutas dos Marrajos até uma hora antes de comparecerem ao encontro. Todos os prós e os contras foram analisados muitas vezes; Teresa não estava convencida de que os argumentos fossem tão eficazes como a sua colega defendia; mas já era tarde para voltar atrás. Pati - maquilhagem discreta para a ocasião, roupa cara, desenvolta, do tipo dama segura do seu papel - começou a explicar pela segunda vez, embora fosse evidente que Yasikov tinha compreendido à primeira, assim que puseram o quilo empacotado em cima da mesa e depois de o russo ordenar a dois guarda-costas, com uma desculpa que pareceu neutra, que as revistassem para ver se levavam microfones escondidos. A tecnologia, disse, encolhendo os ombros. Assim que os gorilas fecharam a porta, e depois de perguntar se queriam beber alguma coisa - nenhuma delas pediu nada, embora Teresa sentisse a boca seca - sentou-se atrás da mesa, pronto para ouvir. Estava tudo arrumado e limpo. Nem um papel à vista, nem uma pasta. Apenas paredes da mesma cor creme do tapete, com quadros que pareciam caros, ou que deviam sê-lo, um grande ícone russo com muita prata, um fax a um canto, um telefone de várias linhas e um telemóvel em cima da mesa. Um cinzeiro. Um Dupont enorme, de ouro. Todas as poltronas eram de couro branco.

Pelas grandes vidraças do escritório, no último andar de um luxuoso edifício de apartamentos do bairro de Santa Margarita, via-se a curva da costa e a linha de espuma na praia até aos molhes, os mastros dos iates atracados e as casas brancas de Puerto Banús.

- Digam-me uma coisa - Yasikov interrompeu Pati de súbito. - Como o

fizeram?...

Ir até ao sítio onde estava escondido. Trazer isto sem chamar a atenção. Sim. Correram um grande risco. Acho eu. E continuam a correr.

- Isso não importa - respondeu Pati.

O mênfio sorriu. Vá lá, dizia aquele sorriso. Diz a verdade. Tudo bem. Aquele seu sorriso era dos que levam a confiar, pensava Teresa olhando-o. Ou a desconfiar, de tanta confiança que inspiram.

- Claro que importa - contrapôs Yasikov. - Procurei esse produto. Sim. Não o encontrei. Cometi um erro. Com Jimmy. Não sabia que você estava a par...

As coisas teriam sido diferentes, não é verdade? Como o tempo passa!... Espero que esteja recomposta. Do incidente.

- Estou mais que recomposta, obrigada.

- Tenho de agradecer-lhe. Sim. Os meus advogados disseram que nas investigações não mencionou o meu nome. Não.

Pati franziu a boca, sarcástica. No decote do seu vestido via-se a cicatriz de saída na pele bronzeada. Munição blindada, tinha dito. Por isso continuo viva.

- Eu estava no hospital - disse. - Com alguns furos.

- Mais tarde, quero dizer - o olhar do russo era quase inocente. -

Interrogatórios e julgamento. Isso.

- Já vê que tinha os meus motivos. Yasikov reflectiu sobre esses motivos.

- Sim. Compreendo - concluiu. - Mas o seu silêncio poupou-me alguns incómodos.

A polícia julgou que sabia pouco.

Eu achei que não sabia nada. Foi paciente. Sim. Quase quatro anos... Devia ser uma motivação, não é verdade? Lá dentro.

Pati pegou noutra cigarro, que o russo, embora tivesse o Dupont com um palmo de comprimento em cima da mesa, não demonstrou ter intenções de lho acender apesar de ela ter demorado a encontrar o seu próprio isqueiro na carteira.

E deixa de tremer, pensou Teresa olhando-lhe para as mãos. Reprime o tremor dos dedos antes que este cabrão se dê conta e a pose de gajas duras comece a desmoronar-se, indo tudo para o galheiro.

- Os pacotes continuam escondidos onde estavam. Só trouxemos um.

A discussão na gruta, lembrou-se Teresa. As duas ali dentro, contando pacotes à luz das lanternas, entre eufóricas e assustadas. Um para já, enquanto pensamos, e o resto deixa-se tal como está, insistira Teresa. Carregar tudo agora é suicidar-nos, de modo que deixa de ser parva e não me obrigues a sê-lo também. Já sei que te deram uma porrada de tiros e todo esse bolero, mas eu não vim à tua terra fazer turismo, loura do caralho. Não me obrigues a contar-te a história completa que nunca te contei até ao fim. Uma história que não se parece

a ponta de um corno com a tua, que até os balázios tos devem ter dado com perfume de Carolina Herrera. De modo que não me lixes. Neste tipo de esquemas quando se tem pressa, o mais rápido é ir devagar.

- Já lhes ocorreu que posso mandar segui-las?... Sim? Pati apoiava a mão do cigarro no colo.

- Claro que nos ocorreu - inspirou uma baforada de fumo e voltou a pôr a mão onde estava. - Mas não pode. Não até aquele sítio.

- Ora... Misteriosa. São senhoras misteriosas.

- Dar-nos-íamos conta e desapareceríamos à procura de outro comprador.

Quinhentos quilos são muitos quilos.

Yasikov não respondeu àquilo, embora o seu silêncio revelasse que, efectivamente, quinhentos quilos eram demasiados quilos em todos os aspectos.

Continuava olhando para Pati e, de vez em quando, deitava uma olhadela rápida na direcção de Teresa, que continuava sentada na outra poltrona, sem falar, sem fumar, sem se mexer. Ouvia e olhava, contendo a respiração agitada, com as mãos sobre as pernas das calças de ganga para absorver o suor.

Pólo azul clarinho de manga curta, ténis, para o caso de ter de esgalhar entre as patas de alguém, só com as escravas de prata mexicana no pulso direito.

Muito contraste com a roupa elegante e com os tacões de Pati. Estavam ali porque Teresa impôs essa solução. Ao princípio a amiga mostrava-se partidária de vender a droga em pequenas quantidades; mas ela conseguiu convencê-la de que, mais cedo ou mais tarde, os donos iriam atar as pontas. É melhor começarmos como deve ser, aconselhou. Um esquema seguro, mesmo que percamos alguma coisa.

De acordo, respondera Pati. Mas falo eu, porque sei como funciona esse bolchevique de um raio. E ali estavam, com Teresa cada vez mais convencida de que estavam a cometer um erro. Conhecia esse tipo de homens desde miúda.

A língua, o aspecto físico e os costumes podiam ser outros, mas o fundo era sempre o mesmo. Aquilo não levava a lado nenhum, ou melhor, só a um. No fim de contas - compreendia isso demasiado tarde - Pati não passava de uma tipa mimada, da namorada de um betinho canalha que não se meteu naquela vida por necessidade, mas por parvoíce. Um que se fez matar, como tantos. Quanto a Pati, toda a sua vida tinha decorrido numa realidade aparente que nada tinha a ver com o real, e aquele tempo na cadeia tinha acabado por cegá-la ainda mais.

Naquele escritório não era a Tenente OTarrell nem era ninguém. Os olhos azuis debruados a amarelo que as observavam, esses sim, eram o poder. E Pati enganava-se ainda mais depois da grande burrada que fora terem cá vindo. Era um erro colocar as coisas daquela maneira. Refrescar a memória de Oleg Yasikov, depois de tanto tempo.

- É justamente esse o problema - dizia Pati. - Que quinhentos quilos sejam demasiados. Por isso viemos vê-lo primeiro.

- De quem foi a ideia? - Yasikov não parecia lisonjeado. - A primeira opção ser minha. Sim.

Pati olhou para Teresa.

- Dela. Dá mais voltas às coisas... - insinuou um sorriso nervoso entre duas passas do cigarro. - É melhor do que eu a avaliar riscos e probabilidades.

Teresa sentia os olhos do russo examinando-a minuciosamente. Está a perguntar a si próprio o que nos une, concluiu. A cadeia, a amizade, o negócio. Se gosto de homens ou se ela me anda a comer.

- Ainda não sei o que faz - disse Yasikov, fazendo a pergunta a Pati sem afastar os olhos de Teresa. - Nisto. A sua amiga. .

- É minha sócia.

- Ah. É bom ter sócios - Yasikov voltava a prestar atenção a Pati. - Também seria bom conversar. Sim. Riscos e probabilidades. Vocês poderiam não ter tempo de desaparecer em busca de outro comprador... - fez uma pausa calculada.

-

Tempo de desaparecer voluntariamente. Julgo eu.

Teresa apercebeu-se de que as mãos de Pati voltavam a tremer. E oxalá pudesse levantar-me neste momento e dizer Passe bem, don Oleg, vemo-nos por aí.

Lançou-nos o terceiro strike. Fique com a carga e esqueça esta sacanice.

- Talvez devêssemos... - começou a dizer. Yasikov observou-a, quase surpreendido. Mas Pati já estava insistindo com o mênfio: você não ganharia nada. Era o que dizia. Nada, só a vida de duas mulheres. Em troca perderia muito. E a verdade é que, concluiu Teresa, à parte o tremor das mãos que se transmitia às espirais de fumo do cigarro, a Tenente estava a encaixar muito bem tudo aquilo. Apesar de tudo, do erro de estarem ali e tudo o mais, Pati não se acagaçava facilmente. Mas as duas estavam mortas. Esteve quase a dizê-lo em voz alta. Estamos mortas, Tenente. Desliga e vamos embora.

- A vida demora a perder-se - filosofou o russo. Embora, com a continuação da conversa, Teresa compreendesse que não filosofava de todo. - Julgo que no processo intermédio acabam por revelar-se coisas... Não gosto de pagar duas vezes. Não. Consigo grátis. Sim. Recuperá-lo.

Olhava para o pacote de cocaína que tinha em cima da mesa, entre as manámulas imóveis. Pati esmagou, desajeitadamente, o cigarro no cinzeiro que estava a um palmo dessas mãos. Daqui não passas, pensou Teresa desolada, conseguindo cheirar-lhe o pânico. Da merda do cinzeiro. Então, sem pensar, ouviu novamente a sua própria voz: - É possível que o recupere de borla - disse.

- Mas nunca se sabe. É um risco e um incómodo... Você privar-se-ia de um lucro certo.

Os olhos debruados a amarelo cravaram-se nela com interesse.

- O seu nome?

- Teresa Mendoza.

- Colombiana?

- Do México.

Esteve quase a acrescentar Culiacán, Sinaloa, que naqueles esquemas, calculou, era aval a potes. Mas não o fez. Pela boca morre o peixe. Yasikov continuava a observá-la fixamente.

- Privar-me. Diz. Convença-me disso.

Convença-me da utilidade de continuarem vivas, diziam as lendas. Pati encostara-se às costas da cadeira, como um galo exausto recuando na arena.

Tens razão, Mexicana. Já estou a sangrar e agora é a tua vez. Tira-nos daqui.

Teresa sentia a língua colada ao céu-da-boca. Um copo de água. Daria qualquer coisa para ter pedido um copo de água.

- Com o quilo a doze mil dólares - expôs -, meia tonelada deve custar, na origem, uns seis milhões de dólares... Correcto?

- Correcto - Yasikov olhava-a inexpressivo. Cauteloso.

- Não sei quanto lhes cobram os intermediários, mas na União Americana o quilo sairia a vinte mil.

- Trinta mil para nós. Este ano. Aqui - Yasikov continuava sem mover um músculo da cara. - Mais que aos seus vizinhos. Sim. Ianques.

Teresa fez um cálculo rápido. Pôs-se a dar a volta ao miolo. A ela - para sua própria e íntima surpresa - não lhe tremiam as mãos. Não nesse momento. Nesse caso, expôs, e aos preços actuais, meia tonelada colocada na Europa saía a uns quinze milhões de dólares. Isso era muito mais do que, segundo Pati lhe tinha dito, Yasikov e os seus sócios pagaram pela carga original há quatro anos. Que foram, e corrija-me, cinco milhões a pronto e um em... bom... como preferia chamá-lo o senhor?

- Material técnico - respondeu Yasikov, divertido. - Em segunda mão.

Seis milhões no total, concluiu Teresa, entre uma coisa e outra. Material técnico incluído. Mas o que importava, continuou explicando, era que a meia tonelada de agora, a que elas estavam a oferecer, ia custar-lhe apenas outros seis. Um pagamento de três contra a entrega do primeiro terço, outros três como pagamento do segundo terço, e a entrega do resto uma vez confirmado o segundo desembolso. Na realidade limitavam-se a vendê-la a preço de custo.

Viu que o russo reflectia sobre aquilo. Mas não havia hipóteses, disse para consigo. Ainda estás verde, cabrão. Não vês o lucro e, para ti, continuamos a ser

duas mortas de fome.

- Vocês querem - Yasikov negava com a cabeça, lentamente - fazer-nos pagar duas vezes. Essa meia tonelada. Seis e seis.

Teresa inclinou-se para a frente, apoiando os dedos na mesa. E a mim, por que não me tremem, interrogou-se. Por que não me tilintam as sete pulseirinhas como uma serpente cascavel, se estou prestes a levantar-me e a desatar a correr?

- Apesar disso - também a surpreendia a serenidade da sua voz -, continuaria a ficar com uma margem de três milhões de dólares sobre uma carga que dava por perdida e que, palpita-me, já amortizou de alguma outra forma... Mas, para além disso, esses quinhentos quilos de cocaína valem, se fizermos as contas, sessenta e cinco milhões de dólares uma vez cortados e prontos para distribuir a retalho no seu país, ou onde quiser... Deduzindo os gastos antigos e actuais, a sua gente ficará ainda com cinquenta e três milhões de dólares de lucro.

Cinquenta, se deduzir os três de margem para amortizar transporte, atrasos e outros inconvenientes. E terão o vosso mercado abastecido por uma temporada.

Calou-se, atenta aos olhos de Yasikov, com os músculos das costas tensos e o estômago contraído até à dor, devido ao medo. Mas tinha sido capaz de colocar as coisas no tom de voz mais seco e nítido possível como se, em vez de estar a pôr a sua vida e a de Pati em cima da mesa, estivesse a propor uma operação comercial rotineira e sem consequências. O mánfio examinava Teresa e esta sentia também, fixos nela, os olhos de Pati. Mas, por nada deste mundo teria devolvido este segundo olhar. Não olhes para mim, suplicava mentalmente à sua amiga. Nem sequer pestanejes, miúda, ou entornamos o caldo. Continua a existir a possibilidade de este caramelo querer ganhar mais seis milhões de dólares.

Porque ele sabe, tal como eu sei, que acabamos sempre por falar. Quando nos apertam os calos, fala-se sempre. E estes, oh, se apertam!... - Receio... - Começou a dizer Yasikov.

Não passamos daqui, antecipou Teresa para consigo. Bastava olhar para a cara do russo para perceber que népia. A consciência disso atingiu-a como um raio.

Fomos umas chavalitas ingênuas, Pati é uma irresponsável e eu, outra. O medo dava-lhe um nó nas tripas. Estou a ver isto muito mal parado.

- Há mais uma coisa - improvisou. - Haxixe.

- O que se passa com o haxixe?

- Conheço essa área. E vocês não têm haxixe. Yasikov parecia um pouco desconcertado.

- Claro que temos.

Teresa abanou a cabeça, negando com gravidade. Desde que Pati não abra a boca e nos lixe, suplicou. No seu íntimo, o caminho desenhava-se com uma

estranha clareza. Uma porta aberta de súbito e aquela mulher silenciosa, a outra que às vezes se parecia com ela, observando-a do umbral.

- Há um ano e meio - contrapôs - traficavam ninharias aqui e ali e duvido que agora seja diferente. Tenho a certeza de que continuam nas mãos de fornecedores marroquinos, transportadores gibraltarinos e intermediários espanhóis...

Como toda a gente.

O bacano levantou a mão esquerda, a da aliança, para esfregar a cara. Disponho de trinta segundos para o convencer, pensou Teresa, antes de me pôr de pé, sair daqui e desatar a correr para nos agarrarem daqui a alguns dias. E não me lixes. Teria muito pouca graça dar de frosques aos de Sinaloa e chegar assim tão longe para acabar com um chunga de um russo limpando-me o sebo.

- Queremos propor-lhe uma coisa - especificou. - Um negócio. Desses seis milhões de dólares divididos em dois pagamentos, o segundo seria retido por si como associado, fornecendo em troca os meios oportunos.

Um longo silêncio. O russo não lhe tirava os olhos de cima. E eu sou uma máscara índia, pensava ela. Sou uma máscara impassível jogando ao póquer como Raul Estrada Contreras, um jogador profissional, respeitado pelas pessoas porque jogava limpo, etc, ou pelo menos é isso que diz o corrido e este cabrão do caralho não vai arrancar de mim nem um tremor da pálpebra, porque estou a arriscar o coiro. De modo que pode olhar-me à vontade. Como se me olhasse para os marmelos.

- Que meios?

Já és meu, disse Teresa para si própria. Vais ser meu.

- Pois não sei dizer-lhe agora. Ou sei, sim. Lanchas, motores fora de borda.

Locais de recepção. Pagamento dos primeiros contactos e intermediários.

Yasikov continuava esfregando a cara.

- Você percebe disso?

- Não me foda! Estou apostando a minha vida e a da minha amiga... Julgame em situação de vir cantar-lhe rancheras?

E foi assim, confirmou Saturnino G. Juárez, que Teresa Mendoza e Patrícia OTarrell se associaram à máfia russa da Costa del Sol. A proposta que a Mexicana fez a Yasikov nesse primeiro encontro fez pender a balança. E, efectivamente, além daquela meia tonelada de cocaína, a Babushka de Solntsevo precisava do haxixe marroquino para não depender exclusivamente dos traficantes turcos e libaneses. Até essa altura fora obrigada a recorrer às máfias tradicionais do Estreito, mal organizadas, dispendiosas e pouco fiáveis. E a ideia de uma conexão directa era sedutora. A meia tonelada mudou de mãos em troca de três milhões de dólares depositados num banco de Gibraltar, e de outros três destinados a financiar uma infra-estrutura cuja fachada legal se chamou Transer

Naga S. L., com sede social no Rochedo e um discreto negócio de cobertura em Marbella. Daí, Yasikov e o seu pessoal obtiveram, segundo o acordo a que este chegou com as duas mulheres, cinquenta por cento dos lucros do primeiro ano e vinte e cinco por cento do segundo; de modo que, no terceiro, considerou-se a dívida amortizada. Quanto à Transer Naga, era uma empresa de serviços: transportes clandestinos cuja responsabilidade começava no momento em que a droga era embarcada na costa marroquina e terminava quando alguém se encarregava dela numa praia espanhola ou em alto-mar. Com o tempo, por escuta de conversas telefónicas e outras investigações, foi possível determinar que a regra de não participar na propriedade da droga foi imposta por Teresa Mendoza. Baseando-se na sua experiência anterior, defendia que era tudo mais limpo se o transportador não estivesse implicado; isso garantia discrição e também a ausência de nomes e de provas que estabelecessem uma ligação entre produtores, exportadores, intermediários, receptores e proprietários. O método era simples: um cliente expunha as suas necessidades e a Transer Naga assessorava-o sobre a forma de transporte mais eficaz, contribuindo com o profissionalismo e com os meios. Do ponto A ao ponto C, e nós pomos o B. Com o tempo, insinuou Saturnino Juárez enquanto eu pagava a conta do restaurante, só lhes faltou anunciar-se nas páginas amarelas. E essa foi a estratégia que Teresa Mendoza impôs e que sempre manteve, sem cair na tentação de aceitar parte do pagamento em droga, como faziam outros transportadores. Nem sequer quando a Transer Naga converteu o Estreito de Gibraltar na grande porta de entrada de cocaína para o sul da Europa e o pó colombiano começou a entrar às toneladas.



## 10. ESTOU NO CANTO DE UM BAR

Estavam há quase uma hora a escolher roupa. Era a quinta loja em que entravam naquela manhã. O sol iluminava a calle Larios no outro lado da montra: esplanadas com mesas, automóveis, passeantes com roupa leve. Málaga no Inverno. E hoje é a vez de uma exploração operativa, tinha dito Pati. Estou farta de te legar coisas minhas ou de que te vistas como uma criada, de modo que limpa a porcaria das unhas e arranja-te um pouco, que vamos sair. À caça.

A puxar um pouco o lustro ao teu nível social. Confias ou não? E ali estavam.

Tomaram um primeiro pequeno-almoço antes de sair de Marbella e outro na esplanada do Café Central, vendo passar as pessoas. Agora dedicavam-se a gastar dinheiro. Demasiado, na opinião de Teresa. Os preços eram assustadores. E depois?, era a resposta. Tu tens e eu tenho. Além disso, podes considerá-lo um investimento. Com rentabilidade calculada, e isso está bastante de acordo contigo. Outro dia voltas a encher o porquinho, com as tuas lanchas e a tua logística e todo esse parque aquático que estás a organizar, Mexicana. Que nem tudo na vida são motores fora de borda e hélices levogiras, ou como quer que se chamem. Já é mais que tempo de te pores de acordo com a vida que levas. Ou que vais levar.

- O que achas disto?... - Pati deslocava-se com desenvoltura pela loja, tirando roupa dos cabides e deixando a que punha de parte nas mãos de uma empregada que as seguia, solícita. - O fato de calça e casaco nunca passa de moda. E impressiona os tipos, sobretudo no teu, no meu, no nosso ambiente... - punha à frente de Teresa a roupa com os cabides, aproximando-a do corpo para ver o efeito. - As calças de ganga estão muito bem, não há motivos para as deixares. Mas combina-as com casacos escuros. Azul-marinho são perfeitos.

Teresa tinha outras coisas na cabeça mais complexas que a cor de um casaco para vestir com as calças de ganga. Demasiada gente e demasiados interesses.

Horas reflectindo diante de um caderno cheio de números, nomes, lugares. Longas conversas com desconhecidos, que ouvia, atenta e cautelosa, tentando adivinhar, disposta a aprender de tudo e de todos. Agora, muitas coisas dependiam dela e interrogava-se se estaria deveras preparada para assumir responsabilidades que antigamente nem lhe passavam pela cabeça. Pati sabia tudo isso, mas não se importava, ou parecia não se importar. Cada coisa a seu tempo, dizia. Hoje é a vez da roupa. Hoje é a vez de descansar. Hoje é a vez de divertir-se. Além disso, dirigir o negócio é muito mais assunto teu. Tu és a

gerente e eu olho.

- Vês?... Com calças de ganga o que te fica melhor são sapatos rasos, tipo mocassim, e estas bolsas: Ubrique, Valverde del Camino. As bolsas de artesanato andaluz ficam-te bem. Para o dia-a-dia.

Estavam três bolsas daquelas nos embrulhos que enchiam já o porta-bagagem do carro parado no estacionamento subterrâneo da plaza de la Marina. Não passa de hoje, insistia Pati. Nem mais um dia sem encheres um armário com o que necessitas. E vais fazer caso do que te digo. Eu mando e tu obedeces, está bem?... Além disso, vestir é menos uma questão de moda que de bom senso. Vai-te habituando à ideia: pouco mas bom é melhor que muito e mau. O truque é possuir o básico. E depois, a partir daí, ir ampliando. Estás a acompanhar-me?

Poucas vezes estava tão loquaz, a Tenente OTarrell. Teresa acompanhava-a, com efeito, interessada naquela nova maneira de ver a roupa e de se ver a si própria.

Até essa altura, vestir de uma forma ou de outra correspondia a dois objectivos claros: agradar aos homens - aos seus homens - ou sentir-se cómoda. A indumentária como ferramenta de trabalho, conforme dissera Pati arrancando-lhe uma gargalhada, constituía uma novidade. Vestir-se não era apenas comodidade ou sedução. Nem sequer elegância, ou status, mas subtilezas dentro do status. Continuas a acompanhar-me?... A roupa pode ser estado de espírito, carácter, poder. Vestimo-nos como o que somos ou como queríamos ser, e é justamente aí que está a diferença. As coisas aprendem-se, claro. Tal como as maneiras, como comer e conversar. Adquirem-se quando se é inteligente e se sabe olhar. E tu sabes, Mexicana. Nunca vi ninguém que olhe como tu. Cabrita índia. Como se as pessoas fossem livros que lesse.

Aos livros já os conheces, e já vão sendo horas de conheceres também o resto.

Porquê? Porque és minha sócia e minha amiga. Porque vamos passar muito tempo juntas, espero, a fazer grandes coisas. E porque já vão sendo horas de mudarmos de assunto.

- Quanto a vestires a sério - saíam da cabina de provas, depois de Teresa se ver ao espelho com uma camisola de caxemira de gola alta - ninguém diz para vestires de uma forma sensaborona. O que acontece é que, para usar algumas coisas é preciso saber andar. E estar. Não serve a todas. Isto, por exemplo.

Versace, que nem te passe pela cabeça. Com roupa de Versace parecerias uma puta.

- Mas tu, bem que a usas, às vezes.

Pati riu-se. Tinha entre os dedos um Marlboro, apesar do cartaz de proibido fumar e dos olhares de reprovação da empregada. Uma mão no bolso do casaco

de malha, sobre a saia cinzento-escuro. O cigarro na outra. Já o apago, querida, dissera ao acender o primeiro. Era o terceiro que fumava ali.

- Eu tive outro treino, Mexicana. Sei quando devo parecer uma puta ou não.

Quanto a ti, lembra-te de que às pessoas com quem nos relacionamos as impressionam as damas com classe. As senhoras.

- Não me lixes. Eu não sou uma senhora.

- Tu sabes lá... Ser e parecer, chegar a ser ou nunca ser nada, tudo isso tem matizes bastante delicados. Olha, dá uma vista de olhos... Uma senhora, digo-te. Yves Saint-Laurent, coisas de Cha-nel e de Armani para os momentos sérios; loucuras como esta de Galiano, deixa-as para outras... Ou para mais tarde.

Teresa olhava em volta. Não se importava de revelar a sua ignorância ou que a empregada ouvisse a conversa. Era Pati quem falava em voz baixa.

- Nem sempre sei o que é adequado... Combinar é difícil.

- Pois presta atenção a uma regra que não falha: meio a meio. Se da cintura para baixo vais provocante ou sexy, da cintura para cima deves ir discreta.

E vice-versa.

Saíram com os sacos e subiram a calle Larios. Pati fazia-a parar diante de cada montra.

- Para o dia-a-dia e o desporto - prosseguiu -, o ideal é usares roupa de transição; e se te baseares numa marca, procura que tenha um pouco de tudo - apontava para um fato de casaco escuro e leve, de gola redonda que Teresa achou muito bonito. - Como Calvin Klein, por exemplo. Vês?... Quer uma camisola ou um casaco de cabedal, quer um vestido para jantar.

Entraram naquela loja. Era bastante elegante e as empregadas usavam fardas com saias curtas e meias pretas. Pareciam executivas de um filme americano, pensou Teresa. Todas altas e bonitas, muito pintadas, com aspecto de modelos ou hospedeiras. Amabilíssimas. Nunca me teriam dado emprego aqui, concluiu.

Bolas. A reles massa.

- O ideal - disse Pati - é vir a lojas como esta, que tem roupa boa e de várias marcas. Frequentá-la e ganhar confiança. A relação com as empregadas é importante: conhecem-te, sabem do que gostas e o que te fica bem. Dizem-te chegou isto. Mimam-te.

Havia acessórios no andar superior: pele italiana e espanhola. Cintos.

Carteiras. Sapatos maravilhosos de bonitos desenhos. Aquilo, pensou Teresa, era melhor que o Sercha's de Culiacán, onde as mulheres e as garinas dos narcos acorriam tagarelando como loucas, com as suas jóias, os seus cabelos pintados e os seus maços de dólares, duas vezes por ano, no final de cada colheita na serra. Ela própria comprava aí, no tempo do Gúero Dávila, coisas que agora a faziam sentir-se insegura. Talvez porque não tinha a certeza de que fosse ela própria:

tinha chegado longe e era outra quem estava naqueles espelhos de lojas caras, noutro tempo e noutro mundo. Longíssimo. E os sapatos são fundamentais, comentava Pati nessa altura. Mais do que as carteiras. Lembra-te de que, por muito bem vestida que fores, uns sapatos inadequados te desgraçam.

Aos homens, perdoa-se mesmo essas porcarias sem meias que Júlio Iglesias pôs na moda. No nosso caso é tudo mais dramático. Mais irremediável. Depois foram ver perfumes e maquilhagem, cheirando e experimentando tudo sobre a pele de Teresa antes de irem comer carabineiros e ostras ao Tintero, na praia de El Paio. As latino-americanas, argumentava Pati, têm tendência para gostar de perfumes fortes. De modo que tenta suavizá-los. E a maquilhagem, a mesma coisa. Quando se é jovem, a maquilhagem envelhece; quando se é velha, envelhece muito mais... Tu tens uns olhos pretos grandes e bonitos e quando te penteias com o risco ao meio e o cabelo esticado, à mexicana, ficas perfeita.

Dizia-o olhando-a nos olhos, sem desviar a vista um segundo, enquanto os empregados passavam, por entre as mesas colocadas ao sol, com ovas grelhadas, pratos de sardinhas, choquinhos, batatas com alho e azeite. Não havia na sua voz superioridade ou desprezo. Era como quando, recém-chegada a El Puerto de Santa Maria, a pusera ao corrente dos costumes locais. Isto e aquilo. Mas agora Teresa apercebia-se de uma diferença: uma nota de ironia a um canto da boca, nas rugas que se agrupavam em redor das pálpebras ao semicerrá-las quando sorria. Sabes o que pergunto a mim própria, pensava Teresa. Quase que podes ouvi-lo. Porquê eu, se aqui fora não te dou o que de facto gostarias de ter.

Oiço apenas e estou. Deixei-me enganar pela questão do dinheiro, Tenente O'Tarrell. Mas não era o que procuravas. Comigo é simples: sou leal porque te devo muito e porque devo sê-lo. Porque são as regras do estranho jogo que ambas jogamos. É simples. Mas tu não és dessas. Tu consegues mentir e trair e esquecer se for necessário. A questão é: por que não a mim. Ou por que não, ainda.

- A roupa - prosseguiu Pati, sem mudar de expressão - deve adaptar-se a cada momento. É sempre chocante se estamos a almoçar e chega alguém com écharpe, ou a jantar e com mini-saia. Isso só demonstra falta de discernimento ou de educação. Não sabem o que é adequado, de modo que vestem o que lhes parece mais elegante ou mais caro. É o que denuncia a adventícia.

E é inteligente, disse Teresa para consigo. É-o muito mais do que eu e então tenho de interrogar-me por que motivo, no seu caso, as coisas são como são.

Sempre teve tudo. Teve mesmo um sonho. Mas isso foi quando estava atrás de umas grades: mantinha-a viva. Seria bom averiguar o que a mantém agora. Além de beber como bebe, dessas namoradinhas que arranja às vezes, de ficar perdida de tanto snifar e de me contar tudo o que vamos fazer quando formos

multimilionárias. Interrogo-me. E é melhor não continuar a interrogar-me demasiado.

- Eu sou uma adventícia - disse.

Soou quase como uma interrogação. Nunca tinha utilizado essa palavra, nem a tinha ouvido ou lido nos livros; mas pressentia o seu sentido. A outra pôs-se a rir.

- Claro que és. De certa forma, sim. Mas não é preciso ficarem todos a saber. Depressa deixarás de o ser.

Escondia-se alguma coisa obscura na sua expressão, concluiu Teresa. Alguma coisa que parecia magoá-la e diverti-la ao mesmo tempo. Se calhar, pensou de repente, estava dando voltas a uma coisa que não era mais do que a vida.

- De qualquer forma - acrescentou Pati -, se te enganares, a última norma é suportar tudo com a maior dignidade possível. No fim de contas, todas nós nos enganamos alguma vez... - continuava a olhá-la. - Refiro-me à roupa.

Houve mais Teresas que emergiram por aquela altura: mulheres desconhecidas que sempre tinham ali estado sem que ela suspeitasse, e outras novas que se incorporavam aos espelhos e às madrugadas cinzentas e aos silêncios, e que ela descobria com interesse e, às vezes, com surpresa. Aquele advogado gibraltario, Eddie Álvarez, aquele que esteve a gerir o dinheiro de Santiago Fisterra e depois mal se ocupou da defesa legal de Teresa, teve oportunidade de enfrentar algumas dessas mulheres. Eddie não era um homem ousado. O seu relacionamento com os aspectos rudes do negócio era, antes, periférico: preferia não ver e não saber certas coisas. A ignorância - tinha dito durante a nossa conversa no Hotel Rock - é mãe de muita ciência e de não pouca saúde.

Por isso lhe caíram ao chão todos os papéis que levava debaixo do braço quando, ao acender a luz das escadas da sua casa, encontrou Teresa Mendoza sentada nos degraus.

- Puta que o pariu! - exclamou.

Depois ficou mudo durante um bocado, sem dizer nada, apoiado à parede com os papéis aos pés, sem intenção de os recolher e sem intenção de fazer nada além de recuperar o ritmo cardíaco normal; enquanto Teresa, que continuava sentada, o informava lenta e pormenorizadamente do motivo da sua visita. Fê-lo com o suave sotaque mexicano e aquele ar de rapariga tímida que parecia estar em tudo por acaso. Nada de censuras, nem perguntas pelos investimentos em quadros ou pelo dinheiro desaparecido. Nem uma única menção ao ano e meio passado na cadeia, nem à forma como o gibraltario lavou as mãos da sua defesa. De noite tudo parece mais sério, limitou-se a dizer ao princípio.

Impressiona, suponho. Por isso estou aqui, Eddie. Para te impressionar. De vez em quando a luz automática apagava-se; Teresa, do degrau, levantava uma mão até ao interruptor e o rosto do advogado parecia amarelado, com os olhos assustados atrás dos óculos que a pele húmida, oleosa, fazia escorregar pela cana do nariz. Quero impressionar-te, repetiu, certa de que o advogado já o estaria há uma semana, quando os jornais publicaram que ao sargento Ivan Velasco tinham dado seis navalhadas no estacionamento de uma discoteca, às quatro da madrugada, ao dirigir-se, ébrio de certeza, para o seu Mercedes novo. Um toxicodependente, ou alguém que vadiava entre os carros. Roubo comum, como tantos outros.

Relógio, carteira e o resto. Mas o que realmente afectava Eddie Álvarez era o falecimento do sargento Velasco ter tido lugar justamente três dias depois de outro conhecido seu, o homem de confiança António Martínez Romero, aliás, António Canabota, ou Canabota a seco, ter aparecido de barriga para baixo e despido, à excepção das meias, com as mãos amarradas atrás das costas, estrangulado numa pensão de Torremolinos, ao que parece por uma bicha que o abordou na rua uma hora antes do óbito. O que, atando as pontas, dava com efeito para impressionar qualquer um, se esse qualquer um tivesse memória suficiente - e Eddie Álvarez tinha de sobra - para se lembrar do papel que aqueles dois tinham jogado no assunto de Punta Castor.

- Juro-te, Teresa, que não tive nada a ver.

- Com quê?

- Tu sabes. Com nada.

Teresa inclinou um pouco a cabeça - continuava sentada nas escadas - apreciando a questão. Com efeito, ela sabia-o muito bem. Por isso estava ali, em vez de ter conseguido que um amigo de um amigo enviasse outro amigo, como nos casos do guarda civil e do homem de confiança.

Há muito tempo que Oleg Yasikov e ela trocavam pequenos favores, hoje por ti, amanhã por mim, e o russo tinha gente especializada em habilidades pitorescas.

Toxicodependentes e bichas anónimas incluídos.

- Preciso dos teus serviços, Eddie. Os óculos escorregaram novamente.

- Dos meus serviços?

- Papéis, bancos, sociedades. Tudo isso.

Depois Teresa explicou-lhe. E, enquanto o fazia - fácilimo, Eddie, apenas algumas sociedades e contas bancárias, e tu dando a cara -, pensou que a vida dá muitas voltas e que o próprio Santiago se teria rido muito com tudo aquilo.

Também pensava em si própria enquanto falava, como se fosse capaz de duplicar-se em duas mulheres: uma prática, que estava explicando a Eddie

Álvarez o motivo da sua visita - e também o motivo pelo qual continuava vivo -, e outra que apreciava tudo com uma singular ausência de paixão, de fora ou de longe, através do olhar estranho que surpreendia fixo em si própria, e que não sentia rancor, nem desejos de vingança. A mesma que mandou passar factura a Velasco e Canabota, não para ajustar contas mas - como teria dito e na realidade disse mais tarde Eddie Álvarez - por espírito de simetria. As coisas deviam ser o que eram, o balanço devia estar equilibrado e os armários em ordem. E Pati OTarrell estava enganada: nem sempre impressionamos os homens com vestidos de Yves Saint-Laurent.

Terás de matar, tinha dito Oleg Yasikov. Mais cedo ou mais tarde. Fez este comentário num dia em que passeavam pela praia de Marbella, sob o passeio marítimo, diante de um restaurante chamado Tzarevich, de que era proprietário - no fundo Yasikov era um saudosista -, perto do quiosque onde Teresa tinha estado a trabalhar quando saiu da prisão. Não ao princípio, claro. Isso disse o russo. Nem com as tuas próprias mãos. Niet de niet. A não ser que sejas muito apaixonada ou muito estúpida. Não se fiques de fora, limitando-te a olhar.

Mas terás de o fazer se fores à essência das coisas. Se fores conseqüente e tiveres sorte e durares. Decisões. Pouco a pouco. Penetrarás num terreno obscuro. Sim. Yasikov dizia tudo isto com a cabeça baixa e com as mãos nos bolsos, olhando para a areia em frente aos seus sapatos caros - Pati tê-los-ia aprovado, calculou Teresa -; e junto ao seu metro e noventa de estatura e aos seus ombros largos, visíveis sob uma camisa de seda menos sóbria que os sapatos, Teresa parecia mais pequena e frágil do que era, com o vestido curto sobre as pernas morenas e os pés descalços, com o vento empurrando-lhe o cabelo para a cara, atenta às palavras do outro. Tomar as suas decisões, dizia Yasikov com as suas pausas e as suas palavras colocadas uma atrás da outra. Acertos. Erros. O trabalho incluirá, mais cedo ou mais tarde, tirar a vida. Se fores esperta, fazer que a tirem. Neste negócio, Tesa - chamava-a sempre Tesa, incapaz de pronunciar o seu nome completo -, não é possível estar bem com todos. Não.

Os amigos são bons até se tornarem maus. Nessa altura é preciso agir rapidamente. Mas existe um problema. Descobrir o momento exacto. Quando deixam de ser teus amigos.

- Há coisas necessárias. Sim. Neste negócio - Yasikov apontava para os olhos com os dedos indicador e médio. - Olhar para um homem e saber imediatamente duas coisas. Primeira, por quanto se vai vender. Segunda, quando o terás de matar.

No início daquele ano, Eddie Álvarez passou a ser insuficiente. Transer Naga e as suas sociedades de fachada - estabelecidas no escritório que o advogado

tinha em Line Wall Road - iam bastante bem e as necessidades ultrapassavam a infra-estrutura criada pelo gibraltarino. Quatro Phantom com base em Marina Sheppard e duas com a cobertura de embarcações desportivas em Estepona, manutenção de material e pagamento de pilotos e colaboradores - este último incluía meia dúzia de polícias e guardas civis - não eram demasiadas complicações; mas a clientela aumentava, o dinheiro afluía, os pagamentos internacionais eram frequentes e Teresa compreendeu que era preciso aplicar mecanismos de investimento e lavagem mais complexos. Precisavam de um especialista que se mexesse pelos artifícios legais com o maior proveito e o mínimo risco. E eu tenho o homem, disse Pati. Tu conhece-lo.

Conhecia-o de vista. A primeira reunião formal teve lugar num apartamento discreto de Sotogrande. Estavam presentes Teresa, Pati, Eddie Álvarez, e também Teo Aljarafe: trinta e cinco anos, espanhol, especialista em direito fiscal e engenharia financeira. Teresa lembrou-se imediatamente dele quando, três dias antes, Pati o apresentou no bar do Hotel Coral Beach. Reparara nele durante a festa dos OTarrell na herdade de Jerez: magro, alto, moreno. O cabelo preto, abundante, penteado para trás e um pouco comprido na nuca, emoldurava uma cara ossuda e um nariz grande e aquilino. De aspecto bastante clássico, concluiu Teresa.

Tal como imaginamos os espanhóis antes de os conhecermos: magros e elegantes, com aquele ar de fidalgos que depois quase nunca têm. Nem são. Agora conversavam os quatro em volta de uma mesa de madeira de sequóia, com cafeteira de porcelana antiga e chávenas do mesmo serviço, e bebidas num carrinho junto da vidraça que dava para a varanda e que permitia apreciar uma vista magnífica que incluía o porto desportivo, o mar e uma boa porção de costa até às praias longínquas de La Línea e à mole cinzenta de Gibraltar. Tratava-se de um pequeno apartamento sem telefone nem vizinhos, a que um elevador na garagem dava acesso, comprado por Pati em nome da Transer Naga - comprara-o à sua própria família -, e transformado em local de reuniões: boa iluminação, um quadro moderno e caro na parede, quadro de desenho com marcadores deléveis vermelhos, pretos e azuis.

Duas vezes por semana e, em todo o caso, na véspera de cada reunião prevista, um técnico de segurança electrónica recomendado por Oleg Yasikov revistava o local à procura de escutas clandestinas.

- A parte prática está resolvida - dizia Teo. - Justificar receitas e nível de vida: bares, discotecas, restaurantes, lavandarias. O que faz Yasikov, o que faz tanta gente e o que nós faremos. Ninguém controla o número de copos ou de paellas que são servidas. De modo que são horas de abrir uma linha séria que vá por aí. Investimentos e sociedades interligadas ou independentes que justifiquem



até a gasolina do carro. Muitas facturas. Muitos papéis. As Finanças não incomodarão se pagarmos os impostos devidos e tudo estiver em ordem em território espanhol, a não ser que haja acções judiciais em curso.

- O velho princípio - insinuou Pati -, em casa não te armes em esperto.

Não parava de fumar, elegante, distraída, inclinando a cabeça loura e rapada, olhando-os a todos com o desprendimento aparente de quem está só de passagem.

Parecia encarar aquilo como uma aventura divertida. Mais uma.

- Exacto - confirmou Teo. - E, se tiver carta branca, encarrego-me de desenhar a estrutura e de a vos apresentar pronta, integrando o que já têm. Entre Málaga e Gibraltar há sítio e oportunidades de sobra. E o resto é fácil. Uma vez colocados todos os bens em várias sociedades, criaremos outra sociedade holding para a distribuição de dividendos, e vocês continuam sendo insolventes. Fácil.

Tinha o casaco pendurado nas costas da cadeira, o nó da gravata apertado e impecável e as mangas da camisa branca desabotoadas e dobradas nos pulsos.

Falava devagar, com clareza e com uma voz grave que Teresa gostava de ouvir.

Competente e esperto, resumira Pati: uma boa família de Jerez, um casamento com uma menina endinheirada, duas filhas pequenas. Viaja muito a Londres, Nova Iorque, Panamá e sítios assim. Assessor fiscal de grandes empresas. O meu defunto ex-imbecil tinha um ou outro negócio com ele, mas Teo sempre foi muito mais inteligente. Assessora, cobra e fica atrás, num discreto terceiro plano.

Um mercenário de luxo, se é que me entendes. E nunca se suja, que eu saiba.

Conheço-o desde miúda. Também o comi uma vez, quando éramos juvenzinhos. Não era grande coisa na cama. Rápido. Egoísta. Mas naquela época eu também não era grande coisa.

- Quanto aos assuntos sérios, é um tema mais complexo - continuava Teo a dizer.

- Falo de dinheiro a sério, aquele que nunca passará por território espanhol.

E eu aconselharia a esquecer Gibraltar. É um bebedouro de patos. Toda a gente tem lá contas.

- Mas funciona - disse Eddie Alvarez.

Parecia desconfortável. Ciumento talvez, pensou Teresa, que observava os dois homens com atenção. Eddie tinha feito um bom trabalho com a Transer Naga, mas a sua capacidade era limitada. Todos sabiam disso. O gibraltarinho considerava Teo um concorrente perigoso. E tinha razão.

- Funciona de momento - Teo olhava para Eddie com excessiva solícitude,

aquela que se dedica a um deficiente cuja cadeira de rodas se empurra até às escadas mais próximas. - Não discuto o trabalho feito. Mas vocês ali têm tendência a ir bisbilhotar para o pub da esquina e um segredo rapidamente deixa de o ser...

Além disso, por cada três llanitos, um é subornável. E isso dá para os dois lados: tanto podemos fazê-lo nós como a polícia... É bom para traficar com uns quilos ou com tabaco; mas estamos a falar de negócios de envergadura. E, nesse terreno, Gibraltar não dá mais de si.

Eddie empurrou para cima os óculos que lhe escorregavam pelo nariz.

- Não estou de acordo - protestou.

- É-me indiferente - a voz do jeresiano tinha endurecido. - Não estou aqui para discutir tontices.

- Eu sou... - começou Eddie a dizer.

Apoiava as mãos na mesa, voltado primeiro para Teresa e depois para Pati, exigindo a sua mediação.

- Tu és um pé-rapado - interrompeu-o Teo.

Disse-o com suavidade, sem expressão na cara. Desapaixonado. Um médico dizendo a um paciente que a sua radiografia revela manchas.

- Não te consinto...

- Cala-te, Eddie - disse Teresa.

O gibraltarino ficou com a boca aberta a meio da frase. Um cão espancado olhando à volta, desconcertado. Uma gravata mal apertada e o casaco enxovalhado acentuavam o seu desalinho. Tenho que proteger este flanco, disse Teresa para consigo, observando-o enquanto ouvia Pati a rir-se. Um cão espancado pode tornar-se perigoso. Anotou isso na agenda que tinha num canto da cabeça. Eddie Álvarez. A estudar mais tarde. Havia maneiras de assegurar lealdades apesar do despeito. Havia sempre alguma coisa para cada um.

- Continua, Teo.

E o outro continuou. O mais conveniente, disse, era fundar sociedades e transacções de bancos estrangeiros fora do controlo fiscal da Comunidade Europeia: ilhas do Canal, Ásia ou Caraíbas. O problema era que muito desse dinheiro provinha de actividades suspeitas ou delituosas e era recomendável resolver a desconfiança oficial com uma série de coberturas legais, a partir das quais ninguém faria perguntas.

- Quanto ao resto - concluiu - o procedimento é simples: a entrega do material faz-se em simultâneo com a transferência do importe.

Isso prova-se através da ordem a que chamamos Swift: o documento bancário irrevogável expedido pelo banco emissor.

Eddie Álvarez, que continuava dando voltas ao assunto, voltou à carga: - Eu

fiz o que me pediram que fizesse.

- Claro, Eddie - disse Teo. E agradava-lhe aquele sorriso dele, descobriu Teresa. Um sorriso equilibrado e prático: afastada a oposição, não se assanhava com o vencido. - Ninguém te censura nada. Mas já vão sendo horas de descansares um pouco. Sem desleixares os teus compromissos.

Olhava para Eddie e não para Teresa ou para Pati, que continuava como que à margem, com cara de quem se divertia muito. Os teus compromissos, Eddie. Essa era a segunda leitura. Uma advertência. E este gajo percebe, pensou Teresa.

Percebe de cães espancados, porque sem dúvida já arreou uns quantos. Tudo com palavras suaves e sem se despentear. O gibraltarino parecia captar a mensagem, porque se encolheu quase fisicamente. Sem olhar para ele, pelo rabinho do olho, Teresa pressentiu a olhadela inquieta que ele lhe dirigia. Acagaçadíssimo.

Tal como na entrada da sua casa, com todos os papéis espalhados pelo chão.

- O que recomendas? - perguntou Teresa a Teo. O outro fez um gesto que abarcava a mesa, como se estivesse tudo ali, à vista, entre as chávenas de café ou no caderno com capas de pele preta que tinha aberto à sua frente, com uma caneta de ouro em cima e as folhas em branco. As mãos dele, observou Teresa, eram mãos morenas e cuidadas, de unhas achatadas, com uma penugem escura que espreitava sob as mangas arregaçadas duas vezes nos pulsos. Interrogou-se com que idade teria ido para a cama com Pati. Dezoito, vinte anos. Duas filhas, tinha dito a sua amiga. Uma mulher com dinheiro e duas filhas. Com certeza que agora continuava a ir para a cama com mais alguém.

- A Suíça é demasiado séria - disse Teo. - Exige muitas garantias e comprovativos. As ilhas do Canal não estão mal e têm filiais de bancos espanhóis que dependem de Londres e conseguem opacidade fiscal; mas estão muito perto, são demasiado evidentes e se um dia a Comunidade Europeia pressiona e a Inglaterra decide dar uns apertos, Gibraltar e o Canal tornar-se-ão vulneráveis.

Apesar de tudo, Eddie não se dava por vencido. Talvez lhe tocassem na veia patriótica.

- Isso é o que tu dizes - contrapôs, murmurando depois qualquer coisa ininteligível.

Desta vez Teresa não disse nada. Ficou a olhar para Teo, espreitando a sua reacção. Este coçava o queixo, pensativo. Esteve assim um momento, com os olhos baixos, cravando-os finalmente no gibraltarino.

- Não me aborreças, Eddie, está bem? - tinha agarrado na caneta e, depois de lhe tirar a tampa, desenhava uma linha de tinta azul na folha branca do caderno; apenas uma linha recta e horizontal tão perfeita como se a guiasse uma régua.

- Isto são negócios, não uma intrujice com maços de Winston... - observou Pati e depois Teresa, com a caneta suspensa sobre o papel, e na extremidade da linha traçou um ângulo em forma de flecha que apontava para o coração de Eddie. - Tem mesmo de estar presente nesta conversa?

Pati olhou para Teresa, arqueando exageradamente as sobrancelhas. Teresa olhava para Teo. Ninguém olhava para o gibraltarino.

- Não - disse Teresa. - Não tem.

- Ah. Muito bem. Porque seria conveniente comentar alguns pormenores técnicos.

Teresa voltou-se para Eddie. Este estava a tirar os óculos para limpar a armação com um kleenex como se, nos últimos minutos, lhe escorregassem demasiado.

Limpou também a cana do nariz. A miopia acentuava a perplexidade dos seus olhos.

Parecia um pato manchado de petróleo na margem de um lago.

- Vai ao Ke beber uma cerveja, Eddie. Depois vemo-nos.

O gibraltarino hesitou um pouco, colocando depois os óculos enquanto se levantava, desajeitado. A triste imitação de um homem humilhado. Era evidente que procurava alguma coisa para dizer antes de se retirar e que não lhe ocorria nada. Abriu a boca e tornou a fechá-la. Por fim saiu em silêncio: o pato deixando pegadas pretas, chof, chof, e com cara de quem vai vomitar antes de chegar à rua. Teo desenhava uma segunda linha azul no caderno, debaixo da primeira e tão recta como ela. Desta vez rematou-a com um círculo em cada ponta.

- Eu iria - disse - para Hong-Kong, Filipinas, Singapura, Caraíbas ou Panamá.

Vários dos meus clientes operam com as ilhas Caimão e estão satisfeitos: seiscentos e oitenta bancos numa ilha minúscula, a duas horas de Miami. Sem dependências, dinheiro virtual, nada de impostos, confidencialidade sagrada.

Só são obrigados a informar quando há provas de vínculo directo com actividade criminosa notória... Mas como não se exigem requisitos legais para a identificação do cliente, estabelecer esses vínculos é impossível.

Olhava agora para as duas mulheres e três em cada quatro vezes dirigia-se a Teresa. Pergunto a mim própria, reflectiu esta, o que lhe terá contado a Tenente sobre mim. Onde se situa cada um. Perguntou também a si mesma se estaria adequadamente vestida: camisola larga em malha canelada, calças de ganga, sandálias. Por instantes invejou o conjunto malva e cinza de Valentino que Pati usava com a naturalidade de uma segunda pele. A cabrita elegante.

Teo continuou a expor o seu plano: algumas sociedades não residentes situadas no estrangeiro, cobertas por escritórios de advogados com as contas

bancárias adequadas, para começar. E, para evitar pôr todos os ovos no mesmo cesto, a transferência de alguns montantes escolhidos, branqueados depois de percorrerem circuitos seguros, para depósitos fiduciários e contas sérias no Luxemburgo, Liechtenstein e Suíça. Contas adormecidas, especificou, para não serem movimentadas, como um fundo de segurança a longuíssimo prazo, ou com dinheiro posto em sociedades de gestão de patrimónios, negociação mobiliária e imobiliária, títulos e coisas assim. Dinheiro impecável, no caso de um dia ser necessário dinamitar a infra-estrutura das Caraíbas ou explodir tudo o resto.

- Percebem?

- Parece apropriado - respondeu Teresa.

- Sim. A vantagem é que agora há muito movimento de bancos espanhóis com as Caimão e podemos camuflar-nos a meio deles para as primeiras entradas de dinheiro. Tenho um bom contacto em Georgetown: Mansue Johnson e Filhos.

Conselheiros de bancos, assessores fiscais e advogados. Fazem pacotes completos à medida.

- Não é complicar demasiado a vida? - perguntou Pati. Fumava um cigarro atrás do outro, acumulando beatas no prato da sua chávena de café.

Teo tinha pousado a caneta em cima do caderno. Encolheu os ombros.

- Depende dos vossos planos para o futuro. O que Eddie vos fez serve para o estado actual dos negócios: o ramerrão do costume. Mas se as coisas forem mais além, fariam bem em preparar uma estrutura que mais tarde absorvesse qualquer ampliação, sem pressas e sem improvisações.

- Quanto tempo demoras a ter tudo pronto? - quis saber Teresa.

O sorriso de Teo continuava o mesmo: contido, um pouco vago, muito diferente de outros sorrisos de homens que conservava na memória. E continuava a agradar-lhe; ou talvez fosse por agora lhe agradarem esse tipo de sorrisos que não significavam nada. Simples, limpo, automático. Mais um gesto automático que outra coisa, como o brilho de uma mesa envernizada ou a carroçaria de um carro novo. Não escondia nada comprometedor: nem simpatia, nem sonhos, nem debilidade, nem fraqueza, nem obsessões. Não pretendia enganar, convencer ou seduzir. Só estava ali por estar ligado à personagem, nascido e educado com ele, tal como os seus modos corteses ou o nó da gravata bem feito. O homem sorria tal como desenhava aquelas linhas rectas nas folhas brancas do caderno. E isso tranquilizava Teresa. Nessa altura já tinha lido, e recordava, e sabia olhar. O sorriso daquele homem era dos que colocavam as coisas no lugar certo. Não sei se acontecerá com ele, disse para consigo. Na realidade não sei se voltarei a foder com alguém; mas, se o fizer, será com tipos que sorriam assim.

- Conforme o tempo que demorarem a dar-me o dinheiro para começar. Um mês, quando muito. Depende se querem deslocar-se para as formalidades ou se preferem que chamemos as pessoas apropriadas, aqui ou num sítio neutro. Com uma hora de assinaturas e papelada ficará tudo resolvido... Também é preciso saber quem se encarregará de tudo.

Ficou à espera de uma resposta. Dissera-o num tom de voz casual, ligeiro. Um pormenor sem demasiada importância. Mas continuava à espera, olhando-as.

- As duas - disse Teresa. - Estamos juntas nisto. Teo demorou alguns segundos a responder.

- Compreendo. Mas necessitamos apenas de uma assinatura. Alguém que envie o fax ou faça o telefonema oportuno. Há coisas que eu posso fazer, claro. Que terei de fazer, se me derem poderes parciais. Mas uma de vocês deve poder tomar as decisões urgentes.

Ouviu-se o riso cínico da Tenente OTarrell. Um riso lixado de ex-combatente que se limpa com a bandeira.

- Isso é assunto dela - apontava para Teresa com o cigarro. - Os negócios exigem madrugar e eu levanto-me tarde.

Miss American Express. Teresa perguntava a si própria por que razão Pati decidia jogar a isso e desde quando. Para onde a empurrava a ela e para quê.

Teo reclinou-se na cadeira. Agora o seu olhar dividia-se em cinquenta por cento. Imparcial.

- É minha obrigação dizer-te que, dessa forma, deixas tudo nas mãos dela.

- Claro.

- Bem - o jeresiano examinou Teresa. - Assunto encerrado, então.

Já não sorria e a sua expressão era valorativa. Faz a si próprio as mesmas perguntas a respeito de Pati, disse Teresa para consigo. Da nossa relação.

Calcula prós e contras. Até que ponto posso trazer benefícios. Ou problemas. Até que ponto pode trazê-los ela.

Nessa altura pressentiu muitas das coisas que iam acontecer.

Pati olhou-os longamente ao sair da reunião. Enquanto desciam os três no elevador e ao trocarem as últimas impressões, passeando pelos molhes do porto desportivo, com Eddie Álvarez receoso e marginalizado à porta do bar e como se tivesse acabado de apanhar uma pedrada e receasse outra, com o fantasma de Punta Castor e talvez a lembrança do sargento Velasco e Canabota a agarrá-lo pela garganta. Pati tinha um ar pensativo, com os olhos semicerrados formando-lhe pequenas rugas, com uma nota de interesse ou diversão, ou das duas coisas - interesse divertido, diversão interessada - bailando-lhe lá dentro, nalguma parte daquela cabeça estranha. Era como se a Tenente OTarrell sorrisse sem o fazer, troçando um pouco de Teresa, e também dela própria, de tudo e de todos. O caso

é que esteve a observá-los assim ao sair da reunião no apartamento de Sotogrande, como se acabasse de plantar erva na serra e esperasse pelo momento de fazer a colheita, e continuou a fazê-lo durante a conversa com Teo diante do porto, e também durante semanas e meses, quando Teresa e Teo Aljarafe começaram a aproximar-se um do outro. E de vez em quando Teresa ficava pelos cabelos e enfrentava Pati perguntando-lhe o que se passa, velha cabrita, desembucha lá o que for. E nessa altura a outra sorria de uma maneira diferente, aberta, como se já não fosse nada. Dizia ah, ah, acendia um cigarro, agarrava num copo, fazia muito bem feitinho um risquinho de coca ou punha-se a falar de uma coisa qualquer com aquela sua frivolidade tão perfeita - Teresa adivinhara-o com o tempo e o hábito - que nunca era totalmente frívola, nem totalmente sincera também; ou voltava a ser às vezes, por um bocado, a do princípio: a Tenente OTarrell diferente, cruel, mordaz, a camarada de sempre, com esse vislumbre de obscuridades que se desenhavam por trás, escorando a fachada. Depois, e a respeito de Teo Aljarafe, Teresa chegou a perguntar-se até que ponto a sua amiga tinha previsto, ou adivinhado, ou propiciado - sacrificando-se ao próprio desígnio como quem aceita as cartas de tarot que ela própria vira -, muitas das coisas que chegaram a acontecer entre os dois e que, de certa forma, aconteceram também entre os três.

Teresa via Oleg Yasikov com frequência. Simpatizava com aquele russo grande e tranquilo, que olhava para o trabalho, para o dinheiro, para a vida e para a morte com uma desapaixonada fatalidade eslava que a ela lhe recordava o carácter de certos mexicanos nortenhos. Iam tomar café ou dar um passeio depois de alguma reunião de trabalho, ou jantar à Casa Santiago, no passeio marítimo de Marbella - o russo gostava das caudas de lagostim em vinho branco -, com os guarda-costas passeando pelo passeio da frente, junto à praia. Não era homem de muitas palavras. Mas quando estavam a sós e conversavam, Teresa ouvia-o dizer, sem lhes dar importância, coisas que a punham mais tarde meditando por muito tempo. Nunca tentava convencer ninguém de nada, nem opor um argumento a outro. Não costumo discutir, comentava. Dizem-me não é tanto assim e eu respondo ah, pois não. Depois faço o que acho conveniente. Aquele tipo, compreendeu Teresa de súbito, tinha um ponto de vista, uma forma precisa de entender o mundo e os seres que o povoavam: não a pretendia nem razoável nem piedosa.

Apenas útil. A ela adaptava o seu comportamento e a sua objectiva crueldade.

Há animais, dizia, que ficam no fundo do mar dentro de uma concha. Outros saem expondo a sua pele nua e arriscam-se. Alguns chegam à margem. Põem-se em pé.

Andam. A questão é saber a que distância se chega antes que o tempo de que se dispõe se acabe. Sim. Quanto tempo se dura e o que se consegue enquanto dura. Por isso, tudo o que ajuda a sobreviver é imprescindível. O resto é supérfluo. Prescindível, Tesa. No meu trabalho, como no teu, é preciso adaptarmo-nos aos limites simples dessas duas palavras. Imprescindível.

Prescindível. Compreendes?... E a segunda dessas palavras inclui a vida dos outros. Ou, às vezes, exclui-a.

E Yasikov não era tão hermético, no fim de contas. Nenhum homem o era. Teresa tinha aprendido que são os silêncios de cada um, habilmente administrados, que fazem os outros falar. E, dessa forma, pouco a pouco, foi-se aproximando do gangster russo. Um avô de Yasikov tinha sido cadete czarista nos tempos da Revolução bolchevique. E, durante os anos difíceis que se seguiram, a família conservou a memória do jovem oficial. Como muitos dos homens da sua classe, Oleg Yasikov admirava a coragem - isso, confessaria finalmente, fora o que o fizera simpatizar com Teresa. E, numa noite de vodka e conversa na esplanada do bar Salduba de Puerto Banús, ela detectou uma certa vibração sentimental, quase nostálgica, na voz do russo quando este se referiu em poucas palavras ao cadete, mais tarde tenente, do regimento de cavalaria Nikolaiev, que teve tempo de gerar um filho antes de desaparecer na Mongólia, ou na Sibéria, fuzilado em 1922 juntamente com o barão Von Ungern. Hoje é o aniversário do czar Nicolás, disse Yasikov de repente, com a garrafa de Smirnoff a um terço, voltando o rosto para um lado como se o espectro do jovem oficial do exército branco estivesse prestes a aparecer na extremidade do passeio marítimo, entre os Rolls Royce e os Jaguar e os grandes iates. Depois, levantou pensativamente o copo de vodka, olhando-o à contraluz, e manteve-o levantado até Teresa chocar o seu contra o dele, e beberam ambos olhando-se nos olhos. E embora Yasikov sorrisse troçando de si próprio, ela, que não sabia quase nada sobre o czar da Rússia e sabia ainda menos dos avós oficiais de cavalaria fuzilados na Manchúria, compreendeu que, apesar da careta do russo, este executava um ritual íntimo e sério onde ela intervinha de alguma forma privilegiada; e que o seu gesto de entrecocar os copos fora acertado, porque a aproximava do coração de um homem perigoso e necessário. Yasikov tornou a encher os copos.

Aniversário do czar, repetiu. Sim. E há quase um século, mesmo quando essa data e essa palavra estavam proscritas na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, paraíso do proletariado, a minha avó e os meus pais e depois eu próprio, brindávamos em casa com um copo de vodka. Sim. À sua memória e à do cadete Yasikov, do regimento de cavalaria Nikolaiev. Ainda o faço. Sim. Como vês. Esteja onde estiver. Sem abrir a boca. Incluindo uma vez durante os



onze meses que passei apodrecendo como soldado. Afeganistão. Depois serviu mais vodka, até acabar a garrafa, e Teresa pensou que cada ser humano tem a sua história escondida e que, quando se era suficientemente calada e paciente, podia-se acabar por conhecê-la. E que isso era bom e instrutivo. Era útil, sobretudo.

Os italianos, dissera Yasikov. Teresa discutiu-o no dia seguinte com Pati O'Tarrell. Diz que os italianos querem uma reunião. Precisam de um transporte fiável para a sua cocaína e ele acha que nós podemos ajudá-los com a nossa infra-estrutura. Ficaram satisfeitos com aquilo do haxixe e querem subir as apostas. Os velhos donos do tabaco galegos ficam-lhes muito longe, têm outras ligações e além disso são muito vigiados pela polícia. De modo que sondaram Oleg para ver se estaríamos dispostas a tratar disso. A abrir-lhes uma rota séria pelo sul, que cubra o Mediterrâneo.

- E qual é o problema?

- Que já não haverá marcha-atrás. Se assumirmos um compromisso, será preciso mantê-lo. Isso requer mais investimentos. Complica-nos a vida. E mais riscos.

Estavam em Jerez, petiscando pequenas tortilhas de camarão e Tio Pepe (1) no bar Carmela, nas mesas sob o velho arco em forma de túnel. Era um sábado de manhã e o sol ofuscava, iluminando as pessoas que passeavam pela plaza del Arenal: casais de idade vestidos para o aperitivo, casais com crianças, grupos à porta das tabernas, em redor de escuros tonéis de vinho colocados na rua a fazer de mesas. Tinham ido visitar umas adegas que estavam à venda, as Fernandez de Soto: um edifício amplo com as paredes pintadas de branco e ocre, pátios espaçosos com arcos e janelas gradeadas e caves enormes, frescas, cheias de barris de carvalho escuro com os nomes dos diferentes vinhos escritos a giz. Era um negócio na bancarrota, pertencente a uma família que Pati definia como daquelas de toda a vida, arruinadas pelos gastos, pelos cavalos de pura raça cartujana e por uma geração totalmente inapta para os negócios: dois filhos estouvados e estróinas que apareciam de vez em quando nas revistas cor-de-rosa - um deles também aparecia nas páginas de ocorrências, por corrupção de menores - que Pati conhecia desde miúda. O investimento tinha sido recomendado por Teo Aljarafe. Conservamos as terras de regadio que têm na direcção de Sanlúcar e a parte nobre do edifício de Jerez e, na outra metade do terreno urbano, construímos apartamentos. Quanto mais negócios respeitáveis tivermos à mão, melhor. E uma adega com nome e tradição é de bom-tom. Pati rira-se bastante com aquilo do bom-tom. O nome e a tradição da minha família não me tornaram, de maneira nenhuma, respeitável, disse. Mas a ideia parecia-lhe boa. De modo que foram as duas até Jerez, com Teresa vestida de senhora para a ocasião, saia e casaco cinzento com sapatos pretos de salto alto, o cabelo

apanhado na nuca com o risco ao meio e dois simples aros de prata nas orelhas. Jóias, aconselhara-a Pati, usa o menos possível e sempre boas. E bijutaria, nem de luxo. Só é preciso gastar dinheiro em brincos e em relógios. Uma ou outra pulseira discreta de vez em quando, ou essas escravas que usas às vezes. Um fio de ouro ao pescoço, fino. É melhor fio ou cordão que colar; mas se usares, que seja valioso: coral, âmbar, pérolas...

*\*(1) Xerez. (N. da T.)*

Autênticas, claro. É como os quadros nas casas. É melhor uma boa litografia ou uma bonita gravura antiga que um quadro mau. E enquanto Pati e ela visitavam o edifício das adegas, acompanhadas por um administrador atencioso engalanado, às onze da manhã, como se tivesse acabado de chegar da Semana Santa de Sevilha, aqueles tectos altos, as colunas estilizadas, a penumbra e o silêncio, fizeram lembrar a Teresa as igrejas mexicanas construídas pelos conquistadores. Era estranho, pensava, como alguns velhos lugares de Espanha lhe provocavam a certeza de se encontrar com alguma coisa que já fazia parte dela.

Como se a arquitectura, os costumes, o ambiente, justificassem muitas coisas que tinha julgado serem apenas próprias da sua terra. Eu estive aqui, pensava de repente ao dobrar uma esquina, numa rua ou diante de um pórtico de um casarão ou de uma igreja. Caramba! Há algo de meu que andou por estes caminhos e que explica parte daquilo que sou.

- Se com os italianos nos limitarmos ao transporte, continuará tudo como sempre - disse Pati. - Aquele que agarrarem, paga. E esse não sabe nada. A corrente interrompe-se aí: nem proprietários nem nomes. Não vejo riscos em lado nenhum.

Acabava a última tortilha de camarão, sob a contraluz do arco que lhe dourava o cabelo, baixando a voz ao falar. Teresa acendeu um Bisonte.

- Não me refiro a esse tipo de riscos - replicou.

Yasikov fora bastante claro. Não quero enganar-te, Tesa, foi o seu comentário na esplanada de Puerto Banús. A Camorra, a Máfia e a N'Drangheta é gente dura.

Com eles há muito a ganhar se tudo correr bem. Se alguma coisa falhar há também muito a perder. E por outro lado terás os colombianos. Sim. Também não são nenhuma freiras. Não. A parte positiva é que os italianos trabalham com o pessoal de Cali, menos violento que os desmiolados de Medellín, Pablo Escobar e toda essa súcia de psicopatas. Se entrares nisto, é para sempre. Não é possível descer de um comboio em andamento. Não. Os comboios são bons se

neles houver clientes. Maus, se o que houver forem inimigos. Nunca viste Da Rússia com Amor?... O malvado que defronta James Bond no comboio não era um russo.

E não te faço uma advertência. Não. Um conselho. Sim. Os amigos são amigos até que... Começava a dizer isto quando Teresa o interrompeu. Até que deixam de o ser, finalizou. E sorria. Yasikov tinha-a observado fixamente, repentinamente sério. És uma mulher muito esperta, Tesa, disse, depois de permanecer calado por um momento. Aprendes depressa, sobre tudo e sobre todos.

Sobreviverás.

- E Yasikov? - perguntou Pati. - Não entra?

- É astuto e prudente - Teresa via passar as pessoas pela entrada do arco que dava para o Arenal. - Como dizemos em Sinaloa, o dele é um plano com manha: quer entrar, mas não quer dar o primeiro passo. Se entrarmos, aproveitar-se-á. Connosco encarregadas do transporte pode garantir um fornecimento fiável ao seu pessoal e, além disso, bem controlado. Mas antes quer testar o sistema. Os italianos dão-lhe a oportunidade de experimentar com poucos riscos. Se tudo funcionar, irá em frente. Se não, continuará como até agora. Não quer comprometer a sua posição aqui.

- Vale a pena?

- Depende. Se o fizermos bem, é uma data de massa.

Pati tinha cruzado as pernas: saia Chanel, sapatos bege de salto alto.

Balançava um pé como se seguisse o ritmo de uma música que Teresa não conseguia ouvir.

- Bom. Tu és a gerente do negócio - inclinou a cabeça para um lado, com todas aquelas rugazinhas em redor dos olhos. - Por isso é cómodo trabalhar contigo.

- Já te disse que há riscos. Podem-nos dar cabo do canastro. Às duas.

O riso de Pati fez a empregada, que estava à porta do bar, voltar-se para elas.

- Já antes o fizeram. De modo que decide tu. És a minha miúda.

Continuava a observá-la daquela maneira. Teresa não disse nada. Agarrou no seu copo de xerez e levou-o aos lábios. Com o sabor do tabaco na boca, o vinho pareceu-lhe amargo.

- Contaste a Teo? - perguntou Pati.

- Ainda não. Mas ele vem a Jerez esta tarde. Terá de ficar ao corrente, claro.

Pati abriu a carteira para pagar a conta. Tirou um maço volumoso de notas, muito pouco discreto, e algumas caíram ao chão. Inclinou-se para as apanhar.

- Claro - disse.

Mas houve um pormenor da sua conversa com Yasikov em Puerto Banús que

Teresa não contou à sua amiga. Pormenor que a obrigava a olhar em volta com dissimulado receio. Que a mantinha lúcida e atenta, estorvando as suas reflexões nas madrugadas cinzentas que continuavam a tirar-lhe o sono. Há rumores, insinuara o russo. Sim. Coisas. Alguém me disse que se interessam por ti no México.

Por alguma razão que ignoro - perscrutava-a ao dizer aquilo - despertaste a atenção dos teus patrícios. Ou a lembrança. Perguntam se és a mesma Teresa Mendoza que saiu de Culiacán há quatro ou cinco anos... És?

Continua a falar, tinha pedido Teresa. E Yasikov encolheu os ombros. Não sei muito mais, disse. Só que perguntam por ti. Um amigo de um amigo. Sim.

Encarregaram-no de averiguar por que caminhos andas e se é verdade que estás a subir no negócio. Que, se para além do haxixe, consegues meter-te na coca.

Pelos vistos, na tua terra há gente preocupada com a possibilidade de os colombianos, já que os teus compatriotas lhes impedem agora a passagem para os Estados Unidos, se deixarem cair por aqui. Sim. E uma mexicana pelo meio, que também é um acaso, não deve agradar-lhes muito. Não. Sobretudo se já a conheciam. Anteriormente. De modo que tem cuidado, Tesa. Neste negócio, ter um passado não é bom nem mau, desde que não chames a atenção. E a ti, as coisas correm-te demasiado bem para não a chamar. O teu passado, esse do qual nunca falas, não é assunto que me diga respeito. Niet. Mas, se deixaste contas pendentes, arriskas-te a que alguém as queira resolver.

Há muito tempo, em Sinaloa, o Gúero Dávila levava-a a voar. Era a primeira vez. Depois de estacionar a Bronco, iluminando com os faróis o edifício de telhado amarelo do aeroporto, e de cumprimentar os magalas que estavam de guarda junto à pista cheia de avionetas, descolaram quase ao amanhecer, para ver sair o sol sobre as montanhas. Teresa lembrava-se do Gúero ao seu lado na cabina do Cessna, com os raios de luz reflectindo-se nas lentes verdes dos seus óculos de sol, as mãos pousadas nos comandos, o ronronar do motor, a efígie do santo Malverde pendurada no painel de comandos - Deus avênçoe o meu caminho e permita o meu regresso -; e a Sierra Madre cor de madrepérola, com reflexos dourados na água dos rios e das lagoas, os campos com as suas manchas verdes de marijuana, a planície fértil e, ao longe, o mar. Naquele amanhecer, visto lá de cima com os olhos abertos de espanto, o mundo pareceu a Teresa limpo e belo.

Pensava nisso agora, num quarto do Hotel Jerez, às escuras, apenas com a luz exterior do jardim e da piscina recortando as cortinas da janela. Teo Aljarafe já não estava ali e a voz de José Alfredo ouvia-se na pequena aparelhagem situada junto do televisor e do vídeo. Estou a um canto de um bar, dizia.

Ouvindo uma canção que eu pedi. O Gúero tinha-lhe contado que José Alfredo Jiménez morreu bêbedo, compondo as suas últimas canções em bares, com as letras anotadas pelos amigos porque já nem era capaz de escrever. Tu recuerdo y yo, chamava-se aquela. E tinha todo o ar de ser das últimas.

Acontecera o que tinha de acontecer. Teo chegou a meio da tarde para as assinaturas dos papéis da adega Fernández de Soto. Depois tomaram um copo para comemorar. Um e vários. Passearam os três, Teresa, Pati e ele, pela parte velha da cidade, antigos palácios e igrejas, ruas cheias de tascas e bares. E, ao balcão de um deles, quando Teo se inclinou para lhe acender o cigarro que acabava de levar à boca, Teresa sentiu o olhar do homem. Há quanto tempo, disse de repente para consigo. Há quanto tempo que não. Agradava-lhe o seu perfil de águia espanhola, as mãos morenas e seguras, aquele sorriso desprovido de intenções e compromissos. Pati também sorria embora de forma diferente, como que à distância. Resignada. Fatalista. E justamente quando aproximava o seu rosto das mãos do homem, que protegia a chama na concavidade dos dedos, ouviu Pati dizer: tenho de me ir embora, bolas, acabei de me lembrar de uma coisa urgente. Vejo-vos mais tarde. Teresa voltara-se para dizer não, espera, vou contigo, não me deixes aqui; mas a outra já se afastava sem olhar para trás, com a carteira ao ombro, de modo que Teresa ficou a vê-la afastar-se, sentindo os olhos de Teo. Nesse momento perguntou a si própria se Pati e ele teriam conversado antes. O que teriam dito. O que diriam depois. Não, pensou como uma chicotada. Nem pensar. É preciso não misturar as coisas. Não posso permitir-me certos luxos. Eu também me vou embora. Mas alguma coisa na sua cintura e no seu ventre a obrigava a ficar: um impulso denso e forte, composto de fadiga, de solidão, de expectativa, de preguiça. Queria descansar. Sentir a pele de um homem, umas mãos no seu corpo, uma boca contra a sua. Perder a iniciativa durante um bocado e abandonar-se nas mãos de alguém que agisse por ela. Que pensasse em seu lugar.

Então lembrou-se da meia fotografia que trazia na carteira, dentro do porta-moedas. A catraia de olhos grandes com um braço masculino por cima dos ombros, alheia a tudo, contemplando um mundo que parecia visto da cabina de um Cessna num amanhecer de madrepérola. Acabou por se voltar, devagar, deliberadamente. E, enquanto o fazia, pensava, homens dum raio. Estão sempre prontos e raras vezes reflectem sobre estas coisas. Tinha a certeza absoluta de que, mais cedo ou mais tarde, um dos dois, ou ambos, quem sabe, pagariam pelo que estava prestes a acontecer.

E ali estava agora, sozinha. Ouvindo José Alfredo. Acontecera tudo de uma forma previsível e tranquila, sem palavras excessivas ou gestos desnecessários. Tão asséptico como o sorriso de um Teo experiente, hábil e atencioso.

Satisfatório em muitos aspectos. E de súbito, já quase no fim dos vários finais aos quais ele a conduziu, a mente imparcial de Teresa viu-se de novo olhando-a - olhando-se - como outras vezes, nua, finalmente saciada, com o cabelo despenteado sobre a cara, serena após a agitação, o desejo e o prazer, sabendo que a posse por parte de outros, a sua entrega a eles, tinha acabado na pedra de León. E deu consigo pensando em Pati, no seu tremor quando a beijou na boca na cela da cadeia, na forma como os observava enquanto Teo lhe acendia o cigarro no balcão do bar. E disse a si própria que talvez Pati pretendesse isso mesmo.

Empurrá-la para si própria. Para a imagem nos espelhos que tinha aquele olhar lúcido e que nunca se enganava.

Depois de Teo se ir embora, ela metera-se debaixo do duche, com a água muito quente e o vapor embaciando o espelho da casa de banho, e esfregou a pele com sabão, lenta e minuciosamente, antes de se vestir e sair à rua para passear sozinha. Caminhou ao acaso até que, numa rua estreita com janelas gradeadas, ouviu, surpreendida, uma canção mexicana. Que a vida se me acabe diante de um copo de vinho. Não é possível, disse para consigo. Isto não pode estar a acontecer agora, aqui. De modo que ergueu o rosto e viu o letreiro na porta: El Mariachi. Bar mexicano. Então riu-se quase em voz alta, porque compreendeu que a vida e o destino tecem jogos subtis que às vezes são óbvios. Caramba.

Empurrou a porta-vaivém e entrou num autêntico bar com garrafas de tequila atrás do balcão e um empregado jovem e gordinho que servia cervejas Corona e Pacífico às pessoas que ali estavam, e punha na aparelhagem CDs de José Alfredo. Pediu uma Pacífico só para poder tocar no seu rótulo amarelo e levou a garrafa à boca, um golinho para saborear o gosto que tantas lembranças lhe trazia, e depois pediu um Herradura Reposado que lhe serviram no seu verdadeiro copinho de vidro comprido e estreito. Agora José Alfredo dizia por que vieste até mim procurando compaixão, se sabes que na vida estou escrevendo a letra da minha última canção. Nesse momento Teresa sentiu uma felicidade intensa, tão forte que a apanhou de surpresa. E pediu outra tequila, e mais outra, ao empregado que lhe tinha reconhecido o sotaque e sorria amavelmente. Quando estava nos bares, começou outra canção, não sentia qualquer dor. Tirou um punhado de notas da carteira e pediu ao empregado que lhe desse uma garrafa de tequila por abrir e que também lhe comprava aquelas canções que estava a ouvir. Não posso vendê-las, disse o jovem, espantado.

Então tirou mais dinheiro, e mais, e encheu o balcão diante do empregado assombrado que acabou por lhe dar, juntamente com a garrafa, os dois CDs duplos de José Alfredo, Las 100 Clásicas chamavam-se, quatro discos com cem

canções.

Posso comprar qualquer coisa, pensou ela absurdamente - ou nem tanto, no fim de contas - quando saiu do bar com o seu saque, sem se importar que as pessoas a vissem com uma garrafa na mão. Foi até à praça de táxis - sentia o chão mexer-se estranhamente debaixo dos pés - e regressou ao quarto do hotel.

E continuava ali, com a garrafa quase a meio, acompanhando com as suas próprias palavras a letra da canção: ouvindo uma canção que eu pedi, estão a servir-me agora mesmo a minha tequila, já o meu pensamento corre na tua direcção. As luzes do jardim e da piscina deixavam o quarto na penumbra, iluminando os lençóis revoltos, as mãos de Teresa que fumavam cigarros entremeados com haxixe, as suas idas e vindas até ao copo e à garrafa que estavam em cima da mesa-de-cabeceira. Quem não viveu nesta vida a traição tão conhecida que nos deixa um mau amor. Quem não chega ao bar exigindo a sua tequila e exigindo a sua canção. E pergunto a mim mesma o que sou agora, dizia para consigo à medida que ia mexendo os lábios em silêncio. Que tal, miúda. Pergunto a mim própria como me vêem os outros, e oxalá me vejam de bem longe. Como era aquilo?

Necessidade de um homem. Vamos... Apaixonar-se. Já não. Livre, era talvez a palavra, apesar de soar grandiloquente, excessiva. Já nem sequer ia à missa. Olhou para cima, para o tecto escuro, e não viu nada. Já me estão servindo o último copo, dizia nesse momento José Alfredo, e ela dizia-o também. Ora... Agora já só lhes peço que toquem outra vez La Que Se Fue.

Estremeceu novamente. Sobre os lençóis, ao seu lado, estava a fotografia rasgada. Dava muito frio ser livre.

## **11. EU NÃO SEI MATAR, MAS VOU APRENDER**

Acasa-quartel da Guarda Civil de Galapagar fica nos arredores da povoação, situada perto de El Escorial: casinhas geminadas para as famílias dos guardas e um edifício maior para o comando, tendo como fundo a paisagem cinzenta e coberta de neve das montanhas. Precisamente - paradoxos da vida - atrás de umas casas pré-fabricadas, com bom aspecto, que albergam uma comunidade de raça cigana com quem mantém uma vizinhança que desmente os velhos tópicos lorquianos de Heredias, Camborios e tricórnios de verniz aos pares. Depois de me identificar na porta, deixei o carro no estacionamento vigiado; e uma guarda

alta, loura - na sua farda era verde até a fita que lhe prendia o rabo-de-cavalo sob o quépi -, levou-me até ao gabinete do capitão Víctor Castro: uma salinha com um computador numa mesa e uma bandeira espanhola na parede, junto à qual estavam penduradas, como adornos ou troféus, uma velha Máuser Coruna de 1945 e uma espingarda de assalto Kalashnikov AKM.

- Posso oferecer-lhe apenas um café pavoroso - disse-me.

Aceitei o café, que ele próprio trouxe da máquina que estava no corredor, mexendo a beberagem com uma colherzinha de plástico. Era horrível, de facto.

Quanto ao capitão Castro, acabou por ser um desses homens com quem se simpatiza à primeira vista: sério, de modos enérgicos, impecável com o seu dólman verde e o seu cabelo grisalho cortado à máquina, o bigode alatrístico (1) que também começava a embranquecer, o olhar tão directo e franco como o aperto de mão que me dera ao receber-me. Tinha cara de homem honrado; e talvez isso, entre outras coisas, tenha encorajado os seus superiores, há algum tempo, a confiar-lhe durante cinco anos a chefia do grupo Delta Quatro, na Costa del Sol. Segundo as minhas informações, a honradez do capitão Castro acabou por ser, no fim de contas, incómoda até para os seus próprios superiores. Isso talvez explicasse por que razão o encontrava numa povoação perdida da serra de Madrid, num comando com trinta guardas cuja chefia correspondia a um grau militar inferior ao seu, e por que me tinha dado algum trabalho - influências, velhos amigos - conseguir que a Direcção-geral da Guarda Civil autorizasse aquela entrevista. Como insinuou mais tarde, filosoficamente, o próprio capitão Castro enquanto me acompanhava até ao carro, os Grilos Falantes nunca fizeram - fizemos, disse com um sorriso estóico - carreira em lado nenhum.

*\*(1) Referência ao capitão Alatríste, personagem de alguns livros juvenis de Arturo Pérez-Reverte. (N. da T.)*

Agora falávamos dessa carreira, ele sentado atrás da mesa do seu pequeno gabinete, com oito fitas coloridas de condecorações cosidas no lado esquerdo do seu dólman, e eu com o meu café. Ou, para sermos exactos, falávamos de quando se dedicou pela primeira vez a Teresa Mendoza, a partir de uma investigação sobre o assassinato de um guarda do comando de Manilva, o sargento Ivan Velasco, a quem descreveu - o capitão era bastante cuidadoso na escolha das palavras - como um agente de honestidade questionável; enquanto que outros a quem consultei previamente sobre a personagem - entre eles o ex-polícia Nino Juárez - o tinham definido como um enorme filho da puta.

- Velasco foi morto de uma forma suspeita - explicou. - De modo que trabalhámos um pouco nisso. Algumas coincidências com episódios de



contrabando, entre eles o assunto de Punta Castor e a morte de Santiago Fistera, levaram-nos a relacioná-lo com a saída de Teresa Mendoza da cadeia. Embora nada pudesse provar-se, isso levou-me até ela e, com o tempo, acabei por me especializar na Mexicana: vigilância, gravações em vídeo, telefones sob escuta por ordem judicial... você sabe - olhava para mim, dando por assente que eu sabia. -

O meu trabalho não era perseguir o tráfico de droga mas investigar o seu ambiente. As pessoas que a Mexicana comprava e corrompia que, com o tempo, foram muitas.

Isso incluiu banqueiros, juízes e políticos. Também pessoas da minha própria organização: aduaneiros, guardas civis e polícias.

A palavra polícias fez-me concordar, interessado. Vigiar o vigilante.

- Qual era a relação de Teresa Mendoza com o comissário Nino Juárez?  
- perguntei.

Hesitou um momento e parecia avaliar o valor, ou a vigência, de cada coisa que ia dizer. Depois fez um gesto ambíguo.

- Não há muitas coisas que eu possa dizer-lhe que não tenham sido publicadas pelos jornais da altura... A Mexicana chegou a infiltrar-se no próprio DOCS.

Juárez acabou trabalhando para ela, como tantos outros.

Pousei o copinho de plástico na mesa e fiquei assim, um pouco inclinado para a frente.

- Nunca tentou comprá-lo a si?

O silêncio do capitão Castro tornou-se incómodo. Olhava para o copo, inexpressivo. Por instantes receei que a entrevista tivesse terminado. Foi um prazer, cavalheiro. Adeus e até à vista.

- Eu compreendo as coisas, sabe?... - acabou por dizer. - Entendo, embora não o justifique, que alguém que ganha um salário reduzido veja uma oportunidade quando lhe dizem: ouve, amanhã quando estiveres no sítio tal, em vez de olhares para ali, olha para acolá. E em troca estende a mão e recebe um maço de notas.

É humano. Cada qual é como é. Todos queremos viver melhor do que vivemos...

O que acontece é que alguns têm limites e outros não.

Calou-se novamente e ergueu os olhos. Tenho tendência para desconfiar da inocência das pessoas, mas não duvidei daquele olhar. Embora no fundo nunca se saiba. De qualquer forma, já me tinham falado antes do capitão Víctor Castro, número três do seu curso, sete anos em Intxaurreondo, um como voluntário na Bósnia, medalha de mérito policial com galão vermelho.

- Naturalmente que tentaram comprar-me - disse. - Não foi a primeira vez, nem será a última - permitia agora a si próprio um sorriso suave, quase tolerante.

- Até nesta aldeia o tentam de vez em quando, noutra escala. Um presunto no Natal, oferta de um construtor; um convite de um vereador... Estou convencido de que cada um tem o seu preço. Talvez o meu fosse demasiado alto. Não sei.

A verdade é que a mim não me compraram.

- Por isso está aqui?

- É um bom posto - olhava-me impassível. - Tranquilo. Não me queixo.

- É verdade, como dizem, que Teresa Mendoza chegou a ter contactos na Direcção-geral da Guarda Civil?

- Devia perguntar isso na Direcção-geral.

- E é verdade que o senhor trabalhou com o juiz Martínez Pardo numa investigação que foi paralisada pelo Ministério da Justiça?

- Digo a mesma coisa que já disse. Pergunte isso no Ministério da Justiça.

Concordei, aceitando as suas regras. Por alguma razão, aquele café pavoroso num copo de plástico fazia aumentar a minha simpatia por ele. Recordei o ex-comissário Nino Juárez na mesa da Casa Lúcio, saboreando o seu Vina Pedrosa de 96. Como dissera o meu interlocutor momentos antes. Sim. Cada um é como é.

- Fale-me da Mexicana - pedi.

Ao mesmo tempo tirei do bolso uma cópia da fotografia tirada do helicóptero da Guarda Fiscal e coloquei-a em cima da mesa: Teresa Mendoza iluminada em plena noite entre uma nuvem de água pulverizada que a luz fazia cintilar à sua volta, com a cara e o cabelo molhados, as mãos apoiadas nos ombros do piloto da lancha voadora. Correndo a cinquenta nós na direcção da pedra de León e do seu destino. Já conheço essa fotografia, disse o capitão Castro. Mas estive a olhar para ela um bocado, pensativo, antes de a empurrar novamente na minha direcção.

- Foi muito esperta e muito rápida - acrescentou momentos depois. - A sua subida naquele mundo tão perigoso foi uma surpresa para todos. Correu riscos e teve sorte... Dessa mulher que acompanhava o namorado na lancha voadora até aquela que eu conheci, vai um grande percurso. Você viu as reportagens da imprensa, suponho. As fotografias na Hola! e tudo o resto. Refinou-se bastante, adquiriu maneiras e cultura. E tornou-se poderosa. Uma lenda, dizem. A Rainha do Sul.

Os jornalistas baptizaram-na assim... Para nós, foi sempre a Mexicana.

- Matou?

- Pois claro que matou. Ou fizeram-no por ela. Naquele negócio, matar faz parte da coisa. Mas veja que astuta!...

Ninguém conseguiu imputar-lhe nada. Nem uma morte, nem qualquer tráfico. Zero total. Até as Finanças andaram atrás dela, a ver se por aí podíamos meter-lhe o dente. Nada... Desconfio que terá comprado aqueles que a investigavam.

Julguei detectar nas suas palavras um laivo de amargura. Observei-o, curioso, mas reclinou-se na cadeira. Não sigamos por esse caminho, dizia a sua expressão. É fugir da questão e das minhas competências.

- Como ascendeu tão depressa?

- Já disse que era esperta e teve sorte. Apareceu justamente quando as máfias colombianas procuravam rotas alternativas na Europa. Mas foi, além disso, uma inovadora... Se agora os marroquinos são os donos do tráfico em ambas as margens do Estreito, é graças a ela. Começou a apoiar-se mais nessa gente que nos traficantes de Gibraltar ou nos espanhóis, e transformou uma actividade caótica, quase artesanal, numa empresa eficiente. Mudou até o aspecto dos seus empregados. Fazia-os vestir-se correctamente, nada de grossas correntes de ouro e moda foleira: fatos simples, carros discretos, apartamentos em vez de casas luxuosas, táxis para comparecer a reuniões de trabalho... E assim, haxixe marroquino à parte, foi ela quem montou as redes da cocaína para o Mediterrâneo oriental, desalojando as outras máfias e os galegos que queriam estabelecer-se ali. Nunca utilizou carga própria, que soubéssemos. Mas quase toda a gente dependia dela.

A chave, continuou a contar-me o capitão Castro, foi a Mexicana ter utilizado a sua experiência técnica sobre o uso de lanchas voadoras para as operações em grande escala. As lanchas tradicionais eram as Phantom de casco rígido e autonomia limitada, propensas a avariar-se com mar mau; e foi ela a primeira a compreender que uma semi-rígida aguentava melhor o mau tempo porque sofria menos. De modo que organizou uma frota de Zodiac, chamadas borrachas no calão do Estreito: pneumáticas que nos últimos anos chegaram até aos quinze metros de eslora, às vezes com três motores. O terceiro, não para as tornar mais velozes - a velocidade limite mantinha-se em torno dos cinquenta nós - mas para manter a potência. O seu maior tamanho permitia, além do mais, levar reservas de combustível. Maior autonomia e mais carga a bordo. Dessa forma pôde trabalhar com mar bom e mau em locais afastados do Estreito: a foz do Guadalquivir, Huelva e as costas desertas de Almería. Às vezes chegava até Múrcia e Alicante, recorrendo a pesqueiros ou iates particulares que faziam de navios-mãe e permitiam abastecer-se em alto mar. Montou operações com barcos que vinham directamente da América do Sul e utilizou a ligação marroquina, a entrada de cocaína por Agadir e Casablanca, para organizar transportes aéreos a partir de pistas escondidas nas montanhas do Rife até pequenos aeródromos

espanhóis que nem sequer constavam dos mapas. Também pôs na moda os chamados bombardeamentos: pacotes de vinte e cinco quilos de haxixe ou de coca envoltos em fibra de vidro e munidos de flutuadores, que se atiravam ao mar e eram recuperados por lanchas ou pesqueiros. Nada disso, explicou o capitão Castro, fora anteriormente realizado por alguém em Espanha. Os pilotos de Teresa Mendoza, recrutados entre aqueles que voavam em avionetas de fumigação, conseguiam aterrar e descolar em estradas de terra e pistas de duzentos metros.

Voavam baixo, com lua, entre as montanhas e a poucos metros do mar, aproveitando o facto de os radares marroquinos serem quase inexistentes e de o sistema espanhol de detecção aérea ter - o capitão formava um círculo enorme com as mãos - buracos deste tamanho. Para não falar de pessoas, com as mãos devidamente untadas, que fechavam os olhos quando um eco suspeito aparecia no ecrã.

- Confirmámos tudo isso mais tarde, quando um Cessna Skymaster se despenhou perto de Tabernas, em Almería, carregado com duzentos quilos de cocaína. O piloto, um polaco, morreu. Sabíamos que era coisa da Mexicana; mas nunca ninguém conseguiu provar essa ligação. Nem qualquer outra.

Parou diante da montra da livraria Alameda. Nos últimos tempos comprava muitos livros. Cada vez tinha mais em casa, alinhados em estantes ou colocados de qualquer maneira em cima dos móveis. Lia à noite até tarde, ou sentada durante o dia nas esplanadas em frente ao mar. Alguns eram sobre o México. Tinha encontrado naquela livraria de Málaga vários autores da sua terra: romances policiais de Paço Ignacio Taibo II, um livro de contos de Ricardo Garibay, uma Historia de la Conquista de Nueva Espana escrita por um tal Bernal Díaz del Castillo que tinha estado com Cortês e com Malinche, e um volume das obras completas de Octavio Paz - nunca tinha ouvido falar anteriormente daquele senhor Paz, mas tinha todo o ar de ser importante por lá - que se intitulava El peregrino en su pátria. Leu-o todo devagar, com dificuldade, saltando muitas páginas que não compreendia. Mas a verdade é que lhe ficaram coisas na cabeça: um sedimento de coisas novas que a fizeram reflectir sobre a sua terra - aquele povo orgulhoso, violento, tão bom e desgraçado ao mesmo tempo, sempre tão longe de Deus e tão perto da merda dos gringos - e sobre si mesma. Eram livros que a obrigavam a pensar em coisas sobre as quais nunca tinha pensado anteriormente. Além disso, lia jornais e tentava ver os noticiários da televisão. Isso, e as telenovelas que davam à tarde; embora agora dedicasse mais tempo a ler que a outra coisa. A vantagem dos livros, como descobriu quando estava em El Puerto de Santa Maria, era podermos apropriar-nos das vidas, histórias e reflexões que continham, e não sermos nunca a mesma pessoa

ao abri-los pela primeira vez e ao terminá-los. Pessoas muito inteligentes tinham escrito algumas daquelas páginas; e, se fôssemos capazes de ler com humildade, paciência e vontade de aprender, nunca nos defraudavam. Mesmo o que não compreendíamos ficava ali, num cantinho da cabeça, pronto para que o futuro lhe desse sentido convertendo-o em coisas bonitas ou úteis. Dessa forma, O Conde de Montecristo e Pedro Páramo que, por diferentes razões, continuavam a ser os seus favoritos - leu-os tantas vezes que perdeu a conta - eram já caminhos familiares, que dominava quase por completo. O livro de Juan Rulfo foi um desafio desde o princípio e agora alegrava-a folhear as suas páginas e compreender: Quis retroceder porque pensei que regressando poderia encontrar o calor que acabava de deixar; mas dei-me conta, poucos passos andados, que o frio saía de mim, do meu próprio sangue... Tinha descoberto, fascinada, trémula de prazer e de medo, que todos os livros do mundo falavam dela.

E olhava agora para a montra, à procura de uma capa que lhe chamasse a atenção.

Diante dos livros desconhecidos costumava guiar-se pelas capas e pelos títulos. Havia um, de uma mulher chamada Nina Berberova, que leu devido ao retrato que tinha na capa, de uma jovem tocando piano; e a história encantou-a tanto que tentou encontrar outros títulos da mesma autora. Como se tratava de uma russa, ofereceu o livro - A Acompanhadora, chamava-se - a Oleg Yasikov, que não era leitor de nada a não ser da imprensa desportiva ou de alguma coisa relacionada com os tempos do czar. Grande estupor essa pianista, tinha comentado o gangster alguns dias mais tarde. O que demonstrava que, pelo menos, folheara o livro.

Aquela era uma manhã triste, um pouco fria para Málaga. Tinha chovido e uma leve bruma flutuava entre a cidade e o porto, tornando mais cinzentas as árvores da Alameda. Teresa estava a olhar para um romance da montra que se chamava Margarida e o Mestre. A capa não era muito atraente, mas o nome do autor parecia russo e isso fê-la sorrir pensando em Yasikov e na cara que poria quando lhe levasse o livro. Ia entrar para o comprar quando se viu reflectida num espelho publicitário que estava ao pé da montra: cabelo apanhado num rabicho, argolas de prata, nenhuma maquilhagem, um elegante casaco três-quartos de cabedal preto sobre calças de ganga e botas de campino de couro castanho. Atrás de si fluía o tráfego reduzido em direcção à ponte de Tetuán, e poucas pessoas caminhavam pelo passeio. De repente, tudo se congelou no seu interior, como se o sangue, o coração e o pensamento tivessem ficado em suspenso. Sentiu-a antes de ter consciência disso. Antes mesmo de interpretar o que quer que fosse.

Mas era inequívoca, velha e conhecida: A Situação. Tinha visto alguma coisa, pensou atabalhoadamente, sem se voltar, imóvel diante do espelho que lhe

permitia ver por cima do ombro. Assustada. Alguma coisa que não se encaixava na paisagem e que não conseguia identificar. Um dia - recordou-se das palavras do Gúero Dávila - alguém se aproximará de ti. Alguém que talvez conheças.

Esquadrinhou atentamente o campo visual que o espelho lhe proporcionava e, nessa altura, apercebeu-se da presença dos dois homens que, do passeio central da Alameda, atravessavam a rua sem pressas, evitando os automóveis. Pressentia uma nota familiar em ambos, mas deu-se conta disso alguns segundos mais tarde.

Antes, chamou-lhe a atenção um pormenor: apesar do frio, os dois levavam os casacos dobrados sobre o braço direito. Então sentiu um pavor cego, irracional, muito antigo, que julgara nunca mais voltar a sentir na vida.

E só quando entrou na livraria e estava prestes a interrogar o empregado sobre uma saída pelas traseiras, se deu conta de que tinha reconhecido o Gato Fierros e Potemkin Gálvez.

Correu novamente. Na realidade não tinha deixado de o fazer desde que o telefone tocara em Culiacán. Uma fuga para a frente, sem rumo, que a levava até pessoas e lugares imprevisíveis. Assim que saiu pela porta de trás, com os músculos crispados à espera de um balázio, correu pela calle Panaderos sem se importar de chamar a atenção, passou ao pé do mercado - novamente a lembrança daquela primeira fuga - e aí continuou a andar rapidamente até chegar à calle Nueva.

Tinha o coração a seis mil e oitocentas voltas por minuto, como se levasse lá dentro um motor viciado. Tacatacatat. Tacatacatat. Voltava-se para olhar para trás de vez em quando, esperando que os dois pistoleiros continuassem à sua espera na livraria. Diminuiu a marcha quando quase escorregou no piso molhado. Mais serena e raciocinando. Vais-te estender ao comprido, disse para consigo. De modo que encara as coisas com calma. Não te acagaces e pensa. Não no que fazem esses dois gajos aqui, mas em como te livrarás deles. Em como te porás a salvo. Os porquê terás tempo de examinar mais tarde, se continuares viva.

Impossível recorrer a um polícia ou regressar ao Cherokee com estofos de cabedal - aquela ancestral inclinação sinaloense pelos veículos todo-o-terreno - que tinha estacionado no subterrâneo da plaza de la Marina.

Pensa, disse novamente de si para si. Pensa, ou podes morrer agora mesmo. Olhou à sua volta, desamparada. Estava na plaza de la Constitución, a poucos passos do Hotel Larios. Às vezes Pati e ela, quando iam às compras, tomavam um aperitivo no bar do primeiro andar, um local agradável de onde podia ver-se - vigiar-se, neste caso - uma boa extensão da rua. O hotel, naturalmente. Anda.

Tirou o telefone da carteira enquanto cruzava o umbral e subia as escadas.

Bip, bip, bip. Aquele era um problema que só Oleg Yasikov poderia resolver-lhe.

Nessa noite foi-lhe difícil conciliar o sono. Acordava sobressaltada daquele sono agitado e mais de uma vez ouviu, alarmada, uma voz que gemia na escuridão, descobrindo passado um bocado que era a sua. As imagens do passado e do presente misturavam-se na sua cabeça: o sorriso do Gato Fierros, a sensação de ardor entre as coxas, os estampidos de uma Colt Double Eagle, a corrida seminua entre os arbustos que lhe arranhavam as pernas. Como se tivesse sido ontem, como se tivesse sido agora mesmo, parecia. Três vezes, pelo menos, ouviu as pancadas que um dos guarda-costas de Yasikov dava na porta do seu quarto. Diga-me se está bem, senhora. Se precisa de alguma coisa. Antes do amanhecer vestiu-se e foi para a salinha. Um dos homens dormitava no sofá e o outro levantou os olhos de uma revista antes de se pôr de pé, devagar. Um café, senhora. Um copo de alguma coisa. Teresa abanou a cabeça numa negativa e foi sentar-se ao pé da janela que dava para o porto de Estepona. Yasikov cedera-lhe o apartamento.

Fica enquanto quiseres, disse. E evita passar pela tua casa até tudo voltar ao normal. Os dois gorilas eram de meia-idade, corpulentos e tranquilos. Um com sotaque russo e o outro sem sotaque de qualquer espécie porque nunca abria a boca. Ambos sem identidade. Bikiles chamava-os Yasikov. Soldados. Gente calada que se movia devagar e olhava para toda a parte com olhos profissionais.

Não se afastavam do seu lado desde que chegaram ao bar do hotel sem chamar a atenção, um deles com um saco desportivo pendurado ao ombro, e a acompanharam - o que falava pediu-lhe antes, em voz baixa e por favor, que descrevesse o aspecto dos pistoleiros - até um Mercedes de vidros fumados que esperava à porta. Agora o saco desportivo estava aberto sobre uma mesa e, lá dentro, brilhava suavemente o azulado de uma pistola-metralhadora Skorpion.

Viu Yasikov na manhã seguinte. Vamos tentar resolver o problema, disse o russo.

Enquanto isso, tenta não passear muito. E agora seria útil que me explicasses que diacho se passa. Sim. Que contas deixaste para trás. Quero ajudar-te, mas não conseguir inimigos grátis, nem interferir em coisas de gente que pode estar relacionada comigo noutros negócios. Isso, niet de niet. Tratando-se de mexicanos, é-me indiferente, porque não perdi nada aí. Não. Mas com os colombianos preciso de estar de boas relações. Sim. São mexicanos, confirmou Teresa. De Culiacán, Sinaloa. A merda da minha terra. Nesse caso é-me indiferente, foi a resposta de Yasikov. Posso ajudar-te. De modo que Teresa acendeu um cigarro, depois outro e mais outro e, demoradamente, pôs o seu interlocutor ao corrente daquele período da sua vida que, por muito tempo,

julgou acabada para sempre: o Batman Gúemes, don Epifanio Vargas, os esquemas do Gúero Dávila, a sua morte, a fuga de Culiacán, Melilla e Algeciras.

Coincide com os rumores que ouvi, concluiu o outro quando ela terminou. Além de ti, nunca vimos mexicanos por aqui. Não. O auge dos teus negócios deve ter refrescado a memória de alguém.

Decidiram que Teresa continuaria a fazer a sua vida normal - não posso estar fechada, disse ela, já o estive por bastante tempo em El Puerto -, mas tomando precauções e com os dois bikiles de Yasikov junto dela ao sol e à sombra. Também deverias usar uma arma, sugeriu o russo. Mas ela não quis. Eh, pá, não me lixes, disse. Estou limpa e quero continuar a estar. Posse ilegal bastaria para me porem outra vez a apanhar bolas na prisão. E, depois de pensar um momento, o outro concordou. Nesse caso, tem cuidado contigo, concluiu. Que eu trato disto.

Teresa fê-lo. Durante a semana seguinte viveu com os gorilas colados aos calcanhares, evitando mostrar-se demasiado. Manteve-se todo o tempo longe da sua casa - um apartamento de luxo em Puerto Banús que nessa época já pensava substituir por uma casa junto ao mar, em Guadalmina Baja -, e foi Pati quem andou de um lado para outro com roupa, livros e o que fosse necessário.

Guarda-costas como nos filmes, dizia. Isto parece LA Confidential. Passava muito tempo acompanhando-a, conversando ou vendo televisão, com a mesinha da sala polvilhada de branco, diante do olhar inexpressivo dos dois homens de Yasikov. Passada uma semana, Pati desejou-lhes Feliz Natal - estavam em meados de Março - e pôs em cima da mesa, ao pé do saco da Skorpion, dois grossos maços de notas. Uma atenção, disse. Para beberem alguma coisa. Pelo bem que cuidam da minha amiga. Já estamos pagos, disse o que falava com sotaque, depois de olhar para o dinheiro e para o seu colega. E Teresa pensou que Yasikov pagava muito bem o seu pessoal ou eles tinham muito respeito pelo russo. Talvez as duas coisas. Nunca chegou a saber como se chamavam. Pati referia-se sempre a eles como Pixie e Dixie.

Os dois pacotes estão localizados, informou Yasikov. Um colega que me deve favores acaba de telefonar. De modo que te mantereis ao corrente. Disse-o por telefone nas vésperas da reunião com os italianos, sem lhe dar importância aparente, no decurso de uma conversa sobre outros assuntos. Teresa estava com o seu pessoal, planeando a compra de oito pneumáticos de nove metros de eslora que seriam guardados num armazém industrial de Estepona até ao momento de serem deitados à água. Ao desligar o telefone, acendeu um cigarro para dar tempo a si própria, interrogando-se sobre a forma como o seu amigo russo iria solucionar o problema. Pati olhava-a. E, às vezes, concluiu irritada, é como se esta me adivinhasse o pensamento. Além de Pati - Teo Aljarafe estava nas



Caraíbas e Eddie Álvarez relegado a tarefas administrativas, ocupando-se da papelada bancária em Gibraltar -, estavam presentes dois novos conselheiros da Transer Naga: Farid Lataquia e o doutor Ramos. Lataquia era um maronita libanês, proprietário de uma empresa de importação, cobertura da sua verdadeira actividade, que era obter coisas. Pequeno, simpático, nervoso, com o cabelo clareando-lhe no cocuruto e um bigode frondoso, tinha feito algum dinheiro com o tráfico de armas durante a guerra do Líbano - era casado com uma Gemayel -, e vivia agora em Marbella. Se lhe proporcionassem meios suficientes, era capaz de obter qualquer coisa. Graças a ele, a Transer Naga dispunha de uma rota fiável para a cocaína: velhos pesqueiros de Huelva, iates privados ou desconjuntados navios mercantes de pouca tonelagem que, antes de carregar sal em Torrevieja, recebiam em alto mar a droga que entrava em Marrocos pelo Atlântico e, em caso de necessidade, faziam de navios-mãe para as lanchas voadoras que operavam na costa oriental andaluza. Quanto ao doutor Ramos, tinha sido médico da marinha mercante e era o estratega da organização: planeava as operações, os pontos de embarque e descarga, as manobras de diversão, a camuflagem. Cinquentão de cabelo grisalho, alto e muito magro, de aspecto descuidado, sempre com velhos casacos de malha, camisas de flanela e calças amarrotadas. Fumava em cachimbos de forninhos queimadíssimos, enchendo-os com parcimónia - era o homem mais calmo do mundo - com um tabaco inglês saído de caixas de latão que lhe deformavam os bolsos cheios de chaves, moedas, isqueiros, calcadores de cachimbo e os objectos mais imprevistos. Uma vez, ao tirar um lenço - usava-os com as suas iniciais bordadas, como antigamente - caíra-lhe ao chão uma lanterna pequenina presa a um chaveiro de propaganda dos iogurtes Danone. Ao andar, soava como um sucateiro.

- Só uma identidade - dizia o doutor Ramos. - Uma mesma folha e matrícula para cada Zodiac. Idêntica para todas. Como as lançaremos à água uma de cada vez, não há qualquer problema... Em cada viagem, uma vez carregadas, tira-se-lhes a inscrição e tornam-se anónimas. Para maior segurança podemos abandoná-las depois, ou arranjamos alguém que se encarregue delas. Pagando, claro. Assim, amortizamos alguma coisa.

- Não é muito descaramento, isso da mesma matrícula?

- Vão para a água uma a uma. Quando a A estiver operando, colocamos a numeração à B. Desta forma, como todas elas serão iguais, teremos sempre uma amarrada no seu molhe, limpa. Para efeitos policiais, nunca terá saído dali.

- E a vigilância no porto?

O doutor Ramos sorriu apenas, com sincera modéstia. O contacto pessoal era também a sua especialidade: guardas portuários, mecânicos, marinheiros.

Andava por ali, com o seu velho Citroen 2 CV estacionado em qualquer parte, conversando com um e com outro, cachimbo entre os dentes e aquele ar despistado e respeitável. Tinha um pequeno barquinho a motor em Cabopino que usava para ir à pesca. Conhecia cada lugar da costa e toda a gente entre Málaga e a foz do Guadalquivir.

- Isso está controlado. Ninguém incomodará. Outra coisa é virem investigar de fora. Mas esse flanco já eu não posso cobrir. A segurança externa ultrapassa as minhas competências.

Era verdade. Teresa tratava disso graças às relações de Teo Aljarafe e a alguns contactos de Pati. Um terço das receitas da Transer Naga destinava-se a relações públicas em ambas as margens do Estreito; isso incluía políticos, pessoal da Administração, agentes da segurança do Estado. O segredo consistia em negociar, conforme os casos, com informação ou com dinheiro. Teresa não se esquecia da lição de Punta Castor e tinha deixado que apreendessem alguns carregamentos importantes - investimentos a fundo perdido, como os chamava - para conquistar a boa vontade do chefe do grupo contra a Delinquência Organizada da Costa del Sol, o comissário Nino Juárez, velho conhecido de Teo Aljarafe. Também os comandos da Guarda Civil beneficiavam das informações privilegiadas e controladas, registando êxitos que engrossavam as estatísticas. Hoje por ti, amanhã por mim, e de momento deves-me uma. Ou várias. Com algumas autoridades subalternas ou com alguns guardas e polícias, as delicadezas eram desnecessárias: um contacto de confiança punha em cima da mesa um maço de notas, e assunto resolvido. Nem todos se deixavam comprar; mas até nessas alturas costumava funcionar a solidariedade corporativa. Era raro alguém denunciar um colega, excepto em casos escandalosos. Além disso, as fronteiras do trabalho contra a delinquência e a droga nem sempre estavam definidas; muita gente trabalhava para os dois lados ao mesmo tempo, pagava-se com droga aos informadores, e o dinheiro era a única regra a ter em conta. Relativamente a determinados políticos locais, com eles também não era necessário muito tacto. Teresa, Pati e Teo jantaram várias vezes com Tomás Pestana, presidente da Câmara de Marbella, para tratar da requalificação de uns terrenos que podiam destinar-se à construção. Teresa aprendera rapidamente - embora só agora comprovasse as vantagens de estar no topo da pirâmide - que, à medida que se beneficia o conjunto social, se obtém o seu apoio. No fim, até ao dono da tabacaria da esquina lhe convém o tráfico. E na Costa del Sol, como em toda a parte, aparecer com um bom aval de fundos para investir abria muitas portas. Depois era tudo uma questão de habilidade e de paciência. De comprometer as pessoas pouco a pouco, sem as assustar, até o seu bem-estar depender de nós. Deixando correr com muita suavidade. Nas palminhas. Era

como com os tribunais: começava-se com flores e bombons para as secretárias e acabava-se dominando um juiz. Ou vários. Teresa tinha conseguido colocar três na lista de pagamentos, incluindo um presidente da Audiência, para quem Teo Aljarafe acabava de adquirir um apartamento em Miami.

Voltou-se para Lataquia.

- O que se passa com os motores?

O libanês fez um gesto antigo e mediterrânico, com os dedos da mão unidos e virados para cima numa volta rápida.

- Não foi fácil - disse. - Faltam-nos seis unidades. Estou a tratar disso.

- E os acessórios?

- Os pistões Wiseco chegaram há três dias, sem problemas. A caixa de rolamentos para as bielas também... Quanto aos motores, posso completar a remessa com outras marcas.

- Pedi-te - disse Teresa lentamente, sublinhando as palavras - merdas de Yamahas de duzentos e vinte e cinco cavalos e carburadores de duzentos e cinquenta... Foi isso que te pedi.

Observou que o libanês, inquieto, olhava para o doutor Ramos à procura de apoio, mas o rosto deste permaneceu insondável. Chupava o seu cachimbo, envolto em fumo. Teresa sorriu no seu íntimo. Que cada mastro aguentasse a sua vela.

- Eu sei - Lataquia ainda olhava para o doutor, com um ar ressentido. - Mas conseguir dezasseis motores de uma assentada não é fácil. Nem sequer um distribuidor oficial consegue garanti-los em tão pouco tempo.

- Todos os motores têm de ser idênticos - especificou o outro. - Caso contrário, adeus cobertura.

Ainda por cima colabora, diziam os olhos do libanês. Ibn charmuta. Devem achar que nós, fenícios, fazemos milagres.

- Que pena - limitou-se a dizer. - Todos estes gastos para uma viagem.

- Olha quem lamenta os gastos - insinuou Pati, que acendia um cigarro. - Mister Dez por Cento... - soprou o fumo para longe, franzindo muito os lábios. - O poço sem fundo.

Ria-se um bocadinho, quase à margem, como de costume. Gozando o prato. Lataquia punha uma cara de incompreendido.

- Farei o que puder.

- Tenho a certeza que sim - disse Teresa.

Nunca hesites em público, dissera-lhe Yasikov. Rodeia-te de conselheiros, ouve com atenção, leva o teu tempo a pronunciar-te se for preciso; mas depois nunca titubeies diante dos subalternos, nem os deixes discutir as tuas decisões depois de as teres tomado. Teoricamente, um chefe nunca se engana. Não. Tudo

o que diz foi pensado anteriormente. E, sobretudo, uma questão de respeito.

Se conseguires, faz-te querer. Claro. Isso também garante lealdades. Sim. De qualquer forma, a ter que optar, é preferível seres respeitada a seres querida.

- Tenho a certeza - repetiu.

Mas melhor ainda que respeitar-te é temer-te, pensava. Embora o temor não se imponha de chofre, mas de uma forma gradual. Qualquer um pode assustar outros; isso está ao alcance de qualquer selvagem. Difícil é ir-se fazendo temer pouco a pouco.

Lataquia reflectia, cofiando o bigode.

- Se me autorizares - acabou por concluir -, posso tentar consegui-los lá fora.

Conheço gente em Marselha e em Génova... O que acontece é que demorariam um pouco mais. E há ainda as licenças de importação e tudo isso.

- Arranja-te. Quero esses motores - fez uma pausa e olhou para a mesa. - E outra coisa. É preciso ir pensando num barco grande - ergueu a vista. - Não muito grande. Com toda a cobertura legal em ordem.

- Quanto queres gastar?

- Setecentos mil dólares. Mais cinquenta mil, quanto muito. Pati não estava ao corrente. Observava-a de longe, fumando, sem dizer nada. Teresa evitou olhar para ela. No fim de contas, pensou, estás sempre a dizer que sou eu quem dirige o negócio. Que estás bem assim.

- Para atravessar o Atlântico? - quis saber Lataquia, que tinha captado a nuance dos cinquenta mil extra.

- Não. Que possa apenas deslocar-se por aqui.

- Há alguma coisa importante em marcha?

O doutor Ramos permitiu-se um olhar de censura. Perguntas demasiado, dizia o seu silêncio fleumático. Observa-me. Ou à menina OTarrell, ali sentada, tão discreta como se estivesse de visita.

- Pode ser que haja - respondeu Teresa. - De quanto tempo necessitas?

Ela sabia o tempo de que dispunha. Pouco. Os colombianos estavam em ponto de caramelo para um salto qualitativo. Uma única carga, de chofre, que abastecesse italianos e russos por algum tempo. Yasikov sondara-a a esse respeito e Teresa tinha-lhe prometido estudar o assunto.

Lataquia tornou a coçar o bigode. Não sei, disse. Uma viagem para dar uma vista de olhos, as formalidades e o pagamento. Três semanas, no mínimo.

- Menos.

- Duas semanas.

- Uma.

- Posso tentar - suspirou Lataquia. - Mas sairá mais caro. Teresa desatou a rir. No fundo divertiam-na as manhas daquele cabrão. Com ele, uma em cada três

palavras era dinheiro.

- Não me lixes, libanês. Nem mais um dólar. E desanda, que se faz tarde.

A reunião com os italianos efectuou-se no dia seguinte à tarde, no apartamento de Sotogrande. Máxima segurança. Além dos italianos - dois homens da N'Drangheta calabresa chegados naquela manhã ao aeroporto de Málaga -, assistiram apenas Teresa e Yasikov. A Itália convertera-se no principal consumidor europeu de cocaína e a ideia era garantir um mínimo de quatro carregamentos de setecentos quilos ao ano. Um dos italianos, um indivíduo maduro com patilhas grisalhas e casaco de antílope, com ar de um próspero homem de negócios, desportivo e à moda, que tinha uma voz canora - o outro esteve calado todo o tempo ou inclinava-se de vez em quando para soprar algumas palavras ao ouvido do seu colega -, deu uma explicação pormenorizada num espanhol bastante aceitável. O momento era óptimo para estabelecer essa conexão: Pablo Escobar estava a ser acossado em Medellín, os irmãos Rodríguez Orejuela viam bastante diminuída a sua capacidade de operar directamente nos Estados Unidos, e os clãs colombianos precisavam de compensar na Europa as perdas resultantes da sua substituição na América do Norte pelas máfias mexicanas. Eles, a N'Drangheta, mas também a Máfia da Sicília e a Camorra napolitana - em boas relações e todos homens de honra, acrescentou muito sério, depois de o seu colega lhe ter sussurrado alguma coisa -, precisavam de garantir um fornecimento constante de cloridrato de cocaína com uma pureza de noventa a noventa e cinco por cento - poderiam vendê-lo a sessenta mil dólares o quilo, três vezes mais caro do que em Miami ou São Francisco -, e também pasta de coca-base destinada a refinarias clandestinas locais. Nesse ponto, o outro - magro, barba aparada, vestido de escuro, aspecto antiquado - tinha voltado a dizer-lhe alguma coisa ao ouvido e o colega ergueu um dedo admonitório, franzindo a testa exactamente como Roberto de Niro nos filmes de gangsters.

- Cumprimos com quem cumpre - particularizou.

E Teresa, que não perdia pitada, pensou que a realidade imitava a ficção, num mundo onde os gangsters iam ao cinema e viam televisão como toda a gente. Um negócio grande e estável, dizia agora o outro, com perspectivas de futuro, desde que as primeiras operações saíssem a contento de todos. Depois explicou aquilo que Teresa já sabia através de Yasikov: que os seus contactos na Colômbia tinham pronto o primeiro carregamento, e até um barco, o Derly, preparado em La Guaira, Venezuela, para carregar os setecentos pacotes de droga camuflados em bidões de dez quilos de lubrificante para automóveis, acondicionados num contentor. O resto da operação era inexistente, disse encolhendo os ombros e ficando a olhar para Teresa e para o russo como se eles tivessem a culpa.

Para surpresa dos italianos e do próprio Yasikov, Teresa tinha elaborado uma proposta concreta. Tinha passado a noite e a manhã trabalhando com o seu pessoal a fim de poder colocar sobre a mesa um plano de operações que começava em La Guaira e terminava no porto de Gioia Tauro, Calábria. Expôs tudo em pormenor: datas, prazos, garantias, compensações em caso de perda da primeira carga.

Talvez tenha revelado mais coisas do que as necessárias para a segurança da operação; mas naquela fase, compreendeu à primeira vista, era tudo uma questão de impressionar a clientela. O aval de Yasikov e da Babushka só a cobria até certo ponto. De modo que, à medida que falava, preenchendo as lacunas operativas conforme estas se iam apresentando, procurou articular tudo com a aparência de uma coisa bastante calculada, sem cabos soltos. Ela - expôs -, ou melhor, uma pequena sociedade marroquina chamada Ouxda Imexport, filial de fachada da Transer Naga com sede em Nador, encarregar-se-ia da mercadoria no porto atlântico de Casablanca, transferindo-a para um antigo draga-minas inglês com bandeira de Malta, o Howard Morbaim, que naquela mesma manhã - Farid Lataquia mexera-se rapidamente - soube estar disponível. Depois, aproveitando a mesma viagem, o barco seguiria até Constanta, na Roménia, para entregar aí outra carga que já estava armazenada em Marrocos à espera, destinada ao pessoal de Yasikov. A coordenação das duas entregas reduziria o preço do transporte, reforçando também a segurança. Menos viagens, menos riscos. Russos e italianos partilhando gastos. Bela cooperação internacional. *Etc.*

O único senão era ela não aceitar parte do pagamento em droga. Só transporte.

E só dólares.

Os italianos estavam encantados com Teresa e encantados com o negócio. Tinham vindo sondar as possibilidades e deparavam-se com uma operação entre mãos.

Quando chegou a altura de tratar dos aspectos económicos, custos e percentagens, o do casaco de antílope ligou o seu telemóvel, desculpou-se e esteve vinte minutos a falar no quarto ao lado, enquanto Teresa, Yasikov e o italiano da barba aparada e ar antiquado olhavam uns para os outros sem dizer uma palavra, em volta da mesa coberta de folhas que ela tinha enchido de números, diagramas e dados. Por fim o outro apareceu à porta. Sorria, e convidou o seu colega a reunir-se um momento com ele. Nessa altura, Yasikov acendeu o cigarro que Teresa levava aos lábios.

- São teus - disse. - Sim.

Teresa recolheu os papéis sem dizer uma palavra. Às vezes olhava para Yasikov: o russo sorria, animador, mas ela permaneceu séria. Nunca nada está

feito, pensava, até estar feito. Quando os italianos regressaram, o do casaco de antílope fê-lo com uma expressão risonha, e o do aspecto antiquado parecia menos tenso e solene. Cazzo, disse o risonho. Quase surpreendido. Nunca tínhamos feito acordos com uma mulher. Depois acrescentou que os seus superiores davam luz verde. A Transer Naga acabava de obter a concessão exclusiva das máfias italianas para o tráfico marítimo de cocaína para o Mediterrâneo Oriental.

Os quatro festejaram-no naquela mesma noite, primeiro com um jantar na Casa Santiago e depois na Jadranka, onde se lhes juntou Pati O'Tarrell. Teresa soube mais tarde que o pessoal do DOCS, os polícias do comissário Nino Juárez, esteve a fotografá-los de uma Mercury camuflada, no decurso de um controlo de vigilância rotineiro; mas aquelas fotografias não tiveram consequências: os da N'Drangheta nunca foram identificados. Além disso, quando poucos meses mais tarde Nino Juárez entrou para a lista de subornos de Teresa Mendoza, esse arquivo, entre muitas outras coisas, perdeu-se para sempre.

Na Jadranka, Pati esteve encantadora com os italianos. Falava a língua deles e era capaz de contar anedotas descaradas com um sotaque impecável que os outros dois, admirados, identificaram como toscano. Não fez perguntas nem ninguém disse nada do que fora ventilado na reunião. Dois amigos, uma amiga. A jeresiana sabia do que vinham tratar aqueles dois, mas seguiu admiravelmente a onda.

Mais tarde teria oportunidade de saber os pormenores. Houve muitos risos e muitos copos que contribuíram para favorecer ainda mais o clima do negócio.

Não faltaram duas belas ucranianas, altas e loiras, recém-chegadas de Moscovo, onde tinham feito filmes pornográficos e posado para revistas antes de se integrarem na rede de prostituição de luxo que a organização de Yasikov controlava; nem faltaram também uns riscos de cocaína que os dois mafiosos, que se revelaram mais extrovertidos do que pareciam num primeiro contacto, liquidaram sem reparos no escritório do russo, sobre uma bandejinha de prata.

Pati também não se fez rogada. Grandes penças as dos meus primos, comentou esfregando o nariz empoado. Estes coliflori mafiosi sorvem-na a um metro de distância. Estava com demasiados copos em cima; mas os seus olhos inteligentes, fixos em Teresa, tranquilizaram-na. Acalma-te, Mexicaninha. Eu amacio-te estes passarões antes que as duas putinhas bolcheviques os aliviem de fluidos e de peso. Amanhã contas-me.

Quando estava tudo encaminhado, Teresa resolveu despedir-se. Um dia duro. Não era noctívaga e os seus guarda-costas russos esperavam-na, um apoiado a um canto do balcão, outro no estacionamento. A música fazia pumba, pumba, e a luz da pista iluminava-a aos lampejos quando apertou as mãos dos homens da

N'Drangheta. Um prazer, disse. Foi um prazer. Chi vediamo, disseram os outros, instalados cada um com sua loura. Abotoou o casaco Valentino de pele preta, preparando-se para sair enquanto via deslocar-se atrás de si o gorila do balcão. Olhando em volta à procura de Yasikov, viu-o chegar entre as pessoas.

Tinha-se desculpado cinco minutos antes, solicitado por uma chamada telefónica.

- Passa-se alguma coisa? - perguntou ela ao ver-lhe a cara.

- Niet, disse o outro. Vai tudo bem. E pensei que antes de ires para casa talvez quisesses acompanhar-me. Um pequeno passeio, acrescentou. Não longe daqui. Estava involuntariamente sério e a Teresa acenderam-se-lhe as luzes de alarme.

- O que se passa, Oleg?

- Surpresa.

Viu que Pati, sentada à conversa com os italianos e com as duas russas, olhava para eles inquisitiva, preparando-se para se levantar; mas Yasikov arqueou uma sobrancelha e Teresa abanou a cabeça numa negativa. Saíram os dois, seguidos pelo guarda-costas. À porta esperavam-nos os carros, o segundo homem de Teresa ao volante do carro dela e o Mercedes blindado de Yasikov com motorista e um gorila no assento dianteiro. Um terceiro carro esperava um pouco mais longe, com outros dois homens no seu interior: a escolta permanente do russo, rapazes sólidos de Solntsevo, dóbermans quadrados como armários. Todos os carros tinham os motores ligados.

- Vamos no meu - disse o russo, sem responder à pergunta silenciosa de Teresa.

O que terá entre mãos, pensava ela. Este ruski manhoso e grande cabrão.

Deslocaram-se em fila discreta durante quinze minutos, dando voltas até terem a certeza de que ninguém os seguia. Depois apanharam a auto-estrada até uma urbanização de Nueva Andalucía. Aí, o Mercedes entrou directamente para a garagem de uma moradia com um pequeno jardim e muros altos, ainda em construção.

Yasikov, com o rosto impassível, segurou na porta do automóvel para que Teresa saísse. Esta seguiu-o pelas escadas até chegar a um vestíbulo vazio, com tijolos empilhados contra a parede, onde um homem fornido, com um pólo desportivo, que folheava uma revista sentado no chão à luz de um candeeiro a gás butano, se levantou ao vê-los entrar. Yasikov dirigiu-lhe algumas palavras em russo e o outro concordou várias vezes. Desceram à cave, escorada por vigas metálicas e grandes tábuas. Cheirava a cimento fresco e a humidade.

Na penumbra distinguiam-se ferramentas de pedreiro, bidões com água suja, sacos de cimento. O homem do pólo desportivo aumentou a intensidade da



chama de um segundo candeeiro suspenso de uma viga. Então Teresa viu o Gato Fierros e Potemkin Gálvez. Estavam nus, amarrados com arame pelos pulsos e pelos tornozelos a cadeiras brancas de campismo. E o aspecto deles era de quem tinha conhecido noites melhores do que aquela.

- Não sei mais nada - gemeu o Gato Fierros.

Não os tinham torturado muito, verificou Teresa. Apenas um tratamento prévio, quase informal, ferrando-lhes umas berlaitadas à espera de instruções mais precisas, com algumas horas de prazo para poderem dar voltas à imaginação e amadurecerem, pensando menos no que tinham sofrido e mais no que lhes faltava sofrer. Os cortes de navalha no peito e nos braços eram superficiais e já quase não sangravam. O Gato tinha uma crosta seca nos orifícios nasais. O seu lábio superior rasgado, inchado, dava um tom avermelhado à baba que lhe caía pelos cantos da boca. Tinham-se consolado um pouco mais ao bater-lhe com uma varinha metálica no ventre e nas coxas: escroto inflamado e equimoses recentes na carne tumefacta. Havia um cheiro ácido, a urina, a suor e a medo; daquele que se enrosca nas tripas e as solta. Enquanto o homem do pólo desportivo fazia perguntas atrás de perguntas num espanhol tosco, com um forte sotaque, intercalando sonoras bofetadas que faziam o rosto do mexicano ir de um lado para outro, Teresa observava, fascinada, a enorme cicatriz horizontal que lhe deformava a parte direita da cara; a marca do chumbo calibre 45 que ela própria disparara à queima-roupa há alguns anos, em Culiacán, no dia em que o Gato Fierros decidiu que era uma pena matá-la sem se divertir um pouco antes, vai morrer na mesma e seria um desperdício, foi o que disse, e depois o murro impotente e furioso de Potemkin Gálvez destruindo a porta do armário: o Gúero Dávila era dos nossos, Gato, lembra-te disso, e esta era a gaja dele, matemo-la mas com respeito. O cano preto do Python aproximando-se da sua cabeça, quase piedoso, afasta-te para não te salpicar, meu, e acabemos com isto. Bolas! A lembrança chegava em vagas, cada vez mais intensa, tornando-se física por fim, e Teresa sentiu arder-lhe tanto o ventre como a memória, a dor e o asco, a respiração do Gato Fierros na sua cara, a urgência do sicário cravando-se nas suas entranhas, a resignação perante o inevitável, o tacto da pistola no saco colocado no chão, o estampido. Os estampidos. O salto pela janela, com os ramos lacerando-lhe a carne nua. A fuga. Agora não sentia ódio, descobriu. Apenas uma intensa e fria satisfação. Uma sensação de poder gelado, bastante aprazível e tranquilo.

- Juro que não sei mais nada... - continuavam a estalar as bofetadas no vazio daquela cave. - Juro pela vida da minha mãe.

Tinha mãe, o grande filho da cadela. O Gato Fierros tinha a merda de uma mãezinha como toda a gente, lá em Culiacán, e, sem dúvida, enviava-lhe

dinheiro para suavizar a sua velhice quando cobrava cada morte, cada violação, cada porrada.

Sabia mais, evidentemente. Embora o tivessem posto a sangrar à força de naifadas e porrada, sabia mais sobre muitas coisas; mas Teresa tinha a certeza de que ele tinha contado tudo sobre a sua viagem a Espanha e as suas intenções: o nome da mexicana, a mulher que se mexia no mundo do narco na costa andaluza, chegava até à antiga terra de Culiacán. De modo que toca a limpar-lhe o sarampo.

Contas antigas, preocupação com o futuro, com a concorrência ou vá-se lá saber com quê. Vontade de atar pontas soltas. O Batman Gúemes estava no centro da teia de aranha, naturalmente. Eram os seus pistoleiros, com um trabalho por acabar. E o Gato Fierros, amarrado com arame à sua absurda cadeira branca, menos bravo que no pequeno apartamento de Culiacán, soltava a língua para poupar uma pequena parcela de dor. Aquele meço estripador que tanto se armava de pistola à cinta, em Sinaloa, fodendo gajas antes de as matar. Era tudo tão lógico e natural.

- Digo-lhes que já não sei nada - continuava choramingando o Gato.

Potemkin Gálvez parecia mais firme. Apertava os lábios, obstinado, mais difícil a cuspir verbos. Nem pensar. Enquanto ao Gato parecia terem-lhe dado desfoliante, Gálvez negava com a cabeça diante de cada pergunta, embora tivesse o corpo tão maltratado como o seu companheiro, com manchas novas sobre as de nascença que já trazia na pele, e cortes no peito e nas coxas, insolitamente vulnerável em toda a sua nudez gorda e peluda presa à cadeira pelos arames que lhe penetravam na carne, arroxando mãos e pés inchados. Sangrava pelo pénis, pela boca e pelo nariz, com o bigode negro e farto pingando gotas vermelhas que corriam em regueiros finos pelo peito e pela barriga. Não, claro.

Era evidente que o seu estilo não era fazer de bufo, e Teresa pensou que mesmo na hora de acabar há classes, e tipos, e gente que se comporta de uma forma ou de outra. E que embora nessas alturas dê no mesmo, no fundo não dá. Talvez fosse menos imaginativo do que o Gato, reflectiu observando-o.

A vantagem dos homens com pouca imaginação era ser-lhes mais fácil fechar-se, bloquear a mente sob tortura. Os outros, os que pensavam, despejavam antes.

Faziam sozinhos metade do caminho, dá-lhe-que-dá-lhe, pensa que pensa, e o que havia que cozer iam pondo de molho. O medo é sempre mais intenso quando somos capazes de imaginar o que nos espera.

Yasikov olhava um pouco afastado, de costas contra a parede, observando sem abrir a boca. E o teu negócio, dizia o seu silêncio. As tuas decisões.

Interrogava-se também, sem dúvida, como era possível que Teresa suportasse aquilo sem um tremor na mão que segurava os cigarros que fumava um atrás do outro, sem pestanejar, sem uma careta de horror. Examinando os sicários torturados com uma curiosidade seca, atenta, que não parecia ser dela, mas da outra gaja que rondava ali perto, olhando-a tal como Yasikov o fazia, entre as sombras daquela cave. Havia mistérios interessantes em tudo aquilo, concluiu. Lições sobre os homens e as mulheres. Sobre a vida e sobre a dor, o destino e a morte. E, tal como os livros que lia, todas aquelas lições falavam também dela própria.

O gorila do pólo desportivo limpou o sangue das mãos nas pernas das calças e voltou-se para Teresa, disciplinado e interrogante. A sua navalha estava no chão, aos pés do Gato Fierros. Mais para quê? - concluiu ela. Estava tudo claríssimo, e o resto já eu sei. Olhou finalmente para Yasikov, que encolheu quase imperceptivelmente os ombros, dirigindo um olhar significativo aos sacos de cimento empilhados a um canto. Aquela cave da casa em construção não era casual. Estava tudo previsto.

Eu fá-lo-ei, decidi de súbito. Sentia uma vontade estranha de se rir no seu íntimo. De si própria. De se rir perversamente. Amargamente. Na realidade, pelo menos no que se referia ao Gato Fierros, tratava-se apenas de acabar o que tinha iniciado apertando o gatilho da Double Eagle, há tanto tempo. La vida te da sorpresas, dizia a canção. Sorpresas te da la vida. Porra. Às vezes dá-tas sobre coisas tuas. Coisas que estão aí e não sabias que estavam. Dos cantos em sombras, a outra Teresa Mendoza continuava a observá-la com muita atenção. Se calhar, reflectiu, quem se quer rir por dentro é ela.

- Eu fá-lo-ei - ouviu-se repetir, agora em voz alta.

A responsabilidade era sua. Eram suas as contas pendentes e era sua a vida.

Não podia valer-se de ninguém. O do pólo desportivo observava-a curioso, como se o seu espanhol não fosse suficientemente bom para compreender o que ouvia; rodou na direcção do seu chefe e depois voltou a olhá-la outra vez.

- Não - disse Yasikov, suavemente.

Tinha falado e tinha-se mexido, por fim. Afastou as costas da parede, aproximando-se. Não a observava a ela, mas aos sicários. O Gato Fierros tinha a cabeça inclinada sobre o peito; Potemkin Gálvez olhava-os como se não os visse, com os olhos fixos na parede através deles. Fixos no nada.

- É a minha guerra - disse Teresa.

- Não - repetiu Yasikov.

Agarrava-a com doçura pelo braço, convidando-a a sair dali. Agora encaravam-se, estudando-se.

- Estou-me a cagar para quem seja... - disse Potemkin Gálvez de repente. -

Aviem-me simplesmente, que já estão a demorar.

Teresa encarou o pistoleiro. Era a primeira vez que o via abrir a boca. A voz dele soou rouca, apagada. Continuava a olhar na direcção de Teresa como se ela fosse invisível e ele tivesse os olhos absortos no vazio. A sua corpulência nua, imobilizada na cadeira, brilhava de suor e de sangue. Teresa pôs-se a andar devagar até ficar muito perto, ao seu lado. Tinha um cheiro azedo, a carne suja, maltratada e torturada.

- 'Tá, Pinto - disselhe. - Não te apresses... Vais morrer já. O outro assentiu um pouco com a cabeça, olhando sempre para o lugar onde ela tinha estado parada. E Teresa tornou a ouvir o ruído dos estilhaços na porta do armário de Culiacán, e viu o cano do Python aproximando-se da sua cabeça, e de novo ouviu a voz dizendo o Gúero era dos nossos, Gato, lembra-te, e esta era a garina dele. Afasta-te para não te salpicar. E talvez, pensou de súbito, lhe devesse isso deveras. Acabar rapidamente, tal como ele tinha desejado para ela. Bolas. Eram as regras.

Apontou com um gesto para o cabisbaixo Gato Fierros.

- Não te juntaste a este - murmurou.

Nem sequer se tratava de uma pergunta, ou de uma reflexão. Apenas de um facto.

O pistoleiro permaneceu impassível, como se não tivesse ouvido. Um novo fiozinho de sangue pingava-lhe do nariz, suspenso nos pêlos sujos do bigode. Ela examinou-o mais alguns instantes e depois foi devagar até à porta, pensativa. Yasikov esperava-a no umbral.

- Respeitem o Pinto - disse Teresa.

Nem sempre é justo arrear por igual, pensava. Porque há dívidas. Códigos estranhos que só cada pessoa entende. Coisas nossas.

## 12. QUE TAL SE TE COMPRO

Sob a luz que entrava pelas grandes clarabóias do tecto, os flutuadores do barco pneumático Valiant pareciam dois grandes torpedos cinzentos. Teresa Mendoza estava sentada no chão, rodeada de ferramentas e, com as mãos manchadas de óleo, ajustava as novas hélices na coluna dos dois motores alterados para os 250 cavalos. Vestia umas velhas calças de ganga e uma camisola de manga curta suja, e o cabelo apanhado em duas tranças pendia-lhe dos lados da cara pintalgada de gotas de suor. Pepe Horcajuelo, o seu mecânico de confiança, estava junto dela observando a operação. De vez em quando, sem que Teresa lho pedisse, estendia-lhe uma ferramenta. Pepe era um indivíduo pequeno, quase minúsculo, que fora, noutros tempos, uma promessa do motociclismo. Uma mancha de óleo numa curva e ano e meio de reabilitação retiraram-no dos circuitos, obrigando-o a trocar o fato-macaco de cabedal pelo fato-macaco de mecânico.

O doutor Ramos descobrira-o quando se queimou a junta da cabeça do motor do seu velho 2 CV e andou por Fuengirola à procura de uma oficina que abrisse aos domingos. O antigo corredor tinha boa mão para os motores, incluindo os navais, aos quais era capaz de arrancar mais quinhentas rotações. Era desses tipos calados e eficientes que gostam da sua profissão, trabalham muito e nunca fazem perguntas. Também - exigência básica - era moderado. O único sinal visível do dinheiro que tinha ganho nos últimos catorze meses era uma Honda 1200 que estava agora estacionada diante do armazém que a Marina Samir, uma pequena empresa de capital marroquino com sede em Gibraltar - outra das filiais de fachada da Transer Naga -, tinha junto ao porto desportivo de Sotogrande. O resto, poupava-o cuidadosamente. Para a velhice.

Porque nunca se sabe, costumava dizer, em que curva me espera a próxima mancha de óleo.

- Agora aperta bem - disse Teresa.

Pegou no cigarro que fumegava sobre o cavalete onde estavam apoiados os motores e deu-lhe duas passas, manchando-o de óleo. Pepe não gostava que fumassem quando trabalhavam ali nem que andassem remexendo nos motores cuja manutenção lhe confiavam. Mas ela era a chefe, e os motores, as lanchas e o armazém eram seus. De modo que nem Pepe nem ninguém podiam objectar. Além disso, Teresa gostava de se entreter com coisas como aquela, trabalhar na mecânica, andar pelo varadouro e pelas instalações dos portos. Uma vez por outra saía para testar os motores ou uma lancha; e uma vez, pilotando uma das

novas semi-rígidas de nove metros - ela própria se lembrara de utilizar as quilhas ocas de fibra de vidro como depósitos de combustível -, navegou toda uma noite à máxima potência, para testar o seu comportamento num mar com marejada forte. Mas na realidade tudo isso eram pretextos. Daquela forma recordava, e recordava-se, e mantinha o vínculo com uma parte de si própria que não se conformava em desaparecer. É possível que isso tivesse a ver com certas inocências perdidas; com estados de espírito que agora, olhando para trás, chegava a julgar próximos da felicidade. Talvez nessa altura tenha sido feliz, dizia para consigo. Talvez o tenha sido deveras, embora não me desse conta.

- Dá-me uma chave número cinco. Segura aqui... Assim. Ficou a observar o resultado, satisfeita. As hélices de aço que acabava de instalar - uma levogira e outra dextrogira, para compensar o desvio provocado pela rotação - tinham menos diâmetro e mais peso helicoidal que as originais de alumínio; e isso permitiria aos dois motores aparafusados no painel de popa de uma semi-rígida atingir mais alguns nós de velocidade com mar chão. Teresa pousou novamente o cigarro no cavalete e meteu as cavilhas e as travessas que Pepe lhe estendia, prendendo-as bem. Depois, deu uma última passa no cigarro, apagou-o cuidadosamente na meia lata de Castrol vazia que usava como cinzeiro, e pôs-se de pé, massajando os rins doridos.

- Depois dizes-me que tal se portam.

- Depois digo-lhe.

Teresa limpou as mãos com um trapo e saiu lá para fora, semicerrando os olhos devido à claridade do sol andaluz. Esteve assim uns instantes, apreciando o lugar e a paisagem: a enorme grua azul do varadouro, os mastros dos barcos, o chapinhar suave da água na rampa de betão, o cheiro a mar, a óxido e a pintura fresca que exalavam os cascos fora da água, o tilintar das adriças com a brisa que vinha de levante por cima do dique. Cumprimentou os operários do varadouro - sabia o nome de cada um deles -, e, rodeando os armazéns e os veleiros escorados em seco, dirigiu-se para a parte de trás, onde Pote Gálvez a esperava de pé junto ao Cherokee estacionado entre as palmeiras, com a areia cinzenta da praia que fazia uma curva na direcção de Punta Chullera e de este, como paisagem de fundo. Tinha passado muito tempo - quase um ano - desde aquela noite na cave da moradia em construção de Nueva Andalucía, e também do que sucedera alguns dias mais tarde, quando o pistoleiro, ainda com marcas e equimoses, se apresentou diante de Teresa escoltado por dois homens de Yasikov.

Gostaria de conversar uma coisa com a senhora, tinha dito. Uma coisa urgente.

E tem de ser agora mesmo. Teresa recebeu-o muito séria e muito fria na

varanda de uma suíte do Hotel Puente Romano que dava para a praia, com os gorilas vigiando-os através das grandes vidraças fechadas da sala, tu dirás, Pinto.

Talvez queiras um copo. Pote Gálvez respondeu não, obrigado, e depois ficou um bocado a olhar para o mar sem o ver, coçando a cabeça como um urso desajeitado, com o seu fato escuro e engelhado, o casaco assertoado que lhe ficava pessimamente porque lhe acentuava a gordura, as botas sinaloenses de pele de iguana em jeito de nota discordante na indumentária formal - Teresa sentiu uma estranha simpatia por aquele par de botas - e o colarinho da camisa fechado para a ocasião por uma gravata demasiado larga e colorida. Teresa observava-o com muita atenção, da forma que tinha aprendido a olhar, nos últimos anos, para toda a gente, homens e mulheres. Corja de seres humanos racionais. Adivinhando o que diziam e, sobretudo, o que calavam ou o que demoravam a dizer, como o mexicano nesse momento. Tu dirás, repetiu por fim; e o outro foi-se voltando para ela, ainda em silêncio, e acabou por olhá-la directamente, deixando de coçar a cabeça para dizer em voz baixa, depois de dar uma olhadela de soslaio aos homens da sala, pois a verdade é que venho agradecer-lhe, senhora. Agradecer-lhe por permitir que continue vivo apesar do que fiz, ou do que estive prestes a fazer. Não quererás que to explique, replicou ela com dureza. E o pistoleiro desviou novamente os olhos, não, claro que não, e repetiu-o duas vezes com aquela maneira de falar que tantas recordações trazia a Teresa, porque se infiltrava pelas brechas do seu coração. Só queria isso.

Agradecer-lhe e que saiba que Potemkin Gálvez está em dívida para consigo e vai pagá-la. E como pensas pagar-me, perguntou ela. Pois veja que já a paguei em parte, foi a resposta. Conversei com a gente que me enviou de lá. Por telefone. Conteí a pura verdade: que nos montaram uma armadilha e apagaram o Gato, e que não se pôde fazer nada porque nos fizeram uma espera e nos deram forte e feio. De que gente falas, perguntou Teresa, conhecendo a resposta.

Ora, gente..., disse o outro, endireitando-se um pouco picado, endurecidos subitamente os olhos orgulhosos. O que se passa, dona. A senhora sabe que eu certas coisas não as digo. Digamos apenas gente. Malta de lá. E depois, humilde de novo e entre muitas pausas, procurando as palavras com esforço, explicou que essa gente, quem quer que fosse, tinha levado a mal que ele continuasse a respirar e que ao seu compadre Gato o tivessem esfriado daquela maneira, e que lhe tinham explicado bem clarinho os três caminhos possíveis: acabar o serviço, agarrar o primeiro avião e voltar a Culiacán para as consequências, ou esconder-se onde não o encontrassem.

- E o que decidiste, Pinto?

- Pois, nem pensar. Veja bem que nenhuma das três coisas me agrada. Por sorte ainda não constituí família. De modo que por esse lado estou tranquilo.

-E?

- Ora. Aqui me tem.

- E o que faço contigo?

- A senhora há-de saber. Palpita-me que esse não é problema meu.

Teresa estudava o pistoleiro. Tens razão, admitiu passado uns instantes.

Sentia um sorriso à flor dos lábios mas não chegou a revelá-lo. A lógica de Pote Gálvez era compreensível de tão elementar, uma vez que ela conhecia bem os códigos. De certa forma tinha sido e era a sua própria lógica: a do mundo rude de que ambos provinham. O Gúero Dávila, pensou de repente, ter-se-ia rido imenso com tudo isto. Sinaloa puro. Poça.

As ironias da vida.

- Estás a pedir-me um emprego?

- Um dia acabarão por mandar outros - o pistoleiro encolhia os ombros com resignada simplicidade - e eu poderei pagar-lhe o que lhe devo.

E agora ali estava Pote Gálvez, esperando-a ao pé do carro, tal como todos os dias desde aquela manhã na varanda do Hotel Puente Romano: motorista, guarda-costas, moço de recados, homem para tudo. Foi fácil conseguir-lhe autorização de residência e até - aquilo custou mais alguma massa - uma licença de porte de armas através de uma determinada empresa de segurança. Isso permitia-lhe levar à cintura, dentro de um coldre de couro, um Colt Python idêntico ao que uma vez aproximou da cabeça de Teresa, noutra existência e noutras terras. Mas o pessoal de Sinaloa não voltou a dar problemas: nas últimas semanas, via Yasikov, a Transer Naga tinha sido intermediária, por amor à arte, numa operação que o cartel de Sinaloa efectuava a meias com as máfias russas que começavam a infiltrar-se em Los Angeles e São Francisco. Isso suavizou tensões, ou adormeceu velhos fantasmas; e até Teresa chegou a mensagem inequívoca de que tudo fora esquecido: não íntimos mas cada um na sua, o contador a zero e basta de sacanices. Batman Gúemes em pessoa tinha esclarecido este ponto por intermediários fiáveis; e embora naquele negócio qualquer garantia fosse relativa, bastou para acalmar as águas. Não apareceram mais sicários, embora Pote Gálvez, desconfiado por natureza e por ofício, nunca tenha baixado a guarda. Sobretudo tendo em conta que, à medida que Teresa ampliava o negócio, as relações se tornavam mais complexas e que os inimigos aumentavam proporcionalmente ao seu poder.

- Para casa, Pinto.

- Sim, patroa.

A casa era a luxuosa moradia com piscina e um jardim imenso que estava finalmente concluída em Guadalmina Baja, junto ao mar. Teresa instalou-se no assento dianteiro enquanto Pote Gálvez se punha ao volante. O trabalho nos



motores aliviara-a por algumas horas das preocupações que tinha na cabeça.

Era o apogeu de um bom período: quatro cargas da N'Drangheta tinham sido entregues sem novidade e os italianos pediam mais. Também o pessoal de Solntsevo pedia mais. As novas lanchas voadoras cobriam eficazmente o transporte de haxixe desde a costa de Múrcia até à fronteira portuguesa, com uma percentagem razoável - essas perdas também estavam previstas - de apreensões por parte da Guarda Civil e da Vigilância Aduaneira. Os contactos marroquinos e colombianos funcionavam na perfeição, e a infra-estrutura financeira actualizada por Teo Aljarafe absorvia e canalizava enormes quantidades de dinheiro das quais apenas dois quintos eram reinvestidos em meios operativos. Mas à medida que Teresa ampliava as suas actividades, os atritos com outras organizações dedicadas ao negócio eram maiores. Era impossível crescer sem ocupar espaços que outros consideravam próprio. E aí entravam os galegos e os franceses.

Nenhum problema com os franceses. Ou melhor, poucos e breves. Na Costa del Sol operavam alguns fornecedores de haxixe da máfia de Marselha, agrupados em volta de dois cabecilhas principais: um franco-argelino chamado Michel Salem, e um marselhês conhecido como Nené Garou. O primeiro era um homem corpulento, sexagenário, de cabelo grisalho e maneiras agradáveis, com quem Teresa tinha mantido alguns contactos pouco satisfatórios. Ao contrário de Salem, especializado no tráfico de haxixe em embarcações desportivas, homem discreto e familiar que vivia numa casa luxuosa de Fuengirola com duas filhas divorciadas e quatro netos, Nené Garou era um clássico rufião francês: um gangster arrogante, falador e violento, amante dos casacos de cabedal, dos carros dispendiosos e das mulheres espectaculares. Para além do haxixe, Garou lidava com a prostituição, com o tráfico de armas ligeiras e com a venda a retalho de heroína. Todas as tentativas para negociar acordos razoáveis tinham fracassado e, durante uma entrevista informal mantida com Teresa e com Teo Aljarafe no compartimento reservado de um restaurante de Mijas, Garou perdeu as estribeiras, proferindo em voz alta ameaças demasiado grosseiras e graves para não serem levadas a sério.

Aconteceu mais ou menos quando o francês propôs a Teresa o transporte de 250 quilos de heroína colombiana black tar e ela disse que não; que, no seu entender, o haxixe era droga mais ou menos popular e a coca, luxo dos parvos que a pagavam; mas que a heroína era veneno para os pobres, e ela não se metia nessas sacanices. Foi isso que disse, sacanices, e o outro levou-o a mal. A mim nenhuma putéfia mexicana me aperta os tomates, foi exactamente o seu último comentário, que o sotaque marselhês tornou ainda mais desagradável. Teresa, sem mover um músculo da cara, apagou muito devagar o seu cigarro no cinzeiro

antes de pedir a conta e abandonar a reunião. O que vamos fazer?, foi a interrogação preocupada de Teo quando chegaram à rua. Aquele fulano é perigoso e está desastinado. Mas Teresa não disse nada durante três dias: nem uma palavra, nem um comentário. Nada. No seu íntimo, serena e silenciosa, planeava acções, prós e contras, como se estivesse a meio de uma complexa partida de xadrez. Tinha descoberto que aquelas madrugadas cinzentas que a encontravam de olhos abertos davam lugar a reflexões interessantes, às vezes muito diferentes das trazidas pela luz do dia. E três madrugadas depois, já com uma decisão tomada, foi visitar Oleg Yasikov. Venho pedir-te um conselho, disse, embora os dois soubessem que isso não era verdade. E quando ela expôs o assunto em poucas palavras, Yasikov ficou a olhar para ela durante um bocado antes de encolher os ombros. Cresceste muito, Tesa, disse. E quando se cresce muito, estes inconvenientes estão incluídos no pacote. Sim. Eu não me posso meter nisso. Não. Também não posso aconselhar-te, porque esta guerra é tua e não minha. E talvez um dia - a vida gosta de brincar - nos vejamos frente a frente por coisas semelhantes. Sim. Quem sabe. Lembra-te apenas que, neste negócio, um problema por resolver é como um cancro. Mais cedo ou mais tarde, mata.

Teresa decidiu aplicar métodos sinaloenses. Vou lixá-los até ao inferno, disse para consigo. No fim de contas, se lá pelas suas bandas algumas actuações eram eficazes, também iam sê-lo aqui, onde a falta de hábito jogava a seu favor.

Nada impõe tanto como o que é desproporcionado, sobretudo quando não se está à espera. O Gúero Dávila, sem dúvida, que era um grande fã dos Tomateros de Culiacán, e rindo-se muito no bar do inferno onde agora tinha mesa, teria descrito aquilo como um batimento do caraças, roubando aos franciús a segunda base. Desta vez arranjou os recursos em Marrocos, onde um velho amigo, o coronel Abdelkader Chaib, lhe proporcionou gente adequada: ex-polícias e ex-militares que falavam espanhol, com passaporte em regra e visto de turistas, que iam e vinham utilizando a linha do ferry Tânger-Algeciras. Pessoal da pesada; sicários que não recebiam mais informações e instruções além das estritamente necessárias, e com quem, em caso de captura pelas autoridades espanholas, era impossível relacioná-la.

Assim, agarraram Nené Garou a sair de uma discoteca de Benalmádena às quatro da manhã. Dois homens jovens com aspecto de norte-africanos - disse mais tarde à polícia, quando recuperou a fala - aproximaram-se dele para o assaltar e, depois de lhe tirarem a carteira e o relógio, partiram-lhe a coluna vertebral com um taco de basebol. Clac, clac. Deixaram-na como um chocalho, ou essa foi, pelo menos, a expressão gráfica utilizada pelo porta-voz da clínica - os seus superiores recriminaram-no mais tarde por ser tão explícito - para descrever o assunto aos jornalistas. E na própria manhã em que a notícia

apareceu nas páginas policiais do diário Sur de Málaga, Michel Salem recebeu uma chamada telefónica na sua casa de Fuengirola. Depois de dar os bons-dias e de se identificar como um amigo, uma voz masculina expressou num perfeito espanhol as suas condolências pelo acidente de Garou, do qual, suponha, Monsieur Salem estava ao corrente. Depois, sem dúvida de um telemóvel, pôs-se a contar em pormenor como, nesse momento, os netos do franco-argelino, três raparigas e um rapaz entre os cinco e os doze anos, brincavam no pátio do colégio suíço de Las Chapas, as criaturinhas inocentes, depois de, no dia anterior e num McDonald's, terem festejado com os seus amiguinhos o aniversário da mais velha: uma jovencinha vivaça chamada Desirée, cujo itinerário habitual de e para o colégio, tal como o dos seus irmãos, foi minuciosamente descrito a Salem.

E, para rematar o assunto, este recebeu naquela mesma tarde, por mensageiro, um pacote de fotografias tiradas com teleobjectiva onde apareciam os seus netos em diversos momentos da última semana, McDonald's e colégio suíço incluídos.

Falei com Cucho Malaspina - calças pretas de cabedal, casaco inglês de tweed, bolsa marroquina ao ombro -, prestes a viajar para o México pela última vez, duas semanas antes da minha entrevista com Teresa Mendoza. Encontrámo-nos por acaso na sala de espera do aeroporto de Málaga, entre dois voos que saíam com atraso. Olá, que tal, amoreco, cumprimentou. Como estás. Servi-me de um café e ele de um sumo de laranja, que se pôs a beber por uma palhinha enquanto trocávamos cumprimentos.

Leio as tuas coisas, vejo-te na televisão, *etc.* Depois sentámo-nos juntos num sofá de um canto tranquilo. Trabalho sobre a Rainha do Sul, disse, e ele riu-se, malvado. Fora ele quem a baptizara assim. Capa da Hola! há quatro anos. Seis páginas a cores com a história da sua vida ou, pelo menos, a parte que ele conseguiu averiguar, centrando-se mais no seu poder, no seu luxo e no seu mistério. Quase todas as fotografias tiradas com teleobjectiva. Uma coisa do estilo esta mulher perigosa controla isto e aquilo. Mexicana multimilionária e discreta, passado obscuro, presente turvo. Bela e enigmática, era a legenda da única imagem tirada de perto: Teresa com óculos escuros, austera e elegante, saindo de um carro rodeada de guarda-costas, em Málaga, para prestar declarações perante uma comissão judicial sobre narcotráfico onde não foi possível incriminá-la de nada. Naquela altura a sua blindagem jurídica e fiscal já era perfeita e a rainha do narcotráfico no Estreito, a czarina da droga - assim a descreveu El País -, tinha comprado tantos apoios políticos e policiais que era praticamente invulnerável: ao ponto de o Ministério do Interior fazer passar o seu dossier para a imprensa, numa tentativa para difundir, em forma de rumor e

informação jornalística, o que não conseguia provar-se judicialmente. Mas o tiro saiu-lhes pela culatra. Aquela reportagem converteu Teresa numa lenda: uma mulher num mundo de homens duros. A partir dessa altura, as raras fotografias dela que se conseguiam obter ou as suas escassas aparições públicas eram sempre notícia; e os paparazzi - sobre os guarda-costas de Teresa choviam denúncias por agressões a fotógrafos, assunto de que se ocupava um enxame de advogados pagos pela Transer Naga - seguiram-lhe o rasto com tanto interesse como às princesas do Mónaco ou às estrelas de cinema.

- De modo que estás a escrever um livro sobre essa pássara.

- Estou a terminá-lo. Ou quase.

- Que personagem, não é verdade?! - Cucho Malaspina olhava-me, inteligente e malicioso, acariciando o bigode. - Conheço-a bem.

Cucho era um velho amigo, do tempo em que eu trabalhava como repórter e ele começava a fazer nome no papel couché, na mexerique social e nos programas televisivos da hora do jantar. Mantínhamos um apreço mútuo e cúmplice. Agora ele era uma estrela; alguém capaz de destruir casamentos de famosos com um comentário, um título de revista ou uma legenda numa fotografia. Esperto, engenhoso e mau. O guru da bisbilhotice social e do glamour dos famosos: veneno em copos de martini. Não era verdade que conhecesse bem Teresa Mendoza; mas andara pelo seu meio - a Costa del Sol e Marbella eram um rentável couro de caça para os jornalistas das revistas cor-de-rosa -, e chegou a aproximar-se dela algumas vezes, embora tenha sido sempre afastado com uma firmeza que, em determinada ocasião, chegou a traduzir-se num olho negro e numa denúncia num tribunal de San Pedro de Alcântara depois de um guarda-costas - cuja descrição assentava como uma luva a Pote Gálvez - tratar da saúde a Cucho quando este pretendia abordá-la à saída de um restaurante de Puerto Banús. Boa-noite, senhora, gostaria de perguntar-lhe se não for incómodo, ai. Pelos vistos, era-o. De modo que não houve respostas, nem mais perguntas, nem nada excepto aquele gorila bigodudo esmagando um olho de Cucho com eficácia profissional.

Zaca. Zaca. Estrelinhas às cores, o jornalista sentado no chão, portas de um carro a bater e o ruído de um motor a arrancar. A Rainha do Sul vista e não vista.

- Uma tusa, imagina. Uma tipa que em poucos anos cria um pequeno império clandestino. Uma aventureira com todos os ingredientes: mistério, narcotráfico, dinheiro... Sempre à distância, protegida pelos seus guarda-costas e pela sua lenda. A polícia incapaz de lhe fincar o dente, e ela comprando à tripa forra. A Koplo-witz da droga... Lembras-te das irmãs milionárias?... Pois era igual, mas em versão malíssima. Quando aquele gorila dela, um gordo com cara de índio Fernández, me deu uma galheta, confesso-te que fiquei encantado. Vivi disso

durante alguns meses. Depois, quando o meu advogado pediu uma indemnização incrível que nem sonhávamos conseguir obter, o pessoal dela pagou a pronto.

É como te digo. Ouve... Juro-te que era uma pipa de massa. Sem necessidade de ir a julgamento.

- É verdade que se entendia bem com o presidente da Câmara?

O sorriso pérfido acentuou-se sob o bigode.

- Com Tomás Pestana?... Um céu aberto - bebeu um pouco pela palhinha enquanto mexia uma mão, com admiração. - Teresa era uma chuva de dólares para Marbella: obras sociais, donativos, investimentos. Conheceram-se quando ela comprou o terreno para construir a casa de Guadalmina Baja: jardins, piscina, fontes, vista para o mar. Também a encheu de livros porque, ainda por cima, a pequena saiu-nos um pouquinho intelectual, não é verdade? Ou é o que dizem. Ela e o presidente da Câmara jantavam muitas vezes juntos, ou encontravam-se através de amigos comuns. Reuniões privadas, banqueiros, construtores, políticos e gente dessa...

- Fizeram negócios?

- Pois claro. Pestana facilitou-lhe muito o controlo local, e ela soube sempre manter as aparências. Cada vez que havia uma investigação, agentes e juízes mostravam-se repentinamente desinteressados e incompetentes. De modo que o presidente da Câmara podia privar com ela sem escandalizar ninguém. Era discretíssima e astuta. Pouco a pouco foi-se infiltrando nas Câmaras Municipais, nos tribunais... Até Fernando Bouvier, o governador de Málaga, lhe vinha comer à mão. No fim ganhavam todos tanto dinheiro que ninguém podia prescindir dela. Era essa a sua protecção e a sua força.

A sua força, repetiu. Depois alisou os vincos das calças de cabedal, acendeu uma cigarrilha holandesa e cruzou as pernas. A Rainha, acrescentou expelindo o fumo, não gostava de festas. Em todos esses anos assistiu a duas ou três, quando muito. Chegava tarde e saía cedo. Vivia trancada em casa e algumas vezes conseguiu-se fotografá-la de longe, passeando pela praia. Também gostava do mar. Dizia-se que às vezes ia com os seus contrabandistas, como quando não tinha onde cair morta; mas isso talvez fizesse parte da lenda. A verdade é que gostava. Comprou um iate grande, o Sinalou, e passava temporadas a bordo, sozinha com os guarda-costas e a tripulação. Não viajava muito.

Viram-na algumas vezes por aí. Portos mediterrânicos, Córsega, Baleares, ilhas gregas. Nada mais.

- Uma vez julguei que a tínhamos apanhado... um paparazzo conseguiu meter-se entre os pedreiros que trabalhavam no jardim e fez alguns rolos: ela no terraço, numa janela, coisas assim. A revista que tinha comprado as fotografias chamou-me para que escrevesse o texto. Mas nada. Alguém pagou uma fortuna

para bloquear a reportagem e as fotografias desapareceram. Abracadabra. Dizem que quem tratou disso foi Teo Aljarafe em pessoa. O advogado bonitinho. E que pagou dez vezes o que valiam.

- Lembro-me disso... Um fotógrafo teve problemas. Cucho inclinava-se para deixar cair a cinza no cinzeiro. Parou o movimento a meio caminho. O sorriso perverso converteu-se num riso surdo, carregado de intenções.

- Problemas?... Ouve, querido. Com Teresa Mendoza essa palavra é um eufemismo.

O rapaz era um profissional. Um veterano do ofício, imundície da elite, especialista em farejar braguilhas e vidas alheias... As revistas e as agências nunca dizem quem é o autor dessas reportagens, mas alguém se deve ter enchido.

Duas semanas depois de as fotografias se terem esfumado, foram roubar o apartamento que o rapaz tinha em Torremolinos, por acaso com ele lá dentro.

Que coisa, não é verdade?... Deram-lhe quatro navalhadas, ao que parece sem intenção de o matar, depois de lhe partirem, um por um, imagina, os dedos das mãos... A coisa espalhou-se. Nunca mais ninguém voltou a rondar a casa de Guadalmina, claro. Nem a aproximar-se daquela filha da puta a menos de vinte metros.

- Amores - disse eu, mudando o disco.

Negou, rotundamente. Aquilo entrava em cheio na sua especialidade.

- De amores, zero. Pelo menos que eu saiba. E tu sabes que eu sei. Chegou a falar-se de uma relação com o advogado de confiança: Teo Aljarafe. Boa pinta, com classe. Muito canalha também. Viajavam e tal. Até em Itália a viram com ele. Mas não era para ela. Se calhar comia-o, ouve... Mas não era para ela.

Confia no meu olfacto de cadela. Inclino-me mais por Patricia OTarrell.

A OTarrell, prosseguiu Cucho depois de ir buscar outro sumo de laranja e de cumprimentar alguns conhecidos no regresso, já não era cocaína do mesmo saco.

Amigas e sócias, embora fossem como a noite e o dia. Mas estiveram juntas na cadeia. Que história, não é verdade? Tão promíscua e tudo isso. Tão perversa. E essa sim, que era fina. Uma putona fressureira. Madurinha, com todos os vícios do mundo, incluindo este - Cucho tocava significativamente no nariz. - Frívola a mais não poder, de modo que não é fácil explicar como essas duas, Safo e o capitão Morgan, conseguiam estar juntas. Embora se deduzisse que quem levava as rédeas era a Mexicana, claro. Impossível imaginar a ovelha negra dos OTarrell montando aquele negócio sozinha.

- Era uma fufa convicta e confessa. Cocainómana até aos cabelos. Isso deu origem a muitos mexericos... Dizem que refinou a outra, que era analfabeta, ou quase.

Fosse verdade ou não, quando a conheci já se vestia e comportava com classe.

Sabia usar boa roupa, sempre discreta: tons escuros, cores simples... Podes rir, mas num ano até a pusemos na votação das vinte mulheres mais elegantes do ano. Meio no gozo, meio a sério. Juro-te. E entrou na lista, vê lá bem a loucura. A décimo qualquer coisa. Era bonitinha, pouca coisa, mas sabia arranjar-se... - permaneceu pensativo, distraído o sorriso, acabando por encolher os ombros. - É evidente que alguma coisa havia entre essas duas. Não sei o quê: amizade, envolvimento íntimo, mas alguma coisa havia. Tudo muito estranho. E se calhar isso explica que a Rainha do Sul tivesse poucos homens na sua vida.

Ding, dong, ouviu-se nos altifalantes da sala. A Ibéria anuncia a saída do seu voo com destino a Barcelona. Cucho olhou para o relógio e levantou-se, pendurando ao ombro o seu saco de cabedal. Levantei-me também, apertámos as mãos. Que bom ver-te, *etc.* E obrigado. Espero ler esse livro se antes não te cortarem os tomates. Emasculação, julgo que se chama. Antes de se ir embora piscou-me um olho.

- Depois há o mistério, não é verdade?... O que terá acontecido no fim à OTarrell, ao advogado - ria-se, afastando-se. - O que aconteceu a todos.

Aquele estava a ser um Outono suave, de noites temperadas e bons negócios.

Teresa Mendoza bebeu um gole do cocktail de champanhe que tinha na mão e olhou à sua volta.

Também a ela a observavam, directamente ou de soslaio, entre comentários em voz baixa, murmúrios, sorrisos que às vezes eram adutores ou inquietos. Não havia hipótese. Nos últimos tempos, os meios de comunicação ocupavam-se demasiado dela para se poder dar ao luxo de passar despercebida. Traçando as coordenadas de um plano mental, via-se no centro geográfico de uma complexa trama de dinheiro e de poder, cheia de possibilidades e também de contrastes.

De perigos. Bebeu outro gole. Música tranquila, cinquenta pessoas selectas, onze da noite, a lua partida a meio, horizontal e amarelada sobre o mar negro, reflectindo-se na enseada de Marbella no outro lado da imensa paisagem salpicada por milhões de luzes, a sala aberta para o jardim na encosta da montanha, junto da estrada de Ronda. Os acessos controlados por seguranças e polícias municipais. Tomás Pestana, o anfitrião, ia e vinha conversando entre um grupo e outro, com casaco branco e faixa vermelha, com o enorme havano entre os anéis da mão esquerda, as sobancelhas, espessas como as de um urso, arqueadas num estado de permanente e agradável surpresa. Parecia um malandro dos filmes de espões dos anos setenta. Um mau simpático. Obrigado por terem vindo, queridíssimas. Que delicadeza! Que delicadeza! Conhecem Fulano?... E Sicrano?... Tomás Pestana era assim. Como peixe na água. Gostava de se

gabar de tudo, até de Teresa, como se ela fosse mais uma prova do seu sucesso. Um trofeu perigoso e estranho. Quando alguém o interrogava a esse respeito, compunha um sorriso intrigante e abanava a cabeça, insinuando: se eu contasse... Tudo o que dá glamour ou dinheiro me serve, tinha dito uma vez.

Uma coisa leva à outra. E além de dar um toque de mistério exótico à sociedade local, Teresa era a cornucópia da abundância, fonte inesgotável de investimentos em dinheiro vivo. A última operação destinada a ganhar o coração do presidente da Câmara - cuidadosamente recomendada por Teo Aljarafe - incluía a liquidação de uma dívida municipal que ameaçava a autarquia com um embargo escandaloso de propriedades e consequências políticas. Além disso, Pestana, falador, ambicioso, astuto - o presidente mais votado desde o tempo de Jesus Gil -, adorava fazer alarde das suas relações em momentos especiais, mesmo que fosse apenas para um grupo selecto de amigos, ou de sócios, da mesma forma que os colecionadores de arte mostram as suas galerias privadas, onde certas obras-primas, adquiridas por meios ilícitos, nem sempre podem ser mostradas em público.

- Imagina uma rusga aqui - disse Pati Otarell.

Tinha um cigarro fumegante na boca e ria-se, com o terceiro copo na mão. Não há polícia que tenha tomates, acrescentou. Estes bocados são dos que engasgam.

- Pois há um polícia. Nino Juárez.

- Já vi esse cabrão.

Teresa bebeu outro gole enquanto acabava de fazer a conta. Três financeiros.

Quatro construtores de alto nível. Um casal de actores anglo-saxões e maduros, residentes na zona para fugir aos impostos no seu país. Um realizador de cinema com quem Teo Aljarafe acabara de formalizar uma associação proveitosa, porque falia uma vez por ano e era especialista em fazer circular dinheiro através de sociedades com perdas e filmes que ninguém via. Um dono de seis campos de golfe. Dois governadores. Um milionário saudita arruinado. Um membro da família real marroquina bem de vida. A principal accionista de uma importante cadeia hoteleira. Uma famosa modelo. Um cantor vindo de Miami num avião privativo. Um ex-ministro das Finanças e a mulher, divorciada de um conhecido actor de teatro. Três putas de superluxo, belas e conhecidas pelos seus romances nas revistas cor-de-rosa... Teresa tinha conversado um bocado com o governador de Málaga e a mulher - esta esteve a olhá-la todo o tempo entre receosa e fascinada, sem abrir a boca, enquanto Teresa e o governador combinavam o financiamento de um auditório cultural e de três centros de acolhimento para toxicodependentes. Depois conversou com dois dos construtores e fez um aparte, breve e útil, com o membro da família real



marroquina, sócio de amigos comuns de ambos os lados do Estreito, que lhe deu o seu cartão de visita. Tem de vir a Marraquexe. Ouvi falar muito de si. Teresa concordava sem se comprometer, sorridente. Bolas, pensava, imaginando o que aquele fulano teria ouvido. E de quem. Depois trocou algumas palavras com o dono dos campos de golfe, que já conhecia um pouco. Tenho uma proposta interessante, disse o tipo. Telefonar-lhe-ei. O cantor de Miami ria-se num grupinho próximo, atirando a cabeça para trás para mostrar a papada que acabavam de lhe esticar numa clínica. Em miúda era louca por ele, tinha dito Pati, trocista.

E aí o tens. Sic transit - Faiscavam-lhe os olhos, com as pupilas bastante dilatadas. - Queres que nos apresentem?... Teresa negava, abanando a cabeça, com o copo nos lábios. Não me chateies, Tenente. E cuidado que já levas três.

Tu é que me chateias, tinha dito a outra sem perder o humor. - Tão desenxabida e sem nunca esquecer o trabalho na puta da tua vida.

Teresa tornou a olhar em volta, distraída. Na realidade aquilo não era exactamente uma festa, embora o que se festejava fosse o aniversário do presidente da Câmara de Marbella. Era pura liturgia social, vinculada aos negócios. Tens que ir, tinha insistido Teo Aljarafe, que agora conversava no grupo dos financeiros e das suas mulheres, correcto, atento, com um copo na mão, a sua alta silhueta ligeiramente inclinada, o perfil de águia voltado educadamente para as senhoras. Mesmo que sejam apenas quinze minutos, passa por lá, foi o seu conselho. Pestana é bastante elementar em certos pormenores e, com ele, estas atenções funcionam sempre. Além disso, não se trata apenas do presidente da Câmara. Com meia dúzia de boas-noites e como estás, resolves de uma vez um monte de compromissos. Desbravas caminhos e facilitas as coisas.

Facilitas-nos.

- Volto já - disse Pati.

Tinha deixado o copo vazio numa mesa e afastava-se, a caminho do bar: sapatos de salto, costas decotadas até à cintura, em contraste com o vestido preto que Teresa usava, apenas com uns brincos - pequenas pérolas simples - e com as escravas de prata. De caminho, Pati roçou deliberadamente nas costas de uma jovem que conversava num grupo e a outra voltou-se um pouco, olhando para ela. Essa coninha, já antes dissera Pati, abanando a cabeça que continuava usando quase rapada, quando lhe pôs a vista em cima. E Teresa, habituada ao tom provocatório da sua amiga - muitas vezes Pati excedia-se de propósito quando ela estava presente -, encolheu os ombros. Bezerrinha demais para ti, Tenente, disse. Bezerrinha ou não, respondeu a outra, em El Puerto não me teria escapado nem aos saltos. E se calhar, acrescentou depois de olhar para ela pensativamente, enganei-me acerca de Edmundo Dantes. Sorria excessivamente

ao dizê-lo. E agora Teresa, preocupada, observava-a à medida que se afastava.

Pati começava a cambalear um pouco, embora talvez aguentasse mais alguns copos antes da primeira visita à casa de banho para empoeirar o nariz. Mas não era um problema de copos ou de snifadas.

Pati do caraças. As coisas estavam cada vez piores e não apenas naquela noite.

Quanto à própria Teresa, já era suficiente e podia ir pensando em ir-se embora.

- Boa-noite.

Tinha visto Nino Juárez às voltas ali perto, examinando-a. Miúdo, com a sua barbicha loura. Roupa cara, impossível de pagar com um salário oficial.

Cruzavam-se algumas vezes de longe. Era Teo Aljarafe quem resolvia esse assunto.

- Sou Nino Juárez.

- Sei quem é.

Do outro lado da sala, Teo, que não perdia pitada, dirigiu a Teresa um olhar de advertência. Mesmo que seja nosso, com pagamento prévio do seu custo, esse indivíduo é terreno minado, diziam os seus olhos. E além disso há gente a olhar.

- Não sabia que frequentava estas reuniões - disse o polícia.

- Também desconhecia que você as frequentasse.

Isso não era verdade. Teresa estava ao corrente de que ao comissário chefe do DOCS lhe agradava a vida de Marbella, o relacionamento com os famosos, aparecer na televisão anunciando a realização deste ou daquele brilhante serviço à sociedade. Também gostava de dinheiro. Tomás Pestana e ele eram amigos e apoiavam-se mutuamente.

- Faz parte do meu trabalho... - Juárez fez uma pausa e sorriu. - Tal como do seu.

Não gosto dele, decidiu Teresa. Há gente que posso comprar se for necessário.

Alguns agradam-me e outros não. Este não. Embora talvez do que não goste seja dos polícias que se vendem. Ou dos que se vendem, sejam polícias ou não. Comprar não significa levá-los para casa.

- Há um problema - comentou o tipo.

O tom era quase íntimo. Olhava em volta tal como ela, com uma expressão amável.

- Os problemas - respondeu Teresa - não são comigo. Tenho quem se encarregue de os resolver.

- Pois este não se resolve facilmente. E prefiro contá-lo directamente a si.

Depois fê-lo, com o mesmo tom de voz e em poucas palavras. Tratava-se de

uma nova investigação, fomentada por um juiz da Audiência Nacional, extremamente zeloso do seu trabalho: um tal Martínez Pardo. Desta vez, o juiz tinha decidido deixar de lado o DOCS e apoiar-se na Guarda Civil. Juárez ficava à margem e não podia intervir. Queria apenas deixar isso claro antes que as coisas seguissem o seu curso.

- Quem na Guarda Civil?

- Há um grupo bastante bom. Delta Quatro. Dirigido por um capitão chamado Víctor Castro.

- Já ouvi falar dele.

- Pois já estão há algum tempo preparando em segredo o assunto. O juiz veio cá algumas vezes. Pelos vistos seguem a pista da última remessa de semi-rígidas que anda por aí. Querem fiscalizar umas quantas e estabelecer a ligação até cima.

-É grave: - Depende do que encontrarem. Você saberá o que tem à vista.

- E o DOCS?... O que pensa fazer?

- Nada. Ficar a ver. Já disse que deixaram a minha gente de parte. Com o que acabei de contar-lhe, já cumpri.

Pati estava de volta com um copo na mão. Andava novamente direita e Teresa soube que ela tinha passado pela casa de banho para se presentear com qualquer coisa. Ora, disse ao reunir-se com eles. Olha quem temos aqui. A lei e a ordem.

E que Rolex tão grande traz esta noite, supercomissário. É novo? A expressão de Juárez ensombrou-se, olhando uns segundos para Teresa. Já sabe o que se passa, disse sem palavras. E a sua sócia não vai ser uma grande ajuda se começarem a chover bofetadas.

- Desculpem-me. Boa-noite.

Juárez afastou-se entre os convidados. Patrícia ria-se baixinho, vendo-o distanciar-se.

- O que te dizia esse filho da puta?... Não lhe chega até ao fim do mês?

- É imprudente provocar dessa forma - Teresa baixava a voz, incomodada. Não queria irritar-se, muito menos ali. - Sobretudo os polícias.

- Não lhe pagamos?... Pois que se foda.

Levava o copo aos lábios, quase com violência. Teresa não conseguia perceber se o rancor das suas palavras se devia a Nino Juárez ou a ela.

- Ouve, Tenente. Não te armas em parva. Estás a beber demasiado. E a meter do outro também.

- E então?... É uma festa e esta noite tenho vontade de ir para a farra.

- Não me lixes. Quem está a falar desta noite?

- Está bem, mãezinha.

Teresa não disse mais nada. Olhou para a amiga nos olhos, fixamente, e esta

desviou o olhar.

- No fim de contas - resmungou Pati, passado uns momentos - cinquenta por cento do suborno desse verme pago-o eu.

Teresa continuava sem responder. Reflectia. Sentiu de longe o olhar interrogativo de Teo Aljarafe. Aquilo nunca mais acabava. Assim que se tapava um buraco, aparecia outro. E nem todos podiam consertar-se com bom senso ou com dinheiro.

- Como está a rainha de Marbella?

Tomás Pestana acabava de aparecer junto delas, simpático, populista, vulgar.

Com aquele casaco branco que lhe dava o aspecto de um empregado de mesa baixo e rechonchudo. Teresa e ele viam-se com frequência: sociedade de interesses mútuos. O presidente da Câmara gostava de viver perigosamente, desde que houvesse dinheiro ou influências pelo meio; tinha fundado um partido político local, navegava nas águas turvas dos negócios imobiliários e a lenda que começava a tecer-se em volta da Mexicana reforçava a sua sensação de poder e a sua vaidade. Também reforçava as suas contas correntes. Pestana fizera a sua primeira fortuna como homem de confiança de um importante construtor andaluz, comprando terrenos para a empresa através dos contactos do seu chefe e com dinheiro deste. Depois, quando um terço da Costa del Sol era sua, visitou o chefe para dizer que se despedia. Deveras? Deveras. Ouve, tenho muita pena.

Como poderei agradecer-te os teus serviços? Já o fizeste, foi a resposta de Pestana. Coloquei tudo em meu nome. Mais tarde, quando saiu do hospital onde o trataram do enfarte, o antigo chefe de Pestana andou meses à procura dele com uma pistola no bolso.

- Gente interessante, não é verdade?

Pestana, a quem não escapava nada, tinha-a visto conversar com Nino Juárez.

Mas não fez comentários. Trocaram cumprimentos: tudo bem, presidente, muitas felicidades. Ótima reunião. Teresa perguntou as horas e o outro disseas.

Almoçamos na terça-feira, claro. No sítio do costume. Agora temos de sair.

Cada macaco no seu galho.

- Terás de ir sozinha, querida - protestou Pati. - Eu estou animadíssima.

Com os galegos as coisas acabaram por ser mais complicadas que com os franceses.

Aquilo exigia punhos de renda, porque as máfias do noroeste espanhol tinham os seus próprios contactos na Colômbia e às vezes trabalhavam com as mesmas pessoas que Teresa. Além do mais, eram realmente duros, possuíam uma longa experiência e estavam no seu terreno, depois dos velhos amos do fume, os donos das redes contrabandistas de tabaco, se terem reciclado ao tráfico

de droga até se converterem em senhores indiscutíveis da farinha. As rias galegas eram o seu feudo, mas estendiam o seu território mais ao sul, em direcção ao norte de África e à entrada do Mediterrâneo. Enquanto a Transer Naga se dedicou apenas ao transporte de haxixe no litoral andaluz, as relações, embora frias, decorreram num aparente vive e deixa viver. Com a cocaína era diferente. E, nos últimos tempos, a organização de Teresa transformara-se numa séria concorrente. Tudo aquilo foi exposto numa reunião efectuada em terreno neutro, numa herdade de Cáceres perto de Arroyo de la Luz, entre a serra de Santo Domingo e a N-521, com um espesso sobral e pastagens para o gado: um casario branco situado no fim de um caminho onde os carros levantavam uma poeirada ao aproximar-se e onde um intruso podia ser descoberto facilmente. A reunião efectuou-se a meio da manhã e, pela Transer Naga, compareceram Teresa e Teo Aljarafe, escoltados por Pote Gálvez ao volante do Cherokee e seguidos por um Passat escuro com dois homens de toda a confiança, marroquinos jovens testados primeiro nos pneumáticos e recrutados mais tarde para tarefas de segurança. Ela vestia de preto, calças e casaco de boa marca e bom corte, o cabelo apanhado na nuca, esticado, com risco ao meio. Os galegos já lá estavam: eram três, com outros tantos guarda-costas na porta, junto aos BMW 732 em que tinham chegado ao encontro. Toda a gente foi direita ao assunto, com os gorilas olhando uns para os outros lá fora e os interessados lá dentro, em volta de uma grande mesa de madeira rústica situada no centro de um aposento com vigas no tecto e cabeças dissecadas de veados e javalis nas paredes. Dispunham de sandes, bebidas e cafés, maços de cigarros e cadernos para notas. Uma reunião de negócios que começou com o pé esquerdo quando Siso Pernas, do clã dos Corbeira, filho do amo do fume da ria de Arosa, don Xaquín Pernas, tomou a palavra para expor a situação, dirigindo-se todo o tempo a Teo Aljarafe como se o advogado fosse o interlocutor válido e Teresa estivesse ali a título decorativo. A questão, disse Siso Pernas, era que o pessoal da Transer Naga andava com mais olhos que barriga. Nada a objectar à expansão mediterrânea, ao haxixe e tudo isso. Ou mesmo que se estendesse à farinha de uma forma razoável: havia negócio para todos. Mas cada um no seu sítio e respeitando os territórios e a antiguidade, que em Espanha - continuava a olhar todo o tempo para Teo Aljarafe, como se o mexicano fosse ele - sempre foi um posto. E por territórios, Siso Pernas e o pai, don Xaquín, entendiam as operações atlânticas, os grandes carregamentos transportados por barco desde os portos americanos. Eles eram operadores dos colombianos de toda a vida, desde que don Xaquín, os irmãos Corbeira e o pessoal da velha escola, pressionados pelas novas gerações, começaram a reconverter-se do tabaco para o haxixe e para a coca. De modo que traziam uma proposta: nenhuma objecção quanto à Transer

Naga se ocupar da farinha que entrava por Casablanca e Agadir, desde que a transportasse para o Mediterrâneo oriental e não ficasse em Espanha. Porque os transportes directos para a Península e para a Europa, a rota do Atlântico e as suas ramificações para o norte, eram feudo galego.

- Na realidade é o que estamos a fazer - especificou Teo Aljarafe. - Excepto na questão do transporte.

- Eu sei - Siso Pernas serviu-se da cafeteira que tinha em frente, depois de fazer um gesto na direcção de Teo, que recusou imperceptivelmente com a cabeça; o gesto do galego não incluía Teresa. - Mas o nosso pessoal receia que a ampliação do negócio vos tente. Há coisas que não estão claras. Barcos que vão e vêm... Não conseguimos controlar isso e, além do mais, expomo-nos a que nos atribuam operações alheias - olhou para os seus dois acompanhantes, como se eles soubessem bem o que dizia. - A ter os da Vigilância Aduaneira e da Guarda Civil todo o tempo com a mosca atrás da orelha.

- O mar é livre - insinuou Teresa.

Era a primeira vez que falava, depois dos cumprimentos iniciais. Siso Pernas olhava para Teo, como se estas palavras tivessem sido pronunciadas por ele.

Simpático como uma lâmina de barbear. Os acompanhantes, esses observavam Teresa dissimuladamente. Curiosos e aparentemente divertidos com a situação.

- Não para isto - disse o galego. - Estamos há muito tempo com a farinha. Temos experiência. Fizemos investimentos muito grandes - continuava a dirigir-se a Teo. - E vocês perturbam-nos. Os vossos erros podemos pagá-los nós.

Teo olhou brevemente para Teresa. As mãos morenas e magras do advogado faziam oscilar a sua esferográfica como uma interrogação. Ela manteve-se impassível.

Faz o teu trabalho, dizia o seu silêncio. Cada coisa a seu tempo.

- E o que dizem os colombianos? - perguntou Teo.

- Não se metem - Siso Pernas sorria mal-intencionado. Aqueles Pilatos cabrões, dizia a sua expressão. - Acham que o problema é nosso e que devemos resolvê-lo aqui.

- Qual é a alternativa?

O galego bebeu sem pressa um gole de café e reclinou-se um pouco na cadeira, com um ar satisfeito. Era lourinho, apreciou Teresa. Bem-parecido, roçando os trinta anos. Bigode aparado e blazer azul sobre camisa branca sem gravata.

Um narco júnior de segunda ou terceira geração, sem dúvida com estudos. Mais apressado que os seus velhotes, que guardavam a massa numa meia e usavam sempre o mesmo casaco fora de moda. Menos reflexivo. Menos regras e

mais ânsia de ganhar dinheiro para comprar luxo e fêmeas. Também mais arrogante. E já nos vamos entendendo, dizia Siso Pernas sem palavras. Olhou para o acompanhante que estava à sua esquerda, um tipo corpulento de olhos claros. Trabalho feito.

Cedia os pormenores aos subalternos.

- Do Estreito para dentro - disse o corpulento, apoiando os cotovelos na mesa - têm liberdade absoluta. Nós poríamos a carga em Marrocos para vocês, se a preferirem aí, mas ficando nós com a responsabilidade do transporte a partir dos portos americanos... Estamos dispostos a conceder condições especiais, percentagens e garantias. Até a que trabalhem como nossos associados, mas controlando nós as operações.

- Quanto mais simples for tudo - rematou Siso Pernas, quase de trás -, menos riscos.

Teo trocou outro olhar com Teresa. E caso contrário, disselhe ela com os olhos.

E caso contrário, repetiu o advogado em voz alta. O que acontece se não aceitarmos essas condições. O tipo corpulento não respondeu e Siso Pernas entreteve-se olhando para a sua chávena de café, pensativo, como se nunca tivesse ponderado essa eventualidade.

- Pois não sei - acabou por dizer. - Talvez tenhamos problemas.

- Quem os teria? - quis saber Teo.

Inclinava-se um pouco, tranquilo, sóbrio, a esferográfica entre os dedos como que preparado para tomar notas. Seguro no seu papel, embora Teresa soubesse que estava desejando levantar-se e sair daquela sala. O género de problemas insinuado pelo galego não era a especialidade de Teo. De vez em quando voltava ligeiramente o rosto na direcção dela, sem olhá-la. Eu só consigo chegar até aqui, insinuava. A minha especialidade são as negociações pacíficas, a assessoria financeira e a engenharia financeira, não os duplos sentidos nem as ameaças flutuando no ar. Se isto descarrilar, deixa de ser assunto meu.

- Vocês... Nós - Siso Pernas dirigia olhadelas desconfiadas à esferográfica de Teo. - A ninguém convém um desacordo.

As últimas palavras soaram como um estilhaço de vidro. Cling. E é este o ponto, disse Teresa para consigo, onde te decides ou te lixam. É aqui que começa a guerra. Que entra a reles sinaloense que sabe o que se arrisca. E é melhor que esteja aqui, esperando que eu a chame. Preciso dela agora.

- Poça... Vão limpar-nos o sebo com tacos de basebol?... Como aconteceu àquele francês que saiu outro dia nos jornais?

Olhava para Siso Pernas com uma surpresa que parecia autêntica, embora não enganasse ninguém, nem pretendia fazê-lo. O outro voltou-se para ela como

se esta tivesse acabado de se materializar no ar, enquanto o gordo dos olhos claros contemplava as unhas e o terceiro, um tipo magro com mãos de camponês, ou de pescador, metia o dedo no nariz. Teresa esperou que Siso Pernas dissesse alguma coisa; mas o galego permaneceu calado, olhando para ela com um misto de irritação e perplexidade. Quanto a Teo, a preocupação tornava-se inquietação manifesta. Cuidado, murmurava mudo. Muito cuidado.

- Se calhar - prosseguiu Teresa devagar - é por ser estrangeira e não conhecer os costumes... O senhor Aljarafe tem toda a minha confiança; mas quando faço negócios gosto que se dirijam a mim. Sou eu quem decide os meus assuntos...

Estás a captar a situação?

Siso Pernas continuava a observá-la em silêncio, com as mãos pousadas em ambos os lados da chávena de café. O ambiente estava próximo do ponto de congelação.

Quem falou em amigos? pensou Teresa. Se me assobiam o corrido, eu ponho a letra.

E de galegos sei alguma coisa.

- Pois agora - prosseguiu - vou dizer-lhe como vejo eu a coisa.

Espero não me estender ao comprido, pensou. E disse como via ela a coisa. Fê-lo muito claramente e separando bem cada frase, com as pausas adequadas para que todos captassem os matizes. Tenho o máximo respeito pelo que fazem na Galiza, começou. Malta da pesada e, além disso, muito fixe. Mas isso não me impede de saber que estão registados pela polícia, sob apertada vigilância e submetidos a processos judiciais. Têm bufos e infiltrados por toda a parte e, de vez em quando, um de vocês deixa-se apanhar com as mãos na massa. Tudo bastante reles, como dizemos em Sinaloa. E acontece que, se em alguma coisa se baseia o meu negócio, é em garantir a segurança ao extremo, com uma forma de trabalhar que impede, até ao limite do razoável, as fugas de informação.

Pouca gente, e a maior parte não se conhece entre si. Isso poupa assopros.

Demorei muito tempo a criar essa estrutura e não estou disposta, primeiro, a deixá-la enferrujar-se, e segundo, a pô-la em risco com operações que não posso controlar. Vocês pedem-me que me coloque nas vossas mãos a troco de uma percentagem ou sei lá de quê. Ou seja: que cruze os braços e vos deixe o monopólio. Não vejo o que posso ganhar com isso, nem por que me convém.

A não ser que me estejam a ameaçar. Mas não creio, não é verdade?... Não creio que me ameacem.

- E íamos ameaçá-la com quê? - perguntou Siso Pernas. Aquele sotaque. Teresa afastou o fantasma que rondava perto.

Precisava da cabeça tranquila, do tom de voz preciso. A pedra de León estava longe e não queria deparar-se com outra.



- Pois vejam lá que me ocorrem duas maneiras - respondeu. - Filtrar informações que me prejudiquem ou tentar alguma coisa directamente. Em ambos os casos saibam que posso ser tão sacana como o maior. Com uma diferença: eu não tenho ninguém que me torne vulnerável. Sou uma pessoa de passagem e posso morrer amanhã ou desaparecer, ou cavar sem fazer as malas. Nem um jazigo mandei fazer, embora seja mexicana. Vocês, no entanto, têm posses. Paços, creio que chamam a essas bonitas casas da Galiza. Carros de luxo, amigos... Familiares. Vocês podem mandar vir matadores colombianos para trabalhos sujos. Eu também. Vocês podem, em casos extremos, desencadear uma guerra. Eu, modestamente, também, porque tenho massa de sobra e com isso paga-se qualquer coisa. Mas uma guerra atrairia a atenção das autoridades... Já reparei que ao Ministério do Interior não lhe agradam os ajustes de contas entre narcos, sobretudo se há nomes e apelidos, bens para expropriar, gente que pode ir para a cadeia, processos judiciais em curso... Vocês aparecem muito nos jornais.

- Você também - ripostou Siso Pernas com uma careta de irritação.

Teresa olhou-o friamente durante três segundos, com muita calma.

- Não a toda a hora, nem nas mesmas páginas. A mim ninguém me acusou de nada.

O galego deu uma risada breve, grosseira.

- Pois há-de dizer-me como o consegue.

- Se calhar é por ser um pouco menos idiota.

O que foi dito, dito está, pensou para concluir. Claro como água e sem papas na língua. E agora, toca a ver por onde vão estes cabrões. Teo metia e tirava a tampa da esferográfica. Tu também estás a passar um mau bocado, pensou Teresa.

Para isso cobras o que cobras. A diferença é que em ti pode notar-se, e em mim não.

- Tudo pode mudar - comentou Siso Pernas. - Refiro-me ao seu caso.

Variante considerada. Prevista. Teresa tirou um Bisonte do maço que tinha à frente, ao pé de um copo de água e de uma pasta de cabedal com documentos.

Fê-lo como se reflectisse, e pô-lo na boca sem o acender. Tinha a boca seca, mas decidiu não tocar no copo de água. A questão não é como me sinto, disse para consigo. A questão é como me vêem.

- Claro - admitiu. - E palpita-me que mudará. Mas eu continuo sendo uma. Com as minhas pessoas, mas uma. O meu negócio é voluntariamente limitado. Todos sabem que não conduzo carga própria. Apenas a transporte. Isso diminui os meus danos potenciais. E as minhas ambições. Vocês, no entanto, têm muitas portas e janelas por onde é possível entrar. Têm por onde escolher, se alguém

decidir causar dissabores. Pessoas que amam, interesses que querem conservar... Têm muito por onde lixá-los.

Olhava para o outro nos olhos, com o cigarro nos lábios. Inexpressiva.

Permaneceu assim alguns instantes, contando por dentro os segundos, até Siso Pernas, com o ar pensativo e quase de má vontade, meter a mão no bolso, tirar um isqueiro de ouro e, inclinando-se sobre a mesa, lhe dar lume. Aqui chegaste, lourinho. Já vais quebrar. Agradeceu com um movimento de cabeça.

- E você não? - acabou por perguntar o galego, guardando o isqueiro.

- Pode fazer a prova - Teresa expelia o fumo ao falar, com os olhos um pouco semicerrados. - Surpreender-se-ia ao verificar como é forte alguém que não tem nada a perder excepto a si própria. Você tem família, por exemplo. Uma mulher muito bonita, dizem... Um filho.

Rematemos, decidi. O medo não deve ser avivado de chofre, porque então pode converter-se em surpresa ou irreflexão e enlouquecer aqueles que julgam que já não há remédio. Isso torna-os imprevisíveis e bastante perigosos. A arte reside em infiltrá-lo pouco a pouco: que dure, e tire o sono, e amadureça, porque dessa forma se converte em respeito. A fronteira é subtil e é preciso tacteá-la suavemente até se incrustar.

- Em Sinaloa temos um provérbio: Vou matar toda a sua família, e depois desenterro-lhe os avós, dou-lhes uns tiros e volto a enterrá-los...

Enquanto falava, sem olhar para ninguém, abriu a pasta que tinha em frente e tirou um recorte de jornal: uma fotografia de uma equipa de futebol da ria de Arosa, que Siso Pernas, grande adepto, subsidiava com generosidade. Era o seu presidente e na fotografia - Teresa tinha-a colocado com extrema delicadeza em cima da mesa, entre ambos - posava antes de um jogo com os jogadores, com a sua mulher e com o seu filho, um miúdo muito bonito de dez ou doze anos, vestido com a camisola da equipa.

- De modo que não me sacaneiem - e, agora sim, olhava para o galego nos olhos.

- Ou, como vocês dizem em Espanha, façam o favor de não me apertar os tomates.

Ruído de água atrás das cortinas do duche. Vapor. Ele gostava de tomar duche com a água muito quente.

- Podem matar-nos - disse Teo.

Teresa estava apoiada no alizar da porta aberta. Nua. Sentia a humidade morna na pele.

- Não - respondeu. - Primeiro tentarão uma coisa mais suave, para sondar-nos.

Depois tentarão o acordo.

- O que tu chamas suave já o fizeram... Aquilo dos pneumáticos que Juárez te contou, bufaram-no eles ao juiz Martínez Pardo. Atiraram-nos a Guarda Civil para cima.

- Eu sei. Por isso joguei duro. Quis que soubessem que nós sabemos.

- O clã dos Corbeira...

- Deixa isso, Teo - Teresa abanava a cabeça. - Eu controlo o que faço.

- Isso é verdade. Controlas sempre o que fazes. Ou disfarças maravilhosamente.

De três frases, reflectiu Teresa, sobrou-te a terceira. Mas imagino que aqui tens direitos. Ou julgas tê-los. O vapor embaciava o grande espelho da casa de banho, onde ela era uma mancha cinzenta. Ao pé do lavatório, frasquinhos de champô, loção corporal, um pente, sabonete no seu invólucro. Estalagem Nacional de Cáceres. No outro lado da cama com os lençóis revoltos, a janela emoldurava uma incrível paisagem medieval: pedras antigas recortadas na noite, colunas e pórticos dourados pela luz de focos ocultos. Porra, pensou.

Como no cinema americano, mas real. A velha Espanha.

- Passa-me uma toalha, por favor - pediu Teo.

Era um tipo asseadíssimo. Tomava sempre um duche antes e depois, como se quisesse dar um toque higiénico ao acto de foder. Minucioso, limpo, desses que parecem nunca suar nem ter um único micróbio na pele. Os homens que Teresa recordava nus eram quase todos limpos ou, pelo menos, tinham esse aspecto; mas nenhum como aquele. Teo quase não tinha cheiro próprio: a pele dele era suave, apenas um aroma masculino indefinido, o do sabonete e da loção que usava depois de se barbear, tão moderados como tudo o que tinha a ver com ele. Depois de fazerem amor cheiravam sempre a ela, à sua carne fatigada, à sua saliva, ao aroma forte e denso do seu sexo húmido; como se fosse Teresa quem acabava possuindo a pele do homem. Colonizando-o. Deu-lhe a toalha observando o corpo alto e magro, que pingava sob o duche que acabava de fechar. A penugem negra no peito, nas pernas e no sexo. O sorriso tranquilo, sempre oportuno. A aliança na mão esquerda. A ela, esse anel deixava-a indiferente e, aparentemente, a ele também. O nosso caso é profissional, disse Teresa ao princípio, na única vez que ele tentou justificar-se, ou justificá-la, com um comentário ligeiro e desnecessário. De modo que não me cantes boleros. E Teo era suficientemente esperto para compreender.

- Aquilo do filho de Siso Pernas, era a sério?

Teresa não respondeu. Aproximara-se do espelho embaciado, limpando um pouco do vapor com a mão. E lá estava, tão imprecisa nos contornos que podia não ser ela própria, com o cabelo despenteado, os olhos grandes e negros observando-a como de costume.

- Ninguém acreditaria, vendo-te assim - disse ele.

Estava ao lado dela, olhando-a no buraco feito no vapor. Secava o peito e as costas com a toalha. Teresa abanou a cabeça, negando devagar. Não me lixes, disse sem palavras. Ele deu-lhe um beijo distraído no cabelo continuando a secar-se a caminho do quarto, e ela ficou como estava, com as mãos apoiadas no lavatório, diante do seu reflexo embaciado. Oxalá nunca tenha de o demonstrar a ti também, pensou no seu íntimo, dirigindo-se ao homem que se movia no quarto contíguo. Oxalá.

- Patrícia preocupa-me - disse ele de repente.

Teresa foi até à porta e ficou no umbral, olhando-o. Tinha tirado uma camisa impecavelmente engomada da mala - nunca se engelavam as roupas ao cabrão - e desabotoava os botões para a vestir. Tinham mesa reservada para meia hora mais tarde em Torre de Sande. Um restaurante magnífico, dissera ele. Na zona velha. Teo conhecia todos os restaurantes magníficos, todos os bares na moda, todas as lojas elegantes. Lugares feitos tão à medida para ele como a camisa que estava prestes a vestir. Tal como Pati O'Tarrell, parecia ter nascido neles: dois betinhos para quem o mundo era sempre devedor, embora ele gerisse isso melhor do que a outra. Tudo numa naice e tão longe de Las Siete Gotas, pensou, onde a sua mãe - que nunca a tinha beijado - esfregava roupa num alguidar do pátio e ia para a cama com vizinhos bêbedos. Tão longe da escola onde os fedelhos imundos lhe levantavam a saia ao pé do muro do pátio. Bate-nos uma punheta, garina. A cada um. Oferece-nos isso a mim e aos meus amigos ou tiramos-te os três. Tão longe dos tectos de madeira e de zinco, do barro entre os seus pés descalços e da reles miséria.

- O que se passa com Pati?

- Tu sabes o que se passa. E está cada vez pior.

E estava. Beber e snifar à tripa forra eram uma má combinação, mas havia mais qualquer coisa. Como se a Tenente se quebrasse pouco a pouco, calada. Se calhar a palavra era resignação, embora Teresa não conseguisse descobrir a que estava ela resignada. Às vezes Pati parecia-se com aqueles náufragos que deixam de nadar sem motivo aparente. Glub, glub. Talvez só por não terem fé, ou estarem cansados.

- Ela é senhora de fazer o que quiser - disse.

- A questão não é essa. A questão é se o que faz te convém a ti ou não.

Típico de Teo. Não era a O'Tarrell a sua preocupação, mas as consequências do seu comportamento. E, de qualquer forma, transferia-as para Teresa. Convém-te ou não te convém. Chefe. A apatia, o desapego com que Pati encarava as poucas responsabilidades que ainda lhe davam na Transer Naga, eram o ponto obscuro do problema. Durante as reuniões de trabalho - cada vez ia

menos, delegando em Teresa - permanecia como ausente ou gozava descaradamente: parecia agora encarar tudo como um jogo. Gastava muito dinheiro, desinteressava-se, aligeirava assuntos sérios nos quais se arriscavam muitos interesses e algumas vidas. Fazia lembrar um barco soltando amarras. Teresa não conseguia decidir se era ela própria quem fora eximindo a sua amiga das obrigações, ou se o distanciamento provinha da própria Pati, da inquietação crescente que brotava dos recantos do seu pensamento e da sua vida. Tu és a líder, costumava dizer. E eu aplaudo, bebo, snifo e olho. Embora talvez acontecessem ambas as coisas e Pati se limitasse a seguir o ritmo dos dias; a ordem natural, inevitável, para onde tudo as encaminhou desde o princípio.

Se calhar enganei-me sobre Edmundo Dantes, tinha comentado Pati em casa de Tomás Pestana. Não era isto, nem eras tu. Não soube interpretar-te. Ou talvez, como disse noutra altura - com o nariz empoadado e os olhos turvos -, a única coisa que acontece é que, mais cedo ou mais tarde, o abade Faria acaba sempre por sair de cena.

Conflituosa e como que morrendo sem morrer. E sem se importar. Essas eram as palavras e a primeira de todas era a mais inapropriada naquele tipo de negócios, tão sensíveis a qualquer escândalo. O último episódio era recente: uma menor corrupta, ordinária, de más companhias e piores sentimentos, tinha estado a chular Pati sem dissimulação até que um assunto sórdido de excessos, droga, hemorragia e hospital às cinco da manhã esteve prestes a colocá-la nas páginas policiais; e isso mesmo teria acontecido se não se mobilizassem os recursos disponíveis: dinheiro, relações, chantagem. Terra, enfim, sobre o assunto.

Coisas da vida, disse Pati quando Teresa teve com ela uma conversa áspera.

Para ti é simples, Mexicana. Tu tens tudo e, ainda por cima, quem te limpe o grelo. De modo que vive a tua vida e deixa-me a minha. Porque eu não peço contas nem me meto no que não devo. Sou tua amiga. Paguei e pago a tua amizade.

Cumpro o pacto. E tu, que tão facilmente compras tudo, deixa ao menos que eu me compre a mim mesma. E ouve... Dizes sempre que connosco é a meias, não apenas em assuntos de negócios ou dinheiro. Estou de acordo. Esta é a minha livre, deliberada e puta metade.

Até Oleg Yasikov a tinha alertado. Cuidado, Tesa. Não arriscas apenas dinheiro, mas a tua liberdade e a tua vida. Mas as decisões são tuas. Claro. De qualquer forma, não faria mal nenhum que te interrogasses.

Sim. Coisas. Por exemplo, que parte te cabe a ti. O que é da tua responsabilidade. O que não é. Até que ponto tu própria começaste tudo isto, seguindo-lhe o jogo. Há responsabilidades passivas que são tão graves como as outras. Há silêncios que não podemos alegar não ter ouvido com absoluta

clareza. Sim. A partir de determinado momento da vida, cada um é responsável pelo que faz. E pelo que não faz.

O que teria acontecido se... Isso pensava Teresa às vezes. Se eu... Talvez a chave estivesse aí. Mas parecia-lhe impossível olhar do outro lado daquela barreira cada vez mais clara e inevitável. Irritava-a o desconforto, ou o remorso, que sentia chegar em vagas imprecisas, como se lhe enchesse as mãos e ela não soubesse o que fazer com isso. E por que haveria de senti-lo, interrogava-se. Nunca pôde ser e nunca foi. Ninguém enganou ninguém; e, se da parte de Pati houve, no passado, esperança, ou intenção, estava descartada há muito tempo. Talvez fosse esse o problema. Que tudo estivesse consumado, ou quase, e à Tenente OTarrell já nem sequer lhe restasse o móbil da curiosidade. Em relação a Teresa, Teo Aljarafe podia ter sido a última experiência de Pati. Ou a sua desforra. A partir daí, era tudo previsível e obscuro. E cada uma enfrentaria isso sozinha.

## **13. EM DUZENTOS OU TREZENTOS METROS LEVANTO AS AVIONETAS**

Aí está - disse o doutor Ramos. Tinha ouvido de tísico, concluiu Teresa. Ela não ouvia nada, excepto o rumor da ressaca na praia. A noite estava calma e o Mediterrâneo era uma mancha negra diante da enseada de Agua Amarga, na costa de Almería, com a Lua iluminando como se fosse de neve a areia da margem, e a luz do farol de Punta Polacra - três clarões cada doze ou quinze segundos, registou o seu antigo instinto profissional - brilhando intermitentemente ao pé da serra de Gata, seis milhas a sudoeste.

- Eu só oiço o mar - respondeu.

- Oiça.

Permaneceu atenta à escuridão, aguçando o ouvido. Estavam de pé junto do Cherokee, com um termo de café, copos de plástico e sandes, protegidos do frio por casacões e camisolas. A silhueta escura de Pote Gálvez passeava-se a poucos metros, vigiando a pista de terra e o leito seco que davam acesso à praia.

- Agora já o oiço - disse.

Era apenas um ronronar distante que quase não se distinguia da água na margem mas que aumentava de intensidade pouco a pouco e soava muito baixinho, como se viesse do mar e não do céu. Parecia uma lancha voadora aproximando-se a grande velocidade.

- Bons rapazes - comentou o doutor Ramos.

Havia um pedacinho de orgulho na sua voz, como quem fala de um filho ou de um aluno preferido, mas o tom era tranquilo como de costume.

Aquele caramelo, pensou Teresa, nunca ficava nervoso. A ela, no entanto, custava-lhe reprimir a inquietação e conseguir que a voz lhe saísse com a serenidade que os outros esperavam. Se soubessem, disse para consigo. Se soubessem. Mais ainda nesta noite do caraças, com o que arriscavam... Três meses preparando o que no fim se decidia em menos de duas horas, das quais já tinham decorrido três quartas partes. Agora o rumor dos motores era cada vez mais forte e próximo. O doutor aproximou dos olhos o relógio de pulso, antes de iluminar o mostrador com um clarão rápido do seu isqueiro.

- Pontualidade prussiana - acrescentou. - No sítio certo e à hora exacta.

O som estava cada vez mais perto, sempre a uma altura muito baixa. Teresa esquadrinhou com avidez a escuridão e nessa altura pareceu-lhe vê-lo: um pequeno ponto preto que aumentava de tamanho, justamente no limite entre a água sombria e o tremeluzir da lua, mar adentro.

- Porra - disse.

Era quase bonito, pensou. Tinha informação, lembranças, experiências, que lhe permitiam imaginar o mar visto da cabina, as luzes fracas no painel de instrumentos, a linha de terra perfilando-se à frente, os dois homens nos comandos, VOR-DME de Almería na frequência 114,1 para calcular demora e distância sobre o mar de Alborán, ponto-traço-traço-traço-ponto-traço-ponto, e depois a costa a olho à luz da lua, procurando referências no clarão do farol à esquerda, nas luzes de Carboneras à direita, na mancha neutra da enseada ao centro. Oxalá estivesse lá em cima, disse para si própria. Voando a olho como eles, com um par de tomates rancheros no sítio. Então o ponto preto cresceu de repente, sempre a rasar a água, enquanto o ruído dos motores aumentava até se tornar atoador, roaaaaar, fez, como se fosse cair-lhes em cima, e Teresa conseguiu distinguir umas asas materializando-se à mesma altura de onde ela e o doutor observavam. E no fim viu a silhueta inteira do avião que voava muito baixo, a uns cinco metros do mar, com as duas hélices girando como discos de prata à contraluz da lua. A todo o gás. Instantes depois, sobrevoando-os com um rugido que levantou uma poeirada de areia e algas secas à sua passagem, o avião ganhou altitude, penetrando terra adentro enquanto inclinava a asa de bombordo e desaparecia na noite, entre as serras de Gata e Cabrera.

- Aí vai uma tonelada e meia - disse o doutor.

- Ainda não está cá em baixo - respondeu Teresa.

- Vai estar dentro de quinze minutos.

Já não havia motivos para continuar às escuras, de modo que o doutor

remexeu nos bolsos das calças, acendeu o seu cachimbo fazendo depois o mesmo ao cigarro que Teresa acabava de levar à boca. Pote Gálvez vinha com um copo de café em cada mão. Uma sombra maciça, atenta aos seus desejos. A areia branca amortecia os passos.

- Que tal, patroa?

- Tudo bem, Pinto. Obrigada.

Bebeu o líquido amargo, sem açúcar e fortalecido por um jorro de conhaque, apreciando o cigarro a que tinha misturado um pouco de haxixe. Espero que continue tudo bem, pensou. O telemóvel que trazia no bolso do casacão tocaria quando a carga estivesse nas quatro camionetas que esperavam junto da pista rudimentar: um minúsculo aeródromo abandonado desde a guerra civil, a meio do deserto de Almería, perto de Tabernas, com a povoação mais próxima a quinze quilómetros. Aquela era a última etapa de uma complexa operação que ligava uma carga de mil e quinhentos quilos de cloridrato de cocaína do cartel de Medellín às máfias italianas. Outra pedra no sapato do clã Corbeira, que continuava a pretender a exclusividade dos movimentos de dona-branca em território espanhol. Teresa sorriu para consigo. Os galegos iam ficar umas feras, se chegassem a saber. Mas, da Colômbia, tinham pedido a Teresa que estudasse a possibilidade de colocar, de uma assentada, um grande carregamento que seria embarcado em contentores no porto de Valência com destino a Génova; e ela limitara-se a solucionar o problema. A droga, embalada no vácuo em pacotes de dez quilos dentro de bidões de lubrificante para automóveis, tinha atravessado o Atlântico, depois de ser transferida diante do Equador, perto das ilhas Galápagos, para um velho cargueiro com bandeira panamense, o Susana.

O desembarque efectuou-se na cidade marroquina de Casablanca e, daí, com a protecção da Gendarmaria Real - o coronel Abdelkader Chaib continuava de óptimas relações com Teresa -, viajou em camionetas até ao Rife, para um dos armazéns utilizados pelos sócios da Transer Naga na preparação dos carregamentos de haxixe.

- Os marroquinos portaram-se como cavalheiros - comentou o doutor Ramos, com as mãos nos bolsos. Dirigiam-se para o carro, com Pote Gálvez ao volante. Os faróis acesos iluminavam a extensão de areia e rochas, e as gaivotas acordadas que esvoaçavam, surpreendidas com a luz.

- Sim. Mas o mérito é seu, doutor.

- Mas não a ideia.

- O senhor tornou-a possível.

O doutor Ramos chupou o seu cachimbo sem dizer nada. Dificilmente o estratega da Transer Naga esboçava uma queixa ou mostrava satisfação perante um elogio; mas a verdade é que Teresa o adivinhava satisfeito. Porque, se a ideia



do avião grande - a ponte aérea, como a chamavam entre eles - era de Teresa, o traçado da rota e os pormenores da operação estavam a cargo do doutor. A inovação consistia em aplicar os voos de baixa altitude e a aterragem em pistas secretas a uma operação de maior envergadura, mais rentável. Porque nos últimos tempos tinham surgido problemas. Duas expedições galegas, financiadas pelo clã Corbeira, foram interceptadas pela Vigilância Aduaneira, uma nas Caraíbas e outra diante de Portugal; e uma terceira operação efectuada integralmente por italianos - um navio mercante turco levando meia tonelada a bordo com rota de Buenaventura a Génova, via Cádiz - acabou num fracasso total com a carga apreendida pela Guarda Civil e oito homens na prisão. Era um momento difícil.

E, depois de lhe dar muitas voltas, Teresa decidiu arriscar-se com os métodos que há alguns anos, no México, valeram a Amado Carrillo a alcunha de Senhor dos Céus. Ora, concluiu, para quê inventar havendo mestres? De modo que pôs Farid Lataquia e o doutor Ramos a trabalhar. O libanês tinha protestado, claro.

Pouco tempo, pouco dinheiro, pouca margem. Sempre a pedir milagres ao mesmo.

*Etc.* Enquanto isso, o doutor fechava-se com os seus mapas, os seus planos e os seus diagramas, fumando cachimbo atrás de cachimbo e sem pronunciar mais palavras além das imprescindíveis, calculando rotas, combustível, locais.

Buracos no radar para chegar ao mar entre Melilla e Alhucemas, distância a percorrer rente à água com rumo este-norte-noroeste, zonas sem vigilância para atravessar a costa espanhola, referências de terra para se orientar a olho nu e sem instrumentos, consumo a alta e baixa cota, sectores onde um avião de tamanho médio não podia ser detectado voando sobre o mar. Chegou a sondar alguns controladores aéreos que estariam de guarda nas noites e locais adequados, certificando-se de que ninguém comunicaria se algum eco suspeito surgisse nos ecrãs de radar. Também tinha voado sobre o deserto de Almería à procura do local adequado para a aterragem, e ido às montanhas do Rife para comprovar no terreno as condições dos aeródromos locais. O avião conseguiu-o Lataquia em África: um velho Aviocar C-212 destinado ao transporte de passageiros entre Malabo e Bata, procedente da ajuda espanhola à Guiné Equatorial, construído em 1978 e que ainda voava.

Bimotor, duas toneladas de capacidade de carga. Podia aterrar a sessenta nós em duzentos e cinquenta metros de pista se invertesse as hélices e ajustasse os flaps a quarenta graus. A compra efectou-se sem problemas através de um contacto da embaixada da Guiné Equatorial em Madrid - comissão do agregado comercial à parte, a sobrefacturação serviu para cobrir uma compra de motores marítimos para semi-rígidas -, e o Aviocar voou para Bangui, onde os dois

motores turbo-hélice Garret TPE foram revistos e postos em condições por mecânicos franceses. Mais tarde aterrou numa pista de quatrocentos metros nas montanhas do Rife para embarcar a cocaína. Conseguir a tripulação não foi difícil: cem mil dólares para o piloto - Jan Karasek, polaco, ex-fumigador agrícola, veterano dos voos nocturnos transportando haxixe para a Transer Naga a bordo de um Skymaster de que era proprietário - e setenta e cinco mil para o co-piloto: Fernando de la Cueva, um ex-militar espanhol que tinha voado com os Aviocar quando estava na Força Aérea, antes de passar para a aviação civil e ficar desempregado após uma reestruturação laboral da Ibéria. E a essa hora - os faróis do Cherokee iluminavam as primeiras casas de Carboneras quando Teresa consultou o relógio do tablier -, os dois homens, depois de se orientarem pelas luzes da via rápida Almería-Murcia e de a atravessarem nas proximidades de Níjar, já teriam levado o avião, voando sempre baixo e evitando o traçado de torres eléctricas que o doutor Ramos desenhou cuidadosamente nos mapas aéreos, em redor da serra de Alhamilla, rodando devagar para oeste, e estariam ajustando os flaps para aterrar no aeródromo clandestino iluminado pela lua, por um carro no início e por outro trezentos e cinquenta metros à frente: dois clarões rápidos de faróis para indicar o princípio e o fim da pista. Levando no porão uma carga avaliada em quarenta e cinco milhões de dólares, sobre a qual a Transer Naga cobraria, como transportador, uma soma equivalente a dez por cento.

Pararam para comer alguma coisa num café junto à estrada antes de entrarem na N-340: camionistas jantando nas mesas do fundo, presuntos e enchidos suspensos no tecto, odres de vinho, fotografias de toureiros, expositores giratórios com vídeos porno, cassetes e CDs de Los Chunguitos, El Fary, La Nina de los Peines. Petiscaram de pé no balcão, presunto, salpicão e atum fresco com pimentos e tomate. O doutor Ramos pediu um conhaque e Pote Gálvez, que ia a conduzir, um café duplo. Teresa procurava os cigarros nos bolsos do seu casacão quando parou à porta um Nissan verde e branco da Guarda Civil e os seus ocupantes entraram no café. Pote Gálvez ficou tenso, com as mãos afastadas do balcão, meio voltado por desconfiança profissional na direcção dos recém-chegados, deslocando-se um pouco para cobrir com o corpo a sua patroa.

Calma, Pinto, disselhe ela com os olhos. Não será hoje que nos hão-de lixar.

Patrulha rural. Rotina. Eram dois agentes jovens, com fardas cor de azeitona e pistolas em coldres pretos aos lados. Deram educadamente as boas-noites, pousaram os barretes num tamborete e instalaram-se, apoiando os cotovelos, na extremidade do balcão. Pareciam descontraídos e um deles olhou para eles de relance, distraído, enquanto deitava o açúcar no café e o mexia com a colherzinha. A expressão do doutor Ramos faiscava ao trocar um olhar com Teresa. Se estes chotas soubessem, dizia sem o dizer, metendo o tabaco com

parcimónia no forninho do cachimbo. Que coisas. Depois, quando os guardas se dispunham a sair, o doutor indicou ao empregado que tinha muito gosto em pagar-lhes os cafés. Um deles protestou, amável, e o outro dirigiu-lhes um sorriso. Obrigado. Bom trabalho, disse o doutor quando se iam embora. Obrigado, disseram outra vez.

- Bons rapazes - resumiu o doutor, quando estes fecharam a porta.

Tinha dito o mesmo sobre os pilotos, lembrou-se Teresa, quando os motores do Aviocar atroavam sobre a praia. E isso, entre outras coisas, era o que lhe agradava na personagem. A sua imparcialidade imutável. Qualquer um, visto da perspectiva adequada, podia ser um bom rapaz. Ou uma boa rapariga. O mundo era um lugar difícil, com regras complicadas, onde cada um desempenhava o papel que o destino lhe atribuía. E nem sempre era possível escolher. Toda a gente que conheço, ouviram o doutor comentar uma vez por outra, tem razões para fazer o que faz. Aceitando isso nos teus semelhantes, concluía, não é difícil dar-se bem com os outros. O truque está em procurar neles sempre a parte positiva.

E fumar cachimbo ajuda muito. Leva tempo, exige reflexão. Dá oportunidade de mover as mãos devagar, de olhar para si próprio, de olhar para os outros.

O doutor pediu um segundo conhaque e Teresa - não tinham tequila no café - um bagaço galego que fazia lançar chamas pelo nariz. A presença dos guardas trouxe-lhe à memória uma conversa recente e velhas preocupações. Tinha recebido uma visita há três semanas, na sede da Transer Naga, que agora ocupava um prédio inteiro de cinco andares na avenida del Mar, junto ao parque de Marbella. Uma visita não anunciada que ao princípio ela se recusou a receber até que Eva, a sua secretária - Pote Gálvez estava diante da porta do gabinete, postado no tapete como um dobermann -, lhe mostrou uma ordem judicial que recomendava a Teresa Mendoza Chávez, residente em tal sítio, aceitar essa entrevista ou sujeitar-se às autuações posteriores que tivessem lugar.

Averiguação prévia, dizia o papel, sem determinar a que era prévia. E são dois, acrescentou a secretária. Um homem e uma mulher. Guarda Civil. De modo que, depois de reflectir um pouco, Teresa mandou avisar Teo Aljarafe para que este estivesse prevenido, tranquilizou Pote Gálvez com um gesto e disse à secretária que os mandasse entrar para a sala de reuniões. Não apertaram as mãos. Depois de um cumprimento de circunstância os três sentaram-se em redor da grande mesa redonda da qual tinham sido anteriormente retirados todos os papéis e pastas.

O homem era magro, sério, bem-parecido, com o cabelo prematuramente grisalho cortado à escovinha e um bonito bigode. Tinha uma voz grave e

agradável, concluiu Teresa; tão educada como as suas maneiras. Vestia à paisana, casaco de feltro muito usado e calças desportivas, mas todo o seu aspecto parecia o de um soldado, muito militar. O meu nome é Castro, disse, sem acrescentar nome próprio, patente, ou colocação; embora passado um momento parecesse ter pensado melhor e acrescentasse o posto de capitão. Capitão Castro. E ela é a sargento Moncada. Enquanto fazia a breve apresentação, a mulher - ruiva, vestida com saia e camisola, brincos de ouro, olhos pequenos e inteligentes - tirou um gravador da bolsa de lona que tinha em cima dos joelhos e colocou-o em cima da mesa. Espero, disse, que não se importe. Depois assoou-se com um kleenex - parecia constipada ou alérgica - e deixou-o transformado numa bolinha no cinzeiro. De maneira nenhuma, respondeu Teresa. Mas nesse caso terão de esperar que chegue o meu advogado. E isso inclui tomar notas. De modo que, após um olhar do chefe, a sargento Moncada franziu o sobrolho, meteu o gravador na bolsa e voltou a usar outro kleenex. O capitão Castro explicou em poucas palavras o que os levava ali. No decurso de uma investigação recente, algumas averiguações apontavam para empresas vinculadas à Transer Naga.

- Haverá provas disso, claro.
- Pois, não... Lamento dizer que não as há.
- Nesse caso não compreendo esta visita.
- É rotineira. -Ah.
- Simples cooperação com a Justiça. -Ah.

Então o capitão Castro contou a Teresa que uma actuação da Guarda Civil - barcos pneumáticos supostamente destinados ao narcotráfico - tinha sido abortada por uma fuga de informação e pela ingerência inesperada do Corpo Nacional de Polícia. Agentes do comissariado de Estepona intervieram antes do tempo, entrando num armazém da zona industrial onde, em vez do material de que a Guarda Civil seguia a pista, só encontraram duas lanchas fora de serviço, sem obter qualquer prova ou efectuar detenções.

- Que pena - disse Teresa. - Mas não imagino o que possa ter a ver com isso.
- Agora, nada. A polícia estoirou com tudo. A nossa investigação foi completamente por água abaixo, porque alguém passou ao pessoal de Estepona informação manipulada. Nenhum juiz seguiria em frente com o que há.

- Caramba... E vieram cá para me contar?

O tom de voz fez o homem e a mulher trocarem olhares.

- De certa forma - afirmou o capitão Castro. - Achámos que a sua opinião seria útil. Neste momento trabalhamos em meia dúzia de assuntos relacionados com o mesmo meio.

A sargento Moncada inclinou-se para a frente na cadeira. Nem pintura nos

lábios nem maquilhagem. Os seus olhos pequenos pareciam cansados. O catarro. A alergia. Uma noite de trabalho, arriscou Teresa. Dias sem lavar a cabeça. Os aros de ouro brilhavam incongruentes.

- O capitão refere-se ao seu meio.

Teresa decidiu ignorar a hostilidade do seu. Olhava para a camisola enrugada da mulher.

- Não sei do que estão a falar - voltou-se para o homem. - As minhas relações estão à vista.

- Não esse tipo de relações - disse o capitão Castro. - Já ouviu falar da Chemical STM?

- Nunca.

- E de Konstantin Garofi Lda?

- Sim. Tenho acções. Um pacote minoritário apenas.

- Que estranho. De acordo com as nossas informações, a sociedade de import-export Konstantin Garofi, com sede em Gibraltar, é totalmente sua.

Talvez devesse ter esperado por Teo, pensou Teresa. De qualquer forma, já não era possível voltar atrás. Arqueou uma sobrancelha.

- Espero que tenham provas para afirmar isso.

O capitão Castro afagou o bigode. Abanava a cabeça com lentidão, dubitativo, como se deveras calculasse até que ponto dispunha ou não dessas provas. De facto, não, acabou por concluir. Infelizmente não as temos, embora neste caso pouco importe. Porque nos chegou um relatório. Um pedido de cooperação da DEA norte-americana e do Governo colombiano, referente a um carregamento de quinze toneladas de permanganato de potássio apreendidas no porto caribenho de Cartagena.

- Julgava que o comércio de permanganato de potássio era livre.

Reclinara-se na cadeira e olhava para o guarda civil com uma surpresa que parecia autêntica. Na Europa, sim, foi a resposta. Mas não na Colômbia, onde se usava como precursor da cocaína. E nos Estados Unidos a sua compra e venda era controlada a partir de certas quantidades, por figurar na lista de doze precursores e trinta e três substâncias químicas cujo comércio era vigiado por leis federais. O permanganato de potássio, como talvez - ou sem dúvida - a senhora saiba, era um desses doze produtos essenciais à elaboração da pasta base e do cloridrato de cocaína. Combinadas com outras substâncias químicas, dez toneladas serviam para refinar oitenta toneladas de droga. O que, usando uma conhecida expressão, não é coisa pouca. Exposto aquilo, o guarda civil ficou a olhar para Teresa, inexpressivo, como se fosse tudo o que tinha a dizer.

Ela contou mentalmente até três. Bolas. Começava a doer-lhe a cabeça, mas não podia permitir-se tirar uma aspirina diante daqueles dois. Encolheu os

ombros.

- Não me diga... E?

- Acontece que o carregamento chegou por via marítima de Algeciras, comprado por Konstantin Garofi à sociedade belga Chemical STM.

- Acho estranho que essa sociedade gibraltarina exporte directamente para a Colômbia.

- Faz bem em achar estranho - se havia ironia no comentário, não se notava.

- Na realidade, o que fizeram foi comprar o produto na Bélgica, trazê-lo até Algeciras e endossá-lo aí a outra sociedade sediada na ilha de Jersey, que a fez chegar num contentor, primeiro a Puerto Cabello, na Venezuela, e depois a Cartagena... Pelo caminho, transferiu-se o produto para bidões rotulados como dióxido de magnésio. Para camuflar.

Não tinham sido os galegos, sabia Teresa. Desta vez não tinham sido eles a dar o sopro. Estava ao corrente de que o problema residia na própria Colômbia.

Problemas locais, com a DEA atrás. Nada que a afectasse, nem de longe.

- Por que caminho?

- Alto mar. Em Algeciras embarcou como o que, na realidade, era. Pois até aí chegaste, coração. Olha para as minhas mãozinhas em cima da mesa, tirando um cigarro legítimo de um maço legítimo e acendendo-o com a calma dos justos. Brancas e inocentes. De modo que nem penses. Bem podes ir falando.

- Pois deveriam - sugeriu - pedir explicações a essa sociedade com sede em Jersey...

A sargento fez uma expressão de impaciência, mas não disse nada. O capitão Castro inclinou um pouco a cabeça, como demonstrando ser capaz de apreciar um bom conselho.

- Dissolveu-se depois da operação - comentou. - Era apenas o nome de uma rua de Saint Hélier.

- Caramba! Tudo isso está provado?

- Provadíssimo.

- Então o pessoal de Konstantin Garofi foi enganado na sua boa-fé.

A sargento abriu a boca para dizer alguma coisa, mas também desta vez pensou melhor. Olhou para o seu chefe um instante e depois tirou um bloco de notas da bolsa. Assim que lhe juntares um lápis, pensou Teresa, vão para a rua. No mesmo instante. Vão na mesma embora não o tires.

- De qualquer forma - prosseguiu - e se compreendi bem, os senhores falam do transporte de um produto químico legal, dentro do espaço aduaneiro de Schengen.

Não vejo o que tem isso de estranho. A documentação estaria sem dúvida em ordem, com certificados de destino e essas coisas. Não conheço Konstantin

Garofi em pormenor mas, de acordo com as minhas informações, são escrupulosos no cumprimento da lei... Eu nunca teria acções aí, caso não o fossem.

- Pode ficar tranquila - disse o capitão Castro, amavelmente.

- Tenho aspecto de estar intranquila?

O outro olhou-a sem responder imediatamente.

- No que se refere a si e a Konstantin Garofi - acabou por dizer - tudo parece legal.

- Infelizmente - acrescentou a sargento.

Molhava um dedo com a língua para voltar as folhas do bloco de notas. E não me lixes, meia leca, pensou Teresa. Não quererás fazer-me acreditar que tens aí apontados os quilos da minha última tranza.

- Mais alguma coisa?

- Haverá sempre mais alguma coisa - respondeu o capitão.

Pois passemos à segunda base, cabrão, pensou Teresa, apagando o cigarro no cinzeiro. Fê-lo com calculada violência, de uma só vez. A irritação justa, nem um grama extra, apesar da dor de cabeça que a fazia sentir-se cada vez mais incomodada. Em Sinaloa, aqueles dois já estariam comprados ou mortos.

Sentia desprezo pela forma como se apresentavam ali, tomando-a pelo que não era. Tão básicos. Mas também sabia que o desprezo conduz à arrogância e que, a partir daí, se cometem erros. O excesso de confiança mata mais que os balázios.

- Nesse caso ponhamos as coisas claras - disse. - Se têm assuntos concretos que se refiram a mim, esta conversa continuará na presença dos meus advogados.

Caso contrário, agradeço que se deixem de merdas.

A sargento Moncada esqueceu-se do bloco. Tocava na mesa como se quisesse verificar a qualidade da madeira. Parecia mal-humorada.

- Poderíamos continuar a conversa num gabinete oficial... Chegaste aí finalmente, pensou Teresa. Direitinha onde te esperava.

- Pois palpita-me que não, sargento - replicou com muita calma. - Porque, a não ser que tenham algo concreto, que não têm, eu ficaria nesse gabinete o tempo imprescindível para que o meu departamento legal os processasse até ao pescoço... exigindo, evidentemente, compensações morais e económicas.

- Não é preciso ficar assim - contemporizou o capitão Castro. - Ninguém está a acusá-la de nada.

- Disso tenho a certeza absoluta. De que ninguém me acusa.

- Não o sargento Velasco, evidentemente.

Vais levar na anilha, pensava. Aí puxou da máscara azteca.

- Perdão?... O sargento quê?

O outro olhava-a com uma curiosidade fria. És um mimo, concluiu ela. Com as tuas maneiras correctas. Com o teu cabelo grisalho e esse lindo bigode de oficial e cavalheiro. A garina devia lavar o cabelo com mais frequência.

- Ivan Velasco - disse o capitão devagar. - Guarda civil. Defunto.

A sargento Moncada inclinou-se novamente para a frente. Com uma expressão rude.

- Um porco. Percebe alguma coisa de porcos, senhora? Disse-o com uma veemência mal contida. Pode ser que seja a sua forma de ser, pensou Teresa. Esse cabelo ruivo sujo talvez tenha relação.

Se calhar trabalha demasiado, ou é infeliz com o marido, ou vá-se lá saber.

Ou se calhar ninguém a come. E não deve ser fácil ser mulher no seu trabalho.

Ou talvez hoje dividam os papéis: guarda civil cortês, guarda civil mau. Diante de uma cabra como supõem que sou, fazer de má calha à tipa. É lógico. Mas estou-me nas tintas.

- Isto tem alguma coisa a ver com o permanganato de potássio?

- Seja boazinha - aquilo não soava nada simpático; a sargento limpava os dentes com a unha do mindinho. - Não goze connosco.

- Velasco frequentava más companhias - esclareceu o capitão Castro com simplicidade - e mataram-no há tempos, quando você saiu da cadeia.

Lembra-se?... Santiago Fisterra, Gibraltar e tudo aquilo. Quando nem sonhava ser o que é agora.

Na expressão de Teresa não havia a ponta de um corno que recordar. Ou seja, não têm nada, reflectia. Vêm aqui deitar verdes para apanhar maduras.

- Pois a verdade é que não - disse. - Que não estou a ver quem é esse Velasco.

- Não está a ver - comentou a mulher. Quase que o cuspiu. Voltou-se para o seu chefe insinuando e você o que acha, meu capitão. Mas Castro olhava para a janela como se pensasse noutra coisa.

- Na realidade não podemos relacioná-la com isso - prosseguiu a sargento Moncada. - Além do mais, são águas passadas, não é verdade? - voltou a molhar um dedo e consultou o bloco, embora fosse evidente que não lia nada. - E quanto ao outro, Canabota, que mataram em Fuengirola, também não lhe soa?... O nome de Oleg Yasikov não lhe diz nada?... Nunca ouviu falar de haxixe, nem de cocaína, nem de colombianos, nem de galegos?... - interrompeu-se, sombria, para dar oportunidade a Teresa de intercalar algum comentário; mas ela não abriu a boca. - Claro. O seu negócio são as imobiliárias, a bolsa, as adegas de Jerez, a política local, os paraísos fiscais, as obras de caridade e os jantares com



o governador de Málaga.

- E o cinema - insinuou o capitão, objectivo. Continuava voltado para a janela com cara de quem pensa em qualquer outra coisa. Quase melancólico.

A sargento levantou uma mão.

- É verdade. Esquecia-me de que também faz cinema... - o tom de voz tornava-se cada vez mais grosseiro; vulgar, às vezes, como se até essa altura o tivesse reprimido, ou recorresse agora a ele de uma forma deliberada. - Deve sentir-se bastante a salvo entre os seus negócios milionários e a sua vida de luxo, com os jornalistas fazendo de si uma estrela.

Já me provocaram outras vezes, e melhor do que ela, disse Teresa para consigo.

Ou esta gaja é demasiado ingénua, apesar do seu mau feitio, ou realmente não têm nada a que agarrar-se.

- Esses jornalistas - respondeu com muita calma - andam metidos em querelas judiciais que nunca mais acabam... Quanto a vocês, julgam deveras que vou jogar ao gato e ao rato?

Era a vez do capitão. Voltara-se lentamente para ela e olhava-a novamente.

- Senhora, eu e a minha colega temos um trabalho a fazer. Isso inclui várias investigações em curso - deu uma vista de olhos sem muita fé ao bloco de notas da sargento Moncada. - Esta visita não tem outro objectivo que não seja participá-lo.

- Que amável e que fixe. Avisar-me assim.

- Já vê. Queríamos conversar um pouco. Conhecê-la melhor.

- Se calhar - teimou a sargento - até queremos pô-la nervosa.

O chefe dela negou-o, abanando a cabeça.

- A senhora não é das que ficam nervosas. Nunca teria chegado onde chegou...

- sorriu um pouco; um sorriso de corredor de fundo. - Espero que a nossa próxima conversa seja em circunstâncias mais favoráveis. Para mim.

Teresa olhou para o cinzeiro, com a sua única beata apagada entre as bolinhas de papel. Por quem a tomavam aqueles dois? O seu fora um caminho longo e difícil; demasiado, para aguentar agora truquezinhos de comissariado de telefilme. Não passavam de um par de intrusos que escarafunchavam os dentes, amarrotavam kleenex e pretendiam revistar gavetas. Pô-la nervosa, dizia aquela reles sargento. De repente sentiu-se irritada. Tinha mais do que fazer, em vez de andar a perder tempo. Engolir uma aspirina, por exemplo. Assim que o casal saísse dali, encarregaria Teo de apresentar uma denúncia por coacção.

E depois faria umas chamadas telefónicas.

- Façam o favor de se ir embora.

Pôs-se de pé. E não é que a sargento sabe rir, comprovou. Mas não me agrada como o faz. O seu chefe levantou-se ao mesmo tempo que Teresa, mas a outra continuava sentada, um pouco inclinada para a frente na cadeira, com os dedos apertados na beira da mesa. Com aquele riso seco e ambíguo.

- Assim, a bem?... Não vai tentar antes ameaçar-nos, ou comprar-nos, como àqueles merdas do DOCS?... Isso far-nos-ia muito felizes. Uma tentativa de suborno em condições.

Teresa abriu a porta. Pote Gálvez estava ali, maciço, vigilante, como se não se tivesse movido do tapete. E de certeza que não o fizera. Tinha as mãos ligeiramente afastadas do corpo. Esperando. Tranquilizou-o com um olhar.

- Você está a passar-se - disse Teresa. - Eu não faço essas coisas.

A sargento acabou por se levantar, quase de má vontade. Tinha-se assoado outra vez e tinha a bolinha de kleenex espremida numa mão e o bloco de notas na outra.

Olhava em volta, para os quadros caros nas paredes, para a vista sobre a cidade e o mar. Já não disfarçava o rancor. Ao dirigir-se para a porta, atrás do chefe, parou diante de Teresa, muito perto, e guardou o bloco de notas na bolsa.

- Claro. Tem quem o faça por si, não é? - aproximou mais o rosto e os olhinhos avermelhados pareciam explodir-lhe de cólera. - Ande, decida-se. Por uma vez experimente fazê-lo em pessoa. Sabe o que ganha um guarda civil?... Tenho a certeza de que o sabe. E também sabe das pessoas que morrem e apodrecem por causa de toda essa merda com que você trafica... Por que não experimenta subornar-nos, ao capitão e a mim?... Adoraria ouvir uma oferta sua e levá-la deste gabinete algemada e aos empurrões - atirou a bolinha de kleenex para o chão. - Grande filha da puta.

Havia uma lógica, no fim de contas. Era o que Teresa pensava enquanto atravessava o leito quase seco do rio, que estancava em lagoas pouco profundas junto ao mar. Uma abordagem quase exterior, alheia, matemática de certa forma, que arrefecia o coração. Um sistema pacífico de situar os factos e, sobretudo, as circunstâncias que estavam no início e no fim desses factos, deixando cada número deste ou daquele lado dos sinais que os ordenavam e lhes davam sentido.

Tudo isso permitia excluir, em princípio, a culpa ou os remorsos. Aquela fotografia rasgada a meio, a miúda de olhos confiantes que estava tão longe, lá em Sinaloa, era o seu papelinho de indulgências. Uma vez que de lógica se tratava, ela não podia fazer outra coisa senão mover-se na direcção onde essa lógica a conduzia. Mas não faltava o paradoxo: o que acontece quando não esperas nada e cada derrota aparente te empurra para cima enquanto esperas, acordada ao amanhecer, o momento em que a vida rectifique o seu erro e espanque a sério, para sempre? A Verdadeira Situação. Um dia começa a achar

que esse momento talvez nunca chegue e posteriormente presentes que a cilada é precisamente essa: achar que nunca chegará. Dessa forma morres de antemão durante horas, durante dias e durante anos. Morres longa, serenamente, sem gritos e sem sangue. Morres mais quanto mais pensas e quanto mais vives.

Parou sobre os calhaus da praia e olhou ao longe. Vestia um fato de treino cinzento, calçava ténis e o vento soprava-lhe o cabelo para a cara. Do outro lado da foz do Guadalmina havia uma língua de areia onde o mar quebrava; e, ao fundo, na névoa azulada do horizonte, destacavam-se Puerto Banús e Marbella.

Os campos de golfe ficavam à esquerda, aproximando os seus relvados quase até à margem, em redor do edifício ocre do hotel e das cabanas de praia, fechadas durante o Inverno. Teresa gostava de Gualdamina Baja naquela época do ano, com as praias desertas e alguns pacatos golfistas movendo-se à distância. As casas de luxo silenciosas e fechadas atrás dos seus muros altos cobertos de buganvílias. Uma delas, a mais próxima da ponta de terra que penetrava mar adentro, pertencia-lhe. Las Siete Gotas era o nome escrito num bonito azulejo junto da porta principal, numa ironia de Culiacán que ali só ela e Pote Gálvez conseguiam decifrar. Da praia não se conseguia ver mais do que o grande muro exterior, as árvores e os arbustos que espreitavam por cima, disfarçando as câmaras de segurança, e também o telhado e as quatro chaminés: seiscentos metros construídos numa parcela de cinco mil, com a forma de uma antiga herdade com ar mexicano, branca com remates ocre, uma varanda no andar de cima, um alpendre grande a dar para o jardim, para a fonte de azulejos e para a piscina.

Avistava-se um barco ao longe - um barquinho pescando perto de terra - e Teresa esteve a observá-lo algum tempo com interesse. Continuava ligada ao mar; e todas as manhãs, ao levantar-se, a primeira coisa que fazia era dar uma vista de olhos à imensidão azul, cinzenta, violeta, conforme a luz e os dias. Por instinto, ainda calculava marejadas, mar de fora, ventos favoráveis ou desfavoráveis, mesmo quando não tinha ninguém trabalhando mar adentro. Aquela costa, gravada na memória com a precisão de uma carta náutica, continuava a ser um mundo familiar ao qual devia desgraças e fortuna, e também imagens que evitava evocar em excesso, com receio de que a sua memória as alterasse. A casinha na praia de Palmones. As noites no Estreito, voando com o casco a bater na água. A adrenalina da perseguição e da vitória. O corpo duro e terno de Santiago Fisterra. Pelo menos tive-o, pensava. Perdi-o, mas antes tive-o. Era um luxo íntimo e calculadíssimo recordar sozinha com uma ganzá e uma tequila, nas noites em que o rumor da ressaca na praia se ouvia através do jardim, com a lua ausente, recordando e recordando-se. Às vezes ouvia passar sobre a praia o helicóptero da Vigilância Aduaneira, sem luzes, e pensava que se

calhar aos comandos ia o homem que tinha visto apoiado à porta do quarto do hospital; aquele que os perseguia voando atrás da aguagem da velha Phantom e que no fim se atirou ao mar para lhe salvar a vida junto à pedra de León. Uma vez, aborrecidos com as perseguições dos aduaneiros, dois homens de Teresa, um marroquino e um gibraltarino que trabalhavam com os pneumáticos, propuseram dar uma lição ao piloto do pássaro. Àquele filho da puta. Uma cilada em terra para lhe esfregar as costas. Quando lhe chegou a sugestão, Teresa convocou o doutor Ramos e ordenou-lhe que transmitisse, sem mudar uma vírgula, a mensagem a toda a gente. Aquele gajo faz o seu trabalho como nós fazemos o nosso, disse. São as regras e se um dia for para o caraças numa perseguição ou se o lixarem bem lixado numa praia, é lá com ele. Às vezes ganha-se e às vezes perde-se. Mas se alguém lhe tocar num fio da roupa estando fora de serviço, farei com que a esse alguém lhe arranquem a pele às tiras. Está claro? Estava.

Quanto ao mar, Teresa mantinha a ligação pessoal. E não só da margem. O Sinaloa, um Fratelli Benetti de trinta e oito metros de eslora e sete de boca, com bandeira de Jersey, estava ancorado na zona exclusiva de Puerto Banús, branco e impressionante com as suas três cobertas e o seu aspecto de iate clássico, com os interiores mobilados com madeira de teca e de iroco, casas de banho de mármore, quatro cabinas para convidados e uma sala de trinta metros quadrados presidida por uma impressionante tela marinha a óleo de Montague Dawson - Combate entre os navios Spartiate e Antilha em Trafalgar - que Teo Aljarafe tinha adquirido para ela num leilão da Claymore. Apesar da Transer Naga mobilizar recursos navais de todo o tipo, Teresa nunca utilizou o Sinaloa para actividades ilícitas. Era território neutro, um mundo próprio, de acesso restrito, que não queria relacionar com o resto da sua vida. Um capitão, dois marinheiros e um mecânico mantinham o iate pronto para se fazer ao mar a qualquer momento, e ela embarcava com frequência, às vezes em saídas curtas de alguns dias, e outras em cruzeiros de duas ou três semanas. Livros, música e um televisor com vídeo. Nunca levava convidados, à excepção de Pati O'Tarrell, que a acompanhou nalgumas ocasiões. A única pessoa que a escoltava sempre, suportando estoicamente o enjoo, era Pote Gálvez. Teresa gostava das viagens longas em solidão, dias sem o telefone tocar e sem necessidade de abrir a boca.

Sentar-se de noite na ponte de comando junto ao capitão - um marinheiro mercante pouco falador, contratado pelo doutor Ramos, que Teresa aprovou precisamente pela sua economia de palavras -, desligar o piloto automático e dirigir ela própria com mau tempo, ou passar os dias soalheiros e tranquilos numa espreguiçadeira da coberta da popa, com um livro nas mãos ou olhando para o mar. Gostava também de se ocupar pessoalmente da manutenção dos dois

motores turbodiesel MTU de 1800 cavalos que permitiam ao Sinaloa navegar a trinta nós, deixando uma esteira recta, larga e poderosa. Costumava descer à sala das máquinas, com o cabelo amarrado em duas tranças e um lenço na testa, e passava ali horas, tanto no porto como em alto mar. Conhecia todas as peças dos motores.

E, uma vez que tiveram uma avaria, com vento forte de levante a barlavento de Alborán, trabalhou lá em baixo durante quatro horas, suja de massa consistente e de óleo, batendo contra as tubagens e os tabiques enquanto o capitão tentava evitar que o iate ficasse de mar em través ou se desviasse demasiado para sotavento, até que, entre ela e o mecânico, solucionaram o problema. A bordo do Sinaloa fez algumas viagens longas, ao Egeu e à Turquia, ao sul de França, às ilhas Eólicas pelo estreito de Bonifácio; e, com frequência, mandava rumar às Baleares. Gostava das enseadas tranquilas do norte de Ibiza e de Maiorca, quase desertas no Inverno, e fundear diante da língua de areia que se estendia entre Formentera e Los Freus. Ali, diante da praia de Los Trocados, Pote Gálvez tivera um encontro recente com paparazzi. Dois fotógrafos habituais de Marbella identificaram o iate e aproximaram-se numa gaivota para surpreender Teresa, até o sinaloense os perseguir no pneumático de bordo. Resultado: duas costelas partidas, outra indemnização milionária. Mesmo assim, a fotografia chegou a ser publicada na primeira página do Lecturas. A Rainha do Sul descansa em Formentera.

Regressou devagar. Todas as manhãs, mesmo nos raros dias de vento e chuva, passeava pela praia até Linda Vista, sozinha. Sobre a pequena elevação junto ao rio, avistou a figura solitária de Pote Gálvez, que vigiava de longe. Tinha-o proibido de a escoltar naqueles passeios e o sinaloense ficava lá atrás, vendo-a ir e vir, sentinela imóvel à distância. Leal como um cão de guarda que esperasse, inquieto, o regresso da sua dona. Teresa sorriu no seu íntimo.

Entre o Pinto e ela, o tempo tinha fomentado uma cumplicidade calada, feita de passado e de presente. O forte sotaque sinaloense do pistoleiro, a sua maneira de vestir, de se comportar, de deslocar os seus enganosos noventa e muitos quilos de peso, as eternas botas de pele de iguana e o rosto de índio mestiço com a bigodaça preta - apesar do tempo passado em Espanha, Pote Gálvez parecia recém-chegado de um bar de Culiacán -, significavam para Teresa mais do que estava disposta a reconhecer. O ex-pistoleiro de Batman Gúemes era, na realidade, o seu último vínculo àquela terra. Nostalgias comuns, que não era preciso discutir. Recordações boas e más. Laços pitorescos que afloravam numa frase, num gesto, num olhar. Teresa emprestava ao gorila cassetes e CDs de música mexicana: José Alfredo, Chavela, Vicente, Los Tucanes, Los Tigres, até uma gravação excelente que tinha de Lupita D'Alessio - seré tu amante o Io que

tenga que ser / seré Io que mepidas tú -; de modo que, ao passar debaixo da janela do quarto que Pote Gálvez ocupava numa ponta da casa, ouvia essas canções vezes sem conta. E às vezes, quando ela estava na sala, lendo ou ouvindo música, o sinaloense detinha-se por um momento, respeitoso, afastado, apurando o ouvido, do corredor ou da porta, com o olhar impassível, fixo, que nele fazia as vezes de sorriso. Nunca falavam de Culiacán, nem dos acontecimentos que fizeram com que os seus caminhos se cruzassem. Também não falavam do defunto Gato Fierros, integrado há muito tempo nos alicerces de uma moradia em Nueva Andalucía. Apenas uma vez trocaram algumas palavras sobre tudo aquilo, na noite de Natal em que Teresa deu o dia livre ao pessoal de serviço - uma criada, uma cozinheira, um jardineiro, dois guarda-costas marroquinos de confiança que se revezavam na porta e no jardim - e ela própria se meteu na cozinha e preparou chilorio (1) jaiba (2) recheada gratinada e tortilhas de milho, e depois disse ao pistoleiro convido-te a jantar narco, Pinto, que uma noite não são noites, anda que arrefece. E sentaram-se na sala de jantar com candelabros de prata e velas acesas, um de cada lado da mesa, com tequila, cerveja e vinho tinto, bem calados os dois, ouvindo a música de Teresa e também a outra, Culiacán do puro e bem pesado, que às vezes enviavam de lá a Pote Gálvez: Pedro e Inés e o seu fatela camião cinzento, El Borrego, El Centenário en la Ram, o corrido de Gerar-do, La avioneta Cessna, Veinte mujeres de negro.

Saben que soy sinaloense - aí cantaram juntos ouvindo-o, baixinho - pa' que se meten conmigo. E quando, para rematar, José Alfredo cantava o corrido do Caballo Blanco - o favorito do pistoleiro, que inclinava um bocadinho a cabeça, abanando-a ao compasso da música -, ela disse estamos tão longe, Pinto; e o outro respondeu essa é a verdade, patroa, mas mais vale demasiado longe que demasiado perto. Depois observou o seu prato, pensativo, e por fim ergueu os olhos. - Nunca pensou em voltar, senhora?

*\*(1) Prato de carne de porco frita com chili. (N. da T.) (2) Crustáceo semelhante ao caranguejo. (N. da T.)*

Teresa olhou-o tão fixamente que o pistoleiro se remexeu na cadeira, incomodado, e desviou os olhos. Abria a boca, talvez para proferir uma desculpa, quando ela sorriu um pouco, distante, aproximando de si o copo de vinho.

- Sabes que não podemos voltar - disse. Pote Gálvez coçava a cabeça.

- Tá visto que eu não, claro. Mas a senhora tem meios. Tem cunhas e tem massa...

De certeza que, se quisesse, resolvia tudo na maior.

- E o que farias tu se eu voltasse?

O pistoleiro olhou novamente para o prato, franzindo o sobrolho, como se nunca tivesse pensado anteriormente naquela possibilidade. Pois não sei, patroa, disse pouco depois. Sinaloa está longe p'ra caraças e isso de voltar ainda o acho mais distante. Mas insisto em que a senhora...

- Esquece - Teresa abanava a cabeça entre o fumo de um cigarro. - Não quero passar o resto da minha vida entrincheirada no bairro Chapultépec, olhando por cima do ombro.

- Não, claro. Mas que pena, oiça... Aquela não é uma terra má.

- Ora bem.

- É o Governo, patroa. Se não houvesse Governo, nem políticos, nem gringos acima do rio Bravo, vivia-se ali na maior... Nem faria falta o caraças da maconha nem nada disso, não é verdade?... Com uns tomatinhos já nos arranjávamos.

Também havia os livros. Teresa continuava a ler, muito e cada vez mais. À medida que o tempo decorria ancorava-se na certeza de que o mundo e a vida eram mais fáceis de entender através de um livro. Agora tinha muitos, em estantes de carvalho onde se alinhavam ordenados por tamanhos e por colecções, enchendo as paredes da biblioteca voltada para sul e para o jardim, com poltronas de cabedal muito cómodas e com boa iluminação, onde se sentava a ler de noite ou nos dias de muito frio. Com sol, saía para o jardim e ocupava uma das espreguiçadeiras junto da cabana da piscina - havia ali um churrasco onde Pote Gálvez assava aos domingos carne bem passada - e permanecia horas agarrada às páginas que voltava com avidez.

Lia sempre dois ou três livros ao mesmo tempo: um de história - era fascinante a do México quando chegaram os espanhóis, Cortês e toda aquela confusão -, um romance sentimental ou de mistério, e outro dos complicados, desses que levam muito tempo a acabar e que às vezes não conseguia compreender totalmente.

Mas ficava sempre, ao terminar, com a sensação de que alguma coisa diferente se lhe enlaçava lá dentro. Lia assim, de qualquer maneira, misturando tudo.

Aborreceu-a um bocadinho um muito famoso que toda a gente recomendava: Cem Anos de Solidão - gostava mais de Pedro Páramo -, e apreciou tanto os policiais de Agatha Christie e Sherlock Holmes quanto outros bem mais duros de meter o dente, como por exemplo Crime e Castigo, O Vermelho e o Negro ou Os Buddenbrook, que era a história de uma jovem betinha e da sua família na Alemanha há pelo menos um século, ou assim. Lera também um livro antigo sobre a guerra de Tróia e as viagens do guerreiro Eneias, onde encontrou uma frase que a impressionou muito: A única salvação dos vencidos é não esperar

salvação alguma.

Livros. Cada vez que passava ao pé das estantes repletas e tocava na lombada encadernada de O Conde de Montecristo, Teresa pensava em Pati O'Tarrell. Tinham conversado ao telefone precisamente na tarde anterior. Falavam quase todos os dias, embora às vezes passassem vários sem se verem. Como estás, Tenente, que tal, Mexicana. Naquele tempo Pati já renunciara a qualquer actividade directamente relacionada com o negócio. Limitava-se a receber e a gastar: snifes, álcool, garinas, viagens, roupa. Ia a Paris ou a Miami ou a Milão e passava o tempo na maior, muito na sua onda, sem se preocupar com mais nada.

Para quê, dizia, se tu pilotas como Deus. Continuava metendo-se em confusões, pequenos conflitos que era fácil resolver recorrendo às suas amizades, ao seu dinheiro e aos esforços de Teo. O problema era que o nariz e a saúde estavam a cair-lhe aos pedaços. Mais de um grama diário, taquicardias, problemas dentários. Olheiras. Ouvia ruídos estranhos, dormia mal, punha música e tirava-a passados poucos minutos, entrava na banheira ou na piscina e saía imediatamente, presa de um ataque de ansiedade. Também era ostensiva e imprudente. Tagarela. Falava demasiado, com qualquer pessoa. E quando Teresa lho atirava à cara, medindo muito as palavras, a outra abespinhava-se provocadora, a minha saúde, a minha cona, a minha vida e a minha parte do negócio são minhas, dizia, e eu não ando a meter o nariz nas tuas histórias com Teo nem na forma como geres as putas das finanças. O caso estava perdido há que tempos; e Teresa, num conflito do qual nem os conselhos sensatos de Oleg Yasikov - continuava a encontrar-se com o russo de vez em quando - bastavam para iluminar a saída.

Isto vai acabar mal, tinha dito o homem de Solntsevo. Sim. A única coisa que desejo, Tesa, é que não te salpique demasiado. Quando acontecer. E que as decisões não as tenhas de tomar tu própria.

- Telefonou o senhor Aljarafe, patroa. Diz que já se fez a machaca (3).

- Obrigada, Pinto.

Atravessou o jardim seguida de longe pelo pistoleiro. A machaca era o último pagamento feito pelos italianos para uma conta de Grande Caimão, via Liechtenstein, com quinze por cento branqueado num banco de Zurique. Era mais uma boa notícia. A ponte aérea continuava a funcionar com regularidade, os bombardeamentos de fardos de droga com bóias GPS a partir de aviões a baixa altitude - inovação técnica do doutor Ramos - davam excelentes resultados e uma nova rota aberta com os colombianos através do Haiti, da República Dominicana e da Jamaica, estava a dar uma rentabilidade espantosa. A procura de cocaína-base para laboratórios clandestinos na Europa continuava a crescer e



a Transer Naga acabava de conseguir, graças a Teo, uma boa ligação para lavar dólares através da lotaria de Porto Rico. Teresa perguntou a si própria até quando ia durar aquela sorte. Com Teo, a relação profissional era ótima; e a outra, a privada - nunca se tinha desenvolvido a ponto de a qualificar de sentimental -, decorria por leitos razoáveis. Ela não o recebia na sua casa de Guadalmina; encontravam-se sempre em hotéis, quase sempre durante viagens de trabalho, ou numa casa antiga que ele restaurara na calle Ancha de Marbella.

*\*(3) Carne seca e pilada, utilizada em vários pratos mexicanos. Fazer a machaca significa efectuar com sucesso alguma operação. (N. da T.)*

Nenhum dos dois punha em jogo mais do que o necessário. Teo era amável, educado, eficaz na intimidade. Fizeram juntos algumas viagens por Espanha e também por França e Itália - a Teresa desagradou-lhe Paris, decepcionou-a Roma e fascinou-a Veneza -, mas estavam ambos conscientes de que a sua relação decorria num terreno demarcado. No entanto, a presença do homem incluía momentos talvez intensos, ou especiais, que, para Teresa, formavam uma espécie de álbum mental, como fotografias capazes de a reconciliar com certas coisas e com alguns aspectos da sua própria vida. O prazer esmerado e atento que ele lhe proporcionava. A luz nas pedras do Coliseu enquanto entardecia entre as encostas romanas. Um castelo muito antigo perto de um rio imenso de margens verdes chamado Loire, com um pequeno restaurante onde pela primeira vez provou foie-gras e um vinho que se chamava Château Margaux. E aquele amanhecer em que foi até à janela e viu a lagoa de Veneza como uma lâmina de prata polida que pouco a pouco se ia tornando mais vermelha enquanto as gôndolas, cobertas de neve, cabeceavam no molhe branco em frente ao hotel. Caramba. Depois Teo abraçara-a por trás, nu tal como ela, ficando os dois a contemplar a paisagem.

Para viver assim, sussurrou ele no ouvido dela, mais vale não morrer. E Teresa riu-se. Ria-se muitas vezes com Teo, com a sua forma divertida de encarar a existência, com as suas piadas correctas, com o seu humor elegante. Era culto, tinha viajado e lido - recomendava-lhe ou oferecia-lhe livros que ela quase sempre apreciava bastante -, sabia tratar os empregados de mesa, os porteiros dos hotéis caros, os políticos e os banqueiros. Tinha classe nas maneiras, nas mãos que movia de uma forma muito atraente, no perfil moreno e esguio de águia espanhola. E na cama era um regalo, porque era um tipo empenhado e de cabeça fria. No entanto, havia ocasiões em que podia ser tosco e inoportuno como ninguém. Às vezes falava da mulher e das filhas, de problemas conjugais, solidão e coisas dessas; e ela, imediatamente, deixava de prestar

atenção às palavras dele. Era muito estranho o afã de alguns homens em assentar, esclarecer, definir, justificar-se, fazer contas que ninguém pedia. Nenhuma mulher precisava de tantas alhadas. Quanto ao resto, Teo era esperto. Nenhum deles chegou nunca a dizer ao outro amo-te, nem nada parecido. Em Teresa era incapacidade e, em Teo, minuciosa prudência. Sabiam com o que contavam. Como diziam em Sinaloa, tontos, mas nem tanto.

## 14. E VÃO SOBRAR CHAPÉUS

Era verdade que a sorte ia e vinha. Depois de uma boa temporada, aquele ano começou mal e piorou na Primavera. À pouca sorte juntavam-se outros problemas.

Um Skymaster 337 com duzentos quilos de cocaína espatifou-se perto de Tabernas durante um voo nocturno e Karasek, o piloto polaco, morreu no acidente. Isto pôs em alerta as autoridades espanholas, que intensificaram a vigilância aérea. Pouco depois, ajustes de contas internos entre os traficantes marroquinos, o exército e a Gendarmaria Real complicaram as relações com o pessoal do Rife. Vários pneumáticos foram apreendidos, em circunstâncias pouco claras, de um e de outro lado do Estreito e Teresa teve de ir até Marrocos para normalizar a situação. O coronel Abdelkader Chaib tinha perdido influência depois da morte do velho rei Hassan II, e estabelecer redes seguras com os novos homens fortes do haxixe levou algum tempo e muito dinheiro. Em Espanha, a pressão judicial, encorajada pela imprensa e pela opinião pública, tornou-se mais forte: na Galiza, caíram alguns dos lendários senhores da farinha e o próprio clã dos Corbeira teve problemas. E, no início da Primavera, uma operação da Transer Naga acabou num desastre inesperado quando em alto mar, a meio caminho entre os Açores e o Cabo São Vicente, o navio mercante Aurélio Carmona foi abordado pela Vigilância Aduaneira, levando nos seus porões bobinas de linho industrial em embalagens metálicas, cujo interior estava forrado com placas de chumbo e alumínio para que nem os raios X nem os raios laser detectassem as cinco toneladas de cocaína que se escondiam lá dentro.

Não pode ser, foi o comentário de Teresa ao ter conhecimento da notícia.

Primeiro, possuírem essa informação. Segundo, há semanas que seguimos os movimentos do raio do Petrel - a embarcação de abordagem da Aduana - e ele não se mexeu da base. Para isso temos e pagamos um homem lá dentro. E nessa altura o doutor Ramos, fumando com tanta calma como se, em vez de perder oito toneladas, tivesse perdido uma lata de tabaco para o seu cachimbo, respondeu,

por isso não saiu o Petrel, chefe. Deixaram-no quietinho no porto, para ficarmos confiantes, e saíram em segredo com as suas equipas de abordagem e os seus Zodiacs num rebocador que lhes emprestou a Marinha Mercante. Esses rapazes sabem que temos um agente infiltrado na Vigilância Aduaneira e devolvem-nos a jogada.

Teresa estava inquieta com este assunto do Aurélio Carmona. Não pela captura da carga - as perdas alinhavam-se em colunas diante dos ganhos, e estavam incluídas nas previsões do negócio -, mas pela evidência de que alguém tinha chibado e de que a Aduana manipulava informação privilegiada. Com esta quebraram-nos o cabaço, concluiu. Ocorriam-lhe três fontes possíveis para o assopro: os galegos, os colombianos e o seu próprio pessoal. Embora sem confrontos espectaculares, continuava a rivalidade com o clã Corbeira, entre discretas rasteiras e uma espécie de cá te espero, não farei nada para te queimar mas se escorregares, prepara-te. Deles, a partir dos fornecedores comuns, podia vir o problema. Caso se tratasse dos colombianos, a coisa tinha pouco conserto; restava apenas passar-lhes os dados para que agissem em conformidade, apurando responsabilidades nas suas fileiras. Restava, como terceira possibilidade, a informação ter saído da Transer Naga. Prevendo isso, era necessário adoptar novas precauções: limitar o acesso à informação importante e estender ciladas com dados falsos para lhes seguir a pista e ver onde terminavam. Mas isso levava tempo. Conhecer o pássaro pela merda.

- Pensaste em Patrícia? - perguntou Teo.

- Não me lixes, pá. Não sejas cabrão.

Estavam em La Almoraima, a um passo de Algeciras: um antigo convento entre densos sobrais que fora transformado num pequeno hotel, com um restaurante especializado em caça. Às vezes iam por alguns dias, ocupando um dos quartos sóbrios e rústicos que davam para o antigo claustro. Tinham jantado perna de veado e pêras com vinho tinto, e agora fumavam e bebiam conhaque e tequila.

A noite estava agradável para a época e, pela janela aberta, ouviam o canto dos grilos e o rumor da velha fonte.

- Não digo que esteja a passar informações a ninguém - disse Teo. - Apenas que se tornou faladora. E imprudente. E que se relaciona com gente que não controlamos.

Teresa olhou para fora, para a luz da lua filtrando-se por entre as folhas de videira, para os muros caiados e para os vetustos arcos de pedra: outro lugar que lhe lembrava o México. Daí a revelar coisas como a do barco, respondeu, há uma grande distância. Além disso, a quem iria contar? Teo examinou-a um pouco sem dizer nada. Não é preciso ser ninguém em especial, acabou por

argumentar. E tu viste como anda ultimamente; perde-se em divagações e fantasias sem sentido, em paranóias estranhas e caprichos. E fala pelos cotovelos.. Basta uma indiscrição aqui, um comentário ali, para que alguém tire conclusões. Temos um mau bocado, com os juízes em cima e as pessoas pressionando. Até Tomás Pestana mantém as distâncias nos últimos tempos, não vá o diabo tecê-las. Esse vê ao longe, como os reumáticos que pressentem a chuva. Ainda conseguimos manipulá-lo; mas se houver escândalos, demasiadas pressões e as coisas se complicarem, acabará por nos voltar as costas.

- Aguentará. Sabemos muito sobre ele.

- Saber nem sempre é o bastante - Teo fez uma expressão mundana. - No melhor dos casos, isso pode neutralizá-lo; mas não obrigá-lo a continuar... Tem os seus próprios problemas. Demasiados polícias e juizes podem assustá-lo. E não é possível comprar todos os polícias e todos os juízes - olhou-a fixamente.

- Nem sequer nós podemos.

- Não pretenderás que agarre na Pati e a faça vomitar o que sabe até nos contar o que anda dizendo ou não.

- Não. Limito-me a aconselhar que a deixes à margem. Tem o que quer e não nos faz falta nenhuma ela continuar ao corrente de tudo.

- Isso não é verdade.

- Então de quase tudo. Entra e sai como cão por vinha vindimada - Teo tocou significativamente no nariz. - Está a perder o controlo. Há que tempos que acontece. E tu perde-lo também... Refiro-me ao controlo sobre ela.

Esse tom, disse Teresa para consigo. Não me agrada esse tom. O meu controlo é coisa minha.

- Continua a ser minha sócia - contrapôs, irritada. - Tua patroa.

Uma careta divertida animou a boca do advogado, que a olhou como que perguntando se falava a sério, mas não disse nada. É curiosa a vossa relação, tinha comentado uma vez. Essa relação estranha em torno de uma amizade que deixou de existir. Se tens dívidas, já as pagaste de sobra. Quanto a ela...

- Continua é apaixonada por ti - disse Teo por fim, após o silêncio, agitando suavemente o conhaque no seu copo enorme. - Esse é o problema.

Ia deixando cair as palavras em voz baixa, quase uma por uma. Não te metas aí, pensava Teresa. Tu não. Precisamente tu.

- É estranho ouvir-te dizer isso - respondeu. - Ela apresentou-nos. Foi quem te trouxe.

Teo franziu os lábios. Desviou os olhos e voltou a olhá-la. Parecia reflectir, como quem hesita entre duas lealdades, ou melhor, pondera uma delas. Uma lealdade remota, pálida. Caduca.

- Conhecemo-nos bem - acabou por dizer. - Ou conhecia-mo-nos. Por isso sei

o que digo. Ela sabia desde o princípio o que iria acontecer entre nós... Não sei o que se passou em El Puerto de Santa Maria, nem me importa. Nunca te perguntei. Mas ela não esquece.

- E no entanto - insistiu Teresa - Pati aproximou-nos a ambos.

Teo susteve a respiração como se fosse suspirar, mas não o fez. Olhava para a sua aliança, na mão esquerda apoiada na mesa.

- Se calhar conhece-te melhor do que julgas - disse. - Talvez tenha pensado que precisavas de alguém em vários sentidos. E que comigo não havia riscos.

- Que riscos?

- De te apaixonares. De complicares a tua vida... - o sorriso do advogado tirava importância às suas palavras. - Talvez me tenha visto como substituto, não como adversário. E, se olharmos bem, tinha razão. Nunca me deixaste ir mais além.

- Começo a não gostar desta conversa.

Como se tivesse acabado de ouvir Teresa, Pote Gálvez apareceu à porta. Trazia um telemóvel na mão e estava mais sombrio do que de costume. O que se passa, Pinto? O pistoleiro parecia indeciso, apoiando-se primeiro num pé e depois no outro, sem passar do umbral. Respeitoso. Lamentava muitíssimo interromper, disse finalmente. Mas palpitava-lhe que era importante. Ao que parecia, a menina Patrícia estava com problemas.

Era mais do que um simples problema, comprovou Teresa na sala de urgências do hospital de Marbella. A cena era própria de um sábado à noite: ambulâncias lá fora, macas, gritos, gente nos corredores, azáfama de médicos e enfermeiras.

Encontraram Pati no gabinete de um chefe de serviço complacente: casaco por cima dos ombros, calças sujas de terra, um cigarro meio consumido no cinzeiro e outro entre os dedos, uma contusão na testa e manchas de sangue nas mãos e na blusa. Sangue alheio. Também estavam dois polícias fardados no corredor, uma jovem morta numa maca, e um carro, o novo Jaguar descapotável de Pati, esborrachado contra uma árvore numa curva da estrada de Ronda, com garrafas vazias no chão e dez gramas de cocaína espalhados pelos assentos.

- Uma festa... - explicou Pati. - Vínhamos da puta de uma festa.

Tinha a língua entorpecida e uma expressão aturdida, como se não conseguisse compreender totalmente o que se passava. Teresa conhecia a morta, uma jovem aciganada que nos últimos tempos acompanhava sempre Pati: dezoito anos acabados de fazer, mas viciosa como se tivesse cinquenta bem vividos, com muita rotação e nenhuma vergonha. Tinha morrido instantaneamente, atestada de tudo, ao bater com a cara contra o pára-brisas, com a saia subida até às virilhas, justamente quando Pati lhe acariciava o grelo a

cento e oitenta à hora. Um problema a mais e um problema a menos, murmurou Teo com frieza, trocando um olhar de alívio com Teresa, com a defunta de corpo presente, coberta por um lençol tingido de vermelho num dos lados da cabeça - metade dos miolos, contava alguém, ficaram sobre o capot, entre vidros partidos. - Mas vê o lado bom. Ou não?... No fim de contas, livrámo-nos desta pequena pulha, dos seus golpes e das suas chantagens. Era uma companhia perigosa, dadas as circunstâncias. Quanto a Pati, e falando de afastá-la, Teo interrogava-se como teriam ficado as coisas se...

- Cala a boca - disse Teresa - ou juro que te mato. Sobressaltaram-na aquelas palavras. Viu-se de repente com elas na boca, sem pensar, cuspidando-as tal como vinham: em voz baixa, sem reflexão ou qualquer premeditação.

- Eu só... - começou Teo a dizer.

O seu sorriso parecia ter congelado de chofre e observava Teresa como se a visse pela primeira vez. Depois olhou em volta, perplexo, receando que alguém tivesse ouvido. Estava pálido.

- Estava só a brincar - acabou por dizer.

Parecia menos atraente assim, humilhado. Ou assustado. E Teresa não respondeu.

Ele era o que menos importava. Estava concentrada em si própria. Esgaravatava no seu íntimo, procurando o rosto da mulher que tinha falado em seu lugar.

Felizmente, confirmaram os polícias a Teo, não era Pati quem ia ao volante quando o carro derrapou na curva, e isso punha de parte a acusação de homicídio involuntário. A cocaína e o resto podia resolver-se com algum dinheiro, muito tacto, algumas providências oportunas e um juiz adequado, desde que a imprensa não interferisse muito. Pormenor vital. Porque estas coisas, disse o advogado - de vez em quando olhava para Teresa de soslaio, com ar pensativo -, começam com uma notícia perdida nos casos do dia e acabam em parangonas na primeira página. De modo que cuidado. Mais tarde, resolvidas as formalidades, Teo ficou fazendo alguns telefonemas e ocupando-se dos polícias - felizmente eram municipais do presidente Pestana e não guardas civis do Trânsito - enquanto Pote Gálvez trazia o Cherokee até à porta. Tiraram Pati muito discretamente, antes que alguém fosse dar à língua e algum jornalista farejasse o que não devia. E no carro, apoiada em Teresa, com a janela aberta para que o fresco da noite a desanuviasse, Pati arrebitou um pouco. Sinto muito, repetia em voz baixa, com os faróis dos carros em sentido contrário iluminando-lhe intermitentemente a cara. Sinto muito por ela, disse com voz apagada, pastosa, colando-se-lhe as palavras.

Sinto por aquela miúda. E sinto-o também por ti, Mexicana, acrescentou

depois de um silêncio. Pois estou-me a cagar para o que sentes, respondeu Teresa mal-humorada, olhando para as luzes do tráfego por cima do ombro de Pote Gálvez.

Sente-o pela merda da tua vida.

Pati mudou de posição, apoiando a cabeça no vidro da janela, e não disse nada.

Teresa remexeu-se, incomodada. Bolas. Pela segunda vez numa hora tinha dito coisas que não pretendia dizer. Além disso, não estava realmente irritada.

Não tanto com Pati como com ela própria; no fundo era, ou julgava ser, responsável por tudo. Por quase tudo. De modo que acabou por agarrar numa mão da sua amiga, tão fria como o corpo que tinham deixado atrás, sob o lençol manchado de sangue. Como estás, perguntou em voz baixa. Estou, disse a outra sem se afastar da janela. Só se apoiou de novo em Teresa ao descer do jipe.

Assim que a deitaram, sem a despir, caiu num sono inquieto, cheio de tremores e gemidos. Teresa permaneceu com ela muito tempo, sentada numa poltrona ao pé da cama: o tempo de três cigarros e de um copo grande de tequila. Pensando.

Estava quase às escuras, com as cortinas da janela abertas diante de um céu estrelado e de luzinhas distantes que se deslocavam no mar, para além da penumbra do jardim e da praia. Por fim pôs-se de pé, disposta a ir para o seu quarto; mas, à porta, pensou melhor e regressou. Foi estender-se junto da sua amiga, na beira da cama, quietinha, tentando não acordá-la. E ficou assim muito tempo. Ouvia a respiração atormentada de Pati. E continuava a pensar.

- Estás acordada, Mexicana?

- Sim.

Após o sussurro, Pati aproximara-se um pouco. Roçavam uma com a outra.

- Sinto muito.

- Não te preocupes. Dorme.

Outro silêncio. Há uma eternidade que não estavam assim as duas, lembrou-se.

Quase desde El Puerto de Santa Maria. Ou sem o quase. Permaneceu imóvel, com os olhos abertos, ouvindo a respiração irregular da amiga. Agora a outra também não dormia.

- Tens um cigarro? - perguntou Pati, passado um bocado.

- Só dos meus.

- Servem.

Teresa levantou-se, foi até à bolsa que estava pousada na cómoda e tirou os Bisonte com haxixe. Ao acendê-los, a chama do isqueiro iluminou o rosto de Pati, o hematoma violáceo na testa. Os lábios inchados e ressequidos. Os olhos,

com bolsas de fadiga, olhavam fixamente para Teresa.

- Julguei que poderíamos consegui-lo, Mexicana.

Teresa voltou a deitar-se de barriga para cima na beira da cama. Agarrou no cinzeiro da mesa-de-cabeceira e colocou-o sobre o estômago. Tudo devagar, dando tempo a si própria.

- E fizemo-lo - acabou por dizer. - Chegámos muito longe.

- Não me referia a isso.

- Então não sei a que te referes.

Pati mexeu-se ao seu lado, mudando de posição. Voltou-se para mim, pensou Teresa. Observa-me na escuridão. Ou recorda-me.

- Cheguei a pensar que poderia suportá-lo - disse Pati. - Tu e eu juntas, desta forma. Achei que funcionaria.

Que estranho era tudo. Pensava Teresa. A Tenente O'Tarrell. Ela própria. Que estranho e que remoto, e quantos cadáveres para trás, pelo caminho. Gente que matamos sem querer enquanto vivemos.

- Ninguém enganou ninguém... - enquanto falava, entre duas palavras, aproximou o cigarro da boca e viu a brasa a brilhar-lhe entre os dedos. - Estou onde sempre estive - expeliu o fumo depois de o tragar. - Nunca quis...

- A sério que julgas isso?... Que não mudaste? Teresa abanava a cabeça, irritada.

- A respeito de Teo...

- Pelo amor de Deus - o riso de Pati era depreciativo. Teresa sentia-a agitar-se ao seu lado como se aquele riso a estremecesse. - O Teo que vá para o diabo.

Houve outro silêncio, desta vez muito longo. Depois Pati tornou a falar em voz baixa.

- Fode com outras... Sabias?

Teresa encolheu os ombros por dentro e por fora, consciente de que a sua amiga não podia ver uma coisa nem outra. Não sabia, concluiu para si mesma. Talvez suspeitasse, mas a questão não era essa. Nunca o foi.

- Nunca esperei nada - prosseguia Pati, num tom absorto. - Só tu e eu. Como antes.

Teresa quis ser cruel. Por aquilo de Teo.

- Os tempos felizes de El Puerto de Santa Maria, não é verdade?... - disse com má-fé. - Tu e o teu sonho. O tesouro do abade Faria.

Nunca tinham ironizado anteriormente acerca disso. Nunca daquela forma. Pati ficou calada.

- Tu estavas nesse sonho, Mexicana - acabou por dizer. Soava a justificação e a censura. Mas não lhe vou pegar nesta carta, disse Teresa para consigo. Não é o meu jogo, nem nunca o foi. De modo que pro caraças.



- Estou-me nas tintas - disse. - Não pedi para estar. Foi uma decisão tua, não minha.

- É verdade. E às vezes a vida vinga-se concedendo-nos o que queremos.

Também não é o meu caso, pensou Teresa. Eu não desejava nada. E esse é o maior paradoxo da merda da minha vida. Apagou o cigarro e, voltada para a mesa-de-cabeceira, pousou aí o cinzeiro.

- Nunca pude escolher - disse em voz alta. - Nunca. Veio e eu fiz-lhe frente.

- E o que se passa comigo?

Aquela era a pergunta. Na realidade, reflectia Teresa, tudo se reduzia a isso.

- Não sei... A determinada altura ficaste para trás, à deriva.

- E tu a determinada altura transformaste-te numa filha da puta.

Houve uma pausa muito longa. Estavam imóveis. Se ouvisse o ruído de uma grade, pensou Teresa, ou os passos de uma guarda no corredor, julgaria estar em El Puerto. Velho ritual nocturno de amizade.

Edmundo Dantes e o abade Faria fazendo planos de liberdade e de futuro.

- Achei que tinhas tudo o que precisavas - disse. - Tratei dos teus interesses, dei-te muito dinheiro a ganhar... Corri os riscos e fiz o trabalho. Não é suficiente?

Pati demorou um bocado a responder.

- Eu era tua amiga.

- És minha amiga - realçou Teresa.

- Era. Não te detiveste a olhar para trás. E há coisas que nunca.

- Bolas! Aqui está a esposa sofredora porque o marido trabalha muito e não pensa nela como deve... Vais por aí?

- Nunca pretendi...

Teresa sentia a ira a crescer-lhe. Porque só podia ser isso, disse para si própria. A outra não tinha razão e ela irritava-se. A Tenente de merda, ou o que quer que fosse agora, ia acabar culpando-a até da defunta desta noite.

Até nisso lhe calhava ter de assinar cheques. Pagar as contas.

- Maldita sejas, Pati. Não me lixes com telenovelas baratas.

- Claro. Esquecia-me de que estou ao pé da Rainha do Sul.

O seu riso era baixinho e entrecortado ao dizê-lo. Isso fê-lo parecer mais mordaz e não melhorou as coisas. Teresa sentou-se, apoiando-se num cotovelo.

Uma cólera surda começava a latejar-lhe nas fontes. Dor de cabeça.

- O que é que te devo?... Diz-me de uma vez, cara a cara. Diz-me e pagar-te-ei.

A outra era uma sombra imóvel, contornada pela claridade da Lua que espreitava num ângulo da janela.

- Não se trata disso.

- Não?... - Teresa aproximou-se mais. Podia sentir a sua respiração. - Eu sei do que se trata. Por isso olhas para mim de uma forma estranha, porque achas que entregaste demasiado em troca de pouco. O abade Faria confessou o seu segredo à pessoa errada... Não é verdade?

Os olhos de Pati brilhavam na escuridão. Um brilho suave, gémeo, reflexo da claridade de fora.

- Nunca te censurei nada - disse numa voz muito baixa.

A lua nos olhos dela tornava-os vulneráveis. Ou talvez não fosse a lua, pensou Teresa. Talvez as duas nos tenham enganado desde o princípio. A Tenente Otarrell e a sua lenda. De repente sentiu o impulso de se rir enquanto pensava que jovem fui, e que estúpida. Depois veio-lhe uma vaga de ternura que a sacudiu até às pontas dos dedos e entreabriu a boca de pura surpresa. O acesso de rancor chegou-lhe depois como um auxílio, uma solução, um consolo proporcionado pela outra Teresa que estava sempre à espreita nos espelhos e nas sombras. Acolheu-o com alívio. Precisava de alguma coisa que apagasse aqueles três segundos estranhos; que os sufocasse sob uma crueldade definitiva como uma machadada.

Sentiu o impulso absurdo de se voltar para Pati com violência, de se pôr escarranchada em cima dela, de sacudi-la quase à pancada, arrancar a sua roupa e arrancar a roupa dela dizendo pois vais cobrar tudo agora mesmo, de uma vez, e finalmente ficaremos em paz. Mas sabia que não era isso. Que nada se pagava assim e que estavam já demasiado longe uma da outra, seguindo caminhos que nunca mais voltariam a cruzar-se. E, naquela dupla claridade que tinha em frente, viu que Pati o compreendia tão bem como ela.

- Eu também não sei para onde vou.

Disse. Depois aproximou-se mais daquela que tinha sido sua amiga e abraçou-a em silêncio. Sentia alguma coisa desfeita e irreparável no seu íntimo. Um desconsolo infinito. Como se a miúda da fotografia rasgada, a dos olhos grandes e espantados, tivesse regressado para chorar nas suas entranhas.

- Pois evita sabê-lo, Mexicana... Porque podes lá chegar. Permaneceram abraçadas, imóveis, o resto da noite.

Patrícia Otarrell suicidou-se três dias mais tarde, na sua casa de Marbella.

Uma criada encontrou-a na casa de banho, nua, mergulhada até ao queixo em água fria. Na beira da banheira e pelo chão encontraram vários frascos de soníferos e uma garrafa de whisky. Tinha queimado todos os seus papéis, fotografias e documentos pessoais na lareira, mas não deixou nenhum bilhete de despedida.

Nem para Teresa nem para ninguém. Saiu de tudo como quem sai discretamente de um aposento, semicerrando a porta com cuidado para não fazer

barulho.

Teresa não foi ao enterro. Nem sequer viu o cadáver. Na mesma tarde em que Teo Aljarafe lhe deu a notícia pelo telefone, ela subiu a bordo do Sinaloa tendo por única companhia a tripulação e Pote Gálvez, e passou dois dias no mar alto, sentada numa espreguiçadeira da coberta de popa, olhando para a esteira do barco sem abrir a boca. Durante todo esse tempo nem sequer leu.

Contemplava o mar e fumava. De vez em quando bebia tequila. Às vezes soavam na coberta os passos do pistoleiro, que rondava à distância: só se aproximava dela à hora do almoço ou do jantar, sem dizer nada, apoiado na borda e esperando até a sua chefe abanar a cabeça numa negativa e ele desaparecer novamente; ou para lhe trazer um casacão quando as nuvens tapavam o Sol, ou este se punha no horizonte e o frio aumentava. Os tripulantes mantiveram-se ainda mais longe.

Sem dúvida, o sinaloense devia ter dado instruções e procuravam evitá-la. O patrão só falou com Teresa duas vezes: a primeira quando ela ordenou, ao subir a bordo, navegue até eu dizer basta, estou-me nas tintas para onde, e a segunda quando, passados dois dias, lhe apareceu na ponte e disse regressamos. Durante essas quarenta e oito horas, Teresa não pensou cinco minutos seguidos em Pati O'Tarrell nem em coisa nenhuma. Cada vez que a imagem da amiga lhe passava pela cabeça, uma ondulação do mar, uma gaivota que planava ao longe, o reflexo da luz na marejada, o ronronar do motor sob a coberta, o vento que lhe agitava o cabelo contra a cara, ocupavam todo o espaço útil da sua mente. A grande vantagem do mar era poder passar horas a olhar para ele, sem pensar. Sem recordar, até, ou fazendo com que as recordações ficassem na esteira tão facilmente como chegavam, cruzando-se connosco sem consequências, como luzes de barcos na noite. Teresa aprendera isto com Santiago Fisterra: aquilo só acontecia no mar, porque este era cruel e egoísta como os seres humanos e desconhecia, além disso, na sua terrível simplicidade, o sentido de palavras complexas como piedade, feridas ou remorsos. Talvez por isso fosse quase analgésico. Nele podíamos reconhecer-nos, ou justificarmo-nos, enquanto o vento, a luz, o balanço, o rumor da água no casco da embarcação, operavam o milagre de distanciar, acalmando-os até deixarem de doer, qualquer piedade, qualquer ferida e qualquer remorso.

Por fim o tempo mudou, o barómetro baixou cinco milibares em três horas e começou a soprar um levante forte. O patrão olhava para Teresa, que continuava sentada à popa e depois para Pote Gálvez. De modo que este foi até lá e disse, o tempo está-se-nos a virar, senhora. Se calhar quer dar alguma ordem. Teresa olhou-o sem dizer nada e o pistoleiro voltou para junto do patrão encolhendo os ombros. Naquela noite, com vento este de força seis a sete, o Sinaloa navegou

balançando-se com o motor a meio gás, amurado ao mar e ao vento, com a espuma saltando na escuridão sobre a proa e a ponte de comando. Teresa estava na cabina, com o piloto automático desligado, segurando no leme e iluminada pela luz avermelhada da bitácula, com uma mão na alavanca do leme e outra nas alavancas dos motores, enquanto o patrão, o oficial de quarto e Pote Gálvez, que ia atestado de Biodramina, a observavam lá atrás da casa de navegação, agarrados aos bancos e à mesa, derramando o café das chávenas cada vez que o Sinaloa dava um solavanco. Por três vezes Teresa foi até à amurada de sotavento, açoitada pelas rajadas, para vomitar pela borda; e voltou ao leme sem dizer uma palavra, com o cabelo despenteado e molhado, círculos de insónia em redor dos olhos, para acender outro cigarro. Nunca tinha enjoado anteriormente. O tempo acalmou ao amanhecer, com menos vento e uma luz acinzentada que esmagava um mar pesado como chumbo. Então ela ordenou que regressassem ao porto.

Oleg Yasikov chegou à hora do pequeno-almoço. Calças de ganga, casaco escuro aberto sobre um pólo, sapatos desportivos. Louro e corpulento como sempre, embora com a cintura um pouco mais dilatada nos últimos tempos. Recebeu-o no alpendre do jardim, diante da piscina e do relvado que se estendia sob os salgueiros até ao muro junto à praia. Há quase dois meses que não se viam; desde um jantar durante o qual Teresa o avisou do encerramento iminente do European Union, um banco russo de Antigua que Yasikov utilizava para transferir fundos para a América. Isso poupou ao homem de Solntsevo alguns problemas e muito dinheiro.

- Há quanto tempo, Tesa. Sim.

Desta vez fora ele quem pedira para se encontrarem. Um telefonema na tarde anterior. Não preciso de consolo, foi a resposta dela. Não se trata disso, respondeu o russo. Niet. Só um bocadinho de negócios e um bocadinho de amizade.

Já sabes. Sim. O costume.

- Queres um copo, Oleg?

O russo, que barrava uma torrada com manteiga, ficou a olhar para o copo de tequila que Teresa tinha ao pé da chávena de café e para o cinzeiro com quatro beatas consumidas. Ela estava de fato de treino, reclinada no cadeirão de vime, com os pés descalços sobre o pavimento ocre do alpendre. Claro que não quero um copo, disse Yasikov. Não a esta hora, por amor de Deus. Sou apenas um gangster da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Não uma mexicana com o estômago forrado. Sim. De amianto. Não. Estou longe de ser tão macho como tu.

Riram-se. Vejo que consegues rir, disse Yasikov, surpreendido. E por que não iria fazê-lo, perguntou Teresa, suportando o olhar claro do outro. De qualquer

forma, lembra-te de que, em caso algum, iremos falar de Pati.

- Não vim para isso - Yasikov servia-se da cafeteira, mastigando pensativo a sua torrada. - Há coisas que tenho de contar-te. Várias.

- Toma primeiro o pequeno-almoço.

O dia estava luminoso e a água da piscina parecia reflecti-lo no azul-turquesa.

Estava-se bem ali, no alpendre aquecido pelo sol levante, entre as sebes, as buganvílias e os maciços de flores, ouvindo cantar os pássaros. De modo que acabaram sem pressa as torradas, o café e a tequila de Teresa enquanto conversavam sobre assuntos sem importância, reavivando a sua velha relação como o faziam cada vez que estavam frente a frente: gestos cúmplices, códigos partilhados. Os dois conheciam-se muito bem. Sabiam quais as palavras que precisavam de dizer ou não.

- Vamos ao que é importante - disse Yasikov mais tarde. - Há uma encomenda.

Em grande. Sim. Para o meu pessoal.

- Isso significa prioridade absoluta.

- Agrada-me essa palavra. Prioridade.

- Precisam de cavalo?

O russo negou, abanando a cabeça.

- Haxixe. Os meus chefes associaram-se aos romenos. Pretendem abastecer vários mercados ali. Sim. De chofre. Demonstrar aos libaneses que há fornecedores alternativos. Precisam de vinte toneladas. Marrocos. Primeiríssima qualidade.

Teresa franziu o sobrolho. Vinte mil quilos eram muitos quilos, disse. Seria preciso reuni-los primeiro e o momento não parecia ser o adequado. Com as mudanças políticas em Marrocos era difícil saber em quem podiam fiar-se. Tinha mesmo alguma coca guardada em Agadir há um mês e meio, sem se atrever a movê-la até as coisas clarificarem. Yasikov ouvia com atenção e, no fim, fez um gesto de concordância. Compreendo. Sim. Tu decides, propôs. Mas fazias-me um grande favor. A minha gente precisa desse chocolate dentro de um mês. E consegui preços. Ouve. Preços muito bons.

- O preço é o menos. Contigo não importa.

O homem de Solntsevo sorriu e agradeceu. Depois entraram em casa. No outro lado da sala decorada com tapetes orientais e poltronas de couro, ficava o escritório de Teresa. Pote Gálvez apareceu no corredor, olhou para Yasikov sem dizer uma palavra e esfumou-se novamente.

- Que tal o teu rottweiler? - perguntou o russo.

- Olha que ainda não me matou. O riso de Yasikov ecoou pela sala.

- Quem o diria - comentou. - Quando o conheci.

Foram até ao escritório. Todas as semanas, a casa era revistada por um técnico de contra-espionagem electrónica do doutor Ramos. Mesmo assim, ali não havia nada comprometedor: uma mesa de trabalho, um computador pessoal com o disco rígido limpo, grandes gavetas com cartas de navegação, mapas, anuários e a última edição do Ocean Passages for the World. Talvez consiga fazê-lo, disse Teresa. Vinte toneladas. Quinhentos fardos de quarenta quilos. Camiões para o transporte das montanhas do Rife até à costa, um barco grande, um embarque em massa em águas marroquinas, coordenando bem os lugares e as horas exactas.

Calculou com rapidez: duas mil e quinhentas milhas entre Alborán e Constanta, no mar Negro, através de águas territoriais de seis países, incluindo a passagem do Egeu, dos Dardanelos e do Bósforo. Isso requeria um aparato de logística e táctica de precisão. Muito dinheiro em gastos prévios.

- Dias e noites de trabalho para Farid Lataquia e para o doutor Ramos.

- Desde que me garantas um desembarque sem problemas num porto romeno - concluiu.

Yasikov concordou. Conta com isso, disse. Examinava a carta Imray M20, a do Mediterrâneo oriental, estendida sobre a mesa. Parecia distraído. Talvez fosse conveniente, sugeriu passado uns instantes, que avaliasses muito bem com quem preparas esta operação. Sim. Disse-o sem afastar os olhos da carta, num tom de voz reflexivo, demorando ainda um pouco a erguer a vista. Sim, repetiu.

Teresa captou a mensagem. Já o fizera às primeiras palavras. O talvez fosse conveniente era sinal de que alguma coisa não estava bem em tudo aquilo. Que avaliasses muito bem. Com quem preparas. Esta operação.

- Anda - disse. - Conta-me.

Um eco suspeito no ecrã do radar. O velho vazio no estômago, sensação conhecida, avançou de repente. Há um juiz, disse Yasikov. Martínez Pardo, conhece-lo de sobra. Da Audiência Nacional. Anda atrás há que tempos. De ti, de mim. De outros. Mas tem as suas preferências. Tu és a sua menina dos olhos. Trabalha com a polícia, com a Guarda Civil, com a Vigilância Aduaneira. Sim. E aberta demasiado.

- Diz-me o que tens de dizer - impacientou-se Teresa. Yasikov observava-a, indeciso. Depois desviou o olhar para a janela, tornando, finalmente, a olhar para ela. Tenho gente que me conta coisas, prosseguiu. Pago e informam-me. E, outro dia, alguém falou em Madrid daquele último assunto teu. Sim. Desse barco que confiscaram. Naquele ponto Yasikov parou, deu alguns passos pelo escritório, tamborilou os dedos sobre a carta náutica. Balançava um pouco a cabeça, como se insinuasse: o que vou largar, agarra-o com pinças, Tesa. Não garanto que seja

verdade ou mentira.

- Palpita-me que foi um chibo dos galegos - adiantou-se ela.

- Não. Segundo dizem, a fuga não veio daí... - Yasikov fez uma pausa muito longa. - Saiu da Transer Naga.

Teresa ia abrir a boca para dizer impossível, verifiquei a fundo. Mas não o fez. Oleg Yasikov nunca teria ido contar-lhe mexericos. De repente viu-se atando cabos, colocando hipóteses, perguntas e respostas. Reconstruindo factos. Mas o russo já encurtava caminho.

Martínez Pardo está a pressionar alguém do teu círculo, prosseguiu. Em troca de imunidade, dinheiro ou vá-se lá saber o quê. Pode ser verdade, pode sê-lo só em parte. Não sei. Mas a minha fonte é classe A. Nunca me falhou anteriormente. E tendo em conta que Patrícia...

- É Teo - murmurou ela de repente.

Yasikov ficou com a frase a meio. Já o sabias, disse ele surpreendido. Mas Teresa abanou a cabeça, negando. Penetrava-a um frio estranho que nada tinha a ver com os seus pés descalços sobre o tapete. Voltou as costas a Yasikov e olhou para a porta, como se o próprio Teo estivesse prestes a chegar. Diz-me como diacho..., perguntava o russo atrás dela. Se não sabias, por que o sabes agora. Teresa continuava calada. Não o sabia, pensava. Mas é verdade que agora de repente o sei. Assim é a malfadada vida e assim são as suas ironias reles.

Bolas! Estava concentrada, tentando colocar os pensamentos de acordo com uma ordem razoável de prioridades. E não era fácil.

- Estou grávida - disse.

Foram passear pela praia, com Pote Gálvez e um dos guarda-costas de Yasikov seguindo-os à distância. Estava mar de fora que rebentava nos calhaus e molhava os pés de Teresa, que continuava descalça, andando pelo lado mais próximo do mar. A água estava muito fria mas fazia-a sentir-se bem. Acordada. Andaram assim para sudoeste, pela areia suja que se estendia entre pedregulhos e fiadas de algas em direcção a Sotogrande, Gibraltar e o Estreito. Conversavam durante alguns passos e depois ficavam calados, pensando no que diziam um ao outro ou no que não chegavam a dizer. E o que vais fazer, tinha perguntado Yasikov quando conseguiu assimilar a notícia. A respeito de um e de outro. Sim. Da criança e do pai.

- Ainda não é uma criança - replicou Teresa. - Ainda não é nada.

Yasikov abanou a cabeça como se ela confirmasse os seus pensamentos. De qualquer forma, isso não resolve o outro assunto, disse. É apenas metade de um problema. Teresa voltou-se para olhá-lo com atenção, afastando o cabelo da cara.

Não disse que a primeira metade está resolvida, esclareceu. Digo apenas que ainda não é nada. A decisão sobre o que será, ou deixará de ser, ainda não a

tomei.

O russo observava-a atentamente, procurando alterações no seu rosto, indícios novos, imprevistos.

- Receio não poder. Tesa. Aconselhar-te. Niet. Não é a minha especialidade.

- Não te peço conselho. Apenas que passeies comigo, como sempre.

- Isso já posso - Yasikov sorria finalmente, urso louro e bonacheirão. - Sim. Fazê-lo.

Havia um barquinho de pescadores varado na areia. Teresa passava sempre junto dele. Pintado de branco e azul, muito velho e maltratado. Tinha água da chuva no fundo, com restos de plástico e um frasco de refresco vazio. Junto à proa apagava-se um nome já quase ilegível: Esperança.

- Nunca te cansas, Oleg?

Às vezes, respondeu o russo. Mas não era fácil. Não. Dizer daqui não passo, deixem que me retire. Tenho uma mulher, acrescentou. Belíssima. Miss São Petersburgo. Um filho de quatro anos. Dinheiro suficiente para viver o resto da vida sem problemas. Sim. Mas há sócios. Responsabilidades. Compromissos.

E nem todos entenderiam a minha retirada. Não. Desconfia-se por natureza. Se nos vamos embora, assustamo-los. Sabemos demasiado sobre demasiadas pessoas.

E estas sabem demasiado sobre nós. Somos um perigo à solta. Sim.

- O que te sugere a palavra vulnerável? - perguntou Teresa. O outro reflectiu um pouco. Não o domino bem, acabou por comentar. O espanhol. Mas sei o que dizes. Um filho torna-te vulnerável.

- Juro-te, Tesa, que nunca tive medo. De nada. Nem sequer no Afeganistão.

Aqueles loucos fanáticos e os seus Allah Akbar que faziam gelar o sangue. Pois não. Também não o tive quando comecei. No negócio. Mas desde que nasceu o meu filho sei o que é. Ter medo. Sim. Quando alguma coisa corre mal, já não é possível. Não. Deixar tudo como está. Desatar a correr.

Tinha parado e olhava para o mar, para as nuvens que se deslocavam devagar na direcção do poente. Suspirou, nostálgico.

- É bom desatar a correr - disse. - Quando se precisa. Tu sabe-lo melhor que ninguém. Sim. Não fizeste outra coisa na tua vida. Correr. Com vontade ou sem ela.

Continuava a contemplar as nuvens. Levantou os braços à altura dos ombros, como se conseguisse abarcar o Mediterrâneo, e deixou-os cair, impotente.

Depois voltou-se para Teresa.

- Vais tê-lo?

Olhou-o sem responder. Rumor da água e espuma fria entre os pés. Yasikov olhava-a fixamente, de cima. Teresa parecia muito mais pequena junto do



enorme eslavo.

- Como foi a tua infância, Oleg?

O outro esfregou a nuca, surpreendido. Incomodado. Não sei, respondeu. Como todas, na União Soviética. Nem boa nem má. Os pioneiros, a escola. Sim. Karl Marx. A Soyuz. O malvado imperialismo americano. Tudo isso. Demasiada couve cozida, acho eu. E batatas. Demasiadas batatas.

- Eu soube o que era fome a sério - disse Teresa. - Tive um único par de sapatos e a minha mãe só nos deixava calçar para ir à escola, enquanto fui.

À boca veio-lhe um sorriso crispado. A minha mãe, repetiu absorta. Sentia um rancor antigo perfurá-la até ao íntimo.

- Batia-me muito em miúda... - prosseguiu. - Era alcoólica e meio prostituta desde que o meu pai a abandonou... Obrigava-me a trazer cervejas para os seus amigos, arrastava-me pelos cabelos, à pancada e ao pontapé. Chegava de madrugada com a sua ninhada de corvos, rindo-se obscena, ou vinham buscá-la batendo à porta de noite, bêbados... Deixei de ser virgem antes de perder a virgindade entre vários fedelhos, alguns deles mais novos que eu...

Calou-se de repente e ficou assim um bom bocado, com o cabelo despenteado sobre a cara. Sentia o rancor diluir-se devagar no sangue. Respirou profundamente para que se desvanecesse completamente.

- Quanto ao pai - disse Yasikov -, suponho que se trata de Teo.

Ela suportou o olhar dele sem abrir a boca. Impassível.

- Essa é a segunda parte - tornou a suspirar o russo. - Do problema.

Pôs-se a andar sem se voltar para comprovar se Teresa o seguia. Ela ficou um pouco a vê-lo afastar-se e depois foi atrás dele.

- Uma coisa aprendi no exército, Tesa - dizia Yasikov, pensativo. - Território inimigo. Perigoso deixar bolsas na retaguarda. Resistência. Núcleos hostis.

Uma consolidação do terreno exige a eliminação de focos de conflito. Sim. A frase é literal. Regulamentar. Repetia-a o meu amigo, o sargento Skobelstin.

Sim. Diariamente. Antes de lhe terem cortado o pescoço no vale de Panshir.

Tinha parado outra vez e olhava-a de novo. Até aqui posso chegar eu, diziam os seus olhos claros. O resto é contigo.

- Estou a ficar sozinha, Oleg.

Estava imóvel diante dele, e a rebentação da água escavava a areia sob os seus pés a cada refluxo. O outro sorriu amistoso, um pouco distante. Triste.

- Que estranho ouvir-te dizer isso. Julgava que tinhas estado sempre só.

## 15. TENHO AMIGOS NA MINHA TERRA, SÃO OS QUE DIZEM QUE ME AMAM

O juiz Martínez Pardo não era um tipo simpático. Falei com ele durante os últimos dias da minha pesquisa: vinte e dois minutos de conversa pouco agradável no seu gabinete da Audiência Nacional. Concordou receber-me de má vontade, e só depois de eu lhe fazer chegar um volumoso relatório com o estado das minhas investigações. O seu nome figurava aí, naturalmente. Juntamente com muitas outras coisas. A escolha do costume era constar nele de uma forma confortável, ou ficar de fora. Decidiu entrar, com a sua própria versão dos factos. Venha cá e falaremos, acabou por dizer quando veio ao telefone. De modo que fui até à Audiência, deu-me um seco aperto de mão e sentámo-nos a conversar, um de cada lado da sua mesa oficial, com bandeira e retrato do rei na parede. Martínez Pardo era baixo, rechonchudo, com uma barba grisalha que não chegava a tapar-lhe completamente uma cicatriz que lhe percorria a face esquerda. Estava longe de ser uma dessas estrelas da magistratura que apareciam na televisão e nos jornais. Cinzento e eficaz, diziam. Com mau feitio. A cicatriz provinha de um velho episódio: sicários colombianos contratados por narcos galegos. Talvez fosse isso que lhe azedava o carácter.

Começámos por comentar a situação de Teresa Mendoza. O que a tinha levado aonde estava e a volta que se produziria na sua vida nas próximas semanas se conseguisse manter-se viva. Sobre isso não sei, disse Martínez Pardo. Eu não trabalho com o futuro das pessoas, excepto para garantir trinta anos de pena quando posso.

O meu trabalho é o passado. Factos e passado. Delitos. E desses, Teresa Mendoza cometeu muitos.

- Deve sentir-se frustrado, nesse caso - insinuei. - Tanto trabalho para nada.

Era a minha forma de corresponder à sua pouca simpatia. Olhou-me por cima dos óculos de leitura que tinha na ponta do nariz. Não parecia um homem feliz.

Definitivamente, não um juiz feliz.

- Tinha-a na mão - disse.

Depois calou-se, como que avaliando se aquelas palavras eram oportunas. Também os juízes cinzentos e eficazes têm o seu coraçãozinho, disse para comigo. A sua vaidade pessoal. As suas frustrações. Tinha-la na mão mas já não a tens.

Escapou-se-te por entre os dedos, de regresso a Sinaloa.

- Quanto tempo andou atrás dela?

- Quatro anos. Um longo trabalho. Não era fácil acumular factos e provas da sua implicação. A sua infra-estrutura era muito boa. Bastante inteligente.

Estava tudo repleto de mecanismos de segurança, de compartimentos estanques.

Desmontava-se alguma coisa e morria tudo aí. Impossível provar as conexões até cima.

- Mas o senhor fê-lo.

Só em parte, admitiu Martínez Pardo. Teria precisado de mais tempo, de mais liberdade de acção. Mas não os tive. Essa gente movia-se em certos ambientes, incluindo a política. Incluindo o seu, o do próprio juiz. Isso permitiu a Teresa Mendoza ver surgirem ao longe alguns golpes e pará-los. Ou minimizar-lhes as consequências. Naquele caso concreto, acrescentou, ele ia bem. Os seus ajudantes iam bem. Estavam prestes a coroar um trabalho longo e paciente.

Quatro anos, dissera-me, tecendo a teia de aranha. E de repente acabou-se tudo.

- É verdade que o convenceram do próprio Ministério da Justiça?

- Isso está fora de questão - reclinara-se para trás no cadeirão e observava-me, incomodado. - Recuso-me a responder.

- Dizem que o próprio ministro se encarregou de o pressionar, de acordo com a embaixada do México.

Levantou uma mão. Um gesto desagradável. Uma mão autoritária, de juiz em exercício. Se continua por este caminho, avisou, esta conversa terminará. A mim não me pressionou ninguém, nunca.

- Explique-me, nesse caso, por que no fim não fez nada contra Teresa Mendoza.

Ponderou um pouco a minha pergunta, talvez para decidir se o verbo explique-me implicava desacato. No fim decidiu absolver-me. In dúvida pro reo. Ou uma coisa do estilo.

- Já lho disse - ripostou. - Não tive tempo para reunir material suficiente.

- Apesar de Teo Aljarafe?

Olhou-me outra vez como antes. Nem eu nem as minhas perguntas lhe agradavam, e aquilo não melhorava as coisas.

- Tudo o que se refere a esse nome é confidencial.

Permiti a mim próprio um sorriso moderado. Ora, juiz... Numa altura destas...

- Agora é igual - disse. - Suponho.

- Pois para mim não é.

Pensei durante alguns instantes. Proponho-lhe um pacto, concluí em voz alta.

Eu deixo de fora o Ministério da Justiça, e o senhor fala-me do assunto de Teo Aljarafe. Um acordo é um acordo. Troquei o sorriso moderado por uma expressão de amável solicitude enquanto ele reflectia. De acordo, disse. Mas reservo alguns pormenores.

- É verdade que o senhor lhe ofereceu imunidade a troco de informações?

- Não vou responder a isso.

Começamos mal, disse para comigo. Assenti algumas vezes com ar pensativo antes de voltar à carga: - Garantem que o acossou muito. Que reuniu um bom dossier sobre ele e que depois o colocou à frente do nariz. E que não foi nada sobre narcotráfico. Que o agarrou pelo lado fiscal.

- Pode ser.

Olhava-me impassível. Tu colocas as questões e eu confirmo. Não me peças muito mais.

- Transer Naga?

- Não.

- Seja simpático, juiz. Retribua ao bom rapaz que sou.

Pensou um pouco novamente. No fim de contas, deve ter concluído, estou metido nisto. Esse ponto é mais ou menos conhecido e está resolvido.

- Admito - disse - que as empresas de Teresa Mendoza foram sempre impermeáveis aos nossos esforços, apesar de nos constar que mais de setenta por cento do tráfico para o Mediterrâneo passava pelas suas mãos... Os pontos fracos do senhor Aljarafe referiam-se ao seu próprio dinheiro. Investimentos irregulares, movimentações de dinheiro. Contas pessoais estrangeiras. O seu nome apareceu nalgumas transacções exteriores pouco claras. Havia matéria.

- Dizem que tinha propriedades em Miami.

- Sim. Que nós soubéssemos, uma casa de mil metros quadrados que acabara de comprar em Coral Gables, com coqueiros e cais próprio incluído, e um andar de luxo em Coco Plum: um lugar frequentado por advogados, banqueiros e brokers de Wall Street. Tudo, pelos vistos, nas costas de Teresa Mendoza.

- Umas poupançazitas.

- Poderíamos chamar-lhe assim.

- E o senhor agarrou-o pelos tomates. E assustou-o. Reclinou-se novamente no cadeirão. Dura Lex, sed Lex. Dura lex.

- Isso é improcedente. Não lhe tolero essa linguagem. Começo a estar um pouco farto, disse para comigo. Deste tonto.

- Traduza-o ao seu gosto, nesse caso.

- Decidiu colaborar com a Justiça. Tão simples como isso.

- A troco de...?

- A troco de nada.

Fiquei a olhar para ele. À tua tia. Vai contar isso à tua tia. Teo Aljarafe arriscando o pescoço por amor à arte.

- E como reagiu Teresa Mendoza ao descobrir que o seu especialista fiscal trabalhava para o inimigo?

- Isso sabe-o tão bem como eu.

- Bom. Sei o mesmo que toda a gente. Também que ela o usou como isco na operação do haxixe russo... Mas não me referia a isso.

O caso do haxixe russo piorou as coisas. Comigo não te armes em esperto, dizia a cara dele.

- Então - sugeriu - pergunte-lhe a ela, se conseguir.

- Se calhar consigo.

- Duvido que essa mulher aceite entrevistas. Muito menos na sua situação actual.

Decidi fazer uma última tentativa.

- Como vê o senhor essa situação?

- Eu estou de fora - respondeu, com cara de pau. - Não vejo nem deixo de ver.

Teresa Mendoza já não é problema meu.

Depois ficou calado, folheou distraidamente alguns documentos que tinha em cima da mesa e eu pensei que a conversa tinha terminado. Conheço melhores formas de perder o tempo, decidi. Levantei-me irritado, pronto para me despedir. Mas nem sequer um disciplinado funcionário do Estado como o juiz Martínez Pardo podia fugir ao ardor de certas feridas. Ou a justificar-se. Continuava sentado, sem levantar a vista dos documentos. E então, de repente, compensou-me a entrevista.

- Deixou de o ser depois da visita daquele americano - acrescentou com rancor.

- O tipo da DEA.

O doutor Ramos, que tinha um sentido de humor peculiar, tinha atribuído o nome de código de Terna Infância à operação de vinte toneladas de haxixe para o mar Negro. As poucas pessoas ao corrente estavam há duas semanas a planificar tudo com uma minúcia quase militar; e, naquela manhã, pela boca de Farid Lataquia e depois de este ter desligado com um sorriso satisfeito o seu telemóvel após uma pequena conversa em código, souberam que o libanês tinha encontrado no porto de Alhucemas o barco adequado para fazer de navio-mãe: um velho pesqueiro de palangre de trinta metros de eslora, rebaptizado Tarfaya, propriedade de uma sociedade hispano-marroquina. A essa hora, por outro lado,

o doutor Ramos coordenava os movimentos do Xoloitzcuintle: um porta-contentores de pavilhão alemão, tripulado por polacos e filipinos, que fazia regularmente a rota entre a costa atlântica americana e o Mediterrâneo Oriental e que, nesse momento, navegava entre Recife e Veracruz. Terna Infância tinha uma segunda frente, ou trama paralela, onde jogava um papel decisivo um terceiro barco, desta vez um navio de carga geral com rota prevista entre Cartagena, Colômbia, e o porto grego de Pireu sem escalas intermédias. Chamava-se Luz Angelita; e embora estivesse registado no porto colombiano de Temuco, navegava com bandeira cambojana por conta de uma companhia cipriota. Enquanto sobre o Tarfaya e o Xoloitzcuintle recairia a parte delicada da operação, o papel atribuído ao Luz Angelita e aos seus armadores era simples, rentável e sem riscos: limitar-se a fazer de chamariz.

- Tudo a postos - recapitulou o doutor Ramos - dentro de dez dias.

Tirou o cachimbo da boca para disfarçar um bocejo. Eram quase onze da manhã, depois de uma longa noite de trabalho no escritório de Sotogrande: uma casa com jardim dotada das mais modernas medidas de segurança e contra-vigilância electrónica que, há dois anos, substituíra o antigo apartamento do porto desportivo. Pote Gálvez montava guarda no vestíbulo, dois vigilantes percorriam o jardim e, na sala de reuniões, havia uma televisão, um PC portátil com impressora, dois telemóveis codificados, um quadro para gráficos com marcadores deléveis colocados sobre um cavalete, chávenas de café sujas e cinzeiros repletos de beatas sobre a grande mesa de reuniões. Teresa acabava de abrir a janela para que aquilo arejasse. Acompanhavam-na, além do doutor Ramos, Farid Lataquia e o operador de telecomunicações de Teresa, um jovem engenheiro de Gibraltar, da máxima confiança, chamado Alberto Rizocarpaso.

Era o que o doutor chamava o gabinete de crise: o grupo fechado que constituía o estado-maior operativo da Transer Naga.

- O Tarfaya - estava Lataquia a dizer - vai esperar em Alhucemas, limpando os porões. Revisão e combustível. Inofensivo. Quietinho. Só o tiraremos dois dias antes do encontro.

- Parece-me bem - disse Teresa. - Não quero tê-lo uma semana a passear-se por aí e a chamar a atenção.

- Não se preocupe. Eu próprio trato disso.

- Tripulantes?

- Todos marroquinos. O patrão Cherki. Gente de Ahmed Chakor, como de costume.

- Ahmed Chakor nem sempre é de fiar.

- Depende do que se pagar - o libanês sorria. Está tudo dependente do que me pagarem a mim, dizia aquele sorriso. - Desta vez não correremos riscos.

Ou seja, desta vez também metes no bolso uma comissão extra, disse Teresa para consigo. Pesqueiro mais barco mais pessoal de Chakor igual a uma pipa de massa.

Viu que Lataquia acentuava o sorriso, adivinhando o que ela pensava. Ao menos este filho da puta não o esconde, decidiu. Fáz-lo à descarada, com toda a naturalidade. E sabe sempre onde está o limite. Depois voltou-se para o doutor Ramos. O que se passa com os pneumáticos, quis saber. Quantas unidades para o transbordo. O doutor tinha aberto sobre a mesa a carta 773 do almirantado britânico, com toda a costa marroquina pormenorizada entre Ceuta e Melilla.

Assinalou um ponto com a cana do cachimbo, três milhas a norte, entre o rochedo de Velez de la Gomera e o banco de Xauen.

- Há seis embarcações disponíveis - disse. - Para duas viagens de mais ou menos mil e setecentos quilos cada uma... Com o pesqueiro deslocando-se ao longo desta linha, assim, pode ficar tudo resolvido em menos de três horas. Cinco, se o mar se puser agitado. A carga já está pronta em Bab Berrer e Ketama. Os pontos de embarque serão Rocas Negras, Cala Traidores e a entrada do Mestaxa.

- Reparti-lo tanto, porquê?... Não é melhor tudo de uma vez?

O doutor Ramos olhou-a, grave. Vindo de outra pessoa, a pergunta teria ofendido o estratega da Transer Naga; mas, com Teresa, aquilo era normal. Costumava supervisionar tudo ao pormenor. Era bom para ela e bom para os outros, porque as responsabilidades de êxitos e fracassos eram sempre partilhadas e não era preciso andar mais tarde com grandes explicações. Minuciosa, costumava comentar Farid Lataquia no seu gráfico estilo mediterrânico, até te esmagar os tomates. Nunca diante dela, evidentemente. Mas Teresa sabia-o. Na realidade sabia tudo sobre todos. De repente viu-se pensando em Teo Aljarafe. Assunto pendente, também a resolver nos próximos dias. Corrigiu-se no seu íntimo. Sabia quase tudo sobre quase todos.

- Vinte mil quilos juntos numa única praia são muitos quilos - explicava o doutor. - Mesmo com os mehanis do nosso lado... Prefiro não chamar tanto a atenção. De modo que colocamos as coisas aos marroquinos como se se tratasse de três operações distintas. A ideia é embarcar metade da carga no ponto um com os seis pneumáticos ao mesmo tempo, um quarto no ponto dois com apenas três pneumáticos e o outro quarto no terceiro ponto, com os três restantes... Assim reduzimos os riscos e ninguém terá de voltar para carregar no mesmo sítio.

- Que tempo está previsto?

- Nesta época não pode ser muito mau. Temos uma margem de três dias, o último quase sem lua, em quarto crescente. Se calhar temos neblina, e isso pode complicar os encontros. Mas cada pneumático levará um GPS e o pesqueiro

também.

- Comunicações?

- As do costume: telemóveis clonados ou em código para os pneumáticos e para o pescueiro, Internet para o barco grande... Walkie-talkies STU para a manobra.

- Quero Alberto no mar, com todos os seus aparelhos. Rizocarpaso, o engenheiro de Gibraltar, concordou. Era louro, com uma cara infantil, quase imberbe. Introverso. Bastante eficaz nas suas verificações. Tinha sempre as camisas e as calças enrugadas por passar horas diante de um receptor de rádio ou de um teclado de computador. Teresa recrutara-o porque era capaz de camuflar os contactos e operações através da Internet, desviando tudo sob a cobertura fictícia de países sem acesso para as polícias europeias: Cuba, Índia, Líbia, Iraque. Numa questão de minutos podia abrir, usar e deixar adormecidas várias direcções electrónicas camufladas atrás de servidores locais desses ou de outros países, recorrendo a números de cartões de crédito roubados ou de testas-de-ferro. Também era especialista em esteganografia e no sistema de codificação PGP.

- Que barco? - perguntou o doutor.

- Um qualquer, desportivo. Discreto. O Fairline Squadron que temos em Banús pode servir - Teresa indicou ao engenheiro uma vasta zona na carta náutica, a poente de Alborán. - Coordenarás as comunicações a partir dali.

O gibraltarinho mostrou um sorriso estóico. Lataquia e o doutor olhavam-no trocistas; todos sabiam que enjoava no mar como um cavalo de um carrossel, mas Teresa tinha, sem dúvida, as suas razões.

- Onde será o encontro com o Xoloitzcuintle? - quis saber Rizocarpaso. - Há zonas onde a cobertura é má.

- Sabê-lo-ás em seu devido tempo. E se não houver cobertura, usaremos a rádio camuflando-nos em canais piscatórios. Frases definidas para mudanças de uma frequência para outra, entre os cento e vinte e os cento e quarenta megahertz.

Prepara uma lista.

Tocou um dos telefones. A secretária do escritório de Marbella tinha recebido uma comunicação da embaixada do México em Madrid. Solicitavam que a senhora Mendoza recebesse um alto funcionário para tratar de um assunto urgente.

Urgente, como?, quis saber Teresa. Não disseram, foi a resposta. Mas o funcionário já está aqui. Meia-idade, bem vestido. Muito elegante. O cartão diz Héctor Tapia, secretário da embaixada. Está há quinze minutos sentado no vestíbulo. E acompanha-o outro cavalheiro.



- Obrigado por nos receber, senhora.

Conhecia Héctor Tapia. Relacionara-se com ele superficialmente, há alguns anos, durante as formalidades na embaixada do México em Madrid para resolver a papelada da sua dupla nacionalidade. Uma breve entrevista num escritório do edifício da Carrera de San Jerónimo. Algumas palavras meio cordiais, a assinatura de documentos, o tempo de um cigarro e de um café, uma conversa banal. Lembrava-se dele educadíssimo, discreto. Apesar de estar ao corrente de todo o seu currículo - ou talvez por isso mesmo -, tinha-a recebido com amabilidade, reduzindo as formalidades ao mínimo. Em quase doze anos, era o único contacto directo que Teresa tinha mantido com o mundo oficial mexicano.

- Permita-me apresentar-lhe o senhor Guillermo Rangel. Norte-americano.

Parecia constrangido na salinha de reuniões forrada de nogueira escura, como quem não tem a certeza de se encontrar no local adequado. O gringo, no entanto, parecia perfeitamente à vontade. Olhava pela janela aberta para as magnólias do jardim, para o antigo relógio de parede inglês, para a qualidade da pele das poltronas, para o valioso desenho de Diego Rivera - Esboço para retrato de Emiliano Zapata - emoldurado na parede.

- Na realidade sou de origem mexicana, tal como você - disse, contemplando ainda o retrato bigodudo de Zapata, com ar deliciado. - Nascido em Austin, no Texas. A minha mãe era chicana.

O espanhol dele era perfeito, com vocabulário nortenho, apreciou Teresa.

Muitos anos de prática. Cabelo castanho à escovinha, ombros de lutador. Pólo branco sob o casaco leve. Olhos escuros, ágeis e cautelosos.

- Este senhor - comentou Héctor Tapia - tem algumas informações que gostaria de partilhar.

Teresa convidou-os a sentar-se em duas das quatro poltronas colocadas em volta de uma grande bandeja árabe de cobre martelado, e ela sentou-se noutra, colocando um maço de Bisonte e o isqueiro em cima da mesa. Tivera tempo de se arranjar um pouco: cabelo apanhado num rabo-de-cavalo com um travessão de prata, blusa de seda escura, calças de ganga pretas, mocassins, casaco de camurça no braço da poltrona.

- Não tenho a certeza de que essas informações me interessem - disse.

O cabelo prateado do diplomata, a gravata e o fato de corte impecável contrastavam com a aparência do gringo. Tapia tinha tirado os óculos de armações metálicas e estudava-os com o sobrolho franzido, como se não estivesse satisfeito com o estado das lentes.

- Estas vão interessar-lhe - pôs os óculos e olhou para ela, persuasivo. - Don Guillermo...

O outro levantou uma mão grande e chata.

- Willy. Podem chamar-me Willy. Toda a gente o faz.
- Bem. Pois aqui o Willy trabalha para o Governo americano.
- Para a DEA - realçou o outro, sem complexos.

Teresa estava a tirar um cigarro do maço. Continuou a fazê-lo sem se alterar.

- Perdão?... Para quem disse?

Colocou o cigarro na boca e procurou o isqueiro, mas Tapia já se inclinava sobre a mesa, atento, um estalido, a chama pronta.

- D-E-A... - repetiu Willy Rangel espaçando muito as letras. - Drug Enforcement Administration. Sabe. A agência antidroga do meu país.

- Caramba. Não me diga... - Teresa expeliu o fumo observando o gringo. - Muito longe do seu caminho, estou a ver. Não sabia que a sua empresa tivesse interesses em Marbella.

- Você vive aqui.

- E o que tenho eu a ver com isso?

Olharam-na sem dizer nada, alguns segundos, e depois entreolharam-se. Teresa viu que Tapia arqueava uma sobrancelha, frívolo. É um problema teu, amigo, parecia indicar a expressão. Eu só ofício como acólito.

- Vamos lá entender-nos, senhora - disse Willy Rangel. - Não estou aqui por nada que tenha a ver com a sua forma actual de ganhar a vida. Nem don Héctor, tão amável em acompanhar-me. A minha visita tem a ver com coisas que aconteceram há muito tempo...

- Há doze anos - especificou Héctor Tapia, como que de longe. Ou de fora.

- ...E com outras que estão prestes a acontecer. Na sua terra.

- Na minha terra, diz.

- É isso.

Teresa olhou para o cigarro. Não vou terminá-lo, dizia o gesto. Tapia entendeu-o na perfeição, pois dirigiu ao outro um olhar inquieto. Olha que nos escapa, acicatava sem palavras. Rangel parecia ser da mesma opinião. De modo que foi directo ao assunto.

- Diz-lhe alguma coisa o nome de César Batman Gúemes? Três segundos de silêncio, dois olhares pendentes dela. Expeliu o fumo tão devagar quanto possível.

- Pois a verdade é que não.

Os dois olhares cruzaram-se entre si. Novamente para ela.

- No entanto - disse Rangel - você conheceu-o há muito tempo.

- Que estranho. Nesse caso devia recordar-me, não é verdade?... - olhou para o relógio de parede, à procura de uma forma educada de se levantar e acabar com aquilo. - E agora, se me permitem...

Os dois homens entreolharam-se novamente. Nessa altura o da DEA sorriu.

Fê-lo com um sorriso aberto, simpático. Quase bonacheirão. No seu trabalho, pensou Teresa, alguém que sorri assim reserva esse efeito para as grandes ocasiões.

- Conceda-me só mais cinco minutos - disse o gringo. - Para lhe contar uma história.

- Só gosto das histórias com um final bem bonito.

- É que este final depende de si.

E Guillermo Rangel, a quem toda a gente chamava Willy, pôs-se a contar. A DEA, explicou, não era um corpo de operações especiais. O seu trabalho era recolher dados de tipo policial, manter uma rede de informadores, pagar-lhes, elaborar relatórios pormenorizados sobre actividades relacionadas com a produção, tráfico e distribuição de drogas, colocar nomes e apelidos em tudo isso e estruturar um caso sustentável num tribunal. Por isso utilizava agentes. Como ele próprio. Pessoas que se infiltravam em organizações de narcotraficantes e agiam aí. O próprio Rangel tinha trabalhado assim, primeiro infiltrado em grupos chicanos da baía da Califórnia e mais tarde no México, como controlador de agentes encobertos, durante oito anos; excepto por um período de catorze meses em que esteve destacado em Medellín, Colômbia, como ligação entre a sua agência e o Bloco de Busca da polícia local encarregado da captura e morte de Pablo Escobar. E, a propósito, a famosa fotografia do narco abatido, rodeado pelos homens que o mataram em Los Olivos, fora tirada pelo próprio Rangel.

Agora estava emoldurada na parede do seu escritório, em Washington D. C.

- Não vejo como pode interessar-me tudo isso - disse Teresa.

Apagava o cigarro no cinzeiro, sem pressas, mas decidida a terminar aquela conversa. Não era a primeira vez que polícias, agentes ou traficantes vinham com histórias. Não tinha vontade de perder tempo.

- Conto-lhe isto - limitou-se a dizer o gringo - para a situar no meu trabalho.

- Está situadíssimo. E agora, se me permitem...

Pôs-se de pé. Héctor Tapia também se levantou num reflexo automático, abotoando o casaco. Olhava para o seu acompanhante, desconcertado e inquieto. Mas Rangel continuava sentado.

- O Gúero Dávila era agente da DEA - disse com simplicidade. - Trabalhava para mim e por isso o mataram.

Teresa estudou os olhos inteligentes do gringo, que espreitavam o efeito. Já deste o teu golpe de teatro, pensou. E nada a fazer, a não ser que te reste mais munição. Sentia vontade de se rir às gargalhadas. Um riso adiado doze anos, desde Culiacán, Sinaloa. A piada póstuma do caraças do Gúero. Mas limitou-se a encolher os ombros.

- Agora - disse com muito sangue-frio -, conte-me alguma coisa que eu não

saiba.

Nem olhes para ela, tinha dito o Gúero Dávila. A agenda nem a abras, pretinha.

Leva-a a don Epifanio Vargas e troca-a pela tua vida. Mas naquela tarde, em Culiacán, Teresa não conseguiu resistir à tentação. Apesar do que o Gúero pensava, ela tinha ideias próprias e sentimentos. Tinha também curiosidade de saber em que inferno acabavam de metê-la. Por isso, momentos antes de o Gato Fierros e Pote Gálvez aparecerem no apartamento próximo do mercado Garmendia, infringiu as regras, voltando as páginas daquele caderninho de pele onde estavam as chaves do que tinha acontecido e do que estava prestes a acontecer. Nomes, direcções. Contactos de um e de outro lado da fronteira.

Teve tempo de entrever a realidade antes de tudo se precipitar e de se ver fugindo com a Double Eagle na mão, só e aterrorizada, sabendo exactamente do que tentava fugir. Resumiu-o bem naquela mesma noite, sem o pretender, o próprio don Epifanio Vargas. Ao teu homem, foi o que disse, agradavam-lhe demasiado os riscos. As piadas, o jogo. As apostas arriscadas que até a ela própria incluíam. Teresa sabia de tudo isto ao comparecer na capela de Malverde com a agenda que nunca devia ter lido e leu, amaldiçoando o Gúero por semelhante forma de a pôr em perigo justamente para a salvar. Um raciocínio típico do sacana do jogador propenso a meter na boca do lobo a sua cabeça e a dos outros.

Se me queimam, tinha pensado o grande filho da mãe, Teresa não tem salvação.

Inocente ou não, são as regras. Mas havia uma possibilidade remota: demonstrar que ela realmente agia de boa-fé. Porque Teresa nunca teria entregue a agenda a ninguém se soubesse o que estava lá dentro. Nunca, se estivesse ao corrente do jogo perigoso do homem que encheu aquelas páginas de anotações mortais.

Levando-a a don Epifanio, padrinho de Teresa e do próprio Gúero, ela demonstrava a sua ignorância. A sua inocência. Caso contrário, nunca se teria atrevido. E, nessa tarde, sentada na cama do apartamento, voltando as páginas que eram ao mesmo tempo a sua sentença de morte e a sua única salvação possível, Teresa amaldiçoou o Gúero porque, finalmente, compreendia tudo muito bem.

Desatar a correr simplesmente era condenar-se a si própria a não chegar longe.

Tinha de entregar a agenda para demonstrar precisamente que ignorava o seu conteúdo. Precisava de engolir o medo que lhe revolvía as entranhas e manter a cabeça fria, a voz neutra no seu ponto exacto de angústia, a súplica sincera ao

homem em quem o Gúero e ela confiavam. A garina do narco, o animalzinho assustado. Eu não sei nada. Diga-me o senhor, don Epifanio, o que é que eu ia ler. Por isso continuava viva. E por isso, agora, na salinha do seu escritório de Marbella, o agente da DEA Willy Rangel e o secretário da embaixada Héctor Tapia a olhavam boquiabertos, um sentado e outro de pé, ainda com os dedos nos botões do casaco.

- Soube-o durante todo este tempo? - perguntou o gringo, incrédulo.

- Há doze anos que o sei.

Tapia deixou-se cair de novo na poltrona, desta vez esquecendo-se de abrir os botões.

- Cristo bendito - disse.

Doze anos, disse Teresa. Sobrevivente de um daqueles segredos que matam. Porque naquela última noite de Culiacán, na capela de Malverde, na atmosfera sufocante pelo calor húmido e pelo fumo das velas, ela tinha arriscado quase sem esperança o jogo determinado pelo seu homem morto, e ganhou. Nem a voz, nem os nervos, nem o medo a traíram. Porque era um bom tipo, don Epifanio. E gostava dela.

Gostava dos dois, apesar de compreender através da agenda - talvez já o soubesse anteriormente, ou não - que Raimundo Dávila Parra trabalhava para a agência antidrogas do Governo americano e que, com certeza, o Batman Gúemes o arrefecera por causa disso. E dessa forma Teresa conseguiu enganá-los a todos, arriscando a louca aposta no fio da navalha, tal como o Gúero previra que aconteceria. Imaginou a conversa de don Epifanio, no dia seguinte. Ela não sabe nada. Népias. Como poderia trazer-me a merda da agenda se o soubesse?

De modo que podem deixá-la em paz. Vá lá. Era apenas uma possibilidade em cem, mas bastou para a salvar.

Agora, Willy Rangel observava Teresa com muita atenção e também com um respeito que antes não estava ali. Nesse caso, propôs, peço-lhe que se sente novamente e oiça o que tenho para lhe dizer. Senhora. Neste momento é mais necessário do que nunca.

Teresa hesitou um instante, mas sabia que o gringo tinha razão. Olhou para um lado e para o outro e depois para as horas que o relógio de parede marcava, simulando impaciência. Dez minutos, disse. Nem mais um. Depois tornou a sentar-se e acendeu outro Bisonte. Tapia estava ainda tão assombrado na sua poltrona que, desta vez, demorou a oferecer-lhe lume; e, quando por fim aproximou a chama, murmurando uma desculpa, ela já tinha acendido o cigarro com o seu próprio isqueiro.

Então, o homem da DEA contou a verdadeira história do Gúero Dávila.

Raimundo Dávila Parra era de San António, Texas. Chicano. Nacionalidade

norte-americana desde os dezanove anos. Depois de ter trabalhado em jovem no lado ilegal do narcotráfico, passando marijuana em pequenas quantidades pela fronteira, foi recrutado pela agência antidrogas depois de ter sido detido em San Diego com cinco quilos de maconha. Tinha qualidades e era amante do risco e das emoções fortes. Valente, frio apesar da sua aparência extrovertida, depois de um período de treino, que oficialmente passou numa cadeia do norte - de facto esteve lá uma temporada para garantir a sua cobertura -, o Gúero foi enviado para Sinaloa tendo por missão infiltrar-se nas redes de transporte do cartel de Juárez, onde tinha velhas amizades. Gostava daquele trabalho.

Gostava do dinheiro. Também gostava de voar e tinha feito um curso de piloto na DEA, embora como cobertura tenha feito outro em Culiacán. Durante vários anos meteu-se nos meios narcotraficantes através da Nortena de Aviación, primeiro como empregado de confiança de Epifanio Vargas, com quem actuou nas grandes operações de transporte aéreo do Senhor dos Céus, e mais tarde como piloto de César Batman Gúemes. Willy Rangel era o seu controlador. Nunca comunicavam por telefone excepto em casos de emergência. Encontravam-se uma vez por mês em hotéis discretos de Mazatlán e Los Mochis. E toda a informação valiosa que a DEA obteve sobre o cartel de Juárez durante aquele período, incluindo as lutas ferozes pelo poder que opuseram os narcos mexicanos ao separar-se das máfias colombianas, proveio da mesma fonte. O Gúero valia o seu peso em coca.

Por fim, mataram-no. O pretexto formal era verdadeiro: propenso a correr riscos extra, aproveitava as viagens em avioneta para transportar droga própria.

Gostava de jogar com um pau de dois bicos e, naquilo, estava implicado o parente dele, o Chino Parra. A DEA estava mais ou menos ao corrente; mas tratava-se de um agente valioso e davam-lhe a sua margem de manobra. O caso é que no fim os narcos ajustaram as contas com ele. Durante algum tempo, Rangel teve dúvidas se teria sido pelos esquemas privados com a droga ou por alguém o ter denunciado. Demorou três anos a averiguar. Um cubano detido em Miami, que trabalhava para a gente de Sinaloa, entrou no programa de protecção de testemunhas e encheu dezoito horas de gravação com as suas revelações. Aí contava que o Gúero Dávila tinha sido assassinado porque alguém desmontara a sua cobertura. Uma falha idiota: um funcionário aduaneiro norte-americano de El Paso acedeu casualmente a uma informação confidencial e vendeu-a aos narcos por oitenta mil dólares. Os outros ataram as pontas, começaram a suspeitar e, de alguma forma, centraram a sua atenção no Gúero.

- Aquilo da droga no Cessna - concluiu Rangel - foi um pretexto. Estavam atrás dele. O mais curioso é que quem o apagou não sabia que era nosso agente.

Ficou calado. Teresa tentava ainda encaixar tudo aquilo.

- E como pode ter a certeza?

O gringo afirmou com a cabeça. Profissional.

- Desde o assassinato do agente Camarena, os narcos sabem que nunca perdoamos a morte de um dos nossos homens. Que persistimos até que os responsáveis morram ou sejam presos. Olho por olho. É uma regra; e se de alguma coisa percebem eles é de códigos e de regras.

Havia uma frieza nova na exposição. Somos inimigos muito maus, dizia o tom de voz. Levamos a mal. Com dólares e uma tenacidade do caracas.

- Mas ao Gúero mataram-no bem morto.

- Sim - Rangel abanava a cabeça outra vez. - Por isso lhe digo que quem deu a ordem directa para montar a cilada no Espinazo del Diablo ignorava que ele era um agente... O nome talvez lhe diga alguma coisa, embora há pedaço tenha negado conhecê-lo: César Batman Gúemes.

- Não o recordo.

- Claro. Mesmo assim, estou em condições de garantir-lhe que ele se limitava a cumprir uma incumbência. Esse gajo trafica como lhe apetece, disseram-lhe.

Era conveniente uma lição. Consta-nos que o Batman Gúemes se fez rogado. Pelos vistos o Gúero Dávila era-lhe simpático... Mas em Sinaloa, os compromissos são compromissos.

- E quem, segundo você, ordenou esse encargo e insistiu na morte do Gúero?

Rangel esfregou o nariz, olhou para Tapia e depois regressou a Teresa, com um sorriso tortuoso. Estava na beira da poltrona, com as mãos apoiadas nos joelhos. Já não parecia bonacheirão. Agora, concluiu ela, tinha a atitude de um cão de caça rancoroso e com boa memória.

- Outro de quem, com certeza, também não se recordará... O actual deputado por Sinaloa e futuro senador Epifanio Vargas Orozco.

Teresa apoiou as costas à parede e olhou para os escassos clientes que a essa hora bebiam no Olde Rock. Com frequência reflectia melhor quando estava entre desconhecidos, observando, em vez de ficar a sós com a outra mulher que arrastava consigo. De regresso a Guadalmina dissera de imediato a Pote Gálvez que se dirigisse para Gibraltar; e, depois de passar o gradeamento, foi guiando o pistoleiro pelas ruas estreitas até lhe ordenar que estacionasse o Cherokee diante da fachada branca do pequeno bar inglês onde costumava ir noutra época - noutra vida - com Santiago Fisterra. Lá dentro continuava tudo igual: as placas comemorativas e os jarros pendurados nas vigas do tecto, as paredes cobertas de fotografias de barcos, gravuras históricas e lembranças marítimas.

Pediu ao balcão uma Foster's, a cerveja que Santiago bebia sempre quando lá iam, e foi sentar-se, sem a provar, na mesa do costume, junto à porta, sob o pequeno quadro com a morte do almirante inglês - agora já sabia quem era

aquele Nelson e como lhe tinham dado cabo do canastro em Trafalgar. A outra Teresa Mendoza rondava-a, estudando-a de longe, atenta. À espera de conclusões. De uma reacção a tudo o que acabavam de contar-lhe que, pouco a pouco, completava o quadro geral que a explicava a ela, e à outra, e esclarecia também, finalmente, todos os acontecimentos que a conduziram a este ponto da sua vida.

E agora sabia mesmo muito mais do que julgou saber.

Tive muito gosto, fora a sua resposta. Foi exactamente isso que disse quando o homem da DEA e o homem da embaixada acabaram de contar-lhe o que tinham ido contar e ficaram a observá-la à espera de uma reacção. Os senhores estão loucos, tive muito gosto, adeus. Viu-os partir decepcionados. Talvez esperassem comentários, promessas. Compromissos. Mas o seu rosto inexpressivo, as suas maneiras indiferentes, deixaram-lhes poucas esperanças. Nem pensar. Está a mandar-nos foder a mãezinha, tinha dito Héctor Tapia em voz baixa à saída, mas não tão baixo que ela não ouvisse. Apesar das suas maneiras requintadas, o diplomata parecia abatido. Pense bem, foi o comentário do outro. A sua despedida. Pois não vejo, respondeu ela já a fechar-lhes a porta, o que poderia ter de pensar. Sinaloa está muito longe. Com licença.

Mas continuava ali sentada, no bar de Gibraltar, e pensava. Recordava ponto por ponto, ordenando na sua cabeça tudo o que Willy Rangel dissera. A história de don Epifanio Vargas. A do Gúero Dávila. A sua própria história. Foi o antigo chefe do Gúero, o próprio don Epifanio, quem averiguou o assunto da DEA. No seu período inicial como proprietário da Nortena de Aviación, Vargas tinha alugado os seus aviões à Southern Air Transport, uma cobertura do Governo norte-americano para o transporte de armas e cocaína com que a CIA financiava a guerrilha dos contras na Nicarágua; e o próprio Gúero Dávila, que nesse tempo já era agente da DEA, foi um dos pilotos que descarregavam material de guerra no aeroporto de Los Llanos, Costa Rica, regressando a Fort Lauderdale, na Florida, com droga do cartel de Medellín. Terminado tudo aquilo, Epifanio Vargas manteve boas ligações no outro lado. Dessa forma, pôde mais tarde inteirar-se da fuga de informações do funcionário aduaneiro que denunciou o Gúero. Vargas pagou ao cantador e durante algum tempo reservou para si a informação sem tomar decisões. O patrão da serra, o antigo camponês paciente de San Miguel de los Hornos, era dos que nunca se precipitavam. Estava quase fora do negócio directo, os seus caminhos eram outros, a actividade farmacêutica que dirigia de longe corria bem, e as privatizações estatais dos últimos tempos permitiram-lhe branquear uma grande quantidade de capitais. Mantinha a família num rancho imenso perto de El Limón, pelo qual trocara a sua casa do bairro Chapultepec de Culiacán, e a amante, uma conhecida ex-modelo e apresentadora



de televisão, numa luxuosa vivenda de Mazatlán. Não via necessidade de complicar a vida com decisões que podiam prejudicá-lo sem outra vantagem além da vingança. O Gúero trabalhava agora para o Batman Gúemes e esse não era um assunto de Epifanio Vargas.

No entanto, tinha continuado a contar Willy Rangel, as coisas mudaram. Vargas fez muito dinheiro com o negócio da efedrina: cinquenta mil dólares o quilo nos Estados Unidos, face aos trinta mil da cocaína e aos oito mil da marijuana.

Tinha boas relações que lhe abriam as portas da política; era o momento de rentabilizar o meio milhão mensal que durante anos investiu no suborno a funcionários públicos. Via à sua frente um futuro tranquilo e respeitável, longe dos sobressaltos do antigo ofício. Depois de estabelecer laços financeiros, de corrupção ou de cumplicidade com as principais famílias da cidade e do estado, tinha dinheiro suficiente para dizer basta, ou para continuar a ganhá-lo por meios convencionais. De modo que de repente começou a morrer gente relacionada, de forma suspeita, com o seu passado: polícias, juizes, advogados. Dezoito em três meses. Era como uma epidemia. E nesse panorama, a figura do Gúero representava também um obstáculo: sabia demasiadas coisas dos tempos heróicos da Nortena de Aviación. O agente da DEA cravava-se no seu passado como uma cunha perigosa que lhe podia dinamitar o futuro.

Mas Vargas era esperto, realçou Rangel. Muito esperto, com aquela astúcia camponesa que o tinha levado até onde estava. De modo que endossou o trabalho a outro, sem revelar porquê. O Batman Gúemes nunca teria liquidado um agente da DEA; mas um piloto de avionetas que agia por conta própria, enganando os seus chefes um bocadinho aqui e um bocadinho ali, era outra coisa. Vargas insistiu com Batman: uma lição exemplar, *etc.* A ele e ao primo. Uma coisa para fazer desanimar aqueles que andassem com esses esquemas. A mim também me deixou assuntos pendentes, de modo que considera-o um favor pessoal. E, no fim de contas, tu és agora o patrão dele. A responsabilidade é tua.

- Desde quando sabem tudo isso? - perguntou Teresa.

- Parte, há muito tempo. Quase desde a altura em que aconteceu - o homem da DEA mexia as mãos para sublinhar o óbvio. - O resto há coisa de dois anos, quando a testemunha sob protecção nos pôs ao corrente dos pormenores... Também disse mais uma coisa... - fez uma pausa, observando-a atentamente, como se a convidasse a preencher ela própria as reticências. - Que mais tarde, quando você começou a crescer deste lado do Atlântico, Vargas se arrependeu de a ter deixado sair viva de Sinaloa. Que lembrou a Batman Gúemes que você tinha coisas pendentes lá na sua terra... E que o outro enviou dois pistoleiros para completar o trabalho.

A história é tua, revelava a expressão impenetrável de Teresa. És tu quem a traz entre mãos.

- Não me diga. E o que aconteceu?

- Isso teria de ser você a contar. Nunca mais se soube deles. Interveio Héctor Tapia, suavemente.

- De um deles, quer dizer o senhor. Pelos vistos, outro continua aqui.

Reformado. Ou quase.

- E por que vêm falar-me de tudo isso agora?

Rangel olhou para o diplomata. Agora sim, é a tua vez, dizia aquele olhar.

Tapia tirou outra vez os óculos e voltou a pô-los. Depois olhou para as unhas como se levasse ali coisas escritas.

- Nos últimos tempos - disse -, a carreira política de Epifanio Vargas disparou.

Imparável. Demasiadas pessoas devem-lhe demasiado. Muitos gostam dele ou temem-no, e quase todos o respeitam. Teve a habilidade de sair das actividades directas do cartel de Juárez antes que comessem os confrontos graves com a Justiça, quando a luta se fazia quase exclusivamente contra os adversários do Golfo... Na sua carreira comprometeu quer juízes, empresários e políticos, quer altas autoridades da Igreja mexicana, quer polícias e militares: o general Gutiérrez Rebollo, que esteve quase a ser nomeado fiscal antidrogas da República antes de se descobrirem os seus vínculos ao cartel de Juárez e de acabar no estabelecimento penal de Almoloya, era íntimo dele... E depois há a faceta popular: desde que conseguiu que o nomeassem deputado estatal, Epifanio Vargas fez muito por Sinaloa, investiu dinheiro, criou postos de trabalho, ajudou as pessoas...

- Isso não é mau - interrompeu Teresa. - A normalidade no México é que quem rouba o país guarda tudo para si... O PRI passou setenta anos a fazê-lo.

Há matizes, replicou Tapia. Neste momento já não governa o PRI. Os novos ares condicionam muito. Talvez no fim mudem poucas coisas, mas existe uma intenção indubitável de mudar. Ou de o tentar. E, precisamente neste momento, Epifanio Vargas está prestes a ser designado senador da República...

- E alguém quer lixá-lo - compreendeu Teresa.

- Sim. Talvez seja uma forma de expressá-lo. Por um lado, um sector político de muito peso, vinculado ao Governo, não deseja ver no Senado da nação um narco sinaloense, mesmo que esteja oficialmente retirado e seja já deputado em exercício... Também há contas antigas que seria fastidioso pormenorizar.

Teresa imaginava essas contas. Todos uns grandes filhos da mãe, em guerras surdas pelo poder e pelo dinheiro, os cartéis da droga e os amigos dos respectivos cartéis e as distintas famílias políticas relacionadas ou não com a

droga. Governe quem governar. México lindo, como de costume (1).

- E pela nossa parte - referiu Rangel - não esquecemos que mandou matar um agente da DEA.

- Exacto - aquela responsabilidade partilhada parecia aliviar Tapia. - Porque o Governo da União Americana, que como sabe, senhora, segue de muito perto a política do nosso país, também não veria com bons olhos um Epifanio Vargas senador... De modo que se está a tentar criar uma comissão de alto nível para agir em duas fases: primeiro, iniciar uma investigação sobre o passado do deputado. Segundo, se reunirem as provas necessárias, retirar-lhe a imunidade e acabar com a sua carreira política, chegando até a um processo judicial.

- Em cujo termo - disse Rangel - não excluimos a possibilidade de solicitar a sua extradição para os Estados Unidos.

E qual é o meu papel nesse cagaçal, quis saber Teresa. A que propósito viajaram até aqui para me contar, como se fôssemos todos unha com carne.

*\*(1) México Lindo: título de uma canção muito popular. (N. da T.)*

Então Rangel e Tapia entreolharam-se de novo, o diplomata pigarreou um instante e, enquanto tirava um cigarro de uma cigareira de prata - oferecendo a Teresa que recusou -, disse que o Governo mexicano tinha seguido com atenção a, hum, carreira da senhora nos últimos anos. Que não havia nada contra ela, pois as suas actividades se realizavam, até onde era possível saber-se, fora do território nacional - uma cidadã exemplar, referiu Rangel por outro lado, tão sério que a ironia ficou diluída nas suas palavras. - E que, tendo em vista tudo isto, as autoridades adequadas estavam dispostas a fazer um pacto. Um acordo satisfatório para todos. Cooperação em troca de imunidade. Teresa observava-os. Desconfiada.

- Que tipo de cooperação?

Tapia acendeu o cigarro com muito cuidado. Com o mesmo cuidado com que parecia meditar sobre o que estava prestes a dizer. Ou melhor, sobre a forma como o diria.

- Você tem lá contas pessoais. Também sabe muito sobre a época do Gúero Dávila e a actividade de Epifanio Vargas... - acabou por decidir-se. - Foi uma testemunha privilegiada e isso quase lhe custou a vida... Há quem pense que talvez um acordo a beneficiasse. Possui meios mais que suficientes para se dedicar a outras actividades, gozando o que tem e sem se preocupar com o futuro.

- O que me diz?!

- O que está a ouvir.

- Caramba... E a que devo tanta generosidade?

- Nunca aceita pagamentos em droga. Só dinheiro. É uma transportadora, não proprietária nem distribuidora. A mais importante da Europa, neste momento, sem dúvida. Mas nada mais... Isso deixa-nos uma margem de manobra razoável, face à opinião pública...

- Opinião pública?... De que diacho me está a falar?

O diplomata demorou a responder. Teresa podia ouvir Rangel a respirar; o homem da DEA remexia-se na cadeira, inquieto, entrelaçando os dedos.

- Oferecemos-lhe a possibilidade de regressar ao México, se o desejar - prosseguiu Tapia -, ou de se instalar discretamente onde quiser... As próprias autoridades espanholas foram sondadas a esse respeito: existe o compromisso por parte do Ministério da Justiça de paralisar todos os procedimentos e investigações em curso... Que, segundo as minhas informações, se encontram numa fase bastante avançada e podem tornar, a médio prazo, as coisas bastante difíceis para a, hum, Rainha do Sul... Como dizem, passar uma esponja sobre o assunto.

- Não sabia que os gringos tinham um braço tão longo.

- Depende para o que é.

Então Teresa desatou-se a rir. Estão a pedir-me, disse ainda incrédula, que lhes conte tudo o que supõem que sei sobre Epifanio Vargas! Que me arme em cantadeira, na minha idade! E sinaloense!

- Não apenas que nos conte - interveio Rangel. - Mas que o faça lá.

- Onde é lá?

- Diante da Comissão de Justiça da Procuradoria-Geral da República.

- E pretendem que vá prestar declarações ao México?

- Como testemunha protegida. Imunidade total. Teria lugar no Distrito Federal, sob todo o tipo de garantias pessoais e jurídicas. Com o agradecimento da nação e do Governo dos Estados Unidos.

Repentinamente, Teresa pôs-se de pé. Reflexo puro sem sequer ter pensado. Desta vez levantaram-se os dois ao mesmo tempo: Rangel desconcertado e Tapia pouco à vontade. Eu tinha-te dito, revelava a expressão deste ao trocar um último olhar com o homem da DEA. Teresa foi até à porta e abriu-a de chofre. Pote Gálvez estava lá fora, no corredor, com os braços ligeiramente separados, falsamente pacífico na sua gordura. Se for preciso, disselhe ela com os olhos, põe-nos na rua ao pontapé.

- Os senhores - quase o cuspiu - enlouqueceram.

E ali estava agora, sentada na antiga mesa do bar gibraltarinu, reflectindo sobre tudo aquilo. Com uma vida minúscula despontando-lhe nas entranhas sem saber ainda o que faria com ela. Com os ecos daquela conversa recente na

cabeça.

Às voltas com as sensações. Com as últimas palavras e com as velhas lembranças.

Com a dor e com a gratidão. Com a imagem do Gúero Dávila - imóvel e calado como ela estava agora, naquele bar de Culiacán - e com a lembrança do outro homem sentado ao pé dela em plena noite, na capela do santo Malverde. Ao teu Gúero agradavam-lhe os riscos, Teresita.

A sério que não leste nada? Então vai-te embora e tenta enterrar-te tão fundo que não te encontrem. Don Epifanio Vargas. Seu padrinho. O homem que podia tê-la matado, teve compaixão e não o fez. Que depois se arrependeu e já não pôde fazê-lo.

## 16. CARGA LADEADA (1)

Teo Aljarafe regressou dois dias mais tarde com informações satisfatórias.

Pagamentos recebidos pontualmente em Grande Caimão, formalidades para adquirir um pequeno banco próprio e uma empresa de navegação no Belize, boa rentabilidade dos fundos branqueados e colocados, limpos de pó e palha, em três bancos de Zurique e em dois do Liechtenstein. Teresa ouviu com atenção o relatório, reviu os documentos, assinou alguns papéis depois de os ler minuciosamente, e mais tarde foram comer à Casa Santiago, diante do passeio marítimo de Marbella, com Pote Gálvez sentado lá fora, numa das mesas da esplanada. Favas com presunto e chicharra assada, melhor e mais sumarenta que a lagosta. Um Señorío de Lazán, reserva de 96. Teo estava loquaz, simpático.

*\*(1) Carga ladeada faz referência a outro corrido famoso, onde uma égua continua em frente, apesar de levar uma carga de droga descaída, inclinada, mal amarrada ao lombo. (N. da T.)*

Bonito. Com o casaco nas costas da cadeira e as mangas da camisa branca arregaçadas com duas dobras sobre os antebraços bronzeados, os pulsos firmes e ligeiramente peludos, Patek Philippe, unhas polidas, a aliança brilhando na mão esquerda. Às vezes voltava o seu perfil impecável de águia espanhola, com o copo ou o garfo a meio caminho, olhando para a rua, atento a quem entrava no local. Levantou-se por duas vezes para cumprimentar. Tomás Pestana, que almoçava ao fundo com um grupo de investidores alemães, aparentemente ignorara-os quando entraram. Mas passado pouco tempo, apareceu o empregado

com uma garrafa de bom vinho. Da parte do senhor Presidente da Câmara, disse. Com os seus cumprimentos.

Teresa olhava para o homem que tinha diante dela e pensava. Não ia contar-lhe nesse dia, nem no dia seguinte, nem no outro, e talvez nunca, o que trazia no ventre. E acerca disso, além do mais, acontecia uma coisa curiosa: ao princípio julgou que depressa começaria a ter sensações, consciência física da vida que começava a desenvolver-se no seu interior. Mas não sentia nada.

Só a certeza e as reflexões a que esta a levava. Talvez o peito lhe tivesse aumentado um pouco e desaparecido também as dores de cabeça; mas só se sentia grávida quando pensava nisso, lia novamente o relatório médico, ou comprovava as duas faltas marcadas no calendário. No entanto - pensava nesse instante, ouvindo a conversa banal de Teo Aljarafe -, aqui estou. Grávida como uma vulgar doméstica, como dizem em Espanha. Com alguma coisa, ou alguém, a caminho, e ainda sem ter decidido o que vou fazer com esta minha vida de cão, com a deste feto que ainda não é nada mas será se eu permitir - olhou atentamente para Teo, como que à espreita de um sinal decisivo. - Ou com a vida dele.

- Há alguma coisa em marcha? - perguntou Teo em voz baixa, com ar distraído, entre dois goles do vinho do Presidente da Câmara.

- Nada de momento. Rotina.

À sobremesa, ele propôs irem à casa da calle Ancha ou a qualquer bom hotel da Milla de Oro, e passarem ali o resto da tarde e a noite. Uma garrafa, um prato de presunto, sugeriu. Sem pressas. Mas Teresa abanou a cabeça, recusando.

Estou cansada, disse, arrastando a penúltima sílaba. Hoje não me apetece muito.

- Há quase um mês que não - comentou Teo.

Sorria, atraente. Tranquilo. Roçou-lhe os dedos, terno, e ela ficou a olhar para a sua própria mão imóvel sobre a toalha, como se não fosse realmente sua.

Com aquela mão, pensou, tinha disparado para a cara do Gato Fierros.

- Como estão as tuas filhas?

Olhou-a, surpreendido. Teresa nunca lhe perguntava pela família. Era uma espécie de pacto tácito com ela própria, que cumpria sempre rigorosamente.

Estão bem, disse passado um momento.

Muito bem. Que bom, respondeu ela. Que bom que estejam bem. E a mamã delas também, suponho. As três.

Teo pousou a colher de sobremesa no prato e inclinou-se sobre a mesa, observando-a com atenção. O que se passa, perguntou. Conta-me lá o que tens hoje. Ela olhou em volta, para as pessoas nas mesas, para o tráfego na avenida iluminada pelo sol que começava a descer em direcção ao mar. Não tenho nada,

respondeu baixando mais a voz. Mas menti-te, disse depois. Há uma coisa em marcha. Uma coisa que ainda não te contei.

- Porquê?

- Porque nem sempre te conto tudo.

Olhou-a, preocupado. Impecável franqueza. Cinco segundos quase exactos, desviando depois o olhar na direcção da rua. Quando voltou a olhar para ela sorria um pouco. Bonito como tudo. Voltou a tocar-lhe na mão e desta vez ela também não a retirou.

- É importante?

Ora aí está, disse Teresa para consigo. Assim são as coisas e cada um ajuda a fazer o seu próprio destino. Quase sempre o empurrãozinho final é nosso.

Para o bem e para o mal.

- Sim - respondeu. - Há um barco a caminho. Chama-se Luz Angelita.

Tinha escurecido. Os grilos cantavam no jardim como se tivessem enlouquecido.

Quando se acenderam as luzes Teresa mandou apagá-las e agora estava sentada nos degraus do alpendre, com as costas contra um dos pilares, olhando para as estrelas sobre as espessas copas negras dos salgueiros. Tinha entre as pernas uma garrafa de tequila com o selo intacto e, lá atrás, na aparelhagem colocada na mesa baixa ao pé das espreguiçadeiras, tocava música mexicana.

Música sinaloense que Pote Gálvez lhe tinha emprestado naquela mesma tarde, que tal, patroa, isto é o último dos Broncos de Reynosa que me mandaram de lá, diga-me o que acha: Vertia rengueando la yegua, traía la carga ladeada. Iba sorteando unos pinos en la sierra de Chihuahua.

Pouco a pouco, o pistoleiro enriquecia a sua colecção de corridos. Gostava dos mais duros e violentos; principalmente para matar as saudades. Que uma pessoa é de onde é, e não há nada a fazer. A sua juke-box particular incluía toda a malta nortenha, desde Chalino - é outra fruta, patroa - até Exterminador, os Invasores de Nuevo León, o As de la Sierra, El Moreno, Los Broncos, Los Huracanes e outros grupos da pesada de Sinaloa e de lá para cima; os que tinham transformado as notícias sangrentas dos jornais em matéria musical, canções que falavam de tráfico, de mortos, de troca de balázios, de cargas de gulosa, avionetas Cessna e carrinhas de caixa aberta do ano, federais, magalas, traficantes e funerais. Tal como noutro tempo os corridos da Revolução, os narcocorridos eram agora a nova épica, a lenda moderna de um México que estava ali e não tinha intenções de mudar, entre outras razões porque parte da economia nacional dependia disso. Um mundo marginal e duro, armas, corrupção e droga, onde a única lei que não se violava era a lei da oferta e da procura.

Allí murió Juan el Grande, pêro defendia a su gente. Hizo pasar a la yegua y también mato al teniente.

Carga ladeada, chamava-se a canção. Como a minha, pensava Teresa. Na capa do CD, os Broncos de Reynosa estavam de mãos dadas e um deles deixava entrever, sob o casaco, uma pistola enorme à cintura. Às vezes observava Pote Gálvez quando ele estava a ouvir aquelas canções, atenta à expressão do pistoleiro.

Continuavam a beber um copo juntos de vez em quando. Que tal, Pinto, anda beber uma tequila. E ficavam ali os dois calados, ouvindo música, o outro respeitador e mantendo as distâncias, e Teresa vendo-o estalar a língua e abanar a cabeça, pois então, sentindo e recordando à sua maneira, tomando uns copos mentalmente no Don Quijote e em La Ballena e nos antros de Culiacán que lhe vagueavam pela memória, sentindo talvez a falta do seu compadre Gato Fierros, que a essas horas não era mais do que ossos embutidos em cimento, bem longe da sua terra, sem ninguém que lhe levasse flores à campa e sem ninguém que cantasse corridos à sua porca memória de filho da puta, o Gato, sobre quem Pote Gálvez e Teresa Mendoza nunca tinham voltado a trocar uma só palavra.

A don Lamberto Quintero lo seguia una camioneta. Iban con rumbo al Solado, nomás a dar una vuelta.

A aparelhagem tocava agora o corrido de Lamberto Quintero que, juntamente com o do Caballo Blanco de José Alfredo, era um dos favoritos de Pote Gálvez. Teresa viu a sombra do pistoleiro a espreitar na porta do alpendre, dar uma vista de olhos e retirar-se logo a seguir. Sabia que estava lá dentro, sempre ao alcance da sua voz, ouvindo. A senhora já teria corridos em barda se estivesse na nossa terra, patroa, tinha dito uma vez, como no seguimento de outra coisa.

Não acrescentou se calhar eu também sairia em alguns; mas Teresa sabia o que ele pensava. Na realidade, concluiu, tirando o selo à Herradura Reposado, todos os cabrões dos homens aspiram ao mesmo. Como o Gúero Dávila. Como o próprio Pote. Como, à sua maneira, Santiago Fisterra. Figurar na letra de um corrido real ou imaginário, música, vinho, mulheres, dinheiro, vida e morte, nem que fosse ao preço do próprio coiro. E nunca se sabe, pensou de repente, olhando para a porta por onde o pistoleiro espreitara. Nunca se sabe, Pinto. No fim de contas, são sempre outros que te escrevem o corrido.

Un companero le dice: nos sigue una camioneta. Lamberto sorriendo dijo: Pa' qué están las metralletas.

Bebeu directamente da garrafa. Um longo gole que lhe desceu pela garganta com a força de um tiro. Ainda com a garrafa na mão, esticou um pouco o braço, erguendo-o, oferecendo-a com uma careta sarcástica à mulher que a contemplava



entre as sombras do jardim. Grande cabra que não ficaste em Culiacán e às vezes já não sei se és tu quem passou para este lado, ou eu quem foi para lá contigo, ou se trocámos papéis na farsa e se calhar és tu quem está sentada no alpendre desta casa e eu quem está meio escondida olhando-te a ti e ao que levas nas entranhas. Tinha falado disso mais uma vez - pressentia que a última - com Oleg Yasikov naquela mesma tarde, quando o russo a visitou para ver se estava para breve aquilo do haxixe, depois de ter sido tudo conversado, e foram passear, acabando na praia como habitualmente. Yasikov olhava-a de soslaio, examinando-a à luz de algo novo que não era melhor nem pior, apenas mais triste e frio. E não sei, disse, se agora que me contaste certas coisas sou eu que te acho diferente, ou és tu, Tesa, quem de alguma forma está mudando. Sim.

Hoje, enquanto conversávamos, olhava para ti. Surpreendido. Nunca me tinhas dado tantos pormenores nem falado naquele tom de voz. Niet. Parecias um barco soltando amarras. Desculpa-me se não me expressei bem. Sim. São coisas complicadas de explicar. Até de pensar.

Vou tê-lo, disse ela de repente. E fê-lo sem antes pensar nisso, à queima-roupa, na sequência da decisão que a sua cabeça forjara nesse instante, vinculada a outras decisões que já tinha tomado e àquelas que estava prestes a tomar.

Yasikov permaneceu parado, inexpressivo, durante um bom bocado; depois abanou a cabeça, não para aprovar nada, que não tinha nada com isso, mas para sugerir que ela era senhora de ter o que quisesse e que também a julgava bastante capaz de aguentar as consequências. Deram alguns passos e o russo olhava para o mar que escurecia com o entardecer. Por fim, sem se voltar para ela, disse: nunca nada te meteu medo, Tesa. Niet de niet. Nada. Desde que nos conhecemos nunca te vi hesitar quando arriscavas a liberdade e a vida. Nunca. Por isso as pessoas te respeitam. Sim. Por isso eu te admiro.

- E por isso - concluiu - estás onde estás. Sim. Agora. Foi nessa altura que ela gargalhou alto, de uma forma estranha que fez Yasikov voltar a cabeça.

Russo de um raio, disse. Não fazes a menor ideia. Eu sou a outra gaja que tu não conheces. A que me olha, ou essa a quem olho; já nem de mim tenho a certeza.

A única certeza é que sou cobarde, sem nada do que é preciso ter. Repara: sinto-me tão débil, tão indecisa, tenho tanto medo, que, para o esconder, gasto as minhas energias e a minha vontade, queimo-as todas até ao último grama.

Não consegues imaginar o esforço. Porque eu nunca optei e, durante todo o tempo, a letra, escreveram-me outros.

Tu. Pati. Eles. Vê lá bem que tonta. Não gosto da vida no geral, nem da minha em particular. Nem sequer gosto da vida parasitária, minúscula, que trago agora cá dentro. Estou doente de algo que há muito tempo renunciei a

compreender, e nem sequer sou honrada, porque o calo. Há doze anos que vivo assim. Todo o tempo dissimulando e calando.

Depois disto ficaram os dois em silêncio, vendo o mar acabar de escurecer.

Por fim, Yasikov abanou outra vez a cabeça, muito lentamente.

- Tomaste alguma decisão acerca de Teo? - perguntou com suavidade.

- Não te preocupes com ele.

- A operação...

- Também não te preocupes com a operação. Está tudo em ordem. Incluindo Teo.

Bebeu mais tequila. As palavras do corrido de Lamberto Quintero foram ficando para trás quando se levantou e começou a andar pelo jardim, de garrafa na mão, junto ao rectângulo escuro da piscina. Ele estava desatento vendo passar as garinas, dizia a canção. Quando umas armas certeiras a vida ali lhe tiraram.

Pôs-se a passear por entre as árvores; os ramos baixos dos salgueiros roçavam-lhe o rosto. As últimas estrofes apagaram-se atrás de si. Ponte que vai para Tierra Blanca, tu que o viste passar. Lembra-lhes que a Lamberto nunca poderemos esquecer. Chegou até à porta que dava para a praia e, nesse momento, ouviu atrás de si, sobre o cascalho, os passos de Pote Gálvez.

- Deixa-me sozinha - disse sem se voltar.

Os passos pararam. Continuou a andar e tirou os sapatos quando sentiu sob os pés a areia suave. As estrelas formavam uma abóbada de pontos luminosos até à linha escura do horizonte, sobre o mar que sussurrava na praia. Foi até à beira-mar, deixando que a água lhe molhasse os pés nas suas idas e vindas.

Havia duas luzes separadas e imóveis: barcos que pescavam perto da costa. A claridade longínqua do hotel Guadalmina iluminou-a um pouco quando tirou as calças de ganga, as cuecas e a camisola, metendo-se depois muito devagarinho na água que lhe arrepiava a pele.

Levava ainda a garrafa na mão e bebeu, para afastar o frio, um longo gole, vapor de tequila que lhe subiu pelo nariz até lhe dificultar a respiração, a água pelas ancas, ondas suaves que a faziam baloiçar sobre os pés cravados na areia do fundo. Depois, sem se atrever a olhar para a outra mulher que estava na praia ao pé do montinho de roupa, observando-a, atirou a garrafa ao mar e afundou-se na água fria, sentindo-a fechar-se, negra, sobre a cabeça. Nadou alguns metros junto ao fundo e emergiu depois, sacudindo o cabelo e a água da cara. Então começou a avançar cada vez mais na superfície escura e fria, impulsionando-se com movimentos firmes das pernas e dos braços, afundando a cara até à altura dos olhos e erguendo-a novamente para respirar, cada vez mais longe, afastando-se da praia até deixar de ter pé e tudo ter desaparecido paulatinamente excepto ela e o mar. Aquela massa sombria como a morte à qual tinha desejos de se

entregar e descansar.

Regressou. Voltou surpreendida por fazê-lo, enquanto dava voltas à cabeça tentando descobrir por que não tinha continuado a nadar até ao coração da noite.

Julgou adivinhá-lo quando pisou novamente o fundo arenoso, um pouco aliviada e um pouco aturdida ao sentir terra firme, e saiu da água estremeando devido ao frio na sua pele molhada. A outra mulher tinha ido embora. Já não estava ao pé da roupa atirada para a praia. Sem dúvida, pensou Teresa, decidiu adiantar-se, e espera-me lá, para onde vou.

A claridade esverdeada do radar iluminava, de baixo para cima, na penumbra, a cara do patrão Cherki, os cabelos brancos que lhe espreitavam no queixo mal barbeado.

- Aí está - disse, apontando para um ponto escuro no ecrã.

A vibração da máquina do Tarfaya fazia estremecer os tabiques da estreita casa de navegação. Teresa estava apoiada junto à porta, protegida do frio da noite por uma camisola grossa de gola alta, com as mãos nos bolsos do casaco impermeável. Tocando a pistola com a direita. O patrão voltou-se para olhá-la.

- Dentro de vinte minutos - disse - se a senhora não destinar outra coisa.

- É o seu barco, patrão.

Coçando a cabeça sob o gorro de lã, Cherki deu uma olhadela ao pequeno ecrã do GPS. A presença de Teresa punha-o pouco à vontade, tal como aos outros tripulantes. Era invulgar, protestou ao princípio. E perigoso. Mas ninguém lhe tinha dito que podia escolher. Depois de confirmar a posição, o marroquino fez girar a roda do leme a estibordo, observando atento como a agulha da bússola iluminada na bitácula se fixava no ponto desejado, e depois ligou o piloto automático. No ecrã do radar, o eco estava agora precisamente à proa, a vinte e cinco graus da flor-de-lis que na bússola indicava o norte. Dez milhas exactas. Os outros pontinhos escuros, rastros débeis de duas lanchas voadoras que se tinham afastado depois de fazerem o transbordo dos últimos fardos de haxixe para o pesqueiro, estavam fora do alcance do radar há trinta minutos.

O banco de Xauen tinha ficado muito para trás, à popa.

- Iallah Bismillah - disse Cherki.

Vamos lá, traduziu Teresa. Em nome de Deus. Aquilo fê-la sorrir na penumbra.

Mexicanos, marroquinos ou espanhóis, quase todos tinham o seu santo Malverde em algum lado. Viu que Cherki se voltava de vez em quando, observando-a com curiosidade e indisfarçável censura. Era um marroquino de Tânger, pescador veterano. Naquela noite ganhava o que os seus palangres não lhe davam em cinco anos. O balanço do Tarfaya na marejada atenuou-se um pouco quando o patrão empurrou a alavanca para aumentar a velocidade no novo

rumo, intensificando-se o estrépito das máquinas. Teresa viu que a linha de barca subia até aos seis nós. Olhou para fora. Do outro lado dos vidros embaciados de salitre, a noite decorria negra como a tinta negra. Agora iam com as luzes de navegação acesas; nos radares viam-se na mesma com luzes ou sem elas e um barco apagado levantava suspeitas. Acendeu outro cigarro para atenuar os cheiros: o gasóleo que sentia no estômago, o óleo, os palangres, a cobertura impregnada do rasto de peixe antigo. Sentia um início de náusea. E espero não enjoar agora, pensou. Numa altura destas. Com todos estes cabrões a ver.

Saiu lá para fora, para a noite e para a cobertura molhada pelo relento. A brisa despenteou-lhe o cabelo, aliviando-a um pouco. Havia sombras agachadas contra a amurada, entre os fardos de quarenta quilos envoltos em plástico, com pegas para facilitar o transporte: cinco marroquinos bem pagos, de confiança, que, tal como o patrão Cherki, já tinham trabalhado outras vezes para a Transer Naga. À proa e à popa, com o perfil meio traçado pelas luzes de navegação do pesqueiro, Teresa distinguiu mais duas sombras: a sua escolta. Marroquinos de Ceuta, jovens, silenciosos e em boa forma, de lealdade comprovada, cada um com uma pistola-metralhadora Ingram 380 com cinquenta balas sob o casacão e duas granadas MK2 nos bolsos.

Harkenos (2), chamava-os o doutor Ramos, que dispunha de uma dezena de homens para situações como aquela. Leve dois harkenos consigo, chefe, dissera. Para eu ficar tranquilo enquanto está a bordo. Já que faz tanto empenho em ir desta vez, o que me parece um risco desnecessário e uma loucura, e ainda por cima não leva Pote Gálvez, permita-me ao menos tratar um pouco da sua segurança.

Já sei que toda a gente é bem paga, e tal. Mas não vá o diabo tecê-las.

Foi até à popa e verificou que o último pneumático, um Valiant de dez metros de eslora com dois potentes motores, continuava ali, rebocado por um cabo grosso, ainda com trinta fardos a bordo e o seu piloto, outro marroquino, sob uns cobertores. Depois fumou apoiada à borda da amurada húmida, olhando para o rasto fosforescente da espuma levantada pela proa do pesqueiro. Não precisava de estar ali e sabia-o. O mal-estar do estômago agudizou-se como uma censura.

*\*(2) Soldados marroquinos, das antigas tropas coloniais espanholas. (N. da T.)*

Mas a questão não era essa. Tinha querido ir, supervisionar tudo pessoalmente, por motivos complexos que tinham muito a ver com as ideias que a rondavam nos últimos dias. Com o decorrer inevitável de coisas que já não

tinham marcha-atrás. E sentira medo - o familiar e incómodo antigo medo físico, arraigado na memória e nos músculos do corpo - quando há algumas horas se aproximou no Tarfaya da costa marroquina para supervisionar a operação de carga, a partir dos pneumáticos, sombras planas e baixas, figuras escuras, vozes apagadas sem uma luz, sem um ruído desnecessário, sem outro contacto por rádio além de estalidos anónimos dos walkie-talkie em sucessivas frequências pré-es-tabelecidas, uma única chamada de telemóvel por cada embarcação para verificar se estava tudo bem em terra, enquanto o patrão Cherki vigiava com ansiedade o radar à procura de um eco, dos navios-patrolha marroquinos, de um imprevisto, do helicóptero, do foco que os iluminasse e desencadeasse o desastre ou o inferno. Nalgum lugar da noite, mar adentro, a bordo do Fairline Squadron, lutando contra o enjoo à base de comprimidos e de resignação, Alberto Rizocarpaso estava sentado diante do ecrã de um PC portátil ligado à Internet, com os seus aparelhos de rádio, os seus telefones, os seus cabos e as suas baterias em volta, supervisionando tudo aquilo como um controlador de tráfego aéreo segue os movimentos dos aviões que lhe são confiados. Mais ao norte, em Sotogrande, o doutor Ramos estaria a fumar cachimbos atrás de cachimbos, atento à rádio e aos telemóveis que nunca ninguém utilizara anteriormente e que só iam ser usados uma vez nessa noite.

E num hotel de Tenerife, muitas centenas de milhas em direcção ao Atlântico, Farid Lataquia jogava as últimas cartadas do arriscado bluff que ia permitir, com sorte, terminar Terna Infância de acordo com os planos previstos.

É verdade, pensou Teresa. O doutor tinha razão. Não preciso de estar aqui e, no entanto, dou aqui comigo, apoiada na borda deste pesqueiro malcheiroso, arriscando a liberdade e a vida, jogando o estranho jogo ao qual não consigo furtar-me desta vez. Despedindo-me de tantas e tantas coisas que amanhã, quando sair o sol que agora anda iluminando o céu de Sinaloa, terão ficado para trás e para sempre. Com uma Beretta bem oleada e com o carregador repleto de munições parabellum que me pesa no bolso. Uma pistola que não carrego há doze anos e que tem mais a ver comigo, se acontecer alguma coisa, que com os outros. A minha garantia de que, se alguma coisa correr mal, não irei para uma reles prisão marroquina, nem para nenhuma espanhola. A certeza de que, em qualquer momento, posso ir para onde quiser ir.

Atirou a beata ao mar. É como passar pela última formalidade, reflectia. A última prova antes de descansar. Ou a penúltima.

- O telefone, senhora.

Agarrou no telemóvel que lhe estendia o patrão Cherki, entrou na casa de navegação e fechou a porta. Era um SAZ88 especial, codificado para uso da polícia e dos serviços secretos, dos quais Farid Lataquia conseguira seis

unidades pagando uma fortuna no mercado negro. Enquanto o levava ao ouvido, olhou para o eco que o patrão assinalava no ecrã do radar. A uma milha, a mancha escura do Xoloitzcuintle tornava-se mais nítida a cada passagem da antena. Havia uma luz no horizonte, entrevista na marejada.

- É o farol de Alborán? - perguntou Teresa.

- Não. Alborán fica a vinte e cinco milhas e o farol só se vê a partir das dez. Essa luz é o barco.

Ouviu através do telefone. Uma voz masculina disse "verde e vermelho aos meus cento e noventa". Teresa virou-se para verificar o GPS, olhou novamente para o ecrã do radar e repetiu-o em voz alta enquanto o patrão deslocava o círculo de alcance do radar para calcular a distância. "Tudo okay pelo meu verde", disse então a voz ao telefone; e antes que Teresa repetisse estas palavras, a comunicação foi cortada.

- Estão a ver-nos - disse Teresa. - Vamos acostar-nos a estibordo dele.

Estavam fora das águas marroquinas, mas isso não eliminava o perigo. Olhou para o céu através dos vidros, receando ver aparecer a sombra de mau agoiro do helicóptero da Aduana. Talvez seja o mesmo piloto, pensou, que voa esta noite. Quanto tempo entre uma coisa e outra... Entre esses dois instantes da minha vida.

Marcou o número memorizado de Rizocarpaso. Fala-me do alto, disse ao ouvir o lacónico "Zero Zero" do gibraltarino. "No ninho e sem novidade", foi a resposta. Rizocarpaso estava em contacto telefónico com dois homens, um deles situado no cimo do Rochedo com uns potentes binóculos nocturnos, e outro na estrada que passava perto da base do helicóptero em Algeciras. Cada um com o seu telemóvel. Sentinelas discretas.

- O pássaro continua em terra - comentou para Cherki, cortando a comunicação.

- Graças a Deus.

Tivera de se conter para não perguntar a Rizocarpaso pelo resto da operação.

Pela fase paralela. A essa hora já deviam ter notícias e a ausência de novidades começava a inquietá-la. Ou, visto de outra forma, disse para consigo com uma careta amarga, a tranquilizá-la. Olhou para o relógio de latão aparafusado a um tabique da casa de navegação.

De qualquer forma, não servia de nada atormentar-se mais. O gibraltarino comunicaria a notícia quando soubesse.

Agora viam-se nitidamente as luzes do barco. O Tarfaya ia apagar as suas quando estivesse perto, para se camuflar com o eco de radar do outro. Olhou para o ecrã. Meia milha.

- Pode preparar a sua gente, patrão.

Cherki abandonou a casa de navegação e Teresa ouviu-o a dar ordens. Quando ela surgiu à porta, as sombras já não estavam agachadas junto da amurada: deslocavam-se pela coberta preparando cabos e defensas, e empilhando fardos na amurada de bombordo. Tinha-se recuperado o cabo rebocador e o motor do Valiant ressoava enquanto o piloto se preparava para efectuar as suas próprias mudanças. Os harkenos do doutor Ramos continuavam imóveis, com as suas Ingram e as suas granadas debaixo da roupa, como se não fosse nada com eles. O

Xoloitzcuintle distinguia-se agora bastante bem, com os contentores empilhados na coberta e os seus faróis de navegação, branco de posição e verde de estibordo, reflectindo-se na crista das ondas. Teresa via-o pela primeira vez e aprovou a escolha de Farid Lataquia. Obras mortas pouco elevadas, que a carga aproximava do nível do mar. Isso ia facilitar a manobra.

Cherki regressou à casa de navegação, desligou o piloto automático e começou a dirigir manualmente, aproximando com cuidado o pesqueiro do porta-contentores, paralelo ao lado de estibordo e pela sua alheta. Teresa apontou os binóculos para estudar o barco: diminuía a marcha, sem chegar a parar. Viu homens deslocando-se entre os contentores. Em cima, na asa de estibordo da ponte, outros dois observavam o Tarfaya: sem dúvida o capitão e um oficial.

- Pode apagar, patrão.

Estavam suficientemente perto para que os respectivos ecos de radar se fundissem num só. O pesqueiro ficou às escuras, iluminado apenas pelas luzes do outro barco, que tinha alterado ligeiramente o rumo para os proteger no seu lado de sotamar. Já não se via o farol de posição e o verde brilhava na asa da ponte como uma esmeralda ofuscante. Estavam quase borda com borda e, quer no lado do pesqueiro como no do porta-contentores, os marinheiros dispunham grossas defensas. O Tarfaya ajustou a sua velocidade, devagar avante, à do Xoloitzcuintle. Uns três nós, calculou Teresa. Segundos depois ouviu um disparo apagado: o estalido do lança-cabos. Os homens do pesqueiro recolheram o cabo que ia na extremidade da guia e prenderam-no nas abitas da coberta, sem esticar demasiado. O lança-cabos disparou outra vez. Um longo à proa, outro à popa. Dirigindo cuidadosamente o leme, o patrão Cherki acostou ao porta-contentores, borda com borda, e deixou a máquina ligada mas sem engrenar. Os dois barcos navegavam agora à mesma velocidade, o grande guiando o pequeno. O Valiant, manobrado habilidosamente pelo seu piloto, já estava também emparelhado ao Xoloitzcuintle, à proa do pesqueiro, e Teresa viu os tripulantes do barco começarem a içar os fardos. Com sorte, pensou vigiando o radar enquanto tocava na madeira do leme, estaria tudo acabado numa hora.

Vinte toneladas rumo ao mar Negro, sem escalas. Quando o pneumático

rumou a noroeste recorrendo ao GPS ligado ao radar Raytheon, as luzes do Xoloitzcuintle desapareciam já no horizonte escuro, muito a levante. O Tarfaya, que tinha voltado a acender as suas, estava um pouco mais perto, com a sua luz de posição baloiçando na marejada, navegando sem pressas para sudoeste. Teresa deu uma ordem e o piloto da lancha voadora empurrou a alavanca do combustível, aumentando a velocidade, o casco da semi-rígida batendo na crista das ondas, os dois harkenos sentados à proa para lhe dar estabilidade, com o capuz dos casacos impermeáveis na cabeça para se protegerem dos salpicos.

Teresa marcou novamente o número memorizado e, ao ouvir o seco "Zero Zero" de Rizocarpaso disse apenas: as crianças estão deitadas. Depois ficou a olhar para a escuridão a poente, como se pretendesse ver centenas de milhas mais além e perguntou se havia novidade. "Negativo", foi a resposta. Cortou a comunicação e olhou para as costas do piloto sentado no banco central de condução do Valiant. Preocupada. A vibração dos potentes motores, o rumor da água, as pancadas das ondas, a noite em volta como uma esfera negra, traziam-lhe lembranças boas e más; mas não era esse o momento, concluiu. Havia demasiadas coisas em jogo, cabos soltos que tinham de ser amarrados. E cada trecho que a lancha voadora percorria a trinta e cinco nós, milha após milha, aproximava-a da resolução inevitável desses assuntos. Sentiu vontade de prolongar a corrida nocturna desprovida de referências, com luzinhas longínquas que mal assinalavam a terra ou a presença de outros barcos nas trevas. Prolongá-la indefinidamente para atrasar tudo, suspensa entre o mar e a noite, lugar intermédio sem responsabilidades, simples espera, com os motores rugindo e empurrando atrás de si a lancha, a borracha dos lados estirando-se elástica a cada salto do casco, o vento na cara, os salpicos de espuma, as costas escuras do homem inclinado sobre os comandos que tanto a faziam recordar as costas de outro homem. De outros homens.

Era, em suma, uma hora tão sombria como ela própria. A própria Teresa. Ou pelo menos assim sentia a noite e assim se sentia ela. O céu sem o estreito quarto crescente que só tinha durado um bocado, desprovido de estrelas, com uma bruma que se ia instalando, inexorável, de levante e que nesse momento engolia o último reflexo do farol de posição do Xoloitzcuintle. Teresa esmiuçando atenta o coração seco, a cabeça tranquila que ordenava cada uma das peças pendentes como se fossem notas de dólar dos maços com que lidava, há séculos, na calle Juárez de Culiacán, até ao dia em que a Bronco preta parou ao seu lado, o Gúero Dávila abriu a janela e ela, sem o saber, empreendeu o longo caminho que agora a retinha ali, junto ao Estreito de Gibraltar, enredada na laçada de tão absurdo paradoxo. Tinha passado o rio em plena enchente, com a carga ladeada. Ou estava prestes a fazê-lo.



- O Sinaloa, senhora.

O grito sobressaltou-a, arrancando-a dos seus pensamentos. Bolas, disse para consigo. Sinaloa precisamente, esta noite e agora. O piloto apontava para as luzes que se aproximavam rapidamente do outro lado dos respingos e das silhuetas dos guarda-costas agachados à proa. O iate navegava iluminado, branco e esbelto, com as luzes ferindo o mar e rumo nordeste. Inocente como uma pomba, pensou enquanto o piloto fazia a Valiant descrever um amplo semicírculo e a aproximava da varanda de popa, onde um marinheiro estava pronto para a receber. Antes de os gorilas que se preparavam para a segurar chegarem ao pé dela, Teresa calculou o vaivém, apoiou um pé num lado da lancha e saltou para bordo aproveitando o impulso do balanço seguinte. Sem se despedir dos da lancha nem olhar para trás, caminhou pela coberta com as pernas entumecidas de frio, enquanto o marinheiro soltava o cabo e a lancha voadora partia, rugindo, com os seus três ocupantes, missão cumprida, de volta à sua base de Estepona. Teresa desceu para tirar o sal do rosto com água doce, acendeu um cigarro e serviu três dedos de tequila num copo. Bebeu de uma assentada diante do espelho da casa de banho, sem respirar. A violência do gole arrancou-lhe algumas lágrimas, e ficou ali, com o cigarro numa mão e o copo vazio na outra, vendo aquelas gotas caírem-lhe devagar pela cara. Não lhe agradou a sua expressão; ou talvez a expressão não fosse sua, mas pertencesse à mulher que a olhava do espelho: círculos sob os olhos, o cabelo despenteado e rígido de sal. E aquelas lágrimas.

Voltavam a encontrar-se e parecia mais cansada e mais velha. De súbito foi até ao camarote, abriu o armário onde estava o saco, tirou a carteira de pele com as suas iniciais e esteve um pedaço a examinar a maltratada fotografia que guardava sempre ali, a mão erguida e a fotografia diante dos olhos, comparando-se com a juvenzinha de olhos muito abertos, o braço do Gúero Dávila metido no blusão de piloto, protector, sobre os seus ombros.

Tocou o telefone codificado que levava no bolso das calças de ganga. A voz de Rizocarpaso informou-a laconicamente, sem adornos nem explicações desnecessárias: "O padrinho das crianças pagou o baptizado", disse. Teresa pediu confirmação e o outro respondeu que não havia dúvidas: "Toda a família acorreu à festa. Acabam de confirmá-lo em Cádiz." Teresa cortou a comunicação e meteu o telemóvel no bolso. Sentia a náusea voltar. O álcool ingerido combinava mal com o ronronar do motor e o balanço do barco. Com o que acabava de ouvir e com o que ia acontecer. Cuidadosamente, voltou a colocar a fotografia na carteira, apagou o cigarro no cinzeiro, calculou os três passos que a separavam da sanita e, depois de percorrer com calma essa distância, ajoelhou-se para vomitar a tequila e o resto das suas lágrimas.

Quando saiu para a coberta, com a cara novamente lavada e protegida com o casaco impermeável sobre a camisola de gola alta, Pote Gálvez esperava-a imóvel, silhueta negra apoiada na borda da amurada.

- Onde está? - perguntou Teresa.

O pistoleiro demorou a responder. Como se pensasse. Ou como se lhe desse a ela a oportunidade de pensar.

- Lá em baixo - acabou por dizer. - No camarote número quatro.

Teresa desceu, agarrando-se ao corrimão de teca. No corredor, Pote Gálvez murmurou com licença, patroa, passando-lhe à frente para abrir a porta trancada à chave. Deu uma vista de olhos profissional ao interior e depois afastou-se para a deixar passar. Teresa entrou, seguida pelo pistoleiro, que tornou a fechar a porta atrás de si.

- A Vigilância Aduaneira - disse Teresa - abordou esta noite o Luz Angelita.

Teo Aljarafe olhava-a inexpressivo, como se estivesse longe e nada disso tivesse a ver com ele. A barba de um dia azulava-lhe o queixo. Estava deitado no beliche, vestido com umas calças engelhadas, uma camisola preta, e meias.

Os sapatos estavam no chão.

- Assaltaram-no trezentas milhas a oeste de Gibraltar - prosseguiu Teresa.

- Há algumas horas. Neste momento levam-no para Cádiz... Seguiam-lhe a pista desde que zarpou de Cartagena... Sabes de que barco te estou a falar, Teo?

- Claro que sei.

Ele teve tempo, disse ela para consigo. Aqui dentro. Tempo para pensar. Mas ignora o que o expôs ao azar desta sentença.

- Há uma coisa que não sabes - explicou Teresa. - O Luz Angelita está limpo.

O mais ilegal que vão encontrar aí, quando o desmantelarem, serão algumas garrafas de whisky que não pagaram impostos... Compreendes o que isso significa?

O outro ficou imóvel, com a boca entreaberta, assimilando tudo aquilo.

- Um chamariz - acabou por dizer.

- Isso mesmo. E sabes por que não te informei anteriormente de que esse barco era um chamariz?... Porque precisava que, quando passasses a informação às pessoas para quem fazes de bufo, todos acreditassem tal como tu acreditaste.

Continuava a olhá-la da mesma forma, com muita atenção. Dirigiu uma olhadela fugaz a Pote Gálvez e tornou a olhar para ela.

- Efectuaste outra operação esta noite.

Continua a ser esperto e alegro-me por isso, pensou ela. Quero que entenda porquê. Talvez fosse mais fácil de outra maneira. Mas quero que o entenda. Você tem uma doença incurável. É. Um homem tem direito a isso. A que não lhe mintam sobre o seu fim. Todos os meus homens morreram sabendo sempre por

que morriam.

- Sim. Outra operação acerca da qual não estavas a par. Enquanto os coiotes da Aduana esfregavam as mãos, abordando o Luz Angelita à procura de uma tonelada de coca que nunca embarcou, o nosso pessoal fazia negócios noutra sítio.

- Muito bem planeado... Sabes desde quando?

Poderia negar, pensou de repente. Poderia negar tudo, protestar indignado, dizer que enlouqueci. Mas pensou o suficiente desde que Pote o trancou aqui.

Conhece-me. Para quê perder tempo, pensará. Para quê.

- Há muito tempo. Esse juiz de Madrid... Espero que tenhas tido lucro com tudo isso. Embora gostasse de saber que não o fizeste por dinheiro.

Teo fez um trejeito com a boca e a ela agradou-lhe aquela têmpera. Quase conseguia sorrir, o tipo. Apesar de tudo. Limitava-se a pestanejar excessivamente. Nunca até esse momento o vira pestanejar tanto.

- Não o fiz só por dinheiro.

- Pressionaram-te?

Mais uma vez insinuou quase um sorriso. Mas foi apenas uma careta sarcástica.

Com pouca esperança.

- Podes imaginar.

- Compreendo.

- Compreendes deveras?... - Teo analisou aquela palavra com o sobrolho franzido, procurando augúrios sobre o seu futuro. - Sim, é possível. Eras tu ou era eu.

Tu ou eu, repetiu Teresa no seu íntimo. Mas esquece os outros: o doutor Ramos, Farid Lataquia, Rizocarpaso... Todos os que confiaram nele e em mim. Gente pela qual somos responsáveis. Dúzias de pessoas fiéis. E um Judas.

- Tu ou eu - repetiu em voz alta.

- Exactamente.

Pote Gálvez parecia fundido com as sombras dos tabiques e eles os dois olhavam-se nos olhos com calma.

Uma conversa como tantas outras. De noite. Faltava a música, um copo. Uma noite igual a outras.

- Por que não vieste falar comigo?... Poderíamos ter encontrado uma solução.

Teo abanou a cabeça numa negativa. Tinha-se sentado na beira do beliche, com as meias no chão.

- Às vezes tudo se complica - disse com simplicidade. - Uma pessoa enreda-se, rodeia-se de coisas que se tornam imprescindíveis. Deram-me a oportunidade de me livrar, conservando o que tenho... De voltar a página.

- Sim. Julgo que também consigo compreender isso. Novamente aquela palavra, compreender, parecia trespassar a mente de Teo como uma esperança. Olhava atentamente para ela.

- Posso contar-te o que quiseres saber - disse. - Não haverá necessidade de que me...

- Te interroguem.

- Isso.

- Ninguém te vai interrogar, Teo.

Continuava a observá-la, expectante, avaliando aquelas palavras. Novo pestanejar. Uma olhadela rápida para Pote Gálvez, novamente para ela.

- Muito habilidoso, o desta noite - acabou por dizer, com cautela. - Usar-me para plantar o chamariz... Nem me passou pela cabeça... Era coca?

Apalpar o terreno, disse ela para si própria. Ainda não renunciou a viver.

- Haxixe - respondeu. - Vinte toneladas.

Teo ficou a pensar nisso. Novamente a tentativa de um sorriso que não chegava a fixar-se na boca.

- Suponho que contar-me não é um bom sinal - concluiu.

- Não. A verdade é que não é.

Teo já não pestanejava. Continuava alerta, à procura de outros sinais que só ele sabia quais eram. Sombrio. E se não lês na minha cara, disse ela para consigo, ou na forma de calar o que calo, ou na maneira como oiço o que ainda tens de dizer, é porque todo este tempo comigo não te serviu de nada. Nem as noites nem os dias, nem a conversa nem os silêncios. Diz-me então para onde olhavas quando me abraçavas, meu grande tonto.

Embora talvez possas ter aí dentro mais casta do que pensei. Se assim for, juro que me tranquiliza. E me alegra. Quanto mais homens a sério forem tu e todos, mais me tranquiliza e mais me alegra.

- As minhas filhas - murmurou Teo de súbito.

Parecia compreender finalmente, como se até esse momento tivesse considerado outras possibilidades. Tenho duas filhas, repetiu absorto, olhando para Teresa sem a ver. A luz fraca do candeeiro do camarote encovava-lhe muito as faces, duas manchas negras prolongadas até aos maxilares. Já não parecia uma águia espanhola e arrogante. Teresa observou o rosto impassível de Pote Gálvez. Há uns tempos, ela lera uma história de samurais: quando faziam harakiri, um colega acabava de os matar para que não perdessem a compostura. As pálpebras ligeiramente descidas do pistoleiro, pendente dos gestos da sua patroa, reforçavam essa associação. Teo estava a aguentar bem e teria gostado de o ver assim até ao fim. Recordá-lo dessa forma quando não tiver outra para recordar, se eu própria continuar viva.

- As minhas filhas - ouviu-o repetir.

Era um som apagado, com um ligeiro tremor. Como se de repente a sua voz tivesse frio. Extraviados os olhos num lugar indefinido. Olhos de um homem que já estava longe, morto. Carne morta. Ela conheceu-a tensa, dura. Tinha gozado com ela.

Agora era carne morta.

- Não me lixes, Teo.

- As minhas filhas.

Era tudo tão singular, reflectiu Teresa assombrada. As tuas filhas são irmãos do meu filho, concluiu no seu íntimo, ou sê-lo-ão talvez se, quando passarem sete meses, eu ainda respirar. E olha como caraças me importa o meu. Que me importa isso, mesmo que também seja teu e que partas sem sequer saber, nem falta nenhuma te faz sabê-lo. Não sentia piedade, nem tristeza, nem temor.

Apenas a mesma indiferença que sentia relativamente ao que carregava no ventre; o desejo de acabar com aquela cena da mesma maneira que alguém resolve uma formalidade incómoda. Soltando amarras, tinha dito Oleg Yasikov. Sem nada para trás. No fim de contas, disse para consigo, eles trouxeram-me até aqui. Até este ponto de vista. E fizeram-no entre todos: o Gúero, Santiago, don Epifanio Vargas, o Gato Fierros, o próprio Teo. Até a Tenente OTarrell me trouxe. Olhou para Pote Gálvez e o pistoleiro suportou o olhar, com os olhos sempre semicerrados, à espera. É o vosso jogo, pensou Teresa. Aquele a que sempre jogaram, e eu estava apenas cambiando dólares na calle Juárez. Nunca ambicionei nada. Não inventei a merda das vossas regras, mas no fim tive de me conformar com elas. Começava a irritar-se e soube que o que ainda tinha por fazer não devia fazê-lo irritada. De modo que contou interiormente até cinco, com o rosto inclinado, acalmando-se. Depois assentiu devagar, quase imperceptivelmente.

Então Pote Gálvez tirou o revólver da cintura e agarrou na almofada do beliche.

Teo repetiu mais uma vez aquilo das suas filhas; depois foi mergulhando num longo gemido semelhante a um protesto, uma censura ou um soluço. As três coisas, se calhar. E quando ela ia a caminho da porta, viu que ele mantinha os olhos absortos e fixos no mesmo sítio, sem ver outra coisa além do poço de sombras para onde o atiravam. Teresa saiu para o corredor. Oxalá, pensava, tivesse calçado os sapatos. Não era maneira de um homem morrer, em peúgas. Ouviu o disparo abafado quando punha as mãos no corrimão da escada para subir à cobertura.

Os passos do pistoleiro soaram nas suas costas. Sem se voltar, esperou que se apoiasse junto dela, na borda molhada da amurada. Havia uma linha de claridade

despontando a levante e as luzes da costa brilhavam cada vez mais perto, com os clarões do farol de Estepona exactamente a norte. Teresa colocou o capuz do casaco. O frio apertava.

- Vou voltar lá, Pinto.

Não disse aonde. Não era preciso. A pesada corpulência de Pote Gálvez inclinou-se um pouco mais sobre a borda. Pensativo e calado. Teresa ouvia-o respirar.

- Já vão sendo horas de arrumar contas pendentes.

Outro silêncio. Lá em cima, na claridade da ponte, recortavam-se as silhuetas do capitão e do homem de guarda. Surdos, mudos e cegos. Alheios a tudo excepto aos seus instrumentos. Ganhavam o suficiente para que nada do que se passasse à popa fosse da sua conta. Pote Gálvez continuava inclinado, olhando para a água negra que sussurrava em baixo.

- A senhora, patroa, sabe sempre o que faz... Mas palpita-me que isso pode ficar bastante feio.

- Antes tratarei de que não te falte nada.

O pistoleiro passava uma mão pelo cabelo. Num gesto perplexo.

- O que se passa, patroa?... Sozinha?... A senhora não me ofenda.

O tom de voz era deveras magoado. Obstinado. Ficaram ambos a olhar para a luz intermitente do farol à distância.

- Podem arrefecer-nos aos dois - disse Teresa suavemente. - De uma forma bem lixada.

Pote Gálvez ficou calado outro bocado. Um daqueles silêncios, pressentiu ela, que são o balanço de uma vida. Virou-se para olhá-lo de soslaio e viu que o gorila passava novamente a mão pelo cabelo e depois afundava um pouco a cabeça entre os ombros. Parece um urso grandalhão e leal, pensou. Bem íntegro. Com este ar resignado, decidido a pagar sem discutir. De acordo com as regras.

- As coisas são como são, patroa... Tanto faz morrer num sítio como noutra.

Olhava para trás o pistoleiro, para a esteira do Sinaloa, onde o corpo de Teo Aljarafe se afundara no mar com um lastro de cinquenta quilos de chumbo.

- E às vezes - acrescentou - é bom uma pessoa escolher, se puder.

## 17. DEIXEI SERVIDO METADE DO MEU COPO

Chovia em Culiacán, Sinaloa; e a casa do bairro Chapultepec parecia fechada numa bolha de tristeza cinzenta. Era como se houvesse uma fronteira definida entre as cores do jardim e os tons escuros de fora: nos vidros das janelas, as gotas de chuva mais grossas desabavam em longos regueiros que faziam ondular a paisagem, misturando o verde da relva e das copas das figueiras-da-índia com o laranja da flor do tabacbín, com o branco dos capiros e com o lilás e o vermelho dos ipês e das buganvílias; mas a cor morria nos muros altos que rodeavam o jardim. Para lá só existia uma paisagem difusa, triste, onde apenas podiam distinguir-se, atrás do fosso invisível do Tamazula, as duas torres e a grande cúpula branca da catedral e, mais ao longe, à direita, as torres com azulejos amarelos da igreja do Santuário.

Teresa estava junto da janela de uma salinha do andar superior, contemplando a paisagem, embora o coronel Edgar Ledesma, subcomandante da Nona Zona Militar, a aconselhasse a não fazer isso. Cada janela, tinha dito olhando-a com os seus olhos de guerreiro frio e eficiente, é uma oportunidade para um franco-atirador. E a senhora não veio para dar oportunidades. O coronel Ledesma era um tipo agradável, correcto, que carregava os seus cinquenta muito bem-posto, com o seu uniforme e o cabelo rapado como se fosse um jovem magala.

Mas ela estava farta da visão limitada do rés-do-chão, da grande sala com móveis de Concórdia(1) misturados com acrílico e quadros pavorosos nas paredes - a casa tinha sido expropriada pelo Governo a um narco que cumpria pena em Puente Grande -, das janelas e do alpendre que só permitiam ver um pedacinho do jardim e da piscina vazia. De cima podia adivinhar-se ao longe, reconstruindo-a com a ajuda da memória, a cidade de Culiacán. Também via um dos federais que se encarregavam da escolta no recinto inferior: um homem com o impermeável avolumado devido ao colete antibalas, boné e uma espingarda R15 nas mãos, que fumava protegido da água com as costas contra o tronco de uma mangueira. Bastante mais longe, atrás da cancela da entrada que dava para a calle General Anaya, distinguia-se uma carrinha militar e as silhuetas verdes dos magalas que montavam guarda com equipamento de combate. Era esse o acordo, tinha-a informado o coronel Ledesma quatro dias antes, quando o Learjet em voo especial que a trazia de Miami - única escala desde Madrid, pois a DEA desaconselhava qualquer paragem intermédia em solo mexicano - aterrou no aeroporto de Culiacán. A Nona Zona encarregava-se da segurança geral e os

federais tinham a seu cargo a segurança mais próxima. Ficavam descartados da operação os polícias de trânsito e os judiciais, por serem considerados mais fáceis de infiltrar e pela constatação de que alguns deles agiam como mercenários para trabalhos sujos do narco. Os federais também eram acessíveis a um maço de dólares; mas o grupo de elite destacado para esta missão, trazido do Distrito Federal - estava vetada a intervenção de agentes que tivessem ligações sinaloenses -, tinha dado provas, diziam, de integridade e eficácia. A respeito dos militares, não é que fossem incorruptíveis; mas a sua disciplina e organização tornava-os mais caros. Mais difíceis de comprar e também mais respeitados. Os próprios camponeses consideravam que, mesmo quando faziam apreensões na serra, efectuavam o seu trabalho sem procurar arranjinhos. Em concreto, o coronel Ledesma tinha fama de íntegro e duro. Também lhe tinham matado um filho tenente, os narcos. Isso ajudava muito.

*\*(1) Móveis de estilo colonial, fabricados em Concórdia, Sinaloa. (N. da T.)*

- Deveria afastar-se daqui, patroa. Por causa das correntes de ar.

- Bolas, Pinto - sorria para o pistoleiro. - Não me chateies. Tinha sido uma espécie de sonho estranho; tal como assistir a um encadeamento de situações que não lhe estivesse a acontecer a ela. As duas últimas semanas ordenavam-se na sua memória como uma sucessão de capítulos intensos e perfeitamente definidos. A noite da última operação. Teo Aljarafe lendo a ausência de futuro nas sombras do camarote. Héctor Tapia e Willy Rangel olhando para ela estupefactos numa suíte do Hotel Puente Romano, quando expôs a sua decisão e as suas exigências: Culiacán em vez do Distrito Federal - as coisas fazem-se bem feitas, disse, ou não se fazem. A assinatura de documentos privados com garantias de ambas as partes, na presença do embaixador dos Estados Unidos em Madrid, de um alto funcionário do ministério espanhol da Justiça e de outro dos Negócios Estrangeiros. E depois, já se tendo atirado de cabeça, a longa viagem sobre o Atlântico, a escala técnica na pista de Miami com o Learjet rodeado de polícias, a cara impenetrável de Pote Gálvez cada vez que os seus olhares se cruzavam. Vão querer matá-la durante todo o tempo, avisou Willy Rangel. A si, ao seu guarda-costas e a todo aquele que respirar à sua volta. De modo que tente ter cuidado. Rangel acompanhou-a até Miami, preparando o que era necessário. Instruindo-a sobre o que se esperava dela e sobre o que ela podia esperar. O depois - se houvesse depois - incluía facilidades durante os cinco anos seguintes para se estabelecer onde quisesse: América ou Europa, nova identidade incluindo passaporte norte-americano, protecção oficial, ou deixá-la à sua vontade se o desejasse. E quando ela respondeu que o depois era um problema



só seu, obrigada, o outro esfregou o nariz e assentiu como se compreendesse. No fim de contas, a DEA atribuía a Teresa Mendoza fundos seguros, era bancos suíços e das Caraíbas, de cinquenta a cem milhões de dólares.

Continuou a ver a chuva a cair atrás dos vidros. Culiacán. Na noite da sua chegada, quando o comboio de militares e federais que esperava na pista se aproximava da base das escadas, Teresa tinha descoberto à direita a antiga torre amarela do velho aeroporto, ainda com dezenas de Cessnas e Piper estacionados e, à esquerda, as novas instalações em construção. A Suburban onde se instalou com Pote Gálvez era blindada, com vidros fumados. Lá dentro iam só ela, Pote e o motorista, que levava no tablier o rádio ligado na frequência policial. Havia luzes azuis e vermelhas, magalas com capacetes de combate, federais à paisana e de cinzento-escuro armados até aos dentes na parte traseira das carrinhas e nas portas abertas das Suburban, bonés de basebol, capas brilhantes de chuva, metralhadoras montadas apontando para toda a parte, antenas de rádio que oscilavam ao curvar a toda a velocidade entre o bramido das sirenes. Caramba. Quem poderia imaginar, dizia a cara de Pote Gálvez, que íamos voltar desta maneira. Percorreram assim o bulevar Zapata, virando em Libramiento Norte perto da bomba de gasolina El Valle.

Depois veio a estrada costeira, com os álamos e os salgueiros que prolongavam a chuva até ao chão, as luzes da cidade, os recantos familiares, a ponte, o caudal escuro do rio Tamazula, o bairro Chapultepec. Teresa estava convencida de que ia sentir alguma emoção especial por estar ali novamente; mas a verdade, descobriu, era que não se sentia grande diferença de um lugar para outro. Não sentia emoção nem medo. Durante todo o trajecto, ela e Pote Gálvez observaram-se muitas vezes. No fim Teresa perguntou o que te passa pela cabeça, Pinto, e o pistoleiro demorou um bocadinho a responder, olhando para fora, com aquele bigode como uma pincelada escura na cara e os salpicos de água da janela pintalgando-a ainda mais quando passavam diante de algum candeeiro.

Pois a verdade é que nada de especial, patroa, acabou por replicar. Só me parece estranho. Disse-o sem entoação, com o rosto mestiço e nortenho inexpressivo.

Sentado muito formal ao seu lado no cabedal da Suburban, com as mãos cruzadas sobre a barriga. E pela primeira vez desde aquela cave longínqua de Nova Andalúcia, Teresa achou-o indefeso. Não o deixavam usar armas, embora estivesse previsto que as haveria dentro de casa para protecção pessoal de ambos, além dos federais do jardim e dos magalas que cercavam o perímetro da casa, na rua. De vez em quando o pistoleiro voltava-se para olhar pela janela, reconhecendo com uma olhadela este ou aquele lugar. Sem abrir a boca. Tão

calado como quando, antes de deixar Marbella, ela o fez sentar-se à sua frente e lhe explicou por que vinha. Por que vinham. Não para apontar o dedo a ninguém, mas a passar uma factura bem pesada a um grandessíssimo filho da mãe. Só a ele e nada mais. Pote esteve um bocado a pensar nisso. E diz-me na verdade qual é a tua opinião, exigiu ela. Preciso de a conhecer antes de permitir que me acompanhes de volta para lá. Pois a verdade é que não tenho opinião, foi a resposta. E digo-lhe, ou melhor não digo o que não digo, com todo o respeito.

Se calhar até tenho os meus sentimentos, patroa. Vou-lhe dizer que não, para quê? Mas o que eu tenha ou deixe de ter é coisa minha. Não, ora. À senhora parece-lhe bem fazer esta ou aquela coisa, fá-la e não se pensa mais nisso. A senhora resolve ir e eu, ora, nem penso, acompanho-a.

Afastou-se da janela e foi até à mesa buscar um cigarro. O maço de Faros continuava ao pé da Sig Sauer e dos três carregadores cheios de munição 9 parabellum. Ao princípio, Teresa não estava familiarizada com aquela pistola e Pote Gálvez passou uma manhã ensinando-a a desmontá-la e a tornar a montá-la com os olhos fechados. Se vierem de noite e o canhão se encravar, patroa, é aconselhável conseguir arranjá-la sem acender a luz. Agora o pistoleiro aproximou-se com o fósforo aceso, inclinou um pouco a cabeça quando ela lhe agradeceu e depois foi até ao lugar que Teresa tinha ocupado ao pé da janela, dar uma vista de olhos ao exterior.

- Está tudo em ordem - disse ela, expelindo o fumo.

Era um prazer fumar um farito depois de tantos anos. O pistoleiro encolheu os ombros, dando a entender que, a respeito disso da ordem, em Culiacán a palavra era relativa. Depois dirigiu-se ao corredor e Teresa ouviu-o falar com um dos federais que estavam dentro de casa. Três dentro, seis no jardim, vinte magalas no perímetro exterior, revezando-se de doze em doze horas, mantendo os curiosos à distância, os jornalistas e os malandros que numa altura destas já deviam, sem dúvida, andar rondando, à espera de uma oportunidade.

Interrogo-me, calculou no seu íntimo, quanto oferecerá pelo meu coiro o deputado e candidato a senador por Sinaloa, don Epifanio Vargas.

- Quanto achas que valeremos, Pinto?

Tinha aparecido outra vez à porta, com aquele aspecto de urso desajeitado que punha quando receava fazer-se demasiado notado. Tranquilo na aparência, como de costume. Mas ela reparou que, atrás das pálpebras semicerradas, os olhos escuros e desconfiados estavam sempre a ver em que paravam as modas.

- A mim arrefecem-me de graça, patroa... Mas a senhora tornou-se um naco cobiçado. Ninguém se poria diante dos cornos do touro por menos de uma nota preta.

- Serão da própria escolta ou virão de fora? Resfolegou o outro, enrugando o

bigode e a testa.

- Palpita-me que de fora - disse. - Os narcos e os polícias são iguais mas nem sempre, embora às vezes sim... Compreende?

- Mais ou menos.

- Essa é a verdade. E dos tropas, o coronel parece-me ser gente fina. Fixe... Dos que só precisam de falar grosso.

- Nessa altura veremos, não é?

- Pois olhe que era bem bom, patroa. Ver de uma vez e dar de frosques.

Teresa sorriu ao ouvir aquilo. Compreendia o pistoleiro. A espera era sempre pior que a bronca, por mais pesada que esta fosse. De qualquer forma, ela tinha adoptado medidas adicionais. Preventivas. Não era uma chavala inexperiente, tinha meios e sabia o que a casa gastava. A viagem a Culiacán fora precedida de uma campanha de informação nos meios adequados, incluindo a imprensa local.

Só Vargas, era o lema. Nem chibos, nem dedos apontados, nem assopros: assunto pessoal do tipo duelo no barranco, com o resto da malta a desfrutar do espectáculo. A salvo. Nem mais um nome, nem mais uma data. Nada. Só don Epifanio, ela e o fantasma do Gúero Dávila morrendo no Espinazo del diablo há doze anos. Não se tratava de uma denúncia, mas de uma vingança limitada e pessoal; isso podia entender-se muito bem em Sinaloa, onde a primeira era mal vista e a segunda era norma para uso e abastecimento habitual de cemitérios.

Fora aquele o pacto do Hotel Puente Romano, e o Governo do México deu o seu acordo. Até os gringos, mesmo de má vontade, também o deram. Um depoimento concreto e um nome concreto. Nem sequer César Batman Gúemes ou os restantes cabecilhas do narcotráfico que noutros tempos foram próximos de Epifanio Vargas deviam sentir-se ameaçados. Isso, era de esperar, tinha tranquilizado bastante Batman e os outros. Aumentava também as possibilidades de sobrevivência de Teresa e reduzia as frentes a cobrir. No fim de contas, na selvajaria do dinheiro e da narcopolítica sinaloense, don Epifanio tinha sido ou era um aliado, uma personalidade local; mas também um concorrente e, mais cedo ou mais tarde, um inimigo. Para muitos seria ouro sobre azul alguém o tirar de cena a tão baixo preço.

Tocou o telefone. Foi Pote Gálvez quem agarrou no auscultador, ficando depois a olhar para Teresa como se, no outro lado da linha, tivessem pronunciado o nome de um espectro. Mas ela não ficou nada admirada. Estava há quatro dias à espera daquela chamada. E já estava a demorar.

- Isto é irregular, senhora. Não estou autorizado.

O coronel Edgar Ledesma estava de pé sobre o tapete da sala, com as mãos cruzadas nas costas, o uniforme de serviço bem engomado, as botas brilhantes húmidas de chuva. O cabelo muito curto, mesmo à tropa, ficava-lhe bastante

bem, confirmou Teresa, apesar das suas cãs. Tão educado e tão limpo. Lembrava-lhe um pouco aquele capitão da Guarda Civil de Marbella, há muito tempo, de cujo nome se tinha esquecido.

- Estamos a menos de vinte e quatro horas do seu depoimento na Procuradoria-Geral.

Teresa permaneceu sentada, fumando, com as pernas cruzadas dentro das calças de seda preta. Olhando-o de baixo. Cómoda. Muito cuidadosa a pôr os pontos nos is.

- Deixe-me dizer-lhe, coronel. Eu não estou aqui na qualidade de prisioneira.

- Evidentemente que não.

- Se aceito a sua protecção é porque desejo aceitá-la. Mas ninguém pode impedir-me de ir aonde quiser... Foi esse o pacto.

Ledesma apoiou o peso do seu corpo numa bota e depois noutra. Agora, olhava para o doutor Gaviria, da Procuradoria-Geral do Estado, a sua ligação com as autoridades civis que conduziam o assunto. Gaviria também estava de pé, embora um pouco mais afastado, com Pote Gálvez atrás, encostado à moldura da porta, e com o ajudante militar do coronel - um jovem tenente - olhando, do corredor, por cima do ombro de Pote.

- Diga à senhora - suplicou o coronel - que o que me pede é impossível.

Gaviria deu razão a Ledesma. Era um indivíduo magrinho, agradável, vestido e barbeado com bastante correcção. Teresa olhou para ele fugazmente, deslizando a vista como se não o visse.

- Eu não lhe estou a pedir nada, coronel - disse ao tropa. - Limito-me a comunicar-lhe que pretendo ausentar-me daqui esta tarde durante hora e meia.

Que tenho um encontro na cidade... O senhor pode adoptar medidas de segurança ou não.

Ledesma abanava a cabeça, impotente.

- As leis federais proíbem-me de deslocar tropas pela cidade. Com essa gente que tenho lá fora já forçámos demais as letras miudinhas.

- E, por outro lado, as autoridades civis... - começou Gaviria a dizer.

Teresa apagou o cigarro no cinzeiro, com tanta força que se queimou entre as unhas.

- O senhor não se arrelie, doutor, que não é caso para tanto. Com as autoridades civis cumprirei a minha parte amanhã, como está previsto, à hora marcada.

- Seria necessário considerar que, em termos legais...

- Oiça. Tenho o Hotel San Marcos cheio de advogados que me custam uma pipa...

- apontou para o telefone. - A quantos quer que telefone?

- Pode ser uma armadilha - argumentou o coronel.

- Caramba! Não me diga.

Ledesma passou a mão pela cabeça. Depois deu alguns passos pelo aposento, seguido pelos olhos angustiados de Gaviria.

- Terei de consultar os meus superiores.

- Consulte quem quiser - disse Teresa. - Mas tenha presente uma coisa: se não me deixarem ir a este encontro, concluo que estou retida aqui, apesar dos compromissos do Governo. E isso desfaz o acordo... Além disso, lembro-lhes que, no México, não há acusações contra mim.

O coronel observou-a fixamente. Mordia o lábio inferior como se uma pelezinha o incomodasse. Começou a dirigir-se para a porta, mas parou a meio caminho.

- O que ganha em arriscar-se assim?

Era evidente que queria, de facto, compreender. Teresa descruzou as pernas, alisando com as mãos as rugas da seda preta. O que eu ganho ou perco, respondeu, é comigo e aos senhores tanto se lhes dá como se lhes deu. Disse-o dessa forma, calou-se e, imediatamente, ouviu o tropa suspirar ruidosamente. Outra troca de olhares entre ele e Gaviria.

- Pedirei instruções - disse o coronel.

- Eu também - completou o funcionário.

- Vão. Peçam o que tiverem de pedir. Enquanto isso, eu exijo um carro à porta às sete em ponto. Com aquele gajo - apontou para Pote Gálvez - lá dentro e bem armado... O que houver em volta ou por cima, coronel, é lá consigo.

Dissera-o olhando todo o tempo para Ledesma. E desta vez, pensou, posso permitir-me sorrir um pouco. Impressiona-os muito que uma mulher sorria enquanto lhes pisa os tomates. Que coisa, pá. Se calhar julgavas-te o Cavaleiro Solitário!

Zum, zum. Zum, zum. Ouviam-se os limpa-pára-brisas, monótonos, com a chuva repicando como uma saraivada de balas no tejadilho da Suburban. Quando o federal que conduzia fez rodar o volante para a esquerda e entrou na avenida Insurgentes, Pote Gálvez, que ocupava o assento contíguo ao condutor, olhou para um lado e para o outro e pôs as duas mãos sobre o corno de bode AK 47

que levava sobre os joelhos. Também trazia num dos bolsos do casaco um walkie-talkie ligado na mesma frequência que a rádio da Suburban e Teresa ouvia, no banco de trás, as vozes dos agentes e dos tropas que participavam na operação. Objectivo Um e Objectivo Dois, diziam. O Objectivo Um era ela.

E com o Objectivo Dois ia encontrar-se daí a nada.

Zum, zum. Zum, zum. Ainda era dia, mas o céu cinzento escurecia as ruas e algumas lojas tinham as luzes acesas. A chuva multiplicava os clarões luminosos

do pequeno comboio. A Suburban e a sua escolta - dois Ram federais e três carrinhas Lobo com magalas empoleirados atrás das metralhadoras - levantavam regueiros de água na torrente parda que enchia as ruas e corria na direcção do Tamazula, transvazando condutas e sarjetas. Havia uma franja negra no céu, ao fundo, recortando os edifícios mais altos da avenida, e outra franja avermelhada por baixo que parecia vencida pelo peso da outra.

- Uma barreira, patroa - disse Pote Gálvez.

Ouviu-se o corno de bode a ser destrancado e isso valeu ao pistoleiro uma olhadela inquieta, de soslaio, do condutor. Quando a ultrapassaram sem diminuir o andamento, Teresa viu que se tratava de uma barreira militar e que os tropas, com capacete de combate, R15 e M16 em posição, tinham mandado estacionar num dos lados dois carros da polícia e vigiavam sem qualquer disfarce os agentes que estavam lá dentro. Era evidente que o coronel Ledesma se fiava o menos possível e também que, depois de dar muitas voltas às leis que proibiam deslocar tropas dentro das cidades, o subcomandante da Nona Zona tinha descoberto a maneira de ignorar a letra miudinha - no fim de contas, o estado natural de um militar confinava sempre com o estado de sítio. Teresa viu mais tropas e federais colocados sob as árvores que dividiam os dois sentidos da avenida, com polícias de trânsito desviando a circulação para outras ruas. E ali mesmo, entre as linhas de caminho-de-ferro e o grande quadrado de cimento da Unidad Administrativa, a capela de Malverde parecia muito mais pequena do que a sua recordação de há doze anos.

Recordações. De repente compreendeu que, durante aquela longuíssima viagem de ida e volta, só tinha adquirido três certezas sobre a vida e os seres humanos: que matam, recordam e morrem. Porque chega uma altura, disse para consigo, em que se olha para a frente e só se vê o que se deixou para trás: cadáveres que foram ficando atrás das costas durante o caminho. Entre eles vagueia o teu e não o sabes. Até que finalmente o vês, e ficas a saber.

Procurou por si nas sombras da capela, na paz do banquinho colocado à direita da imagem do santo, na penumbra avermelhada das velas que ardiam com um crepitar mortício entre as flores e as oferendas penduradas na parede. A luz lá fora desaparecia agora muito depressa e a claridade intermitente vermelha e azul de um carro federal iluminava a entrada com clarões mais intensos à medida que o cinzento sujo da tarde escurecia. Parada diante do santo Malverde, observando o seu cabelo preto como que tingido num cabeleireiro, o casaco branco e o lenço ao pescoço, os olhos achinesados e a típica bigodaça mexicana, Teresa mexeu os lábios para rezar, como tinha feito tempos atrás - Deus avençoe o meu caminho e permita o meu regresso -; mas não conseguiu chegar a oração alguma. Talvez seja um sacrilégio, pensou de repente. Talvez não devesse ter combinado o

encontro neste sítio. Talvez o tempo me tenha tornado estúpida e arrogante e tenha chegado a hora de pagar por isso.

Na última vez que estive ali havia outra mulher olhando-a das sombras. Agora procurava-a sem a encontrar. A menos, decidiu, que eu seja a outra mulher, ou a tenha cá dentro, e a garina de olhos assustados, a bacanita que fugia com um saco e uma Doble Eagle nas mãos, se tenha convertido num desses espectros que vagueiam atrás de mim, olhando-me com olhos acusadores, ou tristes, ou indiferentes. Talvez a vida seja isso, e uma pessoa respire, ande, se mexa só para um dia olhar para trás e se ver ali. Para se reconhecer nas sucessivas mortes próprias e alheias a que nos condena cada um dos nossos passos.

Meteu as mãos nos bolsos da gabardina - uma camisola por baixo, calças de ganga, botas cómodas com sola de borracha - e tirou o maço de faritos. Acendia um na chama de uma vela de Malverde quando don Epifanio Vargas se recortou nos clarões vermelhos e azuis da porta.

- Teresita. Quanto tempo...

Continuava quase na mesma, avaliou. Alto, corpulento. Tinha pendurado o impermeável num gancho junto à porta. Fato escuro, camisa aberta sem gravata, botas bicudas. Com aquela cara que fazia lembrar os velhos filmes de Pedro Armendáriz. Tinha muitas cãs no bigode e nas fontes, mais algumas rugas, a cintura dilatada, talvez. Mas estava na mesma.

- Quase não te reconheço.

Deu alguns passos penetrando na capela depois de olhar para um lado e para o outro com receio. Observava Teresa fixamente, tentando relacioná-la com a outra mulher que tinha na memória.

- O senhor não mudou muito - disse ela. - Um pouco mais de peso, talvez. E os cabelos brancos.

Estava sentada no banco, junto da efígie de Malverde, e não se moveu ao vê-lo entrar.

- Tens alguma arma? - perguntou don Epifanio, cauteloso.

- Não.

- Que bom. A mim revistaram-me ali fora aqueles cabrões. Eu também não trazia.

Suspirou um pouco, olhou primeiro para Malverde iluminado pela luz trémula das velas e depois novamente para ela.

- Já vê. Acabei de fazer sessenta e quatro. Mas não me queixo. Aproximou-se até ficar muito perto, examinando-a de cima com atenção. Ela ficou como estava, sustentando o olhar.

- Julgo que as coisas te correram bem, Teresita.

- Ao senhor também não lhe correram mal.

Don Epifanio abanou a cabeça numa lenta afirmação. Pensativo. Depois sentou-se ao lado dela. Estavam exactamente como na vez passada, excepto ela não ter uma Doble Eagle nas mãos.

- Doze anos, não é verdade? Tu e eu neste mesmo sítio, com a famosa agenda do Gúero...

Deteve-se, dando-lhe tempo de misturar as suas recordações com as dele. Mas Teresa manteve-se em silêncio. Passados alguns instantes don Epifanio tirou um havano do bolso superior do casaco. Nunca imaginei, começou a dizer enquanto tirava a cinta. Mas parou novamente, como se acabasse de chegar à conclusão de que o nunca imaginado não tinha importância. Creio que todos nós te menosprezámos, acabou por dizer. O teu homem, eu próprio. Todos. Isso de "o teu homem" disse-o um pouco mais baixo e parecia que tentava fazê-lo passar despercebido entre o resto.

- Se calhar por isso continuo viva.

O outro reflectiu sobre aquilo enquanto juntava a chama de um isqueiro ao charuto.

- Não é um estado permanente nem garantido - concluiu com a primeira fumaça.

- Uma pessoa continua viva até deixar de o estar.

Fumaram um pouco os dois, sem se olharem. Ela tinha o seu cigarro quase consumido.

- O que fazes metida nisto?

Aspirou pela última vez a brasa entre os dedos. Depois deixou cair a beata e pisou-a com cuidado. Pois olhe, replicou, só a ajustar contas antigas.

Contas, repetiu o outro. Depois tornou a chupar o seu havano e emitiu uma opinião: essas contas, é melhor deixá-las como estão. Nem pensar, disse Teresa, se me fazem dormir mal.

- Tu não ganhas nada - argumentou don Epifanio.

- O que eu ganho, é cá comigo.

Durante alguns instantes ficaram a ouvir crepitar as velinhas do altar. Também as bâtegas de chuva que batiam no telhado da capela. Lá fora, continuava faiscando o azul e o vermelho do carro federal.

- Por que me queres lixar?... Isso é fazer o jogo dos meus adversários políticos.

Era um bom tom de voz, admitiu ela. Quase de afecto. Menos uma censura que uma pergunta magoada. Um padrinho traído. Uma amizade ferida. Nunca o vi como um mau tipo, pensou. Muitas vezes foi sincero e talvez continue a sê-lo.

- Não sei quem são os seus adversários, nem me interessa - respondeu. - O



senhor mandou matar o Gúero. E o Chino. E também Brenda e os miúdos.

Já que de afectos se tratava, por aqueles rumos iam os seus. Don Epifanio olhou para a brasa do charuto, franzindo o sobrolho.

- Não sei o que te contaram. De qualquer forma, isto é Sinaloa... És daqui e sabes quais são as regras.

As regras, disse Teresa lentamente, também incluem ajustar contas com quem tem culpas pendentes. Fez uma pausa e ouviu a respiração do homem atento às suas palavras. Mais tarde, acrescentou, também quis que me matassem a mim.

- Isso é mentira - don Epifanio parecia escandalizado. - Estiveste aqui, comigo. Protegi a tua vida... Ajudei-te a fugir.

- Refiro-me a mais tarde. Quando se arrependeu.

No nosso mundo, argumentou o outro depois de pensar um bocado, os negócios são complicados. Esteve a examiná-la depois de dizer isso, como quem espera um efeito calmante. De qualquer forma, acabou por acrescentar, compreenderia que me quisesses passar facturas tuas. És sinaloense e respeito isso. Mas meter-se com os gringos e com esses paus-mandados do Governo que me querem derrubar...

- O senhor não sabe com quem diacho me meti.

Disse-o sombria, com uma firmeza que deixou o outro pensativo, com o havano na boca e com os olhos semicerrados por causa do fumo, os clarões da rua alternando-o em sombras vermelhas e azuis.

- Diz-me uma coisa. Na noite em que nos vimos tu tinhas lido a agenda, não é verdade?... Sabias do Gúero Dávila... E no entanto não me dei conta.

Enganaste-me.

- A vida escapava-me.

- E desenterrar essas coisas antigas, porquê?

- Porque até agora não sabia que tinha sido o senhor quem pediu o favor ao Batman Gúemes. E o Gúero era o meu homem.

- Era um cabrão da DEA.

- No entanto, cabrão e da DEA, era o meu homem. Ouviu-o afogar uma maldição serrana enquanto se levantava.

A sua corpulência parecia encher o pequeno recinto da capela.

- Ouve - olhava para a efígie de Malverde, como se pusesse o santo padroeiro dos narcos por testemunha. - Eu sempre me portei bem. Era padrinho de vocês os dois. Apreciava o Gúero e apreciava-te a ti. Ele traiu-me e, apesar disso, protegi esse teu lindo coirinho... O outro assunto foi muito mais tarde, quando a tua vida e a minha tomaram caminhos diferentes... Agora o tempo passou e eu estou fora disso. Estou velho, e até netos tenho. Sinto-me bem na

política e o Senado permitir-me-á fazer coisas novas. Isso inclui beneficiar Sinaloa...

O que ganhas em prejudicar-me? Ajudar esses gringos que consomem metade das drogas do mundo e que decidem, de acordo com as suas conveniências, quando é que o narco é bom e quando é mau? Que financiavam com droga as guerrilhas anticomunistas do Vietname e que, mais tarde, vieram pedir-nos, aos mexicanos, para pagar as armas dos contra na Nicarágua?... Ouve, Teresita: esses que agora te usam fizeram-me ganhar uma pipa de dólares com a Nortena de Aviación, ajudando-me, além disso, a lavá-los no Panamá... Diz-me o que te oferecem agora os cabrões... Imunidade?... Dinheiro?

- Não se trata de uma coisa nem doutra. É mais complexo e mais difícil de explicar.

Epifanio Vargas voltara-se para olhá-la novamente. De pé junto ao altar, as velas envelheciam-lhe muito os traços.

- Queres que te conte - insistiu - quem me anda lixando na União Americana?...

Quem é que mais aperta a DEA?... Um fiscal federal de Houston que se chama Clayton, bastante ligado ao Partido Democrata... E sabes o que era, antes de o nomearem fiscal?... Advogado de defesa de narcos mexicanos e gringos e amigo íntimo de Ortiz Calderón, o director de intercepção aérea da Judicial Federal mexicana, que agora vive nos Estados Unidos como testemunha protegida depois de ter metido no bolso milhões de dólares... E no lado de cá, os que tentam dar cabo de mim são os mesmos que antes faziam negócios com os gringos e comigo: advogados, juízes, políticos que procuram tapar o sol com a peneira arranjando um bode expiatório... É a esses que queres ajudar, quilhando-me?

Teresa não respondeu. O outro esteve a olhar para ela durante algum tempo e depois abanou a cabeça, impotente.

- Estou cansado, Teresita. Trabalhei e lutei muito na vida. Era verdade e ela sabia-o. O camponês de Santiago de los Caballeros tinha andado de chinelo no pé entre as matas de feijões. Ninguém lhe ofereceu nada.

- Eu também estou cansada.

Continuava a observá-la, atento, à procura de uma brecha por onde pudesse esquadrihar o que ia na cabeça.

- Não há acordo possível, nesse caso - concluiu.

- Palpita-me que não.

A brasa do havano de don Epifanio brilhou-lhe junto à cara.

- Vim ver-te - disse, e agora o tom de voz era diferente - oferecendo-te todo o tipo de explicações... Talvez tas devesse, ou talvez não. Mas vim, tal como há

doze anos, quando precisaste.

- Sei disso e agradeço-o. O senhor nunca me fez outro mal além daquele que considerou imprescindível... Mas cada qual segue o seu caminho.

Um silêncio muito longo. A chuva continuava a cair sobre o telhado. O santo Malverde olhava impassível para o vazio com os seus olhos pintados.

- Tudo isso aí fora não garante nada - acabou Vargas por dizer. - E tu sabes disso. Em catorze ou dezasseis horas pode acontecer muita coisa...

Estou-me nas tintas, respondeu Teresa. É a sua vez de dar a tacada. Don Epifanio abanou afirmativamente a cabeça, repetindo aquilo da tacada, como se ela tivesse resumido bem o estado das coisas. Depois ergueu as mãos, deixando-as cair ao lado do corpo com desolação. Devia ter-te matado naquela noite, lamentou-se. Aqui mesmo. Disse-o sem paixão na voz, muito educado e objectivo.

Teresa olhava-o do banquinho, sem se mexer. Devia sim, disse com calma. Mas não o fez e agora cobro-lhe. E talvez tenha razão ao achar que a conta é excessiva. Na realidade trata-se do Gúero, do Gato Fierros, de outros homens que nem sequer conheceu. É o senhor quem, no fim, paga por todos eles. E eu também pago.

- Estás louca.

- Não... - Teresa levantou-se entre os clarões da porta e a luz avermelhada das velas. - O que estou é morta. A sua Teresita Mendoza morreu há doze anos e eu vim enterrá-la.

Apoiou a testa na janela meio embaciada do primeiro andar, sentindo a humidade refrescar-lhe a pele. As luzes do jardim faziam brilhar as bâtegas de água, transformando-as em milhares de gotas luminosas que se precipitavam à contraluz, entre os ramos das árvores, ou brilhavam suspensas na extremidade das folhas. Teresa tinha um cigarro nos dedos e a garrafa de Herradura Reposado estava em cima da mesa ao pé de um copo, do cinzeiro cheio, da Sig Sauer com os três carregadores de reserva. Na aparelhagem José Alfredo cantava: Teresa não sabia se era uma das canções que Pote Gálvez trazia sempre para ela, a cassete dos carros e dos hotéis, ou se fazia parte do enxoval da casa: La mitad de mi copa dejé servida, por seguirte lospasos no sépa' qué.

Estava assim há horas. Tequila e música. Recordações e presente desprovido de futuro. Maria a Bandida. Que se me acabe a vida. A noite do meu mal. Bebeu a metade do copo que lhe restava e encheu-a de novo antes de voltar para a janela, tentando que a luz do aposento não lhe recortasse demasiado o perfil.

Molhou novamente os lábios na tequila, cantarolando os versos da canção. Metade da minha sorte levaste-a contigo. Oxalá te sirva não sei com quem.

- Foram-se todos embora, patroa.

Voltou-se devagar, sentindo muito frio de repente. Pote Gálvez estava na porta, em mangas de camisa. Nunca se apresentava assim diante dela. Trazia um walkie-talkie numa mão, o seu revólver no coldre de cabedal preso ao cinto e parecia muito sério. Mortal. O suor colava-lhe a camisa ao tronco largo.

- Como, todos?

Olhou-a quase com reprovação. Para que pergunta, se o entende? Todos significa menos a senhora e o aqui presente. Isto dizia o pistoleiro sem o dizer.

- Os federais da escolta - esclareceu finalmente. - A casa está vazia.

- E para onde foram?

O outro não respondeu. Limitou-se a encolher os ombros. Teresa leu o resto nos seus olhos de nortenho desconfiado. Para detectar cachorros, Pote Gálvez não precisava de radar.

- Apaga a luz - disse.

O quarto ficou às escuras, iluminado apenas pela claridade do corredor e pelas luzes de fora. A aparelhagem fez clic e José Alfredo emudeceu. Teresa aproximou-se da janela e deu uma vista de olhos. Ao longe, atrás da grade da entrada, tudo parecia normal: viam-se soldados e carros sob os grandes candeeiros da rua. No jardim, no entanto, não viu movimento. Os federais que costumavam patrulhá-lo não se viam em lado nenhum.

- Quando foi a rendição, Pinto?

- Há quinze minutos. Veio um grupo novo e os outros foram-se embora.

- Quantos?

- Os do costume: três federais em casa e seis no jardim.

- E o rádio?

Pote carregou duas vezes no botão do walkie-talkie e mostrou-lhe. Népias, patroa. Ninguém diz nada. Mas se quiser podemos falar aos magalas. Teresa abanou a cabeça. Foi até à mesa, empunhou a Sig Sauer e meteu os três carregadores de reserva nos bolsos das calças, um em cada bolso de trás e outro no dianteiro da direita. Pesavam bastante.

- Esquece-te deles. Estão demasiado longe - destrancou a pistola, clac, clac, um chumbo na câmara e quinze no carregador, e meteu-a na cintura. - Além disso, se calhar estão de acordo.

- Vou dar uma vista de olhos - disse o pistoleiro. - Com licença.

Saiu do quarto com o revólver numa mão e o walkie-talkie na outra, enquanto Teresa se aproximava novamente da janela. Uma vez aí espreitou com cuidado para observar o jardim. Parecia tudo em ordem.

Por instantes julgou ver dois vultos negros movendo-se entre alguns maciços de flores, sob as grandes mangueiras. Nada mais, e nem sequer tinha a certeza disso.

Tocou na coronha da pistola, resignada. Um quilo de aço, chumbo e pólvora: não era grande coisa para o que podiam estar a organizar-lhe lá fora. Tirou as escravas do pulso, guardando no bolso livre as sete argolas de prata. Não convinha ir fazendo barulho como se tivesse uma cascavel. A sua cabeça funcionava sozinha há algum tempo, assim que Pote Gálvez lhe veio dar notícias da alhada. Números a favor e contra, balanços. O possível e o provável. Calculou uma vez mais a distância que separava a casa da cancela principal e dos muros e reviu o que nos últimos dias tinha registado na memória: lugares protegidos e descobertos, rotas possíveis, armadilhas a evitar. Tinha pensado tanto em tudo isso que, ocupada agora a revê-lo ponto por ponto, nem teve tempo de sentir medo. A não ser que o medo, nessa noite, fosse aquela sensação de desamparo físico: carne vulnerável e solidão infinita.

A Situação.

Tratava-se disso mesmo, confirmou de chofre. Na realidade não vinha a Culiacán para testemunhar contra don Epifanio Vargas, mas para que Pote Gálvez dissesse estamos sós, patroa, e para se sentir como agora, com a Sig Sauer metida na cintura, disposta a passar a prova. Pronta para atravessar a porta escura que durante doze anos teve diante dos olhos roubando-lhe o sono nas madrugadas sujas e cinzentas. E quando voltar a ver a luz do dia, pensou, se é que chego a vê-la, tudo será diferente. Ou não.

Afastou-se da janela, foi até à mesa e bebeu um último gole de tequila. Deixo servido meio copo, pensou. Para depois. Ainda sorria no seu íntimo quando Pote Gálvez se perfilou na claridade da porta. Trazia uma espingarda automática e, ao ombro, um saco de lona com aspecto pesado. Teresa levou automaticamente a mão à pistola, mas parou a meio caminho. O Pinto não, disse para consigo.

Prefiro voltar as costas e que me mate, a desconfiar dele e ele se aperceba.

- Bora, patroa - disse o pistoleiro. - Armaram-nos uma rasteira que nem a do Coiote (2). Rotos dum raio.

*\*(2) O Coiote é uma personagem de um corrido de José Alfredo Jiménez a quem matam numa emboscada. (N. da T.)*

- Federais ou tropas?... Ou ambos?

- Eu diria que é coisa dos federais, e que os outros ficam a ver. Mas qualquer um deles sabe. Peço ajuda pela rádio?

Teresa riu-se. Ajuda a quem, perguntou. Se foram todos engolir tacos de cabeça de vaca e vampiros (3) para a Durango... Pote Gálvez ficou a olhar para ela, coçou a cabeça com o canhão da AK e depois desenhou um sorriso entre aturdido e feroz. Essa é a verdade, patroa, acabou por dizer, compreendendo.

Far-se-á o que se puder. Disse isto e os dois ficaram a olhar um para o outro, entre a luz e a sombra, como nunca se tinham olhado antes. Então Teresa riu-se de novo, sincera, com os olhos muito abertos e inspirando ar até bem ao fundo e Pote Gálvez abanou a cabeça de cima para baixo como quem entende uma boa piada. Isto é Culiacán, patroa, disse o pistoleiro, e que fixe é rir-se agora.

Oxalá aqueles cachorros pudessem vê-la antes de lhes curarmos a tosse, ou vice-versa. Pois se calhar rio-me de puro medo de morrer, disse ela. Ou de medo que me doa enquanto morro. E o outro concordou outra vez e disse: pois veja lá que é como todos, patroa, ou pensou o quê? Mas isso de esticar o pernil leva o seu tempinho. E enquanto morremos ou não, também outros morrem.

Ouvir. Ruídos, rangidos, rumor de chuva nos vidros e no telhado. Evitar que as palpitações do coração, o bater do sangue nas veias minúsculas que correm no interior dos ouvidos, ensurdeçam tudo. Calcular cada passo, cada olhadela.

A imobilidade com a boca seca e a tensão que sobe dolorosa pelas coxas e pelo ventre até ao peito, cortando a pouca respiração a que ainda se permite. O peso da Sig Sauer na mão direita, a palma da mão apertada em redor da coronha.

O cabelo que se afasta da cara porque se cola aos olhos. A gota de suor que desliza até à pálpebra e que arde no canal lacrimal e que se acaba limpando dos lábios com a ponta da língua. Salgada.

A espera.

Outro rangido no corredor, ou talvez nas escadas. O olhar de Pote Gálvez na porta da frente, resignado, profissional.

*\*(3) Tacos de carne típicos de Sinaloa. (N. da T.)*

Ajoelhado na sua falsa gordura, escondendo metade da cara atrás do caixilho da porta, com o corno de bode preparado, desprovido de coronha para manejar mais comodamente, um carregador com trinta tiros metido e outro preso com masking tape a esse, de boca para baixo, pronto para dar-lhe a volta e trocá-lo assim que o primeiro ficar vazio.

Mais rangidos. Nas escadas.

Deixei servido, murmura Teresa sem palavras, metade do meu copo. Sente-se vazia por dentro e lúcida por fora. Não há reflexões nem pensamentos. Nada que não seja repetir absurdamente o estribilho da canção e treinar os sentidos a interpretar ruídos e sensações. Há um quadro no fim do corredor, em cima do início das escadas: cavalos negros que galopam numa imensa planície verde.

À frente de todos eles vai um cavalo branco. Teresa conta os cavalos: quatro pretos e um branco. Conta-os da mesma forma que contou os doze barotes do

varandim que dá para o buraco das escadas, as cinco cores da vidraça que se abre para o jardim, as cinco portas deste lado do corredor, os três apliques de candeeiros das paredes e do tecto. Também conta mentalmente a bala na câmara e as quinze no carregador, o primeiro tiro em dupla acção, um bocadinho mais duro e depois os restantes já saem sozinhos, e assim um atrás do outro, os quarenta e cinco das munições de reserva que lhe pesam nos carregadores que traz nos bolsos das calças de ganga. Há para queimar, embora tudo dependa do que trouxeram os sacanas. De qualquer forma, é a recomendação de Pote Gálvez, é melhor ir queimando pouco a pouco, patroa. Sem nervos e sem pressas, degrau a degrau. Dura mais e desperdiça-se menos. E, se o chumbo acabar, atire-lhes insultos, que também doem.

Os rangidos são passos. E sobem.

Uma cabeça espreita com precaução pelo patamar. Cabelo preto, jovem. Um tronco e outra cabeça. Vêm com as armas à frente, canhões que se movem desenhando arcos à procura de alguma coisa sobre a qual disparar. Teresa estende o braço, olha de soslaio para Pote Gálvez, sustém a respiração, prime o gatilho. A Sig Sauer salta cuspidando trovões, bum, bum, bum, e antes de soar o terceiro engolem todo o ruído do corredor as rajadas curtas da AK do pistoleiro, raaaca, ouve-se, raaaca, raaaca, e o corredor enche-se de fumo acre e, entre o fumo, vê-se desfazer-se em fragmentos e lascas metade dos barrotes da escada, raaaca, raaaca, e as duas cabeças desaparecem e no andar de baixo há vozes gritando e ruído de gente que corre; e nisso Teresa deixa de disparar e afasta a arma porque Pote, com uma agilidade inesperada para um tipo com as suas dimensões, se levanta e corre agachado na direcção da escada, raaaca, raaaca, faz novamente a sua automática a meio caminho e, uma vez aí, mete a AK com o cano para baixo, sem apontar, dispara outra rajada, procura uma granada no saco que leva ao ombro, tira-lhe a cavilha com os dentes como nos filmes, atira-a pelo buraco das escadas, regressa com uma corridinha curta, agachado, e aterrada de barriga no chão enquanto o buraco das escadas faz pum-pumbaaa e, entre fumo e ruído e um embate de ar quente que dá na cara de Teresa, o que havia nas escadas, cavalos incluídos, acaba de ir para o galheiro.

Vem aí um trinta e um!

Agora apaga-se de repente a luz em toda a casa. Teresa não sabe se isso é bom ou mau. Corre até à janela, olha para fora e verifica que o jardim também ficou às escuras e que as únicas luzes são as da rua, no outro lado dos muros e da grade. Corre agachada de regresso à porta, tropeça com a mesa e derruba-a com tudo o que tem em cima, a tequila e o tabaco para o caraças, deita-se novamente, metendo meia cara e a pistola de fora. O buraco das escadas é um poço semi-negro, fracamente iluminado pela claridade que entra pela vidraça partida que dá

para o jardim.

- Como está, patroa?

A voz de Pote Gálvez foi um murmúrio. Bem, responde Teresa baixinho. Bastante bem. O pistoleiro não diz mais nada. Adivinha-o na penumbra, três metros afastado, no outro lado do corredor. Pinto, sussurra. O diacho da tua camisa branca vê-se a milhas. Não há nada a fazer, responde o outro. Não é coisa que agora se possa mudar.

- Está a portar-se bem, patroa. Conserve as munições.

Por que não terei medo, agora?, interroga-se Teresa. A quem diacho penso que está a acontecer tudo isto? Toca na testa com uma mão seca, gelada e empunha a pistola com uma mão molhada de suor. Que alguém me diga qual destas mãos é minha.

- Aí vêm os filhos da mãe - sussurra Pote Gálvez, apontando a automática.

Raaaaca. Raaaca. Rajadas curtas como as anteriores, com os cartuchos de 7.62 repicando ao cair no chão por toda a parte, o fumo concentrado entre as sombras causando ardor na garganta, clarões da AK do pistoleiro, clarões da Sig Sauer que Teresa empunha com ambas as mãos, bum, bum, bum, abrindo a boca para que os estampidos não lhe metam os tímpanos para dentro, atirando na direcção dos clarões que surgem das escadas com zumbidos que passam, ziaaang, ziaaang, estalam sinistros contra o estuque das paredes e a madeira das portas, e causam um estrépito de vidros partidos ao bater nas janelas do outro lado do corredor.

O cão da pistola parado atrás de repente, clic, clac, sem mais tiros para dar, e Teresa desconcertada, até cair em si e carregar no botão para expulsar o carregador vazio, metendo outro, o que tinha no bolso dianteiro das calças de ganga e ao soltar o cão este mete uma bala. Prepara-se para atirar de novo mas contém-se, porque Pote tem meio corpo fora do abrigo e outra granada sua está a rolar pelo corredor até às escadas e, desta vez, o clarão é enorme na escuridão, pum-pumbaaa de novo, cabrões, e quando o pistoleiro se levanta e corre agachado na direcção do buraco, com a automática em posição, Teresa levanta-se também e corre ao lado dele, e chegam juntos ao varandim desfeito e, ao espreitar para varrer tudo lá em baixo aos tiros, os clarões dos seus disparos iluminam pelo menos dois corpos deitados entre os escombros dos degraus.

Porra. Doem-lhe os pulmões de respirar tanta pólvora. Contém a tosse o melhor que pode. Não sabe quanto tempo passou. Tem muita sede. Não tem medo.

- Quantas munições, patroa?

- Poucas.

- Aí vão.



Na escuridão, pelo ar, agarra dois dos carregadores cheios que lhe atira Pote Gálvez e foge-lhe o terceiro. Procura-o às apalpadelas pelo chão e mete-o num dos bolsos traseiros.

- Ninguém vai ajudar-nos, patroa?
- Não me lixes.
- Os tropas estão lá fora... O coronel parecia decente.
- A jurisdição dele acaba no gradeamento da rua. Teríamos de chegar lá.
- Nem pensar. Muito longe.
- Sim. Muito longe.

Rangidos e passos. Empunha a pistola e aponta para as sombras, apertando os dentes. Talvez tenha chegado a hora, pensa. Mas não sobe ninguém. Bolas. Falso alarme.

De súbito andam por ali e não os ouviram subir. Desta vez a granada que rola pelo chão é dirigida a ambos e Pote Gálvez tem o tempo exacto de a avisar.

Teresa roda para dentro, cobrindo a cabeça com as mãos e a explosão revela a porta e ilumina o corredor como se fosse de dia. Surda, demora a compreender que o ruído longínquo que ouve é das rajadas furiosas que Pote Gálvez dispara.

E eu também deveria fazer alguma coisa, pensa. De modo que se levanta cambaleando pelo choque da explosão, agarra na pistola, vai de joelhos até à porta, apoia uma mão no marco, põe-se de pé, sai e começa a disparar às cegas, bum, bum, bum, clarões entre clarões enquanto o ruído aumenta e se torna cada vez mais claro e próximo e de súbito se vê diante de sombras negras que vêm na sua direcção entre relâmpagos de luz cor-de-laranja, azul e branca, bum, bum, bum, e há balas que passam, ziaaang, e estalam nas paredes por toda a parte, até que, por trás, num dos lados, sob o seu próprio braço esquerdo, o cano da AK de Pote Gálvez se junta à festa, raaaaca, raaaaca, desta vez não com rajadas curtas mas interminavelmente longas, cabrões, ouve-o gritar, cabrões, e compreende que alguma coisa corre mal e que talvez lhe tenham acertado a ele ou acertado a ela, que se calhar ela própria está a morrer nesse momento e não sabe. Mas a sua mão direita continua a apertar o gatilho, bum, bum, e se disparo é porque continuo viva, pensa. Disparo logo existo.

De costas contra a parede, Teresa mete o seu último carregador na coronha da Sig Sauer. Está espantada por não ter nem um arranhão. Rumor de chuva lá fora, no jardim. Às vezes, ouve Pote Gálvez gemer entre dentes.

- Estás ferido, Pinto?
- Fiz asneira da grossa, patroa... Algum chumbo apanhei. -Dói?
- Como o caraças. P'ra que lhe vou dizer que não?
- Pinto.
- Diga.

- Isto aqui está fodido. Não quero que nos cacem sem munições, como coelhos.

- Então, ordene. A senhora manda.

O alpendre, decide. É um telhado saliente com arbustos em baixo, na outra ponta do corredor. A janela que fica por cima não é problema porque, a esta hora, não lhe resta um vidro inteiro. Se chegarem aí poderão saltar para o jardim e abrir caminho depois, ou tentar fazê-lo, até ao gradeamento da entrada ou até ao muro que dá para a rua. A chuva tanto pode estorvar como salvar-lhes a vida. E os militares também podem atirar sobre eles, mas esse é mais um risco a correr. Há jornalistas lá fora e gente a ver. Não é tão fácil como em casa.

E don Epifanio Vargas pode comprar muita gente, mas ninguém consegue comprar toda a gente.

- Podes mexer-te, Pinto?

- Veja lá bem que sim, patroa. Que posso.

- A ideia é a janela do corredor e para o jardim.

- A ideia é a que a senhora quiser.

Já aconteceu uma vez, pensa Teresa. Aconteceu uma coisa parecida e Pote Gálvez também lá estava.

- Pinto.

- Mande.

- Quantas granadas restam?

- Uma.

- Então, bute.

A granada ainda rolava quando desataram a correr pelo corredor e o estampido surpreendeu-os junto à janela. Ouvindo atrás de si as rajadas da automática que o pistoleiro dispara, Teresa passa as pernas pelo caixilho, tentando não se ferir nos estilhaços de vidro; mas ao apoiar a mão esquerda, corta-se. Sente o líquido denso e morno correr-lhe pela palma da mão enquanto chega ao exterior, com a chuva fustigando-lhe a cara. As telhas do beiral rangem sob os seus pés. Mete a pistola na cintura antes de se deixar escorregar pela superfície molhada, travando com o algeroz que desce do telhado. Depois, pendurando-se um instante, deixa-se cair.

Chapinha na lama, novamente de pistola na mão. Pote Gálvez aterra ao seu lado.

Uma pancada. Um gemido de dor.

- Corre, Pinto. Na direcção do muro.

Não há tempo. Um feixe de luz, vindo da casa, procura-os com urgência e começam outra vez os clarões. Desta vez as balas fazem chiu-chiu ao afundar-se nos charcos. Teresa levanta a Sig Sauer. Desde que toda esta merda não a entupa,

pensa. Dispara tiro a tiro com cuidado, sem perder a cabeça, descrevendo um arco, e depois atira-se de bruços para a lama. De repente verifica que Pote Gálvez não dispara. Volta-se para o ver e, à luz distante da rua, vê-o reclinado num pilar do alpendre, no outro lado.

- Sinto muito, patroa... - ouve-o sussurrar. - Agora foderam-me bem fodido.

- Onde?

- A meio da barriga... E não sei se é chuva ou sangue, mas correm litros que dá gosto.

Teresa morde os lábios sujos de lama. Olha para as luzes atrás do gradeamento, os candeeiros da rua que marcam o perfil das palmeiras e das mangueiras. Vai ser difícil, comprova, conseguiu-lo sozinha.

- E a automática?

- Aí mesmo... Entre os dois... Meti-lhe um carregador duplo, cheio, mas escapou-me das mãos quando me acertaram.

Teresa levanta-se um pouco para ver. A AK está jogada nos degraus do alpendre.

Uma rajada vinda da casa obriga-a a colar-se novamente ao chão.

- Não chego.

- A sério que o sinto.

Olha outra vez para a rua. Há gente apinhada atrás do gradeamento, sirenes policiais. Uma voz diz alguma coisa num megafone, mas ela não consegue entender. Entre as árvores, à esquerda, ouve chapinhar. Passos. Talvez uma sombra. Alguém tenta um cerco por aquele lado. Espero, pensa de súbito, que estes cabrões não tenham visores nocturnos.

- Preciso da automática - diz Teresa.

Pote Gálvez demora a responder. Como se pensasse.

- Já não consigo disparar, patroa - acaba por dizer. - Não tenho pulso... Mas posso tentar aproximá-lo.

- Não me lixes. Dão cabo de ti, se puseres o focinho de fora.

- Estou-me a cagar. Quando se acaba, acaba-se e não há nada a fazer.

Outra sombra chapinhando entre as árvores. O tempo está-se a acabar, compreende Teresa. Mais dois minutos e o único caminho possível deixa de o ser.

- Pote.

Um silêncio. Ela nunca o tinha chamado assim, pelo nome.

- Mande.

- Aproxima-me o raio da automática.

Outro silêncio. Ruído da chuva nos charcos e nas folhas das árvores. Depois, ao fundo, a voz apagada do pistoleiro: - Foi uma honra conhecê-la, patroa.

- Digo o mesmo.

Este é o corrido do cavalo branco, Teresa ouve Potemkin Gálvez cantarolar.

E com essas palavras nos ouvidos, arfando de fúria e desalento, ela empunha a Sig Sauer, ergue-se um pouco e começa a disparar na direcção da casa para cobrir o seu homem. Então a noite explode de novo em clarões e as balas estalam contra o alpendre e contra os troncos das árvores; e, recortado em tudo isso, vê levantar-se a silhueta rechonchuda do pistoleiro entre a claridade dos balázios, coxeando na direcção dela, angustiosamente devagar, enquanto as balas se multiplicam por toda a parte e acertam, uma após outra, no corpo dele, desengonçando-o como um boneco ao qual partissem as articulações, até desabar de joelhos sobre a espingarda automática. E é um homem morto que, no último impulso de agonia, levanta a arma pelo cano e a atira para a frente, às cegas, na direcção aproximada onde calcula que Teresa deve estar, antes de rolar pelos degraus e cair de bruços na lama.

Então ela grita. Filhos duma grandessíssima puta, diz arrancando as entranhas naquele uivo, esvazia o que lhe resta da pistola contra a casa, atira-a ao chão, agarra na automática e desata a correr afundando-se na lama, na direcção das árvores à esquerda por onde antes viu fugir as sombras, com os ramos baixos e os arbustos fustigando-lhe a cara, cegando-a com a água e a chuva.

Uma sombra mais precisa do que as outras, a automática junto à cara, uma rajada curta e o coice que a atinge no queixo, magoando-a. Aquilo salta como o caraças.

Clarões atrás e num dos lados, o gradeamento e o muro mais perto que antes, gente na rua iluminada, a voz no megafone que continua a encadear palavras incompreensíveis. A sombra já não se vê e, ao correr encurvada, com a automática candente nas mãos, Teresa vê um vulto escondido. O vulto mexe-se; de modo que, sem parar, aproxima o cano da AK, puxa o gatilho e dá-lhe um tiro ao passar.

Não creio que o consiga, pensa assim que o clarão se extingue, agachando-se o mais que pode. Não creio. Mais disparos atrás e o ziaaang ziaaang que lhe soa perto da cabeça, como velozes moscas de chumbo. Volta-se e aperta novamente o gatilho, a automática salta-lhe nas mãos com o diacho do coice, e o clarão dos seus próprios tiros ofusca-a enquanto muda de posição, exactamente no momento em que alguém criva de balas o sítio onde estava há um segundo. Vai-te lixar, cabrão. Outra sombra à frente. Passos correndo atrás, pelas costas.

A sombra e Teresa atiram um ao outro à queima-roupa, tão perto que vislumbra o rosto à claridade rápida dos disparos: um bigode, olhos muito abertos, uma boca branca. Quase o empurra com o cano da automática seguindo em frente enquanto o outro cai de joelhos entre os arbustos. Ziaaaaang. Ouvem-se

mais balas procurando-a, tropeça, roda pelo chão. A automática faz clic, clac.

Teresa atira-se de costas para a lama, arrastando-se assim, com a chuva a correr-lhe pela cara, enquanto carrega na alavanca, extrai o longo carregador curvo duplo, dá-lhe a volta rogando que não tenha muita lama na munição. A arma pesa-lhe na barriga. Últimas trinta balas, comprova, chupando as que saem do carregador, para as limpar. Mete-o. Clac. Destranca puxando o cão para trás com força. Clac, clac. Então, do gradeamento próximo, chega a voz admirada de um soldado ou de um polícia: - Bora, minha narca!... Mostre-lhes como morre uma sinaloense!

Teresa olha para a cerca, aturdida. Indecisa entre amaldiçoar ou rir-se.

Ninguém dispara agora. Põe-se de joelhos e depois levanta-se. Cospe barro amargo que sabe a metal e a pólvora. Corre em ziguezague entre as árvores, mas faz muito ruído a chapinhar. Mais estampidos e clarões nas suas costas.

Julga ver outras sombras que deslizam junto ao muro, embora não tenha a certeza.

Atira uma rajada curta à direita e outra à esquerda, filhos duma, murmura, corre mais cinco ou seis metros e agacha-se de novo. A chuva transforma-se em vapor ao cair no cano ardente da arma. Agora está bastante perto do muro e da cerca para verificar que esta está aberta, distinguir as pessoas que ali estão, deitadas e agachadas atrás dos carros, e ouvir as palavras que se repetem no megafone: - Venha nesta direcção, senhora Mendoza... Somos militares da Nona Zona...

Protegê-la-emos...

Podiam proteger-me um bocadinho mais para cá, pensa. Porque me faltam vinte metros e são os mais longos da minha vida. Certa de que não chegará a franqueá-los, ergue-se entre a chuva e despede-se, um por um, dos velhos fantasmas que a acompanharam durante tanto tempo. Vemo-nos por aí, pá. Sinaloa dum raio, diz para si em jeito de remate. Outra rajada à direita e outra à esquerda. Depois aperta os dentes e desata a correr, tropeçando na lama.

Cansada a ponto de cair, ou quase, mas desta vez ninguém dispara. De modo que pára de repente, surpreendida, roda sobre si própria e vê o jardim escuro e, ao fundo, a casa nas sombras. A chuva fura a lama diante dos seus pés enquanto caminha devagar em direcção à grade, com a automática numa mão, em direcção às pessoas que a olham dali, militares de capotes brilhantes de chuva, federais à paisana e fardados, carros com clarões luminosos, câmaras de televisão, gente deitada nos passeios, sob a chuva. Flashes.

- Atire a arma, senhora.

Olha para os focos que a cegam, aturdida, sem compreender o que dizem. Por fim, levanta um pouco a AK, olhando para ela como se se tivesse esquecido

que a levava na mão. Pesa muito. Uma pipa. De modo que a deixa cair ao chão e começa novamente a andar. Caramba, diz para consigo, atravessando a grade. Estou morta de cansaço. Espero que algum filho da mãe tenha um cigarro.

## EPÍLOGO

Teresa Mendoza compareceu às dez da manhã na Procuradoria-Geral de Justiça do Estado, com a calle Rosales cortada ao trânsito por carrinhas militares e soldados com equipamento de combate. O comboio chegou a toda a velocidade entre ruído de sirenes, as luzes brilhando sob a chuva. Havia homens armados nas varandas dos prédios, uniformes cinzentos de federais e verdes de soldados, barreiras nas esquinas das calles Morelos e Rubi, e o centro histórico parecia o de uma cidade em estado de sítio. Da entrada da Escuela Libre de Derecho, onde fora destinado um espaço para jornalistas, vimo-la descer da Suburban blindada com vidros fumados e passar sob o arco de ferro forjado da Procuradoria, em direcção ao pátio neocolonial de candeeiros de ferro e colunas de cantaria. Eu estava com Júlio Bernal e Élmér Mendoza, e só conseguimos vê-la por um momento iluminada pelos flashes dos fotógrafos que disparavam as suas máquinas, no curto trajecto da Suburban até à entrada, rodeada de agentes e de soldados, sob o guarda-chuva com que a protegiam do aguaceiro. Séria, elegante, vestida de preto, gabardina escura, carteira de pele preta e a mão esquerda ligada. O cabelo penteado para trás com risco ao meio, apanhado num carrapito sob a nuca, com dois brincos de prata.

- Aí vai uma gaja com tomates - disse Élmér.

Passou lá dentro uma hora e cinquenta minutos, diante da comissão formada pelo procurador da Justiça de Sinaloa, o comandante da Nona Zona, um subprocurador geral da República vindo do Distrito Federal, um deputado local, um deputado federal, um senador e um notário com funções de secretário. E talvez, enquanto se sentava e respondia às perguntas que lhe formulavam, possa ter visto em cima da mesa os títulos dos jornais de Culiacán daquela manhã: Batalha em Chapultepec. Quatro federais mortos e três feridos defendendo a testemunha. Também faleceu um pistoleiro. E outro mais sensacionalista em matéria de escândalos policiais: Narca pisgou-se-lhes por entre os dedos. Mais tarde disseram-me que os membros da comissão, impressionados, a trataram desde o princípio com extrema deferência, que até o general, comandante da Nona Zona, lhe pediu desculpa pelas falhas de segurança e que Teresa Mendoza ouviu limitando-se a inclinar um pouco a cabeça.

E quando, ao acabar o seu depoimento, todos se levantaram e ela fez o mesmo, disse obrigada, cavalheiros, e se dirigiu para a porta, a carreira política de don Epifanio Vargas estava destruída para sempre.

Vimo-la reaparecer na rua. Atravessou o arco e saiu para o exterior protegida por guarda-costas e militares, com os flashes fotográficos brilhando contra a fachada branca, enquanto a Suburban punha o motor a trabalhar e vinha devagar ao seu encontro. Então reparei que ela parava, olhando em volta como se procurasse alguma coisa entre as pessoas. Talvez um rosto ou uma recordação.

Depois fez uma coisa estranha: meteu uma mão na carteira, remexeu lá dentro e tirou um papelinho ou uma fotografia, contemplando-o por uns instantes.

Estávamos demasiado longe, de modo que avancei empurrando os jornalistas, tentando ver de mais perto, até um soldado me ter impedido a passagem. Podia ser, pensei, a velha meia fotografia que eu vira nas suas mãos durante a minha visita à casa do bairro Chapultepec. Mas àquela distância era impossível comprová-lo.

Nessa altura rasgou-o. Fosse o que fosse, papel ou fotografia, vi como o rasgava em pedacinhos pequeninos antes de atirar tudo para o chão molhado. Depois a Suburban interpôs-se entre ela e nós e essa foi a última vez que a vi.

Naquela tarde, Júlio e Élmer levaram-me a La Ballena - o bar predilecto do Gúero Dávila - e pedimos três Pacífico médias enquanto ouvíamos os Tigres del Norte cantar Carne quemada na juke-box. Bebíamos os três em silêncio, olhando para outros rostos silenciosos em volta. Algum tempo depois soube que Epifanio Vargas tinha perdido por aqueles dias a sua condição de deputado e que passou uns tempos retirado na prisão de Almoloya enquanto se decidia a sua extradição solicitada pelo Governo dos Estados Unidos; uma extradição que, após um longo e escandaloso processo, a Procuradoria-Geral da República acabou recusando.

Quanto às outras personagens desta história, cada qual seguiu o seu caminho.

O presidente da Câmara Tomás Pestana continua à frente dos destinos de Marbella. Também o ex-comissário Nino Juárez permanece como chefe de segurança de uma cadeia de lojas de moda, convertida numa poderosa multinacional. O advogado Eddie Álvarez dedica-se agora à política em Gibraltar, onde um seu cunhado é ministro da Economia e Trabalho. E a Oleg Yasikov pude entrevistá-lo algum tempo depois, quando o russo cumpria uma breve estadia na cadeia de Alcalá-Meco por um confuso assunto de imigrantes ucranianas e tráfico de armas.

Acabou por se revelar um tipo surpreendentemente amável, falou da sua antiga amiga com poucas inibições e muito afecto e chegou a contar-me algumas coisas de interesse que consegui incorporar à última hora nesta história.

De Teresa Mendoza nunca mais se soube. Há quem garanta que mudou de identidade e de rosto e que vive nos Estados Unidos. Florida, dizem. Ou Califórnia. Outros afirmam que regressou à Europa, com a sua filha, ou filho, se é que o chegou a ter. Fala-se de Paris, Maiorca, Toscana; mas na verdade ninguém sabe nada.

Quanto a mim, naquele último dia diante da minha garrafa de cerveja em La Ballena, Culiacán, ouvindo canções da juke-box entre fregueses bigodudos e silenciosos, lamentei carecer de talento para resumir tudo em três minutos de música e palavras. O meu ia ser, que remédio, um corrido de papel impresso e de mais de quatrocentas páginas. Cada um faz o que pode. Mas tinha a certeza de que, em qualquer sítio, ali perto, alguém estaria já a compor a canção que rapidamente iria correr por toda Sinaloa e por todo o México, cantada pelos Tigres ou pelos Tucanes, ou por algum outro grupo lendário. Uma canção que aqueles indivíduos de aspecto rude, com grandes bigodaças, camisas aos quadrados, bonés de basebol e tejanas (1) de palma que nos rodeavam a Júlio, a Elmer e a mim no mesmo bar - quem sabe se na mesma mesa - onde esteve sentado o Gúero Dávila, ouviriam gravemente quando tocasse na juke-box, cada um com a sua Pacífico média na mão, concordando em silêncio. A história da Rainha do Sul. O corrido de Teresa Mendoza.

### ***La Navata, Maio de 2002***

*\*(1) Chapéu típico do Texas e bastante comum no México, uma vez que os revolucionários mexicanos do tempo de Pancho Villa o adoptaram quase como símbolo. (n. da T.)*

Há romances complexos, que devem muito a muitos. Além de César Batman Gúemes, Elmer Mendoza e Júlio Bernal - meus compinchas de Culiacán, Sinaloa -, A Rainha do Sul nunca teria sido possível sem a amizade do melhor piloto de helicóptero do mundo: Javier Collado, a bordo de cujo BO-105 vivi muitas noites de caça nocturna perseguindo lanchas voadoras no Estreito. A Chema Beceiro, patrão de uma lancha turbo HJ da Aduana, devo a reconstrução minuciosa da última viagem por mar de Santiago Fisterra, pedra de León incluída. A minha dívida de gratidão inclui Patsi O'Brien e as suas fiéis recordações carcerárias, a assessoria técnica de Pepe Cabrera, Manuel Céspedes, José Bedmar, José Luis Domínguez Iborra, Júlio Verdú e Aurélio Carmona, a amizade generosa de Sealtiel Alatríste, Oscar Lobato, Eddie Campello, René Delgado, Miguel Tamayo e Germán Dehesa, o entusiasmo das minhas editoras Amaya Elezcano e Marisol Schulz, o implacável espírito holmesiano de Maria



José Prada e a sombra protectora da sempre fiel Ana Lyons; sem esquecer Sara Velez que emprestou o seu rosto para a ficha policial e para a fotografia de juventude da sua compatriota Teresa Mendoza. Excepto alguns dos nomes antes citados, que aparecem com a sua identidade real no romance, o resto - pessoas, direcções, sociedades, embarcações, lugares - é ficção ou foi utilizado com a liberdade que é privilégio do romancista. Quanto aos outros nomes que por razões óbvias não podem ser mencionados aqui, eles sabem quem são, quanto lhes deve o autor e quanto lhes deve esta história.

Arturo Pérez-Reverte, escritor espanhol, nasceu a 25 de Novembro de 1951 em Cartagena. Licenciado em Ciências Políticas e Jornalismo durante mais de vinte anos cobriu a maior parte dos conflitos internacionais como repórter. Em 2003 ingressa na Real Academia Espanhola. Como escritor, estreou-se com o romance Elhúsar(1986), a que se seguiram O Mestre de Esgrima (1988), A Tábua de flandres (1990), O Clube Dumas (1993), Território Comanche (1994), A Pele do Tambor (1995), Cemitério dos Barcos sem Nome (2000), A Rainha do Sul (2002) (todos eles editados entre nós).

Data da Digitalização

Porto Alegre - Brasil, Amadora - Portugal, Fevereiro de 2005